

ANAIS DA 18ª MOSTRA REGIONAL DE PRÁTICAS EM PSICOLOGIA



20
ANOS DO
CÓDIGO
DE ÉTICA



CONSELHO REGIONAL
DE PSICOLOGIA
DO RIO DE JANEIRO

ANAIS DA

18ª MOSTRA
REGIONAL DE PRÁTICAS
EM PSICOLOGIA



CONSELHO REGIONAL
DE PSICOLOGIA
DO RIO DE JANEIRO

COMISSÃO ORGANIZADORA

Céu Silva Cavalcanti (CRP 05/57816) - Coordenadora Geral

Elisa Martins Silva - Coordenadora Adjunta (CRP 05/64825)

Iamara Gonçalves Peccin (CRP 05/73933)

Luiza Contreira Pereira Mendes (05/71315)

Thaís da Silva Lourenço (CRP 05/62992)

Mykaella Moreira dos Anjos (Estudante de Psicologia)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Coordenação: Céu Cavalcanti. Membros: Agnes Cristina da Silva Pala; Alfredo Assunção; Ana Paula Pontes Schuab Vargas Santos; Ariel Denise Pontes Afonso; Bruno Pereira da Silva Rosa; Céu Cavalcanti; Cláudio Yuri Rodrigues da Silva; Cristiane de Carvalho Guimarães; Elisa Martins Silva; Erick Vieira; Erika Barbosa de Araújo; Fernanda Bottari Lobão dos Santos; Fernando Faleiros; Francyne Andrade; Gabriela Braz; Héder Lemos Bello; Iamara Gonçalves Peccin; Jorge Peixoto; Julia Horta Nasser; Juliana de Oliveira Tempone; Julibeth da Silva Freitas; Juraci Brito da Silva; Karina de Assumpção Benício; Kesia Araujo de Macêdo; Larissa Fonseca; Leon José de Oliveira Soares; Luiza Contreira Pereira Mendes; Máira Amaral de Andrade; Manuela Tavares Pereira; Mykaella Moreira dos Anjos; Nicole Melo dos Santos Eroles; Raquel Donegá de Oliveira; Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel; Reivani Chisté Zanotelli Buscacio; Rodolfo Rodrigues de Souza; Roger Hendry de Oliveira; Rogéria Cristina de Azevedo Villarinho Francisquini; Thaís Lourenço; Thaís Sâmela; Thiago Colmenero Cunha; Thiago da Rocha Dionizio Rodrigues; Vanessa de Araújo Xisto; Vanessa Silveira de Brito; e Yvanna Brito.

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E EDITORIAL

Coordenadora: Viviane Siqueira Martins (CRP 05/37973) - Coordenação

Membro: Jorge Antonio Tavares Peixoto (CRP 05/44215)

Equipe: Amanda Mesquita, Isabela Del Rio e Julia Lugon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

AN532 18a Mostra Regional de Práticas em Psicologia. Anais...Rio de Janeiro (RJ)
2025

ISSN 2175-1072

1. 18a Mostra Reginal de Práticas em Psicologia. Anais

CDD - 370

Conselho Regional de Psicologia 5ª Região

Rua Teófilo Otoni, nº 93 - Centro | Rio de Janeiro/RJ



Apresentação

Em 2007, o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro criou um espaço para reunir profissionais e estudantes da Psicologia, a fim de visibilizar e proporcionar intercâmbios entre práticas no estado do Rio de Janeiro. Muito nos orgulha olhar para todas as edições realizadas e perceber que o evento se tornou uma tradição no Rio de Janeiro. Em 2025, chegamos à 18ª edição, celebrando os 20 anos do Código de Ética da Psicologia (Resolução CFP 010/2005). O evento reafirmou os valores democráticos que inspiraram sua criação, convocando toda a categoria, bem como estudantes, a compartilharem suas experiências em nossos espaços.

A 18ª Mostra trouxe em sua programação, ao longo de três dias de evento (24, 25 e 26 de julho de 2025), debates marcados por temas fundamentais para a profissão e para a sociedade, atravessados pela ética e pelos Direitos Humanos. O evento contou com apresentações de trabalhos, mesas temáticas, rodas de conversa, lançamentos de livros e atividades culturais, consolidando-se como um importante espaço de diálogo e articulação das Comissões, Eixos e Núcleos do CRP-RJ com a sociedade de todo o estado do Rio de Janeiro.

Esta edição demonstrou mais uma vez a força da nossa mobilização. Tivemos mais de 550 trabalhos apresentados e 2600 pessoas inscritas para participar do evento. Além disso, reafirmamos nosso compromisso com a descentralização e interiorização, com mais de 50 municípios representados em nosso evento.

Desde abril de 2025, realizamos eventos preparatórios como forma de enraizar ainda mais as ações de orientação do CRP-RJ à categoria no Estado. Houve 05 Pré-Mostras, ocorridas nas seguintes cidades e datas:

Campos dos Goytacazes • 03 de abril de 2025 - 111 presentes e 21 trabalhos apresentados;

Teresópolis • 31 de maio de 2025 - 280 presentes e 89 trabalhos apresentados;

Niterói • 07 de junho de 2025 - 231 presentes e 59 trabalhos apresentados;

Barra Mansa • 10 de junho de 2025 - 120 presentes e 28 trabalhos apresentados;

Nova Iguaçu • 28 de junho de 2025 - 196 presentes e 52 trabalhos apresentados.

Destacamos a Mesa de Abertura, que contou com a contribuição de Cecília Coimbra e presença de Késia Rodrigues, Zarlete Faria e Micael Castagna para discutir sobre os 20 anos do Código de Ética, com o título “20 anos do Código de Ética: dilatar o tempo e imaginar um mundo novo”, e a potente Mesa de Encerramento com o tema “Democracia para quem?”, com a presença de Linda Brasil, Jovanna Cardoso, Francisco Silva e Céu Cavalcanti.

Vale ressaltar também a participação ativa de profissionais e estudantes em diversas atividades, como as mesas temáticas sobre o exercício profissional, laicidade, direitos da população LGBTQIA+, saúde mental, atuação e controle de políticas públicas, entre outras. Além destas mesas e da apresentação de trabalhos, a Mostra também contou com atividades culturais e com a Feira Solidária, na qual grupos vinculados aos projetos de geração de renda em saúde mental participaram.

Aconteceram também rodas de conversa promovidas pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), com o lançamento e distribuição de referências técnicas, além de um espaço da Comissão de Orientação e Fiscalização (COF) para a orientação do exercício profissional às(os/es) psicólogas(os/es) que assim desejassem.

Nosso objetivo com o evento foi valorizar as práticas que acontecem no estado do Rio de Janeiro, promover intercâmbios entre experiências e compartilhar desafios. Todo o evento foi realizado pelo CRP-RJ na Universidade Estácio de Sá (Super Campus Maracanã).

Nesta publicação, você encontrará os resumos dos trabalhos apresentados, organizados de forma a refletir a diversidade e a amplitude da atuação psicológica em nosso estado.

Nas próximas páginas, você pode encontrar pistas para compreender o que tem se constituído enquanto Psicologia no Rio de Janeiro. Você verá que a nossa maior potência é justamente a diversidade que tomou conta da Psicologia, não apenas no Rio de Janeiro, mas em todo o país. Aprecie a leitura!



O Riso está na Roda: normalidade sofrente e humor

**Thamires Ranauro Enseñat Gonçalves/ Luana Basilio Rodrigues/
Maria Rezende Coutinho**

O projeto Tá na Roda propõe a criação de um espaço coletivo de escuta e elaboração dos sofrimentos vivenciados por adolescentes e jovens adultos em um pré-vestibular social na zona sul do Rio de Janeiro. Trata-se de um dispositivo clínico-político fundamentado na escuta psicanalítica e em práticas grupais, que visa romper com abordagens individualizantes do sofrimento. Ao favorecer a associação livre coletivizada, o projeto aposta na potência do laço social como instrumento clínico e político, promovendo a partilha e a construção conjunta de sentidos frente às violências estruturais. Os encontros são registrados em diários de campo que funcionam como ferramentas de análise e continuidade do trabalho, revelando conteúdos latentes presentes nas falas dos participantes.

Neste contexto, destaca-se o papel do riso como uma forma significativa de expressão dos afetos. A partir da teoria freudiana dos chistes, compreende-se o riso não apenas como leveza, mas como formação do inconsciente que condensa sentidos, desloca afetos e revela defesas psíquicas. Ao emergir durante o relato de experiências de sofrimento, o riso pode ser interpretado como linguagem e como forma subjetiva de resistência. Ele marca o limite entre o que pode ser simbolizado e o que ainda escapa à linguagem, funcionando como uma defesa criativa diante do trauma.

Ao longo das rodas, observou-se que o riso contribui para o processo de coletivização dos sofrimentos, possibilitando a desnaturalização de questões sociais vividas como falhas individuais. Assim, a escuta compartilhada promove não apenas saúde mental, mas também uma potência política. O riso, nesse cenário, revela-se uma via de elaboração e de construção de estratégias coletivas de enfrentamento, assumindo um papel fundamental na produção de subjetividades e no fortalecimento de vínculos em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: sofrimento social, riso, naturalização, psicanálise. mecanismos de defesa.



Infância e Hiperconectividade: Contribuições ao Debate

**Bernadete de L. A. Mourão/ Gabriel Moraes Azeredo/ Lara Figueiredo Bollmann/
Luiza Ferreira de Cnop/ May Braga Marques/ Millani de Pádua Pimentel Carvalho**

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre as diferentes experiências de infância, perpassadas pelo uso de tecnologias digitais e telas, trazendo uma contribuição crítica para o debate que tem emergido com base no livro "A Geração Ansiosa" de Jonathan Haidt, através do referencial da Psicologia Cultural e da Rede de Significações. Partindo das contribuições de Francesco Tonucci sobre planejamento de cidades que incluam crianças e da noção de efeito Pigmaleão, de Robert Rosenthal e Lenore Jacobson, busca-se investigar os potenciais prejuízos decorrentes de uma perspectiva que negligencia as diferenças socioeconômicas e culturais que atravessam o uso das tecnologias digitais. Nesse sentido, nos atentamos aos contextos de crianças cujos responsáveis trabalham na escala 6x1 e/ou que habitam territórios vulnerabilizados ou, até mesmo, zonas de guerra. O estudo, de caráter qualitativo, foi desenvolvido no âmbito de um projeto de ensino do curso graduação de Psicologia da UFF- Niterói, fundamentando-se em análises bibliográfica e videográfica. Entre os principais autores que embasam este estudo, destacam-se Rossetti-Ferreira, Valsiner, Rosenthal, Jacobson, Merton, Tonucci, Steinberg e Kincheloe. Nossa discussão não se configura como uma defesa ao uso irrestrito de telas por crianças. Ao contrário, seu cerne reside no questionamento sobre possíveis problemáticas suscitadas por uma perspectiva homogeneizante, que acarreta em um determinismo, prognosticando um futuro necessariamente negativo – em termos de desenvolvimento sócio-afetivo-cognitivo – para aqueles privados das propedêuticas sobre o brincar longe das telas. Assim, refletimos sobre os efeitos na subjetivação que tais discursos podem produzir – como sentimentos de culpa e medo – ao desconsiderar um pressuposto fundamental da psicologia: a constituição recíproca do sujeito na dinâmica eu-outro.

Palavras-chave: infâncias; hiperconectividade; efeito pigmaleão; subjetivação.



Ansiedade de mulheres negras e pardas na Psicologia, Unesa, campus Maracanã

**Cristiane de Carvalho Guimarães/ Stephany Carvalho La Torre/
Estela Lima da Costa/ Renata Vieira Machado Dias/
Ana Paula Lima do Nascimento**

Dados demográficos apontam grandes desigualdades na sociedade brasileira em função da cor e do gênero. As mulheres e a população preta e parda são as mais atingidas e as que mais sofrem no país com a falta de oportunidades e a má distribuição de renda. Estas desigualdades afetam diretamente a estrutura psíquica desses indivíduos. A pesquisa tem o objetivo de verificar se as vivências acadêmicas, o processo de formação das estudantes autodeclaradas negras e pardas do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá, campus Maracanã, geram ansiedade, afetando sua saúde mental e consequentemente e potencialmente sua atuação profissional futura. Foram realizadas 31 entrevistas semi-estruturadas. Os dados estão sendo analisados segundo a Análise de Conteúdo e como resultados preliminares podemos destacar que as mulheres reafirmam aquilo que já é narrado em livros e pesquisas sobre discriminações relacionadas à raça e/ou gênero e seus respectivos obstáculos estruturais, além de relatarem que em sua formação em Psicologia (assim como na sua vida escolar pregressa) não tiveram contato com a cultura do povo preto e também tiveram pouco ou nenhum contato com professores pretos. Muitas falam de ansiedade relacionada a ter que se sair melhor que os demais, homens ou mulheres brancas. As mulheres, em sua maioria, relatam que são a primeira pessoa da família a ingressarem no ensino superior, mas não articulam esta questão com a cor da pele. A pesquisa segue em andamento e ainda há muito que estudar sobre esta questão e a discriminação de raça e gênero.

Palavras-chave: Formação; Psicologia; Ansiedade; mulheres.



Monitoria em Psicopatologia e Contribuições para uma Formação Crítica: um relato de experiência

**Manuela Kühner Calmon Duarte Belo/ Ana Clara Moreira de Castro/
Luiza Pimenta Domingue/ Emanuel Antonio Corrêa Ribeiro/
Ludmila Pires de Meirelles/ Deborah Uhr**

O presente trabalho consiste no relato de experiência de monitoria na disciplina de Psicopatologia, ofertada no curso de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no segundo semestre de 2023. A mesma representou uma etapa significativa na formação acadêmica dos discentes envolvidos, visto que, para além das tarefas práticas, como apoio às aulas, orientação de estudantes, elaboração de atividades e condução de aulas, a monitoria se mostrou um espaço privilegiado de aprofundamento teórico e desenvolvimento de habilidades pedagógicas e profissionais. A disciplina, estruturada em três módulos, abordou desde os fundamentos históricos e críticos da psicopatologia até o estudo das funções psíquicas e dos principais transtornos mentais, incluindo discussões sobre estigmatização, reforma psiquiátrica e políticas públicas em saúde mental. À vista disso, a atuação como monitores permitiu uma aproximação ativa desses conteúdos, por meio da mediação de debates, produção de materiais e participação em momentos de avaliação. Destaca-se, ainda, a oportunidade de contribuir diretamente para a construção de um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e colaborativo. A interação com os estudantes e a mediação de dúvidas e reflexões favoreceram o desenvolvimento de escuta qualificada, clareza na comunicação e senso de responsabilidade docente. A experiência contou, ainda, com o encontro com a “Voz dos Usuários”, grupo composto por usuários da Rede de Atenção Psicossocial, que trouxe uma perspectiva viva e concreta sobre a experiência na rede, pondo em pauta a necessidade de protagonismo do usuário e de uma formação sensível às experiências dos sujeitos. Fica evidente, portanto, que a monitoria representou uma benéfica experiência formativa, que potencializou a articulação entre teoria e prática, estimulando o pensamento crítico e ampliando a compreensão sobre o fazer psicológico no contexto da saúde mental.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem; monitoria acadêmica; psicopatologia.



A problemática do descritivismo presente no DSM V

**Daniel Martins Santiago/ Luiza Nogueira Morello/
Maria Catharina Baptista de Paula/ Ingrid Vosartz**

O presente trabalho pretende apresentar e discutir a perspectiva biomédica dos transtornos mentais adotada pela psiquiatria na atualidade e a contribuição da psicanálise nesse contexto, a partir do relato da experiência de estágio em uma enfermaria de psiquiatria em um hospital geral na cidade do Rio de Janeiro. Com a prática no campo de estágio e com a participação nos encontros de supervisão, constata-se que o descritivismo é hoje amplamente utilizado pelo campo da psiquiatria. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), encontra-se hoje em sua quinta edição e elenca os chamados transtornos mentais através da descrição de sinais e sintomas. Estes servem de parâmetro para definição do diagnóstico, graus e variações de tais transtornos, fatores de riscos e prognóstico, percentual de incidência, entre outros aspectos. O referido Manual se apresenta, a partir de sua terceira versão (DSM-III), como atóxico e operacional, ou seja, construído com base apenas na descrição empírica de sintomas observáveis, sem recorrer a teorias sobre a etiologia dos transtornos mentais. Contudo, essa pretensa neutralidade acaba apagando a complexidade subjetiva e dificulta a elaboração de um diagnóstico diferencial, elemento essencial para a prática clínica. A psicanálise escuta o sujeito, o que permite a compreensão dos sintomas a partir da palavra do paciente, de sua história clínica e de vida. Atualmente, o campo da psiquiatria tem se caracterizado pela ênfase no controle farmacológico dos sintomas, em detrimento da tradição clínica que privilegiava a centralidade da relação terapêutica no tratamento. A partir da perspectiva psicanalítica entende-se que o sofrimento psíquico faz parte da condição humana e não deve ser medicalizado indiscriminadamente.

Palavras-chaves: Descritivismo, DSM, Psicanálise



Arte e Saúde Mental no projeto de extensão GAPP-UFF

**Maria Luiza Imenes Nobre de Almeida/ Nátali Fonseca Quintanilha/
Carla Ribeiro Guedes**

O Grupo de Apoio Psicopedagógico ao Estudante (GAPP-UFF) é um projeto de extensão da Universidade Federal Fluminense, voltado à escuta e acolhimento de discentes, visando a promoção da saúde mental em um momento histórico de intenso adoecimento psíquico. Com fundamentação na psicanálise winnicottiana, o GAPP promove encontros quinzenais, em formato de rodas de conversa virtuais, englobando temas diversos que dialogam com a vivência acadêmica. Ao longo dos cinco anos de trajetória do projeto, o tema da arte e sua relação com o bem-estar esteve constantemente presente, apontando para a relevância da temática na experiência dos estudantes. O presente trabalho objetiva discutir inflexões possíveis entre o campo da Arte e a Saúde Mental, tendo como base as discussões elaboradas nos encontros do GAPP-UFF. Segundo o autor Donald W. Winnicott, a atividade de criação se manifesta de maneiras diversas, permitindo a dignificação do viver e a obtenção de autonomia. Apostamos aqui na potencialidade do exercício artístico enquanto prática lúdica que estimula a criatividade, incentivando uma potência criadora que se relaciona diretamente com a qualidade de vida. No projeto mencionado, tal temática é utilizada de forma a permitir formas de expressão outras, além das manifestações dialógicas, possibilitando exteriorizações afetivas através da arte. Com o intuito de criar espaços de expressividade criativa, são realizados saraus, nos quais os participantes podem utilizar recursos diversos, tais como poemas, pinturas, desenhos, colagens, entre outros. Além disso, o GAPP-UFF possui um Instagram, no qual os colaboradores podem elaborar temáticas diversas em formato de posts, podendo explorar diferentes maneiras de expressão, como textos, tirinhas e montagens. Dessa forma, abriram-se caminhos diversos para os componentes se expressarem e se comunicarem de maneira ampla. As criações artísticas, então, podem permitir formas de contornar a angústia, sendo então um instrumento possível para a promoção da saúde mental discente.

Palavras-chave: Psicologia; Grupo de suporte; Saúde mental; Arte.



Orientação Profissional na Fase da Adolescência

Ana Paula Duarte Lopes/ Ester Luna Terra/ Gabrielle Fortes/
Marli Barros de Amorim/ Vivian Monte Alto Marques

Este projeto teve como proposta principal contribuir para o processo de escolha profissional de adolescentes do 2º ano do Ensino Médio, por meio de práticas fundamentadas na Psicologia do Desenvolvimento e da Educação, com foco no fortalecimento do autoconhecimento, da autonomia e da construção de um projeto de vida. A ação foi desenvolvida por discentes do curso de Psicologia, e contemplou três encontros presenciais, nos quais foram realizadas rodas de conversa, dinâmicas em grupo e entrevistas individuais. As atividades favoreceram um espaço de escuta qualificada, acolhimento das angústias e identificação de fatores internos e externos que impactam as decisões profissionais dos jovens. Utilizando como base teórica autores como Erikson, Vygotsky, Lucchiari, além das diretrizes da ABOP e do CFP, o projeto compreendeu a orientação profissional como uma prática educativa, emancipatória e contextualizada, respeitando o tempo, a história e as subjetividades dos adolescentes envolvidos. Os resultados evidenciaram impacto emocional e cognitivo significativo, com relatos espontâneos de ampliação de perspectivas, fortalecimento da autoestima e tomada de decisões mais conscientes. A intervenção foi bem recebida pela instituição escolar e contou com o apoio da equipe pedagógica, reforçando a importância do psicólogo escolar como agente de transformação social. A experiência reafirma o compromisso ético da Psicologia com a promoção da saúde, da autonomia e da cidadania, especialmente em contextos juvenis atravessados por desigualdades, pressões sociais e lacunas de acesso à informação sobre o mundo do trabalho.

Palavras-chave: psicologia; mostra do CRP RJ; exemplo de resumo, orientação profissional.



Oficinas para prevenção de violência em contexto escolar

**Sarah Joanni de Oliveira Pinto/ Ana Cláudia de Azevedo Peixoto/
Amanda Garcia Dantas**

O presente trabalho apresenta ações de extensão realizadas pelo LEVICA (Laboratório de Estudos sobre Violências contra Crianças e Adolescentes), vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O objetivo foi articular as ações de extensão, pesquisa, prevenção e intervenção sobre violências direcionadas a crianças e adolescentes coordenadas pelo do LEVICA, com foco em práticas formativas e comunitárias. As oficinas desenvolvidas em escolas públicas de Seropédica abordaram temas como violência sexual, bullying, relações raciais e desigualdade de gênero, com base em referenciais da Psicologia Social e Terapia cognitivo-comportamental. As intervenções foram realizadas de forma presencial por estudantes de Psicologia, sob supervisão da coordenadora do LEVICA, e envolveram recursos lúdicos, artísticos e dialógicos, adaptados à faixa etária das crianças e adolescentes. Foram utilizados materiais como fantoches, cartazes, jogos de sentimentos e encenações, visando promover reflexões sobre o corpo, o consentimento e a autoproteção. A experiência em oficinas como “Corpo, Limites e Desigualdade de Gênero”, realizadas com turmas do ensino fundamental, demonstrou que metodologias ativas, sensíveis e acessíveis favorecem a escuta e a elaboração de situações de violência vividas ou presenciadas pelas crianças e adolescentes. Além disso, tais ações produziram efeitos importantes também na formação das(os) estudantes- extensionistas, que aprendem a escutar, acolher e intervir eticamente diante de demandas complexas. Este trabalho reforça o papel dos projetos de extensão na construção de práticas de enfrentamento à violência e na formação de psicólogas(os) comprometidas(os) com os direitos humanos e com a transformação social.

Palavras-chave: extensão; infância; violência; prevenção; formação.



Atenção à crise em Saúde Mental

Caroline Senceita Mendes/ Issa Damous

A atenção a crise é um eixo estratégico do cuidado na rede de atenção psicossocial, através do qual se espera diminuir o circuito de internações psiquiátricas, garantindo o cuidado territorial proposto pela Política nacional de saúde mental (PNSM). Entretanto, essa amarração efetivamente ocorre quando a atenção à crise é viabilizada no cotidiano dos serviços. Notamos, contudo, que mesmo sendo um eixo estratégico, a atenção a crise, é, também, um nó crítico no cotidiano dos dispositivos de saúde mental no Brasil, a começar por ser difícil existir um entendimento único sobre crise, sendo necessário por isto levar em conta as diferenças nos referenciais teóricos, assim como é preciso considerar que estão em jogo fatores sociais, culturais, políticos, históricos, emocionais entre outros, e não somente a questão psiquiátrica ao pensar em uma resposta à crise. Defendemos neste contexto que essa resposta se efetive como um cuidado pautado na lógica territorial e comunitária, promovendo a autonomia e a liberdade, além do fortalecimento do holding e da continência aos sujeitos que desse modo o necessitem, conforme a intensidade da dependência em que se encontrem, de maneira que possam experienciar tal vivência dignamente e concernente com o que as diretrizes das políticas de saúde mental brasileira preconizam. Neste trabalho realizamos, assim, em formato de vinheta clínica, a discussão de um acompanhamento realizado na experiência prática dentro de uma enfermaria em um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro, experiência esta que se afirma enquanto atenção à crise embasada nos princípios da atenção psicossocial e da reforma psiquiátrica.

Palavras-chave: reforma psiquiátrica; atenção psicossocial; atenção à crise; psicanálise; relato de experiência.



Estatística Qualitativa dos Procedimentos de Mediação de Conflitos da COMSCC\CRP-RJ

Juliana Gabriel Pereira/ Renata Gonçalves dos Santos

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a estatística qualitativa dos resultados alcançados pela Comissão de Meios Consensuais de Resoluções de Conflitos. Estando inserido no eixo temático de Práticas na formação em Psicologia. As estatísticas em procedimentos de mediação de conflitos são ferramentas essenciais para avaliar e compreender a eficácia e os resultados dessa prática na resolução de conflitos. Por meio da coleta e análise de dados qualitativos, é possível avaliar, os índices de satisfação das partes envolvidas no conflito bem como seus desdobramentos como processos de reflexão e restauração. Esses indicadores ajudam a compreender o alcance da mediação como método antipunitivista, destacando sua capacidade de promover o diálogo, acolhimento, responsabilização, mudança de percepção da atuação profissional e seus impactos, como a restauração. Esses dados contribuem para identificar os pontos fortes e os desafios enfrentados no desenvolvimento destes métodos. Além disso, a estatística ajuda na qualidade do serviço prestado, possibilitando o aprimoramento das práticas dos mediadores e o investimento em formação e orientação. Assim, os dados estatísticos não apenas justificam a ampliação e o fortalecimento dos centros de meios consensuais de resolução de conflitos, como também fornecem subsídios para a criação de estratégias mais eficazes de atendimento. Em resumo, são fundamentais para garantir transparência, eficiência e melhoria contínua no processo de resolução pacífica de conflitos. Dados estatísticos também revelam efetividade dos acordos ao longo do tempo. Portanto, monitorar os atendimentos com base em estatísticas é essencial para garantir um serviço mais transparente, acessível e de qualidade, promovendo a cultura da paz e da corresponsabilidade na gestão dos conflitos sociais.

Palavras-chave: mediação; conflitos; consensuais; resolução; meios.



Práticas dos Mediadores na Comissão de Meios Consensuais de Resolução de Conflitos

Juliana Gabriel Pereira/ Paula Stefano/ Fernanda Ripper Santos Rachel

O presente trabalho tem por objetivo apresentar as práticas adotadas que estão inseridas nos eixos temáticos de Políticas Públicas e Garantias de Direitos e Práticas Clínicas e Institucionais em espaços públicos e privados. Hoje o Conselho Regional de Psicologia do Estado do Rio de Janeiro através da Comissão de Meios Consensuais de Resolução de Conflitos tem sido referência Nacional dentro do Sistema Conselhos pelo desenvolvimento de ações que utilizam os meios autocompositivos dentro dos processos disciplinares bem como desenvolve uma política pública voltada para a cultura antipunitivista na instituição. Os mediadores exercem um papel fundamental no desenvolvimento desta cultura, trazendo em sua atuação ferramentas que proporcionam meios de reflexão, restauração, responsabilização, acolhimento, que contribuem para mudança de cultura. Dentro dos processos disciplinares tem por objetivo acolher não só a(o) profissional de psicologia como também quem denuncia, entendendo que é necessário através de um terceiro imparcial; o mediador, o acolhimento da demanda gerada pelo conflito, para que ambos possam se colocar e refletir sobre seus impactos. Desta forma, favorece o comprometimento e responsabilização, além de ampliar a percepção da atuação profissional por parte da(o) psicóloga(o) denunciada(o), quando tem conhecimento dos impactos e prejuízos de sua atuação na vida da(o) denunciante. Assim, os mediadores, através dos meios consensuais de resolução de conflitos devolvem para a sociedade um profissional mais comprometido e ético com sua atuação e restaura quem denuncia. Este trabalho promove benefícios para ambas as partes envolvidas que através do diálogo encontram as melhores alternativas de resolução.

Palavras-chave: mediadores; antipunitivismo; diálogo; autocomposição.



Biblioterapia no Luto Perinatal

Ana Paula Vergara Garcia/ Andressa Ramalho Martins/
Igor Cassiane Campos Gonçalves/ Jacqueline Calazans de Souza/
José Jonatas Corguinha de Souza/ Juliana de Oliveira Corguinha/
Laura Pereira Machado Fernandes

A perda perinatal, que abrange óbitos fetais a partir da 22ª semana de gestação até os 29 dias de vida do bebê, rompe com a ordem natural da vida, gerando uma dor intensa, muitas vezes invisibilizada socialmente. No Brasil, apesar dos índices expressivos de perda, o tema ainda é pouco debatido e o sofrimento materno, frequentemente, permanece silenciado, especialmente nos ambientes hospitalares. Diante desse cenário, surge a proposta de um espaço terapêutico que utiliza a biblioterapia como instrumento de acolhimento e cuidado às mulheres em luto perinatal. A iniciativa visa promover saúde mental e amparo psíquico, disponibilizando um acervo literário voltado ao autocuidado, oferecendo conforto e suporte emocional. A ação consiste na criação de um ambiente acolhedor dentro do hospital, com estante móvel, cadeiras confortáveis e livros cuidadosamente selecionados, possibilitando que a leitura atue como facilitadora na elaboração emocional e na ressignificação da experiência da perda. Com base em uma abordagem qualitativa, o projeto valoriza a escuta sensível e a compreensão das vivências subjetivas dessas mulheres, rompendo com práticas que tendem à patologização do luto. A biblioterapia, nesse contexto, oferece palavras onde há silêncio e dor, promovendo reconstrução emocional, visibilidade ao sofrimento e reafirmando a importância da humanização no cuidado. Assim, o espaço hospitalar se torna também um ambiente de acolhimento, escuta e fortalecimento psíquico para aquelas que atravessam a dolorosa experiência do luto perinatal.

Palavras-chave: biblioterapia; luto perinatal; acolhimento; humanização; psicologia hospitalar.



SOS Acompanhantes: Dispositivo Tecnológico como Prática de Humanização Hospitalar

Ana Paula Vergara Garcia/ Arian Thadeu Alves Ayres/
Ivania Pacassa/ Jorge Alberto Chabu Guberman/
Maria Eduarda da Cruz Silva/ Renato Moreira/
Suzana Alves de Freitas

A hospitalização representa uma experiência potencialmente desorganizadora não apenas para o paciente, mas também para seu acompanhante, sujeito frequentemente invisibilizado nas práticas institucionais de cuidado. Embora sua presença seja garantida por legislações específicas, o acompanhante nem sempre é reconhecido como parte integrante do processo terapêutico. Este trabalho, fundamentado em uma revisão de literatura e na elaboração de uma proposta de intervenção em psicologia hospitalar, visa refletir sobre práticas de humanização voltadas ao cuidado do acompanhante. Humanizar, nesse contexto, significa reconhecer os sujeitos implicados no processo de produção de saúde, valorizando suas vivências, angústias e necessidades emocionais. A proposta consiste na disponibilização de dispositivos eletrônicos – como tablets com fones de ouvido – que oferecem uma interface interativa com vídeos e imagens sensíveis, abordando as experiências do acompanhante hospitalar. Este recurso busca favorecer a expressão de sentimentos, proporcionando uma escuta acolhedora, ainda que simplificada, e fomentando momentos de autocuidado. Além disso, objetiva sensibilizar e capacitar a equipe multiprofissional para atuar de forma interdisciplinar, oferecendo suporte informacional e afetivo a esse público. Espera-se que a prática proposta contribua para a redução do sofrimento psíquico do acompanhante, promova espaços de escuta e reflexão, e fortaleça o papel desse sujeito tanto no ambiente hospitalar quanto na continuidade do cuidado após a alta. Trata-se, portanto, de uma estratégia inovadora de cuidado que alia tecnologia, acolhimento e promoção da saúde.

Palavras-chave: humanização; acompanhante hospitalar; tecnologia; autocuidado; psicologia hospitalar.



A Importância da Intervenção Psicológica no Esporte para o Desempenho Competitivo

**Gilmar Cimirro Carvalho Junior/ Rosa Affonso de Almeida Siqueira/
Léo Machado Dias/ Clévia Fernanda Sies Barboza**

A psicologia do esporte é uma vertente com muitas atuações possíveis, mas todas buscam, por meio da saúde mental, extrair uma melhora no desempenho de atletas e equipes. No contexto deste trabalho, a psicologia do esporte foi aplicada em uma equipe de alto rendimento feminino sub-18 de vôlei, por estudantes de um curso de graduação de psicologia de Petrópolis-RJ, por meio de aulas práticas da Disciplina Eletiva de Psicologia do Esporte Aplicada. O objetivo foi compreender a influência dos fatores psicológicos no desempenho competitivo de atletas, verificando o impacto destes na prática, a fim de realizar intervenções para melhora do desempenho da equipe. Dentre as demandas encontradas foram identificadas: ineficiências na comunicação e na motivação (intrínseca e extrínseca), falta de concentração dentro da partida e de confiança (individual e coletiva), as quais são prejudiciais ao desempenho do time. Com as informações levantadas, através de observações ativas, foi possível desenvolver dinâmicas para intervir diretamente sobre as demandas, aprimorando o desempenho competitivo do time. Com isso, observaram-se resultados positivos após o trabalho realizado com a equipe. Um exemplo claro foi quando, em um campeonato, a equipe sofreu uma 'virada' no placar perdendo a primeira partida. Após o acontecimento, a comissão técnica reuniu a equipe e utilizou algumas dinâmicas realizadas durante os encontros com os graduandos, trabalhando as demandas mais latentes identificadas no jogo inicial. Esse processo contribuiu para a preparação e melhoria do desempenho no segundo jogo, que resultou em uma vitória. Conclui-se que, ao trabalhar os fatores psicológicos, é possível que os competidores desenvolvam capacidades e habilidades de lidar com situações que poderiam trazer algum prejuízo para o seu desempenho individual e/ou coletivo. O estudo reforça a necessidade de maior disseminação de psicólogos do esporte, visando promover a saúde mental, o bem-estar e, conseqüentemente, o desempenho de atletas em diversas situações.

Palavra-chave: psicologia do esporte; desempenho; observação; intervenção; fatores psicológicos



Orientação Profissional como Prática de Inserção Social

**Ligia Furtado de Mendonça/ Raphael Cardoso/ Leonardo Schlecht Gomes/
Natalia Miguel de Lima/ Julia Victoria Lima da Cruz/ Eduarda Ferreira Ribeiro/
Evelen Cristina Oliveira Cunha**

Este trabalho é oriundo do projeto de extensão “A Orientação Profissional como ferramenta de inserção social aos estudantes de escola pública”, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ele tem como objetivo oferecer atendimento clínico em Orientação Profissional a estudantes do 2º e 3º ano do ensino médio de escolas públicas próximas à universidade, como também promover oficinas sobre OP nessas escolas. A proposta visa, por um lado, possibilitar a esses jovens um espaço de escuta e elaboração de suas escolhas profissionais e, por outro, capacitar estagiários de Psicologia da UERJ para a prática clínica da OP com base na abordagem psicanalítica. Historicamente, a OP tem sido mais acessível a estudantes da rede privada, em razão de desigualdades sociais que marcam o percurso escolar e profissional da população de baixa renda. Ao considerar esse cenário, o projeto busca atuar na redução dessas desigualdades, uma vez que os jovens atendidos se tornam referência em suas comunidades quanto à possibilidade de ingresso no ensino superior, ampliando sua capacidade de escolha e atuação social. Para a aplicação do projeto, desenvolveu-se uma tecnologia social, o Sistema de Serviços em Orientação Profissional no Ensino Público (SiSOPEP), visando padronizar a apresentação e implementação do serviço oferecido no intercâmbio interinstitucional. Além disso, realiza-se a capacitação de estagiários de Psicologia para o atendimento clínico em OP e para promover as oficinas nas escolas. Os atendimentos são individuais, semanais e duram, em média, dois meses. Em três anos de projeto, já cadastramos oito escolas, realizamos atendimentos a mais de 60 estudantes e capacitamos 12 estagiários de Psicologia. Assim, o projeto articula formação, clínica e compromisso social e busca proporcionar a inserção social a jovens de uma população frequentemente excluída de tais recursos.

Palavras-chave: Orientação Profissional; tecnologia social; ensino médio



O Código de Ética através de estudos de caso no estágio em psicologia

Cleber Michel Ribeiro de Macedo

O estágio supervisionado básico na graduação em Psicologia é um componente essencial para a formação profissional, ao permitir a articulação entre a teoria acadêmica e a prática profissional. No UNIFESO, o Estágio Básico II, oferecido no quinto período do curso, tem como objetivo integrar a Psicologia, como ciência e profissão, às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Um dos eixos centrais dessa proposta consiste na abordagem aprofundada do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CEPP), que, além de perpassar todo o estágio, é objeto de um ciclo específico de atividades e supervisões. Partindo do pressuposto de que os estudantes já conhecem o conteúdo do CEPP, é solicitada sua leitura prévia para subsidiar as discussões em grupo. A metodologia adotada envolve a apresentação de estudos de caso pelo professor supervisor, complementada por exemplos e dúvidas trazidas pelos próprios alunos. A análise desses casos promove a reflexão ética sobre a prática profissional, indo além da simples aplicação normativa do CEPP. Ao considerar os dilemas apresentados em contextos hipotéticos, os estudantes são estimulados a interpretar o CEPP como um instrumento dinâmico, que demanda análise crítica e contextualizada. Assim, o estágio se consolida como espaço formativo não apenas para o aprendizado técnico, mas também para o desenvolvimento de uma postura ética reflexiva, contribuindo para a consolidação de uma prática psicológica comprometida com os princípios fundamentais da profissão.

Palavras-chave: psicologia; mostra do CRP RJ; ética profissional.



Rascunhos afetivos de um trabalho em um quilombo no Rio de Janeiro

Maicon Pereira da Cunha/ Andreia Fernandes da Silva/
Dhyana Matos Pereira de Souza//Elisângela Cândida de Souza/
Mônica Cristina Fontoura Pereira

Este compartilhamento trata de um encontro de alguns eixos: o desejo e a esperança, a ânsia e sonho, o saber acadêmico e vida como ela é. As comunidades se encontram: a acadêmica e o quilombo. Um projeto de extensão se tece a partir do desejo das alunas de mergulhar no solo do Quilombo Cafundá Astrogilda, em Vargem Grande, no RJ. O desejo se intercrucza com as necessidades locais, marcadas pelas chagas da herança escravocrata.

O projeto pretendia fazer com que alunas do campus Tom Jobim da Universidade Estácio de Sá, na Barra da Tijuca, estivessem ali no quilombo, seguindo as pistas da processualidade, realizando contato e vivenciando coletivamente potencialidades. Logo as alunas foram convidadas para a feitura de uma sopa que seria distribuída e que estava sendo organizada e liderada por uma figura central da comunidade.

Posteriormente uma roda de conversa trouxe uma intimidade na intersecção entre a academia e o quilombo. Por isso se pensou em uma roda de conversas com mulheres da comunidade. Assim foi que um encontro fértil com o compartilhamento das dores individuais e coletivas, os machucados, mas, sobretudo a potência, foi dinamizado. O trabalho de extensão acadêmica virou um estágio com o aprofundamento dos laços, com um trabalho de grupo propiciando um adensamento das questões, e com a fomentação da articulação interna à comunidade e com a rede de saúde pública no território. É da potência do encontro que esse trabalho trata.

Palavras-chave: formação em psicologia; quilombo; extensão comunitária.



Grupos de Adolescentes: Estratégia Terapêutica de Cuidado em Saúde Mental na APS

Patrícia Silva de Paulo

Este trabalho aborda o acompanhamento de adolescentes na Atenção Primária à Saúde na perspectiva grupal e apresenta a experiência de um grupo terapêutico para adolescentes realizada na zona oeste do Rio de Janeiro. Os grupos realizados nas Clínicas da Família são criados como uma forma de abordar coletivamente problemas em saúde identificados no território adscrito, desta forma, foi pensado um grupo para acompanhar os jovens de 11 a 17 anos identificados pelas equipes de Saúde da Família e pela equipe multiprofissional (eMulti), que apresentam alterações comportamentais, sintomas ansiosos e depressivos, dificuldade de socialização e conflitos intrafamiliares. O grupo foi inserido no planejamento anual da unidade básica de saúde como uma estratégia de cuidado possível para a faixa etária, após a identificação dessas dificuldades no território. Tem como objetivo central incentivar o protagonismo juvenil, abordar temáticas de saúde mental, trabalhar espaços de reflexão e autoconhecimento, inerentes a esta faixa etária, desenvolver comunicação interpessoal, além de promover mudanças positivas de comportamento e melhorar a socialização. Foi avaliado após 2 anos que o acompanhamento coletivo tem se mostrado como uma intervenção positiva para o desenvolvimento da interação social e para diminuição dos sintomas de ansiedade e depressivos. É possível destacar, do mesmo modo, que a inserção de adolescentes com diagnóstico e com suspeita diagnóstica de Transtorno do Espectro Austista (TEA) nas atividades coletivas, nos trouxe resultados positivos, visto que após um período de participação os integrantes também apresentaram evolução nos padrões de comportamento e na interação com colegas de grupo, destacados pelas devolutivas positivas dos responsáveis referindo impacto positivo na vida dos adolescentes.

Palavras-chave: atenção primária à saúde; saúde mental; adolescentes; saúde pública.



Rearticulação da Rede Mulher em São Gonçalo

Letícia Pereira Ferreira Rodrigues

A temática de violência de gênero contra as mulheres, em suas diferentes formas de expressão e enfrentamento, demanda constante reflexão e atualização da categoria profissional, tanto para o desenvolvimento de políticas públicas quanto para o atendimento e orientação adequada às mulheres. Orientações essas que devem ser feitas com atenção à diversidade de experiências produzidas por diferentes marcações territoriais, políticas, étnico-raciais, de gênero, de classe social e aspectos geracionais e culturais. Em vista disso, o Movimento de Mulheres em São Gonçalo (MMSG), uma entidade sem fins lucrativos fundada em 1989, criou o Projeto Rearticulando a Rede Mulher, financiado pelo Ministério de Mulheres, em 2024, a fim de fortalecer as mulheres do município, através de conscientização, orientação e incentivo à incidência política. Por isso, a assistente social, a psicóloga e a articuladora de rede da equipe realizam rodas de conversa com temas de violência de gênero e feminicídio, abordando sobre a rede de serviços especializados municipais e estaduais, bem como o Pacto Nacional de Prevenção aos Feminicídios. As rodas de conversa, realizadas com auxílio de slides e dinâmicas, ocorrem, principalmente, nas escolas públicas de São Gonçalo, como forma de prevenção de violência, e também em organizações não governamentais. O objetivo principal do Projeto é fortalecer uma Rede já existente, a qual reúne profissionais dos serviços especializados, participantes de coletivos e movimentos feministas e pessoas vítimas de violência para discutir, conjuntamente, acerca da realidade do município e reivindicar políticas públicas para as mulheres. Em meio a isto, o trabalho da psicóloga deve ter como base o Código de Ética Profissional do Psicólogo, bem como os direitos humanos, e a profissional deve buscar o conhecimento e atualização acerca das políticas, do fluxo e dos serviços especializados ofertados no município e estado e, também, uma escuta especializada para esses contextos, que evite causar uma revitimização.

Palavras-chave: violência de gênero; feminicídio; prevenção; garantia de direitos; políticas públicas.



Em busca da destituição do racismo: escuta etnopsicanalítica e afro-sentir

Viviane Conceição Antunes (UFRRJ/Pós-doutorado FE-USP)

Mille Caroline Rodrigues Fernandes (FE-USP)

Das 46.409 vítimas de homicídio, em 2022, no Brasil, 76,5% eram pretas e pardas (Atlas da Violência, 2024). Além destes dados alarmantes, afeta-nos saber que o enfrentamento ao racismo não foi considerado um dos objetivos de desenvolvimento sustentável do milênio; trata-se de reconhecer que os tentáculos da racialidade ainda engendram o projeto alienante, recreativo e necropolítico da branquitude. Tal situação nos convoca a reflexões interventivas e nos leva a continuar posicionando o racismo como uma mazela colonial constituinte de nossas relações sociais. Este trabalho, de cunho bibliográfico e de abordagem qualitativa, pretende mostrar de que forma a etnopsicanálise se apresenta como um viés importante neste enfrentamento, uma vez que, ao unir conhecimentos da Antropologia e da Psicanálise, nos auxilia a acolher, compreender e ler de maneira mais aproximada as especificidades da constituição subjetiva dos filhos e filhas da diáspora africana. Este estudo visa, portanto, trazer à baila artigos publicados nos últimos cinco anos sobre o tema, para: revisar as bases que sustentam a etnopsicanálise; ressaltar as especificidades da escuta etnopsicanalítica; compreender de que forma esta pode realizar fissuras na estrutura colonial, ao alcançar os sujeitos a partir de outro espaço-tempo, de sua cosmopercepção, de seu afro-sentir; e destacar a relevância deste conhecimento nos ambientes de aprendizagem. Os achados desta investigação permitem inferir que processos de reconexão, pertencimento, valorização de conhecimentos originários, representatividade e apreço pelo resguardo da memória coletiva contribuem para a ressignificação da autoestima desses sujeitos, ajudando-os a devolver-se para si.

Palavras-chave: combate ao racismo; escuta etnopsicanalítica; afro-sentir.



Percursos do Acompanhamento Terapêutico na perspectiva da Esquizoanálise.

Luciana Cristina Teixeira da Silva

O contexto brasileiro da Reforma Sanitária e Psiquiátrica favoreceu um cenário de propagação das políticas públicas focadas no cuidado no território por meio de vínculo e construção de projetos terapêuticos singulares. O Acompanhante Terapêutico é pensado pelos profissionais e serviços de saúde mental como uma das estratégias de garantir que as pessoas em sofrimento mental acessassem o tratamento, mas principalmente garantir que a desinstitucionalização dessas pessoas de fato fosse viabilizada. Sabe-se que um dos desafios para essa função é que ela não está vinculada a um saber específico, a única indicação e direcionamento da sua prática, sendo feita a partir de várias abordagens, áreas e não apenas por psicólogos, cabendo uma multiplicidade de possibilidades e diversidades na construção do cuidado. Nesse sentido, buscou-se considerar as cenas vivenciadas com os acompanhados nos cenários e movimentos da vida que ocorreram a partir da vinculação ao caso pelo AT, entendendo que o mesmo disponibiliza para o acompanhante ferramentas e analisadores da própria clínica, evidenciando os limites de uma Psicologia clássica hegemônica na medida que ele representa a construção de uma clínica psicossocial, não-manicomial, ética-política como modalidade de intervenção. Através do referencial teórico de autores da Esquizoanálise, buscou-se apresentar algumas reflexões oriundas das práticas clínicas ocorridas desde então, como forma de mostrar o AT como organizador da clínica e possibilidade de cuidado promovendo novos sentidos de vida para o acompanhado e principalmente, ofertando ao profissional aberturas e brechas que só se fazem possíveis no encontro e no vínculo que se instaura pelos acontecimentos. Pretende-se compartilhar que o AT tem ocupado um lugar de intimidade que foi inabitado ou não acessado pelos acompanhados.

Palavras-chave: acompanhamento terapêutico, esquizoanálise, saúde mental, cuidado.



Psicologia e Ruralidades: Sistematização de Práticas da Universidade da República no Uruguai

Daniel González Fajardo/ Gustavo Melo

Este trabalho faz parte dos resultados preliminares da minha dissertação de mestrado em Educação e Extensão Rural na Universidade da República, Uruguai. A tese tem por objetivo sistematizar o campo da psicologia e da questão rural no Uruguai com base nos artigos científicos produzidos por professores da Faculdade de Psicologia da Universidade da República entre 2000 e 2024.

A psicologia tem sido historicamente uma disciplina com abordagens predominantemente urbanas, tanto em seus conceitos gerais quanto em seus campos de pesquisa e metodologias. Seu trabalho em áreas rurais ainda é incipiente, mas, por volta da virada do milênio, sua produção se intensificou, associada a um movimento nas ciências sociais para renovar seu interesse pelas áreas rurais, impulsionado principalmente por questões ambientais e pela relação sociedade-natureza. Nesse sentido, devemos nos perguntar: O que os psicólogos estão fazendo atualmente em áreas rurais? E quais são as áreas problemáticas que eles abordam? Da mesma forma, a pergunta: O que é “rural”? reaviva antigas discussões sobre a definição desses espaços específicos, para os quais a psicologia pode contribuir com novas perspectivas para sua elucidação. Para responder a essas questões, esta revisão da produção acadêmica foi realizada e analisada com base na análise de conteúdo temática.

Os resultados da pesquisa nos orientam a compreender as diferentes áreas de atuação desses estudiosos atualmente, os campos em que a psicologia vem despertando interesse no conhecimento, bem como as concepções de ruralidade, que se pautam predominantemente em uma abordagem territorial que conjuga correntes esquizoanalíticas de territórios existenciais e definições da geografia brasileira.

Palavras-chave: Psicologia social; Ruralidades; Campo do problema; Território.



Desafios da Psicologia na Saúde Mental da População LGBTQIAPN+ em Situação de Rua

Márcio de Oliveira Santos/ Barbara Regina dos Santos Bezerra/
Felipe da Silva Eller de Almeida/ Ágata Cristinier Castanheda

Este trabalho analisa criticamente os desafios enfrentados pela Psicologia na promoção da saúde mental da população LGBTQIAPN+ em situação de rua no município do Rio de Janeiro, considerando os marcadores sociais de desigualdade, exclusão e invisibilidade institucional. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise documental, tendo como objetivo central compreender as formas de atuação de profissionais da Psicologia junto a essa população e refletir sobre os limites e possibilidades dessa prática diante das lacunas nas políticas públicas. Foram utilizados como fontes, entre outros documentos, os Censos da População em Situação de Rua no Rio de Janeiro de 2020 e 2022, cujos dados revelam a ausência de recortes específicos sobre identidade de gênero e orientação sexual, dificultando o reconhecimento e a formulação de políticas inclusivas e eficazes. Os resultados apontam que a atuação psicológica, quando orientada por uma ética antidiscriminatória e comprometida com os direitos humanos, pode constituir um espaço de escuta, resistência e reconstrução subjetiva. No entanto, essa prática é frequentemente limitada pela precarização dos serviços, pela normatividade institucional e pela lógica necropolítica que estrutura as políticas de cuidado e exclusão. A análise evidencia a urgência de práticas interseccionais, de políticas públicas efetivas e de maior produção acadêmica que articule as relações entre sexualidade, gênero, saúde mental e situação de rua. Destaca-se o papel político da Psicologia na construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática, especialmente frente à marginalização de corpos dissidentes.

Palavras-chave: população lgbtqiapn+; situação de rua; políticas públicas; direitos humanos.



Saúde do Trabalhador Dentro da Psicologia: Entrevista com Profissional na Área

**Maria Luiza Dias Loureiro/ Thamyres Consentino/ Ana Carolina Jacomo/
Samara Cristina/ Isabelly Loureiro/ Amanda Oliveira/ Marco Aurélio de Rezende**

Este trabalho foi desenvolvido como atividade de extensão do curso de Psicologia e tem como foco a saúde do trabalhador sob a perspectiva da Psicologia Social do Trabalho. Analisa-se a evolução histórica da temática, desde as observações de Ramazzini até os desafios contemporâneos relacionados ao sofrimento psíquico decorrente das condições laborais. Analisa-se a importância da identificação donexo causal entre as demandas de saúde e o ambiente laboral, com foco nas questões de saúde mental e nas desigualdades sociais que afetam as relações trabalhistas. O objetivo é discutir como a Psicologia Social contribui para a compreensão e intervenção no sofrimento psíquico relacionado ao trabalho, considerando o indivíduo em seu contexto biopsicossocial e as transformações do mundo do trabalho. A pesquisa foi realizada por meio de entrevista semiestruturada com profissional do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), vinculado à Coordenação de Área Programática 5.1 (CAP 5.1) da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, além de revisão bibliográfica sobre o tema. Foram abordados temas como o papel do articulador do CEREST na atenção psicossocial, onexo causal entre saúde mental e trabalho, as queixas mais frequentes e os impactos das desigualdades sociais – como etnia, gênero e orientação sexual – nas relações de trabalho. Os resultados apontam para o agravamento do sofrimento relacionado ao trabalho, especialmente após a pandemia. A Psicologia Social do Trabalho se mostra essencial para compreender e enfrentar essas questões, promovendo saúde e dignidade no contexto laboral.

Palavras-chave: psicologia social do trabalho; saúde do trabalhador; sofrimento psíquico; desigualdades sociais; cerest.



Vivência em Escola - Um Estudo sobre a Patologização da Infância

**Julia Dias Magalhães Gomes/ Andrielle Madeira Ramos Guimarães/
Caroline Vitória Almeida Marques/ Fernanda Gonçalves Bibalskid/
Gabriela da Cruz Rodrigues/ Gabrielly de Sá Santana Cunha/
Marcelo Princeswal**

A Psicologia Institucional dedica-se a estudar as instituições, seus processos e influências, compreendendo como as organizações produzem subjetividade. Logo, a escola é compreendida como uma instituição que impacta o sujeito por desempenhar um papel crucial na formação de cidadãos. Nesse sentido, o presente trabalho é resultado de uma análise a partir de visitas realizadas a uma escola em um município da Baixada Fluminense como parte da disciplina de Estágio Básico oferecida no curso de Psicologia, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) durante o segundo semestre do ano de 2024. Todas as discentes envolvidas visitaram a instituição e não havia um roteiro pré-definido, pois, o objetivo central era observar e ser guiado pelos fluxos da própria escola. O principal fenômeno contemplado foi a patologização da infância. Este conceito significa categorizar comportamentos ou estados emocionais como doenças ou distúrbios, ou seja, é um processo em que aspectos da experiência humana que fogem à dita normalidade são tratados como patologias. Dentre as situações percebidas, destacam-se: utilização dos diagnósticos como forma de identificação da criança; uso do termo “não laudado” para se referir a indivíduos que as próprias professoras diagnosticaram, mas que não possuem, de fato, um laudo; compartilhamento indevido e desenfreado dos diagnósticos e atribuição de transtornos a comportamentos comuns. Nesse contexto, levanta-se o questionamento dos limites entre o normal e o patológico. Ademais, as visitas e a elaboração do trabalho representaram uma experiência enriquecedora para a trajetória acadêmica das discentes envolvidas.

Palavras-chave: patologização; escola; infância; psicologia.



As oficinas como território fértil ao inesperado: reflexões da prática psi do coletivo convivências

**Julia Dias Magalhães Gomes/ Andrielle Madeira Ramos Guimarães/
Caroline Vitória Almeida Marques/ Fernanda Gonçalves Bibalskid/
Gabriela da Cruz Rodrigues/ Gabrielly de Sá Santana Cunha/
Marcelo Princeswal**

Movidos pelo desejo de habitar o território de uma psicologia crítica, o Coletivo Convivências se estabelece como um projeto de pesquisa-extensão do Instituto de Psicologia que busca se utilizar da convivência como tecnologia de cuidado, comprometendo-se com perspectivas antimanicomiais na promoção de saúde mental. Inspirados nos Centros de Convivência e Cultura (CECCON) da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), o Coletivo realizou, ao longo de 2024, 11 oficinas quinzenais no espaço do CECCON Praia Vermelha. Contamos com a média de 23 participantes por encontro, sendo eles usuários do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB), do CAPS III Franco Basaglia, estudantes e profissionais da rede. Diante dessa experiência e orientados pelo método da cartografia psicossocial, de Deleuze e Guattari, buscamos, na presente pesquisa, realizar uma análise de como as oficinas agenciam novas formas de estar no mundo para além da institucionalização psiquiátrica, entendendo que a promoção de saúde caminha junto a tecnologias de cuidado que geram potência de vida e possibilidades de novos modos de subjetivação. Para tal pesquisa, focaremos em 3 analisadores, que são acontecimentos que revelam dinâmicas de forças atuantes em nossa experiência. O primeiro refere-se à relação com o hospital psiquiátrico e a lógica manicomial, que se expressa no caso de uma usuária do IPUB que, ao ser proibida de sair da enfermaria e ir ao pátio externo para participar da atividade, é percebida como aprisionada por outro usuário, apontando as dificuldades de estratégias de cuidado em saúde mental. No segundo analisador, buscamos analisar como o engessamento na construção de oficinas por vezes nos capturou enquanto pesquisadores em ação no território, o que é percebido em diversos trechos dos diários de campo que demonstram o enfrentamento com a lógica do controle, nos dando pistas de que a abertura ao inesperado sustenta a prática de um cuidado que potencializa a vida. Já no último analisador, foi analisada a potência política nas construções coletivas produzidas através da arte, dando destaque para uma oficina em específico: o convite a produzir uma paródia que falasse sobre as perspectivas de cuidado que tínhamos enquanto usuários, trabalhadores e extensionistas na saúde mental.

Concluir esta experiência é reconhecer que o Coletivo tem se constituído como um espaço vivo de invenção de práticas que desafiam a lógica manicomial e experimentam outras formas de cuidado em saúde mental. Ao examinarmos os 3 analisadores, percebemos como forças institucionais nos atravessam durante as oficinas, como em situações que corroboramos com essas forças no cerceamento da liberdade dos usuários. Contudo, foi no inesperado das oficinas, na escuta, na criação coletiva e na arte que encontramos potência. Essa pesquisa nos mostrou que sustentar espaços de convivência é também sustentar possibilidades de vida e é nesse compromisso ético-político que seguimos, afirmando que cuidar é, sobretudo, criar junto.

Palavras-chave: saúde mental; cartografia; oficinas; tecnologias de cuidado; relato de experiência.



Videocast Psicopapo: Psicologia e Direitos Humanos no Consultório na Rua

**Fabício Nascimento Ostrowski/ Adriani da Cunha Souza Nascimento/
Cristiana Nascimento Moreira/ Luiza Moreira Ricardo**

O presente trabalho de extensão foi voluntariamente escolhido por estudantes do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá, polo Angra dos Reis, no âmbito da disciplina Psicologia, Ética e Direitos Humanos. A pesquisa teve como objetivo analisar a atuação da Psicologia no Consultório na Rua, equipamento público de atenção psicossocial vinculado ao SUS, com foco no atendimento à população em situação de rua. A metodologia incluiu visita técnica presencial ao equipamento físico, observação de atendimento itinerante no território, entrevista com a psicóloga responsável, observação participante e pesquisa bibliográfica. Como recurso final, foi produzido um videocast temático, apresentado pelos alunos com participação da psicóloga entrevistada. O vídeo, publicado em plataforma digital, já ultrapassou a marca de 500 visualizações. A partir desta iniciativa, a Universidade Estácio de Sá decidiu lançar o "Psicopapos", com o acréscimo da letra "s", um videocast oficial do curso de Psicologia, com estreia prevista para agosto de 2025. O programa está em produção pelo mesmo grupo, e se propõe a psicologizar a instituição e a cidade, aproximando a Psicologia da sociedade por meio de entrevistas com profissionais sobre temas sensíveis, em linguagem acessível. O projeto original revelou a importância da escuta qualificada e do cuidado como práticas de efetivação de direitos humanos, assim como evidenciou os desafios enfrentados em contextos de alta vulnerabilidade. Além de possibilitar uma aproximação concreta com a atuação profissional em campo, a atividade demonstrou o potencial da extensão universitária como dispositivo formativo, de visibilidade social e de democratização do conhecimento em saúde mental.

Palavras-chave: psicologia; direitos humanos; consultório na rua; extensão universitária; videocast.



Rodas de Conversa com Agentes Comunitários: atenção e promoção de saúde mental

Ana Clara Moreira de Castro/ Larissa de Queiroz Muniz/
Grécia Aparecida Braga Sampaio/ Fabrícia Vellasquez Paiva

O presente trabalho constitui um relato de experiência acerca de atividades realizadas no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde/Equidade) no âmbito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A experiência refere-se à construção coletiva de rodas de conversa com Agentes Comunitários de Saúde (ACS) vinculadas a uma equipe da Estratégia de Saúde da Família do município de Sero-pédica, no Rio de Janeiro. As rodas são mediadas por duas discentes de Psicologia, inseridas no subgrupo do PET-Saúde/Equidade cujo foco é a saúde mental dos trabalhadores da saúde, contando com apoio da equipe para planejamento, supervisão e debates posteriores. A prática desenvolvida tem possibilitado às discentes o exercício da escuta qualificada, do diálogo sensível e do acolhimento. Ademais, a partir de uma visão de protagonismo dos trabalhadores da saúde, tem fomentado a criação de um espaço seguro e ético de partilha, voltado às demandas desses profissionais. Assim, tornou-se possível compreender aspectos do cotidiano de trabalho dos ACS que afetam a saúde mental e causam sentimentos de impotência, cansaço e tristeza, associados, como uma “retroalimentação”, à falta de recursos disponibilizados para cumprimento das exigências de trabalho, à tentativa de suprir tais faltas com os próprios recursos, à conseqüente sobrecarga física e mental e à frustração por não conseguirem atender plenamente as necessidades dos usuários, agravadas pelas falhas existentes na rede de saúde. Percebemos uma implicação pessoal significativa no modo como esses profissionais se envolvem com o trabalho, o que reforça a importância de se promover a eles espaços de escuta e reflexão. Concluímos que as rodas de conversa se configuram como uma efetiva tecnologia de cuidado e promoção de saúde mental ao valorizar sentimentos dos trabalhadores, além de contribuir para a construção de práticas mais humanas e sustentáveis no campo da saúde.

Palavras-chave: pet-saúde/equidade; agentes comunitários de saúde; rodas de conversa.



Fortalecendo Mulheres: ações extensionistas no enfrentamento à violência doméstica em Maricá

**Raquel Alcides Dos Santos/ Adriana da Silva Nobre Shneeweiss/
Christiany Diniz de Almeida/ Jurema Rangel de Freitas/
Maria Angélica de Souza Lima/ Thamyres Pereira Alves**

O projeto de extensão universitária “Fortalecendo Mulheres” nasce com o propósito de contribuir para o enfrentamento da violência doméstica contra mulheres no município de Maricá, por meio de ações extensionistas pautadas nos direitos humanos e no compromisso ético-político da Psicologia. Considerando o aumento expressivo dos casos de violência de gênero no contexto pós-pandêmico, o projeto busca sensibilizar, conscientizar e capacitar a comunidade acadêmica da Universidade de Vassouras – campus Maricá – e a população local. As atividades incluem diagnóstico situacional, capacitação da equipe extensionista, palestras, rodas de conversa, campanhas educativas e participação ativa em eventos comunitários. As ações são desenvolvidas de forma *presencial e itinerante*, alcançando diversos espaços sociais do município, ampliando o acesso à informação e promovendo o fortalecimento de redes de apoio. Como resultados parciais destacam-se o engajamento de estudantes, lideranças comunitárias e instituições locais na construção de estratégias de enfrentamento da violência. O projeto tem favorecido o desenvolvimento de uma escuta qualificada, a difusão de informações sobre os tipos de violência e as medidas protetivas, além de estimular a construção de uma cultura de acolhimento e empoderamento feminino. Inserido no eixo temático “Políticas Públicas e Garantias de Direitos”, o projeto reafirma o papel da Psicologia na luta pela defesa dos direitos das mulheres e na promoção de práticas sociais que visam romper ciclos de violência, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Violência doméstica; direitos humanos; extensão universitária; empoderamento feminino; redes de apoio.



Medicalização da Infância e as Práticas de Cuidado nos CAPSi

Carolina Ribeiro Veras/ Deborah Uhr

Nas últimas décadas um tema em especial tem ganhado relevância nos debates acerca do desenvolvimento e das psicopatologias infantis, que é o da medicalização, fenômeno complexo que envolve não somente os profissionais da saúde, mas toda a sociedade. Ele consiste em definir aspectos da vida humana como questões médicas, em geral em termos de transtornos ou doenças. Assim, dificuldades que anteriormente seriam tratadas pela via da moralidade, da cultura, da política, da religião, da educação, agora são abordadas a partir da narrativa e intervenção médicas. Tendo em conta a magnitude desse processo e sua penetração social, o presente trabalho investigou se e como ele comparece nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi). Para isso, procedeu a uma revisão integrativa de artigos publicados nos últimos cinco anos que discutiam a prática realizada nesses serviços. Foram identificados dez trabalhos. A maior parte deles revelou forte presença de práticas medicalizantes, como ausência de terapêuticas individuais e coletivas nos CAPSi, anulação da voz da própria criança, exclusão e desvalorização da família no processo terapêutico e prescrição de fortes psicotrópicos usados em tratamentos mais severos para casos leves e moderados, com grande índice de efeitos colaterais que deixavam os usuários "dopados". Por outro lado, também foram encontradas experiências de ordem desmedicalizante, a exemplo de ações intersetoriais no território, grupo de Gestão Autônoma da Medicação (GAM) e parcerias com as escolas construídas como forma de construção e desconstrução de saberes. Os artigos também promoveram reflexões acerca da capacitação profissional adequada no combate à lógica medicalizante. Nesse sentido, observou-se que os CAPSi com mais práticas associadas a ela eram aqueles em que os profissionais menos conheciam as políticas públicas e normativas da saúde mental infantojuvenil, restando-lhes a reprodução do modelo biomédico já conhecida e intrincada na área da saúde.

Palavras-chave: medicalização; infância; saúde mental; capsí.



Importância do Estágio Institucional: caso clínico na Abordagem Centrada na Pessoa

Andreia Artur Ferreira dos Santos Silva (CRP 05/54137)/
William Jorge Claudino de Araujo

Introdução

No trabalho em sequência buscou-se entender a importância do espaço terapêutico oferecido aos estagiários e usuários, sobre seu impacto no desenvolvimento profissional da pessoa em função de estágio, para a pessoa em condição de cliente e de ambos enquanto pessoa. A apresentação é baseada e respaldada no método científico da teoria de Carl Rogers (1902 - 1987). Para isso será apresentado o caso 'A': seu acolhimento no setting terapêutico, suas queixas, os manejos empregados e seu desenvolvimento.

Método

O trabalho deu-se no atendimento de 'A' - chamaremos assim em respeito ao código de ética sobre a preservação do sigilo profissional. 'A' queixa-se de sensações, sinais e sintomas de várias condições clínicas. Alguns são relatos de sua história de vida pregressa e outros surgiram ao longo do processo terapêutico. Além disso, 'A' trouxe queixas sobre seu estado de constante vigilância e ansiedade e sobre suas questões sexuais. Ao longo dos encontros, levantou-se algumas possibilidades diagnósticas como Transtorno Obsessivo Compulsivo, Transtorno de Estresse Pós-Traumático, Transtorno de Ansiedade de Doença e Transtorno Factício Imposto a si Próprio. Com base em Rogers, decidi olhar a pessoa e não os diagnósticos, permitindo um espaço de confronto, reconhecimento e elaboração de questões nocivas ao Self. Os encontros ocorreram todos no formato presencial, nas dependências do outrora SPA (Serviço de Psicologia Aplicada), que passou a se chamar SEP (Serviço Escola de Psicologia) da Instituição de Ensino Superior Estácio de Sá. A metodologia utilizada foi de acolhimento de demandas, escuta ativa, Compreensão Empática, Aceitação Incondicional, Congruência, Autenticidade, Experiência Relacional e Caixa de Ressonância.

Resultados e Discussão

A inegabilidade da importância do espaço terapêutico para estagiar antes de atender confronta a pessoa em formação com a realidade de um atendimento, para além de toda teoria que foi contemplada anteriormente durante o curso e com respaldo do suporte da Supervisão. O estágio deu a oportunidade ver que 'A' chega ao setting com deslocamento de demandas, com um movimento de transferência de um sofrimento ao outro. Dar espaço para que esta pessoa traga suas queixas, considerando

que ali, provavelmente é o único espaço em que esta será ouvida sem ser julgada, o que permite com que mais conteúdos danosos sejam trazidos, examinados e elaborados. Agora, 'A' se escuta enquanto fala, quando não o faz examina seus conteúdos ao longo dos dias, reflete sua própria vida, passou a perceber que muitos adoecimentos são subterfúgios para não se apoderar de sua capacidade de resolução em sua própria vida.

Palavras-chave: Psicologia, Práticas na formação; Estágio institucional; Experiência relacional



Quem cuida de quem cuida? Relato de experiência em Plantão Psicológico

Guilherme Souza de Pinho Rosa/ Laiza Ellen Gois Sousa

O plantão psicológico, enquanto projeto de extensão na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), configura-se como uma modalidade de escuta pontual e humanizada, voltada para acolher a demanda imediata de quem procura o serviço. Este relato de experiência foi desenvolvido durante meu processo de treinamento no plantão psicológico, sob supervisão da Prof.^a Dra. Carla Vicente. O atendimento ocorreu de forma on-line e teve como participante uma mulher adulta, psicóloga atuante, que buscou o plantão relatando cansaço emocional diante das múltiplas funções de cuidado que exerce, no campo profissional, familiar e afetivo. Uma de suas queixas envolvia a dificuldade em reconhecer e nomear os próprios sentimentos, o que evidenciava um quadro de anestesiamento emocional. Em uma de suas falas, destacou: "Já faz tanto tempo que uso uma máscara que nem sei mais o que eu sinto... sempre levo o sorriso, mas às vezes estou triste e nem percebo." Durante o encontro, foi possível levá-la a refletir sobre o modo como ela, enquanto profissional da saúde, especialmente quando em função de cuidados, tendem a negligenciar suas próprias necessidades subjetivas. Observamos que os profissionais da empatia e do acolhimento, por vezes não conseguem se cuidar bem e se auto-acolher, ou mesmo acolherem-se mutuamente nas equipes, ressaltando a importância do investimento na criação de um ambiente de aceitação e compreensão dos sentimentos emergidos dos cuidados, para que o profissional possa descobrir sua potência de cuidar, valorizando sua experiência de vida. A compreensão da possibilidade de ressignificar o cansaço, a tristeza, o sentimento de impotência e a insatisfação, como fontes de reorganização de si mesma, reforçou o valor do plantão psicológico como espaço de escuta e cuidado, e também como oportunidade de promover autorreflexão e reconhecimento das próprias forças e fragilidades por parte de quem cuida.

Palavras-chave: plantão psicológico; empatia; cuidado; ressignificação; potência do ser.



Grupo Terapêutico na Natureza e a Perspectiva da Ecopsicologia

**Carla Cristine Vicente/ Juliana de Souza Oliveira/
Letícia Aparecida Cordeiro Lucio/ Thalita Rodrigues do Carmo**

A Ecopsicologia é a junção entre Psicologia e Ecologia, buscando explorar a reconexão entre o ser humano e a natureza. Desse modo, é possível reconhecer efeitos terapêuticos promovidos por intermédio de diferentes elementos naturais como espaços ao ar livre, bosques, hortas e animais, capazes de promover uma reconexão do indivíduo consigo mesmo e com os outros, e assim experienciar equilíbrio e bem-estar. Nesta perspectiva, organizamos o projeto de extensão “Conexões Terapêuticas com a Natureza”, um grupo quinzenal, aberto, com encontros de 1h30min de duração e caráter terapêutico que promoveu um espaço de reflexões e ressignificações, utilizando dinâmicas em grupo, contemplação e práticas na natureza. O projeto realizou ao todo 5 encontros no piquete do Galpão dos Garanhões da UFRRJ, fruto da parceria com o grupo de intervenções transdisciplinares assistida por equinos, a “EQUilibrium Rural”. Nos grupos, os participantes eram convidados a se reconectar com recursos terapêuticos oferecidos pela natureza e propostos pela dupla de facilitadoras da interação, tendo o cavalo como co-terapeuta, o que favoreceu a autorregulação emocional e o fortalecimento do bem-estar subjetivo dos participantes. Os cavalos, como animais sensíveis e sociais, desempenharam o papel de mediadores nas interações entre os participantes, facilitando processos de auto-percepção, diminuição dos níveis de estresse e ansiedade, melhorando a autoestima e a autoconfiança. Ademais, através dos relatos dos participantes foi possível perceber que sentimentos difíceis e angústias foram elaborados.

Palavras-chave: Ecopsicologia; Grupo Terapêutico; Equinos; Reconexão.



A Importância da Psicoterapia: Promovendo Bem-Estar e Saúde Mental da Pessoa Idosa

Rafael Neves da Costa (CRP 05/44178)/ **Débora Marques Rodrigues/**
Nalu Moura Gomes/ Nínive Rainho Mendonça dos Santos/
Sandra Vergeti Dutra/ Viviane de Souza Coutinho

O presente trabalho apresenta uma experiência de extensão universitária da disciplina Teorias e Técnicas Psicoterápicas, do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá, Campus Norte Shopping, desenvolvida com o intuito de construir uma relação mais próxima entre o ambiente acadêmico e a comunidade por meio do saber científico das psicoterapias. A atividade teve como público-alvo cinquenta integrantes do projeto "Rio em Forma", da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, selecionados com base em estudos de Benedetti et al. (2008), que apontam a relação entre atividade física e saúde mental em pessoas idosas. Considerou-se, ainda, que a promoção de informações sobre psicoterapia junto à população idosa é essencial, visto que, conforme Forlenza, Loureiro e Pais (2023), os transtornos de ansiedade nessa faixa etária são subestimados e frequentemente negligenciados. Sendo condições crônicas, exigem atenção adequada para que não sejam confundidos com aspectos naturais do envelhecimento. Assim, conhecer os benefícios da psicoterapia pode favorecer o bem-estar e o autocuidado. Trata-se de uma pesquisa-intervenção de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e participativo. A metodologia envolveu: planejamento coletivo dos discentes; entrevista semiestruturada com tutores do projeto; questionário diagnóstico para levantamento do perfil dos participantes; desenvolvimento de cartilhas informativas; realização de roda de conversa sobre psicoterapia e saúde mental na velhice; aplicação de prática de mindfulness como técnica de autorregulação emocional. A ação buscou evidenciar a importância da psicoterapia na promoção do bem-estar e no enfrentamento de dificuldades psíquicas associadas ao envelhecimento. A aplicação do cartão-resposta ao final da atividade permitiu coletar impressões dos participantes, que demonstraram reconhecimento da relevância do tema e interesse por novas iniciativas. Os achados confirmaram a necessidade de ampliar o acesso à informação sobre a saúde mental da pessoa idosa e reforçam o papel das práticas psicoterápicas no fortalecimento do autocuidado e da qualidade de vida.

Palavras-chave: Psicoterapia, Bem-estar, Idoso, Saúde Mental



Síndrome de Burnout em Professores da Educação Infantil: Uma Realidade Educacional Brasileira

Ana Paula dos Santos Monteiro/ Mariane Brito da Costa

Este trabalho traz “A Síndrome de Burnout (SB) em Professores do Brasil”, a partir de narrativas dos cotidianos escolares por professores(as) de escolas públicas na Baixada Fluminense que atuam no segmento da educação infantil, pensando em alternativas para melhorar a qualidade de vida do professor no ambiente escolar, visando a uma melhor satisfação profissional e pessoal, de modo a resgatar o sentido do trabalho e encaminhar o profissional para um ambiente saudável que o possibilite ter mais ideias inovadoras e propulsoras para melhoria da educação como um todo. Para aprimorar a qualidade da Educação Infantil (EI) no Brasil, defendemos que é fundamental investir na construção de relações humanas sólidas entre docentes e discentes que visem a um melhor aproveitamento dos momentos compartilhados entre eles no dia a dia com vistas a um futuro educacional de vínculos fortes. Tais relações devem promover um ambiente acolhedor e colaborativo, onde os momentos compartilhados no dia a dia sejam aproveitados de forma significativa. Como arcabouço teórico metodológico o presente estudo trata-se de Pesquisa Exploratória e visa à revisão bibliográfica pela necessidade de elaborar uma fundamentação teórica que permita compreender como as condições de trabalho afetam a saúde mental dos docentes, especialmente na EI. As pesquisas realizadas são de origem primária e secundária, as fontes para a revisão de literatura foram selecionadas com base em artigos, dissertações e teses publicadas nos últimos dez anos. As análises e revisões bibliográficas deste estudo evidenciaram que o excesso de demandas enfrentado pelos professores combinando com a falta de apoio institucional são fatores significativos que contribuem para o desenvolvimento da SB. Esse cenário não apenas impacta a saúde mental dos docentes, mas também afeta diretamente a qualidade do ensino e o desenvolvimento dos estudantes.

Palavras-chave: Burnout. Saúde Mental. Professores. Educação Infantil. Desafios



Possibilidades formativas na atuação da Vara de Família da Ilha do Governador

Mariane Jaques Martins Pimenta/ Ana Sophia Siliansky de Andreazzi/
Clara Proença Braga/ Isabela de Farias Felipe Cardoso/
Nicole da Cunha Dutra/ Tariq Augusto Emrich Gomes

A vara de família é o braço do judiciário responsável por atuar nas ações referentes a guarda, curatela, convivência, requalificação civil, alimentos, entre outras temáticas em interface com as configurações familiares. No Rio de Janeiro, as Equipes Técnicas Interdisciplinar Civil, compostas por psicólogos e assistentes sociais, são responsáveis pela produção dos estudos psicológicos e sociais que embasam decisões judiciais. O presente trabalho visa apresentar um relato de experiência dos estagiários e residentes, lotados na Vara de Família da Ilha do Governador no Rio de Janeiro, acerca da atuação enquanto profissionais e estudantes em formação. A partir de supervisões mensais e discussões de caso permanentes, a equipe de psicologia reflete acerca dos atravessamentos éticos e sociais de suas atuações nas dinâmicas familiares ao qual se deparam. Por sua vez, a intensa quantidade de processos faz com que os profissionais do quadro se encontrem sobrecarregados, dificultando a ampliação do estudo psicológico ou a extrapolação do trabalho para além da perícia. Considera-se que o trabalho em Varas de Famílias entra em contato com temáticas variadas como violência doméstica, alienação parental, vínculo socioafetivo, entre outros temas que perpassam questões sociais como raça, gênero, sexualidade e território que precisam ser tratadas sob um olhar crítico. Dessa forma, os estagiários e residentes deparam-se com as nuances éticas, institucionais e sociais ainda em período formativo, refletindo acerca dos posicionamentos e atuações possíveis.

Palavras-chave: psicologia; vara de família; formação;



Infâncias Quilombolas e Território: Saberes, Brincadeiras e Resistência Cultural

Isabelle Bon Rabello/ Júlia Gomes da Silva Lemos/ Beatriz Corsino Pérez

Os quilombos são compreendidos como grupos étnico-raciais definidos por autoatribuição, que possuem uma trajetória histórica própria, presunção de ancestralidade negra e resistência à opressão histórica. Neste sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDB) estabelece que a Educação Escolar Quilombola deve alicerçar seu projeto de ensino em elementos conectados aos interesses e saberes destas comunidades, através da manutenção da memória coletiva, das práticas culturais, e das territorialidades. Assim, este resumo apresenta a experiência decorrente de uma pesquisa-intervenção realizada pelo Núcleo de Infâncias, Juventudes e Políticas Públicas (NIJUP/UFF Campos) junto às escolas localizadas nas comunidades quilombolas, no município de Campos dos Goytacazes-RJ. O projeto visa auxiliar a implementação da modalidade de ensino no município e, para isso, busca conhecer a relação das crianças quilombolas de 4 a 10 anos com o território onde moram e com a comunidade; aprender sobre os brinquedos e brincadeiras, e investigar as perspectivas das crianças sobre suas escolas considerando seus desafios e potencialidades. Foram realizadas oficinas com oito turmas, sendo quatro da educação infantil e quatro turmas do ensino fundamental, nas quatro escolas da região do Imbé, Rio Preto e Morangaba. Participaram das oficinas cerca de 100 crianças, que puderam se expressar e refletir sobre sua realidade, por meio de metodologias participativas e lúdicas - como desenhos de mapas afetivos, músicas, dispositivos audiovisuais, contação de histórias com fantoches, entre outros. No que diz respeito aos resultados, foi notória a relação próxima que as crianças têm com a natureza e com a identidade quilombola expressa através das manifestações culturais e das brincadeiras nos quintais, rios e lagoas, que possuem uma época específica para cada uma. Diante disso, torna-se evidente a necessidade da escola valorizar a cultura quilombola e os conhecimentos produzidos nas comunidades rurais.

Palavras-chave: infância; território; pertencimento; educação escolar quilombola.



Estratégias de ensino acessível da Psicologia da Gestalt

Daniel Amaduro Quadros/ Johnny Menezes Alvarez

A escola de psicologia alemã conhecida como psicologia da gestalt produziu importantes contribuições para os estudos da percepção e cognição e seus princípios se difundiram dentro da psicologia e por diversas áreas afins como arte, publicidade e música. O ensino dos conceitos desta escola como pregnância, boa forma e insight tem destaque na graduação tanto enquanto parte fundamental da história da psicologia, quanto como chaves de interpretação de fenômenos da aprendizagem e percepção. Nesse contexto, o trabalho efetuado no projeto de monitoria da disciplina de cognição, oferecida para os alunos de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, buscou dinamizar e corporificar o ensino da psicologia da gestalt e explorar novas possibilidades de expandi-lo a outros sentidos, questionando a primazia da visão estabelecida anteriormente nas práticas de ensino sobre o tema, que por vezes privavam pessoas cegas ou com baixa visão de acessar os princípios discutidos em sala. Para isso, buscou-se integrar no projeto de aula da disciplina de "cognição", oferecida presencialmente para estudantes do primeiro período do curso de psicologia, recursos visuais (imagens projetadas), sonoros (clipes sonoros/ recortes musicais) e tato-cinestésicos (placas em alto-relevo produzidas com materiais de papelaria) que exemplificassem as leis da boa forma que regem a experiência de acordo com a escola de Berlim da psicologia da gestalt. Como resultado, pôde-se observar um maior engajamento da turma no percurso da aula e resultados positivos no processo de avaliação teórica oferecido como parte da disciplina. Este trabalho não busca encerrar a discussão acerca das aproximações entre acessibilidade e o ensino da psicologia da gestalt, pelo contrário, busca acenar para possibilidades de intervenção em sala de aula que integrem teoria e prática e permitam o acesso democrático aos conhecimentos disseminados nesse espaço.

Palavras-chave: psicologia da gestalt; ensino em psicologia; percepção; cognição



Reformulando Vivências após a Cirurgia Bariátrica

Priscilla de Souza Gomes

A apresentação para a Mostra tem como proposta a reflexão sobre os encontros mensais do grupo psicoterapêutico onde todos os membros passaram por cirurgia redutora de estômago em hospital público (SUS). Os pacientes se encontram mensalmente para expor questões tão significativas, como mudança visceral de peso, de hábitos alimentares, de rotinas de exercícios físicos, novas composições de rede sócio afetiva, aumento ou diminuição de libido, redução extrema de ser receptáculo de preconceito pelo sobrepeso, entre outros temas pulsantes neste novo momento. É natural a participação quase que maciça de todos os componentes pois convergem em fala e sentimentos, mudanças de propósito espiritual, vivência de situações corriqueiras para o senso comum porém riquíssimas em potência como amarrar um simples cadarço de tênis. Os encontros ocorrem no auditório da própria unidade onde têm a oportunidade das trocas como um todo: de conjugação de sensação, de se reverem e afiançar ainda mais elos de amizade, de troca de experiências reconfortantes como também momentos de sofrimento; o Grupo Psicoterapêutico faz a conexão com pessoas que vivenciaram a mesma cirurgia e em contato com outras pessoas tem a vasta possibilidade de se ouvir, abrandar sentimentos e sensações nefastas e tão vigentes por terem o olhar de que não estão sentindo sozinhos este caráter, e da mesma forma poder falar de novas fases do seu novo corpo fluindo com a sua nova mente.

O projeto se apresenta neste cenário: acolhimento do profissional com os membros e entre os participantes, escuta ampliada, encaminhamento havendo demandas, composição de estratégias para novas mudanças e suporte emocional mantendo o olhar de novos tempos.

Palavras-chave: psicologia; cirurgia bariátrica; novas ressignificações; encontros mensais.



Letramento Racial com Idosos: Identidade, Memória e Ancestralidade

Vitória Alessandra Vieira de Abreu/ Ana Luiza Rosa Castelo Branco/
Andressa Matos Maia/ Maria Rita Moura de Oliveira/ Maysa Fernandes Gomes

O conhecimento ancestral é uma fonte de resistência e identidade, especialmente para os povos historicamente marginalizados. No contexto brasileiro, compreender as raízes do racismo e discutir a questão racial de maneira ampla e acessível é um passo essencial para combater as desigualdades estruturais que persistem até hoje. A partir dessa compreensão, surge a motivação para a realização desta atividade: promover um espaço de diálogo, escuta e reflexão sobre a questão racial, os valores civilizatórios afro-brasileiros e a importância da memória coletiva. A intervenção foi realizada presencialmente, em formato de roda de conversa, no Núcleo da Melhor Idade em Seropédica, e começou com uma pergunta disparadora sobre o que entendiam por racismo, seguida de exposição conceitual, dinâmicas sobre ancestralidade e encerramento com leitura de poesia. As falas das participantes revelaram percepções diversas sobre o racismo: enquanto algumas mulheres negras relataram experiências de exclusão, outras participantes brancas demonstraram desconhecimento sobre o tema, o que gerou desconfortos e tensões. No entanto, essas situações foram acolhidas com sensibilidade, e o grupo avançou na construção de um espaço de pertencimento coletivo. A roda de conversa encerrou-se com emoção e reconhecimento mútuo. Conclui-se que a escuta das pessoas idosas fortalece a luta antirracista, ressignifica vivências e reafirma a importância da ancestralidade como força coletiva. Além disso, a atividade reforçou o valor de implicar pessoas brancas no debate racial, promovendo o diálogo entre diferentes vivências e permitindo a construção conjunta de consciência crítica. Muitas vezes, acreditamos que discussões sobre racismo e ancestralidade pertencem apenas a espaços acadêmicos ou a públicos mais jovens, mas essa experiência demonstrou a potência de abrir espaço para a escuta e expressão das pessoas idosas, reconhecendo seus saberes, histórias e marcas como fundamentais na construção da resistência e na preservação da memória coletiva.

Palavras-chave: memória; idosos; racismo; ancestralidade; convivência.



Aplicação do Teste Projetivo H-T-P em Contexto Acadêmico

Melissa Carneiro Bessa Viana Feio/ Thiago Medeiros de Lucas/
Clarissa Moura Quintanilha (Orientadora)

O presente trabalho relata a experiência com a aplicação do teste projetivo H-T-P (House-Tree-Person), no contexto da disciplina Técnicas Projetivas e Expressivas de Avaliação do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá. O objetivo foi compreender e vivenciar, na prática, a utilização dessa técnica como instrumento de acesso à subjetividade, levando em consideração os referenciais éticos do Conselho Federal de Psicologia e os fundamentos teóricos ensinados em sala de aula. A atividade consistiu em uma atividade prática na disciplina Técnicas Projetivas e Expressivas de Avaliação. Utilizamos lápis grafite e folhas A4 em branco, conforme os procedimentos técnicos previstos para o instrumento. Os desenhos expressaram elementos simbólicos relacionados à história de vida e questões afetivas do participante. A escuta atenta durante o questionário permitiu o resgate de memórias significativas e possibilitou uma autorreflexão profunda. A experiência reforçou a potência do H-T-P como ferramenta de investigação psicológica, especialmente no que se refere à subjetividade, às experiências emocionais e aos conteúdos inconscientes que emergem através do ato expressivo. O trabalho possibilitou não apenas uma demonstração prática da técnica, mas também reflexões sobre os desafios éticos e técnicos da aplicação de instrumentos projetivos em contextos acadêmicos.

Palavras-chave: avaliação psicológica; técnicas projetivas; H-T-P; subjetividade; prática acadêmica.



Neon Genesis Evangelion sob a visão da Gestalt-Terapia

Lucas Machado Martinez Duarte/ Antônio Callijão Macedo Rodrigues/
Fernando de Oliveira Sampaio/ Lucas dos Santos Melo/
João Antônio Mattos Corrêa Dias/ Jorge Gustavo Sodrê Mello

O trabalho irá tratar a relação entre o anime “Neon Genesis Evangelion” e os conceitos abordados pela Gestalt-terapia e o Humanismo. Nosso grupo fará uma análise entre pontos que ligam as ideias da escola com a animação. Discutiremos sobre os eventos que ocorrem na história criada por Hideaki Anno, e suas relações com dois conceitos de Schopenhauer, que são: “O Mundo Como Vontade e Representação” e “O Dilema do Ouriço”. O trabalho é de autoria de graduandos da Estácio de Sá, Campus Ilha do Governador. A coleta de dados foi obtida através de pesquisas realizadas pelos graduandos, após a revisão de literatura dos últimos dez anos na SciELO e portal de periódicos da CAPES, além do estudo em cima das obras “Parerga e Paralipomena” e “O Mundo como Vontade e Representação” de Arthur Schoupenhauer. Pesquisamos sobre a biografia do criador do anime e da história dos episódios. A síntese concluiu que o objeto em estudo, nos traz profundas reflexões acerca do autoconhecimento. A análise foi importante para chegarmos à conclusão de como a mensagem do anime tem um viés de superação através do olhar para dentro de si, o indivíduo enquanto único responsável por suas escolhas e as consequências delas. Outra conclusão muito importante foi sobre como a realidade dos personagens na animação é moldada a partir das formas que eles se impedem de viver essa mesma realidade objetiva.

Palavras-chave: psicologia; mostra do CRP RJ; Gestalt-Terapia; animação.



Teatro das Oprimidas: Dispositivo de Intervenção Psicossocial

Débora Soares Monteiro/ Fernanda Cristina C. S. Lyrio

O objetivo do presente trabalho é disseminar a experiência de duas psicólogas que, por meio de encontros emancipatórios puderam experienciar agenciamentos transformadores no campo existencial de mulheres vítimas de violência, no município de Maricá, no Rio de Janeiro. Para isso, foi utilizada a metodologia de pesquisa-ação crítica e a análise ao diário de campo. O Teatro das Oprimidas, que é um aprofundamento do Teatro do Oprimido, criado por Bárbara Santos, baseia-se na escuta das vivências de mulheres e na criação coletiva de cenas que denunciam opressões de gênero. Buscando formas de incluir o contexto social na representação teatral, a fim de mostrar os diversos mecanismos de opressão que se interrelacionam no problema encenado. Segundo Barbara Santos, o objetivo é evitar a representação de um problema como “exclusividade da protagonista” buscando meios estéticos de representá-los como um exemplo de algo que é estrutural na sociedade. Vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais que afetam diretamente a saúde mental das mulheres, especialmente as que vivem em territórios periféricos. Diante dessa realidade, o teatro das oprimidas se mostra um dispositivo potente de intervenção, escuta e transformação social. Trata-se de uma prática artística e política que possibilita a expressão de dores, desejos e resistências. Esta proposta dialoga profundamente com práticas psicossociais que visam promover a autonomia, cidadania, a expressão e o fortalecimento de sujeitos historicamente silenciados. Este projeto buscou investigar os efeitos dessa prática na saúde mental e no fortalecimento subjetivo de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Práticas como essa se tornam potentes dispositivos de cuidado, de visibilidade e de reconstrução de narrativas.

Palavras-chave: teatro das oprimidas; violência de gênero; saúde mental; psicologia comunitária.



A separação subjetiva constitutiva do Eu em Winnicott e em Lacan

Marina Monteiro Pestilli/ Carla Jeucken/ Giselle Falbo

Este trabalho se propõe a apresentar as considerações iniciais de um ensaio que pretende contrastar as teorias de constituição subjetiva de Jacques Lacan e Donald Winnicott. Enquanto para Winnicott a formação do sujeito se dá a partir da relação com uma mãe Suficientemente boa - isto é, aquela que faz a mediação entre acolhimento e frustração do bebê - Lacan traz o enfoque na incidência de um terceiro, fundamental para que a criança possa separar-se do Outro materno. A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa explorou cerradamente o aporte bibliográfico selecionado, visando à produção de um ensaio que abarque possíveis contrastes entre algumas noções psicanalíticas de Jacques Lacan e Donald Winnicott. A experiência clínica dos autores deste trabalho também compõe a pesquisa, de maneira indireta, como impulsionadora da questão principal que a norteia. Sendo assim, realizamos inicialmente uma triagem de textos desses autores, de forma que sejam separados e aproveitados conteúdos psicanalíticos que se refiram à relação das crianças com seus cuidadores primários e que enfoquem as funções materna e paterna nesse período de constituição psíquica, possibilitando-nos elucidar questões referentes aos sintomas alimentares observados na clínica com crianças em uma segunda etapa de desdobramento do trabalho. Após a aplicação da metodologia foi possível articular as diferentes noções que os autores trabalhados apresentam sobre a constituição subjetiva a partir do laço com o Outro primordial. Essas articulações entre as teorizações dos dois psicanalistas apontaram para uma distinção entre os mecanismos envolvidos na separação bebê e mãe e para discussões possíveis sobre o papel dos objetos na constituição subjetiva do bebê. Posteriormente, essas elaborações poderão ser aprofundadas, valendo-nos dos apontamentos diretos de Lacan sobre os conceitos winnicottianos.

Palavras-chave: psicanálise; constituição subjetiva; Eu; Lacan; Winnicott



O Impacto da Intolerância Religiosa em pessoas de Religião de Matriz Africana

Mariana Teixeira Bernardes/ Laura Beatriz M. F. Ferreira/
Beatriz da Silva Dias dos Santos

O presente estudo aborda uma das maiores práticas herdadas do continente africano no Brasil - a religião - e como a intolerância em relação à estas impactou os indivíduos acima dos 50 anos no Rio de Janeiro. Nesse sentido, a pesquisa dispõe da ferramenta chamada "História de Vida", que consiste em um método investigativo no qual os relatos dos entrevistados são a principal fonte de informações e o que fomenta a discussão abordada nesta respectiva pesquisa. É por meio da comparação entre os diferentes relatos obtidos pelos entrevistados escolhidos que conseguimos chegar ao conceito de "Memórias Comuns", abordado por Jedlowski: pessoas de um mesmo grupo que nunca interagiram entre si compartilham lembranças de maneira similar, vivenciadas sob um mesmo contexto e cultura. Deste modo, almeja-se entender como estes grupos oprimidos obtêm essas memórias comuns e, ao mesmo tempo, suas vivências subjetivas, e de que modo os mesmos resistem à isso. Com isso, objetivamos também compreender o impacto dessa intolerância na vida de cada um e principalmente promover uma visibilidade acerca do mesmo, identificando as situações passadas por cada um em sua trajetória. A referida pesquisa contou com três entrevistados pertencentes à religiões de matriz africana, de forma remota, sendo estes: 2 pertencentes a Umbanda e 1 ao Candomblé, posteriormente sendo realizada a transcrição do dito por estes e por fim a análise de suas "memórias comuns". Em suma, foi-se observado que a intolerância, independente das singularidades e religiões de cada sujeito, mostra-se presente na história de vida de cada um, porém de modos e intensidades que diferem.

Palavras-chave: Intolerância religiosa, Religião, Matrizes Africanas, Resistência.



Transtorno de Personalidade Antissocial: Aspectos Diagnósticos, Etiológicos e Terapêuticos.

Juliana Fernandes/ Juliana Rosa de Oliveira/ Letícia Chagas Alves

O presente estudo teve como objetivo realizar uma análise abrangente sobre o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS), abordando seus aspectos diagnósticos, etiológicos e terapêuticos. A pesquisa buscou compreender como se dá a manifestação desse transtorno, seus fatores de risco e as possibilidades de intervenção clínica.

O trabalho foi realizado pelas autoras, estudantes do sétimo período do curso de psicologia, da Universidade Augusto Motta, na disciplina de projeto em psicopatologia, sob supervisão da orientadora e psicóloga Danielle Castelões.

O método utilizado foi uma revisão narrativa da literatura, fundamentada em uma busca bibliográfica realizada nas bases PubMed, Scielo, Lilacs, PePSIC, Google Scholar e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no mês de abril de 2025. Foram adotados como critérios de inclusão artigos publicados entre 2009 e 2025, em português e inglês, que estivessem disponíveis na íntegra e abordassem diretamente o tema. No total, foram selecionados nove artigos científicos relevantes para a análise.

Os resultados evidenciaram que o TPAS possui etiologia multifatorial, envolvendo fatores genéticos, neurobiológicos, ambientais e socioculturais. Foi possível constatar que o diagnóstico é complexo, apresentando divergências significativas entre os sistemas classificatórios DSM e CID, especialmente na ênfase entre aspectos comportamentais e subjetivos. Além disso, as intervenções terapêuticas ainda são limitadas, com poucos estudos que validam sua eficácia, destacando-se, entre as abordagens, a terapia cognitivo-comportamental, a terapia dialético-comportamental e o uso de psicofármacos para manejo dos sintomas. O estudo também ressalta a importância do diagnóstico precoce, principalmente na infância e adolescência, visando prevenir a cronificação do quadro e seus impactos sociais.

Palavras chave: transtorno de personalidade antissocial; psicopatia; comportamento antissocial.



Estou Sendo Psicóloga? - Ser Psi em Formação na Clínica Existencialista

Lara Brito de Menezes/ Milena Pereira Magalhães/ Rodolfo Rodrigues de Souza

A nossa reflexão tem como ponto de partida os relatos de estudantes em diferentes momentos da prática de estágio em clínica fenomenológico-existencialista do curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Dessas vivências, se destaca uma insegurança que atravessa tanto estagiárias iniciantes quanto aquelas que já estão na prática há mais de um ano: “Eu acho que não estou sendo psicóloga”. A experiência tem nos mostrado que essa dúvida sobre “ser ou não” psicóloga ultrapassa a expectativa do papel de profissional responsável pela “cura” do outro, dialogando mais diretamente com a autocobrança para se fazer psicóloga dentro de um enquadramento teórico-explicativo com diretrizes explícitas para o fazer clínico, modelo de clínica preponderante na formação em psicologia. A perspectiva fenomenológico-existencialista, construída em diálogo com o pensamento de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, prescinde de tal roteiro. Embora essa perspectiva compreenda que há uma dialética indissociável entre singular e universal, a universalidade sempre estando presente naquilo que se narra, o singular não pode ser perdido de vista e aparece no modo como cada pessoa se articula com sua história e sua época. Assim, nos propomos a investigar o que é possível à terapeuta nessa clínica e como ela abre caminhos para um fazer-se psicóloga que se dá na relação dialética terapeuta-paciente, a partir de uma atitude fenomenológica à qual não cabem rituais, etapas ou objetivos pré-estabelecidos. Ancoradas no pensamento existencialista de Sartre e Beauvoir, e relatos de inseguranças que emergiram em supervisão, propomos uma clínica que se constitui a partir do Projeto de Ser do terapeuta e do paciente.

Palavras-chave: clínica fenomenológico-existencialista; estágio em psicologia clínica; formação em psicologia; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir.



Aplicação do Teste Palográfico na formação em Psicologia

Patrícia Vieira de Sá

O presente resumo apresenta a aplicação do Teste Palográfico como atividade prática da disciplina de Técnicas Projetivas e Expressivas de Avaliação no curso de Psicologia. O objetivo da atividade foi proporcionar ao estudante o contato direto com a aplicação e análise de um instrumento projetivo, ampliando a compreensão sobre aspectos da personalidade como impulsividade, organização e controle emocional. A prática foi realizada em sala de aula, ambiente presencial, estruturado para garantir condições ideais à execução da tarefa. Foram utilizados materiais padronizados, conforme orientações técnicas: folha com traços iniciais, lápis nº 2, cronômetro e manual do teste. A aplicação foi coletiva, seguindo dois momentos: treinamento e aplicação principal, com tempo cronometrado. A análise dos protocolos revelou perfis diversos. O relatório de uma participante específica evidenciou equilíbrio emocional, organização cognitiva e boa adaptação social, sem sinais de impulsividade ou sofrimento psíquico. A experiência favoreceu a articulação entre teoria e prática, reforçando a importância da formação ética e técnica no uso de instrumentos psicológicos. A realização desta atividade contribuiu para o desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício da profissão, como a atenção aos detalhes, a análise crítica e a postura ética diante da avaliação psicológica.

Palavras-chave: teste palográfico; avaliação psicológica; personalidade; formação; prática



A Importância da Psicoterapia para Cuidadores Atípicos

Mariana Alves Ribeiro do Nascimento/ Gabrielle Freire dos Santos Anacleto/
Denilson Thomaz Cavalleiro/ Kayke Cotovicz/ Patrick Henrique

2025

O projeto de extensão “A Importância da Psicoterapia para Cuidadores Atípicos” foi desenvolvido com o propósito de sensibilizar o público a respeito da relevância do acompanhamento psicológico para cuidadores de crianças neuro-atípicas. A proposta emergiu da percepção da negligência do sistema de saúde frente às demandas emocionais desse grupo, frequentemente invisibilizado, mesmo diante de quadros evidentes de sofrimento psíquico. Buscando ligar teoria e prática extensionista, a iniciativa baseou-se em ações educativas e acolhedoras, fundamentadas nas diretrizes éticas do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e na literatura sobre saúde mental preventiva. A metodologia adotada foi qualitativa, com base em pesquisa exploratória por meio da plataforma Google Forms. Os participantes foram cuidadores familiares de crianças com diagnóstico de neurodivergência. Considerando tratar-se de um público sobrecarregado e com disponibilidade limitada, a conscientização ocorreu principalmente em formato virtual, com a produção de conteúdos informativos sobre saúde mental, estratégias de autorregulação e panfletagens em locais estratégicos. Os dados obtidos evidenciaram o descaso vivenciado por esses cuidadores, direcionando o grupo na busca por parcerias com clínicas de atendimento a preço social, além da conexão com projetos sociais que oferecem psicoterapia gratuita ao público-alvo. O projeto possibilitou a identificação de lacunas nas práticas da Psicologia voltadas ao cuidado familiar, promovendo entre os discentes o desenvolvimento do senso crítico e da responsabilidade social. Apesar dos resultados positivos, como o engajamento nas redes sociais, os encaminhamentos realizados e o retorno de instituições parceiras, também foram evidenciadas limitações, especialmente no que se refere à continuidade do cuidado oferecido. Isso reforça a necessidade de um olhar clínico mais acolhedor às famílias que recebem diagnósticos de neurodivergência.

Palavras-chave: Cuidadores atípicos; Psicoterapia; Saúde mental



Desdobrando o cuidado com mulheres migrantes: acolhendo crianças no tempo da espera

Ana Carolina da Silva Cavalcante/ Ana Clara Santos de França/
Maria Eduarda de Salles C. Assumpção/ Paula Neusche Maia/
Stephany Fernandes Dias

O projeto “Vidas em Movimento”, coordenado pela professora Laura Quadros-UERJ, aborda questões relacionadas à migração sob a perspectiva feminina investigando o fenômeno do deslocamento de pessoas para outras regiões por motivos sociais, econômicos ou políticos. Tendo essa definição em mente, o projeto considera urgente, bem como um compromisso ético do nosso fazer psi, a necessidade de um olhar atento e sensível perante essa vivência que vem aumentando nos últimos anos: a experiência de migração e refúgio. Percebendo que muitas mulheres não tinham com quem deixar seus filhos durante as rodas promovidas pelo projeto, implementamos uma proposta de acolhimento à essas crianças de idades variadas, construindo um espaço de espera no qual, através de materiais lúdicos, criamos um momento de livre expressão onde as crianças também constroem pontes afetivas e possibilidades interculturais, diluindo ali suas tensões. O que iniciou no cantinho da sala onde ocorriam as oficinas semanais com uma ou duas crianças, se transformou em uma atividade completamente separada em uma sala de ludoterapia no Serviço de Psicologia Aplicada da UERJ. As mulheres participantes foram também compreendendo esse espaço como cuidado desdobrado nessa possibilidade de serem acolhidas com suas crianças. Esses encontros são apoiados na proposição teórico-metodológica da abordagem gestáltica e na teoria ator-rede, que buscam acolher as experiências e dores dessas crianças, reconhecendo sua potência com base em suas vivências nos países de origem. Ao darmos luz às experiências de refúgio no contexto da infância, podemos ir além dos estigmas e estereótipos, trabalhando interseccionando herança, pertencimento e acolhimento para legitimar e integrar essas vivências na contemporaneidade. As narrativas compartilhadas nas rodas de conversa também influenciam e afetam a equipe do projeto, sendo um espaço de afetações e transformações mútuas. As oficinas colaboram para um desenvolvimento na forma dessas crianças de se expressarem e entrarem em contato consigo mesmas.

Palavras-chave: migração; refúgio, gestalt terapia; crianças; cuidado.



Laboratório Gestáltico: costurando a vida vivida à universidade, produzindo mundos mais humanizados.

**Juliana Cardoso da Costa/ Giuliana Petrucci Braga Moerbeck Reis/
Laura Cristina de Toledo Quadros/ Leone Santos Teixeira/
Rafaela Eugênia Barbosa/ Stephany Fernandes Dias**

O “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas” nasce da urgência, apresentada pela demanda discente, de exercitar uma perspectiva de mundo que possibilite uma articulação com a vida vivida. O projeto abre espaço para expandir os horizontes de apreensão da dimensão sensível no mundo em que vivemos, realizando ações que ampliam o conhecimento por meio de pistas que a comunidade nos revela, criando uma aproximação entre o pensar e o fazer. Para efetivar essa expansão, temos como condutor teórico-metodológico a Abordagem Gestáltica dos fenômenos. Por meio dela, buscamos não apenas a compreensão das demandas contemporâneas para socializar o conhecimento, mas também a promoção de trocas com a comunidade de forma dinâmica e vívida, reencantando as relações. De acordo com a ideia de aprendizado horizontal e vivencial, oferecemos três eixos principais de ação: As Intervisões Solidárias, que consistem no acolhimento de demandas de psicólogas(os) atuantes em variadas áreas da rede pública de saúde e/ou organizações sem fins lucrativos, abarcando a face política e sensível da gestalt com o apoio à atuação de tais profissionais e o desenvolvimento da visão crítica dos estudantes; Polo de Estudos Gestálticos que se desenvolve através de um grupo de estudos no qual podemos aprofundar conceitos da Gestalt-terapia para compreender melhor a teoria na qual nos baseamos, relacionando-a à vida vivida, discutindo temas críticos, políticos e teóricos sob a lente do sensível; e a promoção de eventos como Oficinas, Rodas de Conversa e Minicursos, durante os quais, de forma aberta à comunidade, oferecemos reflexões e formação sobre temas que emergem tanto do cotidiano como do campo acadêmico, reafirmando o viés político e comunitário presente no projeto, abordando temáticas como atuação em situações de emergência e desastres, autoestima na vida, e movimentos antimanicomiais. Ademais, sempre buscamos novas formas de articular o conhecimento de modo vivo, não dicotomizado.

Palavras-chave: gestalt-terapia; conhecimento sensível; práticas na formação; extensão universitária.



Impactos do Autismo na Vida Adulta

**Maria Vitória Procópio Vieira/ Matheus Cadilhe Nabuco/
Andrea Goldani Pinheiro**

A partir da experiência clínica na avaliação psicológica e na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), é possível observar que sujeitos no espectro autista, durante as fases da adultez emergente e da adultez intermediária, enfrentam demandas que potencializam a manifestação dos sintomas. Desafios comuns à fase adulta, como a escolha profissional, a definição de grupos de interação social e as questões relacionadas à sexualidade, podem ter um impacto mais acentuado em pessoas neuroatípicas, devido à rigidez cognitiva, desregulação emocional e dificuldades na comunicação e interação social. Esses fatores frequentemente resultam em frustração, tristeza e desesperança, tornando-os mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos mentais. Muitos relatam sofrimento relacionado à sensação de não pertencimento e à falta de validação de suas dificuldades. Este trabalho tem como objetivo discutir os principais sintomas que persistem na vida adulta e refletir sobre possíveis ações político-sociais que possam mitigar tais impactos. Para isso, foi elaborado um questionário com 11 questões de múltipla escolha, aplicado a 10 adultos emergentes e 10 adultos intermediários diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A coleta de dados foi realizada por meio de divulgação via QR code em redes sociais, com aceite formal através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados estão sendo analisados com o software estatístico Jamovi. A partir dos resultados, será elaborado um protocolo de grupo terapêutico voltado às principais demandas identificadas, com intervenções adaptadas a diferentes contextos.

Palavras-chave: adulto; autismo; avaliação; intervenção



Rupturas e Reconstruções: o trauma do abuso sexual infantil e seus impactos

Andrea Goldani Pinheiro/ Maria Eduarda da Silva Seixas Rangel

O abuso sexual infantil é uma das formas mais graves de violência e, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), um dos maiores problemas de saúde pública atualmente, cujas consequências ultrapassam a infância e reverberam de forma significativa na vida adulta das vítimas. Estima-se que milhões de crianças em todo o mundo sejam afetadas por esse tipo de violência, sendo as meninas as principais vítimas, especialmente em contextos familiares. Este estudo propõe investigar os impactos psíquicos e emocionais do abuso sexual na infância na vida adulta de mulheres, com foco na compreensão subjetiva de suas vivências e no papel da psicoterapia no processo de ressignificação do trauma. A pesquisa, de natureza qualitativa, está fundamentada em revisão bibliográfica e entrevistas com mulheres adultas que foram vítimas de abuso na infância. Os aportes teóricos de Bessel van der Kolk, Gabor Maté e John Bowlby oferecem base para analisar como o trauma afeta a constituição do self, a formação de vínculos afetivos, a percepção de si e a capacidade de resiliência. Também se discute como o silenciamento social e familiar intensifica o sofrimento, contribuindo para sentimentos de culpa, vergonha e fragmentação da identidade. A escuta clínica sensível e acolhedora é proposta como ferramenta fundamental para a reconstrução subjetiva das vítimas, permitindo que novas narrativas sobre si mesmas possam emergir. Com isso, este trabalho visa contribuir para a ampliação do debate sobre os efeitos de longo prazo do abuso sexual infantil, além de fomentar práticas terapêuticas mais humanas, éticas e eficazes no cuidado psicológico de mulheres sobreviventes.

Palavras-chave: abuso sexual infantil; trauma psíquico; psicoterapia; ressignificação.



Para Além do Diagnóstico: A Importância dos Aspectos Subjetivos na Avaliação Neuropsicológica

Andrea Gavazzi Cardoso Félix/ Leticia Vitória Silva Peçanha/
Silvéria Beatriz Andrade/ Andrea Goldani Pinheiro

A avaliação neuropsicológica é um processo de investigação das funções cerebrais através do estudo do comportamento. Trata-se de uma caracterização qualitativa e quantitativa do sujeito e que envolve estudo intensivo do comportamento feito em etapas a partir de ferramentas normatizadas. A busca do processo avaliativo tem como principal objetivo um diagnóstico e possíveis encaminhamentos. No entanto, nem sempre a referida avaliação tem como resultado o diagnóstico de transtorno mental que é definido como uma síndrome caracterizada por uma perturbação clinicamente significativa na cognição, regulação emocional ou comportamento de um sujeito, mas sim, de um sofrimento psíquico que se refere a uma experiência subjetiva de desconforto emocional, dor psicológica ou angústia. A partir da prática de avaliação neuropsicológica aplicada pelo Grupo de estudos e pesquisa em Neurociências do Unilasalle RJ, que ocorre em ambiente presencial, num contexto clínico supervisionado, utilizando testes neuropsicológicos padronizados, entrevistas clínicas e observação comportamental chegou-se a resultados, onde foi possível observar a importância de considerar os aspectos sociais, históricos e afetivos do sujeito, além dos dados objetivos. As discussões construídas durante o processo evidenciaram a necessidade de um olhar ampliado sobre a saúde mental, que reconheça a diferença entre sofrimento subjetivo e transtorno mental formalmente diagnosticado. A reflexão proposta aponta para uma prática clínica mais humanizada e crítica, que respeita a complexidade da experiência psíquica.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico; transtorno mental; avaliação neuropsicológica; diagnóstico.



Comunicação que Cuida: Fortalecendo Saúde Mental e Trabalho em Equipe na Enfermagem

**Maria Liliane Edmundo Pires de Almeida/ Andrea Garcez Macambira/
Isabela Lima da Costa/ Maria Eduarda Simões/ Nelson Schneider Roque**

Este relatório apresenta a experiência de estágio em Psicologia Organizacional e do Trabalho, componente obrigatório do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá. A atividade foi realizada no Hospital Municipal Maternidade Carmela Dutra, referência em gestações e partos de alto risco no município do Rio de Janeiro. A intervenção teve como foco o fortalecimento da equipe de enfermagem, com ênfase na promoção da saúde mental, na escuta ativa e na melhoria da comunicação no ambiente de trabalho. No contexto hospitalar, a comunicação eficaz é essencial para a segurança do paciente e o bom funcionamento das equipes. A sobrecarga emocional e a pressão vivida pelos profissionais da saúde tornam esse cenário ainda mais desafiador, comprometendo a qualidade das interações e o bem-estar da equipe. Diante disso, a proposta teve como objetivos: sensibilizar a equipe para uma comunicação assertiva e escuta ativa; refletir sobre a prevenção de conflitos interpessoais; identificar sinais de estresse entre os profissionais; e promover estratégias de autocuidado e suporte emocional. A adoção de práticas baseadas na empatia, no apoio mútuo e na escuta qualificada é alinhada à Política Nacional de Humanização e contribui para vínculos mais sólidos e redes colaborativas no cuidado. As atividades envolveram dinâmicas em grupo, rodas de conversa e práticas de mindfulness, realizadas ao longo de três dias consecutivos em diferentes setores da maternidade. Os resultados indicaram alto engajamento e impacto positivo no ambiente de trabalho. A experiência reforça o potencial da Psicologia como ponte entre o bem-estar subjetivo dos trabalhadores e as transformações possíveis no ambiente organizacional, especialmente em contextos marcados por intensas exigências emocionais e relacionais.

Palavras-chave: psicologia organizacional; escuta ativa; ambiente hospitalar; mindfulness.



Grupo de Homens na Atenção Primária: Experiência de Promoção da Saúde Mental

Simone Biangolino/ Leonardo Mendonça Correa/ Mauro Ribeiro de Castro

Este trabalho relata a experiência da condução de um grupo não terapêutico de desenvolvimento pessoal com homens, realizado em uma Clínica da Família no bairro do Rio Comprido, Rio de Janeiro/RJ. A iniciativa, vinculada ao estágio obrigatório em Psicologia com ênfase em Saúde, teve início em agosto de 2024 e permanece em andamento, com encontros semanais. Participam, em média, cinco homens entre 30 e 50 anos, moradores da região e usuários da atenção primária à saúde. O grupo se propõe como um espaço de escuta, acolhimento e reflexão sobre masculinidades, vínculos e saúde emocional, promovendo o fortalecimento subjetivo e a ampliação da consciência crítica dos participantes. A abordagem adotada é sistêmica, com base na teoria de Pichon-Rivière e nos princípios dos grupos operativos, compreendendo o grupo como um sistema aberto, em constante interação com seu contexto sociocultural. Ao longo dos encontros, temas como aceitação, relacionamentos, vício em tecnologia, bullying e expressão emocional foram abordados conforme as demandas emergentes. A psicoeducação é utilizada como ferramenta para promover o autoconhecimento, desnaturalizar padrões de masculinidade tóxica e incentivar práticas de cuidado consigo e com o outro. Além disso, o grupo se configura como um espaço de exercício da cidadania, ao possibilitar que os participantes se reconheçam como sujeitos de direitos e responsáveis pelo cuidado em saúde. Entre os efeitos observados, destacam-se a formação de uma rede de apoio, a melhora nos relacionamentos interpessoais e o aumento da sensibilidade nas relações. Os relatos indicam que o sentimento de pertencimento e a possibilidade de serem ouvidos foram fundamentais para a construção de vínculos mais saudáveis. A experiência evidencia o potencial transformador de espaços coletivos voltados à saúde mental masculina, especialmente em territórios marcados por vulnerabilidades sociais.

Palavras-chave: Grupo de Homens, Saúde Mental. Atenção Primária



Integração Teoria-Prática em Psicoterapia com Crianças: Uma Experiência Formativa na Graduação

**Simone Biangolino/ Ricardo de Moraes Oliveira/ Leila Maria Barbosa/
Raquel da Silva Emerich**

A experiência prática vivenciada pelos discentes da disciplina Psicoterapia com Crianças – ofertada pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) – possibilitou aos graduandos em Psicologia a oportunidade de integrar teoria e prática por meio de uma proposta pedagógica centrada na simulação realista e no atendimento supervisionado de casos clínicos. Este trabalho tem por objetivo compartilhar a potência desta experiência no contexto da formação em Psicologia, destacando suas contribuições tanto para o aprendizado discente quanto para o atendimento das demandas da comunidade. A atividade prática envolveu as etapas do processo avaliativo inicial infantil, sob supervisão direta da docente responsável. Os atendimentos foram realizados com crianças encaminhadas por médicos da Clínica da Família Estácio de Sá, localizada na zona norte do Rio de Janeiro, contribuindo para o acolhimento de uma demanda por atendimento psicológico infantil no território adscrito. Ao final do semestre, foi aplicada uma avaliação de reação com o propósito de captar a percepção dos estudantes sobre a experiência vivida e traçar seu perfil sociodemográfico. Os resultados revelaram a alta valorização da prática supervisionada como instrumento formativo, além da relevância atribuída à escuta qualificada e à postura ética no manejo clínico infantil. A proposta revelou-se eficaz não apenas na formação técnica, mas também na sensibilização dos futuros profissionais para os desafios concretos do cuidado psicológico na infância na Atenção Primária à Saúde.

Palavras-chave: formação em psicologia; psicoterapia com crianças; clínica da família.



Supervisão de Estágio em Psicologia: Experiências e Práxis na Clínica da Família

Simone Biangolino/ Ricardo de Moraes Oliveira/ Marina Monteiro de Melo

A supervisão em Psicologia constitui uma etapa essencial para a formação de profissionais críticos, éticos e que realizem, em suas práxis, um fazer psi alinhado aos princípios e valores que norteiam a psicologia brasileira. Este trabalho possui por objetivo refletir sobre o papel da supervisão no contexto do estágio em Psicologia da Saúde, a partir da experiência na Clínica da Família Estácio de Sá – situada na zona norte do Rio de Janeiro – no primeiro semestre de 2025. A proposta destaca a supervisão como espaço de acolhimento, escuta e troca de saberes, contribuindo para o desenvolvimento de uma postura reflexiva frente as demandas dos usuários. A partir da apresentação de um estudo de caso, evidencia-se como a supervisão promoveu a articulação entre teoria e prática, fortalecendo a compreensão do fenômeno psi em sua complexidade. Além disso, são apresentados o perfil dos usuários atendidos, os motivos para encaminhamento dos usuários à equipe de estágio em psicologia e a relevância do trabalho conjunto com as equipes da Estratégia Saúde da Família. As atividades supervisionadas se revelam como dispositivos de elaboração e permitem que os graduandos construam intervenções mais contextualizadas, éticas e humanizadas. O estudo reafirma o papel da supervisão como eixo central na formação e prática em Psicologia, especialmente no contexto de Atenção Primária à Saúde.

Palavras-chave: formação em psicologia; estágio supervisionado; clínica da família.



O Aprendizado Colaborativo e Supervisionado na Graduação

Flávia do Nascimento Archer/ Camila Ellen Souza da Silva/
Larissa Miranda Sampaio Costa

Este trabalho versa sobre as práticas de extensão, produções e reflexões acadêmicas desenvolvidas no período de 2025.1, durante as aulas de Psicoterapia com Crianças, e sua metodologia. O primeiro contato que o aluno de psicologia tem com a prática do atendimento clínico é durante a matéria de Estágio Obrigatório, geralmente ministrada nos últimos três períodos da Faculdade. Porém, neste semestre, a professora propôs uma vivência prática dos assuntos abordados em sala, baseada na teoria do Nível de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky, que se refere à distância entre o que a pessoa já consegue fazer sozinha e o que pode alcançar com a ajuda de alguém mais experiente. Assim, alunos de diversos períodos puderam ter suas primeiras experiências, supervisionados pela docente e auxiliados por um aluno estagiário. Para isso, os alunos se dividiram em grupos de três, formados por um aluno estagiário e dois alunos de períodos mais baixos, e receberam um encaminhamento de uma criança que estava na fila para atendimento na Clínica da Família da Estácio de Sá, um dos locais de atendimento do Estágio Obrigatório. Deste modo, o aluno que já possui experiência de campo pôde direcionar os encontros com o paciente e seus pais, a partir do seu aprendizado no atendimento supervisionado; e os alunos iniciantes puderam observar, tomar nota e atuar como auxiliares nos atendimentos. No decorrer do desenvolvimento deste trabalho, os alunos foram orientados, impulsionados e acompanhados de perto pela professora, para garantir a segurança e a ética do processo. No final do período, tivemos um momento indispensável de troca com outros grupos para relatar os casos trabalhados, aprender com diferentes pontos de vista e entender as múltiplas abordagens que podem ser utilizadas na clínica. Ademais, foi de suma importância formular as primeiras observações acerca da prática clínica através do trabalho proposto pela disciplina.

Palavras-chave: psicoterapia infantil; prática clínica; troca de experiências; colaboração entre estudantes; estágio supervisionado.



Hamlet, de Shakespeare, e a tragédia do desejo segundo Jacques Lacan

Débora Rodrigues Madeira/ Ingrid Vorsatz

O presente trabalho é fruto da minha atuação como bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa “Freud e a ciência da literatura - interdisciplinaridade na fundamentação teórico-conceitual da psicanálise”, coordenado por sua coautora na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O objetivo do projeto de Iniciação Científica consiste em uma compilação circunstanciada das referências literárias presentes nos seminários de Jacques Lacan publicados até o momento, através da revisão bibliográfica dos referidos títulos. Na esteira do empreendimento freudiano, Lacan recorre à literatura na fundamentação teórico-conceitual da psicanálise, encontrando elementos com os quais se deparava em sua prática clínica. Neste trabalho, pretendo apresentar e discutir a obra a que Lacan dedica sete lições no seminário intitulado “O desejo e sua interpretação”, proferido pelo psicanalista francês nos anos 1958 e 1959, a saber, Hamlet (1601), de William Shakespeare. Neste seminário, Lacan se propõe a recentrar a descoberta freudiana do desejo (Wunsch) e a sua função na interpretação analítica, problematizando as coordenadas do desejo a partir da hesitação e da procrastinação do príncipe dinamarquês Hamlet em relação à exigência de vingança por parte do espectro de seu pai. Intento apresentar e discutir essas coordenadas, articulando-as aos conceitos psicanalíticos de complexo de Édipo e de castração, destacados tanto pelo psicanalista francês como por Sigmund Freud enquanto elementos fulcrais para a interpretação da conduta do personagem-título. Através de um extenso comentário desta tragédia shakespeariana, Lacan aporta uma contribuição relevante para o arcabouço teórico-conceitual da psicanálise ao deslocar a problemática do desejo edipiano de Hamlet para o desejo da mãe, a rainha Gertrudes, e não o desejo pela mãe.

Palavras-chave: psicanálise; literatura; desejo; tragédia; Hamlet.



Monitoria de Psicopatologia: uma prática para além do patológico

Gabrielly de Sá Santana Cunha/ Ester Cunha Batista Regato/ Deborah Uhr

O presente trabalho apresenta a experiência de monitoria em Psicopatologia realizada no segundo semestre de 2024, vinculada ao curso de Psicologia da UFRRJ e supervisionada pela professora Deborah Uhr. A atividade constituiu-se como espaço formativo de pensamento crítico, promovendo reflexões que ultrapassaram o viés tradicionalmente patologizante da disciplina. A monitoria teve início a partir do interesse despertado pelas leituras e debates propostos em sala, que abordavam não apenas os quadros psicopatológicos e critérios diagnósticos, mas também questões estruturais da saúde mental: o surgimento da psiquiatria, as disputas sobre a etiologia da doença mental e a instabilidade das fronteiras entre o normal e o patológico. Como aponta Bezerra (2006), essas fronteiras deveriam ocupar lugar central na formação clínica, exigindo uma abordagem sensível, contextual e crítica. As atividades da monitoria incluíram plantões de dúvidas, reuniões de orientação com os grupos de trabalho, interlocução entre estudantes e docente, além da elaboração de avaliações. Esses espaços

foram atravessados por discussões importantes sobre a medicalização e a patologização do sofrimento humano, sustentadas pelas contribuições teóricas de Paulo Amarante e Benilton Bezerra Jr. A partir da perspectiva de Amarante (2007), considera-se que saúde mental não se resume à psicopatologia ou à semiologia. Na monitoria, tratou-se da reafirmação da importância de reconhecer o sofrimento como fenômeno multifacetado, muitas vezes silenciado ou fragmentado no contexto clínico. Esse olhar ampliado permitiu desenvolver um raciocínio clínico menos categorizante e mais atento às singularidades. Em síntese, a experiência de monitoria não apenas consolidou conteúdos teóricos, mas foi a possibilidade de reconhecer e humanizar as múltiplas expressões do sofrimento psíquico. Foi, ao mesmo tempo, espaço de ensino e aprendizagem, em que se aprimoraram conhecimentos já adquiridos e se abriram novas possibilidades de compreender a clínica de maneira mais humana e politicamente comprometida na luta contra a patologização.

Palavras-chave: psicopatologia; saúde mental; patologização; sofrimento mental.



A Oficina de Escrita na enfermaria psiquiátrica – pela clínica humanizada da psicose

Débora Rodrigues Madeira/ Enzo Olivieri Carvalho/ Rafael Garcia Vasconcelos/
Ingrid Vorsatz

O presente trabalho visa apresentar e discutir a nossa prática de estágio na Oficina de Escrita, realizada na enfermaria de psiquiatria da Unidade Docente Assistencial do Hospital Universitário Pedro Ernesto (UDAPq-HUPE), atividade proposta e supervisionada por uma das co-autoras deste trabalho. A Oficina de Escrita caracteriza um dispositivo terapêutico de cuidado alinhado à política de humanização da assistência no âmbito do Sistema Único de Saúde (HumanizaSUS), lançada em 2003, que preconiza uma abordagem humanizada e personalizada na assistência em saúde. Participam desta atividade os pacientes internados em situação de sofrimento psíquico grave, sendo conduzida pelos residentes de Psicologia, com a participação de estagiários do Instituto de Psicologia da UERJ. A Oficina se propõe como um espaço de escrita e de escuta, sendo realizada semanalmente na enfermaria de psiquiatria do HUPE desde o mês de agosto de 2020. A aposta é a de que a escrita possa se constituir como uma possibilidade de expressão, de criação e de elaboração subjetivas, promovendo uma forma humanizada de cuidado. A proposta se inscreve em uma concepção de clínica ampliada, buscando deslocar o foco do diagnóstico psiquiátrico para aquilo que cada sujeito pode testemunhar em relação a sua experiência singular. Ao se abrir ao imprevisível de cada encontro, sustenta uma escuta sensível e interessada, que aposta na palavra – mesmo fragmentada – como endereçadora deste testemunho. Assim, mais do que tratar a escrita como ferramenta terapêutica, ela é acolhida como gesto que pode vir a fazer sentido, em seu tempo, a seu modo, para cada um. Ao promover uma escuta de orientação psicanalítica no contexto hospitalar, a Oficina de Escrita amplia as possibilidades de cuidado ético em saúde mental, em consonância com os princípios do SUS, valorizando a singularidade e apostando na palavra como via de acolhimento, de expressão e de elaboração.

Palavras-chave: oficina de escrita; psicose; clínica ampliada; psicanálise



A Ética da Psicologia e a Clínica da Maconha e dos Psicodélicos

Débora Dottori Finocchi/ Cláudio Yuri Rodrigues da Silva/
Gabriel da Silva Pereira/ Victoria Antonieta Tapia Gutiérrez

Clínica é relacionada a substâncias psicoativas, em sua maioria ilegais, e objetiva informar sobre a transformação dos paradigmas sobre drogas em uma explanação que serve ao posicionamento da Psicologia brasileira na construção de uma nova política de drogas, pautada nos direitos e garantias fundamentais. Através da história da construção democrática da Psicologia como ciência e profissão sobre o tema da maconha e dos psicodélicos compreendemos a legitimidade e a ética de falarmos sobre drogas, desfazendo estigmas e preconceitos. É imperativo que as profissionais de Psicologia, como agentes de cuidado, se posicionem de forma aberta, empática e sem julgamento diante das experiências daqueles que fazem uso de substâncias. A transformação das políticas públicas e a mudança de padrões sociais dependem da capacidade de olhar para a diferença de modo a entender que a verdadeira liberdade e saúde mental se constroem, não pela repressão, mas pelo respeito à diversidade de experiências humanas. O Sistema Conselhos de Psicologia cumpre, assim, a função de orientação da categoria quanto às referências éticas para acolher uma pessoa que faz uso de maconha e psicodélicos, respeitando a autonomia, a liberdade individual e preservando direitos. Assim, enfatizamos que o uso adulto de substâncias deve ser melhor compreendido e respeitado, pois seus danos estão muito mais relacionados à violência e repressão do que danos neuropsicológicos propriamente ditos e que deve ser compreendido dentro do contexto das experiências humanas espirituais, terapêuticas, recreativas ou de autoconhecimento, e não como algo patológico. Reivindicar uma nova política de drogas, alinhada com os princípios da Psicologia crítica, da ética, do cuidado e da luta antiproibicionista, baseada nos direitos e garantias fundamentais, significa reconhecer que a liberdade e a saúde mental não se constroem com repressão, mas com escuta, respeito e justiça social.

Palavras-chave: ética; clínica; política de drogas; direitos humanos.



A relação mãe e filho usuário e as funções do masculino e feminino

Victoria Antonieta Tapia Gutiérrez

O presente trabalho tem como tema a relação mãe e filho - homem, usuário de álcool e outras drogas e como objetivo descrever e observar como se constituiu esta relação e quais as possíveis influências para ambos. Relação que em alguns momentos parece ser infantilizada e marcada por intensa proteção e dependência. Sendo importante considerar o papel social imposto às mulheres, que atravessa com potência a relação mãe e filho e de que modo as cobranças socioculturais exigem que a mãe permaneça oferecendo amamentação, reforçando as relações de dependência emocional e financeira. Considera também as construções culturais sobre o masculino e o feminino, sobre os papéis do que é ser mulher e ser homem, da obrigatoriedade da vivência da maternidade que é planejada social e patriarcalmente, sendo naturalizada através das décadas.

A sociedade patriarcal incentiva a competitividade e enfatiza a diferença de papéis. O homem tem que ser forte, mas a mulher deve ser suave e, ironicamente, mais forte ainda, pois sua função abrange o cuidado de si com o objetivo de estar bem para cuidar do outro.

A metodologia se deu a partir de levantamento bibliográfico, incluindo temas relacionados ao gênero, ao feminino, à maternidade e ao processo sócio cultural do que é ser mãe, sobre homem usuário e a parentalidade, além de entrevistas semiestruturadas, pautadas na abordagem qualitativa, com mães de homens usuários, e com homens usuários, que vivem ou retornaram a casa de suas mães. Entrevistas que possibilitaram a escuta das crenças, hábitos, atitudes e opiniões das mães e filhos ouvidos.

Por fim, o presente trabalho apontou para a importância de um olhar e de ações com foco nas questões do feminino, da maternidade e dos filhos homens, construídas socialmente, para que possamos construir intervenções mais efetivas no contexto dos tratamentos oferecidos.

Palavras-chave: feminino, masculino, maternidade, relação mãe e filho, uso de drogas



Preconceito e Não Acessibilidade nas Cidades com Relação às Pessoas com Deficiência

Paulo Cardoso de Moura Neto

Os valores socioculturais são determinados pelo meio e pelo momento histórico no qual o indivíduo se encontra inserido. Estas regras e normas estão presentes nos mais diversos contextos. Com relação à pessoa com deficiência, observa-se que a dinâmica social se torna um pouco mais endurecida, fazendo com que questões como preconceito e segregação venham à tona. Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. A acessibilidade se faz importante, pois assim, há inclusão social, sendo que quando a sociedade modifica o ambiente urbano, todas as pessoas podem ter acesso, participar juntas e ativamente nos mesmos locais. O seguinte trabalho mostra o preconceito com relação as pessoas com deficiência, a dificuldade de acessibilidade nas cidades e algumas iniciativas de acesso, demonstra e exemplifica serviços na área da saúde, da cultura, da educação e de lazer e reflete sobre dar dignidade para essas pessoas. Os participantes são pessoas com deficiência na cidade do Rio de Janeiro e em outros municípios do Brasil e o procedimento de produção de dados é bibliográfico, pois é utilizado artigos acadêmicos e periódicos que retratam o preconceito, o descaso, alguns projetos de inserção e atenção para elas. A sociedade e a população em geral têm que garantir a saúde, a educação, o trabalho, enfim todos os direitos para pessoas com deficiência. A acessibilidade e a inclusão devem ser garantidas, além dos indivíduos ao redor não as segregar, pois todos inclusive desse segmento são seres humanos como qualquer um no mundo.

Palavras-chave: deficiência; acessibilidade; inclusão; preconceito; sociedade



Literatura e Trauma: O Fazer Literário como Processo Político de Luto

**Marcelo Santana Ferreira/ Daniel Oliveira de Farias/
David Rodrigues Macedo Filho**

Na pesquisa “Políticas e poéticas da transmissibilidade em psicologia social”, composto por docentes e discentes da UFF, estamos investigando como a literatura se apresenta enquanto um espaço privilegiado de elaboração psíquica e política do trauma decorrente da experiência de violência vivida pelos países sul americanos no século XX e na contemporaneidade. A partir da leitura - em grupo - de obras literárias, o exercício coletivo de reimaginar histórias outras aponta que as palavras do narrador não devem se encerrar no texto. Este trabalho defende que o fazer literário é um procedimento que desloca os sujeitos de um posicionamento melancólico para a possibilidade do estabelecimento do luto diante das mortes e desaparecimentos operados pelas tecnologias perversas das ditaduras latinoamericanas. Entendemos a melancolia como estado de paralisia frente a perda, na medida em que o sujeito se encontra radicalmente identificado com o objeto perdido, enquanto o processo lutuoso implica uma tomada de posição ativa frente a perda do objeto amado - o que representa uma importante conquista psíquica e, sobretudo, política. Esta conversão da melancolia ao luto é correlata ao movimento que se pode fazer do lugar de vítima ao lugar de testemunha, e a articulação da testemunha encontra na literatura um espaço privilegiado. A história interrompida pelas narrativas no espaço clínico e literário se metamorfoseia na oportunidade política e psíquica de fazer justiça aos mortos, de instituir práticas de contar história que contrapõe-se a linearidade e a teleologia, características das normativas que não cessam de vencer no espaço-tempo exíguo de nossa contemporaneidade. Assim, a literatura, enquanto um espaço de simbolização, resiste aos dispositivos que silenciam e as tecnologias de desaparecimento, que impedem a elaboração do luto. Doravante, apostamos que o fazer literário é o solo propício para que outras memórias sejam inscritas e escritas.

Palavras-chave: Luto; Melancolia; Literatura; Trauma, Testemunho



Falta de tempo, troca de tempo e saúde mental

Simara Barreto Dias

Entendendo o viés capitalista que atravessa o tempo cronológico na sociedade contemporânea e o tanto de adoecimento que produz, faz-se necessário a criação de novos usos do tempo. A partir deste entendimento, surge a necessidade de criação de novos dispositivos de cuidados. A partir da observação dos pacientes e das pessoas de um modo geral em encontros de naturezas diversas, constata-se que a queixa de falta de tempo é um sintoma do contemporâneo. Paralelo a isto, outras queixas que aparecem são de tristeza, solidão, ansiedade, depressão, muito tempo na tela do celular, entre outras, que também podem ser consideradas sintomas do contemporâneo. Com o nome inspirado em encontros realizados por profissionais de rede de saúde mental de São Paulo, aqui em nossa unidade básica de saúde cria-se a Feira de Troca de Tempo como um espaço de encontro e espontaneidade onde tudo é possível acontecer, inclusive dedicar tempo a si próprio e ao outro. A ideia de promover encontros quinzenais com duração de duas horas sem obrigação de fazer algo pré-determinado deu forma a este dispositivo. Sentir e descobrir na hora do encontro o que estamos com vontade e o que podemos fazer juntos é uma forma de se olhar, se perceber e se sentir, algo raro na atualidade. Neste 'espaço-tempo' tem sido possível cantar, dançar, conversar, comer comidas saudáveis, trocar receitas, jogar, aprender a mexer no celular, fazer e receber massagem, chorar, rir, gargalhar... Oferecer a oportunidade de trocar a maneira de sentir o tempo e de trocar tempo com o outro dedicando-se a atividades coletivas tem sido uma forma de cuidado muito potente. Promove o autocuidado, o cuidado com o outro e a criação de vínculos. A constatação é de que criar a oportunidade de experimentar novas temporalidades tem promovido saúde.

Palavras-chave: tempo; encontro, vínculo; saúde.



Terapia, terra, terrapia...

Simara Barreto Dias

A busca exacerbada por medicamentos e psicoterapia tem sido uma realidade constante nas unidades básicas de saúde. Acompanhada de reiteradas queixas de sintomas compatíveis com ansiedade e depressão, esta busca parece ter a ver com vivências da atualidade. Em tempos de neoliberalismo, o capitalismo tem imposto uma vida apressada, tecnológica, bastante artificial e adoecida. Vive-se com tristeza, medo, sem vínculos, alimenta-se mal, faz-se uso exagerado de remédios e assim a vida vai perdendo a sua potência. Pensando nesta realidade, na demanda apresentada acima e na responsabilidade da psicologia enquanto prática atenta às estratégias de produção de subjetividade na contemporaneidade, entendemos que era necessário criar estratégias de cuidado que reconectassem as pessoas com a própria vida, com outras pessoas e com a natureza. Com o objetivo de ofertar para elas a oportunidade de produzir saúde por meios diferentes do acompanhamento individual e da medicação, nos inspiramos em um projeto da Fiocruz intitulado Terrapia para criar uma Oficina de Horta e Plantas. Apostamos que mexer na terra e plantar são atividades terapêuticas que aproximam as pessoas da natureza e ajudam a relaxar e acalmar. Apostamos também que aprender a plantar e consumir ervas e alimentos sem agrotóxico que podem prevenir e, ao mesmo tempo, tratar doenças, é uma forma de produzir autocuidado e saúde para o corpo e a mente. O formato de encontros semanais em um ambiente acolhedor e a realização de passeios mensais para lugares que tenham a ver com a temática de planta ou horta, vem funcionando há mais de um ano. Como resultado temos observado o surgimento de amizades, redes de suporte e solidariedade, antes inexistentes. É muito evidente a redução da demanda por atendimentos individuais e por medicação. Mexer na terra coletivamente transformou-se em uma nova forma de terapia: terrapia.

Palavras-chave: terra; planta; terapia; terrapia.



Evidence-Based em Psicologia e o empuxo à universalização da Ciência

Cláudio Jonathan Matos de Araújo/ Vinicius Anciães Darriba

O surgimento da Prática Baseada em Evidências no campo da medicina na década de 90 produziu, em terrenos alheios à prática médica, influência necessária para a extensão dessa atividade em outros campos de estudo, como a Psicologia. Com o advento da Prática Baseada em Evidências em Psicologia (PBEP) no início dos anos 2000 a partir das forças-tarefas realizadas pela Associação Americana de Psicologia (APA da sigla em Inglês), buscou-se, com este trabalho, identificar o surgimento de seus pressupostos utilizando os documentos produzidos e publicados pela APA, bem como, a de praticantes da PBEP. Notou-se que, ao formular uma prática que se estabelece a partir de um modelo oriundo da Medicina, tem-se para o campo diverso das abordagens em Psicologia, uma tentativa de conceber à esta uma régua de cientificidade que concerniria somente àquela. Visto que a busca por evidências nos moldes da PBEP, excluiria de antemão outros saberes acerca da psiquê humana que não comportariam o modelo estatístico do qual o Evidence-Based baliza sua prática e noção de cientificidade, propomos uma reflexão acerca desta que, a partir dos seus esforços de se colocar enquanto científica, marginalizaria outras práticas de tratamento enquanto “pseudocientíficas”. Questionar quem determina o que é ciência ou não no campo Psi seria, ao nosso ver, de caráter urgente, já que é a partir do prestígio social e político que o significativo “científico” carrega no contemporâneo, que algumas formas discursivas acerca do sofrimento psíquico seriam chanceladas em detrimento de outras, e em consequência, formas de tratamento. Assim, percebemos que por trás da busca por evidências, há uma disputa política, social e econômica, já que é pela rúbrica do que é tido como ciência, que se determina como se diz o sofrimento psíquico, como se trata, e como se financia esse tratamento.

Palavras-chave: Psicologia; Evidência; Ciência; Política.



O remorrer da ancestralidade no COM-POR UERJ Pessoas Negras

Letícia da Silva Lapa Guimarães/ Andriellen Vitória Borges Martins/
Loise Lorena do Nascimento Santos/ Alexandra Cleopatre Tsallis

O COM-POR UERJ surge como mais uma ferramenta da inteligência negra, possibilitando o remorrer da ancestralidade. O remorrer, como diz Leda Maria Martins, é uma volta, uma repetição e uma memória do porvir, o que faz com que nós, pessoas negras, nos reconectemos com nossa ancestralidade, possibilitando que nossos saberes ancestrais tenham novamente agência em nosso corpo. O COM-POR UERJ torna-se essa ferramenta do remorrer da ancestralidade, do nosso recontato com os saberes ancestrais, nos fazendo perceber que não estamos sozinhos e que nossa história não se resume à dor e sofrimento, mas também que somos potências. Ancestralidade é viva e circular, espiralada no tempo e saberes, manifestando-se na coletividade, individualidade e cultura. Perceber outras pessoas negras é assentar em nosso corpo essa interconexão com os nossos, fortalecendo a nós mesmas e fortalecendo o outro: é a Pele Coletiva, segundo Loise Lorena (2022). O COM-POR UERJ Pessoas Negras é um grupo terapêutico formado com e por pessoas negras, caracterizando-se como um Dispositivo de Regeneração Social (DRS). Este DRS foi criado em 2019 no Laboratório afeTAR, uma unidade de desenvolvimento tecnológico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), coordenado pela professora doutora Alexandra Tsallis. Logo, este grupo terapêutico possibilita que pessoas negras, que representam um grupo vulnerabilizado e subalternizado, ao terem acesso a este espaço de cuidado e escuta, possam ser fortalecidas. O COM-POR UERJ representa uma tecnologia social-ancestral, sendo um dispositivo que aposta na transformação social e no cuidado da população negra, alinhado à Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Atuando também a partir de saberes ancestrais, a coletividade, a oralidade e a roda são elementos que vão tecendo conexões. Forma-se um espiralar de histórias e potências: no coletivo, conseguimos nos reconectar com Sankofa, aprender com passado, viver um presente com qualidade e sonhar com futuro.

Palavras-chave: ancestralidade; COM-POR UERJ; remorrer; pessoas negras.



Desenvolvimento e Aquisição da Linguagem em Criança com TEA

**Gabriel dos Santos Fonseca/ Camilly Rodrigues Sales Da Silva/
Leticia Aparecida Cordeiro Lucio/ Ana Claudia de Azevedo Peixoto**

O processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem pode ser entendido sob diferentes perspectivas teóricas, como a gramática generativa de Chomsky, que enfatiza bases inatas, e a abordagem comportamental de Skinner, que destaca a aprendizagem contingencial. Esse desenvolvimento ocorre em etapas associadas a faixas etárias, sendo o vínculo entre criança e cuidador essencial para o estímulo da comunicação. Este trabalho apresenta resultados de um estudo de campo realizado na disciplina Pensamento e Linguagem (UFRRJ), analisando a interação entre uma mãe de 32 anos e seu filho de 7 anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e TDAH. A coleta de dados consistiu na filmagem da dinâmica familiar, previamente autorizada por termo de consentimento. Os resultados revelaram que a criança produziu uma média de 2,85 palavras por frase, enquanto a mãe utilizou 4,41, indicando uma diferença significativa. A baixa média da criança pode ser associada ao TEA, que frequentemente afeta a linguagem e a interação social. Além disso, observou-se a ausência do maternalês (fala adaptada para crianças) pela mãe e dificuldades articulatórias no filho. Outro aspecto relevante foi o uso excessivo de telas (celular) durante a interação, o que pareceu reduzir as oportunidades de comunicação ativa, potencialmente impactando o desenvolvimento linguístico. Conclui-se que, além das particularidades do TEA e do TDAH, fatores ambientais como a exposição a dispositivos eletrônicos podem influenciar negativamente a qualidade das trocas comunicativas. O estudo reforça a necessidade de estratégias adaptadas para promover a linguagem em crianças neurodivergentes, destacando a importância da mediação parental sem interferências tecnológicas.

Palavras-chave: linguagem; aquisição; TEA



Vínculo terapêutico com vítimas de violência infantojuvenil: um relato de experiência

Gabrielly da Cruz Gomes Marques/ Thaimine Kyra Rodrigues/
Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

O presente trabalho apresenta um relato de experiência realizado durante estágio profissional específico, no atendimento psicológico a crianças e adolescentes vítimas de violência pelo Laboratório de Estudos sobre Violência Contra Crianças e Adolescentes, na UFRRJ. O objetivo do trabalho é discutir a importância do fortalecimento do vínculo terapêutico como recurso central na psicoterapia com pacientes em contextos de acolhimento institucional. A intervenção foi embasada na Terapia do Esquema - abordagem integrativa que valoriza não apenas aspectos cognitivos e comportamentais, mas também emocionais e relacionais, permitindo uma escuta mais ampla e afetiva. O caso refere-se a uma paciente de 9 anos, acolhida institucionalmente com seus irmãos em razão de negligência e violência sexual. A queixa inicial era o intenso medo de abandono, ansiedade em situações de despedida e dificuldades para elaboração do luto. O plano terapêutico priorizou o fortalecimento do vínculo como ferramenta reparadora, utilizando recursos simbólicos e afetivos, como a leitura do livro *O Fio Invisível*; a construção de uma pulseira da amizade; e atividades de escrita terapêutica com fins de facilitar o sentimento de segurança da paciente dentro dessa relação e promover uma reparação emocional voltada às necessidades de vínculo seguro, proteção e validação afetiva. Os resultados observados apontam que o fortalecimento do vínculo terapêutico contribuiu significativamente para a redução da ansiedade, para o desenvolvimento da confiança na relação terapêutica e para a criação de um espaço seguro que favoreceu a expressão emocional. Conclui-se que, no atendimento a crianças e adolescentes em situação de violência, especialmente aquelas em acolhimento institucional, o fortalecimento do vínculo terapêutico se configura como um facilitador fundamental de reparação emocional, promoção do desenvolvimento psicológico e estabelecimento de segurança para o engajamento no processo terapêutico por parte do paciente.

Palavras-chave: vínculo; crianças; adolescentes; violência; acolhimento institucional.



Racismo e produção de saúde a partir da história e cultura negra

Simara Barreto Dias

A partir do compromisso ético-político da psicologia e das questões sociais apresentadas pela população atendida em uma unidade básica de saúde localizada no centro do Rio de Janeiro, na região conhecida como Pequena África, percebeu-se que para promover e produzir saúde seria preciso muito mais do que um consultório. Ultrapassar os muros da unidade de saúde e utilizar este território tão rico historicamente e culturalmente passou a ser um imperativo para o trabalho em saúde mental. Sabe-se que o racismo e as desigualdades étnico-raciais são determinantes sociais da saúde. No campo da saúde mental, o adoecimento psíquico da população negra por conta do racismo é evidente. As Políticas Nacional e Municipal de Saúde Integral da População Negra inspiraram o desenvolvimento de atividades envolvendo os equipamentos culturais que conservam e contam a história do povo negro naquele território. Tanto a população em geral, quanto os funcionários da unidade têm sido convidados a fazerem passeios guiados na região histórica, assim como visitas guiadas às instituições guardiãs da cultura e história afro-brasileira. A fim de minimizar os danos do racismo, entende-se que um modo de fortalecer e aumentar a autoestima da população negra é oferecer a oportunidade de conhecer e se apropriar de sua história e de poder perceber o seu valor pessoal, histórico e ancestral. Oferecer à população branca a oportunidade de perceber os seus privilégios e implicar-se de forma consciente e responsável na problemática do racismo em nossa sociedade também minimiza danos. A promoção periódica de atividades que ampliem consciência e promovam saúde tem sido uma ferramenta de trabalho e uma aposta. Não há como pensar a saúde física e mental de um sujeito sem pensar em sua história, na história da sociedade e nos efeitos do campo social em seu corpo e em sua mente.

Palavras-chave: racismo; saúde; território



Fundação da Liga Acadêmica de Neuropsicologia Clínica e Experimental

Jenifer Julie da Silva Chaves/ Luzia Mesquita de Abreu/
Matheus Filgueira de Oliveira Franco Martins/ Nadja de Abreu Carvalho/
Cátia Martins Leite Padilha/ Renata Alves Paes

A graduação em Psicologia oferece uma formação diversificada, preparando os alunos para atuarem em diferentes contextos profissionais. Contudo, devido à extensão do currículo, muitas vezes não há espaço suficiente para aprofundamento nas especificidades de determinadas áreas, como a Neuropsicologia. Nesse sentido, os projetos de extensão, como as ligas acadêmicas, tornam-se fundamentais para complementar a formação acadêmica, oferecendo oportunidades de aprofundamento teórico, desenvolvimento de habilidades práticas, incentivo à pesquisa e à vivência universitária. Diante dessa demanda, foi criada a Liga Acadêmica de Neuropsicologia Clínica e Experimental (LANCE), com o objetivo de promover o aprimoramento acadêmico e profissional dos discentes. A LANCE está estruturada em três eixos formativos – acadêmico, administrativo e científico –, com encontros periódicos sob a orientação de duas professoras coordenadoras. O início das atividades foi marcado por uma aula inaugural aberta aos estudantes da graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Participaram dessa atividade cinquenta e oito alunos, demonstrando interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre Neuropsicologia e suas aplicações clínicas e científicas. Ao final do evento, foi oficialmente constituído o grupo de estudos, com a apresentação dos membros fundadores e dos estudantes aprovados no processo seletivo. Os dados levantados até o momento indicam que a LANCE tem contribuído significativamente para o fortalecimento da formação acadêmica, promovendo a integração entre ensino, pesquisa e prática. Entre as ações previstas para os próximos semestres estão: (1) realização de uma Jornada de Neuropsicologia na universidade; (2) desenvolvimento de materiais psicoeducativos voltados às práticas de estágio em avaliação e reabilitação neuropsicológica; e (3) intensificação das atividades integradoras entre teoria e prática clínica. Espera-se que as iniciativas da LANCE favoreçam a consolidação de uma base teórica sólida, estimulem a troca de experiências entre alunos e preparem os discentes para os desafios do estágio e da prática profissional em Psicologia.

Palavras-chave: liga acadêmica; Psicologia; Neuropsicologia; formação acadêmica; extensão universitária.



De que preparação se trata diante de uma cirurgia?

Andréa Vieira Marcolan

O estranhamento da demanda recebida para conduzir um “grupo de preparação cirúrgica” se deu por várias peculiaridades: um único encontro e com a participação de pais e crianças. Essa proposta existe há cerca de trinta anos, um importante reconhecimento do hospital de que uma intervenção no corpo tão invasiva como uma cirurgia, pode despertar muita angústia. E uma aposta num dispositivo coletivo de fala que favorece a mobilização de recursos internos de elaboração. A idealizadora do grupo confeccionou bonecos em que é possível demonstrar como são realizadas as cirurgias, a partir do brincar de operar e técnicas de teatralização. Inicialmente conduzi o grupo no mesmo formato no qual foi desenhado, sem maiores questionamentos, mas com um certo incômodo. Aos poucos fui me reposicionando a partir da aplicação de uma leitura dos três tempos lógicos propostas pelo psicanalista Jacques Lacan: 1) Instante de ver: Ofereço um espaço de escuta para que as angústias possam aparecer: quais são, quem está angustiada e sobretudo, o que fazer diante delas. 2) Tempo de compreender: Apresento algumas considerações sobre temas mais recorrentes: anestesia, como são feitas as cirurgias e cuidados pós-operatórios. Sobre a anestesia os pais, geralmente querem saber dos riscos. Porém, para as crianças essa palavra é enigmática. Ofereço a elas, algo que me pareceu familiar ao universo infantil: os contos de fadas. Associo a anestesia com o feitiço de adormecer. Brinco que não haverá maçãs ou rocas envenenadas e mostro um desenho de uma máquina de anestesia inalatória. Em seguida, utilizo os bonecos para mostrar como as cirurgias são feitas. 3) Momento de concluir: Convido as crianças para brincarem de operar. Recolho os efeitos da participação no grupo para as crianças, famílias e equipe de saúde.

Palavras-chave: hospital, preparação, cirurgia, crianças



Terapia de Sessão Única como apoio psicológico aos professores do Ensino Médio

Joyce Gonçalves Ribeiro/ Anna Paula Menezes Pomarico/
Mario Vinicius Marques de Moraes/ Maria Claudete Silva

A proposta é apresentar o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos autores Anna Paula Menezes Pomarico, Joyce Gonçalves Ribeiro e Mario Vinicius Marques de Moraes, sob orientação de Maria Claudete Silva, ocorrido em junho de 2025 na Universidade Santa Úrsula localizada na cidade do Rio de Janeiro, sendo parte dos requisitos para conclusão da graduação do curso de Psicologia. Nosso trabalho, um artigo, analisa e propõe a aplicação da Terapia de Sessão Única (TSU), metodologia de apoio psicológico ainda pouco difundida no Brasil, para atendimento de professores do Ensino Médio brasileiro - categoria profissional das mais afetadas pela síndrome de burnout. A pesquisa se orienta pelo contexto da Gestão de Riscos Ocupacionais (GRO), especialmente após a atualização da Norma Regulamentadora-1 (NR-1), que passou a contemplar a avaliação de riscos psicossociais no ambiente de trabalho, além de discutir a atuação do psicólogo nas escolas. A partir de revisão bibliográfica entre 2014 e 2024 e pela fundamentação teórica da TSU, discute-se sua viabilidade, benefícios e relevância diante dos atravessamentos enfrentados por educadores, principalmente na relação com os adolescentes. O objetivo da pesquisa foi aprofundar estudos da TSU como possibilidade de intervenção psicoterapêutica nos fatores de riscos psicossociais nas instituições de ensino; bem como buscar diferentes estratégias de atuação da Psicologia Escolar e estimular a reflexão contínua de quem cuida de quem ensina no cenário da Educação Básica. Observamos que a TSU constitui um suporte psicológico eficaz para os docentes enfrentarem tanto aspectos organizacionais quanto o sofrimento psíquico dos adolescentes e as violências físicas e simbólicas praticadas por eles, promovendo um ambiente escolar mais saudável e acolhedor.

Palavras-chave: ensino médio; professores; saúde mental; terapia de sessão única; tsu.



Vivências do Envelhecer: atravessamentos do idadismo na autoaceitação de mulheres idosas

Tânia Padilha do Nascimento/ Marina Barros Silva/
Natelma Pinto Campana Silva/ Orientadora: Jacqueline Carrano

Tendo em vista o crescimento da população idosa no Brasil, o aumento da expectativa de vida, a exclusão frequente de pessoas idosas em estudos da área da saúde e os estereótipos negativos que atravessam o envelhecimento feminino, decorrentes dos papéis sociais historicamente atribuídos a esse gênero, pesquisa-se sobre como a fase da velhice é vivenciada por mulheres com mais de 60 anos. Nesse contexto, busca-se responder à seguinte pergunta: quais fatores dificultam a aceitação do envelhecimento por parte de mulheres idosas? Para tanto, é necessário avaliar os fatores que dificultam essa aceitação, averiguar a autopercepção dessas mulheres e a relação que têm consigo mesmas, além de verificar como o entorno social afeta sua autoestima e sua inserção na sociedade, na família e no mercado de trabalho. Realiza-se, então, uma pesquisa mista, a partir de dois encontros presenciais na Vila Olímpica Nilton Santos, localizada no bairro da Ilha do Governador, no município do Rio de Janeiro, com 16 mulheres entre 63 e 74 anos. As participantes foram divididas em três grupos, cada um conduzido por duas facilitadoras. Foram desenvolvidas quatro atividades com base em técnicas da Arteterapia, envolvendo recortes, colagens e materiais interativos, além de dinâmicas de grupo, observação comportamental e aplicação de um questionário fechado. A partir dos dados obtidos, conclui-se que os principais fatores que dificultam a aceitação do envelhecimento das mulheres incluem o impacto e a internalização dos estigmas sociais, o sentimento de invisibilidade, a dificuldade em lidar com as transformações físicas e a perda de papéis sociais, especialmente o de cuidar, o que afeta profundamente a identidade e o valor que essas mulheres atribuem a si mesmas. Portanto, destaca-se a relevância de ampliar pesquisas que abordem a velhice a partir da perspectiva de quem a vivencia, compreendendo seus efeitos subjetivos em uma sociedade marcada pelo idadismo.

Palavras-chave: envelhecimento feminino; idadismo; arteterapia.



Desafios e Possibilidades do Psicólogo Clínico na Clínica da Família

Suely Martins da Silva Brito/ Rafaelly Carolina Tabosa Campos

Este trabalho aborda os principais desafios enfrentados pelos psicólogos clínicos que atuam nas Clínicas da Família, atenção primária, dentro da estratégia de Saúde da Família do SUS. Nesse contexto, o psicólogo se depara com uma prática intensa, marcada por sofrimento psíquico atravessado, além das demandas psíquicas, questões sociais como pobreza, violências, desemprego e demais vulnerabilidades individuais e coletivas. A prática clínica tradicional precisa ser ressignificada para se adaptar a lógica do cuidado em rede, do território e do coletivo. Na Clínica da Família, a atuação se dá de forma interprofissional, exigindo diálogo constante com médicos, enfermeiros, agentes comunitários de saúde e demais profissionais da equipe. O psicólogo é chamado a desenvolver ações que vão além da clínica clássica do consultório, mas incluindo grupos terapêuticos, visitas domiciliares, atendimentos compartilhados e atividades comunitárias. Os principais desafios incluem: alta demanda, tempo restrito, falta de estrutura adequada e o desgaste emocional. Contudo, é importante evidenciar que também há potências, como: o vínculo com a comunidade, o cuidado longitudinal e a promoção da saúde mental no cotidiano das famílias. É proposto, neste trabalho, uma reflexão crítica e humanizada sobre a atuação na política pública de saúde, defendendo uma psicologia comprometida com os direitos humanos, com escuta ética e com a construção de práticas transformadoras no território onde os sofrimentos acontecem.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Clínica da Família; SUS; Prática Interdisciplinar; Cuidado em Rede.



Ética Itinerante: compartilhamento de experiências de estágios na formação em Psicologia

**Eric Davi Ferreira Arcelino/ Camilla Reis Silva/
Gabriella Miranda dos Santos Barrozo/ Yuri Santos Sanches Ficher/
Luciana Ferreira Barcellos**

Este trabalho apresentará a experiência do grupo de estágio intitulado “Ética profissional nas instituições: entre normas e práticas”, do Exotopias: núcleo de pesquisas e práticas em psicologia sócio-histórico-cultural (IP/UERJ). Uma formação ética em psicologia implica na conciliação entre as normativas construídas de forma coletiva na categoria, e a reflexão cotidiana sobre as práticas. Refletimos sobre essa temática por meio de narrativas e trajetórias de estudantes e profissionais em diferentes áreas e espaços institucionais. Buscamos analisar a ética profissional em psicologia no cotidiano, propondo reflexões sobre as práticas de cuidado de si e do outro, tendo a ética como condição de existência ético-política para além das normas, bem como analisar as implicações das nossas ações na atuação profissional para a sociedade a partir das vivências de cada equipe de estágio. Dentre as práticas desenvolvidas, destacamos a atividade que denominamos “Ética Itinerante”, que convida grupos de estágios vinculados ao Serviço de Psicologia Aplicada/UERJ para o compartilhamento de experiências, tendo a Ética Profissional como temática principal, com o intuito de levar algumas reflexões e conhecer os desafios e dilemas éticos que as equipes enfrentam nos seus campos de atuação. Em nossa metodologia, realizamos encontros com cerca de uma hora de duração divididos nos seguintes momentos: apresentação das equipes e dos campos; relatos de experiências do grupo anfitrião através de cenas, diários de bordo, citações ou poesias que envolvam dilemas, tensões e impasses atravessados pela ética; discussão coletiva sobre os relatos e experiências; reflexões sobre a definição de ética em psicologia: encaminhamentos, fechamentos, impressões sobre a atividade, sugestões, impactos e contribuições. Por fim, a atividade tem proporcionado trocas de informações e compartilhamento de conhecimentos a respeito da COE, COF, Código de Ética, Resoluções e Referências Técnicas, além de uma experiência de supervisão de estágio coletivamente compartilhada de diferentes campos de atuação.

Palavras-chave: ética; formação em psicologia; psicologia social e institucional.



Quem Cuida Precisa de Cuidados: suporte e acolhimento a mães atípicas

Raquel Alcides dos Santos/ Alex Sandro Pinto Maia/
Queite Ramos Farias/ Marcel Guimarães Rebouças/
Alessandra Lucena Brito/ Débora Cristina Pereira da Silva

O projeto de extensão universitária do curso de psicologia da Universidade de Vassouras, campus Maricá “Quem Cuida Precisa de Cuidados” busca oferecer suporte emocional e prático a mães atípicas – cuidadoras de crianças com necessidades especiais – que vivenciam altos níveis de estresse, exaustão e isolamento. Com base na escassez de recursos de apoio no município de Maricá, o projeto propõe encontros grupais mensais que funcionem como espaços seguros e acolhedores para a troca de experiências, promoção do autocuidado e construção de redes de apoio. A metodologia contempla a realização de rodas de conversa, ações em eventos comunitários, produção de conteúdos digitais e avaliação contínua das necessidades das participantes. As atividades são presenciais e contam com o envolvimento de estudantes de Psicologia sob supervisão docente. Resultados parciais indicam a adesão contínua das participantes, melhorias relatadas no bem-estar emocional, fortalecimento de vínculos entre as cuidadoras e maior visibilidade do tema na comunidade. O projeto se articula ao eixo temático “Práticas na formação em Psicologia”, ao oportunizar que os estudantes vivenciem a prática da escuta qualificada e do cuidado em saúde mental. A iniciativa reafirma o compromisso social da Psicologia, ao promover ações que visam ao fortalecimento das mulheres cuidadoras e à construção de uma sociedade mais inclusiva e empática.

Palavras-chave: mães atípicas; extensão universitária; autocuidado; apoio social; saúde mental.



Atendimento psicológico a adolescentes privados da liberdade no sistema socioeducativo do Rio de Janeiro

Karine Marinho da Silva Dantas/ Jullia Kauanny de Albuquerque Ferreira/
Letícia Alves Corrêa/ Juraci Brito da Silva

Trata-se de pesquisa de iniciação científica do curso de psicologia da universidade UNISUAM - RJ iniciada em agosto de 2024 e término previsto para julho de 2026, tendo por objetivo geral apontar os diferentes fazeres da psicologia na política socioeducativa nos espaços de privação de liberdade e seus entraves, explicitando-os à comunidade socioeducativa, à acadêmica e à sociedade. A pesquisa de campo será realizada no DEGASE - RJ, tendo cinco Eixos de análise. Neste resumo vamos apresentar algumas considerações a respeito do atendimento psicológico a adolescentes privados da liberdade. A presente pesquisa é de cunho qualitativo para tanto, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com as profissionais, incluindo a observação participante em eventos na instituição, com o objetivo de captar os sentidos, os desafios que permeiam a atuação da psicologia. O acompanhamento a adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, embora se constitua como uma prática consolidada pelo Estatuto da Criança e Adolescente (1990), ainda apresenta lacunas no que se refere à sua operacionalização no cotidiano institucional, bem como referenciais teóricos que a sustentam e as implicações ético-políticas. Nesse contexto, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio do (CREPOP), elaborou no ano de 2021 documento de referências técnicas voltado à atuação do psicólogo em unidades de internação, e no ano seguinte a Resolução nº 15 de 11 de julho de 2022. Essas produções evidenciam o compromisso ético-político da Psicologia com a garantia dos direitos dos adolescentes. Apesar desse contexto, observa-se ausência na formação acadêmica específica direcionada à atuação do psicólogo na socioeducação. Essa lacuna contribui, de certa maneira, a práticas guiadas por uma lógica intuitiva e influenciada pelas normas institucionais, rígidas e disciplinares em detrimento à aplicação sistemática das orientações propostas pelo CFP.

Palavras-chave: Psicologia, sistema socioeducativo, adolescente autor de ato infracional.



Experiência de estágio clínico com uma pessoa em luto não processado

João Pedro da Silva Belicio/ Vanessa Silveira de Brito

A vivência do autor no estágio clínico em Gestalt-terapia tem revelado a complexidade dos processos emocionais diante da perda. Este trabalho relata a experiência com uma paciente jovem, em sofrimento decorrente de um luto não processado. O atendimento exige escuta sensível e compreensão ampliada do fenômeno do enlutamento, com ênfase no cuidado ético e fenomenológico. O luto, ainda que faça parte natural da vida, pode se tornar disfuncional quando interrompido, cristalizando afetos e impedindo a elaboração da perda. Em muitos casos, o sujeito permanece vinculado à ausência como se ela ainda estivesse presente, impedindo o fluxo da autorregulação. A proposta clínica não é resolver o luto, mas sustentá-lo como possibilidade de integração à existência. A metodologia utilizada foi a vivência de estágio clínico supervisionado em um serviço-escola, com base em observações fenomenológicas e pesquisa bibliográfica em plataformas como Google Acadêmico, buscando referências sobre luto, sofrimento psíquico, clínica gestáltica e escuta terapêutica. A atuação terapêutica sustentou uma presença cuidadosa, respeitando o ritmo do outro e valorizando a expressão emocional espontânea. A experiência destaca a importância de uma postura empática e presente, que se coloca ao lado do cliente sem tentar conduzir o processo de forma diretiva. Estar com o outro, mesmo na dor, é uma via ética de cuidado que possibilita o resgate da própria capacidade de significar.

Palavras-chave: luto; estágio clínico; gestalt-terapia; escuta; sofrimento psíquico



O Lugar Institucional do Extensionista em um CAPS

Wallace Henrique Borges Machado/ Mariana dos Reis Amora Ramos/
Renata Patricia Forain de Valentim/ Cristiane Ferreira Esch

Oficina do Discurso, renomeada pelos usuários do serviço como “Amor e Amizade”, é um projeto de extensão vinculado ao Instituto de Psicologia da UERJ, realizado em dois momentos: às sextas-feiras no próprio CAPS III EAT Severino dos Santos, e nas supervisões acadêmicas semanais, nas quais procuramos identificar os atravessamentos que se manifestam nas falas dos participantes e programar as atividades. As intervenções e dinâmicas são planejadas com base neste mapeamento e resolvidas através de debates coletivos entre os extensionistas e a supervisora. O projeto possui como embasamento teórico e crítico referenciais como os da Esquizoanálise, o Movimento da Luta Antimanicolonial, o Teatro do Oprimido e os Estudos Decoloniais. As oficinas acontecem em articulação com os usuários, tendo como base produções artísticas que tematizem as demandas originadas durante as oficinas. Nesse sentido, o grupo observou como, institucionalmente, somos lidos de forma diferente em comparação com os profissionais do dispositivo. Podemos, então, repensar o lugar do acadêmico oficinairo nas instituições de atenção psicossocial, visto que essa modulação nos permite acessar os participantes de um outro lugar nessa dinâmica da transferência institucional. O que esse deslocamento produz na construção dos vínculos institucionais, seja com os usuários, seja com os profissionais do dispositivo? Como esse lugar, que se propõe a ser não institucionalizado, consegue arrumar brechas e criar rupturas para a produção de um trabalho crítico e inventivo? Com isso, visamos problematizar e questionar alguns desses analisadores na busca de (re)inventar um fazer psi sempre aliado às concepções da reforma psiquiátrica e da luta anticolonialista, que subverta a lógica neoliberal de produções de práticas institucionais no campo da saúde e mantenha a diretriz de protagonismo dos usuários.

Palavras-chave: atenção psicossocial; saúde mental; desinstitucionalização; oficinas artísticas.



Assistência psicológica em grupo na reabilitação cardíaca do Hospital Universitário Pedro Ernesto

Ana Beatriz Pinheiro Rodrigues/ Cristiane Ferreira Esch/
Ana Beatriz Dias Pacheco/ Isadora de Moraes Leite Rodrigues/
Letícia Ramos da Silva/ Lucas Grozima de Santana

O presente trabalho tem como objetivo discutir o processo de reabilitação cardiovascular a partir da inserção da Psicologia em contextos hospitalares. A reabilitação consiste em um conjunto de intervenções destinadas a restituir aos indivíduos acometidos por doenças cardiovasculares condições físicas, psíquicas e sociais que favoreçam uma existência mais autônoma. Nesse cenário, a Psicologia contribui ao promover a reflexão crítica sobre o binômio saúde/doença, estimulando a construção de uma postura ativa frente ao tratamento e à própria vida. A proposta, desenvolvida no Hospital Universitário Pedro Ernesto, visa a ampliação da assistência integral aos pacientes cardiopatas por meio da formação de discentes de Psicologia para atuação sobretudo em grupos terapêuticos. Tais grupos são organizados conforme as fases da reabilitação e fundamentam-se na abordagem gestáltica, que reconhece o paciente como agente de seu processo de cuidado. Como destacam Yalom e Leszcz (2006), a diversidade das terapias de grupo - em suas modalidades técnicas, propósitos e populações-alvo - justifica a adoção do termo terapias de grupo, especialmente em contextos clínicos diversos. No caso de indivíduos acometidos por condições médicas, os grupos psicoterapêuticos assumem papel relevante na promoção do enfrentamento, da adesão ao tratamento e do suporte social. Fatores terapêuticos como coesão, universalização, altruísmo e instilação da esperança são particularmente potentes nesse contexto, bem como o compartilhamento de informações. Nesse sentido, os grupos objetivam não apenas oferecer amparo, mas também promover psicoeducação, incentivar mudanças no estilo de vida e favorecer a ressignificação da experiência da doença. Ancorada nos princípios éticos que orientam o cuidado em saúde, como o respeito à dignidade e autonomia, a Psicologia, ao facilitar a expressão emocional e a mobilização de recursos internos, contribui para o fortalecimento do autocuidado bem como para a reorganização subjetiva diante das limitações impostas pela condição clínica.

Palavras-chave: psicoterapia em grupo; cuidado; reabilitação cardíaca; psicoeducação; gestalt.



Reflexões sobre HIV/AIDS na Psicologia: um olhar em formação

Alice Guerchon Cerveira Borges/ Luciane Stochero/ Claudia Carneiro da Cunha

A inserção em um grupo de pesquisa no início da graduação em Psicologia se apresenta como uma importante ferramenta na percepção do curso de maneira a expandi-lo para algo além do estudo de abordagens. Em se tratando de um projeto de pesquisa sobre a experiência de jovens vivendo com HIV/AIDS e a criação de tecnologias de cuidado para estes, os estudos em saúde mental encontram direcionamento se baseando em um campo teórico, mas também em uma análise do experienciar a infecção e a doença. Este trabalho busca refletir acerca de discussões sobre o HIV/AIDS a partir da minha participação no Grupo de Estudos Interdisciplinares em Saúde (GENTES), no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ao participar das reuniões semanais de desenvolvimento do projeto e discussões acerca do tema, nos deparamos com escritos do ativista e sociólogo brasileiro, Herbert Daniel. Sua obra se debruça sobre sua vivência com o HIV/AIDS no final da década de 1980 no Brasil e nos provoca a pensar sobre essa temática como parte da formação identitária dos indivíduos a partir do diagnóstico. Abordando o tema da linguagem como veículo de construção do imaginário social acerca da infecção pelo vírus e da possível doença desenvolvida, evidencia-se o quanto nossas vivências sociais influenciam a maneira como adoecemos, em especial pensando em uma condição tão estigmatizada, que produz, acima de tudo, uma “morte civil” diante da ausência de direitos básicos. Ao tratar desse assunto, alinhado à pesquisa em saúde mental, portanto, revela-se a importância de retratá-lo como um tema coletivo, com estigmas produzidos socialmente que afetam diretamente a experiência individual e social do adoecer e que exigem um pensamento na Psicologia que não se pode apartar do saber da experiência coletiva, produzindo o sujeito da doença e o sujeito político.

Palavras-chave: hiv/aids; saúde mental; psicologia



Vulnerabilidade, alimentação e obesidade infantil: o brincar na interconsulta multiprofissional do SUS.

Giulia Nantes Pacheco/ Kayla Pereira Soares/
Katiane Alves Fontes dos Santos/ Claudia Carneiro da Cunha

O trabalho versa sobre a prática de acolhimento psicológico no contexto da interconsulta nutricional no ambulatório do Sistema Único de Saúde (SUS), promovendo reflexões sobre os desafios que atravessam o cuidado alimentar de crianças e adolescentes com obesidade em situação de vulnerabilidade social. Questões territoriais, raciais, econômicas, familiares e de violência compõem um retrato de vulnerabilidades vivido por muitos usuários do serviço. O medo de julgamento e a culpa fazem-se presentes em grande parte dos casos acompanhados no campo, evidenciando a necessidade de uma atenção integral e intersetorial atenta às especificidades da vida dos pacientes. Nesse cenário, o brincar ganha destaque como instrumento terapêutico e caminho para a elaboração de sofrimentos persistentes na experiência psicossocial do público infanto-juvenil. O estágio tem como base teórica a Psicanálise do Sensível, o Brincar como conceito interdisciplinar e a Terapia Através do Movimento, referenciais segundo os quais o corpo e a sensorialidade inscrevem-se na ordem dos sentidos, possibilitando um mergulho no campo simbólico das práticas e nas subjetividades dos sujeitos. Os atendimentos ocorrem semanalmente no ambulatório de nutrição da Policlínica Piquet Carneiro (PPC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde as equipes de psicologia e nutrição atuam de forma articulada e interprofissional. As consultas visam ampliar os limites do cuidado dentro do modelo biomédico, favorecendo a apropriação infantil do espaço e a escuta das manifestações somáticas que emergem no setting analítico. A angústia frente às desigualdades sociais, os traumas deixados pela precariedade social e pelo abandono afetivo e a raiva associada à posição que a criança ocupa na configuração familiar, revelam a importância de um olhar atento às dimensões atreladas a expressão desses corpos, nesses cenários, nos quais o ser e o não-ser de crianças e adolescentes travam uma inevitável batalha na luta por existência e reconhecimento..

Palavras-chave: Alimentação, brincar, cuidado, infância, vulnerabilidade.



Efeméride dos 20 Anos do SUAS: Um Olhar sobre Teresópolis e Guapimirim

**Renata Tavares da Silva Guimarães/ Monica Cristina Martins da Silva/
Hugo Matheus Morais de Lima da Rocha/ Marisa Chaves Mariani Machado/
Enzo Luigi Barreto Gallo/ Élisson dos Santos Marinho/
Amanda Lopes Gonçalves**

Esta pesquisa pretende analisar os 20 anos de implementação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nos municípios de Teresópolis e Guapimirim (RJ), com a efeméride das duas décadas do SUAS, se entende que há uma grande quantidade de dados a serem analisados. Fundamentado na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS/1993) e na Política Nacional de Assistência Social (PNAS/2004), o trabalho aborda os princípios do SUAS, como universalidade, intersetorialidade e controle social, com foco também, nas percepções profissionais sobre os avanços e desafios da política. Os objetivos incluem: mapear equipamentos da Proteção Social Básica (PSB) identificar sentidos atribuídos ao trabalho socioassistencial e propor melhorias para a formação em Psicologia. A pesquisa, de abordagem, mista (quantitativa e qualitativa), utilizou dos dados disponibilizados pelo censo SUAS de 2023, obtido através do site do Governo do Brasil, e a coleta de dados a partir de técnicos de nível superior (psicólogos, assistentes sociais e coordenadores) atuantes há pelo menos um ano nos CRAS dos municípios. Elaborada em duas etapas: questionário online estruturado (perfil socioeconômico e avaliação do SUAS) e entrevistas semiestruturadas presenciais. Os instrumentos priorizarão questões de baixo risco emocional, com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) digital. Os dados serão analisados por triangulação, com devolutivas às equipes participantes. A avaliação dos tipos de serviços oferecidos pela PSB com foco na adequação às demandas locais, poderá detectar os principais desafios enfrentados pelos profissionais no cotidiano de trabalho, como sobrecarga de demandas, dificuldades de articulação intersetorial, entre outros. Os resultados esperados deste projeto poderão impactar tanto a prática profissional no SUAS, quanto a formação de futuros psicólogos na UNIFESO. Além disso, a pesquisa pode contribuir para a melhoria dos serviços de assistência social nos municípios de Teresópolis e Guapimirim, promovendo avanços na gestão e na qualidade dos atendimentos oferecidos à população.

Palavras-chave: SUAS; Políticas Públicas; formação em Psicologia; intersetorialidade.



Intervenções psicossociais: análise de ações comunitárias e intersetoriais em Teresópolis

Regina Carmela Emília de Resende/ Renata Tavares da Silva Guimarães/
Camilla Marra/ Marina dos Santos Del Secci/ Ana Carolina da Silva Duarte/
Larissa Siqueira de Oliveira Alves

Este estudo, vinculado ao Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas e Assistência (GRU-PPA/UNIFESO), analisa as estratégias psicossociais e comunitárias desenvolvidas em Teresópolis/RJ após o desastre climático de 2011, que vitimou centenas de pessoas e intensificou as ações das redes socioassistenciais na região. Partindo de uma abordagem interdisciplinar crítica, a pesquisa combina revisão bibliográfica sobre psicologia de desastres e metodologias participativas, como a pesquisa-ação, visando: mapear intervenções institucionais e comunitárias pós-2011; examinar processos de autogestão em territórios severamente impactados, como o Caleme e a Granja Florestal; e propor protocolos intersetoriais para gestão de riscos, baseados em educação popular e saberes locais. Os dados preliminares, coletados através de observação participante e conversas locais, revelam três eixos centrais: a formação de redes colaborativas entre moradores, universidades e serviços públicos como possibilidade de ação coletiva; a persistência de traumas não elaborados, agravados pela precarização das políticas habitacionais e assistenciais; e a emergência de estratégias informais de cuidado, mediadas por lideranças comunitárias. A análise, fundamentada teóricos da psicologia, geografia, sociologia e antropologia, demonstra que a reconstrução psicossocial exige a integração entre justiça ambiental, memória coletiva e participação política. Como contribuição, o estudo sistematiza lições aprendidas para contextos similares, destacando o papel da psicologia comunitária na articulação entre subjetividades, direitos humanos e sustentabilidade territorial. Conclui-se que a superação dos efeitos prolongados de desastres demanda modelos de intervenção que reconheçam as dinâmicas de poder locais e fortaleçam a agência dos grupos vulnerabilizados.

Palavras-chave: Psicologia Comunitária; Psicossociologia de Desastres; Intersetorialidade; Subjetividade e Território.



Projeto Ampara: uma experiência de Psicologia Jurídica Social e defesa de direitos

Ana Carolina da Silva Duarte/ Andrea Menge Silva Rocha e Reis/
Carolina Aguiar de Oliveira/ Gabriel da Silva Vargas/
Laís Junqueira Ferreira/ Claudia Vaz

O Projeto Ampara, da Defensoria Pública do Estado do Paraná (DPE-PR), é uma iniciativa pioneira e replicável em todo o Brasil, voltada para o atendimento humanizado de mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Por meio de uma plataforma online, o serviço garante acesso rápido, seguro e gratuito à orientação jurídica, medidas protetivas de urgência e suporte psicossocial, sem a necessidade de deslocamento até uma unidade física. A Psicologia, nesse contexto, rompe com os modelos clínicos tradicionais, assumindo um papel central na escuta qualificada, no acolhimento e na mediação de conflitos. O projeto é exemplo de uma Psicologia Jurídica Social, que articula direitos humanos, saúde mental e políticas públicas, promovendo o cuidado em liberdade e a não judicialização de questões subjetivas. Além de medidas protetivas, o Ampara oferece encaminhamentos para a rede de serviços, suporte emocional, produção de documentos técnicos e ações educativas. A presença da Psicologia nas Defensorias Públicas, como evidenciado pelo Ampara, é uma prática de resistência frente à burocracia e à invisibilização de sujeitos em vulnerabilidade. A proposta é que experiências como o Ampara inspirem a criação de políticas públicas intersetoriais e o fortalecimento de equipes multidisciplinares em todas as Defensorias do país, garantindo o direito à escuta e à proteção integral.

Palavras-chave: Psicologia Jurídica Social; Violência de Gênero; Defesa de Direitos.



O silêncio e a palavra: a dimensão estética na supervisão gestáltica

Renata Lopes Ribeiro Malheiros/ Jessé Guimarães da Silva

O presente trabalho é fruto da experiência vivida durante o Estágio Supervisionado em Gestalt-terapia, realizado no Serviço Escola de Psicologia, da Universidade Estácio de Sá, unidade Taquara/ R9, no Rio de Janeiro. Este trabalho tem por finalidade discutir a arte enquanto dispositivo que produz sentidos no processo de supervisão. Enquanto fenômeno presente no vínculo com o mundo, a linguagem possibilita uma comunicação através de signos e significados. Contudo, mais do que significados revelados por códigos linguísticos, as palavras trazem consigo um campo histórico, afetivo e cultural, cuja experiência vivida requer mais do que uma compreensão racional das palavras. Toma-se a supervisão não como um espaço cuja escuta encara as palavras como objetos a serem traduzidos, mas “abertura de entrega do sujeito a um mundo sensível que o convida não a decifrá-lo, mas a senti-lo” (Reis, 2011, p. 78). Assim, ao pensar a linguagem na clínica a partir de seus vínculos com a expressão e o silêncio, busca-se, por intermédio da dimensão sensível, a compreensão estética do mundo como possibilidade de produção de conhecimento. Nestes termos, o desenho é vivenciado como uma escuta enquanto expressão estética de dimensão sensório-motor- cognitiva. Um gesto artístico-clínico que emerge enquanto fronteira de contato e que torna possível a presença enquanto fenômeno estético. Nessa perspectiva, a supervisão se apresenta como ato criativo e, assim, ressignificada como espaço de criação conjunta, sustentado pela ética do cuidado, do tempo e do silêncio – compreendido não como ausência, mas como fundo relacional que permite o surgimento da figura. O trabalho propõe, assim, um olhar ético e estético sobre o exercício da clínica e da supervisão, responsável por sustentar o compromisso com o respeito à subjetividade, à alteridade e à liberdade criadora de cada pessoa.

Palavras-chave: linguagem; arte; supervisão; Gestalt-terapia.



Cyberbullying e a saúde pública mental de crianças e adolescentes

**Prof.ª Me. Margarete dos Santos Marques/ Fabiana Scofano Dias/
Wanda Lúcia Hengstler**

O advento das tecnologias digitais e das redes sociais facilitou a comunicação, bem como o acesso a muitos conteúdos até então restritos a poucos, mas também criou novos espaços para a expressão da agressividade humana. O cyberbullying surge neste contexto. No Brasil, país que promulgou o ECA, já existem normas também sobre a educação digital propostas na Nova Base Nacional Comum Curricular. A justiça brasileira criminalizou o cyberbullying e o incluiu no Código Penal sob o nome de Intimidação Sistemática Virtual. Mesmo assim, ainda fomos apontados como o segundo país no ranking do mundo em 2023. Diante da relevância desse tema, a equipe docente e discente do curso de psicologia de uma faculdade carioca, debruçou-se sobre a questão com o objetivo de refletir quanto os efeitos nefastos dessa prática na saúde mental de crianças e adolescentes, assim como as formas de preveni-los. Por meio de revisão bibliográfica, de estudo de caso, utilizando a entrevista semiestruturada com um especialista no tema, supervisões e discussões em sala de aula, o estudo confirmou as afirmações da OMS, que classifica tal prática como criminosa e como ato que ameaça a saúde pública mundial e nos ajudou a entender a importância do profissional psicólogo atuar no enfrentamento do fenômeno em duas principais frentes: no acolhimento às crianças, adolescentes e suas famílias, que vivenciaram situações de cyberbullying e na prevenção, enfrentando coletivamente o problema e possibilitando que o maior número de pessoas apropriem-se dos conceitos de direitos humanos e de cidadania digital utilizando o próprio ambiente virtual, meio em que este crime acontece.

Palavras-chave: Cyberbullying;Direito;Menores;Psicologia;Neurociência



Atenção à Saúde Mental em Situações de Violência Autoprovocada: Psicoeducação como Estratégia Transformadora

Adrielly Marcelly Vieira Silveira Coutinho/
Bárbara Magalhães Lima/ Bianca Francisco Félix da Silva/
Cristiane Fontes da Silva Cavalcanti de Albuquerque/
Margarete dos Santos Marques/ Rebeca Rodrigues Souza

A violência autoprovocada, sobretudo o suicídio, configura-se como grave problema de saúde pública, marcado por estigmas sociais e lacunas assistenciais. Este trabalho, ancorado em referenciais éticos (não culpabilização do sujeito), técnicos (protocolos de avaliação de risco) e científicos, propõe-se a enfrentar tabus mediante psicoeducação. Objetiva-se a conscientização social, identificação precoce de sinais de alerta e promoção de redes de apoio qualificadas. Metodologicamente, adota-se abordagem qualitativa descritiva, integrando 1) revisão bibliográfica em bases científicas (como a logoterapia de Viktor Frankl, que associa o ato suicida à perda de sentido existencial), e análise de políticas públicas (Lei nº 13.819/2019); 2) entrevista semiestruturada com especialista em suicidologia, evidenciando desafios clínicos e sistêmicos; 3) dados epidemiológicos (OMS, SIM) que revelam tendências alarmantes, como o suicídio como segunda causa de morte entre adolescentes brasileiros. Os resultados apontam para a crescente incidência entre jovens, associada a fatores como depressão, isolamento e contextos socioeconômicos adversos; a ineficácia de abordagens pontuais (como o “Setembro Amarelo”), que podem até agravar sofrimentos ao banalizar discussões; o despreparo de profissionais e redes de apoio, frequentemente perpetuadoras de estigmas (ex.: famílias não acolhedoras de LGBTQIA+). Discute-se criticamente a medicalização como resposta insuficiente, contrastando com a urgência de escuta qualificada e planos de segurança individualizados; a psicoeducação contínua como eixo central para desmistificar mitos (ex.: “quem fala não faz”) e promover acolhimento; a cartilha, como proposta de intervenção, enquanto instrumento democrático, capaz de orientar desde leigos até profissionais na identificação de sinais (ex.: alterações de sono, ideação persistente) e encaminhamentos adequados. Conclui-se que a transformação deste cenário exige intervenções intersetoriais, combinando rigor técnico, humanização do cuidado e disseminação acessível de conhecimento – pilares que fundamentam a proposta de intervenção aqui apresentada.

Palavras-chave: prevenção ao suicídio; psicoeducação; violência autoprovocada; cartilha informativa; saúde mental.



Promoção da Afirmção de Mulheres Egressas do Sistema Prisional do Rio de Janeiro: Uma Intervenção Socioeducativa

Adrielly Marcelly Vieira Silveira Coutinho/
Bárbara Magalhães Lima/ Bianca Francisco Félix da Silva/
Cristiane Fontes da Silva Cavalcanti de Albuquerque/
Margarete dos Santos Marques/ Rebeca Rodrigues Souza

Este projeto aborda os desafios de reinserção social enfrentados por mulheres egressas do sistema prisional fluminense, pautado em referenciais éticos de acolhimento empático e escuta ativa, e fundamentado teoricamente no empoderamento feminino, equidade de gênero e crítica ao machismo estrutural. Objetiva desconstruir o estigma de “ex-presidiária” e promover a ressignificação identitária mediante intervenções socioeducativas, alinhadas à Política de Atenção a Egressos do CNJ (2019) e à literatura sobre encarceramento feminino (Borges, 2018; Davis, 2023). Metodologicamente, realiza-se uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, baseada em entrevista semiestruturada com profissionais do Escritório Social de Bangu (RJ), equipamento vinculado à Secretaria de Assistência Social que atende egressos e familiares, para além de revisão bibliográfica, por meio de bases científicas (SciELO, PEPSIC) e documentos oficiais (CNJ, CFP). Os dados são analisados à luz de teorias críticas sobre gênero, violência estrutural e políticas públicas. Os resultados preliminares evidenciam três eixos problemáticos: 1) sub-representação feminina, em que apenas 1,4% dos atendidos no Escritório Social são mulheres egressas (contra 79% de homens), reflexo do abandono familiar e social pós-encarceramento; 2) perfil de vulnerabilidade, sendo, majoritariamente jovens, negras, com baixa escolaridade e histórico de tráfico de drogas (62%, Borges 2018), frequentemente cooptadas por relações afetivas ou financeiras; 3) naturalização da violência, uma vez que as egressas desconhecem o machismo estrutural (Sousa, 2022) e internalizam ciclos de violência, posto que 95,3% têm histórico de vitimização (Sousa, 2022). Discute-se a urgência de intervenções específicas que combatam a invisibilidade destas mulheres (Gonçalves Filho, 1998) e propõe-se, como conclusão, rodas de conversa e uma cartilha informativa como ferramentas para facilitar o acesso a direitos sociais, desnaturalizar violências de gênero e fortalecer redes de apoio, revertendo a lógica punitiva em processos de emancipação.

Palavras-chave: encarceramento feminino; reinserção social; machismo estrutural; políticas públicas; psicologia social.



Experimentações entre a Psicologia Clínica e as condições neurológicas no SUS

**Karla Valviesse/ Aline Barcellos London/
Caroline Fernandes Valentim Affonso/ Isabella de Lima Castro**

Este trabalho apresenta alguns questionamentos teóricos ao modelo de deficiência exclusivamente biomédico, a partir da vivência de estagiárias do Instituto de Neurologia Deolindo Couto (INDC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Estágio em Psicologia da Saúde. Trata-se de rever práticas capacitistas já existentes e assinalar a necessidade de perspectivas interseccionais que permitam dar a ver como alguns sistemas de opressão atuam em determinados grupos em detrimento de outros. O INDC é uma unidade de atenção secundária em saúde, que recebe pacientes encaminhados pelo SUS, através dos sistemas de regulação (SISREG), garantindo acesso ao atendimento especializado e integral. Como parte das atividades de estágio, atendemos uma população composta, em sua maioria, por adultos que já tem experiências de exclusão social pela sintomatologia apresentada. Através dos atendimentos clínicos individuais e grupais, muitos com aporte multidisciplinar, as estagiárias acolhem, discutem e acompanham com os pacientes suas vivências, marcadas por preconceitos dolorosos e reais, uma vez que estes são frequentemente lidos unicamente por seus comportamentos: pausas, tremores, silêncios, rigidez, crises. O trabalho em Estágio junto a esses pacientes visou produzir um tensionamento ativo nos limites do modelo biomédico dentro das práticas clínicas, o que finda por questionar também as políticas públicas relacionadas a essas pessoas, especialmente quando os sinais clínicos se tornam também marcadores sociais de exclusão. Além disto, a partir do Modelo Social da Deficiência (MSD), pudemos discutir a ideia de que o problema de cada paciente não está no seu comportamento em si (motor ou não motor, visível ou oculto), mas na forma como ele é interpretado socialmente. Nosso objetivo foi produzir um tensionamento ativo nos limites do modelo biomédico dentro das práticas clínicas e assim, produzir questionamentos nas políticas públicas relacionadas a essas pessoas, especialmente quando os sinais clínicos se tornam também marcadores sociais de exclusão.

Palavras-chave: neuroreabilitação; psicologia clínica; estágio; neurodiversidade



Entre instituições e consultórios: o que sustenta a psicanálise?

Amanda Honorato da Cruz

Diante de uma escuta que se ancora no sujeito para além do diagnóstico, a psicanálise ocupa uma posição ética em que se torna possível que ela aconteça em diferentes contextos institucionais. Este relato de experiência nasce do exercício clínico em dois espaços distintos: um Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), com atendimento em moldes tradicionais estruturados, com agendamentos e uma demanda espontânea já individual; e uma instituição filantrópica voltada à reabilitação, com trabalho interdisciplinar, onde a escuta se insere entre vulnerabilidades, prescrições, avaliações funcionais e demandas coletivas. O objetivo é refletir como a prática psicanalítica se reinventa e se flexibiliza quando deslocada do setting clássico e, principalmente, como ocorre a sustentação da posição do analista na escuta do inconsciente em ambientes não idealizados. A metodologia consiste em análise qualitativa das experiências clínicas da autora, com supervisão contínua e registros em diário de campo. Ambos os contextos foram presenciais e envolveram sujeitos em sofrimento psíquico, atendidos individualmente. A vivência aponta que, mesmo quando a clínica se encontra atravessada por normativas institucionais e metas de reabilitação, é possível manter a escuta psicanalítica se houver desejo e um manejo ético que preserve o lugar do sujeito. Essa possibilidade desafia a ideia de que há um único espaço legítimo para a psicanálise e convida à invenção de dispositivos clínicos possíveis em contextos diversos.

Palavras-chave: Psicanálise; estágio; clínica; instituição.



Exercícios de imagin(ação): criações de comum entre clínica, cinema e dança

**Catarina Resende / Dió Vecchio Teixeira/ Gabriela Andrade Meirelles/
Lívia da Motta de Souza/ Luan de Araujo Figueiredo Domingues Soares/
Luiza Katriny Rocha Ramos**

O grupo de pesquisa CorpoSSutis, do Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CORPOREILABS/UFF), tem uma perspectiva transdisciplinar entre clínica, corporeidade e arte, com uma metodologia cartográfica que articula o referencial teórico a procedimentos de sensibilização, a fim de investigar práticas de cuidado contra-hegemônicas e coletivas, encontrando na aproximação entre a arte de sonhar, a onipolítica e as práticas somáticas um meio para experimentar um corpo-clínico sensível, através da imaginação corporificada. Neste trabalho, iremos relatar um encontro organizado e mediado pelo grupo de pesquisa com pesquisadoras parceiras e suas respectivas produções com o cinema e com a dança. Nas ressonâncias desse diálogo, fomos nos perguntando de que modo a escuta, o gesto, o corpo e a criação podem constituir territórios de resistência e cuidado quando a imaginação se torna um exercício de criação de mundos, de produção de comum. Nesta transversalidade, tomamos a clínica como uma experiência produtiva, nos aproximando da dança com suas práticas de abertura do corpo ao universo sutil de imagens sensoriais e do cinema, como dispositivo estético-clínico que possibilita um processo sensível e coletivo de criação de imagens audiovisuais. O disparador do nosso encontro foi o filme "Sonhos", apresentado pela equipe de direção do CineQuilombola (Instituto Marlin Azul). Reconhecemos no curta, produzido junto a moradores e moradoras da Comunidade Quilombola do Linharinho (Conceição da Barra/ES) um manancial sem fim de reverberações e produções de realidades subjetivas, que se ancoram na imagem como uma linguagem própria, irreduzível a parâmetros racionais. Na interface clínica-cinema-dança vislumbramos experiências ressonantes de autopoiesis, quando imaginar é um gesto que abre caminhos para criar e recriar a si mesmo e, a potência da imaginação vai sendo elaborada como ferramenta de corporificação e contágio, assumindo tanto uma dimensão ativa em nossos encontros quanto de força criadora do mundo que sonhamos construir para habitar.

Palavras-chave: cinema; dança; clínica; imaginação; experiência sensível



O encontro com a presença na clínica

**Catarina Resende/ Luan de Araujo Figueiredo Domingues Soares/
Maria Eduarda Furtado Medeiros Rebouças / Nuria Heras/
Rafael Brandão Venturini de Freitas/ Ryan Max Araujo de Castro**

O presente trabalho é fruto das práticas e estudos realizados, presencialmente, no grupo de intervisão de atendimentos clínicos de abordagem transdisciplinar, no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). O projeto de Estágio Específico “Arte, corpo e subjetividade” da Universidade Federal Fluminense/Niterói usa o dispositivo nomeado intervisão como uma aposta no descentramento do supervisor em relação aos supervisionandos. Ao substituir o prefixo “super” pelo “inter”, convocamos maior coeficiente de transversalidade na presença dos integrantes na condução de uma prática ética que se dá na construção de um plano comum. Com isso, o grupo busca criar um corpo-clínico atento às suas próprias experiências valorizando a intervisão como dispositivo de formação que emerge não de uma autoridade única, mas de uma co-construção. Nessa dinâmica, fez-se presente o tema da presença na clínica articulado com os textos “O encontro é uma ferida”, de João Fiadeiro e Fernanda Eugênio, e “O analista está presente”, de Lucas Veiga e Silvia Tedesco. Tais referências foram fundamentais para compreender a presença como uma ética dos encontros. A partir disso, a publicação do Marco Regulatório do Ensino a Distância, o qual garante que a graduação em Psicologia seja ofertada em regime exclusivamente presencial, reforça nossa compreensão acerca do estar presente com novas nuances. Nessa proposta pedagógica, nossas histórias de vivências dentro da clínica e as escolhas compartilhadas evidenciam que trabalhar entre a presença e o presencial na intervisão é, também, encontrar os sentidos da presença na clínica.

Palavras-chave: clínica; presença; intervisão; encontro; transversalidade.



Arte, cultura e memória antimanicomiais: primeiros passos de um projeto de extensão

Alexsandra Elias dos Santos (Autora apresentadora)

Isadora de Moraes Leite Rodrigues/ Rebeca Ramos de Freitas/

Daniela Albrecht Marques Coelho (Coordenadora)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto de extensão “Pelas ruas da cidade: arte, cultura e memória na Luta Antimanicomial”, vinculado ao Instituto de Psicologia da UERJ, em parceria com o “Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia”. O Loucura Suburbana é um dispositivo cultural que surge a partir de um longo percurso de desconstrução do antigo Hospital Psiquiátrico Pedro II, envolvendo trabalhadores, usuários, familiares e moradores do bairro do Engenho de Dentro, constituindo-se importante patrimônio da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial brasileira. A luta antimanicomial vem afirmando há décadas que acabar com o manicômio não se reduz a derrubar seus muros concretos, trata-se de uma transformação radical de uma sociedade que permanentemente produz exclusão e instituições de exclusão. Entendendo a arte e a cultura como ferramentas de transformação social, o projeto busca realçar a importância de tais ações para a Reforma Psiquiátrica Brasileira, tendo em vista que o projeto antimanicomial depende diretamente de intervenções no tecido social, para além da transformação das práticas assistenciais. É preciso conversar com a cidade, suas histórias, tradições e personagens se pretendemos transformar o lugar social que tem marcado a experiência da loucura. Ainda em estágio inicial e exploratório, de aproximação ao campo, o projeto visa construir, junto ao ponto de cultura e a partir do seu protagonismo, ações de preservação da memória das atividades de 25 anos do bloco carnavalesco, além da construção coletiva de debates e rodas de conversa, seminários e encontros com usuários, trabalhadores, artistas sobre a temática da arte e cultura antimanicomiais. Visa-se, desta forma, contribuir para o fortalecimento de projetos de arte e cultura no âmbito da Reforma Psiquiátrica do Rio de Janeiro e para o avanço das próprias políticas antimanicomiais.

Palavras-chave: luta Antimanicomial; intervenção cultural; reforma psiquiátrica.



Empresa Júnior de Psicologia: aposta de rescimento da Psicologia Organizacional na UCB

Ana Paula de Almeida Pereira Nunes/ Bianca Arcusi de Oliveira Conceição/
Daniele Mota da Rocha/ Gabriel Teixeira Vilela Santos/
Léia Maria da Paz Silva Xavier/ Luiz Francisco Jones/ Paula Regina Fernandes

A primeira Empresa Júnior teve início em 1967 na França e desde então tem se expandido em vários países, alavancando as práticas em Psicologia Organizacional e do Trabalho pelo mundo. No Brasil sua chegada ocorreu no ano de 1987 no Estado de São Paulo e em 2003 é criada a Confederação Brasileira de Empresas Juniores. Vários estados brasileiros possuem Empresa Júnior em suas Instituições de Ensino Superior, as quais podem ser formadas apenas por um curso ou por vários. No ano de 2024, o início do estágio supervisionado em Psicologia Organizacional e do Trabalho na Universidade Castelo Branco, localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, trouxe como perspectiva a implementação de uma Empresa Júnior em Psicologia. O objetivo deste trabalho é mostrar como tem ocorrido essa etapa de construção da Empresa Júnior de Psicologia na Universidade. O método utilizado é a revisão de literatura sobre a Empresa Júnior, a busca pela realização de benchmarking com outras Empresas Juniores pelo Brasil e a realização de eventos pelos alunos para angariar fundos para a futura formalização da Empresa Júnior de Psicologia, denominada PsicoJrUCB, na Universidade. Como resultados, observa-se que a busca por informações sobre a Empresa Júnior vem despertando o interesse dos alunos que vem se articulando para conhecimento na área e gerando esforços coletivos para a construção da mesma. Acredita-se que tal movimento possibilitará um fortalecimento do campo de atuação organizacional dentro da Universidade, e também fora dela, uma vez que competências serão desenvolvidas nessa direção.

Palavras-chave: Empresa Júnior; Psicologia Organizacional; Universidade.



Projeto piloto GAEPSI: Grupo de apoio a estudantes de psicologia

Christine Vieira Pereira/ Maria Liliane Edmundo Pires de Almeida/
Isis Lino Sena

Este trabalho visa apresentar observações resultantes da realização do Projeto piloto “Grupo de Apoio a Estudantes de Psicologia – GAEPSI”. A ideia de estabelecer um grupo de apoio psicológico para estudantes de Psicologia surgiu da experiência compartilhada entre a autora deste trabalho e algumas supervisandas de uma equipe de estágio em Gestalt-terapia da Universidade Estácio de Sá (UNESA)/Campus Sulacap, no primeiro semestre de 2021. No contexto da pandemia de Covid-19, foi percebida a relevância de um espaço de apoio e cuidado psicológico, especialmente para alunas(os) de Psicologia. Nossa inspiração adveio do projeto de extensão “GAPsi – Grupos de Apoio Psicológico” da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PRESTRELO et al, 2016), que tem como um de seus referenciais teóricos e metodológicos a Abordagem Gestáltica. O GAEPSI foi oficialmente inaugurado em 29/11/2021, durante o primeiro encontro do grupo, que visava acolher, ouvir e apoiar estudantes de Psicologia diante das dificuldades enfrentadas durante sua formação. Nossa fundamentação teórica e metodológica se baseou na Abordagem Gestáltica, especialmente na perspectiva compreensiva da fenomenologia (PEREIRA, 2013) e na visão de campo organismo-ambiente (ALVIM, 2007). O GAEPSI operou como um grupo fechado, com a meta de reunir até 10 estudantes de Psicologia. Os encontros foram realizados de forma remota e síncrona. A equipe facilitadora voluntária foi composta pela professora, uma estagiária e uma assistente que atuou como co-facilitadora. Os temas mais abordados durante as reuniões incluíram: insegurança e medo no início da graduação em Psicologia; a necessidade de apoio e de um espaço para expressão e escuta durante o curso; o uso das novas tecnologias e rede sociais na contemporaneidade; a vida experimentada como acelerada, seus sentidos e necessidade de pausas para reflexão; e o grupo como um espaço de cuidado e compartilhamento de experiências relacionadas ao contexto da pandemia de covid-19.

Palavras-chave: grupo de apoio; estudantes de psicologia; gestalt-terapia; pandemia de covid-19.



“Caixa Meus Cuidados”: Recurso Narrativo No Acompanhamento Clínico Infantil

Maria Liliane Edmundo Pires de Almeida/ Christine Vieira Pereira

Este trabalho integra a experiência de estágio curricular obrigatório no Serviço Escola de Psicologia (SEP) do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá, campus Maracanã – Rio de Janeiro, com referencial teórico na abordagem Gestalt-terapia. Utilizando a “Caixa Meus Cuidados” como recurso narrativo, apresenta-se o percurso clínico com duas crianças, atendidas em contextos distintos, por meio de atividades lúdicas que acompanharam o processo psicoterapêutico desde o início dos atendimentos até o momento da despedida. A caixa simbolizou a tessitura do vínculo psicoterapêutico e da escuta ativa no cuidado com o mundo infantil. As atividades incluíram: montagem de roteiro e interpretação de personagens, carta da paciente do presente para a paciente do futuro como forma de conexão com o processo e com o tempo; o “Jardim das Emoções” com colagens expressivas para ampliar o vocabulário emocional, nomear e coexistir com os afetos; modelagem da “família de batatas de touca” (nome dado por uma das pacientes) para ressignificar relações familiares e projetar sentidos; além da presença simbólica do Sr. Raposo como figura de mediação e continuidade com voz compartilhada entre estagiária e criança. Ao final do processo, as crianças contribuíram com a organização da caixa: uma deixou uma carta para a próxima estagiária(o), comunicando seus gostos e desejos (incluindo o pedido pela continuidade do Sr. Raposo nas brincadeiras) e a outra compartilha fotos da família em momentos especiais. A proposta possibilitou a valorização do campo fenomenológico presente na clínica gestáltica infantil, onde, como destaca Bove (2016), “a criança está no campo e o campo está na criança”. Assim, mesmo diante de transições, como ocorrem na clínica-escola, é possível cultivar experiências psicoterapêuticas cuidadosas, éticas e co-construídas. Esta vivência no SEP proporcionou aprendizado significativo sobre a escuta sensível, a criatividade no manejo e a potência da linguagem simbólica no cuidado clínico gestáltico com crianças.

Palavras-chave: clínica infantil; Gestalt-terapia; vínculo; estágio supervisionado; despedidas.



Plantão Psicológico: a prática da escuta ativa precoce na psicologia da UFRRJ

Pâmela Chagas/ Álvaro Henrique Mello Luz/
Edgar Clarismundo de Souza Junior/ Rafael Wagner Reis Barbosa/
Carla Cristine Vicente

Diante da densidade teórica que compõe a formação em Psicologia, os estágios supervisionados, tradicionalmente iniciados a partir do 7º período na UFRRJ visam aproximar o discente do aspecto relacional e prático da profissão. Nesse cenário, destaca-se o Plantão Psicológico da UFRRJ, que surge como uma experiência formativa singular ao possibilitar o exercício da escuta ativa, da empatia e da responsabilidade ética desde o 3º período do curso. O projeto tem como base a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), cujos princípios fundamentais, empatia, autenticidade e consideração positiva incondicional, orientam não apenas a prática clínica, mas uma postura ética diante da existência. Como afirma Carl Rogers, esses princípios não são apenas técnicas ou métodos, mas uma ética de relação que atravessa e sustenta o modo de ser do profissional em sua totalidade. Nesse sentido, ao se inscrever no treinamento para atuação como plantonista, o discente passa por um estudo teórico sobre a ACP e sobre os fundamentos do Plantão Psicológico. Após essa etapa, o participante realiza 10 atendimentos, que podem ser presenciais ou remotos, todos acompanhados por supervisão. Nesse momento, tanto os iniciantes na prática quanto os plantonistas já formados são integrados por meio da narração, assegurando a sustentação ética e técnica do processo. Ao final, os alunos recebem a certificação como plantonistas. Percebe-se que aqueles que iniciam cedo nesse caminho costumam estar mais abertos e preparados para acompanhar os primeiros passos da prática no estágio. Aos poucos, vão afinando a escuta e criando uma disposição emocional que permite estar presente diante das dificuldades existenciais humanas.

Palavras-chave: plantão psicológico; ética; formação em psicologia; escuta ativa; prática precoce.



Terapia de Grupo na Natureza: o surgimento dos Artefatos Existenciais Naturais Terapêuticos

Pâmela Chagas/ Pedro Jorge dos Santos Machado Luci/ Carla Cristine Vicente

A clínica de grupos na abordagem fenomenológico-existencial oferece possibilidades de ressignificar a angústia e encontrar possíveis escolhas diante delas, por meio da troca existencial e do compartilhamento das emoções com os outros participantes, em um espaço-tempo seguro e de qualidade para elaboração, reflexão e ampliação da consciência de si e de ser-com o outro. Tradicionalmente, a dinâmica dos relacionamentos no grupo é facilitada apenas pelos co-terapeutas. Entretanto, indo além desse processo relacional, de valorização do escutar e do ser escutado, inspirados pela Ecopsicologia, surgiu a ideia de integrar a natureza ao processo psicoterapêutico, considerando que, segundo esta abordagem, a reaproximação da natureza é fonte de equilíbrio. Sob essa perspectiva, unimos os cientificamente comprovados benefícios da presença humana em espaços naturais, como melhora do humor, aumento da concentração e atenção e redução de estresse e de sintomas de ansiedade e depressão, à elaboração de intervenções fenomenológico-existenciais realizadas através desse contato profundo com o meio natural. Assim, após a divulgação do grupo em redes sociais, 10 participantes se inscreveram e participaram de uma entrevista individual para preenchimento de cadastro. Todos assinaram um TCLE. Depois, foram realizadas 12 sessões de psicoterapia de grupo, semanalmente, no Jardim Botânico da UFRRJ, que possibilitou o encontro entre a natureza humana e o meio natural. Essa experiência se deu por meio da criação dos Artefatos Existenciais Naturais Terapêuticos (AENTs), recursos manifestados através de metáforas elaboradas ao longo do processo terapêutico. Assim, angústias, questões existenciais e afetos emergiram do contato com o meio ambiente natural e foram acolhidos com gentileza nas reflexões e intervenções terapêuticas, o que ampliou o nível de consciência e os graus de liberdade para fazer escolhas e enxergar possibilidades. Nesse processo, a natureza se revelou como um espelho existencial, refletindo cada indivíduo e incentivando-os à se responsabilizar pela própria experiência de vida e potência.

Palavras-chave: Ecopsicologia; fenomenologia-existencial; psicoterapia de grupo; presentificação; natureza.



Plantando ideias e colhendo trocas no 1º Seminário Interuniversidades de Plantão Psicológico

Álvaro Henrique Mello Luz/ Ana Carolina Teixeira Hilário/ Pâmela Chagas/
Edgar Clarismundo de Souza Junior/ Rafael Wagner Reis Barbosa/
Carla Cristine Vicente

A clínica de grupos na abordagem fenomenológico-existencial oferece possibilidades a cada ciclo de existência, o Plantão Psicológico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro segue enraizando-se para além da prática, nos três pilares do ensino superior: ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, em 21 de novembro de 2024, a equipe do projeto Plantão Psicológico da UFRRJ realizou o 1º Seminário Interuniversidades de Plantão Psicológico, germinando a primeira mostra científica exclusiva sobre a temática no país. O principal objetivo da iniciativa foi produzir e compartilhar conhecimento com outros projetos e profissionais que atuam na área. O evento contou com a participação de estudantes e psicólogos associados à UFRRJ e a outras universidades, além de profissionais da área interessados. Ademais, houve a presença de Márcia Tassinari, especialista na temática e convidada de honra, que abrilhantou o evento disseminando saberes enriquecedores adquiridos ao longo de muitos anos trabalhando com plantões psicológicos. Participaram do evento 168 pessoas entre ouvintes e apresentadores. O evento foi realizado em um dia das 8hs às 17hs e contou com 9 apresentações de trabalhos, organizados em mesas temáticas, e uma conferência da convidada. O evento aconteceu no auditório Gustavão do pavilhão principal da UFRRJ. De fato, ao espalhar ideias, como o pólen flutuando no vento, o seminário mostrou-se importante como fortalecedor da prática e da teoria do plantão, nutrindo os participantes presentes com novos modos de pensar e organizar-se nessa modalidade clínica. As discussões e ideias plantadas ampliaram o conhecimento quanto à coleta de dados sociodemográficos dos clientes atendidos, a integração entre participantes das universidades presentes, elaboração de distintos settings terapêuticos, entre outros. De maneira objetiva, o evento obteve êxito já que os participantes demonstraram interesse em aperfeiçoar suas práticas a partir do que vem sendo praticado no Plantão da UFRRJ, o que amplia a adesão e o desenvolvimento da prática como um todo.

Palavras-chave: 1º SIPP; relato de experiência; plantão psicológico; nutrindo ideias



Prejuízos presentes no diagnóstico tardio de TDAH e prática clínica da Neuropsicologia

Marcia Pereira Santos

A Neuropsicologia como prática clínica da avaliação neuropsicológica e de intervenções de reabilitação neuropsicológica (DA FONTOURA et. al., 2017). Objetivo deste trabalho foi identificar no estudo do caso clínico da paciente adulta com diagnóstico tardio de TDAH e a intervenção neuropsicológica. Este trabalho trata-se do resultado do estudo metodológico de estudo de caso da paciente, mulher parda de 37 anos, que submeteu a Avaliação Neuropsicológica que obteve o diagnóstico de TDAH. Avaliar os componentes deficitários da função executiva, que são: atenção, memória, planejamento, controle inibitório, raciocínio verbal e linguagem. No TDAH o quadro clínico se apresenta com sintomas e perfil cognitivo, que variam muito entre os pacientes e considerado um quadro heterogêneo. Sendo assim, a avaliação neuropsicológica exerce um papel fundamental contribuindo para avaliar as potencialidades e dificuldades de cada pessoa avaliada com relação ao transtorno (Michels e Gonçalves (2014, p. 37). Segundo do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2019), o laudo de Avaliação Neuropsicológica é realizado por psicóloga e psicólogo por instrumentos avaliativos no comprimento das normas e regras dos documentos utilizados. A análise e interpretação dos dados obtidos embasados nos instrumentos utilizados: anamnese, observação clínica, técnicas e instrumentos reconhecidos cientificamente. Os resultados analisados, foram identificados os prejuízos nas funções executivas presentes no Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), como muita dificuldade em manter foco nos vários contextos e cotidiano, incapacidade de manter a atenção, se concentrar, se manter motivado e dificuldade de memorizar informações verbal e visual. Na Reabilitação Neuropsicológica, a intervenção prática da Psicoeducação teve como objetivo orientar a paciente dos tipos e funções da atenção, tipos de memória com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da metacognição e autoconsciência da paciente, auxiliando na redução de prejuízos nos aspectos comportamentais. Autorregularão através do automonitoramento do funcionamento atencional, favorecendo melhoras evidentes em relação prejuízos identificados.

Palavras-chave: Neuropsicologia, TDAH, prejuízos, atenção, memória



Relato de Experiência: Abordagem Gestáltica com Vivências em Religião de Matriz Africana

Katia Christina Leandro/ Supervisora Márcia Pereira Santos

Segundo Perls (1977), “a terapia é o processo de restaurar a capacidade do indivíduo de viver com maior consciência e responsabilidade”. Sendo assim, esse relato refere-se à experiência no Estágio Profissional em Psicologia Clínica, realizado no SPA de uma IES particular, sob supervisão na abordagem da Gestalt-Terapia, com acompanhamento da cliente “J”, jovem universitária, parda, de 21 anos, marcada por complexidades afetivas e espirituais. Trouxe desde o início a importância de sua vivência na Religião de Matriz Africana Umbanda, relatando seu batismo como experiência de pertencimento e transformação. A espiritualidade surgia como apoio frente aos conflitos familiares, incluindo o alcoolismo dos pais, e como espaço ambíguo, dado o sentimento de exclusão vivenciado com o grupo de irmãos de santo. As intervenções fenomenológicas exploraram sentimentos de rejeição, pertencimento e liberdade, levando “J” a refletir sobre sua ambivalência diante do grupo irmãos. Em sessão marcante, ao afirmar “Esse grupo não me representa”, integrou aspectos de sua individualidade até então não verbalizados. A espiritualidade foi acolhida como dimensão legítima do self, conforme Robine (2006), validando suas experiências e integrando-a ao processo terapêutico. As relações interpessoais também foram foco terapêutico, promovendo o reconhecimento de suas próprias necessidades e o exercício do contato autêntico. Trabalhar polaridades como culpa/liberdade e pertencimento/exclusão favoreceu ressignificações importantes. Em um momento, ao se culpar por se alegrar com a saída de irmãos do terreiro, como intervenção convidada a refletir se a saída representava perda, promovendo integração das partes fragmentadas do self, como propõe Ginger (1995). A paciente apresentou avanços significativos, retomando hábitos saudáveis, reorganizando sua rotina e expressando-se com liberdade e espontaneidade. Essa experiência vivenciada contribuiu de forma relevante para o meu processo formativo profissional.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia; umbanda; demandas relacionais



Atravessamentos sociais no Atendimento psicoterápico em terapia Cognitivo-comportamental

**Anna Beatriz da Costa Nascimento/ Talita Antunes de Souza/
Wanderson Fernandes de Souza**

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a prática clínica baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) no contexto brasileiro, evidenciando os desafios enfrentados durante o estágio clínico em contraste com a teoria. A TCC, desenvolvida nos Estados Unidos, possui um modelo estruturado de sessões, pensado para uma realidade sociocultural específica. No entanto, sua aplicação literal em outros contextos, como o brasileiro, exige adaptações que considerem fatores culturais, históricos e socioeconômicos que moldam as subjetividades locais. A prática no Brasil revela a necessidade de flexibilização das diretrizes teóricas. Por exemplo, Judith Beck propõe dez elementos para a primeira sessão, que servem como referência, mas nem sempre são aplicáveis de forma rígida. No Serviço Escola de Psicologia, os pacientes chegam aos estagiários com poucas informações prévias, tornando o tempo da sessão de avaliação muitas vezes insuficiente para seguir o modelo proposto pela teoria. Além disso, seguir os protocolos de forma inflexível pode interromper excessivamente o discurso do paciente, prejudicando o vínculo terapêutico, elemento essencial da TCC. Outro aspecto é o tempo delimitado da terapia, que prevê começo, meio e fim, com o objetivo de tornar o paciente seu próprio terapeuta. No entanto, na prática clínica, fatores externos – como questões socioeconômicas – frequentemente interferem nesse planejamento. Ambas as estagiárias relatam atender pacientes com rotinas exaustivas de estudo e trabalho, o que resulta em cansaço físico e mental, afetando a regularidade das sessões. Assim, destaca-se a importância de uma atuação clínica sensível, capaz de adaptar-se às complexidades do sujeito, sem perder os fundamentos da TCC, mas respeitando a realidade vivida por cada paciente.

Palavras-chave: Terapia Cognitivo-Comportamental, prática clínica, adaptação cultural, subjetividade.



A Solidariedade como método: A iniciativa Observa65+ e o direito na velhice.

Viviane Siqueira Martins/ Thayná Mello Valentin Doro/
Sheila Costa Doro/ Jandira Apolinario Alves/
Luis Paulo Nascimento dos Santos

A Iniciativa Observa65+ é um projeto de assistência social voltado à identificação, orientação e acompanhamento de pessoas idosas em situação de pobreza que possuem direito ao Benefício de Prestação Continuada (BPC), mas que enfrentam múltiplas barreiras para acessá-lo. O projeto atua por meio de espaços de atendimento multiprofissional onde se desenvolvem ações de escuta qualificada, apoio emocional e construção de trajetórias de acesso ao direito. A proposta parte de um compromisso com a reconstrução do laço social, baseando-se nos fundamentos da solidariedade (Durkheim, 1893) e do apoio mútuo (Kropotkin, 1902), compreendidos como elementos estruturantes das formas de cooperação social. A solidariedade aqui não é pensada apenas como um valor moral, mas como prática concreta de articulação entre sujeitos vulnerabilizados que se reconhecem em experiências comuns de exclusão. O projeto estimula a reciprocidade ética entre os idosos acompanhados, valorizando sua potência como sujeitos ativos e não apenas destinatários de proteção. Muitos participantes tornam-se mobilizadores comunitários, indicando outros idosos e contribuindo para o fortalecimento da rede de apoio. Esse movimento fortalece o sentimento de pertencimento, a autoestima e a confiança nas instituições de cuidado. Com sensibilidade às vulnerabilidades interseccionais que atravessam a velhice em contextos de pobreza, o Observa65+ oferece um modelo inovador no campo da assistência social, articulando estratégias de busca ativa, redes de solidariedade e acompanhamento técnico qualificado. Trata-se de uma experiência que amplia o alcance do direito, ressignifica a política pública e reposiciona os sujeitos como protagonistas de seus percursos sociais.

Palavras-chave: solidariedade; apoio mútuo; direitos da pessoa idosa; assistência social; Benefício de Prestação Continuada (BPC); reciprocidade ética; vulnerabilidade interseccional.



Comitê de Diversidade, equidade e Inclusão: relato de experiência

Ágata Cristinier Castaneda da Silva/ Renata Seixas Machado

O CODEI foi criado a partir da iniciativa de um grupo de trabalho voltado para discussão de promoção de equidade e inclusão no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO), Aprovado em 2023 a partir do plano de logística sustentável e como diretriz do Ministério da Saúde, este trabalho tem como objetivo relatar os desafios e conquistas nesses dois primeiros anos de implantação. O CODEI conta atualmente com 15 integrantes de diversas áreas de atuação, registrados através da portaria INTO/MS nº 156/2024 e sua atuação é de ordem consultiva e promotora de debates. Quatro eixos temáticos representam suas ações: Anti Racismo, Anti Capacitismo, Anti lgbtphobia e Anti etarismo. No primeiro ano foram necessárias ações de regulamentação para que o comitê fosse oficializado junto ao Instituto e assim contribuir com a construção de políticas públicas do Ministério da Saúde. Diversos eventos foram perpetuados na instituição dentro desses eixos temáticos com entrada franca, abertos para os usuários do dispositivo, trabalhadores da saúde e sociedade em geral. O comitê conta com a participação de duas psicólogas, que contribuem para a concretização da perspectiva inclusiva, ético-política e de direitos humanos; construindo conhecimentos como a mediação, escuta e psicoeducação. Voltando-se para o rompimento dos padrões normativos e opressores da diversidade humana e considerando a dimensão subjetiva do trabalho junto às políticas públicas a fim de potencializar os sujeitos para que reconheçam sua humanidade.

Palavras-chave: comitê, diversidade, perspectiva inclusiva.



Infância, Rendimento e Permanência Esportiva

Yasmin Felix Freitas/ Rodrigo de Vasconcellos Pieri

Este trabalho busca refletir sobre os impactos do rendimento precoce na motivação de crianças atletas, analisando como a especialização antecipada pode levar ao abandono esportivo. A partir de uma revisão bibliográfica com base em referenciais científicos como o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP), propõe-se discutir a importância da motivação intrínseca, do jogo deliberado e da diversificação esportiva na infância. São discutidos os conceitos de rendimento precoce, motivação, especialização e abandono esportivo. O objetivo é compreender de que forma um ambiente focado em performance desde cedo pode comprometer o envolvimento da criança com o esporte a longo prazo. A metodologia adotada é uma revisão bibliográfica narrativa, com levantamento de artigos científicos internacionais. Os textos analisados foram desenvolvidos com base em estudos sobre desenvolvimento esportivo, psicologia do esporte e saúde infantil. O ambiente de trabalho foi virtual, com acesso a bases acadêmicas e leitura crítica dos materiais para seleção dos principais argumentos e evidências. Os estudos analisados indicam que a especialização esportiva antes da adolescência está associada a altos índices de lesões, burnout, estresse e abandono. Em contrapartida, contextos que valorizam o prazer, a autonomia e a diversidade de experiências favorecem o engajamento e a permanência no esporte. A literatura aponta que crianças que vivenciam múltiplas modalidades esportivas e têm espaço para o jogo espontâneo desenvolvem maior motivação intrínseca e habilidades socioemocionais importantes para sua trajetória esportiva e pessoal. Diante disso, questiona-se a eficácia de práticas que priorizam o rendimento precoce e defende-se a necessidade de políticas esportivas centradas no desenvolvimento saudável da criança.

Palavras-chave: psicologia; rendimento precoce; esporte.



Psicologia e Justiça Juvenil: Um Olhar Sobre a Socioeducação no Brasil

Geovanna Panno Mota Rodrigues/ Kaylane Mendonça Sobral/
Vitória Oliveira dos Santos

No Brasil, a justiça juvenil percorreu um longo e violento processo de desenvolvimento, iniciando-se com o Código Criminal de 1830, até hoje com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Nesse contexto, a socioeducação se refere a medidas aplicadas aos adolescentes em conflito com a lei, visando a responsabilização, integração social e a desaprovação da conduta infracional. Este trabalho teve como objetivo realizar uma análise crítica acerca do papel da Psicologia no ambiente socioeducativo, considerando o acesso à saúde dentro das instituições e como o processo de ressocialização impacta a saúde mental dos indivíduos e de seus familiares. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas, selecionando artigos dos últimos cinco anos e utilizando os seguintes descritores: justiça juvenil; socioeducação; e psicologia. Além disso, duas pessoas foram entrevistadas, sendo elas: um profissional da psicologia que atuou na socioeducação e um egresso do sistema socioeducativo. A partir da análise da literatura acadêmica e das entrevistas, foi possível notar as múltiplas camadas de complexidade envolvidas no sistema socioeducativo. Apesar de existirem leis e diretrizes que visam a garantia de direitos e a implementação de medidas não punitivas para os adolescentes, os depoimentos dos entrevistados revelam outra realidade. A atualidade demonstra a falta de preparo do Estado para a aplicação de medidas sociais justas para a população, garantindo que a socioeducação se cumpra assim como a lei determina. Nesse cenário, a Psicologia atua de modo crítico e contextualizado, visando a compreensão do sujeito para além de seus atos, oferecendo espaço de escuta e garantindo o exercício pleno dos direitos humanos.

Palavras-chave: psicologia; socioeducação; justiça juvenil; direitos humanos.



Estágio em Atenção Primária: Práticas nos Dispositivos de Saúde

Deborah Maia Vieira/ Juliana Sobral de Oliveira/ Lari Barbosa de Castro/
Renata Patrícia Forain de Valentim

O presente trabalho busca apresentar e discorrer acerca da experiência de estágio em diferentes campos de atuação na Atenção Primária no Núcleo de Saúde Mental da Policlínica Piquet-Carneiro, unidade ambulatorial do complexo de saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A Atenção Primária é o primeiro nível de atenção nos sistemas de saúde que lidam com as necessidades mais comuns da população, agindo de acordo com os princípios de equidade, universalidade e integralidade do Sistema Único de Saúde. O Núcleo de Saúde Mental proporciona ambulatórios psiquiátricos e psicológicos que oferecem psicoterapias individuais e em grupo, assim como redes com serviços externos. O estágio oferece experiência em diferentes dispositivos presencialmente. Na policlínica, os campos oferecidos são: grupos de recepção, que ofertam o primeiro acolhimento e encaminhamento; grupo de Gestão Autônoma de Medicamento (GAM), que usa o Guia GAM para pensar autonomia e cogestão do tratamento medicamentoso; grupo de meditação baseado em mindfulness, de acordo com o protocolo MCBT; e os atendimentos individuais, em conjunto com a evolução de prontuário e supervisão minuto. Nos dispositivos externos, são oferecidas: rodas de escuta no albergue LGBTIQAPN+ David Miranda; e o consultório na rua (CnaR) na clínica da família Heitor Beltrão, ambos têm uma equipe multidisciplinar. Nos atendimentos individuais e em grupos, a maioria dos pacientes são encaminhados de outros núcleos da policlínica, frequentemente apresentando quadros de fibromialgia e TEPT, assim como marcadores de vulnerabilidades sociais, que se destacam ainda mais no albergue e no CnaR, com aspectos de violência social. As experiências no estágio permitem uma maior compreensão do trabalho na Atenção Primária, pois possibilitam a entrada no ambiente da saúde pública e o diálogo com a equipe multiprofissional através de reuniões, que insere o estagiário na vivência e desafios deste trabalho: falta de verba, de salas, e a sobrecarga dos profissionais.

Palavras-chave: atenção primária; estágio; policlínica piquet-carneiro; saúde pública; consultório na rua.



A travessia da adolescência: entre o ideal viril e as novas masculinidades

**Flavia Bonfim/ Fernando da Silva Mancebo/ Ivo Rodrigues/ Laís Paixão/
Maria Luiza Mendonça Borges/ Yasmin Bittencourt**

A presente produção textual emerge no contexto do Projeto de Pesquisa “Psicanálise e Estudos sobre as masculinidades: investigações sobre ‘ser homem’ no Brasil” da Universidade Federal Fluminense. Tomando como estrutura metodológica uma pesquisa bibliográfica a partir do referencial psicanalítico freudo-lacaniano, intenta-se trazer reflexões sobre o processo de construção da masculinidade na adolescência na contemporaneidade. A partir de uma análise interpretativa dos textos selecionados, foi possível conceber a adolescência como um período de desestabilização da imagem de si devido às mudanças corporais, bem como às alterações na posição familiar e social na qual o sujeito está posicionado. Além disso, a desconexão entre o que foi e o que há de vir se apresenta como um enigma onde o sujeito é convocado a assumir uma nova posição frente ao encontro com o sexual. A resposta a esse enigma é fruto de uma operação em torno do processo de sexuação, no entanto, não se vê apartada dos discursos sociais que atravessam o jovem. No contexto social, a identificação do homem com o ideal viril tem servido ao longo dos séculos como promessa de pertencimento para aquele que atenda aos códigos de uma determinada configuração de masculinidade, operando como resposta única para a saída do conflito que se manifesta nesse período de travessia. Apesar disso, conclui-se que, a partir das transformações e questionamentos dos papéis de gênero associado ao declínio do ideal viril, outras formas de responder a essa convocação tem surgido, permitindo que algo da singularidade também apareça na construção de novas soluções em torno da masculinidade para além da pre-determinação do ideal de virilidade.

Palavras-chave: adolescência; masculinidade; psicanálise; sexual.



O debate sobre a masculinidade na psicanálise: caminhos de uma pesquisa

**Flavia Bonfim/ Fernando da Silva Mancebo/ Ivo Rodrigues/ Laís Paixão/
Maria Luiza Mendonça Borges/ Yasmin Bittencourt**

O presente trabalho visa apresentar os resultados parciais do Projeto de Pesquisa "Psicanálise e Estudos sobre as masculinidades: investigações sobre 'ser homem' no Brasil", que vem sendo desenvolvido na UFF. Consideramos que o primeiro passo na construção desse campo de pesquisa seria reconhecer de que modo o debate sobre a masculinidade tem comparecido no campo psicanalítico brasileiro. Nesse sentido, o caminho metodológico escolhido foi elaborar uma revisão sistemática de literatura, buscando analisar como esse debate, partindo da teoria de Freud, tem sido reconstruído pelos pesquisadores brasileiros, bem como se os artigos mapeados contemplam a nossa realidade sócio-histórica. Foram identificados 23 artigos, publicados em sua maioria após o ano de 2008, cujos temas em torno da masculinidade se dividem em 6 eixos principais: 1) o masculino na contemporaneidade; 2) violência; 3) adolescência; 4) disfunções sexuais e parcerias amorosas; 5) função paterna e estruturas clínicas e 6) estudos de gênero. Dentro desse escopo, a análise quantitativa dos dados tabulados revelou que os trabalhos se apoiam em diferentes referenciais teóricos em função das escolas de psicanálise: francesa (Lacan), inglesa (Klein) e grupo intermediário (Winnicott, Ferenczi e Bion). Verificou-se que um grupo dos artigos selecionados articulam suas discussões com outros campos de saber, como a filosofia e a sociologia, bem como incluem a perspectiva de gênero. Contudo, a maioria dos trabalhos não leva em consideração os marcadores de raça e orientação sexual, além de não contemplar a realidade dos homens brasileiros. Diante disso, o caminho percorrido até o momento diz respeito aos resultados preliminares em torno do mapeamento, da temática dos artigos e da tabulação dos dados quantitativos obtidos, que revelam como o tema da masculinidade é uma discussão recente no campo psicanalítico brasileiro, bem como ainda com pouca abertura em direção a uma virada decolonial no modo de articular os conceitos da psicanálise.

Palavras-chave: psicanálise; masculinidades; pensamento decolonial.

Fonte financiadora do trabalho: Nenhuma.



Estética e política: a abertura ao sensível como ferramenta psi

Igor Franco Dias/ Laura Nobre/ Lívia Grola/ Manoela Benvegnu/
Yan Damasceno/ Thiago Melício

A presente pesquisa pretende discutir a postura estética e os efeitos da abertura à afecção na experiência com o território como orientadoras das oficinas artísticas realizadas pelo Coletivo Convivências – projeto de Pesquisa, Estágio e Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), juntamente aos Centros de Convivência e Cultura (CECCON) do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB). Assim, utilizamos a metodologia da Cartografia Psicossocial, de Deleuze e Guattari, que abrange uma relação dinâmica e processual com o outro e com o território, apostando na potência dos agenciamentos para compor um espaço aberto ao que surge nos fluxos da vida vivida. Então, foram observados diários de campo escritos por estudantes-membros do projeto, referentes a 11 oficinas de 2024, bem como seus analisadores – acontecimentos no encontro estudantes-usuários, que emergiram enquanto passíveis de uma observação da sensibilidade estética. Neste sentido, dentre momentos de destaque, houve a experiência em que uma usuária começa a cantar e, ao longo de sua performance, questiona o porquê de outras pessoas serem consideradas artistas quando cantavam, enquanto a ela restava o lugar da “loucura”. Este, dentre outros episódios, aproximou-nos das noções de Jacques Rancière, que no livro “Partilha do Sensível”, disserta acerca da imposição política à apreciação estética, compreendendo a estética como um sistema que orienta o modo como percebemos e interpretamos o mundo sensível, sendo ele padronizado, segregador e pautado em uma racionalidade que limita a possibilidade de afecção. Com isso, constatamos a necessidade de apostar em um trabalho de constante reinvenção da sensibilidade estética enquanto potência na luta antimanicomial, em detrimento da política que sustenta uma hierarquia ficcional e altamente patológica.

Palavras-chave: Estética; Oficinas; Cartografia.



Inteligência artificial e a construção de charges no estudo das questões de gênero

Cláudia Freire Vaz

O objetivo desse trabalho é fazer um relato de experiência sobre uma atividade realizada em sala de aula, no dia 24-06, na UNIFESO, Centro Universitário localizado em Teresópolis, região serrana no Rio de Janeiro. Inspirado no livro “Manual antimachismo: como enfrentar agressões de gênero no ambiente profissional”, a proposta feita a turma é que se dividissem em grupos e cada um se responsabilizasse por um dos oito conceitos trazidos pelo livro, a saber: Duplo padrão de julgamento; Mansplaining; Maninterrupting; Piadas, chistes e outras falas machistas; Objetificação; Negging; O machocrata; e Bro-priating. Após a escolha dos temas, os estudantes teriam algumas semanas para preparar uma apresentação de 10 minutos, em que exporiam o conceito, e apresentariam duas ou três charges, criadas por IA, que ilustrassem o tema. A criação desse trabalho se deu por dois motivos: apesar de já existir artigos que apontam para o fato de que o uso de Tecnologias da informação e comunicação (TICS) favorecem significativamente o desempenho dos estudantes, poucos são os trabalhos que investigam o uso da Inteligência Artificial no campo da educação (Durso, 2024). Dessa forma, se faz necessário investigar essa questão, que já faz parte do nosso cotidiano. Segunda razão para a realização dessa atividade é partir do pressuposto que a imagem possui uma dimensão democrática que a palavra não tem (Weller e Bassalo, 2011) e defendemos a necessidade de utilizá-la de maneira mais sistemática, para ampliar a capacidade comunicativa dos profissionais da psicologia. O resultado foi a produção de aproximadamente 20 charges que ilustram diversos tipos de violências cotidianas que as mulheres sofrem e que muitas vezes não sabem nomeá-las ou identificá-las. Utilizá-las em diversos ambientes pode ser uma estratégia eficiente para promover saúde mental nas mulheres.

Palavras-chave: Psicologia; Inteligência Artificial; Questões de gênero



Rodas que constroem voz: extensão em Psicologia no combate à violência obstétrica

Alexandra da Silva Figueiredo/ Ana Livia Souza de Santana

Este trabalho descreve uma prática extensionista que integra práticas de rodas de conversa com elementos dos processos circulares e arteterapia, com o objetivo de enfrentar a violência obstétrica por meio da análise de suas intersecções com o racismo obstétrico e seus impactos na saúde mental materna. A intervenção foi realizada em três etapas temáticas: (1) conceituação de violência obstétrica e racismo obstétrico, destacando, conforme apontado pela Pesquisa Nascer no Brasil (Fiocruz, 2014), que mulheres pretas e pardas apresentam risco significativamente maior de sofrer violência obstétrica; (2) valorização da nomeação e reconhecimento das violências, enfatizando a importância de relatos para a construção de dados confiáveis e a formulação de políticas públicas efetivas; e (3) vivência prática em rodas de conversa com elementos dos processos circulares e arteterapia, utilizando o símbolo do infinito como dispositivo expressivo. As ações ocorreram em encontros presenciais na Escola Municipal Lions -Educação de Jovens e Adultos (EJA), em Duque de Caxias, e nas unidades da Casa da Mulher Carioca, incluindo a Casa da Mulher Tia Doca, em Madureira e em Campo Grande. Os resultados revelaram: ampliação do repertório conceitual sobre violência obstétrica; emergência de uma forte necessidade de narrar e compartilhar vivências; enriquecimento das trocas pelo caráter intergeracional; construção de empatia e validação mútua. Na Casa da Mulher, destacou-se o alto nível de compreensão do problema e a conexão direta com políticas públicas, potencializada pela presença da Secretária da Mulher. O projeto gerou materiais educativos (folder e conteúdos digitais em @parir-semtrauma), incentivou novas rodas e reforçou o papel da Psicologia na promoção de direitos e cuidado ético.

Palavras-chave: violência obstétrica; racismo obstétrico; saúde mental materna; extensão universitária; direitos humanos.



Mentoria Universitária: Contribuições para a Integração de Discentes

Thainara Emely Silva/ Vitória Oliveira dos Santos/ Maria Eduarda Gerstel/ Márcia Regina Costa

O início da graduação, para muitos, pode ser um desafio. Em um ambiente universitário, calouros lidam com constantes mudanças. A nova rotina é marcada por cobranças e inseguranças. Devido às diversas expectativas nesse novo cenário apresentado aos iniciantes foi criado o Programa de Mentoria Universitária. Uma iniciativa institucional que busca, a partir de experiências vivenciadas pelos alunos, acolher os calouros durante a transição para o cotidiano universitário. Neste contexto, veteranos do curso de Psicologia de uma instituição privada, são selecionados para apadrinhar calouros e se colocam à disposição para ajudá-los. A partir disso, cada mentor possui um grupo para cuidar, a partir de diferentes intervenções. Para a garantia de um suporte acessível e abrangente, os encontros possuem formato híbrido e são manejados de acordo com a necessidade dos calouros, em concomitância à disponibilidade dos veteranos. Além disso, em apoio ao Núcleo de Experiência Discente, os mentores auxiliam na inclusão e suporte aos estudantes neurodivergentes. Como efeito, foi possível observar que os iniciantes na graduação em Psicologia se sentiram mais seguros ao ingressarem na vida universitária tendo o suporte de um veterano. Tal proximidade incentiva a troca de experiências, expectativas e perspectiva a respeito do curso, por gerar entre os discentes identificação e pertencimento. Além disso, contribui para a minoração de questões como o etarismo. Com isso, a Mentoria Universitária se mostra uma estratégia eficiente, de integração no ensino superior. Ao promover vínculos, escuta ativa e acolhimento, o programa potencializa a experiência universitária e ajuda a reduzir a sensação de isolamento e insegurança comum aos novos ingressantes. Torna-se possível reconhecer, a partir desta iniciativa, o aprimoramento de habilidades como: organização, comunicação, trabalho em equipe e responsabilidade. Contribuindo assim, para um processo formativo pautado no comprometimento de uma Psicologia ética, a favor da diversidade e no desenvolvimento de uma formação crítica.

Palavras-chave: psicologia; calouros; mentoria universitária; acolhimento.



Cuidado com a Saúde Mental, informação como ferramenta de prevenção

Davidson Chrystian de Oliveira Andrade Santos/
Andréa do Nascimento Sant'Anna

A saúde mental tem ganhado cada vez mais destaque frente aos desafios contemporâneos. Este trabalho é resultado de uma disciplina extensionista e propôs-se a explorar os temas "Incerteza, Ansiedade, Medo e Depressão", com o objetivo de apresentar um material acessível e informativo que contribua para o entendimento dessas condições psicológicas. Para tal, foi feito um levantamento bibliográfico e análise de fontes confiáveis sobre cada um dos quatro temas centrais. Foram investigadas definições, sintomas, fatores causais, tratamentos e estratégias de enfrentamento. As informações coletadas foram organizadas em um esboço detalhado que orientou a elaboração de uma apresentação visual. O material resultante é composto por uma apresentação com design profissional e acolhedor, utilizando cores suaves e ícones representativos. As interconexões entre os conceitos foram destacadas, enfatizando como a incerteza pode alimentar a ansiedade, que por sua vez pode desencadear medo e culminar em estados depressivos. Foram incluídas seções específicas sobre tratamentos clínicos, práticas de autocuidado e ferramentas de enfrentamento, destacando o serviço escola de psicologia de nossa universidade. Esse material foi divulgado num Campus universitário entre alunos, docentes e profissionais técnico-administrativos. Como principal resultado, constatou-se que o trabalho contribuiu para a desmistificação de transtornos psicológicos e ofereceu um recurso valioso para a promoção e o cuidado da saúde mental.

Palavras-chave: saúde mental; educação e prevenção para saúde mental; ação de extensão.



“Vidas Secas” Escolar: Evasão como Reflexo de Políticas Públicas Fragmentadas

Thiago Santana Silva/ Andréa do Nascimento Sant’Anna

A evasão escolar, um desafio persistente no cenário educacional brasileiro, revela-se não apenas como um problema pedagógico, mas como um reflexo da complexa interação de fatores socioeconômicos que permeiam a vida dos estudantes. A urgência de uma abordagem intersetorial para mitigar essa problemática foi evidenciada por um projeto de extensão universitário de orientação profissional (OP) em Cabo Frio, no segundo semestre de 2024. Esta ação foi conduzida por estudantes de psicologia e teve como público-alvo alunos do ensino médio, com faixa etária entre 16 e 18 anos. As ações do projeto incluíram visitas, pesquisa diagnóstica, rodas de conversa e OP. Todo trabalho foi baseado nas ideias da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner. Para além do alcance dos objetivos iniciais do trabalho, verificou-se como resultado a existência de um significativo nível de evasão dos alunos. Isto pôde ser visto como uma falha na interação e suporte dos múltiplos sistemas que influenciam o contexto de vida do estudante. Desta forma, é possível concluir que para o enfrentamento eficaz da evasão escolar é preciso a realização de um conjunto de ações: criar um ambiente que atenda às necessidades integrais dos jovens, identificar precocemente fatores de risco, oferecer suporte psicossocial, garantir acesso e conhecimento sobre os direitos que a sociedade oferece, promover a inclusão e transformar a escola em um espaço de acolhimento e desenvolvimento pleno. Para tal, a integração de ações deve acontecer a partir da educação e da assistência social, como previsto em planos estratégicos de acesso, permanência e êxito de estudantes já existentes em outras redes de ensino. A ausência dessa articulação fragmenta os serviços, invisibiliza vulnerabilidades e perpetua a evasão.

Palavras-chave: ensino médio; evasão escolar; políticas públicas de permanência de estudantes.



Empregabilidade e inclusão: O desafio dos surdos no mercado de trabalho

Lucas Martins Cordeiro/ Larissa Storch Moreth/ Luzeni Oliveira dos Santos/
Isabel Gonçalves da Costa/ Pedro Batista Coimbra Rodrigues

A orientação profissional é um processo fundamental para apoiar adolescentes na construção de projetos de vida e inserção no mercado de trabalho. Contudo, estudantes surdos ainda enfrentam barreiras relacionadas à acessibilidade comunicacional, desinformação e falta de suporte adequado durante a escolha profissional. Este trabalho foi desenvolvido por estudantes do curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sá, campus Cabo Frio, na disciplina de caráter extensionista de Orientação Profissional, com o objetivo de promover ações de orientação profissional voltadas a jovens surdos, considerando as especificidades desse público e a necessidade de informações acessíveis. A atividade foi realizada presencialmente em uma escola pública do município de Cabo Frio, de ensino exclusivo para pessoas com deficiências auditivas, com a participação de jovens do ensino médio. Foram utilizados questionários para coleta de dados, com questões voltadas à identificação da profissão desejada, conhecimentos prévios sobre a área de interesse, possíveis caminhos de formação, cursos relacionados e rede de apoio disponível. As informações obtidas permitiram realizar um mapeamento de cursos e instituições de ensino inclusivas. Com base nos dados levantados, foram elaboradas cartilhas informativas personalizadas e individuais, contendo as profissões de interesse de cada participante, instituições inclusivas, possibilidades de qualificação, informações sobre o mercado de trabalho e a legislação vigente. Os resultados evidenciaram que a maioria dos participantes desconhecia as possibilidades educacionais e profissionais acessíveis e apresentava dificuldades em encontrar informações adaptadas à sua realidade. O trabalho destacou a importância de práticas direcionadas de orientação profissional que considerem a acessibilidade como foco principal, bem como a necessidade de materiais específicos e de profissionais preparados para atender adequadamente jovens surdos no contexto educacional e profissional.

Palavras-chave: Acessibilidade comunicacional; Adaptação curricular; Psicologia; Orientação profissional; Inclusão social.



Contrastes e aproximações do atendimento individual no SPA e na Atenção Primária

Enzo Olivieri Carvalho/ Livia Pereira de Oliveira/ Marcelle de Souza Soares/
Letícia Ramos da Silva/ Luiza da Costa Mendes

O presente trabalho visa contrastar experiências de atendimento individual oferecidas aos graduandos de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em dois campos: o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) do Instituto de Psicologia e a Policlínica Piquet Carneiro (PPC). No SPA, serviço-escola gratuito voltado à comunidade interna e externa, os atendimentos individuais acontecem de modo similar à clínica particular, com procura voluntária e em um formato continuado relativamente autônomo, já que estagiário e usuário se comunicam sem intermédio da instituição após seu encaminhamento, mas ainda há registro de prontuários e participação de supervisões. A PPC, por outro lado, é uma unidade ambulatorial de média a alta complexidade do complexo de saúde UERJ com variadas especialidades e possui um ecossistema próprio ao qual se somam os estagiários graduandos. Nas dependências do Núcleo de Saúde Mental, no ambulatório de Psicologia, uma das principais divergências entre os estágios fica marcada no fato de que acolhem-se usuários do sistema público de saúde de diferentes regiões, encaminhados das diversas especialidades da Policlínica, por isso, estes apresentam questões de saúde mais demarcadas e/ou para além de psicológicas, como adicções, fibromialgia e TEPT junto, muitas vezes, ao marcador da vulnerabilidade social. Além disso, no tocante à experiência de estágio, pode-se vivenciar a dinâmica de funcionamento do SUS e da atenção primária, o dia-a-dia da instituição e as particularidades de nossa posição na rede, que requer, ao mesmo tempo em que oferta, mais do que a universidade oferece por suas bases constituintes. Em conclusão, constata-se que essa mesma atuação se distingue conforme o campo em que ocorre e produz uma variedade de experiências que contribuem ricamente para a formação de um futuro profissional ao colocá-lo frente a “não saberes” que desvelam questões absolutamente necessárias a uma prática completa e mais humana.

Palavras-chave: clínica; atendimento individual; serviço de psicologia aplicada; atenção primária;



Transtorno Dissociativo de Identidade: Entre o Estigma e a invisibilidade

**Edson de Souza Silva/ Brenda Gomes Reis/ Hanna Oliveira Alves da Silva/
Jennifer Rodrigues Santos/ Maria Eduarda Vasconcellos de Souza/
Luiz Renato Paquiela Givigi**

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) é uma condição psicológica complexa caracterizada pela presença de duas ou mais identidades ou estados de personalidade distintos, que se manifestam alternadamente no comportamento do indivíduo. Essas manifestações causam lacunas significativas na memória, comprometendo o funcionamento pessoal e a percepção da identidade. Este trabalho tem como objetivo analisar os principais aspectos do TDI, explorando suas causas, manifestações clínicas, impactos psicossociais e estratégias terapêuticas, além de discutir o estigma e as distorções perpetuadas pela mídia, que frequentemente relaciona o transtorno a comportamentos violentos ou sobrenaturais, dificultando o diagnóstico e tratamento. A pesquisa foi conduzida por meio de revisão bibliográfica de estudos científicos publicados nos últimos cinco anos. O método envolveu a seleção e análise de artigos indexados em bases de dados confiáveis, com foco em estudos clínicos, revisões sistemáticas e diretrizes diagnósticas atuais. Os resultados apontam para a necessidade de um olhar multidisciplinar sobre o TDI, que considere a complexidade da dissociação, a importância de investimentos em pesquisas, formação continuada dos profissionais da saúde mental, além da necessidade de políticas públicas que combatam o estigma e promovam uma abordagem mais humanizada e eficaz.

Palavras-chave: transtorno dissociativo de identidade; psicopatologia; estigma social; políticas públicas.



Entre encontros e escutas: um dispositivo facilitador das narrativas infantis

Karynni Camara Souza Ferreira/ Mirian Amorim Lemos Ancelme

Este trabalho discute a experiência de duas psicólogas numa instituição pública de contraturno escolar situada em Niterói/RJ, que desenvolve atividades para crianças e adolescentes em territórios marcados pela vulnerabilidade social. Objetivando tecer algumas considerações sobre os efeitos da violência ordinária nas infâncias, trazemos alguns recortes das propostas instauradas, que representam possibilidades de intervenção, a partir da escuta clínica psicanalítica no contexto institucional. O recorte aqui apresentado refere-se ao grupo chamado “Papinho Reto”, direcionado a crianças de 6 a 11 anos, realizado presencialmente, de forma não obrigatória e contínua há três anos. Os encontros acontecem semanalmente, em espaço institucional adequado, e sua estruturação é constantemente reavaliada pelas psicólogas, considerando as demandas emergentes do grupo. Os dados são produzidos a partir de observação participante, registros em relatórios e das falas espontâneas das crianças durante as atividades brincantes não estruturadas e rodas de conversa. Reconhecendo os desafios que tal proposta impõe, o dispositivo em questão ao promover uma escuta orientada pela psicanálise, recolhe seus efeitos enquanto agente provocador. Observa-se a abertura para narrativas trazidas pelas crianças que apontam em suas falas uma vida cotidiana amedrontada e que, mesmo frequentando espaços institucionais como a escola, isso não se torna capaz de apagar as dores ou prover meios para reparar essa sensação de ser traído pelo cotidiano. Muito ao contrário, torna-se mais um meio de vozes não ouvidas, que afogam silêncios difíceis de suportar. O “Papinho Reto” se apresenta como um dispositivo de efeitos clínicos que possibilita essa dobra, ou seja, uma elaboração de novas formas da criança se escutar, inventar novos verbos e novas palavras para seu sentir e seu viver tão atravessados pelas violências ordinárias no seu cotidiano. O grupo se torna, então, um lugar de invenção e elaboração, onde as palavras possam se revelar libertadas das amarras da sua origem.

Palavras-chave: políticas públicas; psicanálise; infância; escuta; violência ordinária.



Relato de Experiência – Alfabetização em Libras na Formação de Psicologia.

Suzana Alves de Freitas/ Viviane Espírito Santo

O trabalho trata de relato de aluna do Curso de Psicologia do Unifeso, que desde o início da formação interessou-se pela área social, com atenção especial às pessoas com deficiência em geral e à necessidade de um enfoque anticapacitista na atuação profissional. Porém, ao pensar em clínica, o primeiro questionamento foi de como seria o atendimento a uma pessoa surda. Seria possível garantir o sigilo do atendimento se for necessária a presença de um intérprete durante as sessões? Fala-se tanto em inclusão e acessibilidade em vários aspectos, a saúde mental não pode ficar fora desta discussão. O curso de graduação ofereceu a disciplina eletiva de Libras e através dela o contato direto com a comunidade surda, uma vez que a professora é coda (filha de pais surdos) e a Universidade ainda possui uma Liga de Libras e um grupo de coral também em Libras (Mãos que Cantam), que foram participantes ativos das atividades proporcionadas em sala de aula. Entender que não se trata de sinais de mímica, e sim de uma língua como outra qualquer, que possui gramática e sintaxe próprias, que requer raciocínio e atenção como qualquer outra, foi o principal conhecimento adquirido. Entender e conversar com uma pessoa surda, compreendendo sua existência para além da deficiência, que não lhe impede de ser um sujeito ativo e produtor na sociedade, produz mais que acessibilidade e inclusão, produz pertencimento. As aulas foram dinâmicas, com teoria, gramática e vocabulário, utilizou-se recursos como: jogos, simulações de diálogos e música. Esta, em especial, traz uma forma de aprendizagem extremamente lúdica, eficaz e poética. Por fim, conclui-se que, independente de haver uma atuação futura ou não como psicólogo fluente em libras, a aprendizagem da língua se mostra necessária em todas as formações e campos de atuação humana.

Palavras-chave: psicologia; comunidade surda; língua de sinais; libras.



A Constituição do Corpo na Sociedade e seu Reflexo na Dança

Vandeilson da Silva/ Angela Rosa Martins da Silva/ Mariana Beatriz Arcuri/
Viviane Espírito Santo dos Santos

O corpo regido como ideal, que obedece e adequa-se ao que lhe é imposto, mesmo que isso lhe custe valores e princípios de existência, é uma construção social e que sentenciado desde séculos, surge objetificado e dentro desse molde, classificado como inapropriado ou não para determinadas ações, trabalhos e inclusive, para a dança. Essa exclusão, impede seu desenvolvimento e contribuição artística e subjetiva, restringindo a complexidade de cada indivíduo, já que pode se defrontar com fatores limitadores ao físico na sua tentativa de ir contra aos padrões que se estabelecem socialmente (Sawaia apud Silva, 2021) que reforçam a adequação devida e não sua real capacidade. Romper esse dinamismo excludente, tem sido apoiado pela inconformidade do padrão que é sustentado pela estrutura biológica e mecânica que ainda inválida sujeitos, e tem buscado incluir através de propostas que redimensionam e ampliam repertórios adaptativos, para potencializar sujeitos na produção de arte com autonomia. Entretanto, a culpa que recai sobre cada indivíduo é reproduzida pelo meio social que se utiliza de mecanismos psicológicos que sustentam formas de excluir ou restringir pessoas, desvalorizando-as (Sawaia apud Silva, 2021) e controlando corpos, sujeitando-os pela imposição e distanciando-os de seu potencial. Este trabalho busca refletir sobre as estruturas que se alimentam do corpo, usando-o como produto a ser alterado e melhorado, instituindo um corpo perfeito do qual devam almejar. É contra esse repertório de invalidação corporal, que surge o GRUDA, Grupo de Dança Experimental do Unifeso, com o objetivo de proporcionar possibilidades e potencializar corpos, além de auxiliar no alívio de estresse acadêmico com uma proposta que rompe o pensamento exclusivista e estereotipado que há em alguns estilos de dança, contribuindo para inclusão e participação de todos, partindo sempre do coletivo e com o coletivo para que sujeitos possam se expressar, produzindo arte.

Palavras-chave: dança; corpo; padronização; social.



Desconstruindo estereótipos de gênero na dança

Vandeilson da Silva/ Mariana Beatriz Arcuri/ Viviane Espírito Santo dos Santos

Parte integrante da vida humana em comunidade, a dança é mencionada e experienciada em inúmeras sociedades, sendo uma expressão do indivíduo ou coletivo que se manifesta no corpo, contudo, acaba por determinar percepções e aceitações segundo cada cultura, produzindo também estereótipos em que se pactuam corpos reconhecidos pela técnica, havendo separação de gênero ainda sob uma visão biológica. Como parte da programação do projeto de extensão do Unifeso, o Gruda – Grupo de Dança Experimental, oferta oficinas de forró mensais em que se buscam cogitar os papéis de quem conduz e quem é conduzido na dança, desconstruindo o corpo masculino como detentor dessa hierarquia e deslocando lugares socialmente estabelecidos na condução. As oficinas se baseiam em técnicas de forró, teatro e dança contemporânea, com músicas interpretadas por um cantor e músicos estudantes do próprio campus, partindo da provocação de condução que há na lógica condutor(a)-conduzido(a), onde os pares se formam e ambos são levados a testar o deslocamento de proposições, seguindo para a segunda fase da oficina, que consiste numa pequena coreografia técnica, até a conclusão da experimentação de ambos participantes com mais autonomia. Com isso, foca-se no indivíduo como ser único e ao mesmo tempo coletivo, por se tratar de uma dança que se realiza em pares, estimulando-se o lado lúdico, corporal e mental de cada sujeito e o lidar com o encontro do outro e seus significados através da dança e do contato em que o forró propicia (Bezerra et al, 2024). As atividades têm trazido novos olhares para a dança e o entendimento de que ela não acontece apenas nas relações estruturais conhecidas e sim na desconstrução de estereótipos, agregando outras identidades que não se encaixam nos impositivos títulos ainda existentes na dança.

Palavras-chave: psicologia; gênero; dança; desconstrução.



Disputando os Sentidos de Cuidado em Direitos Humanos

Wallace Henrique Borges Machado/ Alice de Marchi Pereira de Souza/
Angie de Lima Santos Barbosa/ Amanda de Carvalho Reyes

A URDIR (Universidade, Resistência e Direitos Humanos) é um núcleo multidisciplinar de pesquisa, ensino e extensão que possui referenciais teóricos como a análise institucional brasileira, perspectivas transdisciplinares e decoloniais, considerando os marcadores sociais da diferença na construção de uma prática-política. Ne, oferecemos dispositivos de cuidado em saúde mental, dos quais focaremos aqui no dispositivo clínico grupal enquanto um analisador. Historicamente, nota-se como o conceito de cuidado e as noções sobre Direitos Humanos se encontram em disputa, como nos afirmam pesquisadoras como Heike Drotbohm e Cecília Coimbra. A proposta deste trabalho é trazer algumas considerações a respeito desses sentidos e narrativas produzidas no que tange a produção de cuidado em Direitos Humanos. Buscamos afirmar um compromisso ético-estético-político que não sirva apenas como um modelo protocolar sobre o que fazer ou o que não fazer, mas que abra espaço e dê abertura para a possibilidade da criação. O campo dos Direitos Humanos exige modulações constantes como formas de abarcar as singularidades de cada caso. Entretanto, para que isso seja possível, se faz necessário que retornemos às concepções de cuidado e seus encaminhamentos. Que práticas têm sido produzidas e reproduzidas neste campo? O que elas têm reverberado? Neste trabalho, nos alinhamos a formulações teórico-metodológicas e conceitos-ferramentas como o de antimanicomialidade de Emiliano Camargo David e o de microfascismos de Alice De Marchi, para nos auxiliarem nessa aposta de (re)pensar o fazer psi. Que práticas temos construído e o que delas podemos-devemos problematizar? Quanto do que temos tentado destruir em nossos espaços de trabalho e luta, na verdade, temos apenas reproduzido? Colocar os sentidos de cuidado em análise é também nos ocupar de nós mesmos a ponto de repensarmos que usos temos feito de nossas práticas cotidianas.

Palavras-chave: cuidado; direitos humanos; fazer psi; análise institucional.



Medicalização da Experiência de Sofrimento Psíquico

Wallace Henrique Borges Machado/ Alice de Marchi Pereira de Souza

A URDIR (Universidade, Resistência e Direitos Humanos) é um núcleo multidisciplinar de pesquisa, ensino e extensão que possui referenciais teóricos como a análise institucional brasileira, perspectivas transdisciplinares e decoloniais, considerando os marcadores sociais da diferença na construção de uma prática-política. Este trabalho surge a partir de uma das experiências no campo de Violência de Estado, pensando mais especificamente a violência policial, fortemente presente em favelas e periferias. A tomada desses lugares como constantes alvos de intervenção estatal se intensifica ainda mais por se tratarem de espaços compostos majoritariamente por pessoas pretas e pobres. Com isso, produzindo no território um cenário de terror, causando diversas formas de sofrimento psíquico. Observa-se, então, uma certa complexificação das formas possíveis de atuação quando esses marcadores sociais são analisados de maneira interseccional. Nesse sentido, temos como um de nossos campos de extensão uma ONG onde oferecemos dispositivos de cuidado em saúde mental, dos quais Mdestacamos um dispositivo clínico grupal e tomamos sua institucionalização enquanto um analisador. Ainda que o conceito de saúde não seja um consenso, não havendo uma definição passível de ser generalizada, entender suas apropriações se faz necessário quando em nossas práticas temos pensado e produzido cuidado. Objetivamos, aqui, questionar, sobretudo, determinada racionalidade medicalizante presente nas nossas práticas psi. Pergunto: de que forma tem sido produzida e reproduzida concepções de cuidado nesses espaços? A partir de que lente esse sofrimento tem sido lido? Como a medicalização da vida tem sido acionada enquanto um dispositivo individualizante de questões de âmbitos sociais-coletivos? Como, enquanto compromisso ético-estético-político, podemos subverter essas capturas neoliberais e colonialistas nas produções de cuidado na promoção de saúde? Este, mais que um trabalho de apresentação, é um convite a problematizar a prática psi - e, conseqüentemente, a quem dela se apropria.

Palavras-chave: medicalização; cuidado; violência de estado; direitos humanos; colonialidade.



Mapeamento de Métodos de Pesquisa em Saúde Mental Utilizados por Psicólogos

Matheus de Souza Silva/ Maycon Rodrigo da Silveira Torres/
Ivo Rodrigues Silva/ Antônia Caliman/
Samantha Cristina Tenorio de Albuquerque

Esta pesquisa se justifica pela contribuição de síntese e organização dos métodos de pesquisa utilizados por psicólogos no campo da Saúde Mental, sendo o objetivo geral deste estudo mapear as principais metodologias presentes neste campo. Os objetivos específicos são: identificar os principais temas abordados nessas pesquisas, diferenciando os métodos quantitativos e qualitativos empregados; estabelecer as principais referências teóricas e/ou abordagens utilizadas pelos pesquisadores; analisar a qualidade das pesquisas publicadas; identificar as ferramentas metodológicas utilizadas e verificar se essas pesquisas foram submetidas a Comitês de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP). A proposta inicial era realizar um levantamento no banco de dados PePsic (Periódicos de Psicologia), Scielo e LILACS com os descritores "Psicologia" em associação booleana AND "Saúde Mental" OR "Atenção psicossocial". Os resultados para esses índices foram 300 artigos encontrados no PePsic, o que ultrapassou a expectativa da pesquisa e exigiu a eleição deste banco de dados como o único a ser consultado. Após avaliação, 74 artigos foram selecionados. Em seguida, nova análise foi estabelecida e retirou-se artigos que não eram aplicados na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e que possuíam como metodologia revisões bibliográficas ou ensaios teóricos. A partir dessa filtragem, restaram 53 artigos adequados e, por isso, um novo critério foi disposto: ano de publicação mais recente. Permaneceram, portanto, 35 artigos entre 2020 e 2024. As pesquisas foram majoritariamente qualitativas, na medida em que as de caráter quantitativo ficaram restritas à análise documental de prontuários, tendo apenas três artigos correspondentes a esta metodologia. Ressalta-se como um elemento de grande importância para nossa discussão a constatação que muitos artigos não apresentaram a sessão de método ou metodologia de forma clara e sistemática. Com isso, percebemos haver um fator de confusão para a delimitação do método de pesquisa no processo de tabulação dos dados.

Palavras-chave: Mapeamento de Pesquisa; Saúde Mental; Atenção Psicossocial

Fonte financiadora do trabalho: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)



Acessos e entraves: A função da porta de entrada na RAPS

Maycon Rodrigo da Silveira Torres / Ana Beatriz de Macedo Ribeiro

Ana Laura Peixoto Alves / Carolina Dullens Neiva

Nicolas do Nascimento Santana / Renan dos Santos Dourado

O presente trabalho visa a discussão sobre alguns aspectos do acolhimento e da recepção nos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Niterói. A partir do relato de experiência de estágio curricular nos dispositivos da RAPS, objetiva-se pensar sobre o funcionamento da porta de entrada nos serviços em sua função de acolher e implicar o sujeito em seu cuidado, a fim de esclarecer sua função e seus impasses. Compreende-se por dispositivo de porta de entrada os meios pelos quais o sujeito pode acessar o tratamento em saúde mental através do Sistema Único de Saúde. Observamos que os dispositivos de acolhimento e recepção fundam-se em uma dupla função, inerente à implementação dos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Em primeiro, nota-se uma dificuldade de superação do paradigma psiquiátrico tradicional marcado por triagens orientadas pela escuta de sinais e sintomas, seguidas por encaminhamentos para as duas principais intervenções: atendimentos psiquiátricos e atendimentos psicoterápicos. Em segundo, e em oposição frontal, têm-se, a partir do paradigma psicossocial, a aposta na convocação e implicação do sujeito em sua queixa e no processo do tratamento no sentido de promover um tipo de cuidado ampliado e não restrito a alterações psicopatológicas. Dessa forma, o dispositivo pode ser compreendido como um momento do tempo lógico que permite decantar as demandas iniciais, frequentemente marcadas por pedidos medicalizantes e por uma postura passiva diante do tratamento, para favorecer o surgimento de uma posição mais ativa e implicada no processo terapêutico. Trata-se de um tempo que possibilita ao sujeito produzir um saber sobre seu próprio cuidado e, em endereçamento aos profissionais, construir ferramentas para o manejo de sua estrutura subjetiva e do sofrimento psíquico que o afeta.

Palavras-chave: psicologia; raps; acolhimento; porta de entrada; saúde pública.



Da Crise do Sujeito à Crise do Dispositivo: um Relato de Experiência

Maycon Rodrigo da Silveira Torres/ Enzo Mazzotti Almeida/

Elisa Correa Vieira/ Lara Reis de Souza/

Marina Monteiro Pestilli/ Nina Maria de Alencar Almeida

O presente trabalho é um relato de experiência de estágio que pretende levantar questões acerca do que é entendido como crise, pelo referencial dos dispositivos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), a fim de produzir pistas sobre um trabalho que não se encerre quando do encontro com esse fenômeno. Costumeiramente entendida como um momento de agitação e agressividade por parte do sujeito em sofrimento, seja em direção a si mesmo ou ao outro, a crise é um ponto de grande dificuldade no trabalho em saúde mental. Nesse sentido, interessa pensar o conceito de crise na RAPS a fim de complexificar a compreensão de cuidado e de manejo em situação de crise, privilegiando uma visão clínica da problemática. A costura feita aqui advém da experiência de estágio de estudantes de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) em distintos dispositivos da RAPS da cidade de Niterói, como os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), Ambulatórios e Enfermaria de Agudos em Hospital Psiquiátrico; e de uma pesquisa bibliográfica comprometida com a conceituação de crise no campo desses serviços. A partir do presente estudo foi possível concluir que os profissionais e familiares de usuários da RAPS entendem e tratam a crise de duas maneiras: asilar/manicomial e psicossocial. Mesmo que a Reforma Psiquiátrica tenha construído um modelo de cuidado em liberdade, com enfoque no sujeito e sua autonomia, ainda se vê a prática deste modelo em disputa com o modelo asilar, que se propõe como intervenção de tutela pela restrição da circulação do sujeito em crise pela cidade, seja pautado em princípios biomédicos (doença e medicalização) ou princípios sociais (necessidade de abrigo). Entendeu-se ainda que tal disputa se dá principalmente pela centralização e dependência do cuidado à crise no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, inclusive frente às fragilidades dos demais dispositivos territoriais.

Palavras-chave: crise; RAPS; manejo.



Atravessamentos familiares e projeto de ser: singular-universal na clínica fenomenológico-existencialista com adolescentes

Livia Pereira de Oliveira/ Júlia Arosa Trompieri/ Lune Beatriz Valadão Vidal/
Rodolfo Rodrigues de Souza

Propomos uma reflexão sobre aspectos dos atendimentos a três adolescentes realizados no âmbito do estágio em Clínica Fenomenológico-Existencialista no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orientadas pela ótica do existencialismo francês de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, traçamos uma compreensão do olhar familiar sobre o projeto de ser que os pacientes estão construindo por meio de suas escolhas e ações. Nessa perspectiva, a construção da subjetividade é atravessada pelo movimento dialético de singular-universal. Se, por um lado, a consciência busca certa objetivação de si, atravessada por sentidos pré-definidos constituídos pelos outros, por outro, ela é também afirmação da liberdade como sua condição fundamental, o que aponta para um ultrapassamento daquilo que já foi constituído até então. Essa objetivação, como já indicado, se dá por meio do olhar do Outro, que capta o Para-si como objeto. Tendo a família como um dos primeiros pólos de interação com o Outro, as expectativas que os pais elaboraram para os filhos as atravessam, seja ao modo de uma tentativa de correspondência ou de ultrapassamento. Entretanto, como o projeto existencial tem caráter Em-si-Para-si, ou seja, é tentativa de articulação entre objetivação e liberdade, o indivíduo é livre para fazer algo com o que fazem dele. Dessa maneira, há um conflito entre a perspectiva objetificante dos pais e a vivência das pacientes, que se angustiam. Diante disso, o processo terapêutico busca trabalhar a forma como os pacientes se escolhem diante dessa totalização realizada pelo olhar familiar, colocando em questão a forma como seus pais gostariam que elas vivessem e a aquela que cada uma tem escolhido para si. Assim, propomos um estudo conjugado dessas três situações clínicas à luz da fenomenologia-existencialista, refletindo sobre os caminhos da psicoterapia nesse tensionamento entre totalização e destotalização.

Palavras-chave: clínica fenomenológico-existencialista; família; adolescência; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir.



Núcleo DESCUBRA: (des)caminhos de uma atividade extensionista

**Gabriela Peçanha Mossri/ Daniel Vasconcelos/
Amanda Cristina de Castro Braga/Miguel Ferreira Salles Affonso/
Thaís de Sá Oliveira**

A proposta de comunicação tem por objetivo apresentar os caminhos do projeto de extensão Núcleo DESCUBRA (Diálogos sobre Existencialismo, Subjetividade e Cultura Brasileira e Latino-Americana) desde sua implementação, em 2023. O projeto é realizado no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Como já apresentado em edição anterior da Mostra do CRP, o Núcleo DESCUBRA surge a partir da vontade de refletir sobre a realidade brasileira e latino-americana em diálogo com o pensamento do Existencialismo francês de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Em sua primeira versão, o DESCUBRA enfocava apenas atividades realizadas no espaço físico da UERJ, propondo rodas de diálogo sobre literatura e cinema latino-americano. Desde então, outras trajetórias se descortinaram, ampliando o caráter extensionista do projeto e sua articulação com o tripé ensino-pesquisa-extensão. A equipe trabalha em conjunto com a ONG Spectaculu, realizando rodas de conversa e plantões de atendimento psicológico, e com o Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE). Nesta instituição, realizamos supervisões clínico-institucionais em uma perspectiva da fenomenologia-existencialista, propondo a fruição de músicas latino-americanas como uma possibilidade de ampliação da compreensão dos fenômenos trazidos para o encontro. O grupo realizou em 2025 a II Jornada Internacional Núcleo Descubra, com o tema "Existencialismo, clínica e situações contemporâneas" e organiza, para 2026, o V Congresso Internacional sobre Sartre, com o tema "Existencialismo Hoje: Subjetividade, Ética, Política e Tecnologia". Além disso, o grupo realiza uma pesquisa sobre a influência do pensamento existencialista na psicologia brasileira e latino-americana, que caminha agora para a etapa de entrevista com especialistas desse subcontinente. Por fim, disciplinas eletivas tem sido realizadas articulando as atividades de pesquisa e extensão em termos de elaboração teórico-metodológica.

Palavras-chave: clínica existencialista; extensão; cultura latino-americana; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir.



O que pode a psicoterapia diante da vulnerabilidade socioeconômica?

Letícia Ramos da Silva/ Daniel Vasconcelos de Araujo/
Mariana Santos Pimenta/ Thaís de Sá Oliveira

A partir da experiência de estagiárias no SPA/UERJ diante de problemáticas que extrapolam a clínica tradicionalmente apresentada na graduação, esta apresentação propõe reflexão sobre debilidades e potencialidades deste modelo frente às mazelas sociais. A clínica fenomenológico-existencialista inspirada em Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, que orienta nosso fazer, reconhece que a existência humana se constitui em relação e situação. Nessa perspectiva, existente e mundo são originária e indissociavelmente interligados. A subjetividade é o modo como cada existente, singularmente, se articula com o mundo que o circunda e, concomitantemente, agindo, exterioriza algo nele. Nesse contexto, entende-se que a vulnerabilidade socioeconômica é atravessamento importante no modo como uma pessoa vivencia a própria liberdade, restringindo seu campo de possíveis. Tal clínica nos convida à escuta do sujeito em sua ambiguidade. Diante da vulnerabilidade socioeconômica, caminha na contramão de reduzir o sofrimento a categorias diagnósticas, compreendendo-o como expressão de uma existência complexa e tensionada pelas condições sociomateriais. Contudo, é preciso evitar dois equívocos: o de psicologizar o sofrimento social, responsabilizando isoladamente o indivíduo pela sua dor; e o de totalizar a opressão sistêmica como destino irremediável, negando-lhe agência. A clínica existencialista sustenta uma ética da ambiguidade, reconhecendo simultaneamente facticidade e liberdade – a tensão entre o que nos é dado de partida e o que podemos transformar. Assim, o trabalho clínico explicita-se como fazer político na medida em que reconhece que toda existência é situada e que a escuta terapêutica implica escutar também o mundo que silencia e oprime. Defendemos que a psicologia não é neutra, mas que essa forma de fazê-la coloca em cena a política que realiza, ao passo que outras pretensamente a ocultam. Somos convocadas a desvelar os sentidos do sofrimento em sua historicidade e a sustentar com o sujeito a criação de possibilidades de reinvenção de si e do mundo.

Palavras-chave: vulnerabilidade socioeconômica; clínica fenomenológico-existencialista; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir.



Narciso Negro: uma leitura fenomenológico-existencial do reflexo do sujeito negro

Yuri Wesley de Souza Oliveira/ Rodolfo Rodrigues de Souza

Este trabalho tem como objetivo apresentar um recorte da pesquisa realizada durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Psicologia, desenvolvido na graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O objetivo do TCC foi descrever o encontro entre sujeitos negros e o objeto espelho - tanto em sua manifestação física quanto na sua manifestação por meio do Outro. Para acessar esse fenômeno, foram utilizadas obras literárias produzidas por autores negros, como Jefferson Tenório e Conceição Evaristo, além de relatos colhidos durante o estágio supervisionado em clínica-escola, trechos da literatura científica e a história pessoal do pesquisador, um homem negro. Como orientação teórico-metodológica, dialogou-se com a Psicologia fenomenológico-existencial, em especial aquela que se pauta nas obras do filósofo francês Jean-Paul Sartre. Assim, os dados colhidos foram compreendidos à luz do aparato teórico do autor, bem como foram organizados metodologicamente a partir de uma leitura do método progressivo-regressivo, este também apresentado por Sartre. Como resultado, foi construída uma experiência-síntese intitulada Narciso Negro, que utilizou a narrativa interna do mito de Narciso, conforme apresentado por Ovídio em Metamorfoses, e o material encontrado nas obras literárias e nos relatos. A figura do Narciso Negro foi descrita como aquela que tem dificuldade em sustentar o contato com o reflexo que aparece no espelho e que, para lidar com isso, ou dele desvia, ou o intitula como feio, ou, em último caso, busca destruir essa imagem violentando o próprio corpo. No entanto, também se evidenciou uma possibilidade de abertura, indicando que essa experiência com o espelho não é inescapável. Para pensar essa noção de abertura, além de Sartre, foram mobilizadas ideias de autores negros, como Frantz Fanon, que apresenta a "máscara branca", e Conceição Evaristo, que, ao descrever a metodologia da "escrevivência", propõe a existência de múltiplos espelhos.

Palavras-chave: existencialismo; literatura negra; negro; narcisismo; Frantz Fanon.



Um olhar ético sobre grupos reflexivos no judiciário

Jéssica Calderon Paixão/ Lara Mendonça Castro/ Gerilene Silva de Oliveira/
Paulo Henrique Ribeiro de Sá

A violência não letal contra crianças e adolescentes é prevalente no ambiente doméstico, mobilizando os profissionais que integram o Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente Víctima ou Testemunha de Violência, incluindo o Judiciário. Nesse contexto, encontra-se a 1ª Vara Especializada em Crimes Contra Criança e o Adolescente do TJRJ com a função de proteger as vítimas de violência e responsabilizar o agressor. Como parte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no PPGPS/UERJ, organizamos uma alternativa à responsabilização, a participação em grupos reflexivos, facilitados pela equipe de psicologia, para promoção de um cuidado não violento. São incluídas no grupo pessoas acusadas de cometer violência física, psicológica, ameaça ou maus-tratos contra seus filhos, geralmente. Os participantes são incentivados a pensar estratégias de resolução de conflitos com os filhos, mediante rodas de conversa e experimentos, fundamento da Gestalt-terapia, processo que surge do campo relacional, capaz de integrar razão e sensibilidade. À luz do Código de Ética do Psicólogo, podemos compreender a violência como um fenômeno que é expressão de fatores históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais. Apoiamo-nos na perspectiva de que a violência é um fenômeno construído e transmitido às novas gerações, sendo também uma expressão da cultura patriarcal. Pensar de forma ética este trabalho convoca abertura ao sensível para percebermos o que o grupo pede a cada encontro, adaptando nossas práticas à realidade. Esta intervenção profissional busca desenvolver um fazer que se dá com o outro e não sobre ele, como preconiza o modo de PesquisarCOM e também um fazer tecido artesanalmente a cada encontro, como propõe a Pesquisa artesanal. Somos convidados à postura de reconhecer que não podemos produzir respostas prontas, sendo nosso trabalho o de favorecer a sensibilização, a reflexão e a construção coletiva de formas de cuidado não violento.

Palavras-chave: Olhar ético; violência doméstica; cuidado não violento; grupos reflexivos.

Fonte financiadora do trabalho: Não temos.



Psicobiologia dos sonhos: bases e Significados

Ana Clara Cardoso Souza/ Carlos Germano Leite Lopes/
André Luiz da Silva Mendes/ Luciano da Silva Alonso/
Ronald Clay dos Santos Ericeira

O presente trabalho tem como objetivo investigar os sonhos como fenômenos neurofisiológicos e psíquicos, analisando suas bases cerebrais e seus vínculos com a teoria psicanalítica. Por meio de uma revisão bibliográfica, o estudo examina autores como Gomes (2019), Mota-Rolim e Ribeiro (2013) e Cheniaux (2006), articulando dados da neurociência com interpretações sobre o inconsciente. Entende-se o sonho como uma experiência mental vívida, que ocorre principalmente durante o sono REM, marcada por intensa atividade em regiões como o córtex visual, estruturas límbicas e o tronco encefálico, e pela desativação do córtex pré-frontal, o que compromete a lógica e a coerência narrativa. Além disso, neurotransmissores como a acetilcolina e a dopamina desempenham papéis centrais na motivação e intensidade dos conteúdos oníricos. A partir das contribuições de Mark Solms e da psicanálise freudiana, o trabalho propõe uma reflexão crítica sobre os limites de explicações unicamente biológicas, destacando a relevância dos sentidos subjetivos dos sonhos. A articulação entre Psicobiologia, Anatomia Humana e Psicanálise evidencia a potência de uma abordagem transdisciplinar, que sustenta uma clínica ampliada capaz de integrar corpo e subjetividade, promovendo práticas mais éticas, complexas e sensíveis ao sofrimento psíquico.

Palavras-chave: sonhos; psicobiologia; sono REM; neurofisiologia; psicanálise.



Disfunções executivas em sujeitos com COVID longa

Mariana Prado/ Anderson Ribeiro/ Carlos Eduardo Nórtte

Entre os sintomas decorrentes da COVID longa estão alterações cognitivas, como as disfunções executivas. Estas são processos mentais fundamentais para comportamentos orientados a metas, permitindo a resolução de problemas cotidianos. Assim, compreender quadros de disfunção executiva na COVID longa é essencial para viabilizar intervenções e políticas públicas para essa população. O objetivo desse trabalho é avaliar se há diferenças significativas nos relatos de disfunção executiva entre indivíduos brasileiros com COVID longa e a população saudável representada nos dados normativos do instrumento da Escala de Avaliação de Disfunções Executivas de Barkley – versão curta (BDEFS-SV). Esse é um estudo quantitativo, transversal e correlacional, com 13 adultos (93,7% mulheres), entre 20 e 60 anos, após infecção por COVID-19 e com queixas cognitivas. O recrutamento foi realizado por formulário on-line, e a coleta presencialmente no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UERJ (parecer de aprovação nº 4.978.429). Na pontuação global, 84,6% da amostra ficou acima do esperado, indicando mais disfunções executivas do que a população dos dados normativos; na contagem de sintomas, 92,3% também superou o esperado pelos dados normativos. A média da pontuação global da população no instrumento foi 52, enquanto a média da contagem de sintomas foi 10. Conclui-se que existe a necessidade de investigação das disfunções executivas nos sobreviventes da COVID-19 a fim de estruturar políticas públicas para cuidados dessa população.

Palavras-chave: COVID Longa; Funções Executivas; Neuropsicologia; Cognição.



Envelhecimento: relato de experiência no estágio de neuropsicologia

**Roberto Almeida Braz dos Santos/ Guilherme Lessa de Faria Guimarães/
Luísa Fagundes Coutinho Costa / Wanderson da Silva Milagre/
Marcela Féres da Gama / Carlos Eduardo Nóрте**

A senilidade (envelhecimento patológico) ocorre quando a capacidade de homeostase do idoso é reduzida. Isso ocorre geralmente devido a doenças que afetam sua funcionalidade diária. Já o envelhecimento saudável, é caracterizado por um declínio cognitivo gradual, dentro dos padrões esperados para a idade. Uma das maiores causas da senilidade são os transtornos neurocognitivos (TNC). Nesse contexto, o respectivo estágio recebe encaminhamentos do Núcleo de Atendimento ao Idoso do Hospital Universitário Pedro Ernesto para a realização de uma avaliação neuropsicológica que contribui na investigação dos casos que apresentam suspeita desse quadro clínico. Nesse serviço, são realizadas avaliações neuropsicológicas que buscam avaliar os seguintes domínios cognitivos: atenção complexa, função executiva, linguagem, perceptivo-motor, cognição social, aprendizagem e memória. Além disso, rastreia aspectos neuropsiquiátricos, como ansiedade e depressão. O serviço oferecido já foi utilizado por 100 pacientes desde o ano de 2020 e segue acolhendo a demanda e fortalecendo o serviço de saúde e contribuindo para a qualidade de vida da pessoa idosa. Esse estágio se torna essencial para a formação de estudantes de psicologia, pois oferece uma compreensão dos processos cognitivos e emocionais no envelhecimento saudável e patológico. Tais conhecimentos são cruciais para a detecção precoce de doenças, como demências, e para o desenvolvimento de intervenções eficazes. Além disso, a experiência prática com idosos em estágios contribui para o aprimoramento de habilidades clínicas, habilidades de comunicação e abordagens terapêuticas adequadas, preparando o estudante para atuar de forma competente e personalizada com essa faixa etária, priorizando um cuidado integrado.

Palavras-chave: avaliação neuropsicológica; envelhecimento; SUS; funções cognitivas.



Trabalhos invisibilizados e processos institucionais de exclusão

Thayane Da Costa Lourenço/ Diana Marisa Dias Freire Malito

Esse projeto, pensado a partir da disciplina de Psicologia Institucional, é o início da construção de um campo problemático a ser desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso. Objetiva analisar a divisão racial e de gênero do trabalho doméstico, pensando os processos de produção de subjetividade que envolvem a distribuição dessas ocupações. A forma como o trabalho é socialmente reconhecido reflete estruturas históricas e culturais profundamente enraizadas. Determinadas ocupações são marcadas por processos de desvalorização material e simbólico, sendo associadas a posições de inferioridade, sujeição e comodismo. Trabalhos estigmatizados são frequentemente exercidos por pessoas já vulnerabilizadas por sua raça, gênero e classe. A noção de estigma, diz respeito a um atributo depreciativo que reduz uma pessoa ou grupo à condição de “desacreditado”. No contexto ocupacional, o estigma opera ao associar determinadas atividades a características negativas, como “falta de instrução”, “imoralidade”, “subalternidade” ou “baixa qualificação”, gerando marginalização social. Essas construções não são neutras ou naturais, mas socialmente produzidas. No Brasil, tal processo de estigmatização do trabalho doméstico está ligado ao passado escravocrata, ao racismo estrutural e à divisão sexual do trabalho. É associado a populações negras, pobres e femininas, perpetuando um ciclo de desvalorização social e econômica. A revisão da literatura revelou que os trabalhos considerados estigmatizados, ainda que essenciais à manutenção da vida em sociedade, são frequentemente desvalorizados, refletindo a dinâmica das estruturas sociais. A Psicologia Institucional contribui para essa análise ao compreender o trabalho como um campo onde se produzem subjetividades. Os sujeitos não estão apenas inseridos nas instituições, mas são continuamente produzidos por elas. Nesse sentido, interessa conversar, em grupo, com trabalhadoras domésticas do município de Maricá para ouvir suas percepções de si no contexto ocupacional, buscando contranarrativas que acessem a dimensão micropolítica das questões laborais na atualidade.

Palavras-chave: psicologia institucional; trabalho doméstico; estigmatização; exclusão social



Políticas Públicas Inclusivas: avanços e desafios

Marcelle Motta Sena/ Evelyn Caetano de Oliveira/
Diana Marisa Dias Freire Malito

As políticas públicas voltadas à inclusão de crianças com transtornos têm sido amplamente discutidas e regulamentadas no Brasil. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva representam avanços importantes na garantia de direitos. Com base na psicologia social crítica e na Análise Institucional (LOURAU, 1993), problematizamos o papel do discurso biomédico como dispositivo de saber-poder na organização da inclusão. Inspiradas em Foucault, compreendemos que o diagnóstico não se limita à técnica, mas atua como instrumento de regulação social. No campo da educação inclusiva, tal lógica se expressa na exigência do laudo médico para acesso à mediação escolar, vinculado à CID-11, o que pode restringir o direito ao ensino. O discurso da inclusão, assim, é capturado pela lógica biomédica, ocultando subjetividades que escapam às classificações normativas. Observa-se uma hierarquização dos transtornos que, na prática, pode gerar outras exclusões. Interessou-nos investigar os impactos dessa lógica sobre as maternidades, frequentemente responsabilizadas isoladamente pelo cuidado de filhos atípicos. Ao analisar narrativas que não entram nos relatórios institucionais, emergem vivências de mães exaustas diante de negligências e barreiras cotidianas. Em uma sociedade marcada por desigualdades sociais e por discursos meritocráticos e capacitistas, o enfrentamento à exclusão não se dará exclusivamente via marcos legais. O projeto, pensado a partir da disciplina de Psicologia Institucional, fundamenta-se em análise bibliográfica e documental, buscando refletir sobre a dimensão micropolítica da construção de uma cultura inclusiva. Elaboramos um jogo de dados, lúdico, ilustrando possíveis caminhos de uma criança com deficiência até a vida adulta, para dar visibilidade aos avanços e desafios das políticas inclusivas. O jogo foi exposto em uma semana de extensão na nossa universidade e destacamos o interesse das mães universitárias, que compartilharam algumas vivências sobre “maternidades atípicas”.

Palavras-chave: inclusão escolar; discurso biomédico; Análise Institucional; maternidade atípica.



Disfunções Executivas em Universitários: Implicações Clínicas

Matheus Hideki Ida/ Carlos Eduardo Nórté

A vida universitária representa um ambiente único onde o uso eficaz de habilidades cognitivas, tais como planejamento, organização e autorregulação do comportamento, são frequentemente necessárias. As Funções Executivas exercem um papel fundamental nas atividades de vida diária, garantindo autonomia e funcionalidade aos indivíduos, auxiliando na manutenção dos comportamentos orientados a um objetivo. A partir disso, o objetivo deste estudo é investigar o funcionamento executivo dos estudantes universitários, a fim de entender como os alunos se auto avaliam sobre seu funcionamento executivo e diário, além de buscar entender como essa auto avaliação tem impactos no contexto universitário. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE: 81151224.1.0000.5282. Participaram do estudo 101 alunos universitários, com idade média de 19 anos e no 2º período da graduação, que responderam o questionário de autorrelato BDEFS, junto com um questionário sociodemográfico para conhecer melhor a amostra. Obtivemos como resultado, 45% dos participantes com sintomas clínicos dissexecutivos, demonstrando principalmente dificuldades. Dessa forma, é de suma importância entender o funcionamento executivo em universitários, a fim de criar estratégias para melhorar o cotidiano dos alunos, além de criar alternativas de cuidados dentro da universidade, para os sintomas clínicos dos transtornos mentais.

Palavras-chave: Neuropsicologia; Funções Executivas; Universitários.



A filosofia Nietzscheana como embasamento para a Clínica: O Caso "A"

Robson Teixeira de Carvalho/ André Luis de Oliveira de Sant'Anna

O presente trabalho tem como objetivo transpor a filosofia de Nietzsche para um fazer clínico. Como metodologia utilizamos revisão bibliográfica de escritos de Friedrich Nietzsche e exemplificamos com um caso de atendimento realizado em estágio supervisionado no contexto do SEP (Serviço Escola de Psicologia) da Estácio de Sá-Campus Cabo Frio/RJ. Percebemos certa necessidade dessa transposição devido ao espaço clínico ocupado majoritariamente por Soren Kierkegaard. Dada a enorme gama de conceitos filosóficos apontados por Nietzsche, decidimos trabalhar apenas com o Homem do Ressentimento e a Moralidade. Através do Caso de "A", homem de 36 anos, que chega na sessão de psicoterapia trazendo como tema principal sua ansiedade e ciúme que se apresentam frente a uma crise em seu relacionamento de 10 anos. Procuramos transpor os conceitos filosóficos para uma prática clínica. Entendendo o Homem do Ressentimento como um estado de fixidez que se inicia a partir de uma Moralidade, trouxemos o caso sobre a luz e perspectiva da filosofia do alemão para buscar um outro fazer clínico dentro da abordagem Fenomenológica-Existencial. Como resultado desta prática embasa em Nietzsche conseguimos passar do Homem do Ressentimento para o Super-Homem, "A" retomou uma perspectiva da vida a partir de Si, continuou com o movimento existencial realizando escolhas e atitudes a partir de uma nova moralidade criada principalmente pelo próprio paciente durante os encontros psicoterapêuticos. Uma moralidade mais autêntica, mais haver com "A". Concluímos através deste estudo de caso que uma prática baseada na filosofia Nietzscheana é possível sendo potencializador da existência, se mostrando como útil técnica. Destacamos a importância de estudos futuros para uma transposição da filosofia apresentada para a prática clínica realizada, construindo uma psicoterapia ética.

Palavras-chave: nietzsche; prática clínica; filosofia; ética;



A articulação da Psicologia no território Norte/ Noroeste Fluminense

**Carla Cristina Silvestre Meirelles/ Thayná Bernardo de Souza/
Tatiane Souza de Oliveira / Ana Carolina Kort-kamp Menegat/
Cleide Neves de Aquino/ Raquel Donegá de Oliveiraw**

O Norte e Noroeste Fluminense abrangem algumas das cidades do estado do Rio de Janeiro mais afastadas da capital, e a localização dessas regiões gera uma problemática que vai além da questão geográfica. Fruto da mobilização de psicólogas e psicólogos de Campos dos Goytacazes em 2009, a Subsede Norte/Noroeste Fluminense surgiu para facilitar o diálogo entre a categoria da região e o CRP-RJ. Sua atuação abrange Campos dos Goytacazes e mais 22 municípios, onde promove desde atividades administrativas até debates críticos e orientações, sempre refletindo sobre as práticas da psicologia e seus impactos éticos, políticos e sociais na região. Desse modo, juntamente com os princípios da Comissão Intergestora de Regionalização e Descentralização do CRP-RJ (CIRD), a Subsede Norte/Noroeste firma parceria com as Pontos Focais de cidades estratégicas (Santo Antônio de Pádua, Itaperuna, Macaé, Rio das Ostras, Bom Jesus do Itabapoana e São Francisco do Itabapoana), com a finalidade de alcançar as demandas específicas da maior parte do território de sua incumbência. À vista disso, a Subsede é composta pela Comissão Gestora, formada por uma coordenadora e colaboradoras psicólogas que, em parceria com as Pontos Focais, promovem articulações e a mobilização da categoria através de ações interiorizadas, no formato online, presencial e híbrido. Essas ações envolvem o Núcleo Especial de Estudantes (NEE), o Controle Social (CS), a Comissão de Orientação e Fiscalização (COF), além de representações externas (convites institucionais) e eventos produzidos pelo CRP-RJ, como: pré-mostras, eventos temáticos, entre outros, sempre pautados pelo Código de Ética da Psicologia. Com isso, a Subsede vem alcançando não somente as pessoas psicólogas do Norte e Noroeste Fluminense, mas também estudantes e instituições de ensino superior, concretizando os objetivos de interiorização e descentralização da Psicologia no estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Norte/Noroeste Fluminense; Subsede; Interiorização; Território; Descentralização.



Projeto de Intervenção da Psicologia: “Bate PAPH Sentindo na Pele”

Carla Cristina Silvestre Meirelles

É um projeto piloto que será implantado no Programa de Assistência à Pessoa Ostomizada e Hemodialisada (PAPH) que existe rede do Sistema Único de Saúde (SUS) na cidade de Campos dos Goytacazes e oferta atendimento a pessoas ostomizadas do município acolhe outras cidades da região, como: Carapebus, Conceição de Macabu, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana, São João da Barra e Quissamã. O público-alvo do projeto será as pacientes mulheres recém ostomizadas com maior dificuldade de adaptação à nova realidade; e as pacientes já ostomizadas que apresentam condições emocionais satisfatórias em relação à nova dinâmica de vida. O planejamento conta a participação da equipe multidisciplinar (Psicóloga, Assistente Social, Enfermeira, e Técnica de Enfermagem) do PAPH, além de profissionais da rede intersetorial do município para contribuir com ações que integrem áreas como educação, saúde, assistência social, entre outras. A atividade consistirá em montar grupos quinzenais de apoio mútuo para trocas de experiências entre as mulheres pacientes ostomizadas há um certo tempo e as pacientes recém ostomizadas. A metodologia deste projeto consiste em inicialmente realizar o atendimento psicológico individual das mulheres ostomizadas e quando notada certa fragilidade emocional ou dificuldade de aceitação à realidade atual, e sobretudo, percebidas também condições psíquicas para estar em grupo com outros indivíduos, e poder respeitar aspectos emocionais de outros. É importante citar que, a escuta psicológica, respeitará o sigilo profissional, por meio da confidencialidade, a fim de proteger a intimidade das pessoas, como preconiza o Art. 9º do Código de Ética do Profissional Psicólogo (CEPP/CFP, 2005). Após esta análise, esta paciente será convidada a integrar o grupo “Bate PAPH Sentindo na Pele”, sendo aceito o convite, será encaminhada para o grupo de apoio. O grupo tem como objetivos principais levantar temáticas relevantes para discutir com as pacientes ostomizadas, trocar experiências entre elas, fortalecer vínculos e principalmente, considerar o impacto emocional da ostomia na vida de cada uma. Para uma melhor qualidade na escuta e encaminhamentos, ficará estabelecido um número de 10 a 15 pacientes por grupo. A duração de cada encontro será de no mínimo 1 hora e no máximo 2 horas

Palavras-chave: psicologia; código de ética; psicologia na saúde; ostomizadas.



Cruzamentos da madrugada: Insônia, capitalismo e subjetivação

Lukhas Tharyk Faker/ Daniel Maribondo Barboza

Este trabalho analisa os modos como a insônia é compreendida e manejada nos discursos hegemônicos sobre saúde, especialmente aqueles que circulam no campo biomédico e nas políticas públicas, e sua relevância para a prática profissional em Psicologia. O tema surge a partir do desenvolvimento do trabalho monográfico de conclusão do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Campus Universitário de Rio das Ostras. Parte-se do reconhecimento de que o sono, longe de ser apenas uma função biológica, é atravessado por relações de poder, produção, discursos normativos e estratégias de controle que produzem subjetividades e definem modos de vida contemporâneos. A leitura da insônia enquanto disfunção ou falha a ser corrigida é interrogada à luz de uma perspectiva ética e crítica, que tensiona a patologização e medicalização do sono e os imperativos atuais de normalização e desempenho. Trata-se do desdobramento de uma análise de implicação, que compõe o arsenal teórico-prático da Análise Institucional, construída a partir da própria experiência da insônia, da sua emergência como questão na atuação em estágios supervisionados, de levantamentos bibliográficos e de encontros clínico-institucionais, considerando o lugar do pesquisador como parte dos processos que analisa. O estudo propõe pensar a insônia como uma experiência situada social e politicamente e, a partir disso, mobilizar conceitos como desempenho, biopolítica, higienismo e arquitetura hostil para compreender os modos como o sono é regulado, incentivado ou interrompido em contextos marcados por violências. Ao deslocar a insônia de um campo exclusivamente clínico para uma leitura que considera suas condições de produção, pretende-se contribuir com práticas em psicologia mais implicadas com a escuta, com a singularidade e com os atravessamentos sociais das experiências de sofrimento.

Palavras-chave: insônia; capitalismo; subjetivação; psicologia.



Sessões esquizoanalíticas: autonomia discente como fundamental na construção de sua formação

Daniel Maribondo Barboza/ Ceci Pereira Pinto Junqueira/
Maria Eduarda Guedes Thuler/ Paula Raissa de Oliveira Silva/
Vitória Baptista Gago da Silva

Este trabalho propõe discutir a potência da autonomia das estagiárias em Psicologia na escolha e organização de campos problemáticos para o seu percurso formativo e a partilha dos mesmos. Baseia-se no evento de extensão “Sessões Esquizoanalíticas”, desdobrado do partir do projeto de estágio Clínica em Esquizoanálise, realizado junto ao Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense, Campus Universitário de Rio das Ostras e vinculado ao Departamento de Psicologia. As supervisões de estágio duram seis horas semanais, com uma equipe de seis a dez estagiárias. Esse período é dividido em quatro horas de discussão de casos e duas horas de grupo de estudos. Os encontros são construídos coletivamente, de forma que as estagiárias, dentre as atividades previstas, são convocadas ao revezamento na coordenação da própria supervisão e do grupo de estudos. Parte-se da compreensão da função de coordenação como atividade típica da Psicologia e fundamental para o desenvolvimento da autonomia das estagiárias em processo de formação. Dessa maneira, ao aproximar-se da conclusão desse processo, a equipe propôs a realização de uma atividade aberta, em que fossem abordadas questões ético-técnico-políticas da prática de estágio e do campo teórico da Análise Institucional, Esquizoanálise e Socioanálise. Essa proposta ganhou corpo através do evento em questão, como parte do programa de extensão Laboratório de Estudos e Experimentações em Subjetividade, Corpo e Coletividade (LESC). A primeira edição do evento abordará a temática “Ética e Esquizoanálise” e será realizado em julho de 2025, abrangendo os subtemas abordando os subtemas “Gênero e diferença”; “A construção de territórios existenciais”; “A processualidade da análise e o lugar da analista”; “Inconsciente e produção maquínica”. Espera-se, com esse evento, a partilha dos desafios práticos e teóricos enfrentados durante o processo de estágio e o estímulo ao diálogo entre equipes e abordagens teóricas sobre temas confluentes no campo psicológico.

Palavras-chave: estágio; Esquizoanálise; clínica; divulgação científica; formação profissional.



Relações Interpessoais Escolares à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano

Bruna Roberta Pereira dos Santos/ Vanessa Barbosa Romera Leme

O ambiente escolar constitui um espaço essencial de desenvolvimento de relações interpessoais. No Brasil, contudo, as políticas públicas têm se dedicado ao enfrentamento da crescente violência escolar. Assim, o estudo teórico teve dois objetivos: (1) discutir fatores que influenciam as relações interpessoais na escola, analisando-os a partir da perspectiva da equidade e da Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano (TBDH); (2) identificar possíveis estratégias de intervenção para promover relacionamentos equitativos no contexto escolar brasileiro. Como resultado encontrou-se um modelo explicativo de determinantes sociais para promoção de relações equitativas e analisou-se os múltiplos fatores que afetam as relações escolares a partir dos componentes da perspectiva bioecológica (Pessoa, Processo, Contexto e Tempo). Assim, fatores internos e externos à pessoa influenciam suas relações interpessoais: tanto para direção do equilíbrio de poder (proteção), quanto para a do desequilíbrio (risco). Como exemplo, dentre os fatores de proteção internos estão autocompaixão, atitude de rejeição à violência e gostar da escola. Dentre os fatores de risco internos à pessoa estão a atitude favorável à violência e o desengajamento moral, por exemplo. No que tange aos fatores externos à pessoa estão as variáveis do contexto. Dentre as identificadas como de proteção estão amizades e suporte social entre pares. Dentre as de risco estão pais autoritários ou superprotetores e vitimização por bullying na escola, por exemplo. No ciclo de vida, experiências adversas na infância e história de vitimização na escola aumentaram o risco para o comportamento de violência. Foram identificadas algumas estratégias brasileiras de educação para a paz nas escolas em seis eixos de intervenção: políticas educacionais governança escolar; espaço físico e simbólico da escola; relações escola-comunidade; currículo escolar e projeto pedagógico; intervenções socioeducativas. Discute-se a necessidade de adoção de práticas educativas inclusivas que favoreçam fatores de proteção no desenvolvimento de relações equitativas e reduzam fatores de risco para violência.

Palavras-chave: relacionamento; violência; cultura de paz; escola; equidade.



Medidas Socioeducativas em Meio Aberto: Desafios e Possibilidades de Atuação da Psicologia

**Cristiano Regis Dutra Tavares/ Guilherme Vidal Tavares/
Jackson Senhorinho/ Gabriel da Silva Pereira/
Juliana Corcos**

Atualmente mais de 117 mil adolescentes cumprem medidas socioeducativas em meio aberto no Brasil, o que representa 82% do total de medidas aplicadas. As Medidas Socioeducativas em Meio Aberto são respostas jurídicas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) aplicadas a jovens e adolescentes que cometeram atos infracionais. As medidas possuem caráter pedagógico, e visam responsabilizar o adolescente por seus atos sem afastá-lo do território e de seus vínculos familiares e comunitários. Esta política pública é de responsabilidade dos municípios e é executada através do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), por uma equipe de técnicos composta por Assistente Social, Pedagoga e Psicóloga. Esta política pública possui caráter descentralizado, buscando aproximar a gestão e a execução da realidade local. O presente trabalho busca cartografar os desafios e possibilidades de atuação no trabalho com jovens e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço à Comunidade (PSC). Trata-se de um projeto de TCC desenvolvido por estudantes do 9º período do curso de psicologia do Centro Universitário Augusto Motta. Foi realizada uma revisão bibliográfica onde foram analisados relatórios do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), publicações do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), publicações do Projeto "Sankofa na Socioeducação" além de artigos acadêmicos encontrados na base Google Acadêmico. Observa-se que estes serviços em sua maioria estão localizados em áreas periféricas e os adolescentes atendidos são em sua maioria negros e pobres. Sendo assim a atuação da psicologia neste contexto exige um compromisso ético e político, pautado em um paradigma antirracista e antipunitivista que considere as determinações sociais, históricas e culturais que atravessam a trajetória destes jovens, promovendo assim o cuidado em liberdade e a construção de alternativas a lógicas punitivas.

Palavras-chave: Medidas socioeducativa em meio aberto; adolescentes; liberdade assistida



Terapia Ator-Rede: uma clínica da composição

Debora Emanuelle Nascimento Lomba

O presente trabalho visa apresentar a Teoria Ator-Rede (TAR) enquanto uma abordagem clínica que se faz no encontro. Para isso, me utilizo de um mal entendido promissor, conceito proposto por Vinciane Despret, onde uma colega de trabalho produziu um documento institucional se referindo a minha equipe de estágio no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) como Terapia Ator-Rede. Como uma demanda institucional para criação dessa equipe no SPA, a questão “qual a sua abordagem?” se fez presente e permaneceu sendo recebida com olhares questionadores ao ouvirem: Teoria Ator-Rede. Oriunda do campo da pesquisa, a TAR foi se revelando para mim como uma prática onde quer que estivesse, assim, na clínica ela também habitava (e habita) me conduzindo no fazer psi. E, desde quando me tornei supervisora de estágio no SPA, passo adiante esse modo de clinicar que se faz no encontro, numa radicalidade que me faz pensar em um clinicar-COM, para tomar de empréstimo a ideia do pesquisarCOM da professora Marcia Moraes e reforçando a construção artesanal do fazer clínico, proposto pela professora Laura Quadros. Nessa perspectiva, proponho uma clínica da composição, onde o que interessa é acompanhar as histórias que são narradas e COM as pessoas atendidas tecer caminhos possíveis. Como Bruno Latour ensinou, seguimos os atores que compõem a rede de vida dessas pessoas, nos deslocando de um lugar de suposto saber para aprender COM as pessoas atendidas os becos, as ruas e as vielas que atravessam sua trajetória de vida. E, ao dizer que esta é uma proposta de composição, afirmo o afastamento de uma psicologia das explicações e interpretações. Sigo então com essas heranças permeando os atendimentos e as supervisões que faço no intuito de povoar a psicologia com ensinamentos que construí COM esses mestres e que agora reconstruo com minhas alunas e meus alunos.

Palavras-chave: psicologia clínica; Teoria Ator-Rede; Terapia Ator-Rede.



Vivência em estágio clínico obrigatório supervisionado

Maria Eduarda Romero de Mello

O presente trabalho foi desenvolvido durante a disciplina de Estágio supervisionado específico em psicologia clínica e processos grupais, na graduação, tendo por objetivo a construção de um relato de experiência, a partir do método de observação presencial nas dependências do SPA da instituição. A proposta do estágio é prestar atendimento clínico psicológico às pessoas inscritas no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da faculdade UNIABEU -campus Belford Roxo/RJ- de modo que as pessoas estagiárias dessa disciplina sejam supervisionadas semanalmente por uma pessoa psicóloga formada, membro do corpo docente da instituição, dentro de um grupo baseado nos princípios de uma abordagem clínica focal, aqui serão apresentadas vivências clínicas construídas no grupo de supervisão em psicologia fenomenológica existencial. As atividades do SPA têm um objetivo de compromisso social comunitário, buscando viabilizar o acesso à promoção da qualidade de vida e a manutenção da saúde psico emocional das pessoas que moram nos bairros vizinhos à UNIABEU, por meio de sua clínica-escola. Tal iniciativa -que está em vigor desde Setembro de 2013- integra e enriquece os processos para a conclusão do curso de Psicologia, respeitando e seguindo a ética e política com os parâmetros determinados pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e o Conselho Regional de Psicologia (CRP) para o exercício pleno do trabalho do psicólogo enquanto ciência e profissão. Conclui-se que a contribuição central proposta aqui é ampliar as possibilidades do fazer clínico, enquanto estudante de psicologia, experienciando desde então um olhar capaz de modificar o que se vê e capaz também de ser modificado, não somente no que se olha, bem como no que se permite sentir, impactando -assim- a formação acadêmica, frente à autonomia de se fazer profissional no mundo.

Palavras-chave: psicologia; estágio; SPA; clínica; fenomenologia.

Fonte financiadora do trabalho: Não há.



Acolhimento psicológico e leituras transdisciplinares: projeto Acolê

Pedro Augusto Dinelli Garcia Cruz/ Ana Cristina da Gama Pina/
Aline Souto Curty/ Luiza Silva Barboza/
Michele Santos Canova/ Samira Borges Ibrahim Uihôa/

O Projeto Acolê, inscrito no eixo temático Práticas na Formação em Psicologia, é oriundo da extensão universitária da Universidade Estácio de Sá, Resende-RJ, e trabalha na articulação entre as práticas de acolhimento psicológico com as leituras transdisciplinares. Sendo o acolhimento psicológico uma modalidade de ação possível e comum às diferentes áreas da Psicologia, e o aprendizado literário uma importante fonte de conhecimento, tivemos como objetivo concretizá-los a partir de práticas com finalidade psicoterápicas. Este acontecimento se concretizou em dois movimentos concomitantes, por um lado com leituras e referenciais psicológicos, filosóficos, poéticos, dentre outros, e por outro, realizando em nosso campus, encontros individuais com jovens estudantes que procuraram o Serviço Escola de Psicologia com diferentes demandas afetivas, psicológicas e relacionais. Justificamos tal proposta a partir dos princípios éticos da atuação profissional de psicólogo, da importância da extensão em sua formação e da diversidade teórica e prática desta área do conhecimento. Dentre os desdobramentos sensíveis e perceptíveis desta proposta, ressaltamos o aprimoramento de habilidades como a escuta, a compreensão, análise e construção de estratégias vitais nos alunos propositores, assim como, o entusiasmo, as narrativas positivas e os afetos alegres presentes nos estudantes que participam do projeto, o que nos faz afirmar a importância da criação de práticas em prol da saúde psicológica e qualidade de vida.

Palavras-chave: Acolhimento psicológico; leituras transdisciplinares; extensão universitária



Perspectivas em jogo: uma prática possível na análise do vocacional

**Pedro Augusto Dinelli Garcia Cruz/ Bruna de Almeida Pereira/
Júlia Garcia de Almeida/ Karine Silva Pinto Ferreira e Souza/
Taiane Corrêa de Moraes**

O presente trabalho, inscrito no eixo temático Prática na formação em Psicologia, teve por base o processo de análise do vocacional realizado com adolescentes da equipe sub-15 do Resende Futebol Clube, no CT Academia Pelé, em Resende (RJ). O projeto de extensão Perspectivas em jogo foi elaborado e desenvolvido ao longo da disciplina de Orientação Profissional da Universidade Estácio de Sá Campus Resende, fundamentando-se em uma perspectiva crítica e transdisciplinar da Psicologia. Tendo como público cerca de 13 participantes com idades de 14 a 15 anos tivemos como principal objetivo, após estabelecimento de vínculo, promover reflexões sobre trabalho, carreira, profissão e vocação considerando os atravessamentos sociais que marcam a trajetória desses jovens, como raça, classe, gênero e território. Foram realizados quatro encontros presenciais, com metodologias participativas, lúdicas e personalizadas para a equipe, que contaram com dinâmicas em grupo, rodas de conversa e construção coletiva de reflexões. Através do diálogo e da escuta sensível, buscou-se colaborar com a expansão dos imaginários acerca de perspectivas profissionais e pessoais dos participantes, reconhecendo e ratificando sua realidade no esporte, mas também incentivando a valorização de suas singularidades e o pensamento crítico sobre outras possibilidades profissionais. Outrossim, também buscou-se orientar os participantes a respeito de análise de contextos, para que, seja qual for a escolha profissional que eles persigam, ela seja atravessada pela compreensão das condições de qualidade que uma profissão deve ofertar. Desse modo, foi possível discutir também desenvolvimento de carreira, transição de carreira e reconhecimento de habilidades para escolhas profissionais. Os resultados indicam o fortalecimento dos vínculos entre os adolescentes, maior engajamento nas discussões e a construção de um espaço afetivo de troca, contribuindo para a formação cidadã e para a promoção da equidade no campo da orientação profissional.

Palavras-chave: análise vocacional, orientação profissional, extensão acadêmica



Multidisciplinaridade no cuidado oncológico: acolhimento psicológico e qualidade de vida do paciente

Maria Catharina Baptista de Paula (Autora apresentadora) /
Luisa Maciel Ribeiro Teixeira/ Lizandra Silveira de Souza/
Alexsandra Elias dos Santos/ Luiza Nogueira Morello/
Mariana Almeida Rabello (Orientadora)

O aumento na expectativa de vida da população acarreta no crescimento do diagnóstico de doenças ameaçadoras da vida, como o câncer. Isto torna necessário um olhar atento não apenas para as questões médicas relacionadas à doença mas para a qualidade de vida do paciente durante o tratamento ou quando este chega ao seu limite. A equipe multiprofissional que compõe os cuidados paliativos é responsável por garantir que o paciente siga a vida de forma estável, promovendo seu bem-estar sem centrar os cuidados na ideia de cura. A presença da psicologia nesse contexto assegura um espaço de escuta, facultando a fala livre acerca do sofrimento causado pelo adoecimento e pela perspectiva da finitude. O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre o acompanhamento a pacientes oncológicos e em cuidados paliativos, a partir do relato de experiência de alunos de graduação no projeto de extensão Acolhimento Psicológico a Pacientes Oncológicos no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), do Instituto de Psicologia da UERJ. O projeto oferece acompanhamento psicológico a pacientes vinculados ao HUPE e aos seus familiares e cuidadores. Os atendimentos são feitos em sua maioria no modelo remoto, considerando a dificuldade por parte dos pacientes de frequentar a instituição com regularidade. Nos atendimentos, o paciente é convidado a trazer quaisquer questões que lhe afetem, sejam relacionadas às perdas e limitações impostas pelo adoecimento, mas também para além da doença ou do trabalho de cuidado. A partir da perspectiva psicanalítica, compreende-se que as demandas trazidas pelo sujeito podem dizer algo sobre a sua posição em relação às vicissitudes decorrentes do processo de adoecimento, seu ou de um familiar. Desse modo, é possível acompanhar como o sujeito convivendo com uma doença grave constrói sentidos e tece relações a partir do que está em jogo em decorrência do diagnóstico, mas também para além dele.

Palavras-chave: psicanálise, cuidados paliativos, oncologia e finitude



Relato de experiência de estágio em Psicologia no contexto prisional

Gabriela Hespanha Almeida/ Raquel Veloso da Cunha

A Central de Audiência de Custódia (CEAC), localizada no Complexo de Benfica, no Rio de Janeiro, foi criada em 2015 pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), em concordância com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), tem o intuito de fazer uma triagem e fiscalizar a regularidade da prisão. Após a audiência de custódia, é realizado um atendimento pela equipe APEC (Atendimento à Pessoa Custodiada), com o intuito de promover acolhimento, orientação e encaminhamentos para a rede pública de serviços. A partir de um relato de experiência de estágio em Psicologia Jurídica, objetivamos discutir sobre os impasses e dilemas éticos na escuta de pessoas em condições de extrema vulnerabilidade e desamparadas pelo poder público. Observamos desafios na efetivação de direitos humanos em um sistema marcado por limitações institucionais como, alta demanda, complexidade dos casos e recursos escassos. Em diversos casos, indivíduos saem da audiência em condições de extrema vulnerabilidade: pessoas em situação de rua, sem documentos pessoais, sem rede de apoio, sem recurso financeiro. Concluimos que a atuação do psicólogo nesse espaço institucional não se resume ao acolhimento e encaminhamento para rede de proteção socioassistencial, mas também é lugar de lutar pelos direitos dos custodiados com base nos direitos humanos. Para tanto, é fundamental que o profissional tenha sensibilidade, capacidade de articulação com a rede e compromisso ético.

Palavras-chave: audiência de custódia; vulnerabilidade social; rede de proteção; direitos humanos.



Efeitos da disciplina sobre deficiência na formação em Psicologia na UFRRJ

Pedro Júdice Monteiro de Barros/ Gillian Cardoso dos Santos/
Mica Lopes Malheiro/ Gabriel dos Santos Fonseca/
Angélica da Silva Ângelo Luiz/ Raquel de Oliveira Guerreiro

Os estudos da deficiência têm sido cada vez mais abordados nas instituições de Ensino Superior brasileiras devido ao aumento do ingresso de pessoas com deficiência impulsionado pela Lei de Cotas (Lei n.13.409/2016). Diante desse cenário, é fundamental a construção de diálogos e políticas anticapacitistas que garantam um ambiente inclusivo, assegurando a permanência e participação efetiva desses estudantes na vida universitária (De Mozzi, 2020; Gesser, Moraes, Böck, 2020; Kastrup, Pozzana, 2020; Gesser et al, 2022; Paiva, Gesser, 2023; Guerreiro et al, 2024). A disciplina “Psicologia das Pessoas com Necessidades Especiais (PPNE)”, presente na grade do curso de Psicologia da UFRRJ, colocou em evidência a importância de uma formação anticapacitista e a compreensão da deficiência para além do modelo biomédico. Para aprofundar o debate sobre essa temática, foi criado um Grupo de Estudos da Deficiência, que é composto por estudantes de graduação e pós-graduação. O objetivo do trabalho é avaliar os efeitos da disciplina PPNE na formação dos estudantes de Psicologia da UFRRJ. Para isso, o grupo aplicou um questionário online anônimo visando mapear como a PPNE afetou a compreensão da deficiência e do capacitismo nos alunos que cursaram a disciplina em 2024. O questionário teve 21 participantes: 18 estudantes sem deficiência e 3 com deficiência. Os resultados demonstraram por unanimidade de respostas que a disciplina promoveu uma mudança significativa na compreensão da deficiência. Dentre as respostas, os estudantes relataram sentir-se mais bem preparados para o encontro com a deficiência no seu exercício profissional. Deste modo, afirmamos a importância da obrigatoriedade da disciplina sobre deficiência no currículo da Psicologia, a fim de construir uma formação anticapacitista.

Palavras-chave: deficiência; anticapacitismo; educação superior



Deficiência e Arte: Uma reflexão não normativa

Ana Luiza Fidelis Pedrosa/ Bárbara de Freitas Guimarães/
Livia Amaral de Oliveira/ Bia Duque Estrada Botelho/
Jéssika Pacheco de Figueiredo Bianchi/ Ana Clara Fernandes Rio Torto/
Raquel de Oliveira Guerreiro

A proposta deste trabalho surgiu no seminário “Deficiência e Arte: desafios e alternativas”, apresentado na disciplina Psicologia das Pessoas com Necessidades Especiais (PPNE), do curso de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O consumo e produção de arte é comumente reservada à pessoas cujos corpos se enquadram nos padrões normativos da sociedade. Esse cenário apresenta obstáculos à experiência artística e estética de pessoas com deficiência, tanto no sentido de sua produção quanto no sentido do acesso às obras de arte. Não atentar para estas questões acaba por promover uma exclusão estética, bem como restringe a possibilidade de expressão e experimentação da arte a qualquer pessoa. Artistas e autores brasileiros com deficiência têm discutido a experiência estética de pessoas com deficiência no encontro com a arte (Kastrup, 2010; Guerreiro, 2016; Alves, Moraes, 2019; O. Edu, 2020; Montija, 2022; Lapponi, 2023). O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão acerca dos modos como a arte é produzida e consumida e sua relação com a deficiência a partir de uma perspectiva não normativa. Para isso, a metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica dos textos da disciplina PPNE e uma pesquisa mais ampla, que inclui redes sociais de artistas com deficiência, plataformas científicas e sites governamentais. Com essa pesquisa, o grupo percebeu que os autores e artistas citados propõem uma ampliação nas formas de se experimentar o corpo no encontro com a arte. Concluímos que ao quebrar com as normas impostas, abrimos um leque de possibilidades de experimentar a arte, tanto para pessoas com deficiência quanto para pessoas sem deficiência. Assim, ressaltamos a importância de se ofertar uma disciplina na temática da deficiência, a fim de promover uma quebra normativa no nosso pensamento sobre a deficiência e suas possibilidades.

Palavras-chave: deficiência; arte; experiência estética; normatividade.



Estigmatização da Sexualidade de Pessoas com Deficiência

Gillian Cardoso dos Santos/ Patrick Shuan Rodrigues Rezende/
Mica Lopes Malheiro/ Pedro Júdice Monteiro de Barros/
Raquel de Oliveira Guerreiro

A sexualidade é uma dimensão importante da experiência humana e deveria poder ser expressa e vivida de diversas formas. Contudo, há um conjunto de regras, nem sempre explícitas, estabelecidas pela sociedade em diferentes contextos, que ditam às pessoas qual seria o tipo de sexualidade aceitável e quais corpos poderiam vivê-la, por serem corpos considerados desejáveis e desejantes. Com isso, podemos dizer que existe uma sexualidade considerada normativa, denominada heteronormatividade compulsória, e corpos também considerados normativos, que compõem a corponormatividade compulsória. Qualquer expressão da sexualidade que não se encaixe nos padrões normativos, bem como corpo que não siga o padrão de funcionalidade e estética da corponormatividade, são considerados desviantes. Até a década de 1990, as publicações sobre a intersecção entre deficiência e sexualidade eram quase inexistentes, mostrando que, o direito à vivência da sexualidade faz parte da luta histórica das pessoas com deficiência. Considerando tais questões, em 2024, um grupo de alunos da disciplina “Psicologia das Pessoas com Necessidades Especiais” (PPNE) ofertada ao curso de psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) apresentou um seminário expositivo intitulado “Estigmatização da sexualidade de pessoas com deficiência”. Assim, com base no seminário, este trabalho busca apresentar novas perspectivas e discussões acerca da sexualidade de pessoas com deficiência, visando desconstruir o olhar estigmatizante e repressivo acerca do comportamento sexual de pessoas com deficiência. Para construção do trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica. Por esse meio, observou-se o reconhecimento da importância de romper com concepções capacitistas e moralizantes que deslegitimam a vivência sexual de pessoas com deficiência. Com isso, percebe-se que promover espaços de escuta e reflexão, como esse seminário, é essencial para desconstruir estigmas e contribuir para a afirmação da sexualidade como direito humano, independentemente das condições corporais.

Palavras-chave: sexualidade; deficiência; corponormatividade; estigmatização.



Oficinas de Habilidades Sociais com estudantes universitários

Enzo Olivieri Carvalho/ Luísa Abreu Galvão da Silva/
Maria Clara Simões Batista Lazary Pinto/ Mariana Armond Silva de Castro/
Vanessa Barbosa Romera Leme

O presente trabalho visa apresentar Oficinas de Habilidades Sociais, realizadas por bolsistas e voluntários de graduação do projeto de extensão PRODIN (Projeto de Desenvolvimento Interpessoal para Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde Mental no Curso da Vida) – que tem por objetivo oferecer atividades psicoeducativas de promoção de saúde mental e prevenção às violências interpessoais e autoprovocadas, atuando do ensino fundamental ao superior, com alunos e professores –, do Instituto de Psicologia da UERJ, para estudantes universitários do estado do Rio de Janeiro. Participaram 14 universitários, sendo 5 homens e 9 mulheres, com idade média de 22 anos. Foram realizadas quatro oficinas, de duas horas, com os seguintes temas: “Como me sinto na universidade?”, “Solidão no ambiente universitário”, “A assertividade no contexto universitário” e “Preocupação e estresse na universidade”. Foram trabalhadas habilidades sociais de automonitoria, autoconhecimento, autocontrole, expressão de sentimentos, empatia, comunicação, assertividade, manifestação de opinião, manifestação da raiva, entre outras. De forma dialogada, somando exposição conceitual a dinâmicas vivenciais, as atividades visaram apresentar teoricamente as temáticas escolhidas, bem como dar voz aos participantes para que pudessem compartilhar suas próprias experiências. Ao final, os participantes preencheram um formulário de avaliação, personalizado para cada encontro, mensurando a sua satisfação, suas auto-percepções, as habilidades dos facilitadores, a aplicabilidade dos conteúdos trabalhados e possíveis sugestões. Dessa forma, pode-se observar, a partir desse material, que as oficinas promoveram um ambiente acolhedor e seguro para se discutir o cotidiano universitário, aspecto valorizado e considerado necessário pelos participantes, e que as dinâmicas também foram bem recebidas, transparecendo a importância de realizar este trabalho para a promoção de saúde mental dos estudantes universitários.

Palavras-chave: habilidades sociais; oficinas; universitários; projeto de extensão; saúde mental.



A palavra como promotora de saúde mental no ambiente escolar

Jessica de França Santana/ Richard Silva dos Santos/ Carla Jeucken

Diante da articulação entre os caminhos múltiplos que a palavra toma, é preciso uma escuta atenta às vicissitudes da cultura e do contexto social para apreender os afetos que a atravessam, os rastros subjetivos que aparecem no dialogismo que conecta sujeito ouvinte e falante. Para essa reflexão, partimos das discussões, no campo da psicologia, realizadas nas supervisões do projeto de extensão Programa de Alfabetização, Leitura e Autoria para a Valorização das Redes de Aprendizagens (PALAVRA) da Universidade Federal Fluminense (UFF). São nos relatos feitos a partir do contato prático e interativo com o ambiente escolar que as experiências articuladas à palavra se tornam vias possíveis para promoção de saúde mental. Nesse contexto, torna-se nítido o quanto o endereçamento é fundamental na escuta, pois ao dirigir-se ao sujeito, ele também dirige-se a nós. Esse fato levou-nos a presenciar enunciações que irrompem quando as crianças interagem entre si, com o brincar e com as facilitadoras institucionais. Ao tomar a palavra, a criança faz valer seu lugar de sujeito que tem o que dizer e fazer acerca de suas questões. Com isso, o ambiente escolar pode oferecer a possibilidade de silenciamentos cederem espaço para a expressão de afetos. Nessas trocas, encaminhamentos variados e singulares podem ser elaborados, dado o impacto da palavra no ouvinte e nos enunciadorees. Desse modo, a polivalência das experiências nas instituições escolares permite que as mais diversas expressões de ser no mundo façam-se presentes no ato de tomar a palavra. A responsabilidade em oferecer espaços de acolhimento, livre de julgamentos, portanto, mantém viva a questão norteadora do presente trabalho: que ambientes escolares criamos com as crianças através da circulação ou do silenciamento da palavra e da variedade interpretativa das narrativas vividas?

Palavras-chave: Palavra; Afetos; Convivência; Escola; Crianças



A palavra como promotora de saúde mental no ambiente escolar

Jessica de França Santana/ Richard Silva dos Santos/ Carla Jeucken

Diante da articulação entre os caminhos múltiplos que a palavra toma, é preciso uma escuta atenta às vicissitudes da cultura e do contexto social para apreender os afetos que a atravessam, os rastros subjetivos que aparecem no dialogismo que conecta sujeito ouvinte e falante. Para essa reflexão, partimos das discussões, no campo da psicologia, realizadas nas supervisões do projeto de extensão Programa de Alfabetização, Leitura e Autoria para a Valorização das Redes de Aprendizagens (PALAVRA) da Universidade Federal Fluminense (UFF). São nos relatos feitos a partir do contato prático e interativo com o ambiente escolar que as experiências articuladas à palavra se tornam vias possíveis para promoção de saúde mental. Nesse contexto, torna-se nítido o quanto o endereçamento é fundamental na escuta, pois ao dirigir-se ao sujeito, ele também dirige-se a nós. Esse fato levou-nos a presenciar enunciações que irrompem quando as crianças interagem entre si, com o brincar e com as facilitadoras institucionais. Ao tomar a palavra, a criança faz valer seu lugar de sujeito que tem o que dizer e fazer acerca de suas questões. Com isso, o ambiente escolar pode oferecer a possibilidade de silenciamentos cederem espaço para a expressão de afetos. Nessas trocas, encaminhamentos variados e singulares podem ser elaborados, dado o impacto da palavra no ouvinte e nos enunciadore. Desse modo, a polivalência das experiências nas instituições escolares permite que as mais diversas expressões de ser no mundo façam-se presentes no ato de tomar a palavra. A responsabilidade em oferecer espaços de acolhimento, livre de julgamentos, portanto, mantém viva a questão norteadora do presente trabalho: que ambientes escolares criamos com as crianças através da circulação ou do silenciamento da palavra e da variedade interpretativa das narrativas vividas?

Palavras-chave: Palavra; Afetos; Convivência; Escola; Crianças



Usos da Inteligência Artificial pelos universitários

**Cristiane Lisbôa da Conceição / Maria Luiza Ferreira Lima
Carina Cardoso Marques de Araújo / Gabriel Teixeira Vilela Santos
Amanda Lais Coelho de Matos / Rafaella Viana de Araújo**

O uso da inteligência artificial (IA) é um tema atual e polêmico. Entre aqueles que o encaram com temor, vemos presente o argumento não só de uma espécie de atrofia das capacidades cognitivas humanas que deixam de ser exercitadas, quanto o questionamento da qualidade do trabalho da IA ao se propor substituir certas ações humanas. Por outro lado, existem outros que apostam em seu uso como uma forma de otimizar e potencializar tais ações, oferecendo facilidades nas atividades cotidianas. De todo modo, a questão não parece mais ser o uso ou não uso da IA, mas o modo como ele se opera. No ambiente acadêmico, este segue sendo um tema polêmico e tem sido objeto de discussões em nosso projeto de pesquisa “A leitura e a escrita acadêmica em psicologia: intervindo nas práticas estudantis universitárias no contemporâneo”. O projeto está em fase inicial e conta com uma estudante bolsista PIBIC&T e quatro estudantes voluntários, grupo que têm se reunido com a pesquisadora coordenadora semanalmente em encontros virtuais. Nestes, temos compartilhado experiências sobre a leitura e escrita acadêmica, nas quais o uso da IA se tornou tema inevitável. Dentre as vantagens de seu uso, relatada pelos próprios estudantes, está a facilidade em realiza pesquisas bibliográficas, o auxílio na elaboração de trabalhos acadêmicos, a construção de mapas mentais e resumos de leituras que otimizam o tempo de estudo. Entretanto, seu uso desenfreado também oferece desafios, como a superficialização do processo de aprendizagem, a criação de uma dependência excessiva destas ferramentas e a própria perda de autonomia do estudante no seu processo de aprendizado e direcionamento de interesses. Para além disso, existem também questões éticas quanto à autoria e uso responsável dos dados. Nosso projeto visa, assim, pesquisa e intervir nas práticas formativas relacionadas à leitura e escrita, desenvolvendo-as por meio de oficinas.

Palavras-chave: inteligência artificial, ensino superior, processo ensino-aprendizagem, universitários.



Poesia etológica nos processos de subjetivação: ensaios poéticos de um etólogo-cartógrafo

Mario Vinicius Marques de Moraes/ Thiago Colmenero Cunha/
Débora Emanuelle Nascimento Lomba

Objetiva-se apresentar uma narrativa clínica inventiva, desenvolvida durante estágio supervisionado no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Santa Úrsula, entre 2023.1 e 2025.1, utilizando perspectiva teórico-prática da Esquizoanálise e influências advindas da iniciação científica do Laboratório conTAR. A proposta, de poesia etológica, mistura metáforas de uma ave-personagem, seus voos e trajetórias de vida, narradas por um etólogo-cartógrafo, contando histórias das linhas de segmentaridade a partir dos atendimentos clínicos semanais que ocorreram de forma híbrida. Articulando experiência clínica com uma ética freireana, valorizando multiplicidade de vozes e modos de expressão, apostamos numa escrita inventiva e acessível que une arte, subjetivação e práticas de resistência. A narrativa busca transformar a escrita acadêmica tradicional em uma forma mais sensível e política, acolhendo saberes orais e modos de contar histórias como ferramentas de emancipação e transformação. A ave-personagem, oriunda do Nordeste brasileiro e agora no Sudeste, simboliza uma paciente após paralisia total esquerda do seu corpo, cuja trajetória vai além dos sintomas, indica cenários sociais e possibilidades de novos voos e recomeços. A metáfora da “asa quebrada” intitulada Aeroporto, dispara e ilustra a experiência clínica-poética do estagiário, enfatizando que o foco não está na interpretação dos sintomas. Destaca-se a importância de uma psicologia social crítica, incorporando influências da biologia, filosofia, literatura e outros fazeres, buscando compreender os encontros entre humanos e não-humanos, evidenciando a arte como modo de expressão e resistência. Como um aprendiz e artesão, que navega por diferentes saberes e práticas para construir um fazer clínico mais sensível, ético, estético e político, este ensaio poético não apresenta resultados ou conclusões definitivas, mas sim motivações para continuar explorando modos de narrar e agir que promovam o bem-viver e a liberdade de voar, inspirando-se na criatividade e na expressão artística dos pássaros e na potência da subjetivação.

Palavras-chave: cartografia; escrita; narrativa; poesia etológica; processos de subjetivação.



Conhecimentos sobre Orientação Profissional na imprensa: a atuação de Mira y López

Giulia Ferreira Marinho/ Luiza Guimarães Flores/ Filipe Degani-Carneiro

Emílio Mira y López foi um psiquiatra e psicólogo espanhol, que foi crucial na institucionalização e profissionalização da Psicologia no Brasil. Além disso, teve importante papel no campo da Orientação Profissional no país, criando o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 1947. Dentre os arquivos pessoais de Emílio e Alice Mira y López – cedidos para o Laboratório Clio-Psyché, da UERJ– decidiu-se analisar 173 colunas de Mira y López publicadas na Folha de São Paulo entre 1960 e 1964. Objetivou-se compreender a veiculação e circulação da Psicologia na imprensa da época, a partir de demandas do público geral, com enfoque na temática da Orientação Profissional. A partir do referencial da Análise do Discurso, as colunas foram analisadas e agrupadas em 13 categorias temáticas. A segunda maior foi a de Orientação Profissional, contendo 32 colunas, que foram divididas em 4 subcategorias: Profissões, Ocupações Laborais e Motivações (n=15), em que o autor constrói perfis profissiográficos de ocupações tão diversas quanto a Medicina e a Astronomia; Cultura e Clima Organizacional (n=7), em que discute métodos para aumentar a satisfação e as boas relações interpessoais nas organizações; Saúde e Bem-Estar do/no Trabalho (n=5), em que Mira y Lopez se preocupa com a saúde física e mental dos trabalhadores, até mesmo antecipando discussões sobre burnout; Mobilidade Humana e Trânsito (n=2), em que fala sobre taxistas e o desejo por velocidade. A análise desse conjunto textual evidencia uma preocupação de Mira y López com o equilíbrio entre as necessidades individuais e coletivas, e com a adaptação dos sujeitos às profissões. Logo, constata-se um papel atribuído à Psicologia da época: otimizar a produção e organizar a sociedade brasileira em urbanização e industrialização.

Palavras-chave: Orientação Profissional; Emílio Mira y López; História da Psicologia; Arquivos.



Os Desafios da Maternidade Solo no Ciclo Gravídico-Puerperal: Impactos Psicossociais nas Mulheres

Beatriz Maneiro Cardoso/ Lilian Maria Borges

A maternidade solo, desde o ciclo gravídico-puerperal, costuma ser permeada por questões psicossociais que refletem as desigualdades estruturais de uma sociedade patriarcal, na qual papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres moldam suas responsabilidades e impactam seu bem-estar e equilíbrio emocional. Este estudo visou investigar os desafios e efeitos psicossociais da maternidade solo a partir das narrativas de seis mulheres, tendo por base suas experiências e percepções. Com uma abordagem qualitativa e exploratória, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e os dados obtidos foram submetidos à análise temática. Os resultados mostraram sobrecarga de responsabilidades, escassa rede de apoio e julgamentos sociais como os principais desafios para as mulheres que vivem essa realidade, o que gerava impactos psicossociais significativos, expressos sobretudo por exaustão física e mental, ansiedade e estresse crônicos, culpa internalizada e autoexigência. As estratégias utilizadas pelas mães para amenizar dificuldades e melhorar a qualidade de vida consistiam, por exemplo, em busca por suporte social, procura por suporte emocional profissional e mudanças no estilo de vida e no autocuidado. Estudos dessa natureza podem contribuir para uma melhor compreensão das realidades vivenciadas por mulheres que experienciam a maternidade solo, além de promover maior conscientização social a esse respeito e favorecer um maior reconhecimento da relevância acadêmica da temática, incentivando novos estudos.

Palavras-chave: Maternidade; Família Monoparental; Fatores Psicossociais; Gestação; Período Pós-Parto; Patriarcado.



Aposta clínica em coletivo: relato de experiência de estágio em um CAPSi

Beatriz Mehl Domingues Kucuruza/ Franco de Mattos Lima

A partir do reconhecimento das crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, a implantação dos CAPSi no Brasil buscou, entre outros avanços, a superação do estigma do sofrimento psíquico como “desviante” ou “incapaz”. Dentre vários dispositivos de trabalho e cuidado, os denominados “coletivos” operam a Atenção Psicossocial inspirados na Psicanálise.

Considerando os CAPSi também como espaços formativos para estagiários e residentes, afirma-se o compromisso com a transmissão de um fazer técnico e ético de aposta nos sujeitos e suas manifestações. Assim, este trabalho se propõe a relatar a experiência e algumas reflexões no curso deste estágio curricular num dispositivo clínico, o “coletivo”, realizado semanalmente, no qual o singular se constrói em coletivo.

O coletivo é composto por crianças entre 5 e 9 anos que apresentam distintas questões no âmbito do desenvolvimento e têm como ponto em comum uma relação com um Outro que se apresenta como invasivo. Por se configurar como uma prática entre vários, sem endereçar demandas ao usuário, este dispositivo permite que seus operadores diluam esse teor invasivo e acompanhem cada criança na singularidade de seus movimentos e construam vínculos que não exigem normatizações dos modos de existir. A equipe aposta na criança enquanto sujeito, no movimento do brincar e, sobretudo, na posição de não-saber. Delas, só se espera que sejam, cada qual ao seu modo, crianças. Neste percurso, por vezes, a repetição de uma ação estereotipada movimenta-se para um brincar, dando notícias dessa aposta clínica.

Embora o coletivo não seja uma inovação conceitual, sua operação no CAPSi adquire caráter político diferenciado ao expressar o compromisso institucional com a formação de profissionais para o campo da Saúde Pública. A experiência demonstra a importância da integração entre formação acadêmica e prática do SUS como componente essencial das políticas públicas de saúde e educação.

Palavras-chave: atenção psicossocial; formação profissional; dispositivos coletivos; CAPSi



Saúde Mental de Crianças e Adolescentes: avanços e desafios no apoio matricial

Igor Franco Dias/ Luíza Neves Feliciano de Souza/ Franco de Mattos Lima

O cuidado em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (SMCA) deve considerar a articulação entre diferentes serviços em seus variados graus de complexidade. Nesse sentido, no trabalho com essa população, a Atenção Básica (AB) ocupa papel estratégico na construção de práticas de cuidado por ser “a principal porta de entrada e centro de comunicação da Rede de Atenção à Saúde (RAS), coordenadora do cuidado e ordenadora das ações e serviços disponibilizados na rede” (PNAB, p. 10), com os Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi). A efetivação da integralidade do cuidado e a superação do modelo centrado em especialistas, que tende a hierarquizar saberes e fragmentar o indivíduo, reduzindo-o a partes cuidadas de forma normativa e desarticulada, entretanto, ainda são desafios importantes para o campo da SMCA. Não são incomuns encaminhamentos realizados de modo protocolar e impessoal. Nesse sentido, visando superar a fragmentação, o especialismo e a desassistência, o matriciamento representa uma estratégia ao propor a horizontalização das relações entre profissionais numa construção compartilhada de cuidado. O presente trabalho tem como objetivo lançar luz sobre avanços e desafios no trabalho de cuidado compartilhado a partir da experiência de matriciamento realizadas por um CAPSi do município do Rio de Janeiro ao longo do primeiro semestre do ano de 2025. Como avanços, pode-se observar maior compartilhamento de cuidado entre AB e CAPSi a partir de um aumento na quantidade de casos discutidos e interconsultas realizadas. Todavia, esse trabalho ainda se concentra em alguns profissionais, que se mostram mais disponíveis, ratificando o que a literatura já aponta sobre a dificuldade de profissionais da AB para lidar com a temática da Saúde Mental.

Palavras-chave: Matriciamento; RAPS; CAPSi; Atenção Básica.



Intersetorialidade: O Cuidado para Além das Fronteiras

Victória Piller de Araujo/ Fabiane Dias de Mendonça

Este resumo retrata a experiência de estágio em espaços coletivos do CAPS da primeira autora, que formulassem o trabalho em rede, para além do espaço físico do CAPS como matriciamentos, reuniões de equipe e grupos. O trabalho em rede se caracteriza pela articulação com outros serviços, como clínicas da família. Assim, pensar a intersectorialidade é refletir sobre os processos de articulações com outros dispositivos, dentro e fora da RAPS, a fim de analisar estratégias e planejar conjuntamente. É imprescindível, também, a conexão a outros setores como, trabalho e cultura, por exemplo, e principalmente, estar a par das possibilidades ofertadas no território. A experiência de acompanhar os matriciamentos e reuniões de equipe permitiu compreender esse espaço de conversa e corresponsabilização em que cada técnico presente pode contribuir e aprender com outro a fim de conceber o usuário em sua completude. Assim como, a comunicação Intra e Inter CAPS, em compartilhamentos de casos e acolhimento noturno. Bem como no grupo “Conversando Sobre Trabalho” que permite a construção da autonomia do usuário, como forma de pensar sua inserção do ambiente laboral e continuação de estudos. Entretanto, umas das dificuldades mais acentuadas é a limitação territorial devido a periculosidade da região, à medida que ocorre a necessidade de adiamento das atividades marcadas anteriormente. Por fim, é fundamental ir além do contexto clínico, se atentar na articulação a outros serviços, inclusive fora da RAPS. Mas não se limitar a isso, ao passo que as comunicações entre CAPS não se restringem a área programática, também não precisam as possibilidades terapêuticas. O CAPS é apenas uma pequena engrenagem desse sistema, que não consegue, e nem deve realizar tudo sozinho e por isso é tão crucial e relevante a construção de possibilidades, em conjunto com o usuário, para além desse espaço físico.

Palavras-chave: CAPS; Intersetorialidade; Trabalho em Rede.



Desafios no Atendimento a Crianças Institucionalizadas

Alexssandra Juliane Vaz/ Débora da Silva Sampaio/
Pedro Henrique Ambrosio dos Santos

O presente trabalho, fruto de reflexões levantadas na supervisão do estágio em psicanálise, visa abordar os desafios na atuação enquanto estagiários do SPA do Centro Universitário Celso Lisboa, em atendimento a crianças/adolescentes de uma unidade de reinserção social (URS), localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Enquanto serviço de Psicologia, vinculado a tal instituição, nos deparamos com diversos desafios que implicam de maneira bastante notável na subjetividade dessas crianças/adolescentes. Analisar os desafios no atendimento a um público infantojuvenil institucionalizado exige que se observe a realidade da infância e as nuances do processo de acolhimento, que passa a ser reorganizado a partir da Constituição Federal de 1988, e estabelece a mudança de perspectiva da infância, que culminou no surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), visando a garantia de direitos fundamentais, incluindo o de proteção integral em situações de risco. Com essa perspectiva, encontramos as instituições de acolhimento como espaço de desenvolvimento, cuidado e socialização, tendo como premissa o cunho de transição para reintegração em sua família de origem ou em família substitutiva. Porém, na contramão disso, encontramos crianças e adolescentes que passam boa parte de sua juventude em instituições de acolhimento, reproduzindo estigmas que se apresentam de formas bastante atualizadas e sem a garantia do seu direito de se desenvolver em uma família. Nesse contexto, o atendimento psicológico se vê atravessado por questões institucionais, tanto no que tange a instituição de acolhimento, quanto da instituição que oferece o serviço psicológico. A partir da experiência de estágio, constatamos que o manejo destes desafios acaba se tornando fundamental para o avanço do cuidado terapêutico da criança/adolescente. Concluímos que o acompanhamento psicológico nesses casos necessita de intervenções que ampliem o olhar unicamente voltado para sintomas da criança/adolescente e seja capaz de adentrar os dilemas institucionais e sociais impostos.

Palavras-chave: desafios; crianças; adolescentes; spa.



Sexualidade na Senescência e Estigmas Midiáticos: O Papel da Psicologia

Thais Nunes da Costa/ Yasmin Lopes Pires/ Raphael Curioni Raia

A velhice, segundo Simone de Beauvoir (1970), se trata, não só de um fenômeno biológico, mas de uma realidade construída socialmente, com cargas políticas, históricas e simbólicas. Nesse sentido, no que se refere à sexualidade na senescência, observa-se como ainda é um tema cercado por estigmas, muitas vezes reforçados pela representação midiática que invisibiliza o desejo na terceira idade. Este trabalho propõe estruturar, através de uma revisão da literatura, reflexões críticas acerca do impacto desses estigmas na construção e manutenção da subjetividade de pessoas idosas, com ênfase na invisibilização do desejo e na negação da afetividade. O objetivo é compreender o impacto das mídias na construção do idoso enquanto sujeito sexual e o papel da(o) psicóloga(o) na escuta, acolhimento e desconstrução desses discursos. Argumenta-se como a psicologia desempenha um papel fundamental nesse processo de desconstrução, promovendo uma compreensão mais ampla, respeitosa e integrada da experiência sexual idosa. Entre estratégias possíveis, destacam-se os grupos de escuta, ações de psicoeducação e intervenções nas políticas públicas, o que se demonstra essencial, não apenas para romper visões estigmatizadas sobre o envelhecimento, mas também para favorecer a autonomia, a dignidade e a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), promovendo uma velhice mais ativa, consciente e plena.

Palavras-chave: psicologia; mostra do CRP RJ; sexualidade; senescência; direitos humanos.



Relato de Experiência: Estágio em Psicologia Hospitalar no Pré-Operatório Bariátrico

**Camila Vitória Cantarino Lopes da Silva/
Isabelle Cardoso Fernandes da Costa/ Adrielly da Silva Duarte/
Rayane de Avillez Ferreira/ Sylvia Regina Fernandes Batista**

Este trabalho relata a atuação de estagiárias de Psicologia Hospitalar no acompanhamento pré-operatório de pacientes do Programa de Obesidade e Cirurgia Bariátrica (PROCIBA) do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Serão discutidas as questões centrais embasadas em referenciais éticos, técnicos e científicos.

O entendimento científico reconhece a obesidade como doença crônica e multifatorial, caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal que pode causar prejuízos à saúde, além de implicações psicossociais. Desta forma, precisa ser abordada multiprofissionalmente para que seja cuidada em sua complexidade.

O trabalho segue as diretrizes da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM), que recomendam a realização de, no mínimo, três consultas psicológicas no pré-operatório, incluindo avaliações psicossociais e psicoeducação.

No PROCIBA, são feitas seis entrevistas semiestruturadas; atendimento em grupo; registros dos atendimentos; e supervisões semanais. Além disso, a avaliação psicológica pré-operatória busca identificar fatores de saúde mental, alimentares e/ou sociais que podem interferir na manutenção dos ganhos no pós-operatório tardio. Para isso, cada uma das entrevistas aborda um tema: identificação, hábitos alimentares, doenças associadas, família, aplicação de testes psicológicos e autopercepção.

Cada caso possui particularidades, mas a equipe de Psicologia encontra obstáculos recorrentes. A maioria dos pacientes apresenta vulnerabilidade socioeconômica que compromete o acesso à alimentos saudáveis e a aderência de mudança de hábitos de vida – afetando o cuidado longitudinal. Somam-se a isso quadros de transtornos mentais e padrões de comer emocional e/ou compulsão alimentar, que frequentemente resultam em culpa e vergonha. Ademais, alguns pacientes assumem o papel de cuidador, o que pode gerar exaustão física e mental pela negligência das próprias necessidades.

Essas observações ressaltam a importância da oferta de um cuidado especializado. Desse modo, além da experiência prática, o trabalho também possibilita abertura para discussão e aprimoramento do cuidado a pacientes com obesidade.

Palavras-chave: Psicologia hospitalar; Cirurgia bariátrica; Equipe multiprofissional; Avaliação Psicológica; Obesidade



Capacitismo como construção social: reflexões críticas para a formação em Psicologia

Ana Cléa Candido da Silva/ Edna Lúcia Tinoco Ponciano

O capacitismo é compreendido como um sistema de opressão estruturante, sustentado pela ideia de que determinados corpos e mentes são mais válidos, produtivos e autônomos do que outros. Esse sistema estabelece hierarquias que naturalizam a inferiorização daqueles que não se enquadram nos padrões normativos de funcionalidade. Historicamente, a deficiência foi associada a desvio, erro ou castigo, servindo como justificativa para práticas de exclusão social, desde o infanticídio na Antiguidade até as políticas eugenistas e os modelos biomédicos contemporâneos. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o capacitismo como uma construção social que sustenta práticas de exclusão e de marginalização das pessoas com deficiência, impactando diretamente seus direitos, sua visibilidade e sua participação social. A metodologia adotada foi uma análise bibliográfica e reflexiva, pautada no levantamento e na interpretação crítica de produções acadêmicas que discutem este tema, suas origens históricas e suas expressões atuais. As reflexões apontam que o capacitismo não se limita às barreiras físicas, mas se manifesta, de forma contundente, em barreiras atitudinais, comunicacionais, tecnológicas e culturais, que reforçam estigmas e ampliam as desigualdades sociais. Compreender o capacitismo como fenômeno estrutural possibilita reconhecer como ele se articula com outros sistemas de opressão, como o racismo, o sexismo e o classismo, reforçando processos de marginalização. O debate reafirma a necessidade de inserir na formação em Psicologia uma abordagem crítica, interseccional e anticapacitista, que promova uma atuação profissional eticamente comprometida com a diversidade, os direitos humanos e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: capacitismo; deficiência; exclusão social; formação em psicologia; diversidade.



Acender as brasas oníricas: por uma política da imaginação

Enzo Teixeira Soares Marinho/ Juliana de Araujo Thuler Zolotar/
Morena Guerrieri Moreira Alvarez/ Tayla Gomes de Souza/
Gabriel Lacerda de Resende

Em seu Credo criativo (1920), Paul Klee apresenta a processualidade da arte ao inverter a expressão dos valores artísticos quanto à forma enquadrada na obra para a produção do conteúdo extravasado. Traçando um paralelo com o onírico, desde Freud, os sonhos têm sido enquadrados por um viés interpretativo em prol de um significado final, o que obstrui a constelação subjetiva de seu conteúdo. Tal captura do sonho corrobora o desencantamento do mundo, ao reduzi-lo à organização da vigília em um sistema neoliberal onde o cansaço, produzido pela rotina intensa, faz do sono um apagão. Diante disso, busca-se o caráter criativo do onírico dentro de uma política da imaginação para possibilitar a insurgência de modos de subjetivação impactados pelas exigências produtivas deste sistema – anesthesiando o sonhar. Numa experiência de vida acelerada e fragmentada, o sujeito não se envolve mais com o que lhe rodeia, impossibilitando que fale de si e, também, dos seus sonhos. Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa Políticas do luto, poéticas da revolta, realizado na UFF. Em encontros presenciais, o grupo, constituído por onze participantes, se debruça sobre materiais teóricos com o prisma da despsicologização do luto. Atualmente, a pesquisa confabula com as obras de Didi-Huberman e sua política do imaginário, que reitera uma dialética nas imagens capaz de potencializar as faíscas tumultuosas do pathos. Desta forma, o abafar das chamas acesas na dimensão onírica interrompe a dialética das imagens e, por conseguinte, seus afetos insurgentes. Sem viver o sonho, não podemos narrá-lo, conferi-lo corpo, redimi-lo ao real, e aos ensaios das possibilidades. Assim, o presente resumo busca repensar o lugar do sonho como experiência essencial para o despertar de uma potência criativa na vida cotidiana, capaz de combater a lógica da produção do cansaço e, com isso, subverter seu lugar nas práticas do campo psi.

Palavras-chave: onírico; revolta; criativo; psicologia.



Combate ao assédio moral no ambiente acadêmico: olhando para o corpo docente

**Maria Clara Fonseca de Azevedo/ Maria Luísa da Paz Ferreira/
Marlene Vitória Troche Mothé/ Larissa Santos de Oliveira/
Evelyn da Silva Agostinho/ Letícia Escobar Domingues/
Alexia Souza de Moura**

O presente trabalho é pautado em um projeto de extensão, dividido em três intervenções, todas elas com a intenção de intervir diante da seguinte problemática: o assédio moral no corpo docente, isto é, condutas intencionalmente abusivas, caracterizando-se por comportamentos repetitivos que ferem a dignidade do outro, a exemplo de tratamentos desrespeitosos constantes, e até mesmo ameaças e humilhações. A seguinte apresentação consiste em relatar as intervenções feitas, de modo a trazer a problemática e seus efeitos à tona, refletindo também sobre os impactos dos debates públicos e midiáticos sobre a realidade dos profissionais afetados. Além disso, o tema é atravessado por outro obstáculo social, o machismo estrutural, que será relatado em uma das intervenções como inerente ao tema central e abordado para com o seguinte público-alvo: corpo docente feminino. O projeto objetivou-se em prevenir e combater o assédio moral dentro do corpo docente, promovendo o debate crítico através de palestras educativas para com os professores (público-alvo), feitas com o auxílio de slides informativos, e trazendo de forma mais atrativa para o público, foi realizado um quiz de perguntas e respostas a cerca do tema debatido. Os resultados observados foram: compreensão da urgência do tema, reflexão da gravidade que cerca a sociedade e participação do público-alvo, contribuindo para o desenvolvimento do debate de forma crítica e respeitosa. Tais intervenções foram realizadas por sete estudantes do terceiro período de psicologia de maneira presencial em uma escola estadual localizada em Saracuruna, Duque de Caxias, RJ.

Palavras-chave: Assédio moral; corpo docente; combate.



Afetos silenciados: a homossexualidade feminina em instituição de ensino superior

Alessandra Marques Silva/ Érika Barbosa de Araújo

O estudo analisou a produção científica sobre sexualidade em instituições de ensino superior brasileiras, buscando compreender o estado atual da literatura sobre este tema. A investigação partiu da identificação de uma importante lacuna no conhecimento científico acerca das vivências sexuais femininas no ambiente universitário. A pesquisa utilizou o método de revisão bibliográfica com busca nas bases de dados SciELO e PubMed no período de agosto/2024 à junho/2025. As pesquisadoras identificaram inicialmente 132 artigos correspondentes aos parâmetros de busca. Após aplicação dos critérios de exclusão (eliminação de publicações duplicadas e daquelas que não abordavam centralmente a temática), 117 artigos foram excluídos, resultando em uma amostra final de 15 publicações. Os artigos foram categorizados em três grupos: abordagens gerais sobre sexualidade, sexualidade no contexto das instituições de ensino superior e questões de gênero. A predominância de estudos com abordagem generalista evidenciou que, apesar do interesse acadêmico pela temática, persiste significativa carência de investigações sobre as especificidades das vivências sexuais no ambiente universitário, particularmente no que tange às vivências de mulheres lésbicas. As universidades funcionam como espaços de socialização e construção identitária onde estudantes exploram e consolidam aspectos de sua sexualidade, frequentemente em contextos de tensão entre valores tradicionais e contemporâneos. Os resultados demonstram a incipiência da produção científica específica sobre sexualidade no âmbito das instituições de ensino superior brasileiras. O estudo aponta para uma importante lacuna na literatura científica nacional, particularmente nas intersecções entre sexualidade, educação superior e homossexualidade feminina, indicando a necessidade de ampliação das pesquisas neste campo.

Palavras-chave: sexualidade; gênero; instituição de ensino superior.



O impacto do racismo estrutural no processo de adoção

Alessandra Marques Silva/ Érika Barbosa de Araújo

A adoção é uma importante medida de proteção social voltada à garantia do direito à convivência familiar para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, contudo, o exercício da parentalidade por adoção é cercada por atitudes que podem ser fatores reguladores desse processo. As atitudes frente à adoção podem envolver aspectos de ordem cognitiva, afetiva e comportamental, logo, considerar o impacto das crenças raciais que envolvem a adoção se apresenta como premissa importante para a análise deste constructo. No Brasil, o ordenamento jurídico estabelece que toda criança tem direito a crescer em um ambiente que lhe proporcione afeto, segurança e oportunidades para seu desenvolvimento integral. No entanto, o processo de adoção, embora legalmente orientado por princípios de igualdade e interesse prioritário da criança, revela uma série de desigualdades estruturais quando analisado sob a perspectiva racial. Esse estudo é parte inicial de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que analisou a literatura científica, utilizando as bases de dados PubMed e SciELO, no período de fevereiro/2025 a junho/2025. É um estudo qualitativo, de caráter exploratório, visando identificar o impacto do racismo estrutural no processo de adoção. Os resultados preliminares apontam que há predominância significativa de crianças e adolescentes negros que são adotados tardiamente ou não são adotados, corroborando com teorias que afirmam que há um perfil racial de crianças desejado por pessoas habilitadas à adoção. Essa seletividade revela a atuação do racismo estrutural no próprio campo da afetividade, explicitando a desigualdade e interferindo diretamente nas oportunidades de crianças negras de serem adotadas.

Palavras-chave: Adoção; racismo; racismo estrutural.



Entre Fronteiras: a clínica gestáltica com migrantes brasileiros

Amanda Mello Andrade

O presente trabalho propõe a reflexão dos atravessamentos clínicos no atendimento psicológico de forma remota a brasileiros residentes no exterior por meio da expatriação e migração voluntária. A migração, nesse contexto, configura-se como uma travessia existencial, ocorrendo em uma fronteira de contato e que impacta a história pessoal, vínculos afetivos, corpo e as crenças de quem migra. A partir da abordagem gestáltica, articulamos o fenômeno migratório às noções de campo, contato e reorganização do self. Atuamos com a noção do humano ser um ser-em-relação, constituído no contato com o ambiente e quando esse ambiente muda, há uma reconfiguração de todo o campo: hábitos, língua e referências. Com base na clínica, é importante salientar a necessidade de um olhar ampliado e integrado sobre mobilidade humana, abordagem intercultural e uma escuta ativa a respeito do que o migrante nos convoca. Acolher as experiências do deslocamento perpassa por demandas como: novos códigos culturais, idioma, regras sociais, violências de raça e gênero, não pertencimento, perda de referências, burocracias de documentação mediante ao contexto marcado por desafios e ansiedades devido a reorganização subjetiva em um novo campo geográfico e simbólico. A ampliação do olhar para os múltiplos elementos, humanos e não humanos, que compõem esse campo destaca o papel da clínica como espaço de escuta ética, sensível e comprometida que cria dispositivos que expandem nossa atuação. O convite a quem migra é de nomear seus recursos, experimentar novas figuras, reorganizar apoios como forma de encontrar maneiras autênticas de habitar o novo mundo. Portanto, este trabalho fundamenta-se em observações e uma construção reflexiva ancorada no compromisso ético e na preservação do sigilo terapêutico. A proposta é compartilhar aprendizados que emergem da escuta clínica no contexto da migração, para uma prática psicoterapêutica situada, atenta e sensível às complexidades da mobilidade humana.

Palavras-chave: migração; abordagem gestáltica; clínica; mobilidade humana; intercultural.



Fenômeno da crise climática: a clínica encarnada no campo da experiência vivida.

Amanda Mello Andrade

O atual panorama da crise climática no mundo nos convoca a olhar pelas lentes da nossa atuação clínica, para os movimentos e dispositivos produzidos nos indivíduos mediante à crise climática. Na costura com o campo da experiência vivida e do campo organismo/ambiente, os impactos que afetam esse lugar chamado mente/corpo são sentidos e experienciados por indivíduos de forma vivida ou distanciada, e mesmo o distanciamento sendo geográfico e temporal não podemos descartar como a nossa sobrevivência está envolvida com consequências relacionadas ao desequilíbrio da nossa segurança existencial. Em uma paisagem que muda dentro de espaços de vida, nos deparamos com os impactos sociais e psíquicos dessa grande figura, a crise climática. Notícias nos atravessam os sentidos, como a visão e a audição e não menos importante o tato com o desconforto das altas temperaturas e frio extremo que fazem parte de uma realidade cada vez mais frequente no mundo. Na atuação clínica percebemos o quanto esses desconfortos são traduzidos em palavras e modificam a qualidade de vida de quem atendemos, visto a complexidade dessa temática. Portanto, como nós psicoterapeutas estamos percebendo essas modificações no estado de saúde psíquica no setting terapêutico? De que forma os indivíduos estão se ajustando criativamente para lidar com esse fenômeno dos desconfortos? Na atuação clínica precisamos “falar com” os aspectos emocionais e mudanças de saúde que envolvem a temática da crise climática e impactam o dia a dia de quem atendemos e construir caminhos possíveis para uma prática psicoterapêutica atenta e sensível a esse cenário. A proposta deste trabalho é compartilhar aprendizados que emergem da escuta clínica no contexto da crise climática.

Palavras-chave: crise climática; clínica; psicoterapeuta.



A eleição dos discursos: a escrita de relatórios psicológicos no Judiciário

Paulo Henrique Ribeiro de Sá/ Gerilene Silva de Oliveira/
Ana Vitória Carvalho Vieira/ Paloma Lima Ramos Jashar/
Maria Livia do Nascimento

A experiência de estágio na Vara Especializada em Crimes Contra a Criança e o Adolescente (VECA) possibilitou-nos a interação com a elaboração dos relatórios psicológicos. Na interface com o Judiciário, a Psicologia é frequentemente instrumentalizada para averiguar e descobrir a verdade, o que se dá, muitas vezes, pela tentativa de desvelar um fato verossímil. Essa análise ocorre por meio de entrevistas que fundamentam os relatórios. Pretende-se, então, capturar, dentre os discursos, as narrativas prevalecentes, ou seja, que aparentem maior característica de factualidade. O psicólogo expõe-se, portanto, ao risco de enviesar-se, podendo ser seduzido pelas formas de relato que se apresentam, seja pelo contexto das histórias ou pelas dinâmicas externas ao fato, como a dificuldade de estabelecer contato, agendamentos não cumpridos ou atrasos nas entrevistas. A eleição dos discursos se dá pela própria escrita: na hierarquização das informações, no desprezo de certas falas, na preservação de outras – escrever, nessas circunstâncias, não é apenas registrar, mas enveredar. O relatório psicológico, por sua vez, ao entremeter-se com a verdade dos dizeres, produz outro tipo de verdade – uma verdade da especialidade, uma verdade da análise e uma verdade validada. Assim, destacamos a autonomia outorgada pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo para a seleção das intervenções, procedimentos e avaliações nesse cenário, mas ressaltamos que a Psicologia no Judiciário, sobretudo na produção de relatórios psicológicos em varas criminais, deve ser operada a partir de uma escuta sensível, ética e implicada, considerando os efeitos da prática sobre o sujeito.

Palavras-chave: psicologia jurídica; relatórios psicológicos; estágio em psicologia; produção de verdades.



Parceria entre a ONG Vida Plena e o Levica no atendimento a crianças e Adolescentes vítimas de violência

**Fernanda Barbosa Guimarães Peres/ Danielle Chaves Ferreira da Conceição/
Ana Cláudia de Azevedo Peixoto**

Este trabalho apresenta a experiência de parceria entre a Associação Vida Plena de Mesquita (AVPM) e o Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), voltada ao atendimento psicossocial de crianças e adolescentes vítimas de violência e orientação aos cuidadores no município de Mesquita/RJ. O programa atende crianças e adolescentes vítimas de diversas formas de violência, incluindo abuso sexual, violência física e psicológica, negligência, além de oferecer suporte a seus familiares e cuidadores. Os casos chegam através de encaminhamentos institucionais da Vara da Infância e Juventude, Casas de Acolhimento, Serviço Família Acolhedora e demanda espontânea por parte da comunidade. Atualmente, a ONG recebe, em média, por semestre, oito estagiários do LEVICA, sendo que cada um deles costuma acompanhar até dois ou três pacientes, sob supervisão. A equipe de psicólogos da ONG é responsável por dar apoio técnico aos estagiários e desenvolver ações de psicoeducação direcionadas aos pais, responsáveis e cuidadores das crianças e adolescentes assistidos. Estes últimos são pautados na aplicação do programa ACT – “Criando Crianças em Ambientes Seguros”, cuja proposta visa à prevenção da violência contra crianças, promovendo práticas parentais mais saudáveis e conscientes, gerando possibilidade de desenvolvimento saudável para as crianças. Ao longo de sua implementação, a parceria AVPM-LEVICA consolidou-se como referência no atendimento a vítimas de violência na Baixada Fluminense, tendo reconhecimento da rede socioassistencial e da comunidade acadêmica. Esta experiência demonstra a viabilidade e eficácia de modelos colaborativos que articulam o conhecimento técnico-acadêmico com a capilaridade e o trabalho comunitário desenvolvido por organizações da sociedade civil. A parceria mostra-se particularmente relevante por suprir uma demanda crítica de atendimento especializado a vítimas de violência, ao mesmo tempo em que fortalece a rede de proteção local.

Palavras-chave: violência infantojuvenil; trabalho em rede; parceria interinstitucional; atendimento psicossocial



Entre afetos e fissuras: práticas psicológicas em Éden - São João de Meriti

Jéssica Santos Souza Camelo

Esta apresentação discute a atuação da psicologia no campo da assistência social, a partir de minha prática situada no CRAS do bairro Éden, em São João de Meriti-RJ. O trabalho parte de uma escuta ético-política comprometida com a dignidade dos sujeitos, ancorada nos princípios da Psicologia Social Comunitária, da interseccionalidade e dos direitos humanos. Na escuta diária do CRAS, onde a política pública às vezes chega como promessa frágil, pude exercer a prática com os olhos de quem conhece o território por dentro, pois fui criada nesta cidade. O método é o do encontro: com mulheres que sustentam casas inteiras, com adolescentes em silêncio, com avós que criam sozinhas seus netos. É o corpo presente, a escuta inteira, o afeto como linguagem. As ferramentas? Rodas de conversa, visitas que atravessam vielas, vínculos que se constroem no cuidado e na repetição dos pequenos gestos. A prática é guiada por referenciais críticos como Paulo Freire (1987), bell hooks (2018) e Donna Haraway (1995), que me convidam a escutar com o corpo inteiro, a dialogar com a realidade concreta dos sujeitos e a reconhecer a importância de saberes locais e relações comprometidas com a justiça. Ao longo desta prática, pude presenciar resultados potentes: fortalecimento de vínculos, acesso à rede de proteção e mobilização comunitária. Mas também os entraves: a sobrecarga institucional, o apagamento de políticas públicas e os efeitos de uma lógica neoliberal que individualiza a dor. Pergunto-me: como sustentar a ética do cuidado quando o cuidado não é política de Estado? É esta prática em psicologia que precisa ser encarnada: aquela que nasce das experiências compartilhadas, dos afetos cultivados e dos silêncios escutados.

Palavras-chave: Psicologia Social Comunitária; Políticas Públicas; Afeto; Ética do cuidado.



Reflexões sobre a formação em Psicologia no estágio no CAPS II Magal

Kelly Lima Batista/ Rafael Coe/ Sarah da Costa Tiburcio/
Kezia Christine Silva Bezerra

Este trabalho apresenta reflexões sobre o exercício profissional em Saúde Mental, especificamente na experiência de estágio em Psicologia no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II Carlos Augusto da Silva Magal no primeiro semestre de 2025. A metodologia adotada foi a observação participante, com base no cotidiano prático de três estagiários inseridos no serviço, articulada com referencial teórico crítico referentes ao objeto de estudo. Buscamos refletir sobre a atuação do estagiário como sujeito ativo e politicamente implicado nos processos de trabalho em Saúde Mental, nas especificidades do território de Manguinhos e da Maré e das relações de trabalho com a equipe do CAPS II Magal. É no território que os vínculos se constroem a partir das experiências do cotidiano, onde os conflitos emergem e onde, diariamente, se inventam formas de cuidado atravessadas por desafios concretos. Esse espaço se configura como lugar de construção contínua dos mecanismos de cuidado, em diálogo com os usuários e com os próprios processos de trabalho. As contribuições do estagiário não se restringem ao aprendizado individual, sua presença também movimenta o serviço: provoca perguntas, compartilha escutas, amplia reflexões com a equipe acerca dos processos de trabalho e contribui de forma ativa em uma reestruturação do fazer psicologia e clínica ampliada e aos princípios da saúde pública. A fim de valorizar o processo de formação do estagiário na saúde mental, reconhecê-lo como parte dos processos de trabalho é afirmar a formação como possibilidade de transformação de um campo político e social, onde o saber é construído cotidianamente na prática e onde a teoria é tensionada, ressignificada e colocada à prova, exigindo posicionamento, escuta e abertura para o inesperado.

Palavras-chave: estágio; saúde mental; CAPS; processos de trabalho; formação;



Planejamento de futuro como processo de promoção da saúde mental em adolescentes.

Lucas Azevedo da Silva/ Dr. Sylvio Pecoraro Junior

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a Psicologia Escolar como estratégia de promoção da saúde mental de adolescentes nos anos finais do Ensino Fundamental. Considerando a escolha profissional como uma importante fonte de ansiedade nessa fase da vida – sobretudo em contextos de vulnerabilidade social, nos quais o acesso à informação, recursos e suporte emocional é limitado –, destaca-se o papel fundamental da escuta psicológica no fortalecimento da identidade e no planejamento do futuro. A intervenção foi realizada em uma escola municipal do município de Petrópolis (RJ), de forma presencial, com turmas do 9º ano, utilizando o recurso visual e lúdico intitulado “O que o futuro tem pra mim?”. Esse material serviu como ferramenta para promover o autoconhecimento, ampliar o repertório profissional dos adolescentes e apresentar políticas públicas como ENEM, SISU, PROUNI, FIES e cursos técnicos. Durante os encontros, foram aplicadas dinâmicas em grupo, rodas de conversa e oficinas temáticas com foco na escuta, no vínculo e na redução do sofrimento psíquico relacionado às incertezas do futuro. Como resultado, observou-se maior participação dos estudantes nas discussões sobre suas trajetórias, aumento do interesse por possibilidades formativas e fortalecimento da autoestima. Reflete-se, assim, sobre a importância de articular ações de orientação profissional às práticas preventivas de cuidado em saúde mental, promovendo segurança emocional, autonomia e protagonismo juvenil. A Psicologia Escolar, nesse contexto, revela-se como agente ético, ativo e transformador das instituições de ensino.

Palavras-chave: Orientação Profissional; Saúde Mental; Psicologia Escolar; Adolescência; Prevenção



Redes Sociais e Violência Escolar: Como Prevenir em um Cenário Conectado

João Victor de Moura Leonardo/ Kyleigh Ann Damasco Chafin Guimarães/
Laryssa dos Santos Cândido/ Amanda Oliveira da Silva/
Tatiana Fagundes Melo/ Johnny Clayton Fonseca da Silva/

O debate sobre violência nas escolas ganha cada vez mais relevância diante de um cenário político-social contemporâneo marcado pelas conexões virtuais, que escancara profundas desigualdades socioeconômicas que se manifestam no ambiente educacional, transformando-o em palco de inseguranças e tensões. Diante desse cenário, o presente trabalho objetiva apresentar reflexões sobre o tema a partir de uma cartilha sobre prevenção e enfrentamento às violências nas escolas. A cartilha foi elaborada como parte do projeto de extensão "Tecnologias, Redes Sociais e Violência", com foco no papel da psicologia na promoção de uma cultura de paz no ambiente educacional. Durante a elaboração, foram utilizados materiais que fundamentaram a nota técnica 08/2023 do Conselho Federal de Psicologia e outros protocolos governamentais que abordam tal temática. As discussões que apareceram destacam a compreensão da violência não apenas como atos físicos ou explícitos, mas também como práticas simbólicas, institucionais e estruturais que impactam o ambiente escolar. A nota técnica enfatiza a importância de ações preventivas, como o fortalecimento de vínculos entre escola, comunidade e redes de proteção, a promoção da escuta qualificada e o desenvolvimento de estratégias que envolvam o cuidado coletivo, o respeito às diversidades e a construção de uma cultura de paz. A pretensão é apresentar a cartilha em escolas da região para educadores e equipe técnica com o objetivo de conscientizar e prevenir ações de violência, bem como promover o uso consciente da internet e o bem-estar dos alunos. Posto isso, a cartilha destaca a relevância da atuação em rede para a prevenção das violências, reconhecendo o papel fundamental da escola, da comunidade e dos serviços de proteção. Ademais, reforça a urgência de políticas públicas que regulem o uso das plataformas digitais, promovendo ambientes mais seguros e saudáveis para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: violência nas escolas; prevenção; rede de proteção; cultura de paz



Ética e Funções Precípuas do CRP-RJ em Emergências e Desastres

Suel Porto Alegre de Almeida Duarte/ Victoria Antonieta Tapia Gutiérrez/
Hellen Freitas Ferreira

Em maio de 2020, o XVI Plenário do CRP RJ institucionaliza a Comissão Especial de Psicologia em Emergências e Desastres, a fim de ampliar o diálogo nas diferentes perspectivas de ação, discutir sobre o compromisso social da Psicologia neste campo de atuação, articular reflexões e possibilidades da prática profissional, enfatizando o exercício ético e respeitoso com as populações e territórios atingidos. O trabalho se justifica pela necessidade de ações que ultrapassem a intervenção sobre os efeitos na condição mental dos indivíduos, sendo compreendidas e vinculadas a partir do contexto do ocorrido, respeitando-se as dimensões sócio-político-culturais de vulnerabilidade dos afetados, exposição de pessoas e bens e percepções de risco por parte da comunidade. Cabe ressaltar que a atuação ocorre na prevenção, resposta e reconstrução. Para tal, faz-se necessário orientações contínuas objetivando um trabalho eficaz. A Comissão tem a função orientativa e não formativa para a classe ou gestão local, quando solicitada. Tendo, portanto, o papel de integrar e fomentar discussões, evidenciando a necessidade de ampliar a rede de atuação. As atividades da Comissão, compreendem a participação em palestras, eventos/seminários/congressos interdisciplinares e/ou rodas de conversa com estudantes e profissionais da Psicologia a nível regional e nacional, produção de orientações, seja na forma de letramento ou de material escrito, enfatizando o papel de integrar e fomentar discussões sobre a temática. Ressalta-se que a ação da psicóloga deve estar articulada de forma integrada a uma estratégia que envolva diferentes atores na gestão integral de riscos e desastres. A atuação ocorre em rede, a partir do conhecimento da estratégia a priori determinada nos níveis: social, de saúde e educacional, para mitigar e/ou responder à demanda gerada pelas emergências e desastres. Um trabalho de qualidade está diretamente relacionado à capacidade de desenvolvê-lo.

Palavras-chave: psicologia; desastres; ética; CRP-RJ



Acolher na atenção primária: Vivências, desafios e potencialidades para duas estagiárias

Clara Maria de Castro/ Anna Carolina de Souza Gaio/ Juliana de Oliveira Farias

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a vivência das estagiárias de psicologia durante o período de estágio no Projeto Acolher 2024, realizado na Área Programática 5.2 da Zona Oeste do Rio de Janeiro. A experiência foi guiada por políticas públicas como a Política Nacional de Atenção Básica e a Política Nacional de Humanização, priorizando a integralidade, a corresponsabilização e a humanização no cuidado. O relato de experiência construído permeia as ações realizadas, que buscaram fortalecer a formação das estudantes, o vínculo com a população e a qualificação dos serviços ofertados no que tange à atenção básica, além de integrar conhecimentos teóricos e práticos no cotidiano do serviço, promovendo um aprendizado que valoriza a experiência direta com a comunidade e permite vivenciar as potencialidades e os desafios da Atenção Primária à Saúde no contexto do Sistema Único de Saúde. O relato parte das experiências vividas por duas estagiárias no período de nove meses, nas quais atuaram presencialmente em duas unidades no território do bairro de Cosmos, sendo realizados relatos semanais que orientam a experiência descrita. O estágio possibilitou o desenvolvimento de competências como escuta qualificada, acolhimento humanizado e adaptação às realidades do território, reforçando a importância do vínculo com a comunidade. A reflexão sobre a corresponsabilização dos usuários no cuidado e a valorização do saber popular emergem como temas centrais, destacando a necessidade de uma abordagem colaborativa e sensível às particularidades culturais, temas que devem ser constantemente revisitados e compartilhados para que se sustente uma atuação profissional alinhada às políticas públicas. A experiência no Projeto Acolher demonstrou ser enriquecedora tanto para os serviços quanto para as estagiárias, promovendo um cuidado mais efetivo e alinhado aos princípios do SUS.

Palavras-chave: atenção primária ; estágio ; projeto acolher ; humanização.



O psicólogo na Atenção Primária: a vivência de diferentes perspectivas

Anna Carolina de Souza Gaio/ Clara Maria de Castro/ Juliana de Oliveira Farias

A presente produção tem como objetivo refletir sobre o papel do psicólogo no contexto da Atenção Primária à Saúde (APS), a partir da vivência de um profissional atuante na rede desde 2010, duas estagiárias de Psicologia participantes do Projeto Acolher no ano de 2024, e uma ex-estagiária acadêmica bolsista, atualmente psicóloga da Atenção Primária. Todas essas experiências se desenvolveram no território da Área Programática 5.2, no município do Rio de Janeiro. O estudo apresenta reflexões sobre os desafios enfrentados cotidianamente pelo psicólogo na APS, os múltiplos papéis que esse profissional assume, a relevância de sua presença para o fortalecimento das equipes e para a resolutividade do cuidado ofertado aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), assim como a necessidade de uma leitura crítica e ampliada do território e das demandas que atravessam sua prática. Essas reflexões estão ancoradas nas diretrizes da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), que norteia a organização da APS no Brasil. A prática relatada foi vivenciada de forma presencial ao longo do ano de 2024, com continuidade das trocas em espaços remotos, reafirmando o valor da formação integrada e da atuação compartilhada. Com base nessas experiências, entende-se ser fundamental explicitar o papel do psicólogo na APS para além da lógica tradicional ambulatorial, evidenciando a importância de ações territoriais, do trabalho interdisciplinar, da articulação intersetorial e do apoio matricial como estratégias centrais para o cuidado em saúde mental no âmbito da atenção básica. Além disso, destaca-se a necessidade de atenção aos processos de saúde mental dos próprios trabalhadores da saúde, retomando a provocação: "Quem cuida de quem cuida?". Essa indagação convida à construção de estratégias institucionais que promovam o bem-estar psíquico dos profissionais da APS, fortalecendo vínculos, escuta qualificada e valorização do trabalho em equipe. Assim, este trabalho reafirma a importância da atuação do psicólogo na APS como sujeito estratégico na consolidação de práticas integrais, humanizadas, comunitárias e comprometidas com os princípios do SUS.

Palavras-chave: atenção primária; psicólogo; estágio; unidade básica de saúde.



Parentalidade e desenvolvimento infantil

Clara Maria de Castro

Evelyn Rodrigues de Araujo Silva

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação entre os estilos de parentalidade, o processo do desenvolvimento infantil e seus desdobramentos na vida adulta. A análise fundamenta-se no modelo ecológico de Urie Bronfenbrenner, que permite compreender a dinâmica familiar a partir da interação entre os diversos sistemas que envolvem a criança, considerando o contexto social e econômico, e na teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby e Mary Ainsworth, que auxilia na compreensão da influência dos vínculos afetivos primários na constituição subjetiva e nas relações estabelecidas na adultez. A pesquisa foi desenvolvida por estudantes de Psicologia cursando o nono período, por meio de revisão e análise crítica da literatura, em encontros híbridos que articularam momentos presenciais de discussão e atividades remotas de pesquisa. Entende-se que a temática possui relevância acadêmica e social, pois permite refletir sobre os fatores sociais que atravessam a construção da subjetividade desde a infância, especialmente no contexto familiar e assim pensar em intervenções possíveis. Observa-se que a parentalidade exerce papel determinante no desenvolvimento humano saudável, podendo configurar-se como fator de risco ou proteção na formação da identidade e na qualidade dos vínculos interpessoais. Assim, destaca-se a importância de reconhecer a influência da parentalidade para subsidiar intervenções que promovam fatores protetivos na infância assim possibilitando um desenvolvimento mais sadio.

Palavras-chave: parentalidade; desenvolvimento infantil; modelo ecológico; teoria do apego.



Desafios da transição para a vida adulta no acolhimento institucional

Marina de Melo Maciel/ Maria Lívia do Nascimento/
Nathália Novaes Mautoni Gomes/ Paloma Lima Ramos Jashar

Embora o Estado seja legalmente comprometido com a proteção infanto-juvenil e a garantia de direitos básicos, muitos jovens no início da maioridade enfrentam desafios decorrentes da fragilidade das políticas públicas de assistência social. É o paradoxo da democracia burguesa, que estabelece os direitos humanos e, ao mesmo tempo, produz modos de subjetivação nos quais não há garantia de direitos ou mesmo empatia para todo ser humano. Além disso, produz também o próprio ser humano indigno de empatia. Assim, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre os desafios da desinstitucionalização e autonomia de jovens egressos do serviço de acolhimento institucional devido à maioridade, por meio da análise da legislação pertinente, como o Estatuto da Criança e do Adolescente e as Diretrizes Nacionais para o Acolhimento Institucional. Fazemos uso também de experiências não jurisdicionais como o grupo nós, do Instituto Fazendo História. Desse modo, o trabalho pretende apontar o desamparo dos jovens em situação de maioridade recente e pensar outras formas de cuidado. Enquanto estagiárias da 1ª Vara da Infância e da Juventude Protetiva da Capital, utilizamos a escrita de diários de campo e sua posterior leitura durante as supervisões. Trata-se de uma ferramenta que coloca nossas práticas em análise, indo ao encontro do saber na experiência e contra a tendência à naturalização. Além disso, sendo a subjetividade coletivamente produzida, o compartilhamento da experiência do encontro com o campo e com a escrita contribui para a discussão das práticas da equipe e possibilita novas análises. Por fim, propomos pensar os fatores que garantem a efetividade do processo de desinstitucionalização, por meio da articulação das políticas públicas já existentes e também considerando novas formas de atuação, de modo a auxiliar o momento de construção de autonomia dos jovens, sobretudo nas demandas de emprego, moradia e rede de apoio.

Palavras-chave: acolhimento institucional; desinstitucionalização; ECA; transição para a maioridade.



Racismo e Cognição em Populações Negras: Evidências para Transformar a Prática Neuropsicológica

**Maria Fernanda Carvalho Calixto de Oliveira/
Jéssica dos Santos Fernandes Gonçalves/
Carlos Eduardo Lourenço dos Santos Nórte**

O racismo se constitui como um fator psicossocial persistente, cujos impactos sobre a saúde mental e o desempenho cognitivo de pessoas negras vêm sendo cada vez mais reconhecidos na literatura científica. Estudos apontam que vivências reiteradas de discriminação racial estão associadas a prejuízos em funções como atenção, memória e autorregulação. Diante disso, cresce a necessidade de que a neuropsicologia considere de forma mais incisiva as dimensões socioculturais que atravessam os sujeitos avaliados. Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da produção científica internacional sobre os efeitos do racismo em processos neuropsicológicos, com foco em estudos empíricos publicados entre 2010 e 2025. A metodologia seguiu os critérios do protocolo PRISMA, com buscas realizadas nas bases APA PsycNet, Scielo, PubMed, Web of Science e BVS, utilizando descritores em português e inglês relacionados ao racismo e à avaliação neuropsicológica. Foram identificados 1.096 artigos (APA = 84; Scielo = 892; PubMed = 30; Web of Science = 20; BVS = 70). Após a remoção de duplicidades e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 27 estudos foram selecionados para análise integral. Os trabalhos triados analisam, em sua maioria, os efeitos da discriminação racial sobre habilidades cognitivas como memória de trabalho, fluência verbal, atenção e funções executivas, com prevalência de pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos com populações negras. Os achados parciais reforçam que o racismo deve ser reconhecido como um determinante relevante nos processos de avaliação cognitiva, exigindo práticas neuropsicológicas mais contextualizadas, éticas e socialmente comprometidas.

Palavras-chave: racismo; cognição; neuropsicologia; funções executivas; saúde mental.



A Avaliação Psicológica no Contexto do Centro de Atenção Psicossocial

Caique Leonardo Inacio da Silva/ Cristiane Moreira da Silva

O Centro de Atenção Psicossocial é um dispositivo substitutivo dos manicômios respaldado pela lei 10.216/2001 e posteriormente pela portaria 336/2002 que efetiva a sua criação, organização e funcionamento. Com o movimento da luta antimanicomial ocorrendo em paralelo com a reforma sanitária brasileira, a Psicologia enquanto ciência e os profissionais psicólogos tiveram que modificar sua prática profissional ao se deparar com outras possibilidades de inserção da Psicologia. Sendo a prática no CAPS reconhecida como multiprofissional, existem atribuições que são privativas ao Psicólogo, como a Avaliação Psicológica. Com isso, busca-se analisar as possibilidades e desafios na atuação do Psicólogo com Avaliação Psicológica no Centro de Atenção Psicossocial. Este trabalho foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica com viés integrativo nas plataformas Google Acadêmico, Scielo, Portal de Periódicos da CAPES e os sites oficiais do Ministério da Saúde; também utilizando um estudo de caso para enriquecer as discussões propostas. Com o levantamento realizado, entende-se que a Psicologia ainda enfrenta resistências na transição de um modelo clássico focado em atendimento clínico, para uma visão psicossocial e comunitária. A pesquisa destaca que o processo de Avaliação Psicológica, pode assumir um novo significado no CAPS, auxiliando na construção de um Projeto Terapêutico Singular que respeite a autonomia dos usuários e possa compor estratégias de cuidado que possibilitem reformular a relação do usuário com o território que habita. No decorrer das discussões propostas, as entrevistas se configuraram como um potente instrumento para levantamento de informações e embasar a avaliação como uma fonte fundamental de informação. É importante repensar a formação em psicologia para que o fazer do Psicólogo seja plenamente incorporado à lógica da Atenção Psicossocial e das políticas públicas de saúde mental, sendo antimanicomial.

Palavras-chave: avaliação psicológica; caps; saúde mental.



Sala de espera: relatos de uma experiência de estágio em Psicologia Hospitalar

**Thyanne de Lima Santos/ Daniela Carvalho Rodrigues/
Kethellen Valentim da Silva/ Luciana Pereira da Silva/
Maria Gabriela Vieira Monteiro/ Marianna Guimarães Soares/
Maria de Jesus Martins Cunha**

Este projeto trata-se de um relato de experiência e estudo descritivo, com abordagem qualitativa dos dados, realizado por estagiárias em Psicologia Hospitalar de um Hospital no Rio de Janeiro. O local onde se dá a experiência é a sala de espera do Serviço de Oncologia do referido hospital, compreendida como o espaço físico onde se aguarda por procedimentos ou atendimento médico. Atividades em sala de espera têm como objetivos gerais: orientar sobre as regras institucionais; disseminar informação segura; acolher e ampliar o vínculo entre Equipes de Saúde e pacientes. Esta dinâmica relatada é organizada com temáticas previamente estipuladas ou autogerenciáveis. Os pacientes e acompanhantes são convidados à reflexão e discussão de assuntos que perpassam o adoecimento oncológico. Os estagiários e profissionais que conduzem a intervenção apresentam as atividades planejadas e seus objetivos aos presentes no local, de maneira a introduzir o tema e guiar os passos conseguintes, respeitando o fluir do grupo. Após a discussão dos temas centrais previamente planejados ou daqueles gerados por discussões trazidas pelos participantes, é feito um resumo das temáticas e solicitado o feedback de todos para avaliação e planejamento de novas ações. O método utilizado compreende a combinação de grupos focais e a análise narrativa e interpretativa dos resultados. As temáticas relacionaram a categoria Oncologia com os seguintes subtemas: sexualidade, ansiedade, depressão e suporte familiar. Os resultados foram categorizados em eixos: vínculo, empoderamento, autocuidado, acolhimento e confiança. A análise dos dados evidenciou que o ambiente resultante das atividades pode fortalecer o vínculo com equipe de saúde, gerar melhor adesão em todas as fases do tratamento, bem como a redução da ansiedade relacionada ao ambiente hospitalar. Concluiu-se, também, que a experiência na prática hospitalar, é extremamente enriquecedora para as estagiárias, promovendo seu desenvolvimento e corroborando para melhor qualificação e construção de uma identidade profissional.

Palavras-chave: sala de espera, psicologia hospitalar; psico-oncologia



O acesso à psicologia clínica para surdos

**Caroline Haussman dos Santos/ Jullye Limoeiro Mourão/
Fernanda de Lima Pérez/ Andreia Cristina Lins Lemos/
Maisa Oliveira da Silva/ Renata Rodrigues Castro**

Este trabalho tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pela comunidade surda no acesso à psicologia clínica, com ênfase na realidade do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa investigou como a falta de psicólogos fluentes em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) impacta diretamente a saúde mental dessa população, evidenciando barreiras comunicacionais, financeiras e institucionais. Para isso, foi aplicado um questionário a 20 participantes surdos, que responderam sobre suas experiências com o atendimento psicológico. A análise dos dados revelou que 95% dos respondentes acreditam que a ausência de profissionais capacitados afeta negativamente sua saúde emocional, enquanto 80% desconhecem serviços gratuitos ou acessíveis voltados para esse público. A maioria dos participantes destacou que se sentiu excluída das primeiras tentativas de participação na pesquisa, devido à linguagem dos formulários em português, o que exigiu adaptações significativas para viabilizar sua inclusão. A partir desses dados, conclui-se que há uma lacuna preocupante na formação de psicólogos em relação à fluência em LIBRAS, bem como uma escassez de políticas públicas que garantam acesso equitativo à saúde mental para pessoas surdas. O estudo reforça a urgência de ações concretas, como a inclusão obrigatória de disciplinas de LIBRAS nos cursos de Psicologia, incentivo à formação continuada e criação de serviços especializados acessíveis. Além disso, destaca-se a importância de estratégias de inclusão digital e comunicacional que considerem a língua e a cultura surda. Esta pesquisa contribui para a discussão sobre saúde mental e inclusão social, propondo caminhos para uma prática clínica mais ética, sensível e efetivamente acessível.

Palavras-chave: Palavra-chave: Acessibilidade, Inclusão, Experimental, deficiência auditiva.



Proteção integral ou punitivismo disfarçado: atravessamentos da lógica menorista nas medidas protetivas

Maria Eduarda Soares Pereira/ Fernanda Bottari Lobão dos Santos

O presente trabalho surge a partir de afetações provocadas na atuação no projeto de extensão e estágio "Direitos da infância: as redes em foco", fruto de parceria entre a UFRJ e o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. A equipe de graduandos de psicologia é inserida em uma Vara da Infância e da Juventude Protetiva (VIJP), acompanhando a equipe técnica do juízo em suas atividades, como atendimentos e audiências. O acolhimento institucional de criança ou adolescente pode se dar em casos de ameaça ou violação de direitos. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), se trata de uma medida temporária e excepcional de afastamento da criança ou adolescente de sua família de origem. Apesar das medidas protetivas visarem a garantia de direitos, as heranças dos antigos Códigos de Menores (Brasil, 1927; 1979) traz traços punitivistas, sobretudo para as famílias pobres. Tendo em vista esse cenário, o presente trabalho pretende questionar qual o perfil dos jovens que recebem medidas protetivas, com recortes racial, de idade, gênero e classe socioeconômica. Com questionamentos acerca do racismo estrutural e da lógica menorista que perpassa o Judiciário brasileiro, nos propomos a aprofundar debates sobre a garantia de direitos das crianças e adolescentes. Através de diários de campo e revisão bibliográfica, almejamos evidenciar a importância de uma atuação na psicologia baseada no seu compromisso social e contra qualquer tipo de violação de direitos.

Palavras-chave: psicologia jurídica; direitos da infância e juventude; acolhimento institucional; lógica menorista; racismo estrutural.



Diáspora da infância: rupturas territoriais do acolhimento institucional a luz do banzo

Leticia de Oliveira Costa/ Fernanda Bottari Lobão dos Santos/
João Batista Ferreira

O presente trabalho tem como objetivo destrinchar o conceito de banzo, o qual surge no contexto da diáspora africana e foi inicialmente associado à melancolia dos africanos escravizados. Embora tenha sido tratado historicamente como uma patologia, quando observado a partir de uma perspectiva afrocentrada, o banzo se trata de uma condição existencial intemporal, atravessada pelo racismo estrutural e pela negação do “ser negro”, ou seja, ancestral (Silva, 2019). Sendo um sentimento profundo de despersonalização, perda de identidade e afastamento não apenas geográfico, mas também cultural e existencial, o banzo reflete diretamente uma dor atravessada por estruturas sociais, políticas e econômicas violentas. A partir de análises das medidas protetivas de acolhimento institucional para crianças e adolescentes que se encontram no que é entendido enquanto situação de risco (Brasil, 1990), sugerimos que o banzo se dá também na atualidade, nas vivências de crianças e jovens retirados de suas famílias de origem. A partir da experiência vivida no projeto “Direitos da Infância: Redes em Foco”, projeto de extensão em parceria entre a UFRJ e o TJ-RJ, acompanhamos a equipe técnica da II Vara da Infância e Juventude Protetiva, de onde emergiu a presente questão. Propomos, então, uma reflexão acerca dos efeitos da retirada desses indivíduos de seus territórios - enquanto conceito existencial, não apenas espacial. Pretende-se, também, trazer os movimentos de evasão da instituição de acolhimento como forma de contracolônização (Santos, 2023), resistência a uma adolescência hegemônica pregada pelo judiciário. Por fim, afirmamos a necessidade de uma psicologia preta e periférica, que valoriza saberes territoriais na construção da subjetividade, bem como vivências para além dos ideais colonialistas.

Palavras-chave: Banzo; acolhimento institucional; território; psicologia e justiça; contracolônização.



Acolher quem ensina – Ansiedade e Saúde Mental: A Importância do Autocuidado

Priscila da Silva Revoredo Antunes/ Isadora Ingrid dos Santos Ferreira

A apresentação do projeto Acolher Quem Ensina – Ansiedade e Saúde Mental: A Importância do Autocuidado discute os impactos do sofrimento psíquico na saúde mental de professores da educação básica, com foco na sobrecarga de trabalho, desvalorização profissional e ausência de políticas de cuidado. Fundamentado nas abordagens de Carl Rogers e Rollo May, o projeto valoriza a escuta, o acolhimento e a promoção do autocuidado como ferramentas para o fortalecimento emocional dos educadores. São abordados conceitos como ansiedade existencial, mal-estar docente e a importância da autonomia e da liberdade no desenvolvimento humano. O objetivo central é promover reflexão e oferecer suporte psicoeducacional por meio de uma intervenção conduzida por estudantes de Psicologia. A metodologia foi qualitativa e interventiva, com aplicação presencial na Escola Municipal Álvaro Lisboa Braga, em Belford Roxo (RJ). Participaram professores da instituição, e a ação foi realizada por seis estudantes do curso de formação em práticas da psicologia clínica do Instituto Alethéia. Os instrumentos utilizados incluíram levantamento prévio de necessidades via WhatsApp e a realização de uma palestra interativa, organizada em formato de roda de conversa. A proposta envolveu escuta ativa, promoção do bem-estar, dinâmica de grupo e disseminação de estratégias de enfrentamento emocional. Os resultados preliminares indicam boa receptividade por parte dos professores, com relatos de sobrecarga, ansiedade e impotência, como também abertura para refletir sobre os próprios afetos e reconhecer a importância do autocuidado. O projeto evidenciou a necessidade de ações permanentes de apoio emocional aos educadores, reafirmando a saúde mental como um direito e uma responsabilidade coletiva.

Palavras-chave: saúde mental; autocuidado; acolhimento; mal-estar docente.



O Investimento como Experiência Formativa e Clínica

**Bruna Gulinelli Victor da Silva/ Clara Lauren Alves dos Santos/
Isadora Ingrid dos Santos Ferreira**

Este trabalho nasce da experiência vivida em um processo de supervisão clínica, no qual o conceito de investimento foi explorado em sua complexidade no campo formativo e terapêutico. A vivência em grupo permitiu observar que o investimento – enquanto ação de entrega e envolvimento com o outro – pode ser compreendido como um gesto que pode ser sentido tanto como ataque, correção e desvalorização, quanto como cuidado, abertura e presença. O estudo propõe refletir sobre como a maneira de se posicionar diante do investimento recebido – sobretudo nos espaços de supervisão – repercute diretamente na qualidade da escuta e do vínculo terapêutico. A metodologia utilizada baseou-se na observação de experiências em grupo presencial dos alunos do Instituto Alethéia, localizado em Nilópolis, na Baixada Fluminense, com análise de vivências compartilhadas e elaboração coletiva de sentidos. Foi possível observar que o estudante de psicologia, aluno do curso de formação em Práticas da Psicologia Clínica do Instituto, ao se abrir para o investimento – ainda que em situações desconfortáveis – amplia sua capacidade de investir no outro de maneira ética e respeitosa. A construção de um espaço terapêutico seguro requer disponibilidade interna, escuta sensível e consciência das implicações subjetivas envolvidas na prática clínica. Dessa forma, a supervisão torna-se não apenas um recurso técnico, mas um campo de construção de presença e autenticidade, fundamental para que o investimento no cliente não seja vivido como imposição, mas como um convite ao encontro. Conclui-se que o investimento, quando sustentado por vínculo e abertura, transforma-se em uma possibilidade de crescimento mútuo e de reinvenção do fazer clínico.

Palavras-chave: investimento; escuta clínica; supervisão; vínculo terapêutico.



Religião na Supervisão e na Clínica: Escuta Ética e Subjetividade

Bruna Gulinelli Victor da Silva/ Marta Maria Antonio dos Reis Freitas

Este trabalho surge a partir de reflexões vividas em um processo de supervisão clínica, nas quais emergiram questões relacionadas à religião enquanto dimensão constituinte da subjetividade de clientes e alunos do curso de formação em Práticas da Psicologia Clínica. A proposta é refletir sobre os atravessamentos da religião na prática clínica e no espaço formativo, considerando os desafios éticos implicados na escuta de conteúdos religiosos. A metodologia do estudo foi construída a partir das vivências em grupo presencial de supervisão clínica no Instituto Alethéia, em Nilópolis, na Baixada Fluminense, utilizando o compartilhamento de experiências como material de análise e elaboração conjunta. A escuta clínica requer disponibilidade para acolher expressões religiosas, compreendendo que expressam aspectos do mundo interno do sujeito, podendo ser interpretadas como construções simbólicas de sentido. O estudo evidenciou que o manejo clínico da religiosidade requer do aluno abertura de escutar para além de seus próprios valores e crenças, evitando a redução da fala do outro à sua perspectiva pessoal. A supervisão mostrou-se um espaço potencializador para o desenvolvimento dessa escuta ética, permitindo a elaboração das reações contratransferenciais e a ampliação da sensibilidade clínica. Conclui-se que a escuta da dimensão espiritual, quando conduzida com abertura e postura ética, torna-se uma via legítima de acesso ao sofrimento psíquico e à experiência existencial do cliente. Assim, o aluno não se posiciona como julgador ou catequizador, mas como alguém que sustenta o vínculo a partir da compreensão profunda do vivido, reconhecendo a espiritualidade como um elemento estruturante da narrativa subjetiva de muitos indivíduos.

Palavras-chave: religião; supervisão clínica; subjetividade; escuta ética; formação em psicologia.



A “Famínlha”: concepções, possibilidades e atravessamentos do núcleo familiar na Socioeducação.

Marcelle de Souza Soares/ Beatriz Penha França Gonzaga/
Mayara Cristina de Souza Reis/ Jimena de Garay Hernández

A partir do estágio “Educação e Socioeducação”, que compõe a pesquisa qualitativa e cartográfica “Escolarização de jovens em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade no estado do Rio de Janeiro”, realizada em diversas unidades, fazemos, além de entrevistas com todos setores constituintes desses espaços, oficinas com os adolescentes institucionalizados. A pesquisa objetiva compreender os processos de escolarização nas unidades de internação e as trajetórias extramuros dos jovens entendendo esses processos como atravessados por marcadores como gênero, raça e território que aparecem em diversas outras temáticas abordadas pelas oficinas, assim como o tema da família. Nas atividades, nos deparamos com outras concepções de famílias, para além de laços sanguíneos, ou “famínlhas” como foi escrito por um dos meninos ao desenhar os amigos da mesma idade com quem mora. Vimos como seus arranjos, muitas vezes, não são compostos pelo modelo tradicional - burguês, cisheteronormativo e branco - e como essa instituição insiste em moralizar e normatizar uma única possibilidade de núcleo familiar culpabilizando o mesmo quando escapa dela. Percebemos também as consequências de fragilização desses laços para os meninos que, pelo lado negativo, remontam ao sentimento de abandono, a solidão e a punição dos que não têm apoio evidente dessas famílias - em seu modelo normativo - traduzida em medidas socioeducativas mais longas e severas. Nesse mesmo debate, emergiram questões como a valorização da figura materna como principal apoio no processo e sua idealização como representante até de um sagrado, divergindo da figura feminina em geral que, nas relações afetivo-sexuais, “não presta mesmo”. Em ambos casos, as mulheres são, majoritariamente, relegadas a funções domésticas e de cuidado de forma que a valorização e a cobrança são diferentes para os homens das famílias, o que também não os exime de distinções morais.

Palavras-chave: socioeducação; gênero; família; cartografia; subjetividades



Entre as grades e a rua: juventudes negras, territórios e socioeducação

Larissa Corrêa de Oliveira/ Mayara Cristina de Souza Reis/
Gabriela Jung Pinto Medeiros/ Brenda Flores Marques/
Jimena de Garay Hernández

A partir do estágio “Educação e Socioeducação”, vinculado à pesquisa qualitativa cartográfica intitulada “Escolarização de jovens em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade no estado do Rio de Janeiro”, realizamos entrevistas e oficinas com adolescentes que cumprem medida de internação em diferentes unidades socioeducativas. O objetivo dessas atividades foi compreender os processos de escolarização das instituições e suas trajetórias extra muros. Nesse percurso, alguns marcadores sociais emergiram de forma contundente, atravessando vivências, narrativas e relações. As experiências desses jovens em diversas instituições - incluindo escola - são analisadas considerando a racialização de seus corpos, processo que elabora e sofisticava caminhos de encarceramento de jovens negros moradores de favelas e/ou periferias. A essencialização, a suspeição generalizada, a vigilância hierárquica, mecanismos da instituição-racismo se apresentaram não apenas como pano de fundo, mas como elementos constitutivos das suas trajetórias dentro e fora da socioeducação. A territorialização da violência delimita fronteiras simbólicas e reais: a periferia surge não apenas como espaço geográfico, mas como categorias sociais que produzem desigualdade, exclusão e controle. Nas oficinas, escutamos narrativas que revelam como os territórios de origem são constantemente associados ao perigo, à ausência de direitos e à desumanização. Porém, para eles, esses espaços são de pertencimento, singularização e formação de laços comunitários. As contradições entre o que vivenciam em seus bairros e a forma como esses espaços são vistos pela sociedade e pelas instituições evidenciam o descompasso entre as políticas públicas e suas experiências. Dessa forma, discutir raça e território como marcadores que organizam trajetórias institucionais desses adolescentes nos permite compreender não apenas os entraves enfrentados por eles no acesso ao direito à educação, mas também os modos como resistem, se afirmam e projetam outras possibilidades de futuro.

Palavras-chave: Socioeducação, raça, território, periferia.



“Ninguém vence na vida aqui, não”: A escola como perpetuadora de desigualdades.

**Marcelle de Souza Soares/ Julie Helena Antunes da Silva/
Gabriela Jung Pinto Medeiros/ Gabrielle Rodrigues de Moraes/
Jimena de Garay Hernández**

O projeto de extensão “(Re)pensando questões de violência e desigualdade na educação de Meninos e Meninas” visa construir espaços de discussão coletiva acerca de temáticas que atravessam os processos de subjetivação de estudantes de escolas municipais na Zona Norte do Rio de Janeiro e o faz a partir de oficinas lúdicas e participativas onde pautamos eixos interseccionais como raça, território, gênero e sexualidade. Uma das nossas preocupações recentes se pauta na crescente e intensa perda de sentido na Instituição Escolar por parte dos estudantes e também de toda sua comunidade. O que deveria se tratar de um esforço conjunto para transformação da realidade, tem se tornado um espaço cada vez mais esvaziado, visto apenas como uma obrigação tanto pelos estudantes quanto para a própria equipe técnico-pedagógica. No ano de 2025, nos confrontamos na prática, e de diversas formas, com esse esvaziamento e passamos a nos perguntar não só o porquê dessa mudança, mas também quais mecanismos a produziram. Alinhadas a uma perspectiva de educação pós-crítica, vemos a escola como um espaço que busca preparar os/as estudantes para o futuro aproximando-os de epistemologias diversas que lhes permitam se desenvolver e transformar a sociedade cujas desigualdades também deixam marcas nessas instituições. No entanto, com discursos de docentes que não veem as potências de alunos/as, de estudantes que encaram esse espaço como algo que não altera suas vidas e onde o próprio Estado não investe financeiramente e politicamente, fica a indagação de que subjetividades estão sendo produzidas a partir desse local, a quem elas servem com a desconsideração de seu aspecto transformador e como esses mecanismos interferem na ideia de si de estudantes e profissionais.

Palavras-chave: psicologia; escola; desigualdades; subjetividade; extensão



Morte e luto para o profissional da enfermagem no contexto hospitalar

Renata Dahwache Martins/ Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Além da assistência ao paciente, familiar ou acompanhante, a psicologia hospitalar dedica-se também aos processos de trabalho e aos impactos do adoecimento e da morte sobre os profissionais da saúde. Com a transferência do morrer dos lares (do âmbito íntimo e familiar) para o hospital (capturado pela técnica), este torna-se um dos lugares socialmente legitimados para a morte, de outra forma velada no campo social. Neste cenário, o trabalhador da enfermagem é exposto de maneira singular à finitude, devido à proximidade intensiva e ao cuidado corpo-a-corpo que estabelece com o paciente. O objetivo deste trabalho é analisar o estatuto da morte e a vivência do luto para o profissional da enfermagem em sua prática cotidiana no ambiente hospitalar. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, a partir de levantamento bibliográfico. Parte-se da clínica psicanalítica sobre o luto e as atitudes do sujeito diante da morte, articulando-as com a realidade do trabalho da enfermagem hospitalar. Como resultado preliminar de pesquisa, identificamos que a morte e a finitude se manifestam para a enfermagem através de três formas principais: 1) distanciamento defensivo, reforçado pela exigência de uma "postura profissional" que silencia o afeto; 2) obstinação terapêutica, ligada ao mandato de "salvar vidas", que gera impotência diante do inevitável; e 3) intensa implicação afetiva, decorrente da identificação com o paciente ou da perda do vínculo. Com a indicação freudiana de que o processo de luto é um trabalho psíquico, consideramos que o profissional da enfermagem hospitalar está em constante atravessamento deste processo, visto que a morte não é contingencial, mas realidade inexorável do ser humano. Uma escuta orientada pela psicanálise pode oferecer um lugar de endereçamento para a fala diante da morte, possibilitando a elaboração singular e coletiva desta experiência, dando a ela um lugar no campo simbólico.

Palavras-chave: morte; luto; enfermagem; psicanálise



Avaliação Psicológica: desafios sociais e diálogos com a ética profissional

Marcelo Jacinto de Abreu

O projeto de extensão "Avaliação Psicológica: desafios sociais e diálogos com a ética profissional" abordou através de estudos teóricos e das diretrizes emanadas pelo CFP a relevância e as complexidades da avaliação psicológica, ferramentas essenciais na prática ética do psicólogo. Foram realizadas discussões sobre desafios contemporâneos como demandas sociais, acessibilidade e dilemas éticos. O projeto de extensão foi pautado por referenciais éticos, técnicos e científicos que orientam a busca pelo rigor e responsabilidade na prática profissional. O objetivo central foi fomentar um ambiente de formação e reflexão contínua para estudantes e profissionais de psicologia, aprofundando o debate sobre as implicações éticas e o impacto social das avaliações, incentivando o diálogo produtivo com a sociedade, através da produção de cartilhas orientativas sobre a temática. Participaram 120 alunos no Laboratório de Avaliação Psicológica da UNISUAM. O projeto foi implementado com encontros presenciais. A metodologia diversificada incluiu palestras, mesas-redondas, workshops, grupos de discussão, estudos de caso e exercícios de elaboração de documentos psicológicos. A preparação envolveu leitura e discussão de artigos científicos e materiais produzidos pelo CFP. Os resultados esperados incluíram a capacitação aprimorada de estudantes e a consolidação de um espaço crítico de reflexão. O impacto social do projeto foi materialização no compartilhamento do conhecimento e das reflexões geradas com os discentes na elaboração e distribuição de cartilhas orientativas para 40 psicólogos que atuam no SUS, SUAS e na rede privada. Este processo visou mais do que a divulgação de informações qualificadas, mas também a construção coletiva de reflexões sobre os desafios e a ética inerentes à prática da avaliação psicológica aos futuros profissionais da psicologia.

Palavras-chave: avaliação psicológica; ética profissional; extensão universitária.



Masculinidades e Interseccionalidades: diálogos da Psicologia e os desafios Sociais

Marcelo Jacinto de Abreu

O projeto de extensão “Masculinidades e interseccionalidades: diálogos da Psicologia e os desafios sociais” surgiu da necessidade de criar espaços seguros para a discussão e reflexão sobre a construção das masculinidades em suas diversas interações com marcadores sociais como gênero, raça, classe e sexualidade. Fundamentado em referenciais éticos, técnicos e científicos, o projeto buscou desconstruir estereótipos e promover novas percepções sobre o ser homem na sociedade contemporânea. Seu objetivo principal foi fomentar a autopercepção crítica e o diálogo entre homens (cis e trans) de diferentes cursos da UNISUAM, capacitando-os a influenciar positivamente a compreensão social sobre masculinidades e a lidar com seus desafios. O projeto foi implementado de março a junho de 2025, envolvendo 60 participantes que se identificaram como homens, selecionados entre os alunos extensionistas. As atividades consistiram em encontros presenciais quinzenais. A metodologia incluiu rodas de conversa, debates, dinâmicas interativas, música e poesia. Foi mandatória a presença em 75% dos encontros e a leitura prévia de artigos científicos. Ferramentas digitais como Mentimeter, Kahoot, Padlet, Podcast, Google Forms, Gmail e Tela serão utilizadas para dinamizar as interações. Os resultados esperados incluíram o aprofundamento da autopercepção e reflexão dos participantes sobre suas masculinidades e os desafios sociais a elas atrelados. Como produto final, os alunos produziram e disseminaram materiais como e-books, folders ou vídeos, que abordaram as temáticas discutidas, servindo como comprovação das ações de extensão e de sua contribuição social. Esta etapa de compartilhamento de conhecimento e reflexões com a comunidade externa foi crucial para o balanço do projeto. Ressaltou-se a não tolerância a qualquer tipo de preconceito (racismo, homofobia, etc.), garantindo um ambiente seguro e ético para a discussão e construção de novas perspectivas.

Palavras-chave: masculinidades; interseccionalidades; desafios sociais; extensão universitária; gênero.



Promoção do desenvolvimento saudável dos adolescentes no Serviço- Escola de Psicologia

**Maria Eduarda Nascimento Melo/ Lídia de Paula Romling Salustiano/
Leide Vania Matias Morais/ Gabriela de Araujo Braz dos Santos**

A adolescência é uma fase crítica do desenvolvimento humano, marcada por intensas mudanças emocionais e sociais. Considerando a relevância de espaços seguros para o desenvolvimento saudável, este trabalho apresenta a aplicação do Programa PROSA em um Serviço-Escola de Psicologia, com enfoque na psicoeducação emocional. O objetivo foi promover a identificação de comportamentos desadaptativos e acolhimento emocional, incentivando a promoção da identidade pessoal dos adolescentes. O estudo, de natureza qualitativa, foi realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Estácio de Sá – campus Duque de Caxias II, com adolescentes de 12 a 17 anos. Foram conduzidos quatro encontros semanais em grupo, mediados por duas graduandas de psicologia e uma orientadora. As atividades foram organizadas conforme as etapas do PROSA e buscaram favorecer a construção de estratégias de enfrentamento emocional e adaptação cognitiva. Os dados foram obtidos por meio de formulários de inscrição e avaliação final, analisando aspectos objetivos e subjetivos da experiência dos participantes. Os resultados indicaram um aumento na consciência emocional dos adolescentes, maior capacidade de nomeação de sentimentos e fortalecimento da autoconfiança. O envolvimento dos responsáveis também contribuiu para uma rede de apoio mais sólida. Todos os participantes aprovaram o programa e demonstraram interesse em sua continuidade. O PROSA demonstrou ser um recurso replicável, com potencial transformador em contextos marcados por vulnerabilidades emocionais e sociais, favorecendo habilidades socioemocionais essenciais ao desenvolvimento adolescente.

Palavras-chave: psicoeducação; adolescência; grupo terapêutico; serviço-escola.



PROSA: Programa de Promoção do Desenvolvimento Saudável de Adolescentes em Contexto Escolar

**Carina Cardoso Marques de Araújo/ Thaís Borges da Silva/
Gabriela de Araújo Braz dos Santos**

O presente trabalho relata a experiência de pesquisa como parte do projeto de iniciação científica em Psicologia na Universidade Castelo Branco. A pesquisa refere-se à aplicação do Programa de Promoção do Desenvolvimento Saudável de Adolescentes (PROSA) no contexto escolar. O PROSA é baseado na abordagem bioecológica de Urie Bronfenbrenner, que propõe o estudo do desenvolvimento humano de acordo com quatro níveis: processual, pessoal, contextual e temporal. A intervenção consistiu em seis encontros presenciais organizados em quatro etapas: estabelecimento de vínculo, psicoeducação, planejamento de estratégias para mudança e finalização. A equipe de pesquisa, composta por duas graduandas de Psicologia e uma professora orientadora, foi responsável pela elaboração de instrumentos, preparação dos encontros, aplicação de entrevistas e inventários, e produção de diários de campo. As pesquisadoras foram fundamentais para a aplicação do PROSA, atuando na construção de processos proximais, sendo esses, relações de apoio mútuo entre membros da equipe e entre a equipe e as participantes, estas sendo descritas como adolescentes negras de baixa renda de um colégio estadual na zona oeste do Rio de Janeiro. A pesquisa proporcionou a troca de informações e percepções, a abordagem plural do fenômeno em investigação e o desenvolvimento de um senso de comunidade entre as envolvidas. A aplicação do PROSA enfrentou desafios como a evasão de participantes e dificuldades de disponibilidade, entretanto, a equipe salienta a importância da resiliência e compromisso com a continuidade do programa, uma vez que os obstáculos possam ser vistos como oportunidades para o aprendizado e aperfeiçoamento da intervenção. Os resultados apontam que o PROSA apresenta potencial para contribuir no desenvolvimento saudável de adolescentes, pois estes relataram terem sido beneficiados pela intervenção em termos de autoconhecimento, habilidades de comunicação, resolução de problemas e relacionamentos interpessoais.

Palavras-chave: adolescência; pesquisa; intervenção em grupo; terapia do esquema;



Interdisciplinaridade no cuidado infanto-juvenil: um relato de estágio no Deambulatório Penha

Camila Siqueira de Castro Ferreira/ Rebeca Fernandes Bernardo/
Isabel Silvia de Araujo Thibau/ Mariany dos Santos Almeida/
Étilda Almeida Lessa

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de estagiárias de psicologia e terapia ocupacional, realizado no Deambulatório Penha (Deamb), e os efeitos para o processo formativo. O Deamb integra a rede de Atenção Psicossocial do município do Rio de Janeiro e está vinculado ao CAPS e a Atenção Primária, constituindo-se como uma estratégia territorial de cuidado da média complexidade psicossocial, voltada à ampliação do acesso à saúde mental. A equipe atende a todos os ciclos de vida, porém o relato irá trazer a experiência com o cuidado infanto-juvenil, pela perspectiva das estagiárias, a partir do trabalho realizado pela equipe em grupos terapêuticos, assim como os efeitos dessas experiências nas suas formações. Os grupos acontecem de forma presencial e territorial, divididos por indicações clínicas e faixas etárias, com diferentes abordagens e estratégias. Para os adolescentes, utiliza-se principalmente, de rodas de conversa como disparador dos temas a serem trabalhados, voltados para produção de autonomia e protagonismo dos participantes. Para as crianças, utiliza-se principalmente de propostas lúdicas e interativas para conduzir o processo terapêutico. A experiência de estágio no Deamb proporcionou uma ampliação da noção de cuidado em saúde mental e atenção psicossocial a partir da atuação com profissionais de diferentes áreas, possibilitando construir o cuidado de maneira mais ampla, integrada e interdisciplinar. Além disso, trouxe como diferencial a aproximação do trabalho terapêutico coletivo e situado nos espaços do território, que foge do modelo tradicional ambulatorial, e traz como ferramentas a potência grupal, o pertencimento dos usuários nos seus territórios existenciais e o acesso ao cuidado. Nesse sentido, os grupos terapêuticos também se constituíram como um espaço de ampliação de saberes, permitindo o contato com a desconstrução da lógica manicomial e da clínica tradicional, na prática, pelas estagiárias.

Palavras-chave: Deambulatório; Atenção Psicossocial; Saúde Mental; Cuidado infanto-juvenil.



Saúde mental e o trabalho no SUS: precarizações, potências e desafios

Mônica de Castro Dantas Louza/ Juliana de Oliveira Tempone

O município de Maricá, região metropolitana do Rio de Janeiro, nos últimos anos tem remodelado a sua cidade nos mais diversos âmbitos – economia, saúde, assistência social e afins – devido aos recursos de royalties do petróleo. Em 2020, em concordância com a Reforma Psiquiátrica, criou a Equipe Multiprofissional de Atenção Psicossocial (EMAPS) substituindo o ambulatório de saúde mental da cidade, modelo de atuação isolada e ultrapassada. Esta equipe esteve presente nos quatro distritos de Maricá sendo composto por psicólogas(os), psiquiatras, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais visando a partir do território e em conjunto com a Atenção Primária de Saúde (APS) e Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) auxiliar, em especial, nos casos mais graves de saúde mental que não chegavam às Unidades Básicas de Saúde da Família (UBS) ou nos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

A EMAPS, assim como diversas equipes atuantes no Sistema Único de Saúde (SUS) passou por inúmeras formas de precarização: sem lugar de atendimento; sem material para trabalhar, especialmente para atendimento infantil; exigências pela prática de psicoterapia, entre outros. Em dezembro de 2024, esta equipe foi extinta por questões de financiamento. A precarização maltratada os trabalhadores da saúde e atinge vertiginosamente o cuidado (não) oferecido à população, o que vai de encontro à Constituição Federal, em seu artigo 196, que defende que a saúde não apenas é um direito de todos, mas dever do Estado. Assim, este trabalho se predispõe a refletir os impactos da precarização e subfinanciamento do SUS na saúde dos trabalhadores e na população assistida, entendida como uma grave questão de direitos humanos.

Palavras-chave: saúde mental; SUS; precarização; direitos humanos.



Antiproibicionismo e as práticas profissionais em Psicologia no Rio de Janeiro

Gabriel da Silva Pereira/ Juliana de Oliveira Tempone/
Cláudio Yuri Rodrigues da Silva/ Beatriz Monteiro Barbosa/
Thaís Sâmela Castro de Moraes

O Estado do Rio de Janeiro carrega profundas marcas de violência estrutural, amplificadas pela chamada guerra às drogas, que impactam diretamente a saúde mental e bem-estar de toda a população, com efeitos agravados sobre pessoas negras e periféricas. Este trabalho de natureza exploratória parte de relatos de experiência profissional das autoras enquanto psicólogas trabalhadoras do SUS para problematizar a compreensão de proibicionismo pela psicologia. O encarceramento em massa, o racismo, o machismo, a força policial, entre outras violências estruturais, encontram justificativa no proibicionismo para se expandirem e reproduzirem. Assim, a criminalização das drogas serve como subterfúgio para práticas racistas, sexistas e classistas, sendo utilizadas como argumento para justificar diversas formas de violações de direitos, principalmente em territórios de favela. O consumo de drogas, no contexto brasileiro do paradigma proibicionista, tem a medicalização enquanto uma diretriz de cuidado, para além da criminalização e restrição de liberdade a partir da seletividade penal das brechas da Lei 11.343 de 23 de Agosto de 2006. Neste cenário, a Psicologia precisa assumir não apenas seu papel técnico junto aos modelos terapêuticos de cuidado que fazem uso dessas substâncias, como também seu papel ético e político ao lidar com os impactos do proibicionismo e estigmatização de territórios e pessoas que usam drogas na saúde mental da população. A escuta clínica de psicólogas trabalhadoras do SUS, sobre o uso de drogas, revela um cenário multifacetado onde substâncias como a maconha, frequentemente surgem como estratégia de automedicação para o sofrimento psíquico e do corpo, em que usuários relatam tanto o alívio sintomático quanto as consequências negativas da ilegalidade. Tais narrativas evidenciam a interseção entre o uso, a vulnerabilidade social, o estigma e a criminalização, reforçando a necessidade que a psicologia aprofunde as discussões sobre o tema, considerando o impacto especialmente na saúde mental de populações marginalizadas.

Palavras-chave: Guerra às drogas, psicologia social; violência; proibicionismo.



Pode a psicologia monitorar os espaços de privação de liberdade?

Lucas Gabriel de Matos Santos

A trajetória da psicologia nas instituições de privação de liberdade geralmente instam a composição de equipes técnicas com atividades muitas vezes resumidas a perícia do indivíduo para progressão de regime (ou alteração e extinção da medida, no caso do sistema socioeducativo). Apesar da atuação da psicologia nesses espaços prever acompanhamento, construção coletiva dos encaminhamentos entre outras atuações críticas, a superlotação das instituições e o punitivismo impedem o exercício crítico e ético. O monitoramento das políticas públicas, exercido por entidades ligadas ao sistema de justiça, da política e pela sociedade civil, surge enquanto um campo de atuação pouco explorado e é a partir do Sistema de Prevenção e Combate a Tortura que é possível uma atuação para além da institucionalização. Nesta comunicação oral serão apresentadas ferramentas para a psicologia no monitoramento dos espaços de privação de liberdade para prevenção e o combate à tortura. Será realizada a partir do relato de experiência do autor, que também atuou na política pública. O Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate a Tortura, constituído como órgão ligado ao poder legislativo é criado para fazer visitas de inspeção, construir relatórios com recomendações para as instituições visitadas e se articular com instituições públicas a fim de impedir a tortura ou o tratamento cruel nos espaços de privação de liberdade. É então a partir da defesa dos direitos humanos, também preconizada pelo Código de Ética do psicólogo, e na própria trajetória de atuação em políticas públicas, que a psicologia constrói as ferramentas para o monitoramento.

Palavras-chave: políticas públicas; direitos humanos; privação de liberdade; tortura; psicologia



Prevenção e Manejo da Violência Geracional na Estratégia de Saúde da Família

Rafaela Martinho Tobler/ Carla Regina Pinto Coelho Hutter/
Michel Cabral Pacheco

A violência geracional é a transmissão de comportamentos violentos de uma geração para outra. Crianças e adolescentes em convívio com a violência intrafamiliar tendem a naturalizar essas condutas e a repeti-las, inclusive na vida adulta. Essas situações de violência se enraízam ao ponto de serem ignoradas de forma inconsciente, mesmo quando percebidas, reproduzindo o ciclo da violência. Este trabalho teve como objetivo descrever a experiência de Residentes de Psicologia da Atenção Básica pela UNIFA-SE/Petrópolis na identificação, acompanhamento e manejo da violência geracional na Estratégia de Saúde da Família. Trata-se de um relato de experiência que demonstra como o acolhimento, a escuta ativa, a orientação e o suporte emocional de profissionais da saúde contribuem para o enfrentamento desse tipo de violência e, também, para a sua prevenção. Os resultados deste trabalho indicam que a atuação qualificada e humanizada dos profissionais da saúde fortalece o vínculo com os usuários e facilita a identificação precoce de situações de violência geracional. Além disso, a articulação com a rede de proteção intersetorial é indispensável para a interrupção dessa violência. Conclui-se que o foco no acolhimento e na escuta ativa é essencial para a intervenção em casos de violência geracional. O relato evidencia a Estratégia de Saúde da Família como espaço privilegiado para a prevenção e a ruptura desse ciclo e destaca também a importância do papel dos Residentes no enfrentamento dessa temática.

Palavras-chave: psicologia; violência geracional; saúde da família; residência em psicologia.



Desafios no Fechamento dos Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico no Rio de Janeiro

Thaís Sâmela Castro de Moraes

O processo de desinstitucionalização psiquiátrica na América Latina enfrenta desafios estruturais, sociais e políticos, especialmente quando analisado a partir da experiência do Rio de Janeiro. A reforma psiquiátrica brasileira, inspirada em movimentos internacionais e na luta antimanicomial, buscou substituir o modelo asilar por uma rede de atenção psicossocial territorializada, baseada na liberdade, no cuidado e nos direitos humanos. No entanto, objetiva-se abordar o processo de desinstitucionalização dos manicômios judiciários, espaços estes de privação de liberdade onde são encaminhadas as pessoas com transtorno mental em conflito com a lei, que encaram desafios ainda maiores, visto que encontram-se resistências dos setores mais conservadores, para além do desconhecimento do cuidado em saúde mental por parte dos juristas e o desmonte do SUS. A partir da metodologia cartográfica, pretende-se apresentar como, apesar de ter havido avanços significativos na implantação de políticas públicas voltadas à saúde mental, o cenário recente aponta para retrocessos, como a revogação do fechamento do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Henrique Roxo (HCTP-HR), em Niterói, com a revalorização de práticas hospitalocêntricas e o sucateamento da rede de cuidados em liberdade. Tais dificuldades refletem um contexto latino-americano marcado por desigualdades, fragilidade institucional e disputas ideológicas sobre o papel do Judiciário na saúde mental. Conclui-se que a experiência fluminense com a implementação da EAP-Desinst revela que a superação do modelo manicomial exige não apenas mudanças legais e administrativas, mas também transformações culturais profundas, como a valorização da escuta, da luta antirracista, o combate ao estigma e do reconhecimento da dignidade das pessoas em sofrimento psíquico. Assim, o fechamento dos manicômios continua sendo um desafio complexo e inacabado, que exige o fortalecimento das políticas públicas e o engajamento contínuo da sociedade civil.

Palavras-chave: Atenção Psicossocial; Sistema Penitenciário; EAP-desinst; Desinstitucionalização



Gênero no campo do Esporte: um estudo sobre o lugar do "Outro"

Isabela de Farias Felipe Cardoso/ Maria Lua Okamoto/
Ana Carolina Madruga Lima/ Raiane Barreto Teixeira Gonçalves Pereira

O presente trabalho objetiva analisar as implicações das relações de gênero no contexto esportivo, fazendo-se valer das ferramentas dispostas pela Psicossociologia. Como princípio, percebemos como as experiências femininas se comportam como reproduções dos modelos cisheteronormativos que regem o social, entendo que o que existe hoje, de instituído, é um lugar de exclusão e de inferioridade em comparação às modalidades masculinas. Esse local pode ser interpretado como maneira de manter as mulheres em uma posição de "Outro". Paralelamente, a luta das mulheres por condições iguais no esporte levou a um crescente aumento de destaque ao longo dos anos, mas muito ainda precisa ser feito para que o acesso, a promoção e o patrocínio cheguem ao mesmo patamar dos homens, pois o esporte permanece como um espaço de instituídos violentos e que corroboram a morte de subjetividades que não as do homem branco cisheteronormativo do norte global. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é, através das lentes da Psicossociologia e do trabalho de autoanálise e autogestão dos coletivos, compreender um movimento de novos instituintes, que usa o palco gerado pelo esporte para conquistar o espaço das vozes apagadas por um sistema opressivo. A metodologia escolhida foi a revisão bibliográfica a partir dos descritores Psicossociologia, Esporte e Gênero, nos indexadores SciELO, LILACS e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os critérios de inclusão foram artigos, anais de congresso e resumos dos últimos 20 anos (de 2003-2023). Como critérios de exclusão foram selecionadas teses e obras na língua inglesa. A ausência de trabalhos que articulem as temáticas propostas denunciam a escassez de debates sobre gênero, esporte e psicossociologia e reiteram a necessidade de novas propostas que deem luz às diversas narrativas criadas dentro desse escopo.

Palavras-chave: Psicossociologia, Esporte, Gênero



Subjetividade algorítmica: sofrimentos e desafios para a Clínica Fenomenológico-Existencial

Rayane Lenen de Souza Martins

Apresentação de uma reflexão crítica sobre os desafios contemporâneos da clínica psicológica frente à emergência da subjetividade algorítmica e à crescente imersão digital. A era da automatização da vida e do imediatismo das redes sociais reconfigura a experiência humana, gerando novos modos de sofrimento psíquico. Sob uma ótica da Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial e da Psicologia Social decolonial, objetiva-se analisar como essa “captura” da subjetividade por lógicas algorítmicas se manifesta no cotidiano, impulsionando a busca incessante por validação, o sentimento de inadequação frente a padrões inatingíveis e a experiência de um profundo vazio existencial. O método baseia-se na análise teórica e crítica de como a hegemonia digital, muitas vezes com raízes em epistemologias coloniais, molda a percepção do tempo, das relações e da própria identidade. Resultados preliminares indicam que a clínica fenomenológico-existencial pode atuar como um espaço de resgate da autenticidade e da autonomia, promovendo uma escuta ética que reconhece o impacto das estruturas digitais na constituição do ser-no-mundo. Questiona-se o papel da psicologia na desnaturalização dessas violências simbólicas e na construção de caminhos para uma existência mais plena e conectada à dignidade humana, em oposição à reprodução de modelos hegemônicos de ser e estar no mundo digital.

Palavras-chave: Subjetividade; Algoritmo; Imersão digital; Fenomenologia-existencial; Sofrimento contemporâneo.



Vivências: análise dos estereótipos de gênero no amadurecimento e saúde mental feminina.

Nátali Fonseca Quintanilha/ Maria Júlia Mendonça de Souza/
Giuliana Maciel Valente/ Veronica Torres Gurgel/
Helena Werneck Brandão

Os estereótipos de gênero são construções sociais que definem e delimitam os papéis e comportamentos esperados de homens e mulheres em uma determinada cultura. A partir disso, se entende que o estereótipo feminino, que foi difundido e enraizado sobre o papel da mulher, vem de um olhar machista que pensa na mulher como um indivíduo submisso, negando, muitas vezes, sua subjetividade. Este tema aborda questões que impactam diretamente a vida de muitas meninas, moldando suas trajetórias de forma assimétrica em relação aos meninos, sendo seu estudo uma forma de contribuir para debates sobre saúde mental e equidade de gênero, fornecendo subsídios para políticas públicas que promovam a valorização da infância como um direito universal, independente do gênero. Este trabalho deriva de um projeto realizado para a disciplina Metodologia de Pesquisa Aplicada à Psicologia III da Universidade Federal Fluminense. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativo-quantitativa, através de um questionário online aplicado via Google Forms. A primeira parte do questionário, de caráter socio-demográfico, mapeou os marcadores sociais das participantes; a segunda explorou suas experiências e percepções sobre as diferenças de gênero. Foram coletadas 40 respostas, sendo 36 utilizadas na análise. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assegurou anonimato e voluntariedade das participantes. Analisando os dados, observamos a extensão do impacto da sexualização, e como os efeitos das expectativas de gênero são percebidos desde muito cedo - relatos indicam que, a partir dos 8 anos, meninas já demonstravam um sentimento de injustiça diante das liberdades concedidas aos meninos/homens ao redor. Através de brinquedos, roupas, e atribuições de tarefas domésticas, por exemplo, meninas são associadas ao cuidado, e a menstruação também surge como marco simbólico que separa a meninice da adultez. Esses elementos impactam negativamente a saúde mental, evidenciando o amadurecimento precoce como fator de sobrecarga emocional e reproduzidor de desigualdades sociais.

Palavras-chave: Psicologia; Estereótipos de Gênero; Saúde Mental; Saúde Mental Feminina.



A escuta às mulheres negras moradoras de favela: cuidado em saúde mental

Larissa Gonçalves Gama/ Edna Lúcia Tinoco Ponciano

A escuta às vozes de mulheres negras moradoras de favela, apresenta práticas de cuidado cotidianamente elaboradas por elas, frente à diferentes contextos. Subjetividades, por vezes, são atravessadas por marcadores sociais da diferença interseccionados, tais como raça, gênero e classe, costurados aos contextos territoriais e à violência de Estado. A pesquisa de mestrado desenvolvida entre 2023 e 2025, buscou investigar e compreender os impactos produzidos por esses marcadores na saúde mental de mulheres negras moradoras do Complexo do Alemão, além de identificar as práticas de cuidado elaboradas e experienciadas por elas, como modos de produção de vivência e de resistência. Desse modo, desenvolveu-se uma pesquisa empírica qualitativa de caráter exploratório, por meio do método do estudo de caso. Para coleta de dados, foram utilizados diários de campo no território, termo de consentimento livre e esclarecido, entrevista semiestruturada e questionário sociodemográfico. A amostra contou com a participação voluntária de 8 mulheres negras autodeclaradas, com idades entre 19 e 61 anos, residentes de favelas que compõem o Complexo do Alemão. Os resultados evidenciaram a importância de escutar às mulheres negras e seus modos de saber-fazer vivenciais, debate rico tanto para o campo da psicologia quanto para o campo das políticas públicas e das práticas em saúde mental. A análise das entrevistas, resultou em três eixos: (I) raça e gênero, contemplando as categorias: racismo, construção identitária e privação do ir e vir; (II) saúde mental, discutindo rede de apoio, família, escuta, fé/religião; (III) regulação emocional, apresentando estratégias de regulação emocional (autocuidado e consumo). A divisão em categorias dialogou com os impactos subjetivos, considerando experiências individuais e coletivas, e com as práticas de cuidado em saúde mental, desenvolvidas e aplicadas pelas participantes, frente ao contexto do território. Concluímos, afirmando a importância de conhecer as experiências das mulheres para promover cuidados em saúde mental.

Palavras-chave: mulheres negras; favela; escuta; saúde mental.



Gênero, raça e classe: reflexões sobre o Sistema Prisional pela Psicologia

Jaqueline Sério da Costa

Homens negros, jovens, de baixa escolaridade e inseridos de forma precária no mercado de trabalho. O perfil majoritário das pessoas que compõem o Sistema Prisional aponta para um segmento de grande vulnerabilidade da sociedade brasileira e evidencia a prisão a partir da sua seletividade penal. Enquanto sistema que atua para a gestão daqueles tidos como indesejáveis sociais, as mulheres se inserem nesse cenário em menor quantitativo, mas também em posição de grande vulnerabilidade, sofrendo as violências de gênero a partir da instituição. Nesse contexto, este trabalho analisa gênero, raça e classe enquanto categorias analíticas que instrumentalizam reflexões sobre as possibilidades de atuação da Psicologia no Sistema Prisional. Partindo da perspectiva teórica da interseccionalidade, compreende-se essas categorias enquanto marcadores que se entrecruzam e geram um produto, não soma de diferenças. O trabalho utiliza dados dos atendimentos realizados pelo Serviço de Atendimento à Pessoa Custodiada (APEC) em uma das Centrais de Audiências de Custódia, em 2024. Nesse período, a equipe atendeu 921 pessoas, sendo 656 mulheres cis ou trans. Tratava-se de mulheres majoritariamente negras, com baixa escolaridade e baixa renda, sendo 36% aquelas que recebiam até 1 salário mínimo. Destas, 410 eram mães, sendo 65% com filhos menores de 12 anos. Ao serem privadas de liberdade, sentiam a forte desarticulação do seu arranjo familiar na qual essa mulher, muitas vezes, era a principal cuidadora não somente dos filhos, mas também de familiares idosos ou com deficiência. Nesse cenário de grandes vulnerabilidades, a atuação da Psicologia a partir de uma prática comprometida com a eliminação das violências e das desigualdades e orientada pela perspectiva da liberdade, pode servir de instrumento importante para o cuidado e escuta dessas pessoas custodiadas.

Palavras-chave: Sistema Prisional; Interseccionalidade; Privação de Liberdade.



Cuidar é escutar: atravessamentos éticos da psicologia hospitalar com crianças cronicamente adoecidas

**Ligia Maria Rosalino Martins/ Rayane Stephany dos Santos Magalhães/
Gabriela Torres de Oliveira/ Mariana Viviani da Silva**

O trabalho busca refletir sobre os atravessamentos éticos que permeiam a atuação da Psicologia Hospitalar no cuidado a crianças e adolescentes cronicamente adoecidos. Em internações marcadas por incertezas, diagnósticos difíceis e procedimentos invasivos, emoções conflitantes emergem de forma intensa tanto nos pacientes quanto em suas famílias. Neste contexto, como preconizado pelas Referências Técnicas para atuação em serviços hospitalares do SUS produzidas pelo CFP e pelo Código de Ética Profissional da(o) Psicóloga(o), a atuação da Psicologia visa romper com a visão biomédica tradicional, promovendo o acolhimento, o manejo do sofrimento psíquico e a humanização do cuidado, considerando a experiência singular do adoecer para os sujeitos. Utilizou-se como metodologia, os Diários de Campo, instrumento empírico de registro de experiências, afetações e narrativas colhidas durante a atuação em campo. Objetivamos discutir potencialidades e desafios na oferta dos atendimentos psicoterapêuticos nos fluxos de cuidado hospitalar: atenção à criança e adolescente e a desospitalização. Como observado na literatura e evidenciado na prática, a presença da Psicologia nesses espaços é fundamental para a comunicação e integração da tríade paciente-família-equipe, proporcionando atenção às questões biopsicossociais. Ademais, demanda constante reflexão ética, sobretudo quando há tensionamentos entre o cuidado voltado ao paciente e sua família, e as expectativas da equipe, que por vezes busca auxílio para lidar com comportamentos considerados inadequados ou que atrapalham o fluxo de trabalho, desconsiderando o sofrimento psíquico. Dentre os achados, compreende-se a difícil tarefa da Psicologia atuar nos serviços hospitalares pediátricos, sendo crucial para sustentar a escuta ética e qualificada, promovendo a reflexão crítica sobre o cuidado em saúde, que se organiza a partir de uma lógica que desconsidera a singularidade do processo de hospitalização. Apesar de desafiador, defender e ensinar à outros profissionais que a experiência subjetiva do adoecer necessita de atenção e cuidado, é um dever ético da Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Atenção à criança e ao adolescente; Adoecimento Crônico; Código de Ética da Psicologia



Além da Oralidade: uma psicologia inclusiva

**Emanuela Lima Mello/ Lívea Pimentel Barcellos Correia/
Marcia Cristina Siqueira da Silva/ Tiago Rodrigues de Araujo Silva/
Victoria Guimarães dos Santos Bahia Pradera/
Mirelli Aparecida Neves Zimbrão**

A comunicação é ferramenta essencial na prática psicológica. Quando aliada à assertividade e à inclusão, ela se torna ainda mais potente, respeitando direitos, subjetividades e diversidades. O objetivo deste material é promover reflexões e orientar práticas de comunicação que sejam mais respeitosas, conscientes e acessíveis a todos. A proposta é apresentar, de forma clara e acessível, conceitos e exemplos sobre comunicação assertiva e inclusiva, tais como braille, pictogramas, libras, audiodescrição, legenda, dispositivos digitais e pranchas, ajudando o público a compreender como pequenos ajustes na maneira de falar, ouvir e interagir podem gerar grandes impactos nas relações pessoais, profissionais e sociais. A cartilha foi desenvolvida com base em uma revisão de literatura que reuniu conhecimentos sobre comunicação assertiva, inclusão e práticas comunicacionais dentro e fora da Psicologia. O conteúdo foi organizado de forma didática para atingir pessoas de diferentes formações, idades e contextos, especialmente aquelas que ainda não tiveram contato com esses conceitos. Destinada ao público em geral, esta cartilha retende ampliar a conscientização sobre o papel transformador da comunicação. Espera-se que, ao explorar esse conteúdo, as pessoas se sintam mais preparadas para se expressar com clareza e respeito, compreender o outro com empatia e contribuir para a construção de ambientes mais justos, acolhedores e inclusivos.

Palavras-chave: Comunicação; Inclusão; Acessibilidade.



A presença dos Conselhos de Psicologia na formação acadêmica: percepções em movimento

Guilherme Canto Carvalho/ Douglas da Silva Pereira de Oliveira/
Maria Clara Fonseca Visotto/ Mirelli Aparecida Neves Zimbrão

A pesquisa propõe uma investigação qualitativa, em estágio inicial, com o objetivo de compreender como estudantes de Psicologia percebem a atuação dos Conselhos Regional e Federal de Psicologia ao longo da graduação, especialmente no que diz respeito à construção da identidade profissional. Fundamentado em referenciais éticos, técnicos e científicos – como o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005) e outras publicações dos próprios Conselhos – o estudo está dividido em duas etapas: uma revisão narrativa da literatura e uma pesquisa exploratória e descritiva. Na primeira fase, foram consideradas percepções informais e subjetivas dos autores, com base em experiências acadêmicas, observações cotidianas, falas espontâneas de colegas e interações com ações promovidas pelos Conselhos. Um exemplo significativo ocorreu no evento realizado na Uni São Carlos (Bom Jesus do Itabapoana, RJ), durante a exposição de práticas vinculada ao 12º COREPSI, onde foram promovidas rodas de conversa, explanação de regulamentos e compartilhamento de vivências. Observou-se, nesse contexto, que muitos estudantes ainda mantêm uma visão estigmatizada ou desatualizada sobre os Conselhos, demonstrando também baixo engajamento com a temática. Essas percepções não sugerem negligência institucional, mas evidenciam desafios nas estratégias de aproximação com o público discente. Destaca-se, assim, a importância de ações contínuas e da descentralização das atividades dos Conselhos, com atenção às instituições localizadas no interior dos estados, favorecendo maior alcance e impacto na formação. A segunda etapa da pesquisa será desenvolvida com a participação de estudantes, por meio de entrevistas ou questionários on-line. Os dados preliminares reforçam a percepção de distanciamento dos Conselhos na vivência acadêmica. Esse cenário desperta a necessidade de maior integração entre Conselhos e instituições de ensino, promovendo uma formação crítica, ética e politicamente engajada, além de incentivar a participação estudantil em espaços profissionais e científicos.

Palavras-chave: psicologia; identidade profissional; conselhos de psicologia; interface ensino-sistema conselhos.



Depressão entre os acadêmicos de Medicina

Patrícia Maria Carla Osório Duque/ Rafaela Galdeano Piantolo/
Maria Clara Cavalcanti/ Eduarda Beloch

A depressão tem sido apontada como um dos transtornos mentais mais comuns no mundo e quando associada a um estresse crônico comprometem a vida acadêmica como a familiar. A pesquisa tem como problema: Os acadêmicos de medicina estão mais sujeitos ao adoecimento por depressão, ansiedade e estresses? Obj Geral: Conhecer a saúde mental dos acadêmicos de medicina e Obj Específico: Identificar os principais fatores que impactam a saúde mental dos acadêmicos de medicina. Foi realizado um estudo observacional, transversal, tendo como cenários 3 Faculdades de Medicina da rede privada, onde foram pesquisados 102 acadêmicos englobando todos os períodos. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o BDI (Inventário de Depressão de Beck) que foi respondido online. Os dados foram analisados quantitativamente através da escala de auto-relato de Beck, composto por 21 itens e com uma escala de resposta (pontuação). Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem a Resolução nº 466/2012 do CNS. Foi elaborado o (TCLE). O resultado da pesquisa identificou a presença de sintomas de depressão Leve e Moderada (19-29), sendo os sintomas mais prevalentes: humor triste ou deprimido, cansaço ou perda de energia, dificuldade de concentração, pensamento de autocrítica, alteração do padrão de sono e dificuldade em tomar decisões. A pesquisa apontou ainda as particularidades estressoras na graduação médica tais como carga horária intensa e extensa, dificuldade em conciliar a vida pessoal e acadêmica, competitividade entre os estudantes, privação do sono, bem como o medo de adquirir doenças e de cometer erros. Conclui-se que tais aspectos de vulnerabilidade impactam a vida acadêmica e ações de apoio devem ser implementadas nos Cursos de Medicina através de estratégias como: organização do tempo, roda de conversa, espaço de arte, apoio psicoeducativo e acolhimento de suas demandas cotidianas.

Palavras-chave: Chave: depressão; acadêmicos de medicina; inventário de Beck; mostra do CRP-RJ;



Psicologia e Justiça: experiências no Serviço de Atendimento à Pessoa Custodiada

Caíque Azael Ferreira da Silva / Gabriela Mynssen de Pinho da Silva
Izadora Vieira Francisco / Pedro Paulo Gastalho de Bicalho
Ana Clara da Silva Pinto / Lorena Soares de Paiva Silva

Em 2015, a partir de diversas denúncias de movimentos sociais sobre as constantes violações de direitos humanos no sistema prisional brasileiro, foi protocolada a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 347 no Supremo Tribunal Federal Brasileiro. No julgamento, o STF reconheceu a existência de um estado de coisas inconstitucional no sistema prisional, considerando ações e omissões do poder público e, entre as medidas determinadas, destacou-se a implementação das audiências de custódia, importante recurso para atuar na diminuição da superlotação carcerária e na redução das prisões provisórias. Nesse contexto, o presente trabalho parte de experiências de estágio, extensão e pesquisa no âmbito do Serviço de Atendimento à Pessoa Custodiada (APEC), em sua modalidade prévia, entre os anos de 2021 a 2024, em duas unidades prisionais na Zona Norte do Rio de Janeiro. Criado a partir de um termo de cooperação técnica entre universidades públicas (UERJ e UFRJ) e atores vinculados ao Sistema de Justiça, o trabalho consistiu na realização de atendimentos psicossociais prévios às audiências de custódia, conduzidos por uma equipe interdisciplinar composta por estudantes e profissionais de áreas como Psicologia, Serviço Social, Enfermagem e Terapia Ocupacional. Entre os objetivos dos atendimentos prévios está a identificação e o encaminhamento de vulnerabilidades emergenciais, bem como a produção de um relatório enviado aos atores envolvidos na audiência de custódia, com o intuito de apresentar as condições de moradia, saúde, trabalho e outros aspectos importantes da vida da pessoa em situação provisória de custódia. Orientado metodologicamente pelo referencial teórico da Cartografia, este trabalho busca apontar as reflexões produzidas a partir dessa prática orientada para a garantia de direitos em um espaço institucional racista e historicamente marcado por práticas violadoras de direitos, e seus impactos em uma formação em Psicologia implicada no enfrentamento às violências edesigualdades.

Palavras-chave: psicologia; sistema prisional; audiências de custódia; direitos humanos.



Estágio no Centro de Cidadania LGBTI: relato de experiência

Manuela Kühner Calmon Duarte Belo

O estágio oferecido pelo Programa Estadual Rio Sem LGBTIfobia, vinculado à Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos do Estado do Rio de Janeiro, está presente em 21 Centros de Cidadania LGBTI (CCLGBTI) e conta com 53 discentes de Direito, Serviço Social, Pedagogia e Psicologia, distribuídos pelo Estado do Rio de Janeiro. Para além da prevenção, proteção, reparação e combate às violações, a atuação também se faz a partir da afirmação de direitos e da defesa da cidadania. Assim, os CCLGBTI oferecem atendimento psicossocial, jurídico e social gratuito, tanto à população LGBTI+ quanto a seus vínculos afetivos e comunitários, e promovem ações de sensibilização e formação com o objetivo de capacitar entidades civis, órgãos públicos e instituições privadas na temática LGBTQIAPN+, favorecendo o acolhimento dessa população e a valorização da diversidade nos distintos setores da sociedade. Nesse contexto, a função da Psicologia não se resume aos atendimentos psicossociais, incluindo também o acolhimento de demandas, o fornecimento de informações, o fortalecimento de vínculos e o encaminhamento para a rede. Os estagiários participam também de discussões interdisciplinares, formações, buscas ativas, preenchimento de instrumentos técnicos, mapeamento da rede, visitas domiciliares e institucionais, bem como eventos acadêmicos e culturais. Essa vivência estimula o domínio técnico-teórico, a atuação ético-política e a compreensão das políticas públicas. Nesse processo, a participação em debates sobre intersectorialidade, interseccionalidade e interdisciplinaridade, compreendendo suas implicações teóricas e seus desdobramentos práticos, contribui para uma prática sensível às múltiplas dimensões da realidade social. Essa experiência é especialmente relevante, pois permite ao estudante desenvolver competências fundamentais, como escuta ativa, análise crítica da realidade, atuação em rede e compromisso com os direitos humanos. Trata-se de uma formação que integra teoria e prática, alinhando-se aos princípios éticos da profissão e ampliando a capacidade de intervenção social.

Palavras-chave: Programa Rio sem LGBTIfobia; promoção de cidadania; direitos humanos; diversidade sexual e de gênero; atendimento.



Escolarização, pertencimento e processos de desterritorialização: caminhos e descaminhos para vivências negras

Evelyn Raquel Figueiredo Ramos

Esta pesquisa de mestrado em andamento, nasce da interseção entre memória, território e formação acadêmica, atravessada pelas experiências da pesquisadora, uma mulher negra oriunda de Costa Barros, Zona Norte do Rio de Janeiro. O presente estudo tem como eixo central a relação entre escolarização, pertencimento e processos de desterritorialização vividos por sujeitos negros em meio à trajetórias educacionais e acadêmicas. O conceito de pertencimento é articulado a partir de bell hooks, em sua abordagem teórico-prática e une relatos etnográficos à reflexão crítica da autora. Perspectivas indígenas e afro-brasileiras como as de Nego Bispo, Nilma Lino Gomes e Ailton Krenak, são convocadas para pensar outras formas de existência e produção de conhecimento que escapam à lógica colonial e eurocentrada e ganham, através da Teoria Ator-Rede (TAR), mediada pelas leituras de Laura Quadros, um modo de fazer ciência artesanal, como aposta metodológica em uma ciência que inclua perspectivas não coloniais em conteúdo e forma. A pesquisa mobiliza a escrita poética e autobiográfica como metodologia, assumindo o compromisso com a sensibilidade como ethos de produção de saber, visando a construção de uma ciência no feminino, que inclua saberes afro indígenas brasileiros desde a gênese do conhecimento. Por fim, os episódios de violência e as marcas da precarização educacional são tensionados com a construção de imagens possíveis de uma escola que sonha, capaz de compor então novos sentidos. Portanto, a pesquisa propõe refletir sobre como os caminhos da escolarização e da vida acadêmica podem, afastar sujeitos de seus lugares de pertencimento produzindo auto imagens distorcidas, e busca traçar caminhos ao reconhecer potencialidades ainda nos terrenos áridos, qualidades essas, que podem instaurar novas formas de pertencimento e resistência.

Palavras-chave: Pertencimento. Escolarização. Territorialidade. População Negra. Educação.



Inclusão escolar e medicalização

Leander dos Santos Vianna/ Cristiana Carneiro

Nos últimos vinte anos, a educação brasileira tem vivenciado o processo de inclusão escolar, implementado pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), marco importante, pois torna obrigatória a matrícula de alunos com deficiência nas escolas de ensino regular, que até então eram atendidos por um modelo segregacionista. Paralelamente, discute-se a ampliação do conceito de medicalização, como um processo de expansão da prática e saber médicos para além do objeto da doença, que alcança a todos os aspectos da vida humana. A infância torna-se um objeto privilegiado da intervenção médica, da medicalização e da normatização. Assim como os aspectos do seu desenvolvimento e também de sua escolarização passam também a ser classificados como normais ou patológicos, gerando um determinado ideal de infância compartilhado socialmente e contribuindo para o apagamento dos processos subjetivos, sociais e políticos que atravessam o processo educacional. Neste sentido, este trabalho explora os atravessamentos da medicalização no processo de inclusão escolar, e é um recorte das investigações iniciais da minha pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGP/UFRJ), intitulada "Medicalização e inclusão: as neuroidentidades na escola". A pesquisa se dá através de uma revisão sistemática de artigos publicados nos últimos cinco anos, com os descritores "medicalização", "inclusão escolar" e "psicanálise", foram encontrados um total de 247 trabalhos, dos quais 26 foram selecionados. Os resultados preliminares indicam que a medicalização atravessa o processo de inclusão de diversas formas, no caso dos educadores apaziguando o mal-estar produzido no encontro com a diferença pela suposição de que o laudo ou saber médico seriam capazes de nortear o ato educativo. Ao mesmo tempo há o apagamento da subjetividade da criança, que é tomada como desvio em relação a um ideal universalizante de criança.

Palavras-chave: medicalização, inclusão escolar, psicanálise.



Terapia Cognitivo-Comportamental e Direitos Humanos: perspectivas interseccionais na prática clínica

Yvanna da Silva Brito

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a importância da interseccionalidade na prática clínica da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), defendendo que o cuidado em saúde mental deve considerar as múltiplas dimensões da subjetividade, especialmente em populações historicamente marginalizadas. A partir de uma abordagem crítica e fundamentada nos princípios dos Direitos Humanos, a TCC é compreendida como uma prática que, além de técnica, deve ser eticamente comprometida com o enfrentamento de violências sociais como o racismo estrutural, a LGBTI+fobia e outras formas de opressão que afetam diretamente os esquemas cognitivos, crenças centrais e o desenvolvimento de transtornos psíquicos. O método adotado baseia-se na prática clínica, articulada a referenciais teóricos da abordagem cognitivo-comportamental que discutem a ampliação da TCC para contextos socioculturais diversos. A análise destaca que o Código de Ética Profissional do Psicólogo, alinhado à Declaração Universal dos Direitos Humanos, orienta a atuação profissional para além da técnica, exigindo posturas que promovam saúde, acolhimento e justiça social. Os resultados indicam que a clínica, ao incorporar uma perspectiva interseccional, torna-se um espaço não apenas terapêutico, mas também de reconhecimento, afirmação e resistência. Isso demanda do profissional atualização teórica e prática, escuta empática e politicamente consciente, além da adoção de intervenções culturalmente contextualizadas. Reconfigurar a TCC sob essa ótica amplia o papel social da psicologia, fortalecendo seu potencial de transformação na vida de pessoas que enfrentam múltiplas formas de opressão.

Palavras-chave: TCC; Diversidade, Interseccionalidade; Saúde Mental.



Envelhecimento, Masculinidade e Psicologia: Uma revisão bibliográfica

Yvanna da Silva Brito

O envelhecimento da população masculina vem apresentando desafios particulares relacionados à saúde e à identidade de gênero no processo do envelhecer. Esta pesquisa bibliográfica é um estudo que visa mapear as produções sobre o tema Masculinidade, envelhecimento e psicologia na base de dados BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Baseada no método Estado da Arte, que visa analisar a produção científica disponível na base de dados da BVS realizando um levantamento de artigos com os descritores “envelhecimento”, “masculinidade” e “psicologia”. A seleção dos dados foi realizada a partir dos seguintes critérios: em que foram excluídos artigos indisponíveis e os que não discutiam, nos resumos e nos textos, o envelhecimento, masculinidade e psicologia, resultando na análise de nove trabalhos encontrados. A revisão de nove artigos revelou que as normas tradicionais de masculinidade dificultam a busca por assistência médica e psicológica, impactando a qualidade de vida dos homens idosos. O estudo aponta para certas lacunas na literatura e propõe reflexões sobre possíveis intervenções mais eficazes, incentivando também que novas pesquisas acadêmicas e mais aprimoramentos na prática psicológica em relação ao cuidado da saúde de homens idosos sejam pensadas, além de como eles se relacionam com estes cuidados com a própria saúde durante o processo do envelhecimento.

Palavras-chave: envelhecimento; masculinidade; psicologia; estado da arte.



Entre silêncios e portas fechadas: Obstáculos à proteção de mulheres

Leticia Machado Santos de Almeida/ Camilla da Silva Rocha

A violência de gênero contra mulheres constitui um grave problema de saúde pública, impactando intensamente a saúde física e mental das vítimas. Em um país com altos índices de feminicídio, o enfrentamento dessa violência exige políticas públicas comprometidas com os direitos humanos, a interseccionalidade e a equidade. Este estudo tem como objetivo identificar e analisar as principais barreiras de acesso enfrentadas por mulheres em situação de violência, refletindo sobre os impactos dessas barreiras na atenção à saúde e na efetividade das redes de cuidado e proteção. A metodologia adotada foi uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em dados secundários, legislações e referenciais teóricos referentes à saúde coletiva, direitos das mulheres e marcadores sociais da diferença, como raça, classe, gênero e território. A análise concentrou-se em identificar os entraves estruturais e institucionais que impedem o acesso ao cuidado integral. Os dados recentes demonstram o crescimento de todas as formas de violência contra mulheres, com destaque para a população negra e jovem. A maioria das vítimas é violentada em casa, por parceiros ou ex-parceiros. Ainda que tenha havido aumento na concessão de medidas protetivas, persistem barreiras como ausência de serviços especializados, racismo institucional, deslegitimação da dor e fragmentação da rede. Esses fatores agravam o sofrimento psíquico e a exclusão social das mulheres. O estudo aponta a urgência de estratégias intersetoriais e humanizadas, baseadas na compreensão da interseccionalidade e no fortalecimento do compromisso ético-político dos profissionais. Superar as barreiras de acesso é condição indispensável para romper o ciclo de violência e garantir o direito das mulheres a uma vida digna, segura e sem violência.

Palavras-chave: violência de gênero; saúde mental; barreiras de acesso; interseccionalidade; políticas públicas.



Violência de repetição: desafios Intersectoriais no cuidado às mulheres

Letícia Machado Santos de Almeida/ Camilla da Silva Rocha

A violência de repetição contra mulheres – marcada pela reincidência de agressões, geralmente por um mesmo agressor e contexto – evidencia a falência das respostas institucionais e o agravamento do sofrimento psíquico das vítimas. Este trabalho analisa os impactos dessa violência na saúde mental de mulheres brasileiras e discute os limites da atuação intersectorial nas políticas públicas, especialmente nas áreas de saúde, assistência social e justiça. Os referenciais teóricos utilizados incluem o feminismo interseccional, a saúde coletiva e o materialismo histórico-dialético, fundamentando a abordagem crítica adotada. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental. Foram analisados textos científicos publicados entre 2015 e 2025 e dados do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM 2025), além de legislações como a Lei Maria da Penha. As categorias principais foram: “violência de repetição”, “saúde mental da mulher” e “intersectorialidade no cuidado”. O ambiente de produção foi exclusivamente documental, e a análise dos dados foi orientada por triangulação entre fontes teóricas e institucionais. Os resultados apontam que 63% das mulheres atendidas em 2024 sofreram múltiplas violências, com destaque para negras e periféricas. Entre essas, os índices de ansiedade, depressão e tentativas de suicídio são significativamente mais altos. As políticas públicas revelam falhas graves: serviços desarticulados, descontinuidade do cuidado e ausência de fluxos intersectoriais efetivos. Essa precariedade reforça a revitimização e o abandono institucional. Conclui-se que romper com os ciclos de violência exige o fortalecimento de redes de cuidado integradas, com foco em saúde mental e justiça social, baseadas na escuta qualificada, nos direitos humanos e na interseccionalidade.

Palavras-chave: violência de repetição; saúde mental; intersectorialidade; políticas públicas; mulheres.



A sobrecarga silenciosa da camuflagem social em adultos autistas

Gabriel Mont'Alegre Jorge da Silva

É aparente que o autismo hoje em dia goza de maior visibilidade e conscientização do que até não muitos anos atrás. Apesar da esperança e do otimismo implícitos nessa frase e que são importantes de não deixarmos esmorecer, é também necessário encararmos o assunto de maneira sóbria e aguerrida. Nesse sentido, que sejam comemorados os sucessos, mas que também tenhamos um olhar para os pontos que urgem crítica e enfrentamento. Historicamente, o corpo de conhecimentos a respeito do que é atualmente conhecido como transtorno do espectro autista (TEA) construiu-se com dados do público infantojuvenil de maior necessidade de suporte e, especificamente, de indivíduos do sexo masculino. Esse enviesamento nos torna, no geral, pouco conhecedores da experiência autística de adultos que necessitam de suporte menos substancial, sobretudo, dentro desse recorte, mulheres. Nesse público, é indispensável atentar-se para a camuflagem social, isto é, o corpo de estratégias de compensação que podem ser empregadas por autistas para suprimir os traços atípicos e performar comportamentos da normativa neurotípica. A camuflagem pode cobrar um enorme preço psicológico e mesmo de saúde física, na forma, por exemplo, de sobrecarga social, emocional, sensorial etc. Ironicamente, essas estratégias que, a um alto custo, pagam pelo pertencimento do autista em uma sociedade não inclusiva a quem é atípico, também dificultam a identificação do diagnóstico e oferecem desafios terapêuticos significativos. Este trabalho se propõe a lançar luz sobre essa problemática, bebendo de referências científicas sobre autismo, camuflagem e sobrecarga; da experiência clínica do autor junto a adultos no espectro; e da vivência pessoal do autor enquanto autista. Conclui-se a importância de admitir a incompletude da literatura científica a respeito do TEA e reconhecer que há apresentações dessa condição na fase adulta muito distintas dos estereótipos ainda carregados, muito frequentemente, pelos próprios profissionais de saúde mental.

Palavras-chave: autismo; psicologia; neurodiversidade; saúde mental; inclusão.



Caminhos da Psicologia e Relações Étnico-raciais no CRP-RJ

Natasha Iane Magalhães/ Bruno Pereira da Silva Rosa

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de fazer força contrária ao apagamento das trajetórias negras engajadas na construção da psicologia enquanto ciência e profissão e no comprometimento desta com a saúde mental da população negra dentro do CRP-RJ. A pesquisa surge como demanda quando nas reuniões da atual Comissão Especial de Relações Étnico-Raciais (CEPRER), a partir do compartilhamento de nossas indignações, racismos institucionais são mapeados. Além disso, identificamos racismos institucionais através das atividades realizadas em campo, nas quais muitas discussões que eram dialogadas anteriormente, dentro de outras configurações da CEPRER, ainda são encontradas como grandes problemáticas, atravancando o fluxo do debate racial dentro da própria categoria. Como referencial teórico utilizamos materiais já produzidos por quem participou deste percurso em outras gerações. A composição da atual comissão é um dado importante desta pesquisa e dá contorno à metodologia, pois uma de nossas características é a intergeracionalidade, sendo assim, a curiosidade dos recém chegados encontra com a sabedoria dos mais velhos que participaram e fazem rede com antigos integrantes e conselheiros negros, de outras gerações deste enredo. Esse encontro intergeracional, a partir da oralidade e da circularidade, vai apontando a necessidade de escrevermos esta história, tensionando o racismo institucional, comumente presente em grandes instituições, não diferente no Sistema Conselhos. Até o presente momento, concluímos que esta primeira etapa da pesquisa desemboca na montagem de um Grupo de Memórias, responsável por movimentar levantamento e organização das memórias das trajetórias negras dentro do conselho, adentrando os arquivos do CRP-RJ, em busca de materiais que possam nos ajudar a elucidar os questionamentos para estruturar uma segunda etapa, na qual o intuito é resgatar partes dessa história que estariam sendo apagadas ou perdidas e colocar as seguintes perguntas: quais entraves raciais institucionais e representativos da categoria psi foram superados e quais ainda enfrentamos?

Palavras-chave: Psicologia; Relações étnico-raciais; CRP; Intergeracionalidade; Racismo Institucional



Reflexões sobre Transição de Carreira e Identidade em Jovens Atletas de Base

Ediellen Naus Queiroz Machado/ Poliana Cristina Guimarães

O ingresso precoce de jovens nas categorias de base do esporte é frequentemente impulsionado pelo sonho de alcançar reconhecimento e ascensão social por meio da profissionalização. Contudo, o elevado índice de desistência ou exclusão ainda nessa etapa, sobretudo no futebol brasileiro, tem gerado experiências marcadas por frustração, sofrimento psíquico e crises de identidade. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os impactos subjetivos vivenciados por jovens atletas que não alcançam a profissionalização, considerando os referenciais da Psicologia do Esporte, da Psicologia do Desenvolvimento e princípios éticos de acolhimento e promoção da saúde mental. Trata-se de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, realizada em ambiente virtual por meio de buscas nas bases de dados da CAPES, utilizando os descritores “youth athletes”, “career termination” e “career transition”. Foram selecionados seis estudos nacionais publicados entre 2015 e 2025, com ênfase nas produções que discutem saúde mental e transição de carreira no contexto esportivo. A análise aponta que a vivência esportiva na adolescência se articula com dimensões biopsicossociais que influenciam diretamente a construção da identidade e a projeção de futuro dos jovens. A transição não planejada para fora do esporte, quando vivida sem suporte institucional, educacional e psicológico, pode intensificar sentimentos de fracasso, desorientação e isolamento. Constatou-se, ainda, uma escassez de produções brasileiras que aprofundem essa temática, evidenciando a necessidade de maior atenção acadêmica e profissional ao tema. Diante disso, torna-se urgente o desenvolvimento de intervenções preventivas e humanizadas, pautadas na ética do cuidado, que ofereçam espaço de escuta, auxiliem na ressignificação da trajetória esportiva e apoiem os jovens na reconstrução de sentidos e objetivos futuros para além do esporte.

Palavras-chave: jovens atletas; categorias de base; profissionalização esportiva; transição de carreira.



Atendimento Psicossocial no Projeto ParaTodos: Cuidado em Território Vulnerável

Julibeth da Silva Freitas

O atendimento psicossocial desenvolvido pela Associação Cultural KM 32, por meio do Projeto ParaTodos, tem como objetivo promover o cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Inserido em um território de marcantes desigualdades sociais, o projeto atua como espaço de promoção da saúde mental, fortalecimento de vínculos e construção de redes de cuidado. As ações psicossociais envolvem escuta qualificada, mediação de conflitos, oficinas socioeducativas e articulação com escolas, unidades de saúde e serviços de assistência social. A prática é fundamentada na abordagem territorial, na intersetorialidade e no reconhecimento da singularidade de cada sujeito, considerando seus contextos históricos e culturais. O trabalho enfatiza a importância do espaço comunitário como lugar legítimo de escuta e acolhimento, especialmente em territórios onde o acesso a serviços públicos é limitado. Os processos terapêuticos acontecem pela procura espontânea de crianças, adolescente ou respectivos responsáveis que buscam compartilhar seus sentimentos, suas experiências, dúvidas e segredos, em busca de uma escuta e de um lugar em que consigam equilibrar suas emoções. O atendimento psicossocial realizado na instituição, contextualiza conhecimentos da história de vida do aluno, atendimento anterior, escuta aos familiares e construção de vínculos terapêuticos de cuidados integrais, interdisciplinares e intersetoriais na perspectiva de um acolhimento e inserção social. Observa-se que a atuação do Projeto ParaTodos contribui significativamente para o fortalecimento da autoestima, da convivência comunitária e da construção de projetos de vida mais saudáveis. A prática reafirma o compromisso ético e político da Psicologia com a transformação social e a defesa dos direitos de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Psicologia social, infância, adolescência, território, promoção



Trabalhando com grupos e comunidades: colaboração e diálogo na Formação acadêmica

Giovanna Chagas F. da Silva/ João Pedro Carvalho Braga/ Rosana Rapizo

O objetivo do projeto é a capacitação e formação de alunos de graduação em psicologia no trabalho com grupos e comunidades. Este trabalho possui como referencial teórico o Construcionismo Social, visando suas práticas discursivas que compõem e transformam o viver na sociedade atual de forma concomitante, e suas práticas colaborativas e dialógicas que privilegiam a transformação social por meio dos processos grupais e possíveis seus recursos. O Complexo da Maré, principal localidade de atuação, apresenta uma demanda para se atentar às suas relações, coletividades e vivências comunitárias através das dinâmicas de grupo e promoção de espaços de conversação. Considerando as crescentes transformações sociais que permeiam uma lógica de individualismo na atualidade, o trabalho com grupos e o Construcionismo Social possibilitam um olhar para as dinâmicas sociais em seu contexto relacional mais amplo. A participação ativa de alunos da graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, integrantes do Laboratório Com.Partilha, possibilitou apurar as práticas grupais e concedeu recursos para se utilizar dentro desta dinâmica, distinta ao atendimento psicoterapêutico individual. Tendo em vista as Diretrizes Curriculares para a Graduação em Psicologia em que a formação necessita atender a demandas sociais, o projeto promove repertório teórico e prático democratizando a formação em práticas com grupos. Além disso, a atuação com grupos é importante diante de uma realidade social em que as interações podem gerar formas de sofrimento que se manifestam coletivamente. Trabalhar com grupos exige manejo de processos relacionais, sensibilidade ao campo etc, as quais não possuem tanto espaço para serem desenvolvidas apenas em atendimentos individuais. Portanto, o projeto contribui para a formação dos estagiários para que estejam capacitados para atuar em contextos comunitários e/ou coletivos de maneira ética e com o cuidado aos processos do grupo.

Palavras-chave: Construcionismo Social; Formação acadêmica; Grupos e comunidades.



Co-terapia no atendimento de famílias e casais no SPA UERJ

Vinicius Cesar da Cruz Barcelos/ João Pedro Carvalho Braga/
Giovanna Chagas Ferreira Da Silva/ Lorraine Raquel Silva Benicio/
Tariq Augusto Emrich Gomes/ Yasmin Sena de Sales

O Estágio em Terapia de Família e Casais, oferecido pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é destinado aos estudantes da instituição que se encontram a partir do 5º período do curso. O estágio faz parte de uma das atividades do Laboratório Com.Partilha, que desenvolve atendimentos a partir da abordagem do Construcionismo Social. A metodologia baseia-se no aspecto relacional e nas práticas discursivas dialógicas. O estágio aposta em um atendimento de prática conjunta, para isso as sessões são realizadas com o terapeuta e um co-terapeuta, o que permite a produção de sentidos por meio da horizontalidade e a multiplicidade de olhares. A atuação em conjunto no consultório ocorre sem hierarquia, as funções, atuações e as responsabilidades são exercidas de forma nivelada pelos terapeutas, proporcionando diferentes visões e possibilitando uma diversidade de perspectivas no contexto terapêutico. Além disso, utilizamos o recurso da equipe reflexiva, conferindo uma modalidade diferenciada à sessão de psicoterapia quando comparada ao atendimento individual. O trabalho em equipe é um instrumento que promove riqueza no âmbito da sessão de psicoterapia com famílias e casais, uma vez que essa modalidade de atendimento é baseada na colaboração mútua entre os terapeutas, fato que possibilita a ampliação de repertório e a maximização da terapia. Relevante apontar que tanto o terapeuta como o co-terapeuta não possuem um lugar enrijecido no processo psicoterápico, podendo aquele que estava conduzindo o atendimento recuar para que o outro assuma a condução do trabalho. Além disso, a clínica em co-terapia e com a equipe reflexiva se configura como um potente dispositivo de formação, pois permite que o estagiário aprenda a partir da experiência compartilhada e do fazer conjunto. Portanto, esse trabalho visa destacar a importância e a riqueza do atendimento em equipe na terapia de famílias e casais.

Palavras-chave: terapia de família e casal; co-terapia; serviço de psicologia aplicada; construcionismo social



Quando a Psicologia encontra a solidariedade: Acolhimento frente aos atravessamentos do voluntariado

Amanda Silvia Lima Muniz dos Santos Sobral/ Danielly Vieira de Abrêu

Este resumo tem por objetivo contextualizar o acolhimento frente aos atravessamentos vivenciados no trabalho voluntário na ONG Felicidade Compartilhada, criada em 2011 e que conta com cerca de 100 voluntários atuantes na Baixada Fluminense. São realizados eventos bimestrais direcionados ao público infantojuvenil, idosos, animais e pessoas em situação de rua, em instituições ou comunidades. Além das doações entregues, proporciona-se um dia especial, com recreação, lanches e acolhimento. No grupo de voluntários, contamos com a participação de psicólogas e estudantes de Psicologia que, apesar de não atuarem diretamente como profissionais de saúde mental durante as ações, são atravessadas por diversas realidades e desenvolvem empatia, escuta ativa e acolhedora – tanto com o público-alvo quanto com outros voluntários, que também compartilham suas demandas e vivências. Ser voluntário vai além de doar tempo: é estar e ser parte do todo, o que, por vezes, pode levar à sobrecarga. Muitos voluntários encontram nas ações um espaço de refúgio. Por essa razão, existem ações internas e coletivas voltadas à integração e ao acolhimento do grupo de voluntários. Uma dessas ações é o Tempo de Qualidade, que surgiu a partir de um convite da diretoria da ONG à psicóloga e voluntária Danielly Abrêu para mediar também um espaço de escuta e socialização. Esse espaço é extremamente importante para acolher os voluntários e fortalecer a rede de apoio entre eles. Atividades sobre o Setembro Amarelo e cuidados com a saúde mental também fazem parte das preocupações internas da ONG, que já realizou rodas de conversa com os voluntários e as psicólogas Amanda Sobral e Danielly Abrêu. Todo esse movimento de cuidar de quem se doa visa promover qualidade de vida e bem-estar aos voluntários, reforçando que a Psicologia encontra, na solidariedade, um potente espaço de promoção de saúde.

Palavras-chave: psicologia; voluntariado; social; ONG; rede de apoio.



A utilização de recursos artísticos no trabalho em saúde com adultos

Nayla Velberto Til

As oficinas RecriArte, implementadas no Centro de Reabilitação Municipal Laércio Lúcio de Carvalho de Rio das Ostras-RJ tem o objetivo de propiciar a construção de um espaço inclusivo às diferenças e estimular o protagonismo dos usuários adultos da unidade de saúde através da oferta de oficinas trabalhando com recursos artísticos que possam estimular suas habilidades pessoais, criatividade e sociabilidade, além de estimular o protagonismo ao convidar os integrantes do grupo a oferecerem oficinas, compartilhando seus conhecimentos com os demais integrantes. O grupo atendido foi, inicialmente, selecionado e convidado pessoalmente pela psicóloga, levando em consideração a possibilidade de benefícios e o interesse dos mesmos pela proposta. O modelo de oficinas artísticas foi escolhido por possibilitar um espaço de cuidado ampliado em saúde e socialização com uso de linguagem criativa e menos formal. As oficinas ocorrem de forma presencial na unidade de saúde, com frequência semanal e duração de uma hora, sendo facilitadas pela psicóloga responsável pelo atendimento de pacientes adultos da unidade, em sala de atendimento. Os recursos materiais e artísticos utilizados foram fornecidos pela unidade de saúde e, sobretudo, pelo profissional psicólogo envolvido. Em sua divulgação, as oficinas tiveram boa receptividade entre os usuários e equipe. Por estar em processo inicial e por seu caráter mais dinâmico, entende-se que este projeto pode apresentar alterações para se adaptar às demandas e propostas apresentadas por seus integrantes. Devido a sua realização em sala de atendimento individual, existe limitação do espaço para a quantidade de integrantes no grupo.

Palavras-chave: psicologia; criatividade; grupo; saúde; protagonismo.



O contato com as plantas na promoção de cuidados em saúde

Nayla Velberto Til

O projeto “Do nosso jardim para o seu lar”, propõe a doação de mudas de plantas aos pacientes do Centro de Reabilitação Municipal de Rio das Ostras-RJ, foi implementado em agosto de 2024 com objetivo de ampliar a percepção de cuidados em saúde, estimular o protagonismo dos usuários, despertar interesses, dar visibilidade ao potencial dos sujeitos e reduzir quadros de ansiedade que, eventualmente, acompanham processos de cuidado em saúde, especialmente aqueles que geram afastamento do trabalho e maior isolamento. O projeto, realizado na unidade de saúde, às quintas e sextas-feiras, foi organizado pela psicóloga responsável pelo atendimento do público adulto, com a parceria de profissionais da unidade e estímulo à participação dos usuários. As mudas de plantas disponíveis para doação foram dispostas em um pequeno móvel, alocado em lugar visível, próximo ao espaço de espera de atendimento dos usuários adultos. Neste móvel, afixou-se cartaz informativo, impresso em papel A4. As dúvidas trazidas pelos usuários foram esclarecidas e suas considerações, quando possível, foram acolhidas. O projeto encontra-se em andamento e obteve grande aceitação entre usuários e funcionários. Foi percebida a dificuldade em manter a regularidade e oferta de plantas, reforçando a necessidade de melhorar a divulgação e incentivar a participação. Percebeu-se ainda, que os usuários passaram a abordar a psicóloga para falar também sobre sua relação com as plantas, seus conhecimentos, o desejo por receber e/ou doar mudas específicas, entre outros. Estes tópicos, também passaram a permear conversas entre usuários enquanto aguardavam por atendimento, apresentando uma nova possibilidade de se relacionar com a unidade de saúde, entre si e incluindo novas percepções sobre o processo de cuidado em saúde.

Palavras-chave: plantas; ansiedade; cuidado em saúde.



Gestalt-terapia e psicopatologia: contato como cuidado

João Pedro da Silva Belicio/ Luan da Silva de Souza

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o cuidado clínico nas psicopatologias contemporâneas a partir da Gestalt-terapia, com foco na importância do contato como fenômeno central na compreensão do sofrimento psíquico. Diante do aumento de diagnósticos e da medicalização excessiva das vivências humanas, torna-se necessário repensar a escuta e a presença no acompanhamento terapêutico, priorizando uma abordagem ética e fenomenológica. A Gestalt-terapia compreende as psicopatologias não como entidades fixas, mas como formas específicas de interrupção no fluxo do contato com o ambiente. A ansiedade, a depressão e outros sintomas são compreendidos como tentativas de autorregulação diante de campos disfuncionais. O contato, entendido como a fronteira-viva entre self e mundo, é o local onde emergem a saúde e o adoecimento. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com levantamento de materiais teóricos nas plataformas Google Acadêmico e Scielo, utilizando os termos "Gestalt-terapia", "psicopatologia" e "contato terapêutico", além da pesquisa em autores clássicos da abordagem como Perls, Spagnuolo Lobb e Robine, para sustentação na articulação entre teoria e prática clínica. O estudo busca destacar que o terapeuta, nesse processo, atua como facilitador da emergência de experiências mais autênticas, auxiliando o sujeito a retomar sua capacidade de estar no mundo de forma criativa e integrada. A escuta fenomenológica e o investimento no aqui-e-agora permitem a criação de um campo terapêutico onde a vivência do cliente pode ser acolhida sem julgamentos. Ao invés de tratar sintomas isoladamente, busca-se compreender o sujeito em sua totalidade, promovendo cuidado como presença, consciência e escolha.

Palavras-chave: gestalt-terapia; psicopatologia; contato; escuta clínica; cuidado



Empreendimentos Econômicos Solidários e Psicologia Organizacional do Trabalho Interfaces para Emancipação Social

**Daniel Maia Cavalcante/ Brendolyn Pereira Braga da Silva/
Deyvid Fernando de Souza/ Marcos Gabriel Farias Ferreira/
Pedrilson de Souza Magalhães/ Talita Ramos Meireles**

O presente trabalho discute as interfaces entre os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) e a Psicologia Organizacional do Trabalho (POT), destacando o potencial emancipatório dessa articulação frente às desigualdades sociais e às formas tradicionais de organização do trabalho. Para realização deste estudo considerou-se também o aspecto político que envolve a exclusão social – necropolítica. Ao analisar os EES como espaços de autogestão, cooperação e resistência cultural, o texto evidencia como a atuação crítica da POT pode fortalecer práticas coletivas, promover o bem-estar psicológico e construir subjetividades autônomas e participativas, frente às dinâmicas mercadológicas da contemporaneidade. Embasado em autores como Martín-Baró, Paulo Freire e contribuições da Psicologia Social Comunitária, o trabalho propõe uma atuação da psicologia pautada na ética, no diálogo e na valorização dos saberes populares. Nesse contexto, os EES são apresentados como alternativas viáveis e sustentáveis ao modelo capitalista tradicional, oferecendo à psicologia um campo fértil para práticas transformadoras e interdisciplinares. A atuação da POT nos EES se revela estratégica para o fortalecimento da cidadania ativa, da saúde mental e da equidade racial, especialmente em territórios periféricos. O trabalho ressalta a importância de práticas que rompam com abordagens eurocentradas, promovendo uma escuta qualificada e comprometida com as realidades sociais diversas. Ao integrar teoria, prática e sensibilidade, a psicologia amplia seu compromisso ético-político e se consolida como agente de transformação social.

Palavras-chave: educação libertadora; empreendimentos econômicos solidários; emancipação social; e psicologia comunitária.



A Escuta Como Fundamento Ético na Inclusão de Estudantes no Ensino Superior

Marianny Barreto Fideles/ Mayara Regina da Mota/
Tatiana D'Ávila Manhães Ferreira de Araújo/
Lucas Barcelos Paravidino de Almeida/
Edilbert Pellegrini Nahn Junior

A partir da escuta qualificada de estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Distúrbios da Aprendizagem, identificou-se que dificuldades recorrentes durante avaliações comprometiam o desempenho acadêmico e a permanência desses indivíduos no ensino superior. A prática foi desenvolvida com base na ética da inclusão e no compromisso com os Direitos Humanos, fundamentada em normativas que asseguram o direito à educação inclusiva, a identificação e o acompanhamento de estudantes com necessidades educacionais específicas, garantindo ajustes razoáveis no ambiente educacional. O objetivo foi criar estratégias institucionais que promovessem acessibilidade pedagógica. A proposta foi construída por equipe multiprofissional atuante em um Serviço de Apoio ao Estudante (SAE), em contexto presencial. O procedimento principal consistiu na elaboração e implementação de portaria interna, que prevê recursos como tempo adicional para realização de provas, aplicação em ambiente extra-classe, uso de ledor, abafadores, entre outros. A construção da normativa envolveu análise da legislação, levantamento de demandas, escuta individualizada de estudantes e articulação com setores acadêmicos. Atualmente, a portaria está em vigência e em processo contínuo de avaliação, com base nos retornos de alunos e docentes. Como resultado preliminar, observou-se maior adesão de estudantes aos recursos ofertados e redução de queixas relacionadas às avaliações. A experiência evidencia a relevância de núcleos como o SAE no desenvolvimento de práticas inclusivas, além de reforçar o papel da psicologia educacional na mediação entre direitos legais e necessidades concretas no contexto acadêmico.

Palavras-chave: acessibilidade pedagógica; inclusão; transtornos do neurodesenvolvimento; psicologia educacional; ensino superior.



Nomear Para Pertencer: Identidade Coletiva De Acadêmicos Ingressantes A Partir De Afetos

**Marianny Barreto Fideles/ Mayara Regina da Mota/
Tatiana D'Avila Manhães Ferreira de Araújo/
Lucas Barcelos Paravidino de Almeida/
Edilbert Pellegrini Nahn Junior**

O ingresso no ensino superior, especialmente em cursos da área da saúde, é um momento atravessado por intensas transformações emocionais, sociais e acadêmicas. Reconhecendo a complexidade desse processo, um Serviço de Apoio Emocional ao Estudante (SAE) de uma instituição de ensino superior desenvolveu uma ação institucional de acolhimento voltada à construção de pertencimento e identidade coletiva entre estudantes ingressantes. A proposta consistiu na criação coletiva dos nomes das turmas a partir de afetos predominantes vivenciados no início da trajetória acadêmica. A ação foi conduzida por duas psicólogas, uma psicopedagoga e um médico psiquiatra, em diferentes momentos conforme os cursos de graduação. Por meio de uma plataforma digital, os estudantes foram convidados a registrar, de forma anônima, a palavra que melhor representasse o afeto predominante naquele momento. A palavra mais recorrente foi adotada como nome da turma, sendo incorporada em comunicações e eventos institucionais. Os nomes simbólicos gerados, como "Esperança", "Ansiedade" e "Coragem", favoreceram a expressão emocional, a identificação entre estudantes de diferentes contextos e idades e a aproximação com a equipe do SAE. A iniciativa reforça a importância de estratégias de cuidado que combinem escuta sensível, respeito a individualidade e criatividade, indo além das práticas tradicionais, e demonstra a potência dos serviços de apoio ao estudante na promoção da saúde mental e no enfrentamento dos desafios da permanência. Ao considerar os afetos presentes na vivência inicial universitária, a prática se consolida como uma ferramenta institucional eficaz na construção de vínculos, fortalecimento individual e coletivo.

Palavras-chave: acolhimento; pertencimento; saúde mental; identidade coletiva; afetos.



Processos de Individuação e Construção da Identidade Negra: Articulações na Psicologia Clínica

Marianny Barreto Fideles

Este trabalho propõe um diálogo entre a Psicologia Analítica Junguiana e os Estudos das Relações Étnico-Raciais no Brasil, com o objetivo de refletir sobre como o processo de individuação, entendido como caminho simbólico de integração do self, pode se articular à afirmação da identidade negra enquanto apropriação individual e coletiva. A pesquisa foi desenvolvida no contexto da formação em pós-graduação e se insere diretamente no campo clínico, ao propor contribuições éticas e simbólicas para a escuta psicológica de profissionais já em atuação. A fundamentação teórica baseia-se nas obras de Carl Gustav Jung e Kabengele Munanga, com foco na articulação entre inconsciente coletivo, ancestralidade e construção da identidade racial. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza teórica, conduzida por meio de revisão bibliográfica. A análise se organiza em três eixos: os fundamentos da individuação na Psicologia Analítica; os impactos da mestiçagem, do racismo e da ancestralidade na constituição do self negro; e as aproximações simbólicas entre tornar-se si mesmo e tornar-se negro. Os resultados indicam que ambos os processos envolvem o enfrentamento de imagens estigmatizadas e a necessidade de reintegração simbólica de aspectos negados. A proposta aponta para a ampliação da psicologia clínica a partir de uma perspectiva decolonial, mais sensível às experiências de exclusão vividas pela população negra. Ao reconhecer que o inconsciente coletivo também carrega marcas da exclusão histórica, a prática clínica se torna um espaço de reconstrução simbólica e dignificação da individualidade, ampliando o compromisso ético com a integralidade do ser.

Palavras-chave: psicologia analítica; relações étnico-raciais; individuação; tornar-se negro.



Princípios norteadores para uma clínica da sexualidade com pessoas LGBTQIAPN+

Lucas Liberato Lameira Lourenço

Este trabalho propõe um panorama introdutório sobre princípios norteadores para uma clínica da sexualidade com pessoas LGBTQIAPN+. A partir das diretrizes do CFP (2023) e da APA (2021), articuladas ao pensamento de Judith Butler, Michel Foucault, Diane Richardson, Lisa Duggan, Paul B. Preciado, entre outros, discute-se como práticas clínicas ainda informadas por normatividades cisheterocentradas podem silenciar ou patologizar experiências dissidentes.

Em lugar de um protocolo técnico, são apresentados eixos clínicos que favorecem intervenções situadas, éticas e afirmativas, capazes de sustentar subjetividades não hegemônicas sem reduzi-las a psicodinâmicas universalizantes. Trata-se de uma proposta derivada da sistematização de uma palestra desenvolvida a partir da experiência clínica do autor com o atendimento terapêutico da população LGBTQIAPN+ em sua clínica online.

Nesse contexto, propõe-se uma reflexão sobre o papel do terapeuta e da relação terapêutica na escuta do desejo queer, no manejo dos estresses de minoria e no acolhimento da vergonha e das práticas não normativas. A sexualidade é abordada como campo relacional e político não apenas íntimo ou funcional.

Os resultados da proposta apontam para a importância de se rever as noções tradicionais de sexualidade, reconhecer a vergonha como afeto estruturante na clínica com pessoas queer e ampliar o vocabulário clínico disponível para sustentar escutas não patologizantes. O trabalho se insere no eixo de Práticas Clínicas e Institucionais e convida à reinvenção crítica do cuidado com a sexualidade, comprometido com a dignidade dos corpos dissidentes.

Palavras-chave: Terapia afirmativa LGBTQIA+; saúde sexual e de gênero; estudos queer; terapia sexual; Normatividade cisheterossexual



Psicologia perinatal: no 'embalo' da Linha de cuidado ao adoecimento Crônico infantil

Rayssa Ketlen Rodrigues Veras/ Anna Katharina Dudley Souto Araujo

A Psicologia Perinatal se coloca como área de atuação a partir dos anos 70, período em que se intensificou o uso da ultrassonografia durante o pré-natal, seguindo com seu amplo desenvolvimento e transformação. Até esse período, a saúde da mulher era associada à assistência pré-natal, restringindo-se a garantia da sobrevivência e saúde dos bebês, reforçando a função social da mulher à maternidade, desconsiderando os aspectos mais abrangentes de sua saúde (ARRUDA & COELHO, 2024). A Psicologia, ciente do seu papel frente a legitimação desses discursos hegemônicos, mudou o paradigma do cuidado da invisibilização das mulheres que gestam na relação com os recém nascidos, trazendo uma ampliação do escopo para a relação denominada binômio mãe-bebê fundamental para trazer destaque acerca do afeto e atitude emocional da mulher que gesta com seu bebê, possibilitando melhor qualidade de vida ao recém nascido (THOMAZ et al 2005). A Psicologia, portanto, se coloca primordial nos três primeiros anos de vida, os quais se colocam como alicerces para a formação da capacidade relacional afetiva, promovendo, assim, saúde e prevenção no cuidado da criança e dos outros integrantes. Nesse contexto, o objetivo do trabalho é compreender a importância da Psicologia Perinatal no cuidado de crianças com condições crônicas, possibilitando, no início de sua vida, caminhos possíveis para a elaboração de linhas de cuidado. A justificativa está atrelada à busca de produzir rupturas no que tange a fragmentação do cuidado, tornando relevante a inserção da psicologia, quando se trata do cuidado de condições crônicas infantis, desde a sua gravidez. O trabalho tem como metodologia a narrativa de experiências, objetivando a produção de reflexões acerca da prática da Psicologia na maternidade do Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz (IFF/Fiocruz) enquanto psicólogas residentes inseridas em um programa de residência com enfoque na Saúde da Criança e Adolescente Cronicamente Adoecido.

Palavras-chave: Psicologia Perinatal, Maternidade, Adoecimento Crônico, Criança, Cuidado.



Afetividade e emoção: ressonâncias entre Vigotski e a enação.

Marina Teixeira Andrade

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em psicologia que visa compreender o tema das emoções no contexto da teoria histórico-cultural vigotskiana. Vigotski foi um teórico bielorruso que durante o início do século XX se dedicou à formulação de uma Psicologia Geral como alternativa à fragmentação teórica que o campo apresentava na época. Parte de seu trabalho incluiu o empreendimento de uma teoria das emoções fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural, concentrada no livro "Teoría de las Emociones" (2004), escrito entre 1931 e 1933. Em 2005, foi realizado um estudo por Sancovschi que buscava trabalhar as ressonâncias entre a psicologia histórico-cultural de L.S.Vygotski e a abordagem enativa de F.Varela, a partir da questão da aprendizagem. De forma semelhante, partindo de um grupo de estudos que estudou o tema da afetividade na abordagem enativa das ciências cognitivas, o presente trabalho tem o objetivo de traçar ressonâncias entre ambas as concepções teóricas das emoções, objetivando ampliar as perspectivas existentes dentro deste tema. A enação surge como uma das teorias 4E da cognição, propondo uma cognição viva, que não se concentra na atividade cerebral, se constituindo de forma inventiva com o mundo à sua volta. Giovanna Colombetti, em seu livro "The Feeling Body" (2017), se propôs a tentar conceitualizar as questões da afetividade (incluindo aqui as emoções) a partir desta visão enativa da cognição. A partir de um estudo de obras de ambas as abordagens, espera-se estabelecer quais são os pontos de sintonia entre estas teorias, suas divergências e como a interlocução entre ambos pode colaborar na área das ciências afetivas.

Palavras-chave: emoção; afetividade; Vigotski; enação.



A construção de práticas multiprofissionais em saúde na Atenção Primária de Paraty

Luiza Contreira Pereira Mendes

A multiprofissionalidade tem se afirmado como uma estratégia importante para a organização do trabalho em saúde, especialmente na Atenção Primária (APS), ao reunir diferentes áreas de conhecimento na construção de um cuidado capaz de colocar em questão a visão predominantemente biomédica da saúde, marcada por sua perspectiva reducionista. Trata-se de um modo de enfrentamento da fragmentação da atenção, que busca ampliar o olhar sobre os processos de saúde e adoecimento por meio da inclusão de campos de saberes não- médicos, entre eles a psicologia, a serviço da integralidade do cuidado. Em Paraty, município da região da Baía da Ilha Grande com cerca de 45 mil habitantes, a rede de atenção primária é composta por 11 equipes de Saúde da Família, 1 equipe de Atenção Primária e, mais recentemente, 1 equipe multiprofissional. Esta equipe multiprofissional (eMulti), cuja função, conforme diretrizes do Ministério da Saúde, é a de oferecer suporte técnico-assistencial às equipes da APS, promovendo práticas colaborativas, resolutivas e integradas, passou por reorganização no ano de 2025 com a inclusão de novas profissionais via concurso público. Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma psicóloga que passa a integrar essa equipe no momento de reestruturação de seu processo de trabalho no município, com vistas a torná-lo verdadeiramente multiprofissional. Trata-se de um relato de experiência, baseado na inserção da autora na equipe. As vivências relatadas dizem respeito aos esforços para reorganizar a atuação da eMulti, fortalecendo o trabalho em rede e a lógica do cuidado compartilhado, em contraposição à centralidade nos encaminhamentos ambulatoriais. Embora em andamento, é possível afirmar que o processo vem gerando efeitos significativos, dentre os quais destaca-se a criação de um fluxo de cuidado comum à equipe, o estabelecimento de estratégias de gestão do cuidado compartilhadas e o fortalecimento de diálogos com redes intra e intersetoriais no município.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Multiprofissionalidade; Cuidado em Saúde.



Entre demandas: o trabalho da psicologia em um ambulatório de Pediatria

Giulia Bianchini Firmo Alves/ Helena Alves de Oliveira/
Joana Andrade de Menezes Pinto/ Larissa Bertante Cardozo/
Samira Meletti da Silva Goulart

A partir da atuação das residentes de psicologia no ambulatório de Pediatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto, é possível observar as demandas da equipe, da família e da criança, especialmente quando o sofrimento extrapola aquilo que o saber médico alcança. Observa-se o aumento de diagnósticos de transtornos mentais na infância, tais como TOD, TDAH e TEA, cujos comportamentos são tidos como inadequados, patológicos e, portanto, demandantes de correção e adaptação. A prática psicológica baseada na psicanálise entende os sintomas a partir de outra lógica, onde o sujeito criança detém um saber sobre si que precisa ser escutado. Neste cenário, o presente trabalho consiste em um relato de experiência cujo objetivo é refletir sobre as demandas de atendimento psicológico vindas da equipe multiprofissional, da família e da criança, a qual emerge no encontro. O ambulatório realiza atendimentos pediátricos e outros não médicos, onde se insere a equipe de psicologia composta por quatro residentes e uma preceptora. As residentes participam de interconsultas com a equipe quando recebem demandas relacionadas à família, à escola e aos comportamentos e emoções, oferecendo escuta e acolhimento psicológico. Assim, foram observadas as seguintes demandas pela equipe: luto, situações de violência, obesidade e/ou compulsão alimentar, bullying e suspeita de TOD. Já as demandas da família estão pautadas na interpretação de que a criança tem um comportamento desviante. Tanto por parte da equipe quanto da família, observou-se um estranhamento e angústia quanto ao modo que a criança vem se comportando e vivendo. Tal postura leva à dificuldade de escuta e acolhimento desses sujeitos. Nos atendimentos com as crianças, contudo, percebe-se que elas expressam suas questões, na maioria das vezes emergidas do contexto familiar e social em que vivem, demandando uma escuta sem julgamento através da qual é possível a criação de um espaço onde possam elaborar suas vivências.

Palavras-chave: demanda; infância; psicanálise; ambulatório público



Fatores de Risco e Proteção associados à Ideação Suicida em Adolescentes

Ana Carolina Fagundes dos Santos/ Vanessa Barbosa Romera Leme

A adolescência é um período sensível do desenvolvimento humano, marcado por intensas mudanças e vulnerabilidades. Fatores de risco, como violência intrafamiliar, discriminação cotidiana e ideação suicida, podem comprometer o bem-estar desses indivíduos. Por outro lado, a percepção de apoio social e o sentimento de pertencimento à comunidade atuam como importantes fatores de proteção. Esta pesquisa quantitativa, de delineamento transversal, buscou testar um modelo preditivo para a ideação suicida em adolescentes, considerando como variáveis independentes os fatores de risco, proteção e o sexo. A amostra foi composta por 659 adolescentes, entre 10 e 18 anos, matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental em escolas públicas de uma cidade do Estado do Rio de Janeiro. Foram utilizados os seguintes instrumentos: Global School-based Student Health Survey, Escala de Percepção de Apoio Social, Índice de Sentido de Comunidade, Questionário da Juventude Brasileira, Escala de Discriminação Cotidiana e um questionário sociodemográfico. As análises estatísticas incluíram correlação de Pearson e regressão logística binária. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAA: 49261221.5.0000.5282). Os resultados indicaram que a exposição à violência intrafamiliar e à discriminação cotidiana está positivamente associada à ideação suicida, enquanto a percepção de apoio social (de amigos, família e professores) e o sentimento de pertencimento à comunidade estão negativamente associados. Adolescentes do sexo masculino apresentaram 84,7% menos chances de idear suicídio em comparação às meninas. Cada ponto adicional em violência intrafamiliar e discriminação aumentou as chances de ideação em 15,5% e 4,4%, respectivamente, enquanto aumentos em apoio social e vínculos comunitários reduziram essas chances entre 7% e 8%. Conclui-se que estratégias preventivas do suicídio devem focar na construção de ambientes escolares e comunitários acolhedores, além da redução da violência e da discriminação.

Palavras-chave: prevenção do suicídio; adolescência; saúde mental.

Fonte financiadora do trabalho: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.



A interseção entre Psicologia e Literatura no contexto da terapia grupal

Camila Ouriques Rangel da Silva

O presente trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado intitulada “Mulheres lendo mulheres: literatura como possibilidade expressiva em um grupo terapêutico” e tem como proposta discorrer sobre o impacto da literatura e da poesia na vivência terapêutica de jovens mulheres. Para tanto, é tomada como norte a experiência da autora enquanto psicóloga facilitadora do grupo psicoterápico Mulheres em Versões, vinculado ao projeto de pesquisa-intervenção de mesmo nome na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEP: 3.043.444/ CAAE: 97548618.5.0000.5282), coordenado pela professora Laura Quadros. O grupo realizado semanalmente na universidade oferecia psicoterapia de maneira grupal e presencial ao público feminino. Com a equipe constituída exclusivamente por mulheres, o projeto adotava a perspectiva do saber e pesquisar localizado, ou seja, um pesquisar que não ignora os atravessamentos daquelas que pesquisam, distanciando-se, assim, de uma suposta pretensão de neutralidade. Partindo do caráter vivencial da clínica gestáltica, a arte poética se apresentou como potencial vetor de afetações no fazer clínico grupal e no exercício da pesquisa. A postura horizontal dos atendimentos fez com que houvesse abertura ao uso da poesia, entendida como uma linguagem catalisadora e mobilizadora dentro do setting terapêutico, evidenciando as muitas formas de se dizer e expressar as vivências femininas. É a partir desta encruzilhada que as afetações produzidas dentro da prática clínica em grupo foram apuradas e, assim, pode-se concluir que as expressões artísticas são potentes apostas ao fomento de uma clínica mais artesanal, inventiva e criativa em Psicologia. Com a interseção entre Literatura e Psicologia, percebe-se que há a reconfiguração do sofrimento por parte das clientes atendidas e, com isso, deslocamentos importantes são produzidos para que as mulheres acompanhadas atualizem suas experiências sem se cristalizar no lugar de dor e angústia.

Palavras-chave: terapia em grupo; literatura; mulheres; Gestalt-terapia.

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).



Cuidados Paliativos: o cuidado quando a cura não é possível

Ana Clara Teodoro Mendonça Ramilo/ Camila Ouriques Rangel da Silva/
Erika de Souza Garcia

O presente trabalho objetivou compartilhar a vivência de três residentes de Psicologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho/UFRJ, levando em conta a amplitude e importância dos Cuidados Paliativos (CP) dentro de um hospital geral. Os Cuidados Paliativos são definidos como uma estratégia de cuidado em saúde centrado na qualidade de vida e alívio do sofrimento para pacientes convivendo com doenças sem possibilidade de cura e/ou ameaçadoras da continuidade da vida. Partindo da experiência no HUCFF, buscamos nos atentar para o atravessamento do paliativismo dentro do contexto institucional hospitalar. É perceptível o quanto, dentro da rotina do hospital, a equipe mostra despreparo para lidar com a impossibilidade de cura ou com o fim de vida de seus pacientes, apresentando compreensão limitada acerca dos CP, embora seja uma estratégia de cuidado inerente à atenção hospitalar, estruturada entre atuação ambulatorial e nas enfermarias. A atuação em Psicologia Hospitalar tem como norte de suas intervenções a psicoterapia breve e focal, e se baseia na tríade paciente-família-equipes, o que nos apontou à relevância de se pensar os impactos subjetivos dos Cuidados Paliativos nestas três instâncias. Tendo como referência teórica o trabalho sobre o luto de Klüber-Ross, concluímos que ao tecer a articulação entre Psicologia e equipe de saúde, é imprescindível apontar o luto enquanto um processo não-protocolar. Favorecer um espaço de diálogo acerca dos Cuidados Paliativos possibilita a abertura para que os profissionais também entendam que estar diante do adoecimento e da morte os atravessam profissionalmente. Ademais, é essencial que a equipe, prioritariamente constituída de forma multiprofissional, compreenda as afetações a nível subjetivo que atuar em um processo paliativo pode suscitar.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Psicologia hospitalar; equipe multiprofissional; psicoterapia breve; luto.



A Permanência Feminina em Relacionamentos Abusivos: Um Olhar sobre a Dependência Emocional

Luana Pinha Fernandes Charret/ Thaysa da Silva Adão/ Letícia Alves da Silva/
Alice Nascente Alves

A dependência emocional configura-se como uma condição psíquica e comportamental na qual o sujeito se torna refém afetivo nas relações amorosas. Esta pesquisa tem como objetivo identificar, por meio de uma revisão bibliográfica, a relação entre a dependência emocional e a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. A temática se mostra relevante por tratar de uma realidade ainda vivenciada por muitas mulheres e pouco explorada no campo da Psicologia, especialmente quanto às intervenções possíveis. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, desenvolvida a partir da análise de artigos científicos e livros publicados entre os anos de 2014 e 2022. As bases de dados utilizadas foram o Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online) e PEPSIC (Periódico Eletrônico de Psicologia). Os critérios de seleção incluíram textos em língua portuguesa brasileira com foco na temática da dependência emocional no contexto das relações conjugais abusivas. A análise dos materiais revelou que a violência vivenciada por mulheres está atrelada a aspectos socioculturais, como a ideia de submissão feminina e dominância masculina. A dependência emocional contribui para que essas mulheres permaneçam nas relações abusivas, pois acreditam que precisam amar incondicionalmente para serem amadas. O impacto da cultura patriarcal, da carência afetiva e da falta de reconhecimento da violência foram apontados como fatores determinantes na dificuldade de ruptura. O estudo evidencia a urgência de ampliar a discussão sobre a dependência emocional e seus desdobramentos nos relacionamentos abusivos. Há necessidade de maior visibilidade ao tema dentro da Psicologia, com foco em estratégias de acolhimento, fortalecimento da autoestima e construção de redes de apoio. O atendimento psicológico é um recurso fundamental para promover a autonomia das mulheres, romper ciclos de violência e ampliar o acesso a canais de proteção e cuidado.

Palavras-chave: mulheres; permanência; dependência emocional; relacionamento abusivo; psicologia.



Interseccionalidades na terapia cognitivo-comportamental com pessoas idosas com depressão: Estudo de caso

Marcelo Alex de Oliveira Cândido Maria/ Luana Pinha Fernandes Charret/
Jeanne dos Santos Oliveira Marques Dantas/ Heloisa Gonçalves Ferreira

Este trabalho trata de um estudo de caso clínico desenvolvido no âmbito do Programa de Atendimento Cognitivo-Comportamental para Pessoas Idosas(as) com Depressão (PACCID), um estágio curricular de prática clínica vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ), em parceria com a Policlínica Piquet Carneiro (PPC/UERJ). O caso em questão refere-se ao atendimento de um homem de 70 anos diagnosticado com episódio depressivo, que inicialmente demonstrava resistência ao processo psicoterapêutico, expressando crenças negativas sobre a psicoterapia. Tal postura gerou desafios para o estabelecimento de uma aliança terapêutica, impactando também o posicionamento subjetivo do terapeuta iniciante frente à relação clínica. Diante dessa complexidade, o acompanhamento em supervisão clínica e a utilização da metodologia ADDRESSING, um modelo que orienta o reconhecimento e o manejo das interseccionalidades na prática clínica, foram fundamentais para reformular a estratégia de condução do caso. A aplicação do modelo permitiu uma análise mais aprofundada das diferenças e similaridades presentes na diáde terapeuta-cliente, considerando marcadores sociais como idade, gênero, orientação sexual, condição socioeconômica, entre outros. A partir desse redirecionamento, foi possível fortalecer a aliança terapêutica e avançar no cumprimento dos objetivos psicoterapêuticos definidos nas sessões iniciais. O presente estudo objetiva relatar e discutir o uso do modelo ADDRESSING como ferramenta complementar à abordagem cognitivo-comportamental, contribuindo para a promoção de uma prática clínica mais sensível às interseccionalidades. Além disso, busca refletir sobre os impactos dessa perspectiva na formação de psicólogos(as), especialmente no contexto do atendimento clínico a pessoas idosas com depressão, destacando a relevância do suporte institucional e da supervisão no desenvolvimento de competências terapêuticas.

Palavras-chave: Terapia Cognitivo-Comportamental; Interseccionalidade; Estudo De Caso; Envelhecimento.



Encrenças identitárias: arte raivosa pela transformação política nos debates de gênero

**Maria Luiza Imenes Nobre de Almeida/ Isabela Schneider/
Juliana de Araujo Thuler Zolotar/ Enzo Teixeira Soares Marinho/
Raissa Ramos de Oliveira Theodoro/ Laura de Oliveira Machado/
Waldenilson Teixeira Ramos**

Sob o panorama das crescentes movimentações feministas, a obra “Problemas de Gênero”, de Judith Butler, propõe uma investigação acerca do gênero enquanto um problema, convocando uma análise crítica das formas de produção de identidades naturalizadas pelo sistema binário. A partir de uma perspectiva radical, a autora interpela categorias biológicas e culturais, problematizando o sujeito do feminismo e a consolidação estratégica da categoria “mulher” como forma estável e, por consequência, fechado/limitado. Atravessados por essa leitura, este trabalho, configurado como um relato de pesquisa vinculado ao Coletivo Autônomo de Produção Acadêmica da Universidade Federal Fluminense, propõe discutir um fazer psi politicamente engajado, que questione os processos de subjetivação marcados pelo sistema sexo-gênero-desejo, comprometido com práticas de resistência e ampliação das possibilidades de existência. Por meio da análise crítica da obra, observa-se que os pressupostos do discurso jurídico, aliados ao patriarcado capilarizado na vida cotidiana, produzem dispositivos de sexualidade que normatizam subjetividades e corpos dentro de uma matriz generificada limitante. Frente a isso, torna-se urgente a construção de linhas de fuga capazes de tensionar tais enclausuramentos, promovendo a pluralidade da vida. Unidos dessa perspectiva, defendemos o poder da arte como meio de denúncia e subversão, capaz de canalizar a ira de forma performática e criativa. Audre Lorde, nesse contexto, destaca a raiva como uma ferramenta potente de libertação das mulheres. Movimentos como o Riot Grrrl, oriundo da cena punk, exemplificam essa potência ao expressar uma fúria feminina direcionada à transformação social e ao questionamento das identidades normativas. Assim, torna-se imperativo, no campo da formação em Psicologia, tensionar os compromissos ético-políticos frente às questões de gênero, resgatando a potência da crítica como eixo formativo essencial.

Palavras-chave: Psicologia Social; Estudos de Gênero; Psicologia Crítica; Feminismos; Arte.

Fonte financiadora do trabalho: Não se aplica.



Dobras, amarras e costuras: as ressonâncias da beleza na cirurgia bariátrica

Larissa Bastos da Conceição Maciel Corrêa/ Claudia Carneiro da Cunha

Este trabalho é um desdobramento da minha pesquisa de mestrado em Psicologia Social (PPGPS/UERJ), que tem como objetivo compreender o que impulsiona mulheres com obesidade a recorrerem à cirurgia bariátrica e os caminhos percorridos até chegar a esta decisão. O intuito é analisar como jogam os papéis de saúde e beleza na escolha pelo procedimento e ampliar as discussões sobre a obesidade a partir de um olhar psicossocial. A metodologia de pesquisa escolhida é o estudo narrativo, com observação participante e análise de discurso para produção de sentidos socialmente compartilhados. O campo de pesquisa escolhido é o Hospital Universitário Pedro Ernesto e o Serviço de Atendimento Integral ao Portador de Obesidade, onde acontecerão as observações participantes, a construção das narrativas de segunda ordem e as entrevistas semi-estruturadas com alguns casos emblemáticos. Esta é uma pesquisa que encontra-se em andamento, mas já tem produzido resultados preliminares, a partir da aproximação com o campo e de trocas com profissionais do serviço. As trocas propiciadas no campo, nos traz notícias de que o público atendido no serviço é majoritariamente feminino e existe uma dificuldade em diagnosticar e tratar pacientes com obesidade e sobrepeso na atenção básica. Além disso, a literatura também aponta para uma escassez de publicações nacionais que abordem a obesidade por um viés psicossocial, problematizando as motivações e os caminhos que levam mulheres a buscar a cirurgia bariátrica. A relação entre obesidade, saúde e beleza, ainda é uma lacuna pouco explorada, e a obesidade acaba sendo pesquisada somente a partir de um viés mais biomédico, o que justifica a importância de um olhar de integralidade, analisando a obesidade a partir de suas complexidades e pluralidades, a tomando não apenas pela perspectiva do adoecimento do corpo, mas trazendo luz para o que ultrapassa e escapa o discurso de saúde e doença.

Palavras-chave: feminino; obesidade; beleza; cirurgia bariátrica.

Fonte financiadora do trabalho: Financiamento próprio.



A Psicologia na Escola: Ética, Contracolonialidade e a Luta pelos Direitos Infantojuvenis

Luiza Esteves Costa/ Giovanna Fernandes Ladeira/ Auanna Marques Silva

A promulgação da Lei Federal 13.935/2019, que determina que as escolas da rede pública de ensino devem contar com psicólogas(os) e assistentes sociais em seus quadros profissionais, reforça o papel fundamental da Psicologia no ambiente escolar. Porém, quando convocada para este campo, comumente, segue por um viés patologizante e individualista. Os processos cognitivos e intelectuais são valorizados e tidos como suficientes para explicar, por exemplo, reprovações ou desinteresse nas atividades escolares. A subjetividade, quando historicamente produzida e reproduzida em um contexto neocolonial, desconsiderando a realidade concreta do povo brasileiro, é interpelada, tornando visível a insuficiência no entendimento dos processos que atravessam os corpos dos alunos. Se faz presente uma visão dualista de corpo e mente, acabando por desconsiderar quaisquer manifestações corpóreas aos processos de ensino, assim como as emoções e as experiências na construção do conhecimento de cada aluno. Diante da complexidade de questões que envolvem esse campo, como podemos pensar a (re) construção de uma práxis psicológica nas escolas? O presente trabalho surge a partir das vivências da equipe de psicologia do Instituto Felipe Neto - composta por duas estagiárias e duas supervisoras - com alunos do Ensino Fundamental II, residentes da Rocinha. A metodologia consiste em uma revisão bibliográfica, abrangendo autores que nos permitem refletir criticamente acerca da prática do psicólogo no contexto escolar, como Frantz Fanon, bell hooks e Paulo Freire, buscando nos distanciar das práticas tradicionais e individualizantes da psicologia escolar. Apostamos em uma prática situada em um panorama ético que assegure os direitos das crianças e adolescentes, ao promover a conscientização sobre as relações de poder, as desigualdades sociais e as diversas formas de violência que atravessam os sujeitos, fortalecendo o pensamento crítico e criativo e as diversas formas de existir de cada criança e adolescente que está inserido no ambiente escolar.

Palavras-chave: psicologia escolar; subjetividade; contracolonial; ética; políticas públicas; direitos das crianças e dos adolescentes.



Redes sociais e vínculo clínico: desafios éticos na prática psicológica

Luana Agnes Ramos Cardoso

A atuação profissional do psicólogo na atualidade é atravessada pelas redes sociais, principalmente com a possibilidade recente de atendimentos remotos. Com isso, cada vez mais o mundo profissional se insere no virtual, fazendo uso dessa ferramenta como forma de divulgar o trabalho e captar pacientes, por exemplo. No entanto, isso levanta algumas questões éticas: o que postar em um perfil profissional? Ao estar inserido em uma rede social, o profissional está exposto em algum grau e isso afeta o processo terapêutico. Por isso, este trabalho propõe uma reflexão sobre o impacto das redes sociais profissionais – como Instagram – na construção e manutenção do vínculo terapêutico, a partir da experiência clínica e da análise do código de ética da profissão. O método baseia-se na análise de experiências clínicas e supervisões, com foco em situações em que a presença online da profissional foi percebida ou mencionada pelos próprios pacientes. Observa-se que a exposição nas redes pode tanto facilitar a criação de uma sensação de acolhimento e identificação, quanto gerar idealizações ou resistências que interferem no processo terapêutico. A construção de uma presença digital ética e consciente exige discernimento entre o pessoal e o profissional, clareza nos limites da prática e constante reflexão sobre os efeitos dessa visibilidade. Conclui-se que as redes sociais não são neutras nem secundárias no exercício da Psicologia clínica contemporânea. Ao contrário, fazem parte do campo relacional, podendo ser ferramentas de aproximação ou de ruído no vínculo. A escuta clínica precisa, portanto, incluir também os efeitos da presença digital na subjetividade dos pacientes e na prática do profissional.

Palavras-chave: redes sociais; vínculo terapêutico; ética profissional



A importância do psicólogo em casos de transtornos alimentares: um estudo de caso

Luana Agnes Ramos Cardoso

Os transtornos alimentares são questões complexas que demandam abordagens integradas, envolvendo dimensões biológicas, psicológicas e sociais. Este relato profissional apresenta a atuação do psicólogo no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), integrando uma equipe multiprofissional no atendimento a pacientes com transtornos alimentares. Baseado na experiência prática em serviços públicos, o trabalho destaca a relevância do olhar psicológico para compreender os aspectos subjetivos relacionados à alimentação, à imagem corporal e às emoções, promovendo a escuta qualificada e o fortalecimento do vínculo terapêutico. O trabalho foi realizado no território da Ilha Grande, dentro de uma estratégia de saúde da família. A atuação do psicólogo dialoga com as práticas de nutricionistas, médicos e demais profissionais, contribuindo para a construção de um cuidado integral, humanizado e pautado na singularidade dos usuários. Ressalta-se que o trabalho em equipe multiprofissional favorece a abordagem dos transtornos alimentares, potencializando o tratamento e a promoção da autonomia dos pacientes. A Psicologia, nesse cenário, amplia a compreensão dos processos psicossociais envolvidos, auxiliando na resignificação do sofrimento e na busca por estratégias de enfrentamento. Conclui-se que a participação do psicólogo no SUS é fundamental para a efetivação de práticas integradas e éticas no manejo dos transtornos alimentares, fortalecendo a rede de cuidado e o acolhimento dos usuários.

Palavras-chave: transtornos alimentares; SUS; equipe multiprofissional; psicologia; cuidado integral.



Casa Resistências: Aquilombando o Cuidado

Kimberly Inaiara Veiga Freitas dos Anjos/ Beatriz Adura Martins/
Fernanda da Silva Braga Passos/ Dayana Gusmão da Silva

A Casa Resistências é um espaço de cultura e casa de acolhimento para mulheres (cis e trans) lésbicas e bissexuais. Inaugurada em abril de 2022, está localizada no Salsa e Merengue, uma das 16 favelas do Complexo da Maré. As atividades da Casa fundamentam-se em práticas antimanicomiais e incluem a oferta de moradia temporária, apoio psicossocial, segurança alimentar e ações de empregabilidade, além de ser um espaço de promoção de arte e cultura e seguro para a sociabilidade de mulheres LBT faveladas. O projeto é pioneiro neste modelo de atendimento dentro de uma favela brasileira e o processo de cuidado produzido pela Casa Resistências, considera também este território em que ela está inserida, partindo de uma certa visão de casa-território como lugar que produz vida. Os referenciais teóricos que embasam esse trabalho perpassam os estudos de Gênero e Sexualidade (Jota Mombaça, Judith Butler e Michel Foucault), Análise Institucional (René Lourau e Cecília Coimbra), Psicodrama (J. L. Moreno, Marisa Greeb e Alfredo Naffah Neto), Necropolítica (Achille Mbembe), Interseccionalidade (Kimberlé Crenshaw e Lélia Gonzalez), além das importantes reflexões e estudos de Conceição Evaristo, bell hooks, Beatriz Nascimento, entre outras. O cuidado na Casa Resistências é então produzido a partir de uma clínica aquilombada, interseccional e que aposta no cuidado em liberdade como única via possível de cuidado para o fortalecimento das mulheres que chegam até nós. No último ano, acolhemos mulheres LBT em nosso acolhimento residencial, em nosso grupo terapêutico e com ações de cultura e empregabilidade. Atuando na luta pela garantia de direitos, a Casa segue construindo políticas públicas e apoiando a população LBT da Maré. O enfrentamento à fome, à lesbitransfobia e ao machismo estrutural são pautas constantes do trabalho, bem como o enfrentamento à violência de estado.

Palavras-chave: Casa Resistências; acolhimento; território; gênero e sexualidade.

Fonte financiadora do trabalho: Não houve.



Potencialidades e desafios da psicologia na saúde da família: caminhos para uma prática ancorada nos territórios

Juliana Carvalho Braga

O presente trabalho é fruto da experiência da autora enquanto residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA/UFRJ). Até o momento, o percurso da residente foi composto de um ano e meio de atuação em três clínicas da família, sendo uma localizada no Complexo da Penha e as outras duas no Complexo do Alemão, e, ainda, de um mês de atuação optativa, que foi realizado na cidade de Porto Velho, em Rondônia, nas comunidades ribeirinhas da região. Ao longo dessa trajetória, destaca-se a dificuldade de alinhamento, nos cenários, em torno do papel das categorias multiprofissionais na Atenção Primária. Nesse sentido, entende-se a atuação de tais categorias como um lugar em construção, atravessado por disputas narrativas diversas, que podem ser ilustradas pelo próprio histórico da política do NASF, criado em 2008 como Núcleo de Apoio, reconfigurado em 2017 como Núcleo Ampliado, desmontado em 2019 pelo corte de verbas e reconfigurado, desde 2023, nas eMulti. Além disso, a atuação psicologia, especificamente, é, ainda, tensionada pela formação, hegemonicamente voltada para clínica individual, e pelo imaginário popular que suscita demandas por psicoterapia nos serviços. Diante disso, pretende-se, através de relato das experiências adquiridas ao longo do percurso da residência, refletir criticamente sobre a atuação da categoria, tendo em vista a estratégia de saúde da família como política de saúde privilegiada na PNAB. Sem pretensão de apresentar respostas e conclusões, aceitamos o caráter aberto de um fazer-psicologia ancorado nos territórios vivos e as contradições de compor políticas públicas de saúde em tempos de neoliberalismo, apostando no encontro das experiências como caminho para melhor compreensão das diferentes possibilidades de atuação das(os) psicólogas(os) na Atenção Primária.

Palavras-chave: saúde da família; residência multiprofissional; apoio matricial; saúde mental.



Psicologia e Atenção Básica: O Desafio da Atuação Profissional na e-Multi

Roberta Cravo de Oliveira/ Monique Araújo de Medeiros Brito/
Flávio Lopes Guilhon

Este trabalho apresenta uma experiência de estágio em uma equipe e-Multi, no município de Rio das Ostras/RJ. As e-Multi (Equipes Multiprofissionais) foram criadas após o desmonte e desfinanciamento dos NASFs, ocorrido em 2019, pelo governo federal. No ano de 2023, foi publicada a portaria GM/MS 365/2023, que institui incentivo financeiro federal de implantação e custeio para as equipes Multiprofissionais na Atenção Primária à Saúde (e-Multi), compostas por profissionais de saúde de diferentes áreas de conhecimento que atuam de maneira complementar e integrada às demais equipes da Atenção Primária à Saúde (APS), com atuação corresponsável pela população e pelo território, em articulação intersetorial e com a Rede de Atenção à Saúde (RAS). Essas equipes passam a apoiar, na metodologia de apoio matricial, não apenas a Estratégia de Saúde da Família (ESF), mas todas as equipes da atenção primária (I - equipe de Saúde da Família - eSF; II - equipe de Saúde da Família Ribeirinha - eSFR; III - equipe de Consultório na Rua - eCR; IV - equipe de Atenção Primária - eAP; ou V - equipe de Unidade Básica de Saúde Fluvial - UBSF). O trabalho inter e transdisciplinar desenvolvido por essas equipes multiprofissionais cria caminhos para possibilitar o atendimento integral às demandas das pessoas atendidas, princípio fundamental do SUS. Para a Psicologia, esse tipo de prática, em diálogo com o movimento antimanicomial, sustenta o rompimento com a perspectiva individualista e biomédica, apresentando outras possibilidades de intervenção, para além do setting terapêutico tradicional e enxergando a relação entre o sofrimento psíquico e a desigualdade social. A inserção em uma equipe e-Multi a partir das práticas de estágio possibilitou ampliar o olhar profissional junto aos preceptores, para um fazer psi que esteja não apenas inserido, mas comprometido com a promoção de saúde, seja ela individual ou coletiva.

Palavras-chave: psicologia; saúde coletiva; atenção básica; equipe multiprofissional.



Disfunções nas funções executivas em idosos com diabetes mellitus tipo 2 (DM2)

Jessica dos Santos Fernandes Gonçalves/ Dartcleia Moura Martins Neves
Lucianne Righeti Monteiro Tannus/ Roberta Arnoldi Cobas/
Carlos Eduardo Nórte

O envelhecimento está associado a um declínio gradual das funções executivas devido a alterações no córtex pré-frontal. Apesar do declínio natural, a literatura sugere que o DM2 pode impactar o sistema nervoso central, e conseqüentemente, afetar o funcionamento cognitivo. Esse fenômeno interfere no controle executivo e na manutenção de comportamentos que auxiliam no monitoramento da doença e dificultam seu tratamento, seja por meio medicamentoso ou modificação do estilo de vida. Nesse contexto, a avaliação do funcionamento executivo se coloca como essencial para que seja possível criar estratégias de intervenção, tratamento e manejo dessa população. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi mapear as funções executivas nucleares em idosos com DM2 a partir de um estudo de corte transversal incluindo 69 idosos com DM2 atendidos no ambulatório de Diabetes da Policlínica Piquet Carneiro. O estudo foi aprovado pelo CEP do Hospital Universitário Pedro Ernesto (CAAE 30733820.7.0000.5259). Foram excluídos pacientes com transtornos psiquiátricos que interfeririam na execução das avaliações neuropsicológicas. As avaliações ocorreram em uma sessão de aproximadamente uma hora e trinta minutos. Foram aplicados os instrumentos Stroop Test, WAIS-III Dígitos e Teste de trilhas (TMT). Os dados obtidos demonstraram que 43,47% dos participantes apresentaram comprometimento em controle inibitório, 28,98% em memória operacional e 78,26% em flexibilidade cognitiva. Esses achados sugerem que indivíduos com DM2 exibem déficits em funções executivas, com maior comprometimento observado em flexibilidade cognitiva.

Palavras-chave: envelhecimento; avaliação cognitiva; cognição

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.



Esporte como ferramenta no enfrentamento ao racismo e a violência contra a mulher

Iamara Gonçalves Peccin

O presente trabalho visa apresentar a experiência vivenciada no projeto Pretas em Campo, realizado pela ONG "Empodera - Transformação Social Através do Esporte". O projeto tem como objetivo promover a valorização da história, cultura e memória afro-brasileira, o enfrentamento ao racismo e à violência contra a mulher, passando pela apresentação de conceitos importantes sobre a temática e a conscientização acerca dos direitos das participantes. Além disso, também tem como ponto central a criação de um espaço fisicamente e emocionalmente seguro durante todas as atividades, principalmente para a prática esportiva, espaço historicamente negado às mulheres.

O projeto possui duas turmas presenciais, localizadas nos territórios de Pedra de Guaratiba, Ilha do Governador e Santa Cruz, e atende meninas adolescentes e mulheres dos 13 até os 21 anos de idade, estando a grande maioria em situação de vulnerabilidade social. As atividades incluem a prática esportiva do futebol, rodas de conversa temáticas previstas no "Guia Pretas em Campo", desenvolvido pela organização, e oficinas de saúde mental.

Esse trabalho traz como referência Angela Davis, no que tange aos debates de gênero, raça e classe, assim como os escritos de Paulo Freire no que tange à construção dos seus espaços, baseados na educação popular, onde o educando e o educador "se educam" mutuamente durante as atividades. Também se apoia nos escritos de Joice Berth, principalmente sobre o conceito de empoderamento das participantes, meninas e mulheres, durante as atividades, que tem sua dimensão individual, mas deverá sempre ser entendido através da perspectiva coletiva. O projeto vem se mostrando um importante espaço de formação de rede de apoio para as participantes, bem como no desenvolvimento do trabalho em equipe entre elas e a compreensão dos seus direitos.

Palavras-chave: mulheres; adolescência; empoderamento; antirracismo; esporte.

Fonte financiadora do trabalho: Não possui



Bets e suas implicações subjetivas no contemporâneo: análise do vício em apostas

Matheus de Souza Silva/ Daniel Oliveira de Farias/
Matheus Coutinho dos Santos

Houve, nos últimos anos, no Brasil, um aumento significativo no número de atividades de apostas. A facilidade do acesso proporcionado pelas plataformas digitais à estes tipos de jogos provocou uma disseminação dos mesmos no tecido social, transformando-se em um fenômeno absorvido rapidamente pela cultura. Nesse cenário, percebe-se a adaptação das casas de apostas ao capitalismo de consumo e suas respectivas exigências, o que, em algum momento, foi disputa informal entre membros do mesmo círculo social, passeou pela ilegalidade das contravenções, as loterias capitaneadas por bancos públicos até ao formato digital comumente utilizado nos dias atuais. No entanto, as novas bets, como são chamadas, trazem consigo impactos negativos no que diz respeito ao campo da saúde mental, aumentando de forma significativa o número de casos do que é descrito no DSM-V como “Transtorno do jogo”.

Tendo suas bases fincadas sobre o Discurso do Capitalista e seu imperativo de gozo, uma certa ideologia contemporânea cria a ilusão de enriquecimento fácil e produz vícios nos estratos mais vulnerabilizados da sociedade, tal vício não toma parte do que sobra, mas alarga o que falta. O presente trabalho quer mapear as condições de possibilidade para a emergência das novas bets e, mais, investigar as especificidades da produção subjetiva deste fenômeno cultural que, cada vez mais, têm sido tratado como um problema de saúde pública.

Para tal, lançamos mão de uma revisão bibliográfica nos principais bancos de dados acadêmicos e da articulação de ferramentas conceituais da psicanálise como os conceitos de pulsão de morte, desenvolvido por Freud em seu célebre texto “Além do princípio do prazer” e o conceito lacaniano de gozo. A análise psicopatológica não se dá sem um vislumbre crítico do fenômeno que leva em consideração a incidência do neoliberalismo e do capitalismo de consumo na produção de subjetividade contemporânea.

Palavras-chaves: Bets, vício em aposta, pulsão de morte, gozo



Entre Borboletas, Aranhas e Vagalumes: Tessituras de Diferentes Corpos na Universidade

Heloísa Helena Alves dos Santos/ Gabriel da Silva Pereira/
Cristiano Regis Dutra Tavares/ Beatriz Monteiro Barbosa

A formação acadêmica de cada pessoa é atravessada, interpelada, impedida e incentivada por diferentes encontros e afetos que acontecem no espaço universitário, tendo em vista que a universidade é uma para cada corpo que a habita. Este trabalho narra minha trajetória como mulher negra com deficiência visual no curso de Psicologia da UERJ, com o objetivo de cartografar encontros, fronteiras e afetos que atravessaram minha formação. Partindo de um breve panorama histórico-social da deficiência e dos modos como diferentes corpos se encontram, abordo referenciais éticos, técnicos e científicos que tensionam noções de normalidade, inclusão e corporeidade. Discuto como a universidade é vivida de formas distintas por cada sujeito, sendo espaço de criação, mas também de atravessamentos e exclusões. A metodologia utilizada é qualitativa, com base na cartografia e na autoetnografia, trazendo a minha experiência como principal fonte de produção dos dados. As vivências ocorreram em ambiente presencial, virtual e híbrido no Instituto de Psicologia da UERJ, incluindo aulas, projetos de extensão, pesquisa e estágios. Os materiais se compõem de memórias, relatos e afetos vividos ao longo do curso, registrados por meio de diários e reflexões contínuas. Os resultados apontam para a potência das relações construídas, mostrando como os corpos diversos provocam deslocamentos de sentidos e desconstroem olhares estereotipados. A presença de uma estudante com deficiência visual mobilizou transformações, tanto em mim quanto nos outros, e revelou a importância de políticas de acessibilidade que considerem a singularidade dos sujeitos. O processo de escolha do tema da monografia – após "borboletear" entre muitos temas – também se deu como efeito desses encontros. Ao final, apresento reflexões que problematizam cultura, diferença e a construção de um bem-viver comum, abrindo caminhos para um pensar-sentir que ultrapassa a normatividade e acolhe a pluralidade da experiência universitária.

Palavras-chave: formação em psicologia; deficiência visual.



Alienação Parental: possíveis efeitos na saúde mental

Aline Amorim Alves

Os debates sobre Alienação Parental consideram ações que podem interferir na formação psicológica de uma criança ou adolescente com o objetivo de afastá-la do convívio de um dos genitores, dissolvendo laços afetivos no vínculo parental, através de ações realizadas por quem obtém a guarda ou assume a responsabilidade sobre a criança, com indução à reprodução de sentimentos ambivalentes a um dos genitores pelas frustrações decorrentes do rompimento do vínculo conjugal entre os pais. Este trabalho dialoga com Dalgalarrondo sobre o surgimento de sintomas em vivências psicopatológicas, estressoras, perdas e de violência e com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que visa afirmar a preservação da integridade psicológica e do direito de convivência familiar. Em Gardner, um caminho conceitual sobre o tema, inspirando a discussão sobre a prática ética da perícia psicológica jurídica ao detectar a demanda de alienação parental, amparada pelas leis brasileiras em vigor e pelos documentos de orientação profissional do Conselho Federal de Psicologia. Para cumprir o objetivo do estudo de verificar os efeitos da Alienação Parental na saúde mental, foi utilizada a pesquisa bibliográfica como metodologia, unindo parâmetros temáticos - linguísticos e cronológicos de obras escritas em português publicados no período temporal de 2012 a 2022, tendo como principais fontes, bases de dados on-line. Nos resultados, foram identificados sentimentos e traços de personalidade de pais alienadores, materializando a criança como objeto de vingança, repercutindo sofrimento psicológico em toda a família, com relevância o cuidado psicológico dos entes. Em conclusão, destacou-se o fenômeno psicossocial e relacional ao mecanismo judicializante das relações familiares. A responsabilização do estado na elaboração de políticas públicas de prevenção e conscientização sobre o tema.

Palavras chave: Alienação Parental; Relação Pai e filho; Poder Parental; Saúde Mental.



“Liberdade, liberdade?": autonomia na transição para a vida adulta de adolescentes institucionalizados

Isadora Teresa Paulo de Souza/ Edna Lúcia Tinoco Ponciano

Este trabalho tem como objetivo apresentar um projeto de pesquisa de mestrado que está sendo iniciado e cujo interesse é o de mapear as particularidades do processo de desenvolvimento da autonomia, na transição para a vida adulta de adolescentes que vivem em acolhimento institucional. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o acolhimento institucional é uma medida transitória e excepcional, aplicado como medida de transição para a reintegração familiar ou a colocação em família substituta, com duração máxima de 18 meses. No entanto, a realidade evidencia a permanência prolongada nos serviços de acolhimento, o que tem repercussão sobre o desenvolvimento dos adolescentes, os quais, ao atingirem a maioridade, vivenciam o processo de desligamento automático das instituições onde residem. Apesar do contexto não apropriado, é necessário que desenvolvam autonomia, como uma base relacional, para experimentarem a vida fora do ambiente em que estavam inseridos. Nesse contexto, o intuito da pesquisa é analisar a aplicação das políticas públicas, por meio de um estudo que se propõe a identificar as limitações e as potencialidades do acolhimento institucional e observar como a vida nessa realidade influencia no processo de transição para a vida adulta, com foco no desenvolvimento da autonomia. Para isso, a metodologia utilizada para coleta de dados será a de grupos focais, com participantes de 15 a 17 anos, residentes de casas de acolhimento na cidade do Rio de Janeiro há mais de 6 meses. As narrativas serão categorizadas e interpretadas por meio da Análise de Conteúdo, para verificar como os diferentes discursos dos participantes estão conectados entre si e com a literatura pertinente. Como resultados esperados da pesquisa, pretende-se escutar a voz dos adolescentes, a fim de compreender suas experiências, emoções experimentadas, conhecimentos adquiridos e não adquiridos, antes de ocorrer o desligamento por maioridade.

Palavras-chave: adolescentes; autonomia; acolhimento institucional; desligamento por maioridade; transição para a vida adulta.



Escuta ancestral e corpo-território: a mulher negra e as encruzilhadas da Psicologia

Caroline Souza de Oliveira (UFRJ)

Esta pesquisa nasce do corpo e da escuta, entre o sagrado e o político. É resultado da articulação entre duas experiências de pesquisa que se entrelaçam em um mesmo território: uma investigação de mestrado em andamento, que analisa o cuidado destinado a mulheres negras na clínica, e uma reflexão ampliada sobre os atravessamentos vividos por essas mesmas mulheres nos espaços acadêmicos. Ambas tomam como eixo a crítica psicossociológica, articulando dimensões subjetivas, sociais, afetivas e institucionais. A partir da escrevivência, propõe-se um desafio à psicologia colonial e individualista, valorizando a ancestralidade, o sentido de pertencimento e as práticas de quilombamento como potências de cuidado e resistência. Com base em experiências e escutas de mulheres negras, o trabalho aponta os efeitos psíquicos, simbólicos e espirituais do racismo institucional, e as estratégias de reexistência que emergem desses contextos: benzimentos, banhos de ervas, rodas de conversa, espiritualidade, afetos e saberes da diáspora. A noção de Orí – princípio que une corpo, destino e espiritualidade – é central, pois convoca um cuidado que vai além da escuta clínica convencional. Escutar o Orí é escutar o que foi silenciado, é reconhecer a dor como parte de um processo coletivo de cura. A pesquisa propõe uma virada metodológica e política nos modos de cuidar, pensar e pesquisar, desafiando os limites entre teoria e experiência, ciência e ancestralidade. Afirmar o corpo negro como território sagrado é também propor uma clínica como espaço de criação e resistência, onde existir é, por si só, um ato político.

Palavras-chave: psicologia; mostra do CRP RJ; mulheres negras; saberes ancestrais.

Fonte financiadora do trabalho: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq



Adaptação psicométrica do Differentiation of Self Inventory - Revised para a população brasileira

Gabriela Neves Rodrigues da Silva/ Amanda Londero dos Santos

A diferenciação do self representa a capacidade individual de manter a identidade frente a diferentes perspectivas e estressores, preservando conexões sociais sem perda da individualidade. O Differentiation of Self Inventory - Revised (DSI-R) é reconhecido internacionalmente como o principal instrumento para mensurar este construto. Orientado por referenciais éticos e psicométricos, o presente projeto em andamento busca adaptar o DSI-R para a população brasileira, abrangendo suas quatro dimensões: Posição do Eu, Reatividade Emocional, Fusão com Outros e Distanciamento Emocional. A coleta de dados foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ (CAAE: 84102624.9.0000.5582) e ocorreu virtualmente, utilizando a plataforma Survey Monkey, com a participação de 552 indivíduos brasileiros. Os participantes preencheram um questionário sociodemográfico e escalas complementares: o Experience in Close Relationships (ECR), o Comprehensive Assessment of Acceptance and Commitment Therapy Processes (CompACT) e o State-Trait Anxiety Inventory (STAI). Os procedimentos iniciais de adaptação transcultural envolveram dupla tradução, conciliação das versões, avaliação por comitê de experts e um estudo piloto, buscando a adequação cultural e linguística da versão brasileira do DSI-R. Análises fatoriais preliminares revelaram uma estrutura de quatro fatores, em consonância com o modelo teórico do instrumento original. Evidências de validade de conteúdo e convergente foram também investigadas. As próximas etapas discutirão as correlações da diferenciação do self com a teoria do apego, a flexibilidade psicológica e a ansiedade, ampliando a compreensão desses fenômenos no contexto nacional. A adaptação do DSI-R poderá beneficiar as pesquisas em Psicologia no Brasil, além do inventário ser um instrumento que poderá ser usado na prática de psicoterapia clínica por psicólogos brasileiros.

Palavras-chave: diferenciação do self; adaptação psicométrica; apego; flexibilidade psicológica; instrumentos psicológicos.

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Terapia de Aceitação e Compromisso: o que é aceitação?

**Gabriela Neves Rodrigues da Silva/ Hellen Maria da Cunha Conversani/
Nataly Fossi de Moura/ Pedro Paulo Pires dos Santos/
Tiago Azevedo Marot/ Yuri Banov Onishi**

A Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) propõe uma abordagem inovadora para o sofrimento humano, diferenciando-se de concepções populares de aceitação frequentemente associadas à passividade ou resignação. No contexto da ACT, a aceitação pode ser um caminho para lidar com experiências internas desconfortáveis, alinhando-se com valores pessoais para promover uma vida plena. A apresentação discute o fenômeno da evitação experiencial, onde indivíduos tentam fugir de emoções, pensamentos ou sensações corporais consideradas intoleráveis, perpetuando comportamentos disfuncionais. Para ilustrar esse processo, é apresentado um caso hipotético de uma pessoa com ansiedade social que evita ser madrinha de casamento para não fazer um discurso e evitar um possível conflito com a amiga. Este exemplo destaca as duas principais evitações: lidar com a ansiedade de falar em público (associada a pensamentos como "Eu sou um fracasso") e confrontar a amiga (ativando crenças como "Se eu não fizer o que ela pede, ela vai deixar de me amar"). A metodologia de discussão baseia-se na análise de situações cotidianas e em um exemplo de caso clínico de procrastinação para demonstrar como a evitação pode levar a custos ainda maiores. A discussão, a partir dos exemplos clínicos e de uma revisão de literatura, foca na importância de reconhecer que toda decisão acarreta um custo, e que a aceitação não é sobre suprimir a dor, mas sim sobre escolher qual "custo" se alinha mais com os valores individuais. A tolerância ao desconforto é apresentada como a capacidade de aceitar que o desconforto é parte da experiência, não uma ameaça. A reflexão final enfatiza que o desconforto não desaparece, mas a forma de lidar com ele, guiada pelos valores, define a qualidade da experiência.

Palavras-chave: aceitação; evitação experiencial; terapia de aceitação e compromisso; valores; tolerância ao desconforto.

Fonte financiadora do trabalho: Não há.



Oficinas com adolescentes: caminhos possíveis e sentidos sobre si e o porvir

Ariana Ribeiro de Jesus/ Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Este trabalho apresenta um projeto de extensão vinculado ao Instituto de Psicologia - UERJ, que realiza oficinas com adolescentes de 8º e 9º ano, em escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro. A partir de referenciais da psicologia social crítica e da psicologia escolar, o projeto tem como objetivo promover espaços de escuta, acolhimento e reflexão a adolescentes de periferias urbanas. São realizados encontros em pequenos grupos, no próprio espaço escolar, que abordam as trajetórias de vida, mobilidades físicas e imaginárias, aspirações e questões de saúde mental dos jovens. As atividades incluem desenhos, fotografias e dinâmicas lúdicas acompanhadas de perguntas disparadoras. As oficinas são organizadas em três módulos: "Quem sou?", centrado na identidade; "Onde estou?", voltado para a relação dos adolescentes com os espaços; e "Para onde vou?", que aborda as oportunidades e mobilidades juvenis. Ao longo dos encontros, os adolescentes compartilham sonhos, interesses e percepções sobre os desafios que enfrentam nas suas trajetórias. Inseridos em territórios atravessados por profundas desigualdades sociais, muitos relatam vivências marcadas pela precariedade, ausência de escuta e limitações materiais e simbólicas. Nessas condições, o futuro tende a ser compreendido como uma abstração distante, quase inatingível, gerando um descompasso entre as aspirações individuais e as possibilidades concretas oferecidas pelo contexto. Essa distância entre desejo e realidade está fortemente atravessada por marcadores sociais como gênero, raça e classe, que operam como barreiras estruturais e afetam diretamente as trajetórias e expectativas desses sujeitos. Nesse sentido, a mobilidade imaginária constitui um elemento central, permitindo aos jovens vislumbrar oportunidades e caminhos possíveis no agora e no porvir, para além das limitações impostas por seus contextos sociais. Nesse cenário, a criação de espaços de diálogo e escuta qualificada emerge como prática fundamental para a produção de sentidos sobre si, o outro e o porvir, apesar das condições que os cercam.

Palavras-chave: adolescentes; oportunidades; mobilidades; escola.

Fontes financiadoras do trabalho: CETREINA/UERJ; DEPEXT/UERJ; FAPERJ.



Favela Terapia: Proposta de intervenções à saúde mental nas favelas

Grazielle Serafim Nogueira

O Brasil vem apresentando um aumento significativo nos casos de adoecimento psíquico, como depressão, ansiedade e transtornos relacionados ao estresse. O aumento da violência, desigualdade social, desemprego, insegurança alimentar e crises econômicas, intensificam o sofrimento psíquico da população. A pandemia da COVID-19 agravou ainda mais esse cenário, ampliando o isolamento social e as incertezas, o que contribuiu para o crescimento do sofrimento psíquico e dos transtornos mentais globais. A falta de investimento em políticas públicas que garantam o acesso à saúde mental, somada ao estigma associado aos transtornos e o lugar da psicologia no Brasil, dificultam o acesso a tratamentos adequados, impactando negativamente a qualidade de vida dos brasileiros. Nas favelas, essa realidade é ainda mais crítica. A violência gerada por conflitos armados, a ausência pública e a “guerra às drogas” afeta diretamente os moradores, gerando medo, insegurança e restrição ao acesso a serviços básicos. Essa conjuntura agrava problemas sociais e aumenta os riscos para a saúde física e mental dessas populações vulnerabilizadas. A criação do projeto Favela Terapia surgiu em 2019, antes da crise sanitária da COVID-19, a iniciativa propôs uma intervenção em saúde mental baseada na psicologia comunitária, voltada para favelas e periferias. O projeto aposta no processo psicoeducativo como estratégia de prevenção e enfrentamento ao alto índice de adoecimento psíquico nesses territórios. Por meio de rodas de conversa, o Favela Terapia busca democratizar o debate sobre saúde mental, criar uma rede de proteção e apoio, além de romper com estigmas que dificultam a busca por ajuda. O projeto visa promover o acesso e o cuidado em saúde mental, além de reconhecer estes como direitos fundamentais e essenciais para o alcance do bem-estar e melhoria da qualidade da população, principalmente aqueles constantemente marginalizados pela ausência pública.

Palavra-chave: favelas, violência, saúde mental, psicologia, SUS



Fios da Preta: Processos raciais e o Ato de trançar

Grazielle Serafim Nogueira

De acordo com Grada Kilomaba e Conceição Evaristo, a escrita está para o sujeito negro como um processo de identificação no qual colocamos nossa experiência vividas, principalmente para nós mulheres não-brancas, que são vistas como aquelas que precisam estar ocupando o lugar de subserviência emocional do outro ou no papel de suporte afetivo à inúmeras violências raciais estruturais. A escrevivência reflete aquilo que foi vivido em diferentes tempos e espaços, buscando ampliar a pluralidade de perspectivas, rompendo com estigmas conservadores e violentos. O relato de experiência do Fios da Preta - Processos raciais e o ato de trançar traz um atendimento realizado por mim enquanto trançista, e na época, estudante de psicologia, diante do processo de descobertas raciais e a construção do empoderamento de mulheres negras. O racismo afeta profundamente as mulheres negras, sendo as mais violentadas e sendo constantemente expostas a cenários de violência cotidiana. Essas mulheres sofrem maiores índices de violência, dificuldades na inserção do mercado de trabalho e no acesso a serviços de saúde e educação, reforçando ciclos de exclusão e impactando negativamente sua qualidade de vida e bem-estar. O relato de experiência traz uma visão de B., mulher negra e minha cliente, sobre como começou o processo de alisamento químico do seu cabelo na infância, por falta de tempo da mãe para cuidar dos fios, sentindo vergonha e medo de conhecer seu cabelo natural. Buscava aceitação, mas na escola havia poucas referências negras e muito bullying. Em transição capilar, encontrou nas tranças um refúgio para sentir-se bonita, inspirada por amigas com cabelos crespos. Como trançista e estudante de psicologia, observei que seu cabelo refletia identidade e medos, mas também reflexo dos seus processos raciais. Trançar revelou-se espaço de escuta e libertação de paradigmas racistas.

Palavra-Chave: Trançar, mulheres negras, empoderamento, autoestima, ancestralidade



Clínica Ampliada como potência para a produção de cuidado em Saúde Mental

Paula Ferreira Cabral/ Divina Nazareth Alves da Silva/
Géssica Schlickmann Primo

O presente trabalho tem como proposta compartilhar a experiência proveniente do primeiro semestre da especialização em Terapia de Família no IPUB Instituto de Psiquiatria da UFRJ de 2025. A especialização tem duração total de dois anos. No primeiro semestre de 2025 as especializandas atuam no ambulatório e no plantão da internação com o objetivo de acolher e criar um espaço de cuidado em saúde mental para os usuários e suas famílias. Neste trabalho abordaremos a importância da clínica ampliada apenas no atendimento do plantão da internação. As especializandas ficam uma vez por semana no plantão de 8 horas, ao longo de um ano. A vivência apontou que o uso das tecnologias leves de cuidado, a prática relacional, o cuidado que acontece no ato, por meio do vínculo, da escuta, da comunicação, do acolhimento, é o que produz valor e sentido no próprio encontro entre profissional e usuário. A partir de autores como Merhy e G.W.S. Campos, a lente analítica da clínica ampliada foi utilizada como ferramenta de escuta para qualificar o acolhimento e garantir um espaço seguro para a identificação da equipe como corpos confiáveis, utilizando do efeito que a relação terapêutica produz no processo de reorganização psíquica, partindo de processos constantes de reflexão sobre o lugar situado das próprias especializandas. Como parte dos desdobramentos deste processo, aponta-se para a importância da feitura do Projeto Terapêutico Singular, considerando os aspectos da subjetividade que ultrapassam o diagnóstico, nos colocando como seres humanos em relação. A construção de vínculo, acolhimento, presença, escuta e legitimação de desejos, compõe uma rede de sustentação fundamental na estabilização do usuário e amparo as famílias. O acompanhamento multiprofissional é significativo para ampliar as possibilidades de cuidado. Entendendo a clínica como um campo ético e relacional, sendo um ato político de produção de vida.

Palavras-chave: saúde mental; clinica ampliada; tecnologias leves; cuidado humanizado.



Escala 6x1: uma violação ao Artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos Humanos

Lucas de Oliveira

O presente resumo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e de natureza exploratória. Foi realizado um levantamento através de revisões literárias em artigos científicos, na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e na Constituição Federal, sobre as diversas jornadas de trabalho no Brasil e os Direitos Humanos, assim como, um levantamento acerca de algumas outras legislações trabalhistas. De acordo com o site "Jusbrasil", a jornada 6x1 é aquela em que há 6 dias trabalhados consecutivamente, havendo apenas um dia de folga na semana. Conforme o artigo 7º, inciso XIII da Constituição Federal, a duração normal do trabalho é de oito horas diárias e quarenta e quatro semanais, podendo ser distribuídas em até seis dias semanais. Geralmente, nesse modelo de trabalho, o trabalhador trabalha oito horas de segunda a sexta, e no final de semana 4 horas. Essa pesquisa teve os objetivos de fazer um levantamento das legislações disponíveis sobre o tema, analisar e descrever quais são as violações que a escala 6x1 promove à dignidade humana dos trabalhadores, apresentar as relações entre trabalho e saúde pública e avaliar os impactos das altas jornadas de trabalho na saúde do trabalhador. Ao final do trabalho, foi concluído que as altas jornadas de trabalho prejudica a saúde do trabalhador e que a escala 6x1 fere o artigo 24 da DUDH, pois esse modelo de trabalho impossibilita o trabalhador de ter tempo livre, descanso e lazer. Consequentemente, traz problemas e agravos à saúde do trabalhador, assim como ndimento no trabalho.

Palavras-chave: Escala 6x1; Direitos Humanos; legislação trabalhista; saúde pública; saúde do trabalhador.



Centro de Apoio às Vítimas: a escuta como ferramenta de cuidado

Bianca Oliveira Louven dos Reis/ Ludmila Ellen Silva Bessa/
Marcelly Oliveira Silva

O presente trabalho se propõe a apresentar reflexões sobre a importância da escuta como uma ferramenta de cuidado a partir da atuação de uma equipe técnica de Psicologia no Centro Especializado de Atenção e Apoio às Vítimas de Crimes e Atos Infracionais do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (CAAV-TJRJ). A partir de uma iniciativa pioneira deste Tribunal de Justiça, o CAAV iniciou suas atividades em 2021, tendo como principal objetivo oferecer um espaço de escuta e acolhimento dentro do Poder Judiciário. Composto por uma equipe multiprofissional e interdisciplinar, o CAAV tem buscado promover acolhimento e apoio psicológico, social e processual para pessoas que estão ou estiveram em situação de violência e tiveram seus direitos violados. Dessa forma, o trabalho que desenvolvemos busca discutir sobre a promoção e garantia de direitos das vítimas, diretas ou indiretas. Bem como, um atendimento que assegure a dignidade, destacando a importância da escuta acolhedora como ferramenta fundamental para a construção de um atendimento humanizado e comprometido com a proteção integral diante das diversas formas de violação de direitos. Por fim, ressaltamos a importância do profissional da psicologia atuando, de forma crítica e ética, nesses espaços, buscando evitar a revitimização e construindo um trabalho em rede.

Palavras-chave: acolhimento; escuta; psicologia em interface com o direito; direitos humanos.



Entre Teoria e Prática: A Flexibilidade como Recurso na Clínica Psicológica

Ana Carolina Figueiredo Peixoto

A Psicologia Clínica é uma área de atuação que oferece ao psicólogo diferentes possibilidades de intervenção, permitindo que trabalhe em diversos contextos e atenda às mais variadas demandas. No exercício da clínica, mesmo quando fundamentado em uma única abordagem teórica, como a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), o profissional dispõe de uma ampla variedade de ferramentas, técnicas e estratégias que podem ser combinadas e ajustadas de forma flexível, de modo a atender às singularidades de cada pessoa que busca auxílio psicológico. Este trabalho tem como objetivo analisar as potencialidades da flexibilidade técnica na prática clínica fundamentada na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), evidenciando como a integração de diferentes recursos pode favorecer uma intervenção mais personalizada, sensível e eticamente comprometida com as necessidades e metas singulares de cada indivíduo. Para alcançar esse objetivo, foi realizado um estudo de caso clínico que ilustrou a aplicação integrada de duas ferramentas específicas da TCC, associado a uma revisão da literatura sobre flexibilidade técnica e intervenções baseadas em evidências, a fim de sustentar conceitual e empiricamente a proposta discutida. Como resultado, ressalta-se que a flexibilidade não compromete a coerência teórica da TCC, mas a fortalece ao possibilitar intervenções mais ajustadas à complexidade humana, exigindo constante atualização e ampliação do repertório técnico do profissional para fundamentar escolhas responsáveis. Além disso, a prática flexível na TCC está alinhada ao Código de Ética Profissional do Psicólogo, respeitando a dignidade, autonomia e singularidade do paciente e promovendo intervenções baseadas em evidências científicas. Diante da complexidade da experiência humana, compreende-se que nenhuma técnica isolada é suficiente para abarcar a totalidade do sujeito, sendo necessária sensibilidade, escuta qualificada e adaptação constante dos recursos, sempre guiadas pela ética e pelo compromisso com o desenvolvimento, a autonomia e o bem-estar daqueles que buscam a psicoterapia.

Palavras-chave: psicologia clínica; flexibilidade terapêutica; prática personalizada

Fonte financiadora do trabalho: Não se aplica.



Cuidar de quem cuida: mapeamento de dispositivos de cuidado em saúde mental

Grazielle Serafim Nogueira/ Laís Silva Mariano/
Gabriel Lima Simões

O Brasil é o quarto país mais violento para defensores de direitos humanos, segundo pesquisa da Anistia Internacional publicada em 2023. O estado do Rio de Janeiro, marcado por altos índices de violência e resistência popular, enfrenta um cenário crítico para defensores de direitos humanos, especialmente aqueles que fazem da luta seu principal combustível. Diante de tal contexto, este trabalho teve como objetivo mapear serviços de acolhimento e acesso ao cuidado em saúde mental em territórios vulnerabilizados do Rio de Janeiro. O projeto, desenvolvido pela Fiocruz, se deu a partir da demanda apresentada pela Rede de Defensores de Direitos Humanos e Promoção da Saúde, que evidenciou o desconhecimento e a ausência de práticas de cuidado em saúde mental voltadas para ativistas que estão cotidianamente expostos a inúmeras violações e adoecimentos psíquicos. O levantamento foi realizado por meio de rodas de conversa junto a moradores de seis territórios: Complexo da Maré e Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro, além dos municípios de Duque de Caxias, Mesquita, São Gonçalo e Seropédica. Orientadas pelo conceito de promoção da saúde, as rodas proporcionaram diálogos sobre direitos, acesso à saúde e dificuldades de acesso a serviços, principalmente em áreas com pouco investimento público. Esses encontros reuniram lideranças, defensores de direitos humanos, instituições locais, profissionais de saúde e a sociedade civil, oferecendo a escuta ativa de duas psicólogas diante do cenário de adoecimento relatado pelos moradores. O mapeamento visou fortalecer a RAPS, reconhecer redes de assistência locais, ONGs, instituições filantrópicas, clínicas-escolas e coletivos que oferecem suporte e acolhimento em saúde mental. O projeto resultará em uma Cartilha com informações para orientar e contribuir com a democratização do acesso ao cuidado em saúde mental, com o fortalecimento do SUS e com a luta pela garantia dos direitos humanos.

Palavras-chave: saúde mental; promoção da saúde; direitos humanos; territórios vulneráveis; Rio de Janeiro

Fonte financiadora do trabalho: Edital Inova Fiocruz - Fiopromos. Submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP Fiocruz/IOC - 5248



Impactos da Síndrome de Burnout na Saúde Mental no Trabalho

Rosilângela Cardoso Burghardt

A Síndrome de Burnout, considerada uma patologia relacionada ao trabalho, tem se intensificado no contexto da contemporaneidade, marcada por exigências crescentes no ambiente organizacional. Este estudo busca compreender os impactos da síndrome na saúde mental dos trabalhadores, fundamentando-se nos referenciais da Psicologia Organizacional. Com base em revisão teórica e análise crítica, discutem-se as transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico e a flexibilização das relações laborais como fatores que contribuem para o esgotamento físico e emocional dos profissionais. Os dados foram produzidos por meio de levantamento bibliográfico, utilizando materiais publicados em bases como Scielo, Google Acadêmico e periódicos especializados, com ênfase em estudos nacionais atualizados. A análise considerou o ambiente organizacional, predominantemente presencial, e o papel do psicólogo organizacional como agente de promoção de saúde mental. Os resultados apontam a existência de fatores psicossociais que favorecem o desenvolvimento da síndrome, como sobrecarga de trabalho, medo de demissão, competitividade e precarização das relações laborais. Além disso, destacam-se práticas preventivas e estratégias de intervenção, como o uso de técnicas de relaxamento, mindfulness e ações voltadas ao autocuidado. Conclui-se que o enfrentamento do Burnout exige uma abordagem sistêmica que considere tanto as condições organizacionais quanto as subjetividades dos trabalhadores, reforçando a importância da atuação ética e técnica da Psicologia Organizacional na promoção da saúde no trabalho. Ainda que o tema dialogue transversalmente com aspectos relacionados à saúde pública, a afinidade maior do trabalho se estabelece com as práticas institucionais e organizacionais, razão pela qual opta-se pela vinculação ao Eixo temático 2.

Palavras-chave: síndrome de burnout; saúde mental do trabalhador; psicologia organizacional; prevenção.



Afetos e Direitos: Psicologia e Atuação Multiprofissional com Mães Acompanhantes no SUS

Rayane Stephany dos Santos Magalhães/ Kátia Maria Oliveira de Souza

A presença da mulher como principal responsável pelo cuidado é histórica e culturalmente determinada. Em instituições hospitalares, essa lógica se intensifica, sobretudo diante da internação prolongada de crianças com Condições Crônicas Complexas (CCC), exigindo da mãe-cuidadora dedicação integral. Situada em um hospital público materno-infantil no Rio de Janeiro, uma equipe multiprofissional instituiu o Projeto Cuidadoria de Mães (PCM) como um dispositivo de produção de cuidados para mulheres acompanhantes de crianças em internação de longa permanência. As psicólogas do projeto atuam a partir das tecnologias leves em saúde, em consonância com as diretrizes técnicas do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e o Código de Ética Profissional da(o) Psicóloga(o), com escuta qualificada, acolhimento e fortalecimento de vínculos, pautando-se nas diretrizes clínicas e éticas que orientam a prática psicológica no âmbito hospitalar. A Cuidadoria organiza suas ações em quatro eixos: Autocuidado; Cuidado Criativo; Cuidado, Cultura e Lazer; e Direitos Humanos como Cuidado. São realizadas oficinas, rodas de conversa, cursos, terapias integrativas, passeios e acolhimentos pontuais. A Psicologia contribui para a escuta do sofrimento dessas mulheres, promovendo a simbolização dos processos de hospitalização e ativando redes de cuidado e garantia de direitos, em consonância com as responsabilidades profissionais e éticas estabelecidas pelo CFP. Com mais de 300 mulheres beneficiadas, o projeto tem promovido espaços de pertencimento, reconhecimento e reconstrução subjetiva, fortalecendo estratégias de enfrentamento ao adoecimento e à solidão materna. A experiência reafirma o papel ético-político da Psicologia na produção de cuidados comprometidos com a integralidade, a equidade e a justiça social, conforme orientações do Código de Ética Profissional. Nesse sentido, apostamos na Cuidadoria como um potente dispositivo de resistência no SUS, promovendo saúde para quem cuida.

Palavras-chave: psicologia; mães acompanhantes; tecnologias leves; cuidado em saúde; políticas públicas.

Fonte financiadora do trabalho: Programa de Políticas Públicas e Modelos de Atenção e Gestão de Saúde com foco na Diversidade e Equidade (PMA).



Cuidado ampliado na infância: a Rede de Atenção ao Desenvolvimento Infantil Saudável

Gabriela Fernandes Castro/ Juliana Carvalho Braga/ Cinthya Santos Rodrigues

O presente trabalho parte das inquietações vividas no cenário da Atenção Primária, frente às crescentes demandas de avaliação e “resolução” de questões nomeadas como alterações do desenvolvimento infantil. No Rio de Janeiro, tivemos a publicação da Nota Técnica nº 32745, no dia 12 de setembro de 2023, que normatiza o fluxo para análise, diagnóstico e tratamento de crianças na Atenção Primária, condicionando seu acesso a determinados tipos de acompanhamento a partir de uma leitura centrada no diagnóstico. Diante desse cenário, a Equipe Multiprofissional da qual as autoras fazem parte, composta por psicólogas, fonoaudióloga, assistentes sociais, nutricionistas, dentistas e enfermeiras, vem reestruturando seus processos de trabalho, na tentativa de produzir um cuidado integral para as infâncias. As primeiras iniciativas, entre 2023 e 2024, partiam do Grupo de Responsáveis sobre o Desenvolvimento Infantil Saudável (GRDIS), que visava um apoio às famílias, o acompanhamento das crianças, grupal ou individual, e a articulação com os níveis da saúde. A partir dessa experiência, verificou-se a necessidade de expandir os horizontes de atuação e de conceitualização das questões da infância dentro e fora do setor saúde. Entre 2024 e 2025 este processo se desdobrou na formação da Rede de Atenção ao Desenvolvimento Infantil Saudável (RADIS), composta por três eixos: 1) Saúde e Família; 2) Educação; 3) Território e Intersetorialidade. Orientados pela produção de um cuidado ampliado, cada eixo atua transversalmente às intervenções realizadas, sejam elas com as equipes de saúde da família, os cuidadores, os dispositivos do território e/ou com as escolas. A experiência da RADIS tem nos permitido refletir sobre a insuficiência de um modelo verticalizado de cuidado baseado em avaliação e acompanhamento segmentado na saúde. A aposta no trabalho em rede tem sido um caminho potente para tensionar as lógicas que centralizam esse cuidado em respostas individualizantes e medicalizantes.

Palavras-chave: SUS; Atenção Primária; desenvolvimento infantil; cuidado ampliado.



Psicologia do esporte na iniciação esportiva infanto-juvenil: atuação, integração e desenvolvimento

Lucas de Oliveira da Silva/ Leticia Mazzini Arouca De Castro/
Isabela Loreti Lima Soeiro/ Lucas Alves Vidal Bustamante/
Lucas Azevedo da Silva/ Fernando Arantes Grangé

Este trabalho relata a experiência prática de estagiários de Psicologia, em um projeto multidisciplinar com foco na iniciação esportiva infanto-juvenil por meio do futebol. O objetivo foi compreender como a Psicologia do Esporte, área ainda em expansão no Brasil, tem se mostrado promissora para integrar aspectos técnicos e socioemocionais no contexto esportivo, atrelado à Educação Física, podendo contribuir para o processo de iniciação esportiva e desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas no público infanto-juvenil. O relato parte do estágio com equipes mistas de futebol do sub-3 ao sub-15, integrando também nessas equipes alunos neurodivergentes. Essa experiência foi realizada de forma presencial, em um campo de grama sintética, com a utilização de instrumentos do futebol como bolas, cones e coletes. A equipe responsável foi composta por cinco estagiários de Psicologia, divididos em dois turnos, supervisionados por um psicólogo, além de dois profissionais e três estagiários da Educação Física, esses responsáveis pelo aspecto técnico da aula. A proposta visou promover o desenvolvimento integral dos participantes, explorando não apenas o desenvolvimento motor, mas também as habilidades socioemocionais como cooperação, empatia, trabalho em equipe, comunicação, confiança e autorregulação emocional; competências da psicologia do esporte. A metodologia incluiu observação participante, escuta ativa, registros de campo e supervisões, com foco em compreender as interações grupais e dinâmicas socioemocionais no ambiente esportivo. Assim, foram elaboradas, pelo setor da psicologia, intervenções com jogos cooperativos e dinâmicas motivacionais, adaptadas às demandas percebidas. Diante disso, a articulação da Psicologia do Esporte com a Educação Física mostrou-se importante para o desenvolvimento dos participantes durante a prática e iniciação esportiva, além de contribuir para a integração e promovendo a inclusão.

Palavras-chave: psicologia do esporte; iniciação esportiva infantil; atuação multidisciplinar; estágio supervisionado; desenvolvimento socioemocional.



Influências da Pornografia na Construção Identitária de Homens Gays e Bissexuais

Jonathan Gonçalves Ricas

Este trabalho busca analisar como a autoestima, desejos e práticas sexuais de homens gays e bissexuais são pautados pela cultura pornográfica, sendo assim o objetivo é investigar como a pornografia influencia na formação de normas estéticas, expectativas relacionais e possíveis disfunções sexuais. Trata-se de um estudo exploratório de cunho qualitativo, com fundamentação bibliográfica em textos acadêmicos encontrados em bases de dados como SciELO e BVS, entre 2019 e 2024, em português e inglês. Os resultados apontam que o conteúdo pornográfico voltado para homens homoafetivos reforça padrões de masculinidade, idealizando não apenas o corpo ideal como também o comportamento viril e, por vezes, agressivo. Dessa forma, homens gays e bissexuais constantemente apresentam desejos e fantasias diretamente enviesadas pela cultura pornográfica, impactando na sua autoestima e, por consequência, suas relações interpessoais e intrapessoais. Diante desta realidade, observamos que essas práticas privilegiam papéis sexuais rígidos, racialização de corpos e hipersexualização da juventude, onde tais elementos estimulam o sofrimento psíquico, podendo levar a disfunções sexuais causadas pelas distorções de imagens e sentimentos de inadequação. Nesse contexto, ressaltamos o papel da psicologia na reconstrução de narrativa dessas identidades, desenvolvendo a autonomia em relação ao próprio desejo e corpo para além do modelo hétero-cis-normativo de existência, a partir de referências eróticas mais pluridiversas.

Palavras-chave: bissexual; homossexual; pornografia; psicologia; sexualidade.



Entrelaçamentos entre Enação e Clínica: Uma Revisão de Escopo

Gabriel Blum Heimlich/ Leonardo Machado de Macedo/
Lucas Matheus Guse Dutra/ Lucas Pires Botta/
Stella Costa Angelo

A Enação surge nos anos de 1990 como uma abordagem dissonante no campo de estudos da cognição a partir da publicação do livro "The Embodied Mind", de Varela, Thompson e Rosch. Em interlocução com a fenomenologia e com o budismo, e na continuidade do trabalho prévio de Humberto Maturana e Francisco Varela, é proposta a recuperação do sentido vivo da cognição, recusando os paradigmas representacionais a partir da premissa que a mente se produz em acoplamentos corporais, afetivos e sociais, não apenas "dentro de nossas cabeças". Atualmente, a Enação vem ganhando espaço no cenário científico e, desde a década de 1990, constitui-se como um intercessor na Psicologia, traçando diálogos importantes com o campo. Considerando esse contexto, o presente trabalho tomou como objetivo identificar e compreender as interlocuções entre a abordagem enativa e a psicologia clínica. Por meio da metodologia de revisão bibliográfica de escopo, buscamos responder a seguinte questão: quais as articulações entre a abordagem enativa e a psicologia clínica e da saúde no Brasil? Para isso, realizamos uma pesquisa no Portal Periódicos CAPES e SciELO (07 de maio de 2025), considerando apenas publicações nacionais. Encontramos 101 artigos, 78 no Portal de periódicos da CAPES e 23 no Scielo, totalizando 81 artigos após a remoção de duplicatas. Depois da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 11 artigos, que estão em processo de leitura e análise. Neste trabalho, trazemos algumas percepções iniciais acerca dos artigos encontrados, que refletem o estado atual das interseções entre a abordagem enativa e a psicologia clínica, esperando assim contribuir de forma frutífera para uma melhor compreensão deste movimento nas pesquisas brasileiras.

Palavras-chave: Enação; Ciências da Cognição; Psicologia; Clínica; Saúde.

Fonte financiadora do trabalho: N/A



Influências do uso de redes sociais no desenvolvimento de adolescentes

Dameres Moreira de Carvalho/ Vanessa Barbosa Romera Leme

As redes sociais alteraram a maneira como adolescentes se desenvolvem e constroem suas relações interpessoais. Características individuais, como a desregulação emocional, podem atuar como fatores de risco, favorecendo o uso problemático dessas plataformas. Esse tipo de desfecho pode favorecer a exposição de adolescentes a conteúdos violentos e ao cyberbullying, que é expressivo entre alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Ao mesmo tempo, fatores de proteção, como as habilidades sociais e a percepção de apoio social, podem contribuir para o uso saudável. Apesar disso, poucas pesquisas exploram essas variáveis. Desse modo, a partir da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e da Teoria da Transformação das Relações entre Adolescentes no Contexto das Redes Sociais, esse estudo tem como objetivo analisar as percepções dos estudantes a respeito dos benefícios e riscos relacionais presentes no contexto das redes sociais, assim como a possível influência desses ambientes digitais em suas emoções, na percepção de apoio social e na expressão ou não de habilidades sociais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com delineamento transversal e amostra por conveniência. A pesquisa se encontra em fase de análise de dados. Participaram 83 estudantes, com idade 13 e 16 anos ($M=14,14$; $DP=0,81$), sendo 41 do gênero feminino, 38 do gênero masculino, dois não-binários e dois preferiram não declarar. Os estudantes cursavam o 8º e 9º ano de uma escola pública municipal do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por meio de rodas de conversa e de um Questionário com Informações Demográficas, elaborado especificamente para esse estudo. Com os resultados da pesquisa, será possível identificar e fortalecer recursos dos adolescentes e dos seus contextos que favoreçam o uso saudável de redes sociais. Além disso, esse estudo pode contribuir para a ampliação de intervenções e políticas públicas para promoção da saúde mental nos anos finais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: adolescência; desenvolvimento; redes sociais.

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.



Intervenções psicossociais para o bem-estar de professores dos anos iniciais

**Julianna Souza Pimentel da Silva/ Larissa Victoria Santos da Silva/
Mariana Rodrigues Batalha Alves/ Thaís de Andrade Cabral**

O presente trabalho teve como objeto de estudo o estresse ocupacional em professores de anos iniciais, e seu objetivo foi desenvolver métodos de manejo de estresse com aplicação simples e eficaz. O projeto foi realizado em uma escola particular localizada na Baixada Fluminense, e sete profissionais foram envolvidos nas dinâmicas propostas. Práticas foram pensadas e ajustadas para se encaixar na disposição de tempo e condições financeiras dos indivíduos envolvidos, levando então ao desenvolvimento de um espaço de relaxamento, caixa de desabafo e palestra psicoeducativa com foco na promoção do autocuidado. Os resultados recebidos através de conversas e questionários aplicados no começo e no fim do projeto demonstraram maior preocupação dos profissionais com o cuidado pessoal e a procura por terapia ao fim da intervenção. Foi possível concluir, então, que intervenções simples e efetivas podem trazer benefícios imediatos e que estes, bem como revisão institucional para a sobrecarga imposta aos docentes, são de extrema importância para o bem-estar da classe.

Palavras-chave: professores; saúde mental; escuta; estresse; cuidado.



Grupo terapêutico reflexivo: vínculos, escuta, partilhas e fortalecimento de subjetividade

**Bruno Deleon da Conceição Machado/ Gabriela Hespanha Almeida/
Karine Lopes de Oliveira Brasil/ Michelle Sabino de Santana/
Patrícia Borba da Silva Gomes/ Tayná Nayara de Moura dos Santos Felix**

Durante a 17ª Mostra Regional de Práticas em Psicologia, realizada de 1º a 3 de agosto de 2024, foi apresentado o projeto do Grupo Terapêutico Reflexivo em uma ONG da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nesta 18ª edição da Mostra, o trabalho compartilha os principais resultados do grupo, sediado em Campo Grande, que ocorreu de 16 de outubro a 11 de dezembro de 2024, totalizando oito encontros semanais. Inicialmente, o grupo foi concebido sem uma temática pré-definida, o que trouxe desafios para sua condução. Contudo, à medida que as partilhas surgiram e as relações se fortaleceram, o grupo se organizou espontaneamente em torno do tema dos vínculos familiares, consolidado como fio condutor das reflexões e construções subjetivas. O grupo começou com oito integrantes, com cinco presentes no primeiro encontro; a partir do segundo, houve redução para três participantes, sendo que uma teve presença esporádica devido a questões de saúde. Os encontros foram marcados por escuta empática, partilhas significativas, autorreflexão e fortalecimento dos vínculos, abordando vivências de luto, traumas, ausência de rede de apoio, desafios na maternidade, conflitos familiares e superação pessoal. Dinâmicas como escolha de músicas, construção da linha do tempo, desenho da montanha e representação simbólica de pontes possibilitaram resgatar memórias, ressignificar histórias de vida e fortalecer autoestima e identidade das participantes. O acolhimento e a confiança revelaram o potencial terapêutico da vivência grupal. As devolutivas finais apontaram que o grupo se consolidou como espaço de pertencimento, escuta e transformação subjetiva, destacando-se como um espaço construído por e para os vínculos, desde sua constituição até a finalização do processo.

Palavras-chave: grupo terapêutico; saúde mental; subjetividade; vínculo; vivência grupal.



Reflexões sobre a supervisão da atuação de voluntários no projeto ConViReS

Amanda Silvia Lima Muniz dos Santos Sobral

O resumo apresentará reflexões sobre a supervisão da atuação de voluntários no projeto ConViReS, criado em 2021, pelas psicólogas Luiza Mello e Ana Carolina Barbosa, para ofertar de um espaço seguro de escuta acolhedora e respeitosa, de compartilhamento de experiências, vivências e orientações para pais e cuidadores de pessoas com deficiência, através de rodas de conversa, uma vez por semana e de forma remota para promover reflexões sobre temas como autocuidado, saúde, direitos e deveres, família e demais temas que surgem durante a interação entre os grupos. Durante o ciclo de julho/dezembro de 2024 e março/junho de 2025, realizei supervisão com voluntários (psicólogos e estudantes de psicologia) que atuam nas rodas. E em cada supervisão, foi possível construir junto com os voluntários, estratégias de acolhimento dos participantes das rodas através de debates, trocas de experiências, indicação de leitura, orientação sobre as ações já realizadas e as ações a serem realizadas. Todas atividades realizadas foram supervisionadas e acompanhadas através dos relatórios desenvolvidos pelos voluntários. Durante os encontros de supervisão, alguns dos conceitos de psicologia social, terapia familiar, terapia Cognitivo-Comportamental, entre outras, foram discutidos, respeitando sobretudo, o código de ética vigente e atuação individual de cada voluntário. Foi possível desenvolver, reflexões sobre a psicologia dentro das áreas de educação, direitos humanos, direitos civis, etc. Como resultado, ficou em evidência o significativo avanço relacionado à interação em grupo, fortalecimento da rede de apoio, autoconhecimento e ao compromisso das psicólogas e estudantes de psicologia. Durante o ciclo foi possível refletir também, sobre os atravessamentos de cada um, as contribuições da psicologia e a importância do projeto ConViReS, tanto na vida dos pais e cuidadores, quanto na formação contínua dos voluntários.

Palavras-chave: Supervisão; Formação contínua; Psicologia Social; Famílias Atípicas; Acolhimento em grupo.



Crônicas de uma criança viada: o falso privilégio de uma socialização “masculina”

Grecairel Greco Müller dos Santos

O presente trabalho tem como objetivo apresentar contribuições que questionam e desenvolvem alternativas em relação aos saberes hegemônicos produzidos dentro da Psicologia sobre desenvolvimento infantil. Saberes estes caracterizados pela falta de diálogo com realidades brasileiras, patologização de infâncias cuir e imposição de performances binárias de gênero como sinônimo de saúde. Através das minhas vivências - uma travesti carioca - enquanto criança viada, opto por realizar uma autoetnografia ao acrescentar relatos pessoais ao longo do texto que dialogam com as autoras que compõem o referencial teórico. É compreendendo a importância de trabalhos como os de Sofia Favero sobre infâncias trans, Jaqueline Gomes de Jesus quanto ao transfeminismo no Brasil e Viviane Vergueiro sobre autoetnografias trans que consigo propor um diálogo entre autoras brasileiras e o conceito de redes desenvolvido a partir da Teoria Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour, para promover uma revisão bibliográfica que impulsiona conexões inéditas. As composições teóricas e autoetnográficas permitem o desenvolvimento de críticas acerca da noção de que só existe a possibilidade de haver uma socialização enquanto menina ou menino - que ignora as interseccionalidades presentes nas vivências de crianças cuir. Sendo assim, torna-se relevante desenvolver argumentos acerca do seguinte questionamento: será que, de fato, crianças viadas seriam privilegiadas no início da vida por terem tido uma suposta socialização “masculina”? Faço a costura, então, de algumas respostas através de notícias sobre violências contra crianças e adolescentes LGBTQIAPN+ no Brasil que escancaram realidades desafiadoras para aquelas que não compactuam com a hétero-cisnormatividade. Entre as principais conclusões, é possível observar a escassez de material disponível que aborde a especificidade do tema e o diálogo entre autoras brasileiras sobre questões de gênero e autoras brasileiras da TAR como possibilidade de tecer ideias de desenvolvimentos infantis que fujam de uma epistemologia hegemônica de binarismos.

Palavras-chave: criança viada; desenvolvimento infantil; psicologia; teoria ator-rede; travestilidade.



esTAR+: Política de Psicologia e Arte com TAR em Grupo LGBTQIAPN+

Clarisse Tavares de Arraes Alencar/ Grecariel Greco Müller dos Santos/
Rebecca Araújo Arruda/

O presente texto surge a partir da experiência de três estagiárias em Psicologia, mediadoras de um grupo psicoterapêutico para pessoas LGBTQIAPN+ na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, RJ. Compreendendo a necessidade de ofertar espaços de acolhimento a essa população, foi realizada uma pesquisa bibliográfica tendo como base autoras da Teoria Ator-Rede (TAR) e autoras LGBTQIAPN+ voltadas à experiências com Psicologia e Arte. Além de artigos científicos, foram utilizadas produções artísticas, como suporte teórico e prático. A proposta de “pesquisarCOM” as pessoas participantes, conceito de Márcia Moraes, nos inspira a compartilhar reverberações que nos atravessam, adotando autoetnografias e contribuindo para a possibilidade de se pensar uma psicologia não-neutra. Fazemos uma psicologia política, localizada historicamente e culturalmente, conforme afirma Annemarie Mol com seu conceito de “políticas ontológicas”. A partir das autoras e artistas inspirações, desenvolvemos atividades em grupo baseadas em conceitos da TAR e nos atravessamentos sentidos pelas mediadoras com as obras artísticas. Os trabalhos de Linn da Quebrada, Ventura Profana e Castiel Vitorino inspiraram um total de quinze encontros, nos quais foi possível observar e cuidar de demandas trazidas pelo coletivo, bem como movimentar outras ações dentro da academia que tivessem como objetivo letramento quanto a pautas LGBTQIAPN+ e a inclusão de autoras contemporâneas da comunidade nas disciplinas da grade curricular.

Palavras-chave: Arte; LGBTQIAPN+; Política; Psicologia; Teoria Ator-Rede



Psicologia e o Compromisso Social com a População LGBTQIAPN+

Jéssica Maria Christofoleti Galvão Vieira

A Psicologia foi regulamentada como ciência e profissão no Brasil pela Lei Nº 4.119 no ano de 1962, e por um período de tempo atuou na manutenção das desigualdades de gênero, servindo a classes sociais dominantes, patologizando, segregando e excluindo as pessoas que se apresentavam diferente do padrão cisheteronormativo. Historicamente essas identidades foram caracterizadas como “desviantes”, “anormais” e/ou “patológicas”.

Porém no decorrer da última década, a psicologia tem construído posicionamentos ético-político e científicos em defesa da despatologização das identidades de gêneros e das orientações sexuais, assumindo um compromisso social de romper com as desigualdades, os padrões estabelecidos socialmente como única forma de comportamento correto e os preconceitos direcionados à diversidade.

Segundo a Referência Técnica para Atuação de Psicólogos em Políticas Públicas para a população LGBTQIAPN+, a atuação dos profissionais deve estar alicerçada em bases científicas reconhecidas nacional e internacionalmente, no respeito a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em cumprimento do Código de Ética do Psicólogo e das Resoluções CFP Nº01/1999, CFP Nº 01/2018, CFP Nº08/2020 e CFP Nº08/2022.

A partir do exposto é possível compreender que, o compromisso social da psicologia envolve a promoção de saúde mental, a inclusão e a equidade, a defesa dos direitos humanos, as intervenções nos mais variados contextos sociais, a contribuição para uma construção da sociedade mais justa e inclusiva, entre outros.

O Fazer da psicologia precisa ser implicado em compreender as diversidades e as pluralidades das pessoas, entendendo que a identidade é um movimento, e não uma imposição.

Palavras chave: psicologia, LGBTQIAPN+, mostra CRP-RJ.



Discursos de ódio na internet: masculinismos e impactos na saúde das mulheres

Hevellyn da Silva Amaral

Este trabalho é fruto do subprojeto de PIBIC-Fiocruz, intitulado “Movimentos ‘masculinistas’ e o ódio ao feminino”, que foi desenvolvido no período de setembro de 2023 a agosto de 2024. Este subprojeto foi um desdobramento de uma pesquisa em andamento acerca da “Violência política de gênero, discursos de ódio e desinformação em interface com a saúde”. A partir disso, buscou-se abordar a temática dos discursos de ódio na internet, sobretudo, os discursos de ódio ao feminino. Para tanto, foi adotado o conceito de violência de gênero enquanto um fenômeno complexo e multifacetado que se manifesta de diversas formas, impactando desproporcionalmente as mulheres, consideradas em sua diversidade socioeconômica, racial e identidade de gênero. Nesse sentido, objetivou-se averiguar a produção científica acerca dos discursos de ódio na internet e mapear grupos de homens organizados na internet, que produzem discursos de ódio ao feminino. A metodologia utilizada na pesquisa foi de uma revisão bibliográfica narrativa, em que a coleta de dados consistiu em uma busca exploratória pelas diferentes mídias jornalísticas e redes sociais, em forma de observação não participante com posterior análise documental. A partir da análise dos dados coletados foi possível entender que no debate sobre discurso há uma linha tênue entre o entendimento do que é discurso de ódio e o que é liberdade de expressão. E que esse debate se configura em razão da polarização política que vem sendo observada na última década. Além disso, mapeou-se o que chamamos de grupos masculinistas, entendidos como grupos de homens que se articulam pela identificação partindo de discursos misóginos e de supremacia masculina, mas que possuem suas singularidades ao se subdividir em três principais grupos: redpill, MGTOW e incels. Por fim, foi possível observar que o discurso de ódio influencia de diferentes formas na saúde física e mental das mulheres.

Palavras-chave: Masculinismo; discurso de ódio; violência de gênero; movimento masculinista; masculinidades

Fonte financiadora do trabalho: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - PIBIC Fiocruz.



Ofélias: lugar de objeto na tragédia shakespeariana e na clínica psicanalítica

Rafaela Antunes Fernandes Petrone/ Maria Catharina Baptista de Paula

Sigmund Freud ao construir a ciência da psicanálise fundamentou-se na ciência da literatura, considerando que o fato clínico tem natureza narrativa. O rigor conceitual do cientista e o rigor formal do poeta foram evidenciados na constituição da psicanálise. O presente trabalho visa discutir a possível relação entre um caso clínico com a personagem Ofélia, a jovem dama da corte dinamarquesa na tragédia Hamlet, de William Shakespeare (1601). A jornada trágica da personagem é marcada pela obediência filial e pelo amor romântico ao personagem-título, culminando em uma aparente loucura e subsequente morte. Apesar de estar presente em poucas cenas, a personagem possui papel importante no desenvolvimento da trama. O psicanalista francês Jacques Lacan lê a obra Hamlet como o drama do desejo na relação ao desejo do Outro. Nesta tragédia, Lacan encontra uma configuração homóloga à estrutura topológica do desejo, apresentada por ele durante o seu seminário sobre o desejo e sua interpretação, de 1959. Neste seminário, Lacan trata da personagem Ofélia a colocando na posição de objeto – o “objeto Ofélia”, em última análise o objeto causa de desejo de Hamlet. Através de um relato de experiência, pretende-se apresentar o embasamento fornecido pela tragédia shakespeariana alicerçado pela psicanálise relacionando ao questionamento da paciente, surgido no processo terapêutico, sobre o lugar de objeto por ela ocupado. Esse retorno às origens psicanalíticas durante o acompanhamento da paciente ressaltou a importância da relação com o desejo do Outro e do lugar que o sujeito ocupa a partir disso, uma vez que o sujeito pôde emergir e sustentar um posicionamento diante do que urge.

Palavras-chave: psicanálise; literatura; Hamlet; Ofélia.



Diálogo com Freud: experiência imersiva com IAs para calouros de psicologia

Danilo Prazeres Cunha

A atividade "Diálogo com Freud" foi realizada como prática inovadora com estudantes ingressantes do curso de Psicologia, com o objetivo de promover uma imersão afetiva e intelectual desde o início de sua trajetória acadêmica. Por meio de uma inteligência artificial programada para representar Sigmund Freud, os estudantes puderam formular perguntas diretamente ao "pai da psicanálise" e receber respostas por voz em tempo real. Durante a prática, observou-se um elevado nível de encantamento e surpresa: muitos estudantes relataram emoções como alegria, admiração e até mesmo comoção ao "conversar" com Freud. Em um momento marcante, o próprio "Freud" perguntou aos estudantes como era viver no ano de 2025, demonstrando fascínio com os avanços da Psicologia e da sociedade moderna. Essa interação dinâmica não apenas aumentou o interesse dos alunos pelo estudo teórico, mas também favoreceu uma maior conexão emocional com a história da Psicologia. O resultado foi um ambiente de aula mais acolhedor, motivador e entusiasmado, com estudantes mais confiantes e encorajados a enfrentar os desafios acadêmicos. A prática demonstrou o potencial das tecnologias emergentes como ferramentas educativas capazes de democratizar o conhecimento e tornar o processo de aprendizagem mais significativo. A experiência reforça a importância de estratégias pedagógicas criativas para fomentar o envolvimento e a construção de vínculos afetivos no ensino superior em Psicologia.

Palavras-chave: Educação Inovadora ,Inteligência Artificial ,Bate-papo com Freud

Fontes financiadoras do trabalho: Universidade Estácio de Sá



Raízes, vozes e consciência: o despertar do protagonismo pela psicologia crítica

Danilo Prazeres Cunha

A história do trabalho e da Psicologia, tanto no mundo quanto no Brasil, foi marcada por profundas transformações, moldadas por avanços científicos e tensões sociais. No contexto brasileiro, esses processos estão intimamente ligados à escravidão, ao racismo e às políticas eugenistas, temas ainda hoje centrais. Como professor universitário, busco estimular o senso crítico dos estudantes, incentivando-os a ultrapassar narrativas eurocêntricas. Para isso, idealizei e coordeno encontros quinzenais de um grupo de estudos no campus de Sulacap (Rio de Janeiro), abordando temas das disciplinas de Psicologia Social, Jurídica e Organizacional do Trabalho. Os encontros promovem discussões sobre letramento racial, resgate da ancestralidade e valorização da cultura panafricana, visando à desalienação e ao desenvolvimento de uma cidadania ativa e consciente. As atividades envolvem a apresentação de pensadores fundamentais, como Ignacio Martín-Baró, Tiago Rogero, Saulo de Freitas Araújo e Djamila Ribeiro, que enriquecem o debate teórico e prático. Discutimos temas que vão da invasão europeia às Américas e o período colonial até questões contemporâneas, como a ditadura militar, a lei da vadiagem, a política antimanicomial, a PEC das Domésticas, o surgimento do SUS, o sistema de cotas, a Constituição de 1988, a luta contra o trabalho análogo à escravidão (6x1) e, recentemente, a inclusão dos riscos psicossociais na NR1. Essas reflexões têm resultado em estudantes mais engajados, críticos e conscientes de seus direitos, aptos a promover debates sociais e a protagonizar transformações em seus contextos de vida.

Palavras-chave: Protagonismo Estudantil, Cidadania Ativa, Desalienação, Ancestralidade

Fontes financiadoras do trabalho: Universidade Estácio de Sá



Construindo Relações entre Enação e Clínica: Experiências de um Grupo de Estudos

**Marina Monteiro Athila/ Lorenzo Miguel Donato de Oliveira Santos/
Mariana Soares Saraiva (Yuri)/ Felipe Jana Laucas de Campos/
Venâncio Vellozo Melo**

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência formativa do Grupo de Estudos (GE) "Enação e Clínica" organizado por discentes de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Este grupo emergiu em 2023 a partir de afetações decorrentes da disciplina "Ciências da Cognição", ministrada pela professora Beatriz Sancovschi, que introduz e aprofunda a discussão do enativismo. A Enação surge nos anos 1990 como um movimento dissonante no campo de estudos da cognição a partir da publicação do livro "The Embodied Mind", de Varela, Thompson e Rosch. A abordagem propõe a recuperação do sentido vivo da cognição, inspirada na fenomenologia de Merleau-Ponty e na filosofia budista, recusando os paradigmas representacionais, a partir da premissa da continuidade entre mente e vida. Embora o enativismo venha ganhando espaço no cenário científico, inclusive na Psicologia, ainda há lacunas quanto ao seu potencial como intercessor na prática clínica. O GE tem como proposta se debruçar sobre esta questão, reconhecendo o potencial formativo da abordagem enativa em diálogo com a clínica. A metodologia deste trabalho é o relato de experiências dos integrantes do grupo. Este é composto por 10 participantes que se reúnem semanalmente, de forma presencial, na sala do Núcleo de Pesquisa Cognição e Coletivos (NUCC) do Instituto de Psicologia da UFRJ. Como resultado dos relatos de experiência, observou-se que emergem do grupo variadas preocupações pragmáticas e epistemológicas provocadas pela abordagem enativa que fornecem pistas para práticas clínicas em Psicologia. Além disso, a experiência do grupo, organizado de forma autônoma entre os estudantes, fortaleceu redes de produção de conhecimento conjunto, potencializando seu papel como dispositivo de formação acadêmica e ético-política.

Palavras-chave: Psicologia, Ciências da Cognição, Enação, Grupo de Estudos, Formação.



A importância da mediação escolar no TEA: um relato de experiência

João Navarro de Carvalho Gonçalves/ Ana Carolina Figueiredo Peixoto

A mediação escolar é uma prática de apoio individualizado que visa favorecer a inclusão de alunos com necessidades específicas no ambiente escolar. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades persistentes na comunicação social, na interação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. O DSM-5 classifica o TEA em três níveis de suporte, que indicam a intensidade do apoio necessário para que a pessoa possa lidar com os desafios do dia a dia. Este trabalho tem como objetivo evidenciar a importância da mediação escolar conduzida por psicólogo no acompanhamento de um aluno com TEA (nível de suporte 2) do ensino fundamental no âmbito privado por meio de um relato de experiência. Observou-se que a mediação escolar contribuiu significativamente para o enfrentamento de desafios cotidianos, como a permanência na escola, a regulação emocional, as dificuldades de aprendizagem e as interações sociais. Nesse sentido, a mediação se consolida como uma ferramenta fundamental no contexto escolar para o acompanhamento de estudantes com TEA. Além disso, destaca-se a contribuição da formação de psicólogo que possibilitou uma atuação articulada com a equipe pedagógica, os colegas, a família, os cuidadores e o próprio estudante, favorecendo uma compreensão ampla e qualificada sobre as demandas associadas ao transtorno do espectro autista. Por fim, o trabalho também considera algumas limitações e propõe reflexões acerca dos desafios e possibilidades da mediação escolar.

Palavras-chave: relato de experiência; mediação escolar; transtorno do espectro autista

Fonte financiadora do trabalho: Não se aplica.



Da Necropolítica a Maternidade Negra: Luto, Luta e Fronteiras Éticas da Psicologia

Marcelle de Souza Santos

O presente trabalho originou-se a partir de uma monografia do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), configurando-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e a metodologia utilizada é a revisão bibliográfica de materiais interdisciplinares. Parte da premissa de que o processo de colonização, bem como seus desdobramentos desembocados no capitalismo moderno, racismo estrutural e trauma, confluíram para o sofrimento físico e psíquico da população negra. Foca-se, então, nas mulheres-mães negras, vitimadas pela violência estatal a partir do assassinato de seus filhos, explicitando na prática o conceito de necropolítica e a retirada do direito de maternas. Objetiva a investigação da formação de subjetividade dessas mulheres, antes e após o mencionado ato de violência, incluindo suas formas de elaboração da dor e do luto através da organização coletiva e mobilização da raiva enquanto combustível de enfrentamento. Além disso, o trabalho propõe uma reflexão crítica acerca da formação em psicologia bem como as práticas psis em âmbitos sócio comunitários, uma vez que dentre os princípios fundamentais descritos no código de ética, a promoção da saúde e qualidade de vida alinhado a prática emancipatória para eliminação de discriminação, exploração, violência, opressão e negligência, são indissociáveis do exercício ético da profissão. Atualmente, a pesquisa se encontra em desenvolvimento para um projeto de mestrado, com o propósito de se tornar um estudo de campo. Nele, a narrativa será construída em conjunto com as mulheres que emprestaram suas histórias atuando enquanto donas de suas próprias vozes. Os questionamentos que emergiram nessa etapa inicial se expandiram para indagar se a Psicologia, enquanto ciência e profissão, questiona criticamente as violências sócio-historicamente sofridas por grupos sociais minorizados e se está disposta a atuar diretamente nos territórios, oferecendo um cuidado não patologizante àqueles que enfrentam uma realidade concreta de terror exercido pelo Estado.

Palavras-chave: psicologia; subjetividade; mulheres-mães negras; necropolítica; formação sócio-histórica.



Análise do Sofrimento Psíquico Feminino pela Ótica das Relações de Gênero

Ingrid Ribeiro Pinto Grigorovski/ Deborah Uhr

Em uma sociedade guiada pela lógica binarista, as identidades feminina e masculina são moldadas por categorias de valor específicas para cada gênero, que estabelecem os ideais sociais a serem seguidos. Historicamente, mulheres que não desempenhavam os papéis sociais esperados eram associadas à loucura, contribuindo para estereótipos que desvalorizam o feminino e suas atribuições até os dias atuais. Nesse contexto, as mulheres assumem múltiplas funções, enfrentando frequentemente maiores responsabilidades domésticas e familiares, menos poder econômico e social, além de serem alvo constante de violências. Essa alta expectativa de desempenho resulta em um desgaste emocional significativo, e torna a saúde mental feminina especialmente vulnerável. O gênero, passa a ser, então, uma das razões pelas quais se estabelecem diferentes formas de vivenciar o sofrimento psíquico, que é resultado de uma interação complexa envolvendo fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, e que se expressa de maneira diferente entre homens e mulheres. O objetivo desta pesquisa foi, então, utilizar o conceito de gênero como uma janela para o entendimento do adoecimento psíquico de mulheres. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico narrativo acerca da trajetória histórica social feminina, perpassada pelo machismo e outras violências, fazendo uma interface com a história da psiquiatria a fim de elencar os efeitos produzidos na saúde mental das mulheres. Entre as fontes consultadas estão livros, artigos, dissertações e legislações. Notou-se que não há diferenças nas taxas gerais de psicopatologia entre eles, mas homens e mulheres diferem no tipo de psicopatologia experimentada. Nesse sentido, mulheres apresentam uma prevalência de transtornos mentais comuns, especialmente aqueles considerados internalizantes, como depressão e ansiedade, enquanto os homens apresentam maior uso abusivo de álcool.

Palavras-chave: gênero; saúde mental; mulheres; relações de gênero; transtornos mentais comuns.



Atenção Primária à Saúde: Desafios do trabalho em rede

Júlia Gomes da Silva Lemos/ Lurdes Perez Oberg/ Pedro Renan Santos Oliveira

Este resumo discorre sobre as principais questões que envolvem as atividades dos trabalhadores (as) da saúde na política pública do SUS, a partir de uma prática de estágio na Atenção Primária à Saúde com foco na Estratégia de Saúde da Família. Nesse sentido, ancora-se a partir da intersetorialidade, integralidade, interdisciplinaridade e interseccionalidade, como um conjunto teórico-metodológico que orienta ético e politicamente as ações da psicologia nas políticas públicas, cujos registros foram sintetizados em diários de campo. Verificou-se, portanto, uma tendência à especialização das áreas de conhecimento, dos contratos de trabalho temporários, da desconsideração da política do Estado, e de uma formação que desconsidera o trabalho do profissional nas políticas públicas. Tais aspectos corroboram para a fragmentação dos serviços, o adoecimento de profissionais e a fragilidade das ações em rede. Então, a aposta colocada nesta pesquisa está em valorizar as suas dimensões afetivas e políticas com foco na articulação entre saberes e serviços com os (as) diferentes protagonistas envolvidos no cuidado em saúde. Espera-se contribuir para que as atividades do trabalho possam ser tomadas em sua historicidade, que rompam posicionamentos fatalistas e que responsabilizem os(as) usuários(as) por suas condições de vida. Prioriza-se estratégias que auxiliam os(as) trabalhadores(as) a identificar problemas concretos, com ênfase nas suas potencialidades, em alternativas de cuidados que atendam às demandas dos usuários(as), segundo a realidade do território e das famílias. Neste sentido, ressalta-se que na Atenção Primária à Saúde busca-se um esforço cooperativo de implicação coletiva. Uma postura de ação que exige o mapeamento da rede de serviços, mas, também, o diálogo, ao construir uma mudança nos fluxos de encaminhamentos.

Palavras-chave: atenção primária; SUS; trabalho em rede.



Para construir um corpo: o brincar para a construção de um sujeito integrado

Jhenifer Lessa de Jesus dos Santos

Desde a observação do fort-da por Freud, a psicanálise se debruça sobre a observação e estudo da causa infantil a partir do brincar. O objetivo do presente trabalho é fazer contribuições ao estudo e observação do brincar das crianças com perturbações no processo de desenvolvimento. Portanto para esta discussão foi usada uma revisão bibliográfica de trabalhos de abordagem psicanalítica que abordam o tema da clínica da infância.

Brincar é uma prática significativa, não há nenhuma questão significativa a estruturação de uma criança que não passe por seu brincar, ademais, não há perturbação ou perigo para estruturação de uma criança que não se apresente também no brincar.

A percepção de corpo como um envoltório que contém o eu, não é dada, ela é construída. Os mitos familiares e significantes atrelados a vida ou pré-vida de um sujeito podem contribuir para a construção de seu corpo, porém existe uma etapa fundamental para aquisição deste corpo que não pode ser desprezada; a construção de superfícies. Ainda quando bebê, o sujeito tem um trabalho a ser feito para a edificação do seu corpo, e se põe a trabalhar perfurando e arrancando matérias que se apresentam a ele construindo películas e superfícies contínuas com tudo em que puser as pequenas mãos. Este processo de construção é fundamental para a criação de percepção de um corpo unificado que posteriormente pode ser visualizado diante do espelho.

A passividade de uma criança diante do ambiente, impede que ela brinque, e consequentemente, a impede de se edificar como um sujeito integrado. Perturbações no desenvolvimento acarretam uma construção precária do eu. Tentativas de construir superfícies e separar o eu do não eu apresentada por bebês podem aparecer tardiamente em algumas crianças por meio de um brincar que objetive construir linhas com objetos ou espalhar brinquedos por exemplo.

Palavras-chave: psicologia; psicanálise; clínica da criança; perturbações no desenvolvimento.



A efetividade da Terapia Cognitivo-Comportamental no desenvolvimento de habilidades sociais

Victor de Araujo Barbosa

Este relato é de um caso clínico tendo como referencial teórico e prático a Terapia Cognitivo-Comportamental aplicada no desenvolvimento de habilidades sociais. O caso é de uma mulher branca de 36 anos, heterossexual, solteira, não tem filhos, vive sozinha e trabalha em dois hospitais; para preservar o sigilo, a paciente receberá o nome de Selma. Ela apresentou ansiedade constante em decorrência dos conflitos do seu trabalho e da sua família o que gera dificuldades de desenvolver habilidades sociais. Antes morava em Volta Redonda, mas optou em estudar enfermagem e morar na cidade do Rio. Ao receber a notícia do falecimento do pai, começou a desenvolver pensamentos de culpa por não estar perto da mãe. Como resultado a sua ansiedade ficou acentuada e desenvolveu pensamentos disfuncionais como foco no julgamento, supergeneralização e adivinhação do futuro. A paciente procurou a terapia por não está conseguindo lidar com os seus conflitos intrapessoais, o que afeta diretamente os seus relacionamentos interpessoais. As metas terapêuticas estabelecidas em conjunto com a paciente foram a promoção do autocuidado e do senso de efetividade para resolução de conflitos, bem como a capacidade de perceber e expressar suas próprias necessidades para aprimorar suas habilidades sociais. Foi aplicado o registro de pensamentos disfuncionais, questionamento socrático, curtograma, descoberta guiada, e foi feita a psicoeducação sobre estresse, inteligência emocional e relacional, com a finalidade de trabalhar a reestruturação cognitiva. Até o momento, foram realizadas seis sessões, e a paciente pôde ser mais assertiva nos seus relacionamentos interpessoais exercendo a sua função profissional no seu trabalho, sem deixar de ajudar suas colegas, ao invés de ajudar suas colegas e deixar suas atividades profissionais por último, e pôde melhorar seu relacionamento com a mãe que mora cerca de 98 km mantendo contato com mais frequência do que antes da terapia.

Palavra-chave: Terapia cognitivo-comportamental; Habilidades sociais; Relacionamentos.



Trilhando Éticas em Redução de Danos

Lohane Pereira Zuniga

Esta monografia pretendeu investigar a importância de pensar a redução de danos além do uso de psicoativos, e como continuar a instituir essa política de cuidado enquanto uma política pública que deve ser assegurada pelo Estado para torná-la uma prática de saúde coletiva a ser seguida pelos profissionais do Sistema Único de Saúde. A monografia teve como proposta compreender a trajetória de luta dos cidadãos em conjunto com outros atores sociais para garantir saúde no sentido mais amplo do conceito para todos, independente de serem usuários de psicoativos ou não. Este trabalho também reafirma a Política Nacional de Redução de Danos através de estratégias como a formação de profissionais, com foco na escola de Redução de Danos na cidade de Macaé enquanto trans(formadora) e capacitadora de profissionais orientados a conduzir uma prática de cuidado fundamentada no antiproibicionismo, no código de ética da profissional psicóloga e nos princípios do SUS. A metodologia utilizada foi a construção de uma cartografia utilizando também revisão bibliográfica e análise de conteúdo de entrevista semi-aberta feita de forma remota pelo Google Meet com as estudantes da escola de Redução de Danos em Macaé do ano de 2023. Os resultados colhidos confirmam que a Escola Peito do Pombo ao fornecer seu curso de redução de danos cumpre um papel importante com a sociedade ao preparar os profissionais para exercerem práticas de saúde coletiva, para o contato com os usuários de substâncias psicoativas e ao incentivá-los a pensar de uma maneira diferente fundamentando-se sempre na ética ao se relacionar com o outro abarcando seus diferentes modos de ser no mundo. Este trabalho foi submetido na Plataforma Brasil e aceito pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob a numeração de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 76168623.7.0000.8160.

Palavras-chave: ética da psicóloga; redução de danos; direito à saúde.

Fonte financiadora do trabalho: Nenhuma.



Arteterapia na educação: processos criativos e a formação do pensamento crítico

Claudia Lefebvre Ribeiro Bastos

De que maneiras o fazer artístico pode participar da formação do pensamento crítico na educação? A partir da experiência em encontros de arteterapia com estudantes de um curso pré-vestibular social, trago reflexões sobre o papel dos processos criativos artísticos na construção do pensamento crítico segundo as ideias de bell hooks. Os encontros fazem parte das atividades oferecidas pelo Projeto de Ensino Cultural e Educação Popular (PECEP), organização não governamental fundada em 2001 com o objetivo de preparar os estudantes tanto para o ingresso na faculdade quanto para a vida num sentido mais amplo, dando atenção especial à formação destes estudantes como indivíduos capazes de lidar com os múltiplos desafios em seus percursos. Com duração média de uma hora e meia por semana, os encontros são atualmente conduzidos por duas arteterapeutas, fora do horário das aulas regulares, num laboratório de ciências da Escola Parque, na Gávea. Planejar suas produções escolhendo cores, formas, imagens, direções. Experimentar materiais como carvão, lã, nanquim, argila. Perceber gestos como rasgos, preenchimentos, modelagens, pinceladas. Elaborar sentidos. Partilhar com o grupo. Atentar para a diversidade dos caminhos percorridos nas produções, mesmo partindo de uma mesma proposta orientadora. Exercitar uma escuta ativa das diferentes narrativas apresentadas. Concluo que a experiência com estes e outros tantos elementos que compõem os processos criativos podem tocar em pontos essenciais para o desenvolvimento de um pensamento crítico de acordo com bell hooks no livro "Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática". A participação ativa dos estudantes no espaço escolar, a formação de comunidades de aprendizagem onde a valorização das experiências pessoais dissolve hierarquias, o mergulho em ideias, a materialização destas ideias pelas mãos e o exercício do livre vagar da mente e da imaginação são alguns destes pontos trazidos pela autora que surgiram nesta reflexão a partir da prática.

Palavras-chave: psicologia; arteterapia; educação; bell hooks; pensamento crítico



esTAR Mulher: Prática em Psicologia e Arte articulada com a Teoria Ator-Rede

**Luiza Gonçalves Monteiro Bezerra/ Debora Emanuelle Nascimento Lomba/
Rebecca Araujo Arruda**

O trabalho surge do encontro de duas estudantes de Psicologia no Estágio Supervisionado de Psicologia e Arte articulado com a Teoria Ator-Rede (TAR), onde foi criado o grupo psicoterapêutico esTAR Mulher. Buscando mobilizar vínculos entre atores humanos e não-humanos, propusemos um espaço de acolhimento para mulheres, utilizando a TAR como metodologia de pesquisa e abordagem clínica. Nos quatro encontros realizados, trabalhamos com obras da artista Rupri Kaur, refletindo sobre o que é estar mulher na sociedade atual. Essa escolha se deu a partir da análise de que mundos gostaríamos de criar, ou seja, o que se “faz fazer” com o grupo, conforme o conceito de Bruno Latour, pensando o que nosso “bom encontro promissor”, conceito de Débora Lomba e Thiago Lima, poderia reverberar na construção dessa rede. Enquanto pesquisadoras, trabalhamos com a proposta de pesquisar COM, conceito de Márcia Moraes, sem pretensão de neutralidade, partindo justamente da implicação. Neste trabalho, focamos em como essa experiência nos atravessou e transformou nosso olhar sobre a prática clínica, compondo uma nova forma de estarmos no mundo, especialmente como psicólogas, mas também em outras relações. Dentre as reverberações mapeadas, foi marcante o atravessamento do patriarcado incrustado em nossas experiências de estar. A partir da história de cada mulher, levantamos questionamentos que pudessem provocar deslocamentos e novos olhares nas redes que compõem seus modos de existir. Os encontros evidenciaram o processo de composição das subjetividades, tecidas a partir das implicações nas relações com humanos e não-humanos. Estamos nos fazendo e nos refazendo, na medida em que experienciamos. Pela proposição de pesquisarmos COM aquelas mulheres, vislumbramos uma clínica mais horizontal, na tecedura de uma ciência no feminino, conceito de Isabelle Stengers, ou seja, implicada e singular, em contraposição à neutralidade e ao distanciamentos propostos pela ciência hegemônica e patriarcal.

Palavras-chave: psicologia e arte; psicologia clínica; teoria ator-rede.



Corpos Gestantes, Territórios que Gritam: Experiências em Maternagem e Saúde Mental Periférica

Natasha Valeska Ribeiro dos Santos/ Domênica Borges Silva

Este relato de experiência nasce da vivência na Clínica da Família (CF) Nildo Eymar de Almeida Aguiar, na atenção biopsicossocial a mulheres gestantes, no cuidado ampliado e compartilhado com o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) III Lima Barreto, na área programática 5.1. As autoras são uma profissional psicóloga, residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS/RJ), e uma assistente social do CAPS III Lima Barreto, mestranda em Atenção Psicossocial (MEPPSO-IPUB-UFRJ). Este relato de experiência foi desenvolvido a partir da atuação com gestantes cisgênero residentes no território de Realengo, vinculadas à Clínica da Família Nildo Aguiar. Os atendimentos, realizados de forma presencial, foram motivados por uma demanda da Coordenação de Área Programática (CAP) 5.1, que visava ações de enfrentamento à mortalidade materno-infantil. Durante esse processo, identificaram-se sinais de adoecimento psíquico nas gestantes, caracterizados como importantes fatores de risco à saúde mental materna. A partir dessa constatação, estruturou-se um plano de cuidado individualizado, incluindo articulações com o CAPS de referência do território, viabilizando, assim, um cuidado compartilhado e ampliado. O objetivo do relato é refletir sobre a maternagem dessa população adoecida, a partir do contexto de vulnerabilização social e econômica no qual esse corpo está inserido. Observa-se a necessidade de um debate franco e sensível sobre os determinantes sociais da saúde mental da pessoa gestante e os impactos do contexto territorial para a promoção de uma saúde pública de qualidade, com um olhar interseccional para o desafio apresentado, tornando urgente o olhar dos profissionais da saúde sobre esses corpos-territórios-periféricos.

Palavras-chave: Gestação; Determinantes sociais da saúde; Território.



Corpos que Gritam Silêncios: Entre Adoecer, Adolescer e Resignificar

Natasha Valeska Ribeiro dos Santos

Este trabalho surge a partir das vivências como psicóloga residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde/RJ, no território da CAP 5.1, na unidade da Clínica da Família Nildo Eymar de Almeida Aguiar, em Realengo. As experiências no Programa Saúde na Escola (PSE) e nos atendimentos psicológicos individuais têm evidenciado uma forte correlação entre a prática de bullying e o adoecimento psicossocial de adolescentes. Esse adoecimento tem se apresentado através de quadros de sofrimento psíquico intenso, com destaque a episódios de lesões autoprovocadas, eventualmente, reproduzidas no ambiente escolar, dentro de dinâmicas coletivas de violência simbólica e física. Logo, observa-se uma crescente demanda por parte de instituições escolares e familiares pela intervenção da equipe de saúde. Por outro lado, observa-se que o adolescente, muitas vezes reduzido a uma categoria única e esvaziada de sentido, é convocado a ocupar um não-lugar: nem mais criança, ainda não adulto. Sua existência viva na adolescência é recortada e invisibilizada, comumente resumida ao rótulo da desobediência. Na narrativa social, desobedecer é sinônimo de problema, enquanto obedecer, sem reflexão, significa "dar certo". Com isso, ignora-se a potência crítica e criativa que habita esse momento da vida. Diante desse cenário, propõe-se, através de intervenções grupais com adolescentes na unidade, a construção de um espaço de escuta, afeto e reconhecimento. Um lugar onde a diferença não seja motivo de punição, mas de potência. Onde a desobediência possa ser resignificada como forma legítima de expressão e afirmação de subjetividades em movimento. Promover saúde, aqui, é também garantir o direito à alegria, à invenção de si e à construção de futuros possíveis. Um exercício coletivo de produção de vida, onde o afeto transforma e inaugura novos sentidos para existir em meio "a vida dura".

Palavras-chave: Adolescência; Desobediência; Bullying; Adoecimento Psicossocial; Produção de Vida.



Escuta que Acolhe: O coletivo que ri, chora e é feliz

Natasha Valeska Ribeiro dos Santos

A experiência de maternar ultrapassa a idealização social da maternidade como um processo instintivo e plenamente gratificante. Trata-se de uma vivência complexa, atravessada por desigualdades de gênero, raça e classe, frequentemente marcada por sobrecarga física, emocional e psíquica. Ainda hoje, os transtornos mentais perinatais, como depressão pós-parto e ansiedade, por exemplo, são naturalizados ou negligenciados, gerando sentimentos de culpa e solidão. Diante dessa problemática, este trabalho busca refletir, sob uma perspectiva biopsicossocial, sobre o maternar de um corpo adoecido nas dimensões física, psíquica e social, considerando o processo de vulnerabilização social ao qual está submetido o corpo periférico. A reflexão parte da vivência na unidade da Clínica da Família (CF) Nildo Eymar de Almeida Aguiar, na condição de psicóloga residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS/RJ), na área programática 5.1. A partir do conceito de integralidade em saúde, busca-se pensar a inserção da psicologia nas consultas de pré-natal da unidade, reconhecendo os riscos em saúde mental identificados nos atendimentos em grupo, interconsultas e consultas individuais. Diante das diretrizes protocolares do pré-natal, observa-se uma persistente invisibilidade das questões relacionadas à saúde mental materna. Tal cenário, agravado pela escassez de serviços especializados e pela fragilidade das redes de apoio, intensifica os riscos, sobretudo entre mulheres em contextos de vulnerabilização social. Nesse contexto, torna-se imprescindível o fortalecimento de ações multiprofissionais e integradas, fundamentadas na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM). Mais do que isso, faz-se necessário o pleno reconhecimento, por parte dos profissionais de saúde, da importância da saúde mental, dos marcadores sociais e do território.

Palavras-chave: Maternar; Adoecimento Psicossocial, Vulnerabilização social; Pré-natal.



Neurociência e Tecnologia: Impactos sociocognitivos no abuso de telas

Mateus Antonio de Oliveira Santos Lobo

Este projeto apresenta um recorte teórico na reflexão das neurociências acerca do abuso de telas e seus impactos sociocognitivos. As neurociências objetivam entender o sujeito de forma holística, compreendendo a articulação entre subjetividade e fisiologia. Neste recorte, destaco os principais prejuízos cognitivos e sociais causados pelo abuso no uso de telas, pensando possíveis desdobramentos na vida do indivíduo. Tal direcionamento provém da análise do contexto social brasileiro contemporâneo, sendo uma pesquisa bibliográfica, de modo a questionar o proceder das relações humanas, embasada pelas literaturas acadêmicas científicas, disponíveis nas livrarias virtuais, como: Scielo; PubMed; LILACS; Diante das informações captadas e alinhadas, pode-se avaliar uma crescente nos prejuízos causados àqueles que abusam das tecnologias, sobretudo, telas. O agravamento no uso desenfreado das telas expõe os sujeitos a uma série de alterações, como: comprometimento do sistema dopaminérgico; defasagem no perfil atencional; defasagens relacionadas a sociabilidade; defasagens na memória; necessidade de validação externa; desregulação emocional; isolamento e ansiedade social; redução da empatia; O cruzamento das informações apresentou significativos prejuízos sociais e cognitivos nesses indivíduos, o que nos instiga a pensar criticamente como nossa prática profissional se articula nesse contexto. A articulação entre psicologia e neurociência deve ser utilizada como um avanço estratégico para o desenvolvimento de práticas integradas voltadas à promoção da saúde e qualidade de vida, possibilitando abordagens mais sensíveis às especificidades neurocognitivas e sociais dos indivíduos.

Palavras-chave: neurociência; tecnologia; abuso no uso de telas; impactos sociocognitivos;



Psicologia em Expansão: Reconhecimento e Desafios da prática profissional no Brasil

Bruna Marques de Mello

Mateus Antonio De Oliveira Santos Lobo

Este projeto visa refletir a inserção da psicologia enquanto ciência e profissão que, embora seja ampla e abarque diversos contextos, insta-se o questionamento: até que ponto nossa prática tem sido verdadeiramente compreendida e valorizada? Tal indagação surge da análise crítico-profissional dos autores que, estando no nicho das neurociências percebem algumas defasagens no que tange a abrangência das práticas em psicologia. Alguns exemplos evidentes dessa lacuna são a escassez de programas específicos nas áreas de neurologia e neuropsicologia, a baixa oferta de programas de residência e vagas insuficientes em concursos públicos, fomentando assim um desconhecimento dentre os próprios profissionais. Tal cenário é contraditório frente ao crescimento da demanda por serviços psicológicos, e ao número expressivo de profissionais atuando no país. Regionalmente, o Sudeste concentra 283.928 profissionais e o Nordeste, 98.767, sendo as duas maiores concentrações do Brasil como explicita o censo do Conselho Federal de Psicologia. Associado aos aspectos supracitados, uma parcela significativa da população brasileira ainda desconhece o papel da Psicologia nesse campo de cuidado e intervenção, reflexo de uma profissão jovem, mas em plena expansão. Uma vez que os princípios II e V do código de ética profissional do psicólogo corroboram para o direcionamento de uma prática centrada na promoção de saúde e na universalização do acesso da população às informações e serviços prestados, destaca-se a necessidade e o dever da realização de educação em saúde e conscientização da população acerca do papel do profissional de Psicologia nos diversos âmbitos de atuação, especialmente no que tange à neurociência, de modo que desta forma seja possível a consolidação dos profissionais nesses espaços colaborando para o cuidado integral dos sujeitos.

Palavras-chave: neurociência; residência multiprofissional; acesso à informação; expansão da psicologia.



Consideração Positiva Incondicional e Liberdade como Fundamentos Clínicos.

Clara Lauren Alves dos Santos
Isadora I. Ferreira dos Santos

Este trabalho resulta da experiência da autora como ex-aluna e atual parceira do Instituto Alétheia, localizado em Nilópolis, na Baixada Fluminense, voltado à formação clínica de estudantes de psicologia. Com o consentimento da direção do instituto, a pesquisa é desenvolvida no contexto da formação prática, contando com a colaboração institucional. Atualmente, ao participar da formação de novos alunos, a autora observa de perto as dificuldades enfrentadas por esses estudantes ao iniciarem a prática clínica, como a fragilidade na sustentação do vínculo terapêutico, a dificuldade em lidar com a subjetividade do outro e o recuo diante das implicações pessoais da escuta, questões frequentemente ligadas à ausência de aprofundamento teórico e vivencial durante a graduação. A pesquisa propõe integrar à formação clínica dois conceitos centrais: a consideração positiva incondicional, de Carl Rogers, e a liberdade, conforme Jean-Paul Sartre, por se tratarem de fundamentos ético-existenciais que oferecem suporte para uma escuta comprometida com a existência da singularidade e autenticidade do cliente, corroborando para construção da relação terapêutica. A metodologia articula a observação da prática clínica dos alunos no Instituto com uma revisão bibliográfica crítica das obras de Rogers, Sartre e outros autores que dialogam entre filosofia, ética e psicologia clínica, utilizando cruzamentos conceituais e análise comparativa para avaliar a aplicabilidade desses fundamentos. Como resultado esperado, acredita-se que a introdução desses conceitos na formação clínica possa favorecer uma postura terapêutica mais ética, reflexiva e eficaz. Embora o trabalho ainda esteja em andamento, já é possível observar mudanças significativas no modo como os alunos em formação vivenciam a prática clínica, demonstrando maior abertura, escuta qualificada e engajamento no processo psicoterapêutico.

Palavras-chave; Liberdade; Consideração positiva incondicional; Psicologia clínica.



Saúde Mental nas Escolas: Para Além de uma Perspectiva Individualizante

Larissa Pierre dos Santos
Beatriz Sancovski

Este trabalho aborda o problema da Saúde Mental nas escolas a partir de uma análise relacional e não individualizante. Situa-se no contexto das reflexões teóricas produzidas a partir de experiências e práticas vivenciadas ao longo do processo de graduação em psicologia e configuraram o texto do trabalho de conclusão de curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com o objetivo de explorar como a estrutura da escola e as relações no contexto educacional participam da saúde mental de crianças e adolescentes, principalmente, no caso de alunos com deficiência e aqueles que não se enquadram na ordem social instituída, percorremos obras e autores que nos auxiliam a pensar. Neste sentido, a metodologia adotada foi o estudo teórico mobilizado a partir de cenas vividas. Dentre as referências, destaca-se as obras de Maria Helena Souza Patto (2022), dedicadas a um olhar crítico sobre o percurso da Psicologia Escolar no Brasil; bem como a teoria da ética do cuidado e o conceito de interdependência, desenvolvidos pela autora Eva Kittay (2019), também de especial relevância. Tais conceitos apontam para os vínculos de dependência como fatores estruturantes das relações humanas e, por isso, seguem a compreensão do cuidado como um compromisso ético, social e estatal. Neste sentido, eles permitiram vislumbrar alternativas aos processos de individualização e medicalização dos sujeitos nas escolas. Estas apontam para um cuidado relacional, com foco na construção e fortalecimento de vínculos no ambiente escolar. Como conclusão, defendemos a escola como um espaço privilegiado de interações sociais e diversidade, bem como capaz de produzir tensionamentos que não apenas sejam nocivos à Saúde Mental de crianças e adolescentes, mas também possam favorecer essa saúde a partir da ampliação de suas potencialidades e possibilidades de existência.

Palavras-chave: saúde mental; contexto escolar; ética do cuidado; interdependência.



Empregabilidade e inserção de pessoas trans no mercado de trabalho: aspectos psicossociais

Leonardo Braga Elek (CRP 05/81432)/ **Reivani Chisté Zanotelli Buscacio** (CRP 05/29182)/
Raquel Couto de Azevedo Gonçalves Mota/ Victor Machado Cypriano/
Naísa Fontes de Assis dos Anjos

O presente artigo discute a empregabilidade e a inserção de pessoas trans no mercado de trabalho brasileiro a partir de uma perspectiva psicossocial, com base em autores como Erving Goffman, Michel Foucault, Georges Canguilhem, Judith Butler e Paul Preciado. Partindo da compreensão do estigma como elemento estruturante da exclusão social, o texto analisa como a transfobia se manifesta no mundo do trabalho, gerando marginalização, precariedade e violências simbólicas e materiais. A pesquisa é de natureza qualitativa e utiliza revisão bibliográfica como metodologia, contemplando dados estatísticos, estudos acadêmicos e experiências vividas. Os dados revelam que, apesar de representarem 9% da população brasileira, apenas 0,38% das pessoas LGBTQIAP+ trans estão empregadas formalmente, sendo que cerca de 90% são empurradas para a prostituição como única alternativa de sobrevivência. Com base nos conceitos de “monstro” e “anormal” de Foucault, articulados às noções de liberdade de Butler e à crítica de Preciado à patologização da transgeneridade, argumenta-se que o mercado de trabalho opera sob uma lógica excludente, que reforça o binarismo de gênero e a cisnormatividade. Além disso, evidencia-se como o trabalho é central na constituição subjetiva e cidadã, e como a ausência de políticas públicas eficazes perpetua o apagamento social da população trans. O artigo conclui propondo uma reflexão crítica sobre o papel das instituições, especialmente do setor corporativo, na construção de ambientes verdadeiramente inclusivos. Destaca-se a urgência de ações afirmativas que garantam a dignidade, visibilidade e empregabilidade das pessoas trans, reconhecendo-as como sujeitos políticos, complexos e potentes.

Palavras-chave: Empregabilidade, População Trans; Mostra do CRP; Estigma Social

Fonte financiadora do trabalho: Não houve fonte de financiamento.



Ancestralidade Psi: Eu Sou, Porque Nós Somos

Pablo Henrique D. dos Anjos

Este trabalho visa refletir e analisar os saberes produzidos sobre bem-estar, corpo, autoconhecimento e sociedade, a partir de outros tempos e de profissionais que não estão necessariamente, ligados originalmente à história da psicologia no Brasil, mas que, sem dúvida, contribuíram de forma significativa para a construção de reflexões sobre ética, comunidade, respeito, horizontalidade e dignidade humana – seja por meio de suas escritas, seja por suas experiências de vida. São trajetórias que merecem ser lembradas e citadas no ensino da saúde mental e nas práticas de psicologia nas universidades do país. Ancestralidade, enquanto conceito, está intimamente ligado à noção de pertencimento, identidade e, principalmente, à continuidade entre gerações – signos que, por si só, já carregam a riqueza e a vastidão dos conhecimentos produzidos pela psicologia brasileira. Uma psicologia que é fruto de muitas mãos, permitindo que hoje possamos nos apropriar desse campo como ciência e profissão. Nesse contexto, nomes como Dona Ivone Lara (que atuou como enfermeira ao lado de Nise da Silveira), Virgínia Bicudo, Paulo Amarante, Bispo do Rosário, entre outros, são fundamentais para compreendermos que nós, hoje, somos frutos de seus sonhos e realizações, suas experiências nos permitem manter firme a travessia por direitos, por dignidade e por uma prática sem retrocessos. Como afirma Conceição Evaristo: “O importante não é ser o primeiro ou a única, mas fazer parte de um movimento que abra caminho para muitas.” Dialogando com o provérbio africano que diz: “Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba, pelo menos, de onde vem...” Nos vinte anos do Código de Ética, torna-se imprescindível olhar para trás, reconhecer o caminho já trilhado e, a partir dele, seguir em frente por mais anos incontáveis de exercício profissional pautado em parâmetros éticos, na dignidade e, acima de tudo, na liberdade de todos os seres humanos.

Palavras-chave: psicologia; ancestralidade; história; ética; dignidade



Não se nasce mãe atípica, torna-se mãe atípica

Tayrine de Sousa Alexandre
João Delfim de Aguiar Nadaes

Este estudo explora a relação entre o movimento feminista brasileiro e a ressignificação da maternidade, com foco nas adversidades enfrentadas por mães atípicas, que cuidam de crianças com deficiências ou doenças crônicas. A pesquisa aborda como o feminismo questiona a maternidade como destino imposto, sublinhando sua construção social e as influências de raça e classe na experiência materna. Para tanto, a investigação teórica se baseia na análise da maternidade a partir de uma perspectiva feminista, utilizando obras que desconstruem papéis tradicionais e abordam as complexas questões das mães atípicas. O trabalho percorre as lutas feministas desde o século XIX, incluindo diversas vertentes que enriquecem a compreensão da maternidade como um conceito dinâmico e plural, com teóricas como Elisabeth Badinter e Simone de Beauvoir desmistificando o "instinto maternal" e a romantização do papel materno. Mães atípicas enfrentam desafios como o capacitismo, a carência de políticas públicas e a sobrecarga emocional, lidando com sistemas de saúde e educação inadequados e expectativas sociais que as rotulam como "supermães". A ausência de redes de apoio e iniciativas inclusivas compromete o bem-estar dessas mães e suas famílias. Conclui-se que a implementação de políticas públicas é crucial para reconhecer a maternidade como trabalho, oferecendo suporte psicológico, financeiro e social, e abordando as necessidades de mães e filhos. Sugere-se o fortalecimento de redes de apoio para aliviar as pressões e promover a autonomia materna, contribuindo para o debate sobre maternidade e cuidado de forma inclusiva, e reforçando a necessidade de políticas integradas e humanizadas que valorizem a saúde, autonomia e dignidade das mulheres para uma sociedade mais equitativa.

Palavras-chave: cuidado; deficiências; família; feminino; maternidade.



A (Re)construção das Singularidades nas Ruas: perspectivas da clínica peripatética

Camila Obadia

Pedro Victorino Carvalho de Souza

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as práticas de cuidado em saúde mental a partir da perspectiva da clínica peripatética, conceito desenvolvido por Antonio Lancetti. A pesquisa parte de uma vivência concreta no estágio socioinstitucional “Cartografias com os viventes das ruas”, desenvolvido na Praça de Realengo (RJ), e propõe um olhar ampliado sobre o fazer clínico para além dos muros do consultório. Ancorado em uma metodologia qualitativa de pesquisa bibliográfica e em narrativas de experiência, o estudo dialoga com autores como Deleuze e Guattari, Suely Rolnik, Peter Pál Pelbart e Paulo Amarante, articulando conceitos como território existencial, rizoma, redução de danos e biopolítica. A clínica peripatética se revela como uma ferramenta potente na atuação junto à população em situação de rua, ao possibilitar escuta qualificada, vínculo, cuidado itinerante e ações que respeitam as singularidades de quem habita os territórios urbanos de forma marginalizada. O trabalho também aborda os desafios enfrentados nas políticas públicas, especialmente no âmbito do SUS e dos Consultórios na Rua, e propõe uma psicologia que se faz com e para o outro, em movimento, sensível às potências de vida que emergem mesmo em contextos de vulnerabilidade extrema. A experiência mostrou que o cuidado em saúde mental pode acontecer a céu aberto, com afeto, arte, escuta e presença.

Palavras-chave: clínica peripatética; saúde mental; população em situação de rua; políticas públicas; singularidades.



Interfaces entre psicologia social comunitária, trabalho, sofrimento ético-político e o território PAE Lago Grande

Nathalia Gonçalves de Sá Duque Estrada Meyer

O presente trabalho é fruto da experiência em extensão universitária de uma profissional recém graduada em psicologia, circunscrita aqui nas ações realizadas pelo projeto “Processos socioeducativos interdisciplinares em apoio à organização comunitária e participação social para a sustentabilidade socioambiental” (PSIOP/UFRJ/IP) em parceria com os projetos BONDS (Balancing BiOdiversity coNservation with Development in Amazonian wetlandS) e SABERES (Sustaining Amazon floodplain biodiversity and fisheries under climate change), implementados pelo iRD (Institut de recherche pour le développement) no ano de 2022, enquanto ainda era estudante de graduação e que, posteriormente, desdobrou-se no trabalho de conclusão de curso. As atividades de campo se deram na região de entorno direto da Área Protegida denominada Assentamento Agroextrativista da Gleba Lago Grande - PAE Lago Grande, território situado ao norte do Brasil e atravessado por diversos conflitos socioambientais, e tinham por objetivo a aproximação entre diferentes atores sociais, a promoção do debate acerca dos processos de construção de acordos coletivos de pesca - principal meio de subsistência local, o fortalecimento dos grupos, das comunidades e das redes de solidariedade do PAE Lago Grande, dando lugar central aos saberes locais. Nesse sentido, pretende-se entrelaçar as temáticas de psicologia social comunitária, trabalho, sofrimento ético-político - cuja origem estaria na desigualdade social e, conseqüentemente, seu agravo relacionado aos conflitos socioambientais experienciados no cotidiano de comunidades tradicionais - e de que maneira elas se relacionam ao contexto territorial no qual as práticas se desenvolvem. Utilizou-se uma abordagem metodológica qualitativa de pesquisa que envolveu referenciais bibliográficos, processos participativos recorrentes no campo da pesquisa-ação ou pesquisa-participante, como oficinas e seminários, e dados produzidos e sistematizados em diários de campo como instrumento propulsor de uma cartografia social implicada. A partir desses elementos, reflexões foram tecidas no sentido de analisar uma práxis que aposta na vivacidade que reside no miúdo como motricidade capaz de produzir efeitos político-pedagógicos.

Palavras-chave: psicologia social comunitária; participação social; sofrimento ético-político; conflitos socioambientais.

Fonte financiadora do trabalho: Este trabalho teve o apoio do Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão (PROFAEX/UFRJ) - Edição 2023 e desenvolve-se em parceria com o Institut de Recherche Pour Le Développement (IRD).



Amor, regulação emocional e bem-estar na adulthood emergente: uma revisão narrativa

Beatriz de Lima Correia
Edna Lúcia Tinoco Ponciano

A adulthood emergente é um período marcado por intensas transformações pessoais, sociais e identitárias, crucial para o desenvolvimento de relações íntimas e para a consolidação de competências emocionais. Neste período, as relações que se estabelecem podem ser fundamentais, tanto para aprimorar habilidades de regulação quanto para promover bem-estar individual e na parceria conjugal. Apesar da importância dos relacionamentos amorosos na vida de jovens adultos, este ainda é um tema sub-explorado pela literatura, especialmente no contexto brasileiro. À vista disto, o estudo teve como objetivo analisar como as relações amorosas na adulthood emergente são abordadas na literatura, identificando implicações para a regulação emocional e o bem-estar. Para isso, foi realizada uma revisão narrativa, permitindo uma análise exploratória e crítica de diversas perspectivas, de modo a contribuir para a discussão sobre esse período de vida ainda pouco investigado e visibilizar processos de desenvolvimento emocional e de saúde dos jovens. Os resultados apontam que os relacionamentos amorosos são centrais na vida dos adultos emergentes, influenciando a regulação emocional e o bem-estar, a depender da natureza do vínculo e dos objetivos pessoais. Fatores sociais, culturais e individuais também moldam essas dinâmicas, resultando em múltiplas trajetórias e impactos na saúde emocional e na construção da identidade. Nesse sentido, compreender a intersecção entre amor, regulação emocional e bem-estar pode subsidiar intervenções psicológicas que promovam o desenvolvimento saudável de adultos emergentes, especialmente com abordagens integrativas que considerem as especificidades culturais e contextuais apontadas. No entanto, a escassez de estudos no Brasil limita uma compreensão aprofundada, ressaltando a urgência de novas pesquisas, com foco em estudos empíricos que desvendem as particularidades das relações amorosas, seu papel na regulação emocional e bem-estar, e as múltiplas formas de vínculos que impactam o desenvolvimento psicossocial de jovens.

Palavras-chave: amor; regulação emocional; bem-estar; adulthood emergente.



Ocupando a Universidade: visita guiada na UERJ com pré-vestibulares comunitários

Bruna da Silva Cruz¹/ Livia Scanzi Viana²/
Rafael Peçanha da Costa³/ Victória Ribeiro Tolêdo⁴/
Vitória Aparecida Costa de Oliveira Machado⁵

Este trabalho visa apresentar a atividade de visita guiada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), realizada pelo projeto de extensão "Psicologia Sócio-Histórico-Cultural e Educação Popular: Entre redes e travessias", que tem como alicerces os conceitos de dialogismo e alteridade (Mikhail Bakhtin), a perspectiva sócio-cultural (Lev Vygotsky) e a educação como forma de emancipação (Paulo Freire). A atividade foi pensada com o propósito de derrubar as barreiras não físicas, invisíveis, entre os estudantes do pré-vestibular comunitário e a universidade, barreiras essas que são impostas para a manutenção da exclusão desses que são historicamente marginalizados. A atividade também buscou criar um espaço de comunicação e acolhimento. Os PVCs têm sido fundamentais como rede de apoio, acolhimento, no ingresso e na permanência universitária. O roteiro foi construído a partir das perguntas disparadoras: "Qual UERJ nós queremos mostrar? Quais espaços escolher e de que forma apresentá-los?". Nos reunimos em equipe e refletimos sobre as ações no campo, escolhendo os espaços baseados na relação afetiva que possuímos com a universidade, sua importância e a representação com a história da UERJ. Após isso, definimos um dia e horário compatíveis com o PVC e entramos em contato com entidades estudantis do curso de Psicologia e estudantes de outros cursos para ver a disponibilidade de visitar os locais escolhidos, com a duração de cerca de duas horas. Observa-se, que a atividade promoveu uma aproximação com o ambiente universitário e uma ruptura com o não pertencimento e a impossibilidade de ocupar esse espaço. Ela passou a integrar definitivamente o quadro do nosso projeto e do PVC, agora fazendo parte de estratégias de enfrentamento da evasão escolar junto a coordenação e os professores dos PVCs.

Palavras chave: psicologia sócio-histórico-cultural; educação popular; pré-vestibular.

Fonte financiadora do trabalho: Departamento de Extensão (Depext/UERJ)

1 UERJ

2 UERJ

3 UERJ

4 UERJ

5 UCL



A Eficácia de Grupos Reflexivos para Autores de Violência Doméstica e Familiar

João Delfim de Aguiar Nadaes/ Luciene da Costa da Silva/
Marcos Guilherme de Freitas Camillo/ Maria de Fátima Oliveira Cordeiro/
Paula Regina Fernandes da Silva/Tatiane Bárbara de Holanda

Os grupos reflexivos para autores de violência doméstica e familiar contra a mulher são uma política pública impulsionada pela Coordenadoria Estadual da Mulher em situação de Violência Doméstica e Familiar (COEM/TJRJ), em consonância com a Lei nº11.340/2006, Lei Maria da Penha, nos artigos: 22, incisos VI e VII; 35, inciso V; e, 45, bem como com a Recomendação nº124/2022 do CNJ, que indica aos Tribunais de Justiça Estaduais que instituem e mantenham programas voltados à reflexão e responsabilização de agressores de violência doméstica e familiar. A fim de promover a reflexão e a responsabilização entre indivíduos que cometeram violência doméstica e familiar, visando a conscientização e a mudança de comportamento, o presente trabalho tem como objetivo principal avaliar a eficácia da realização dos grupos reflexivos no primeiro semestre de 2025. As atividades foram oferecidas tanto presencialmente, junto aos II, IV e VI Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, quanto remotamente por videoconferência, consistindo em oito encontros semanais e estruturados. As ferramentas de estudo incluíram leituras, vídeos e perguntas guiadas para facilitar a reflexão e a interação entre os membros do grupo. Período em que, realizou-se 4 grupos reflexivos, sendo 2 no formato presencial e 2 remoto. Os resultados indicaram avanços significativos em ambos os casos. Os membros relataram satisfação na avaliação final e 95% declararam que indicariam o grupo ou fariam novamente espontaneamente. Essa transformação evidencia o impacto positivo das intervenções psicológicas no contexto da violência de gênero, e a capacidade de um espaço de acolhimento e reflexão em promover mudanças significativas.

Palavras-chave: psicologia jurídica; violência doméstica; grupo reflexivo.



Projeto Matre: acolhendo mentes e cultivando cuidados

Marcelli da Silva Araujo
Paula Regina Fernandes da Silva
Stephane Maria Lima de Oliveira
Vitória Borges de Almeida Silva

O Projeto Matre, Acolhendo Mentes, Cultivando Cuidados foi idealizado por quatro estudantes do curso de Psicologia da Universidade Castelo Branco, com o objetivo de oferecer suporte psicossocial a mulheres vivenciando a maternidade atípica no bairro de Realengo, Rio de Janeiro. A proposta parte do reconhecimento de que essas mães enfrentam desafios singulares, como a sobrecarga emocional, o isolamento social e a escassez de políticas públicas que considerem suas especificidades. Fundamentado em princípios da Psicologia Social Comunitária, nos Direitos Humanos e nos compromissos éticos do Código de Ética do Psicólogo, o projeto visa promover escuta qualificada, fortalecimento de redes de apoio e estratégias de autocuidado. A proposta prevê encontros presenciais e mensais, realizados no campus Realengo da universidade, com estrutura composta por rodas de conversa e oficinas temáticas, divididas nos eixos de saúde mental e autocuidado. O grupo é formado por até 20 mulheres em cuidados de crianças e adolescente de até 18 anos incompletos, selecionadas a partir de formulário eletrônico e entrevista presencial. Durante os encontros, são ofertadas atividades recreativas para os dependentes, com acompanhamento de voluntários previamente capacitados. Até o momento, o projeto está em fase de implementação, com oficinas de formação, parcerias institucionais, divulgação e processo seletivo das participantes em andamento. As discussões iniciais apontam para a necessidade de espaços seguros e afetivos de troca entre mulheres que vivenciam a maternidade de forma atravessada por desigualdades estruturais. A experiência tem gerado reflexões sobre o papel da universidade na escuta ativa das demandas sociais, reafirmando o compromisso com práticas que valorizem o território, o cuidado e a potência da construção coletiva.

Palavras-chave: mães; psicologia; maternidade atípica

Instituição apoiadora ao trabalho: Universidade Castelo Branco



O recrear como recriar: escutas possíveis no cotidiano da Educação Infantil

Isadora Melquiades Santos Costa
Jessica de França Santana
Raissa de Almeida Azevedo Hartmann
Renan Silva Costa

A escrita deste resumo surge a partir das experiências vividas pelos autores, enquanto estagiários na UMEI Portugal Pequeno, em Niterói, para a disciplina de Estágio Básico II. Orientados pela Psicologia Histórico-Cultural, cada estagiário foi alocado em grupos de crianças de 3 a 5 anos para acompanhar a rotina da Educação Infantil. Com base nos relatos das observações, discutidas em supervisão, ficamos mais atentos quanto ao valor da brincadeira no processo de cocriação sujeito-cultura. Observando as interações em campo, pudemos notar que a ludicidade presente na brincadeira permite, através das dinâmicas criadas cotidianamente, a fomentação de mundos próprios, apropriando-se da cultura com conseqüente reinvenção dessa. A maneira como esse recorte no plano cultural se dá, revela algo particular, o sujeito de cada criança, cortes estes que possibilitam aparecer o novo desse material imposto. O brincar funciona como processamento e apontamento daquilo que de certa forma passa em um campo ainda além do alcance daquela criança, seja em expressão ou compreensão, sendo o brincar, um transbordamento possível desses afetos. Apesar de ser um movimento destituído da intencionalidade de se comunicar, os estagiários-autores perceberam que brincar junto se torna um momento privilegiado de escuta. Ao se ater a bricolagem constante da brincadeira, compreendendo que, mesmo sendo jogos previamente conhecidos, no ato, se torna único, ou seja, o brincar não se repete. Independente do contexto que se instala, sempre surge algo novo, sendo assim, aplicar significações prévias ou tentar um enquadro em uma teoria rígida se mostra infrutífero. Portanto, a participação no brincar cotidiano nos permitiu pensar formas de escuta possíveis dentro do campo dinâmico e elástico que é a Educação Infantil. É necessário se permitir participar das dobras lúdicas para acompanhar o contorcionismo subjetivo infantil, escutando o Self singular dos infantes que emerge no momento de recreação a partir da recriação.

Palavras-chave: Educação infantil; psicologia histórico-cultural; criança; brincadeira; escuta.

Fonte financiadora do trabalho: Não há



Mulheres em versões: A pesquisa e a clínica gestáltica como construção artesanal

Laura Cristina de Toledo Quadros
Camila Ouriques Rangel da Silva
Lorrana Reis Ribeiro
Ana Carolina Aguiar Maia
Ana Carolina da Silva Cavalcante
Maria Eduarda de Salles C. Assumpção

Nossa proposta é apresentar a compreensão do fazer pesquisa e do fazer clínico como um processo artesanal, tendo como linha de costura a Gestalt-terapia. Costurar, bordar, crocheter são heranças femininas e a resgatamos aqui como afirmação de um fazer não tecnicista, fundado na intuição, na sensibilidade e na habilidade de tecer artesanias para além de um produtivismo. Através de experiências com pesquisas-intervenção com grupos de mulheres – um dedicado a jovens mulheres, outro a mulheres em situação de migração e refúgio – desenvolvemos práticas que se constituem em modos de acolhimento e afirmação da vida tecidos no campo do encontro, sem fórmulas prontas, mas fincadas no acontecimento. Nosso ofício é performado de maneiras diversas e com desdobramentos diversos, como um conjunto mais amplo de práticas heterogêneas que se sustentam na relação dialógica, preconizada pela abordagem gestáltica. Nossa aposta político-metodológica se dá pela articulação entre a Teoria ator-rede e a Gestalt-terapia, entrelaçadas na metáfora das artes com linhas, promovendo intervenções poéticas, femininas e constitutivas de um fazer clínico gestáltico. A ideia de ser essa uma construção artesanal se dá pela noção de que o artesão é aquele que trabalha em oficina própria, não produz em larga escala e, na verdade, sempre produz de forma diferenciada. Seguindo esta lógica, a pesquisa e a clínica em nossa prática de grupo com mulheres vai sendo tecida coletivamente, atando e desatando nós, promovendo encontros sensíveis, reflexivos com saberes e poderes distribuídos, possibilitando tanto o reconhecimento de dores e sofrimentos, quanto sua reconfiguração em processos delicados, afetivos e cuidadosos. Nessa costura, emergem mulheres em versões, referenciadas em suas singularidades, porém engajadas num fazer sensível e autêntico na busca do enfrentamento dos muitos desafios impostos ao contexto feminino.

Palavras-chave: Mulheres ;Gestalt-terapia; Grupo; Construção artesanal; cuidado

Fonte de financiamento: FAPERJ, CNPq, CAPES, UERJ (Prodocência)



Projeto COMtextos: O RevolucionARTE como ação não hegemônica

Laura Cristina Toledo Quadros/ Pamela Diniz Silva
Luiza Costa Berriel//Leticia Ramos da Silva
Ana Clara Santos de França/ Leone Santos Teixeira

Nosso projeto de extensão COMtextos: Arte e Livre Expressão na Abordagem Gestáltica, desenvolvido no Instituto de Psicologia UERJ tem como proposição articular a arte às nossas intervenções no campo da psicologia, tendo como base teórico-metodológica a abordagem gestáltica. A Gestalt-terapia traz inspirações de diversas linguagens artísticas em sua constituição, configurando-se enquanto prática contemporânea atuando na ruptura com o conhecimento hegemônico e dicotomizado. A arte como dispositivo de pensar e fazer psicologia, cria novas possibilidades, abraça diferenças e diversidades numa dimensão ética do cuidado. Compreendemos a arte como um modo criativo de sustentação da vida e reconfiguração do sofrimento. Através dela promovemos espaços potentes para os participantes das oficinas experimentarem uma compreensão ampliada de si, produzindo novos sentidos para dores subjetivas e expressão de sentimentos por vezes difíceis de nomear e racionalizar. Realizamos atividades apoiadas em dispositivos lúdicos e sensíveis, com diferentes tipos de artes manuais, visuais e corporais, compondo, assim, um convite para que os participantes entrem em contato com a dimensão sensível da experiência. O corpo é convocado, os sentidos aguçados e tecemos formas COM arte, num momento de integração e compreensão de caminhos possíveis para sustentar a vida, no "aqui e agora". Destacamos uma de nossas ações a RevolucionArte que acontece tanto em nossas redes sociais, quanto nas oficinas presenciais. A referida ação quebra saberes dominantes trazendo à tona figuras relevantes nas artes e nas ciências, pessoas de etnias não hegemônicas, produzindo uma provocação para reconhecer a diversidade, ampliando fronteiras para um mundo mais inclusivo. Observamos os deslocamentos que a ação provoca em pessoas de diferentes faixas etárias, inclusive estudantes de Ensino Fundamental II, afirmando que a arte pode deflagrar pequenas revoluções, trazendo novidades para nossos modos de estar no mundo. Apostamos nessa tríade arte-conhecimento-sensibilidade como ampliação da saúde e sustentação de um bem viver diante dos desafios

Palavras-chave: gestalt-terapia; arte; livre expressão; projeto de extensão; cuidado

Fonte financiadora do projeto: Departamento de Extensão (DEPEXT) da UERJ



Experiência em projeto de pesquisa sobre psicoeducação do mutismo seletivo nas escolas

Thaimine Kyra Rodrigues
Gabrielly da Cruz Gomes Marques
Luiny Cristina Dutra de Medeiros
Prof.ª Dr.ª Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

Este trabalho refere-se à um relato sobre a experiência em pesquisa de iniciação científica (PIBIC-UFRRJ), no Departamento de Psicologia, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que trata sobre Mutismo Seletivo. O Mutismo Seletivo é um transtorno de ansiedade infantil caracterizado pela ausência da fala em situações sociais nas quais se espera a verbalização da criança ou do adolescente. Quando não tratado, pode evoluir e se tornar uma fobia social grave, afetando a saúde mental e influenciando de forma negativa o curso do desenvolvimento e a qualidade de vida desses sujeitos. Como parte desse projeto, foi proposta a utilização da psicoeducação como instrumento de transformação social para atuar na orientação a respeito do Mutismo Seletivo com as próprias crianças. A psicoeducação foi realizada através do recurso de oficinas com crianças e adolescentes em uma escola pública no município de Seropédica. Foram realizadas 7 oficinas que duraram cerca de 50 minutos cada uma, em turmas de 6º a 9º ano divididas nos turnos matutino e vespertino, que tinham por objetivo testar novas formas de aprendizado em processo de psicoeducação no processo de intervenção junto aos estudantes e conscientizar e prevenir a manutenção do mutismo seletivo em crianças e adolescentes. Através desse trabalho foi possível discutir e levar informações sobre ansiedade em crianças e adolescentes; contudo se faz necessário repensar o número de crianças adequadas para as oficinas e o espaço físico necessário para a movimentação durante a atividade. Assim, é possível tornar crianças e adolescentes protagonistas e participativos, promovendo transformações significativas em suas vidas e comunidades.

Palavras-chave: mutismo seletivo; escola; psicoeducação; oficinas.

Fonte financiadora do trabalho: PIBIC-CNPq (IC)



LABINCC: Popularizando saberes da Psicologia e Neurociências nas redes e na Universidade

Denison Albuquerque Carvalho/ Alessandra Tonnera Marques
Luisa Cunha e Silva/ Raissa de Andrade da Silva
Felipe Oliveira Barboza/ Renata Alves Paes

Este relato apresenta as experiências do LABINCC (Laboratório Interface Neurociências, Cognição e Comportamento), ação integrante do projeto de extensão Psicoterapia Cognitivo Comportamental: uma interface entre psicologia e neurociência, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O LABINCC tem como objetivo democratizar o acesso ao conhecimento científico por meio da divulgação de conteúdos sobre Psicologia, Neuropsicologia, Neurociências e Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) em linguagem acessível ao público leigo. Entre suas principais frentes está a criação de materiais informativos, como a cartilha sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 1 de suporte, já disponibilizada gratuitamente. O projeto também realiza publicações em redes sociais e promove rodas de conversa, em formatos presencial e online, com participação majoritária de estudantes de graduação. Os encontros abordam temas recorrentes nas interações com o público e também assuntos centrais à formação em Psicologia, oferecendo um espaço de escuta ativa, acolhimento e troca de saberes. O retorno dos participantes evidencia o potencial dessas ações para a formação crítica e o engajamento com questões atuais da área. Como desdobramento das atividades em curso, o projeto planeja, a longo prazo, a oferta de cursos e oficinas, ampliando seu impacto formativo. As ações do LABINCC reafirmam o papel da extensão universitária como elo entre universidade e sociedade, promovendo o acesso à informação qualificada, incentivando a construção coletiva de conhecimento e contribuindo para uma formação mais ética, acessível e socialmente comprometida.

Palavras-chave: extensão universitária; divulgação científica; neurociências; psicologia; formação crítica.

Fonte financiadora do trabalho: Depext - Departamento de Extensão da UERJ



Estágio Supervisionado Clínica Ampliada – Novas Possibilidades de Atuação na Formação em Psicologia.

Suzana Alves de Freitas.

Renata Tavares da Silva Guimarães.

Este trabalho versa sobre o desafio e as dificuldades dos alunos dos 7º/8º períodos do Curso de Psicologia da UNIFESO perante o primeiro atendimento ao sujeito que procura o Serviço de Psicologia Aplicada da universidade para atendimento clínico e/ou avaliação psicológica. A estagiária foi alocada para realizar entrevistas de triagem com os pacientes que estavam na fila de espera. Antes de ir a campo, as reuniões de supervisão iniciaram-se com leituras e discussões sobre o tema da Clínica Ampliada e a articulação com o Código de Ética. É extremamente relevante saber se colocar diante do outro, em posição de escuta ativa, sem julgamentos, de forma acolhedora e nos limites impostos pela Ética. Desenvolver uma postura adequada diante dos dramas particulares que atravessam a prática clínica, delineando os limites do atendimento, que ainda não era uma consulta psicoterapêutica, foi um efeito natural do processo de aprendizagem ali desenvolvido. A Clínica Ampliada possui três enfoques: biomédico, social e psicológico. A participação e a responsabilização do paciente pelo tratamento são essenciais e tudo a seu respeito deve ser considerado, não se descarta nenhuma abordagem disciplinar, toda equipe é responsável. O cuidado torna-se tão ou mais importante que o conhecimento técnico, e não pode deixar de considerar o desenvolvimento das potencialidades do sujeito. Portanto, os profissionais de saúde devem estar abertos a aprender e repensar as formas de trabalho, produzindo um pensar avaliativo constante e crítico. As entrevistas demonstraram a relevância da atenção ao que é dito, sem interrupções bruscas, com direcionamento da fala para preenchimento de um questionário a ser respondido. Necessário observar o tempo disponível para cada atendimento, que deveria ter um começo e um fim, sem perder de vista o acolhimento sem julgamentos, e o olhar, na medida do possível, através do lugar do outro.

Palavras-chave: psicologia; clínica ampliada; escuta; acolhimento.



Promoção da saúde mental de professoras através de aplicativo mobile.

Vanessa Ramos Lourenço
Geilsa S. Cavalcanti Valente
Elaine Antunes Cortez

A sobrecarga de atividades pessoais e profissionais tem afetado cada vez mais mulheres professoras, causando efeitos negativos em sua saúde mental. Neste contexto, a superlotação das salas de aula, múltiplas tarefas, violência, extensas horas de trabalho e comportamentos desafiadores dos alunos são situações que, segundo a teoria da Psicodinâmica do Trabalho, podem abalar o bem-estar. Pretende-se apresentar o percurso de desenvolvimento de um aplicativo mobile com foco na promoção do bem-estar de professoras que estão em sofrimento psíquico. A pesquisa integra um projeto de doutoramento vinculado ao Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde da Universidade Federal Fluminense. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, descritivo-exploratória, realizada em escolas municipais da região metropolitana do Rio de Janeiro. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com o parecer n. 6.247.543 e autorizada pelo município cenário através de carta de anuência. As participantes são professoras do ensino fundamental. A coleta de dados seguiu a metodologia da problematização, com base no Arco de Maguerez, utilizando grupos de discussão presenciais e formulários online. O tratamento do material foi feito com auxílio do software IRAMUTEQ e da análise temática de Bardin. Os resultados revelam experiências marcadas por exaustão e sobrecarga emocional, evidenciando a necessidade de ações institucionais em promoção da saúde mental das professoras. As participantes propuseram estratégias viáveis à sua realidade, destacando a criação e implementação de um aplicativo mobile com funcionalidades voltadas ao bem-estar e autogerenciamento emocional. É urgente a criação de ações em promoção da saúde mental de professoras que estão em sofrimento psíquico. Tecnologias digitais mobile com foco no bem-estar mental podem ser um recurso prático e acessível podendo ser utilizadas em pausas diárias, respeitando a realidade dessas mulheres.

Palavras-chave: saúde mental da mulher; promoção da saúde mental; psicodinâmica do trabalho; tecnologia mobile; professoras.

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES



Cuidado de si como resistência às opressões estruturais

Ana Beatriz Pettersen Macedo

Isabella Fialho Muniz

Maria Vitória Pereira Ribeiro da Cunha

As práticas do cuidado de si são atravessadas por violências estruturais da configuração capitalista, cisheteropatriarcal e racista, sendo necessário uma análise interseccional. Nesse contexto, o cuidado de si, ou a falta dele, foi tomado como analisador das estruturas que operam no cotidiano e nos modos de vida. Este trabalho apresenta uma atividade de extensão fundamentada na ética da Psicologia, em epistemologias decoloniais e em teorias feministas interseccionais, com o objetivo de promover reflexões coletivas sobre o cuidado de si, enquanto uma postura ativa do sujeito, e as possibilidades de resistência. A proposta aborda o ser mulher como produção histórica, marcada pela colonização e pelas estruturas de poder. A intervenção foi realizada presencialmente por estudantes da Faculdade Maria Thereza, junto ao grupo de mulheres racializadas chamado "Projeto Mulheres Empoderadas", formado por moradoras do Morro do Céu, em São Gonçalo - RJ. Adotamos a metodologia de roda de conversa, como espaço de escuta e produção de saberes. Durante o encontro, emergiram reflexões sobre como o tempo para si é atravessado pela culpa, marcada pelas sobrecargas de gênero, raça e classe. Questionaram-se ainda a invisibilidade das vivências femininas e os discursos normativos que naturalizam essas opressões. A valorização das experiências do território e das epistemologias insurgentes fortaleceu vínculos e favoreceu a criação de um espaço de resistência. Portanto, apostar no cuidado de si é um ato político e coletivo de resistência, que nomeia opressões, favorece a reinvenção de si em desvio à norma e a emancipação feminina.

Palavras-chave: Mulheres; cuidado de si; interseccionalidade; decolonialidade.



A importância da inclusão do cuidador como parte do cuidado do paciente de parkinson

**Viviani Pires da Costa/Luiza Katriny Rocha Ramos/
Karla Valvieste/ Caroline Fernandes Valentim Affonso/
Isabella de Lima Castro/ Ester Borges de Matos**

O trabalho visa refletir sobre a importância de incluir o cuidador como parte do cuidado de uma pessoa que vive com a doença de Parkinson, uma vez que a perda da autonomia imposta pela doença aumenta a demanda de cuidado gerando sobrecarga física e emocional do cuidador. A Lei nº 15.069/2024 (Política Nacional de Cuidados), reconhece que o cuidado é um direito, mas não regula sua implementação, o que implica variações na oferta, reforça as desigualdades regionais e impede a sua aferição ou acompanhamento. Partimos do pressuposto de que um dos aspectos mais potentes do SUS está na sua integralidade e nas possibilidades de coletivização das práticas de saúde. Entretanto, embora haja reconhecimento legal e técnico da importância do cuidador, sua inclusão no cuidado ainda não é padronizada nem garantida nacionalmente e a oferta de suporte a cuidadores é uma política pública em construção, ainda insuficientemente normatizada. Com isto, deixa-se de ver o cuidador como sujeito de direitos, a lógica biomédica centrada no corpo do paciente é reproduzida e desconsidera-se os efeitos sociais do cuidado prolongado. A partir do Curso de Aperfeiçoamento em Neuroreabilitação do Instituto de Neurologia Deolindo Couto (INDC/UFRJ), foram realizados grupos para cuidadores de pacientes atendidos pelo Grupo de Estudos da Doença de Parkinson (GE-DOPA). Estes grupos acontecem semanalmente, promovendo a escuta e acolhimento do cuidador, e consideram o exercício coletivo como um processo vivo que produz por si novas demandas e também se abre para produção de outras formas existenciais. Foi possível identificar que os cuidadores vivenciam diferentes níveis de sobrecarga, com efeitos que os impactam negativamente tanto no nível psicológico, quanto no âmbito da saúde e na capacidade de trabalho. Destacamos ainda a importância de estudos interseccionais, uma vez que a imensa maioria dos cuidadores é mulher e exerce protagonismo familiar.

Palavras-chave: cuidador, integralidade, doença de Parkinson



Acolhimento psicológico no spa da uerj: formação e extensão universitária

Juliane Tostes Mendes Moreira
Samira Meletti da Silva Goulart

O Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) configura-se como um espaço privilegiado de formação, onde a articulação entre teoria e prática promove o desenvolvimento de competências técnicas, éticas e relacionais fundamentais à atuação profissional. O acolhimento, enquanto modalidade clínica, configura-se como uma estratégia de cuidado psicológico na primeira recepção de usuários do SPA, fundamentada em uma abordagem humanizada e ética, como preconiza a Política Nacional de Humanização do SUS, comprometida com a escuta atenta, a orientação cuidadosa e o encaminhamento responsável. Com o objetivo de melhor acolher a população e oferecer ao graduando de psicologia uma formação prática, a partir de experiências concretas no contato com o outro, a cada semestre é aberto um cadastro de interesse ao público, através de um formulário do google forms. A partir disso é realizado um levantamento de vagas nas equipes de estágio e a distribuição de pessoas para atendimento presencial. Na modalidade do acolhimento ocorrem até cinco encontros, podendo haver o encerramento do atendimento ou um encaminhamento para acompanhamento psicológico, no próprio SPA ou em instituição externa. Durante os acolhimentos há identificação e contextualização das queixas e sofrimentos, sendo o trabalho terapêutico possível, incluindo algumas intervenções clínicas. Em 2025, foram acolhidas 29 pessoas pelas equipes de recepção e plantão psicológico, constatando-se uma relevância social do projeto, que amplia a oferta de uma escuta qualificada à comunidade; diminuindo a fila de espera pelo atendimento tradicional no SPA e fortalecendo o engajamento terapêutico dos que para ele são encaminhados. Ao permitir o contato direto do aluno com o sofrimento da população, esta iniciativa conecta a prática profissional aos contextos de vulnerabilidade social, diante dos quais o aluno é convocado a exercitar a escuta atenta, o olhar ético e o compromisso com o cuidado em saúde mental.

Palavras-chave: serviço-escola; acolhimento; formação; extensão

Fonte financiadora do trabalho: Apoio institucional do Departamento de Extensão DEPEXT/UERJ.



Repensando a produção de documentos psicológicos para o sistema de justiça

Luciana Janeiro Silva

Resumo: Esse trabalho é fruto de um compilado de experiências e inquietações direcionada a produção de documentos psicológicos para o sistema de justiça. A motivação vem da inserção da proponente no sistema de justiça, atuante como assistente técnica em processos pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro. Buscamos discutir os processos de avaliação e escrita sobre documentos psicológicos produzidos para o sistema de justiça. Para o debate, nos debruçamos em compreender de um lado os perfis das famílias envolvidas nestes processos e de outro, as narrativas de documentos produzidos por profissionais de psicologia. Utilizamos a metodologia de pesquisa bibliográfica como recurso prioritário tomada como método de interpretação da realidade, ancorando-se em diferentes modalidades de fontes: artigos acadêmicos em plataformas digitais, livros, peças processuais, notícias jornalísticas, normativas e resoluções, mas principalmente a experiência em atendimentos às famílias envolvidas nos processos judiciais. Nesta provocação que fazemos à escrita e a partir dela, destacamos o tom de partilha, e não de acusação, que objetiva para um pensar junto da minha profissão e de profissionais que me acompanham. Repensamos a escrita de documentos, e como ela incide nas vidas, de como é urgente nos atentarmos para o poder da escrita, que vem sendo utilizada como ferramenta de manutenção do poder, que se operacionaliza nas distintas manifestações de violências e, principalmente, no racismo. Essa partilha de experiência e também de estudo se propõe a contribuir para a revisão de práticas institucionais e profissionais de psicologia no sistema de justiça que coadunam com a defesa dos direitos humanos.

Palavras-chave: sistema de justiça; psicologia; direitos humanos; produção de documentos



Psicologia na socioeducação: escuta ética e cuidado em contextos de privação de liberdade

Ana Luiza Rosa Castelo Branco

Sabrina Arlete dos Santos

Josilene Márcia de Oliveira

Este trabalho parte da experiência de estágio supervisionado em Psicologia, realizado em uma unidade de internação socioeducativa vinculada ao DEGASE, com ênfase na escuta clínica, no acolhimento e na psicoeducação de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. A atuação do psicólogo nesse contexto envolve múltiplos desafios éticos, técnicos e institucionais, especialmente em função da brevidade dos atendimentos, que ocorrem em um ambiente de constante avaliação. Ainda assim, muitos adolescentes compartilham vivências significativas, mesmo aquelas que poderiam implicar consequências institucionais, o que reforça a importância da construção de um espaço seguro, empático e de escuta qualificada. A prática psicológica se estende também a oficinas temáticas, ações educativas e, quando viável, encontros com familiares, visando ao fortalecimento de vínculos, ao cuidado ampliado e à promoção de desenvolvimento pessoal. No entanto, limitações institucionais, como a escassez de profissionais e as restrições quanto ao uso de materiais e espaços, impactam diretamente na realização de algumas propostas interventivas. A abordagem utilizada no estágio fundamenta-se nos princípios da ética profissional do psicólogo e no compromisso com os direitos humanos, entendendo a atuação como parte integrante de uma equipe multidisciplinar que busca garantir proteção, orientação e apoio aos adolescentes. Um desafio constante foi o trabalho com a autorresponsabilização, considerando que muitos apresentam trajetórias atravessadas por contextos de negligência, violência, defasagem escolar e vínculos familiares fragilizados. Para algumas famílias, a internação representa cuidado e proteção; para outras, há resistência e afastamento da instituição. Conclui-se que a experiência de estágio contribuiu para a ampliação da compreensão sobre a prática psicológica na socioeducação, destacando a importância do manejo ético, da escuta sensível e da criatividade frente às complexidades institucionais.

Palavras-chave: psicoeducação; adolescência; psicologia institucional; sistema socioeducativo; direitos humanos.



Para além do DSM 5 TR: novas perspectivas na compreensão do TDAH

Andreia dos Santos Silva

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, cuja sintomatologia abrange déficits cognitivos relevantes que comprometem significativamente o funcionamento global do indivíduo, acarretando prejuízos em diversas áreas da vida, como a acadêmica, profissional e social. Sintomas como desatenção, hiperatividade e impulsividade constituem critérios clínicos considerados centrais para o diagnóstico do TDAH. No entanto, evidências mais recentes indicam que o transtorno envolve uma gama mais ampla de comprometimentos, especialmente relacionados ao desenvolvimento e à utilização das funções executivas (FE). A Teoria do Funcionamento Executivo-Autorregulação (FE-AR), proposta por Russell Barkley, postula que o TDAH afeta potencialmente todas as funções executivas em graus variados. De acordo com essa perspectiva, os déficits em FE devem constituir um eixo central na formulação do diagnóstico diferencial, bem como na definição de estratégias de manejo clínico. Esses déficits comprometem significativamente habilidades como o gerenciamento do tempo, a memória de trabalho, a auto-organização, a resolução de problemas orientados a metas, a automotivação e a autorregulação emocional, impactando múltiplos domínios da vida cotidiana. Embora os critérios diagnósticos atualmente estabelecidos se concentrem predominantemente em sintomas comportamentais mais evidentes, o presente trabalho busca evidenciar os prejuízos funcionais mais amplos associados ao TDAH, os quais afetam não apenas o desempenho diário, mas também comprometem significativamente o processo de autorrealização dos indivíduos ao longo do desenvolvimento, que são frequentemente observados na clínica, por meio de uma boa avaliação. As funções executivas exercem um papel central na promoção da autorregulação, pois permitem que o indivíduo mantenha comportamentos dirigidos a objetivos, mesmo diante de distrações, demandas emocionais ou obstáculos ambientais, favorecendo a sua adaptação social, autonomia e bem-estar ao longo da vida.

Palavras chaves: tdah; déficit; funções executivas; autorregulação.



Acolhimento Psicológico em Praça Pública: Desafios com a Ética e o Cuidado

Luceni de Oliveira Emílio

Lya da Silva Oliveira

André Luis de Oliveira de Sant'Anna

O objetivo do projeto foi promover o acolhimento de mulheres em uma comunidade quilombola através de escuta psicoterápica, numa praça central da cidade de Armação dos Búzios/RJ. A iniciativa foi desenvolvida no contexto do Serviço Escola de Psicologia (SEP) da Universidade Estácio de Sá - Campus Cabo Frio/RJ (UNESA). A ação foi fundamentada de acordo com o código de Ética do Psicólogo, proporcionando um momento de interação terapêutica baseado na escuta atenta, na empatia, sigilo e o não julgamento. A metodologia utilizada para o trabalho foi pautada em pesquisa-ação como forma de refletir sobre os dilemas enfrentados tanto na atuação dos psicólogos como dos sujeitos envolvidos no atendimento. A atividade foi realizada em novembro de 2024 e contou com a participação de alunos do curso de psicologia, sob a supervisão do coordenador do curso. A iniciativa destacou a importância de ações psicossociais em comunidades que carecem de acesso a suporte terapêutico estruturado. Como recursos foram utilizadas cadeiras de praia, mantendo um distanciamento seguro entre os alunos para que a confidencialidade fosse respeitada. O Código de Ética do Psicólogo foi enfatizado pelo coordenador do curso para que os alunos conduzissem esse momento de atendimento com sigilo e abordagem técnica. Entre os principais resultados da ação, destacam-se: o acolhimento recebido pelos participantes, acesso a informações sobre o processo psicoterapêutico e o serviço do SEP da UNESA, onde poderiam dar continuidade ao processo psicoterapêutico. Essa experiência destacou a importância da psicologia como ferramenta de inclusão e transformação social, reafirmando que ações comunitárias podem oferecer suporte significativo e contribuir para construção de redes de cuidado e acolhimento em contextos marcados pela exclusão social.

Palavras-chave: ética; acolhimento; sigilo.



Responsabilidade Organizacional: Intervenções sob o Ponto de Vista das Variáveis Sociodemográficas

Ariane de Souza Antunes/ Daniel Arruda da Silva Junior
Fabricio Paiva Ramos/ Gabriel Silveira de Souza
Iasmin Andrade Santos Souza/ Tawane Borete Assis Genelhoud

O trabalho analisa a relação entre práticas de responsabilidade social organizacional (RSO) e o compromisso organizacional dos colaboradores, sob a perspectiva das variáveis sociodemográficas. Tendo em vista a crescente necessidade de ambientes de trabalho mais éticos, inclusivos e socialmente responsáveis, a pesquisa debruçou-se sobre seis estudos empíricos recentes (2019-2024). Esses estudos abordam como as variáveis (idade, gênero, escolaridade e tempo de serviços) influenciam a forma como as intervenções organizacionais são percebidas e internalizadas. E a análise evidencia que práticas socialmente responsáveis potencializam o engajamento e a lealdade organizacional, especialmente quando ajustadas às singularidades de cada colaborador. Por outro lado, aponta-se que a ausência desse alinhamento pode gerar resistências e impactos negativos nas relações laborais. Com isso, o estudo reforça o papel fundamental da Psicologia Organizacional na construção de ambientes que valorizem a diversidade, a equidade e o bem-estar no trabalho. Tais princípios dialogam com o compromisso ético da categoria e com os direitos humanos. Portanto, nota-se a importância das intervenções organizacionais considerarem as especificidades sociodemográficas e promoverem mudanças que transcendam interesses corporativos e fortaleçam práticas sustentáveis e inclusivas. Esta reflexão amplia a compreensão sobre o papel transformador da Psicologia nas organizações e na sociedade, contribuindo para a promoção de uma cultura organizacional mais justa e humanizada.

Palavras-chave: responsabilidade organizacional; diversidade; compromisso organizacional; psicologia social; direitos humanos.



A inclusão escolar de alunos atípicos e suas falhas na prática

Nicole Araujo Thomaz
Sylvio Pecoraro Junior

A inclusão de alunos atípicos nas escolas brasileiras enfrenta desafios significativos que ultrapassam dimensões organizacionais, pedagógicas, culturais e subjetivas. A proposta de educação inclusiva, embora seja respaldada por legislações e políticas públicas, revela-se fragilizada em sua implementação, especialmente quando reduzida à inserção física desses alunos no ensino regular. Este trabalho trata-se de um relato de experiência de uma estudante de Psicologia que realizou um estágio extracurricular em uma escola de rede privada, e tem como objetivo analisar como a subjetividade social da escola, aliada às concepções dos professores, impacta a efetivação da inclusão escolar. Utiliza-se como referencial teórico a Teoria da Subjetividade de González Rey, que permite compreender os sentidos produzidos nas relações escolares e suas implicações para a inclusão. O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica com base em artigos científicos publicados nos últimos 15 anos. Os resultados apontam que há uma valorização das avaliações externas em detrimento de práticas inclusivas, evidenciando uma contradição entre os discursos institucionais e as ações concretas. Além disso, nota-se a representação do atendimento educacional especializado como algo à parte da escola, isolando-o das práticas pedagógicas cotidianas. A formação dos professores ainda é considerada insuficiente, sendo frequentemente tratada como uma responsabilidade individual, o que contribui para a percepção de que a inclusão é um desafio pessoal, e não institucional. As emoções, concepções e relações vivenciadas pelos professores influenciam diretamente a maneira como se posicionam diante da inclusão, revelando a necessidade urgente de espaços reflexivos que considerem a complexidade do desenvolvimento humano e a produção coletiva de sentidos na escola. Nesse contexto, destaca-se a importância do psicólogo escolar como agente que pode favorecer esses espaços de reflexão e diálogo, contribuindo para a construção de novas representações sobre aluno atípico e apoiando os professores na ressignificação de suas práticas inclusivas.

Palavras chaves: psicologia; inclusão; escolar.



Papel do psicólogo no cuidado multiprofissional a pacientes pós-AVC: uma pesquisa bibliográfica

Nicole Araujo Thomaz
Sylvio Pecoraro Junior

Este trabalho tem como objetivo propor uma pesquisa bibliográfica sobre as contribuições da Psicologia no cuidado multiprofissional a pacientes pós-AVC. Para isso, foram selecionados artigos científicos publicados em bases de dados nacionais e internacionais da área da saúde. O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é uma das doenças que mais causam mortes no mundo e representa a principal causa de incapacitação em pessoas com mais de 50 anos, geralmente deixando sequelas. Os resultados da pesquisa bibliográfica apontam que nesse contexto, o profissional de Psicologia pode oferecer acolhimento e manejo das demandas emocionais decorrentes das incapacitações provocadas pelo evento neurológico, como ansiedade e depressão, auxiliando o paciente a dar novo sentido a sua nova condição de vida. Além disso, é papel do psicólogo fornecer informações e apoio tanto ao paciente quanto aos familiares sobre as limitações funcionais e cognitivas resultantes da doença. A Psicologia contribui para que o indivíduo reencontre seu equilíbrio emocional e desenvolva um processo de aprendizagem interno que o ajude a lidar com futuras adversidades. O psicólogo também atua na avaliação e reabilitação cognitiva, promovendo estratégias que auxiliam o paciente a enfrentar os déficits e a recuperar, compensar ou adaptar-se às funções perdidas, favorecendo a adaptação e a conquista de maior independência. Essa pesquisa bibliográfica reforça a importância da Psicologia no contexto da reabilitação multiprofissional, destacando sua capacidade de promover bem-estar emocional, readaptação social e melhora da qualidade de vida.

Palavras chaves: psicologia; avc; reabilitação; saúde mental.



Conscientização sobre mudanças climáticas e objetivos de desenvolvimento sustentável na educação básica

Mariana Conceição dos Santos Guariento

As Nações Unidas (ONU) estabeleceu dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que abordam os principais desafios de desenvolvimento social, econômico, ambiental e climático enfrentados por pessoas no Brasil e no mundo. Dentre eles, está o ODS 13, que se refere à ação contra a mudança global do clima, a fim de adotar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos. Com isso, o presente trabalho visa apresentar, em formato de feira de ciências, o ODS 13, a partir das produções de estudantes da disciplina de Língua Inglesa da terceira série do Ensino Médio Regular do Colégio Estadual Yonne Maria Siqueira de Andrade, em Nova Iguaçu/RJ. Foram utilizadas projeções de imagens e vídeos de antes e depois de emergências climáticas no mundo, maquetes com tipos de desastres socioambientais, objetos para ilustrar comportamentos pessoais e cotidianos que prejudicam o clima, notícias em Inglês sobre as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, e poster com o resumo traduzido para as Línguas Portuguesa e Inglesa, relacionando com conceitos da psicologia em emergências e desastres. O cronograma de planejamento da feira consistiu na escolha do ODS pela professora da turma, palestra sobre o tema, oficina sobre como escrever um resumo científico, distribuição de tarefas entre os estudantes da turma, organização da sala de aula, avaliação dos trabalhos pelos professores, apresentação para outras turmas e exposição aberta aos pais dos estudantes. Conclui-se que a atividade cumpriu com um dos itens do ODS 13, que aborda sobre melhorar a educação, aumentar a conscientização e a capacidade humana e institucional sobre mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce da mudança do clima. A feira de ciências proporcionou discutir o conceito de sustentabilidade, a partir da psicologia em emergências e desastres, utilizando conhecimento científico para mitigar problemas socioambientais com soluções criativas.

Palavras-chave: educação básica; mudanças climáticas; psicologia.



A maternidade como trauma: uma experiência impossível de ser simbolizada

Cristiane Carvalho de Oliveira Arruda
Victor Leandro Silva Rosa

Este artigo discute a maternidade como uma vivência traumática, independentemente de eventos aversivos associados à concepção ou ao parto. A pesquisa qualitativa foi realizada em uma instituição de reabilitação física, com base na escuta de pacientes e na observação das relações simbióticas entre mães e filhos. Fundamentada nos conceitos de Lacan sobre o trauma (1964-2008), a análise considera a maternidade como um atravessamento que transforma o aparelho psíquico da mulher, confrontando-a com o Real – uma dimensão indizível e impossível de ser plenamente simbolizada. O trauma estrutural, tradicionalmente associado à entrada do sujeito no mundo simbólico, também se manifesta na experiência materna. O contato da mãe com o filho, enquanto Outro, inaugura uma nova linguagem e ordem simbólica, marcada pela singularidade do sentir. Essa transformação exige que a mãe ressignifique sua subjetividade, ao mesmo tempo em que precisa garantir a autonomia do filho como sujeito único. A pesquisa destaca que, mesmo em contextos de limitações físicas da criança, como observado na instituição estudada, é essencial que a função materna – que pode ser exercida por figuras não consanguíneas – promova o equilíbrio entre o vínculo simbiótico inicial e a independência do filho. Os resultados evidenciam que a maternidade é um processo de reconstrução subjetiva para a mãe, que busca, em sua singularidade, lidar com o Eu perdido diante da nova realidade que escapa à ordem simbólica. Essa ressignificação é crucial tanto para a mãe quanto para o filho, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Este estudo contribui para a compreensão do impacto psíquico da maternidade e oferece subsídios para práticas psicológicas voltadas ao apoio de mães e filhos em situações de reabilitação e cuidado.

Palavras-chave: maternidade; trauma; psicanálise; subjetividade



A luta antimanicomial: um mosaico de vozes insurgentes

Breno Lemos de Sousa/ Eliel Coelho Camargo
Larissa Peixoto de Medeiros/ Viviane Pinheiro Andrade da Silva
Rebecca dos Santos Alcici

Este estudo propõe uma reflexão sobre a luta antimanicomial e suas contribuições para a transformação das práticas em saúde mental no Brasil. O trabalho foi desenvolvido na disciplina "Políticas de Saúde e Atenção Psicossocial", do curso de Psicologia, e incluiu uma visita técnica a um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Nessa visita, os estudantes puderam conhecer o funcionamento do serviço, entrevistar profissionais e observar as práticas de cuidado no território. Além disso, o grupo realizou uma pesquisa e apresentação sobre o psiquiatra italiano Franco Basaglia, cuja atuação foi essencial na desinstitucionalização da psiquiatria na Europa, influenciando diretamente a Reforma Psiquiátrica brasileira. Essa reforma tem como base princípios éticos e científicos que valorizam o cuidado em liberdade, a dignidade do sujeito e a superação do modelo manicomial, marcado por exclusão e tratamentos desumanos. A pesquisa teórica buscou compreender os avanços e desafios na consolidação dos serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos, como os CAPS, que oferecem atendimento humanizado, interdisciplinar e com foco na reinserção social. Durante a visita técnica, os relatos evidenciaram tanto os avanços nas práticas territoriais quanto as dificuldades enfrentadas pelos profissionais, como a complexidade dos casos e a necessidade de articulação com a rede de serviços. Conclui-se que, apesar dos progressos impulsionados pela Lei nº 10.216/2001, ainda são necessários o fortalecimento das políticas públicas e a sensibilização da sociedade para garantir uma atenção psicossocial ética, comunitária e baseada nos direitos humanos.

Palavras-chave: luta antimanicomial; saúde mental; reforma psiquiátrica; franco basaglia; atenção psicossocial.



Arte COM Mandalas: Experiências Sensíveis de Expressão, Presença e Pesquisa em Psicologia

Pâmela Diniz Silva
Poliana Magalhães Gomes
Cintia Silva de Sá

Abrir-se ao sensível e criar espaços de expressão torna-se uma necessidade diante das pressões e acelerações do mundo contemporâneo. No ritmo frenético da vida cotidiana, a arte surge como linguagem capaz de nos reconectar ao corpo, ao afeto e à escuta. É nesse movimento que se insere a pesquisa de mestrado no PPGPS/UERJ orientada pela professora Laura Quadros, que se propõe a um olhar atento às potências da arte com mandalas no campo da experiência, a partir da Gestalt-Terapia. Inspirada pela proposta do PesquisarCOM, da Pesquisa Artesanal e da Teoria Ator-Rede, criamos uma oficina de mandalas como parte do processo de pesquisa em parceria com o projeto de extensão COMtextos: Arte e Livre Expressão na Abordagem Gestáltica. A oficina foi realizada presencialmente, com a participação de 15 pessoas de diferentes faixas etárias, em sua maioria mulheres. A oficina não foi apenas artística, mas uma vivência estética e relacional, onde os participantes foram convidados a experimentar o tempo, a escuta sensível, a criação livre entrelaçada a ética do cuidado. A cada traço, cor ou sobreposição de formas, emergiram histórias, afetos e silêncios que também falam. A mandala operou como dispositivo de presença, favorecendo o contato consigo e com o grupo. A oficina mobilizou o corpo e os sentidos: músicas ativaram memórias, os materiais acionaram o tato, as cores despertaram emoções. A criação de mandalas, não versa sobre técnica, mas sobre vínculo: entre pessoas, entre o dentro e o fora, entre arte e existência. Seguindo a abordagem gestáltica, esse trabalho buscou ampliar a percepção e favorecer a emergência de sentidos próprios, costurando caminhos entre arte e psicologia. A experiência reafirma a potência da arte como método de pesquisa, recurso clínico e gesto político.

Palavras-chaves: Mandalas; Gestalt-Terapia; Arte; Psicologia; Ética do Cuidado.

Fonte financiadora do trabalho: Departamento de Extensão (DEPEXT) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



Estudos de equivalência entre versões tradicionais e informatizadas de testes psicológicos: uma revisão sistemática

Nicolle Alves de Macedo,
Nicolly Victória de Medeiros Braga,
Mickaela dos Santos Gomes Faria,
Emmy Uehara Pires.

O campo da Neuropsicologia atualmente apresenta uma conjuntura favorável à integração com as Tecnologias da Informação (TI), especialmente no campo dos testes psicológicos. No entanto, ainda persistem debates na literatura sobre a equivalência entre as versões tradicionais e informatizadas desses instrumentos. Assim, esta revisão sistemática se ampara no recorte temporal de 2014 até 2023 com o intuito de abordar o estado da arte de estudos que investigam sobre a equivalência entre versões tradicionais e informatizadas de testes psicológicos. Os critérios de seleção incluíam estudos com fontes primárias de informação nos idiomas português e inglês. O levantamento inicial identificou 3.670 artigos nas bases de dados PubMed (1.686), LILACS (210) e Web of Science (1.774). Após a exclusão de 1.148 duplicatas, restaram 2.522 referências para triagem, dos quais 2.436 estudos foram descartados. Assim, 86 estudos foram selecionados para leitura na íntegra, dos quais 45 foram incluídos na amostra final da revisão sistemática. Os resultados das análises indicam grande maioria dos estudos revelando equivalência entre versões informatizadas e tradicionais. Em contrapartida, o estudo revela grandes incertezas ainda existentes na área da Neuropsicologia, as quais apontam para temáticas como a falta de familiaridade com a tecnologia por parte de algumas populações e a viabilidade da Tele Neuropsicologia. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Volta Redonda - Unifoa, Fundação Oswaldo Aranha, com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 63727922.3.0000.5237. Além disso, a presente revisão sistemática está registrada na PROSPERO com ID CRD420251052315.

Palavras-chave: Testes psicológicos; informatização; equivalência; neuropsicologia.

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)



Desnortear saberes psi hegemônicos: o Censo Psicossocial dos usuários da RAPS/ERJ

Michael Santana da Paz/ Victoria Elisa Barbosa da Silva/
Jéssica Helena Vaz Malaquias/ Lucas Moura Santos Silva/
Rachel Gouveia Passos

O cuidado em saúde mental promovido pela Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no Brasil exige uma crítica aos saberes hegemônicos, à manicolonialidade e à branquitude presentes nas práticas da saúde. A lógica manicomial dos saberes psi historicamente contribuiu para o enclausuramento de sujeitos considerados desviantes da norma, especialmente nas periferias e ruas. O racismo científico, o higienismo e a eugenia orientaram políticas de controle e vigilância sobre corpos negros, pobres e marginalizados, restringindo seus modos de circular e existir. A partir do Censo Psicossocial dos usuários da dos serviços de saúde mental do estado do Rio de Janeiro, iniciado em 2023, buscamos refletir sobre o cuidado em saúde mental e os atravessamentos étnico-raciais nas práticas profissionais. A pesquisa envolve o mapeamento dos usuários da RAPS e ações de educação permanente nas 9 regiões de saúde do estado. Foram realizadas 17 oficinas com base na Educação Popular, envolvendo 489 profissionais da RAPS fluminense. Observou-se um predomínio de mulheres cis, heterossexuais e profissionais da psicologia, evidenciando pouca diversidade étnico-racial, de gênero e orientação sexual. Também ficou clara a fragilidade das discussões sobre marcadores sociais da diferença e sobre equidade em saúde nos territórios. O apagamento dessas questões na formação e na prática profissional levanta importantes questionamentos sobre os silenciamentos em torno da relação entre sofrimento psíquico e experiências marcadas por desigualdades sociais. Em contraponto ao branqueamento e à lógica excludente da saúde mental hegemônica, a diversidade propõe novas formas de cuidado. A análise das oficinas do Censo aponta para a urgência de desnortear a psicologia dominante e promover práticas plurais e antirracistas no campo da saúde mental.

Palavras-chave: Aquilombamento; Psicossocial; Racialização;

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ



A medicalização do corpo feminino: um recorte da violência de gênero

Camilla da Silva Rocha (CRP 05/76345)

Letícia Machado Santos de Almeida (CRP 05/67594)

Uma sociedade patriarcal impõe diversos impactos sobre a vida das mulheres, e esses reflexos também se manifestam no campo da saúde mental. Neste sentido, este trabalho propõe uma reflexão sobre as experiências vivenciadas em atendimentos psicoterápicos com mulheres. Observa-se, nesses atendimentos, uma recorrente medicalização por meio do uso de psicotrópicos, bem como a alta prevalência de diagnósticos como ansiedade, depressão, transtorno de personalidade borderline e transtorno bipolar. Tais diagnósticos, muitas vezes, são formulados sem a devida consideração dos contextos sociais, econômicos e históricos que atravessam esses corpos, o que pode reforçar a invisibilização de sofrimentos que são, em grande parte, produzidos pelas opressões de gênero, raça e classe. Nesse cenário, torna-se comum a patologização da sobrecarga cotidiana, das violências de gênero e dos lutos que atravessam a vida das mulheres. Em atendimentos realizados, especialmente no contexto de convênios de saúde, é frequente que essas mulheres já cheguem ao serviço psicológico previamente medicalizadas, como se a psicologia devesse apenas “dar conta” de um sofrimento já rotulado. Muitas relatam ser as únicas responsáveis pelos cuidados da casa, dos filhos e de familiares idosos, enfrentando jornadas exaustivas e solidão no cuidado. Ainda assim, antes mesmo de qualquer escuta qualificada, são encaminhadas à psiquiatria, onde recebem diagnósticos e medicamentos como lítio, rivotril e bupropiona de maneira indiscriminada, como se a exaustão provocada por essa sobrecarga fosse uma disfunção individual que pudesse ser resolvida com medicação. Sendo assim, é urgente uma prática de escuta clínica política e crítica que incorpore a compreensão do contexto social e se afaste desse contexto patologizante e medicalizante, entendendo também a importância de levantar apontamentos para o próprio clinicando sobre esses diagnósticos.

Palavras-chave: Patologização; medicalização; patriarcado; violência de gênero



Possibilidades no acolhimento: relato de experiência em recepções de terapia de família

Mariana Rocha Leão de Araujo
Anna Carolina de Oliveira da Cunha

O trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas pelas autoras e especializadas em terapia de família do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro - IPUB, nos grupos de recepção às famílias, em sua maioria, com pacientes portadores de transtorno mental que passaram por internação no IPUB. Visando analisar a relevância do papel do grupo no acolhimento e seus efeitos no funcionamento das famílias nesses encontros. Cada família frequenta três encontros em grupo de duas a quatro famílias para relatarem suas motivações pela busca da terapia de família e seus objetivos com o processo terapêutico nestes moldes. Tais encontros se dão para que as especializadas escutem as demandas das famílias e discutam posteriormente em supervisão quais necessitam ser encaminhadas para dar prosseguimento às sessões em terapia de família, bem como apresentar às famílias o modelo de trabalho com terapeuta e equipe reflexiva. A partir de referenciais teóricos da Teoria Sistêmica e da Gestalt-terapia, balizamos nossa prática sob uma visão dialógica, que permite a construção colaborativa de uma conversação terapêutica. Assim, tem sido percebido que os grupos iniciais têm tido efeitos significativos nas relações dos integrantes das famílias e o impacto do campo nos relatos trazidos. Observa-se que o encontro de diferentes sistemas familiares possibilita uma fértil experiência de contato, na qual o reconhecimento de diferenças e similaridades produz a criação de novas possibilidades de narrativas fundadas nos afetos que emergem da relação. Dessa forma, a experiência de campo formada por diferentes famílias e as terapeutas demonstra ser terreno fértil para a emergência de conteúdos relevantes nas relações individuais perpassadas por fatores socioculturais.

Palavras-chave: grupo; terapia de família; teoria sistêmica; gestalt-terapia.



Introdução à arte da escuta e do cuidado na clínica fenomenológico-hermenêutica

Caroline Garpelli Barbosa
Amanda Cortes Sepulveda de Souza
Arthur Cortial Carvalho Magalhães
Daniel Amaduro Quadros

O presente projeto teórico-prático se enquadra no eixo Práticas na formação em Psicologia e tem por objetivo promover, no âmbito das atividades de graduação em psicologia, um espaço de estudo, reflexão, sensibilização, experimentação e cuidado em torno da temática da escuta, com vistas a contribuir para uma formação clínica que tenha a escuta como posição ético-política fundamental. Busca-se não apenas valorizar a escuta, mas, sobretudo, ampliar a sua concepção e seu exercício por parte dos estudantes, além dos modos possíveis de escutar, o que implica promover um espaço seguro para que os participantes possam lançar-se à posição de escuta e habitar esse lugar. Para tanto, são promovidos encontros presenciais semanais, de duas horas de duração, com graduandos de qualquer período letivo. Durante esses encontros, o grupo dialoga sobre textos amparados na fenomenologia hermenêutica e obras de arte dos mais diversos autores/as, materiais esses sustentados por 3 pilares: Teórico, no qual se discutem os fundamentos da prática clínica-filosófica da fenomenologia-existencial, assim como pensamentos decoloniais e dos povos originários; Experiencial, em que, a partir do contato com a arte em suas várias formas - literatura, pintura, escultura -, os integrantes podem experimentar a escuta como sendo porosa, simples e complexa, não reduzida ao sentido da audição; Clínico, em que são debatidos casos e textos relativos a multiplicidade do sofrimento contemporâneo e a singularidade a qual sua escuta requer. Ao final de cada encontro, os membros são convidados a expressar, à sua maneira, como a experiência os atravessou, produzindo um diário. O projeto tem mostrado: significativo engajamento dos estudantes nas discussões teórico-clínicas da abordagem existencial; afinamento do processo de escuta e discussão dos textos e obras; desenvolvimento da escrita de si e das experiências; e reverberações no fazer clínico e acadêmico dos componentes.

Palavras-chave: psicologia clínica; psicologia fenomenológico-hermenêutica; escuta; cuidado.



Reflexões clínico-políticas pelo viés da Psicanálise: o inconsciente ainda estruturado como linguagem

Vítor Ferreira de Brito
Bernardo Gallez Barreiros
Marcos Vinicius Brunhari

Este trabalho pretende discutir, pelo viés da Psicanálise, a respeito das implicações e entrelaçamentos entre Psicanálise e Política. O percurso da pesquisa é sustentado por reuniões de grupo de pesquisa e de Iniciação Científica com estudantes de graduação de diferentes períodos e um professor coordenador. Parte-se da clínica desde a qual o sujeito é constituído e efeito de linguagem. A entrada do sujeito na linguagem, que deixa faltas e lacunas, funda um limite próprio do ser falante – a impossibilidade de tudo nomear, assim, tem-se o sujeito constituído a partir da incompletude. Em nossa proposta, o Discurso Capitalista em sua face neoliberal almeja se apropriar deste mal-estar, oferecendo soluções fadadas ao fracasso. Este discurso mantém um circuito que visa suprimir modos de sofrimento psíquico vistos como disfuncionais. Em contrapartida, há a produção de novas gramáticas de adoecimentos psíquicos que expressam os impactos desta ordem social nos sujeitos que chegam à clínica psicanalítica contemporânea. Assim, entendendo o inconsciente estruturado como linguagem, é possível reconhecer que há um embate a respeito do campo simbólico, e construções de sentidos, entre o sujeito e o discurso totalizante neoliberal. Entre o sujeito e o campo social, há encontros e desencontros que possibilitam diferentes formas de significações singulares. Dessa maneira, como testemunha do laço social, o corpo falado e o corpo falante, evidenciam um corpo que é socializado e atravessado pelo discurso, que é laço social. Na clínica psicanalítica brasileira, o sujeito que se propõe a falar livremente, deixa pistas das marcas do social, sendo possível escutar os efeitos de um discurso que visa o silenciamento e a domesticação. Porém, ao se apropriar da palavra, o sujeito abre caminhos de encontrar uma posição frente à um ideal objetificante; além de fazer existir o que até então não havia meios de se dizer.

Palavras-chave: psicanálise; clínica; política; inconsciente; linguagem.

Fonte financiadora do trabalho: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/UERJ.



Familismo e Saúde mental em adultos: Uma revisão de escopo

Clara Teixeira e Silva
Clarissa Teixeira Cardoso de Carvalho
José Augusto Evangelho Hernandez

O familismo é um valor cultural que enfatiza lealdade, suporte emocional e obrigação familiar, sendo especialmente presente em culturas latinas. Embora esse construto seja amplamente explorado em crianças, adolescentes e populações específicas, ainda são escassas as investigações que abordam sua relação com a saúde mental na fase adulta. Este estudo teve como objetivo mapear a produção científica nacional e internacional sobre o familismo e seus impactos na saúde psicológica de adultos. Foi realizada uma revisão de escopo guiada pelas diretrizes do PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), com buscas nas bases de dados PubMed, Scopus e Web of Science, utilizando os descritores “familism” AND “mental health” AND “adults”. A busca resultou em cinco artigos que atenderam aos critérios de inclusão, com publicações entre 2010 e 2022. Os estudos foram majoritariamente conduzidos nos Estados Unidos, com populações latinas. A análise mostrou que o familismo pode atuar tanto como fator de proteção – promovendo suporte social, coesão familiar e senso de pertencimento – quanto como fator de risco, ao reforçar sentimentos de obrigação e sobrecarga emocional. Observou-se uma predominância de delineamentos transversais e a ausência de estudos longitudinais, bem como a necessidade de explorar variáveis moderadoras como gênero, classe social e cultura. Os resultados destacam lacunas importantes na literatura e indicam a urgência de investigações que aprofundem o papel do familismo em diferentes fases do ciclo vital adulto, com maior diversidade geográfica e metodológica.

Palavras-chave: familismo; saúde mental; adultos; suporte social.

Fonte financiadora do trabalho: Financiamento próprio.



Práticas de aquilombamento e reflexões antirracistas na RAPS

Lune Beatriz Valadão Vidal
Emiliano de Camargo David

Com este trabalho, propomos uma reflexão para promoção de saúde mental antirracista, a partir da experiência de estágio em Psicologia Social e Institucional no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realizado nos equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) onde, o trabalho de campo ocorre, mais especificamente, em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas - modalidade III (CAPS AD III). A atividade de estágio dá-se em acompanhar uma oficina de cultura afro-brasileira nomeada "AquilombaCAPX", criada e oferecida pelos/as trabalhadores/as do CAPS AD III Paulo da Portela - serviço localizado na região administrativa de Madureira (Zona Norte). A oficina se constitui com a observação das relações entre usuários, trabalhadores, comunidade e território, sendo um espaço de cuidado utilizando-se, terapeuticamente, de atividades sócio-culturais e discussões com temáticas afro-brasileiras. Essas atividades, além de promoverem cuidado em liberdade, são primordiais para a resignificação afirmada das vivências negras do território e de seu pertencimento positivo às comunidades ao redor. A partir do dispositivo de aquilombamento, tem sido possível reconhecer a importância das ampliações das práticas antirracistas baseadas na perspectiva de Redução de Danos no Sistema Único de Saúde (SUS). Diante disso, analisamos cartograficamente os processos de subjetivação de grupo, de modo que possamos mapear qualitativamente seus efeitos psicossociais antirracistas. Assim, temos como objetivo o fortalecimento da oficina e de sua permanência, para que seus resultados sejam presentes no cotidiano dos usuários, trabalhadores e da comunidade participante.

Palavras-chave: antirracismo; aquilombamento; cartografia; redução de danos; saúde mental.

Fonte financiadora do trabalho: sem fonte de financiamento.



Psicoterapia Fenomenológico-Existencial e os Modos Possíveis de Ser Criança

Arthur Cortial Carvalho Magalhães

Daniela Braga Caruncho

Caroline Garpelli Barbosa

O presente projeto se insere no eixo Práticas na formação em Psicologia e, enquanto estágio supervisionado específico ofertado pelo Serviço de Psicologia Aplicada - UFF e fundamentado na abordagem fenomenológico-existencial, possibilita a realização de psicoterapia amparada no referencial teórico supracitado para crianças, adolescentes, adultos e idosos que procurarem o serviço. Por meio de atendimentos clínicos supervisionados e grupo de estudos semanais, ambos presenciais, os estagiários experimentam a prática profissional da psicoterapia, além do fomento de discussões sobre a entrevista clínica, o enquadre terapêutico, o método fenomenológico, os fundamentos filosóficos da fenomenologia-existencial e da hermenêutica, a compreensão do sofrimento e sua relação com a situação histórico-epocal, o manejo clínico e a escuta clínica, enfatizando o resguardo aos princípios éticos que regem o exercício profissional dos psicólogos. Nesse sentido, contribui-se para uma formação estudantil crítica e reflexiva, capaz de questionar as práticas tecnicistas e instrumentais presentes no discurso contemporâneo. A fim de exemplificar o fazer clínico no horizonte histórico atual, apresenta-se brevemente dois casos clínicos relativos a psicoterapia com crianças, nos quais é possível observar o desencontro entre as expectativas e demandas dos pais/responsáveis em relação aos seus filhos e o modo de ser desses últimos, evidenciando a restrição de possibilidades impostas às crianças, o lugar que o psicólogo ocupa nesse cenário e as especificidades da clínica infantil. Espera-se, assim, colaborar com a compreensão do ser criança, o reconhecimento dos modos possíveis de ser criança, a valorização da infância e a construção de uma clínica infantil sensível e atenta à existência que se anuncia em tenra idade.

Palavras-chave: psicoterapia; psicologia clínica; fenomenologia-existencial; crianças; infância.



Saúde Mental e Direitos Humanos: Projeto com Idosas em Território Vulnerável

Taís Khouri Laureano
Liliane Andrea Ferreira Tavares
Iago Marafina

Este trabalho apresenta a experiência de um projeto de extensão universitária voltado à promoção da saúde mental e ao fortalecimento de vínculos com mulheres idosas da comunidade Cruzada São Sebastião, localizada no bairro do Leblon (RJ). Inserida em um dos bairros mais ricos do país, essa comunidade enfrenta estigmas territoriais, desigualdade social e limitações no acesso a serviços públicos. A proposta foi fundamentada pelas perspectivas teórico-práticas da Psicologia Social Comunitária, alinhada à agenda de direitos humanos e aos pressupostos do Código de Ética Profissional do Psicólogo, além das orientações presentes nas políticas nacionais da mulher e do idoso. O projeto teve como objetivo criar espaços de escuta, psicoeducação e fortalecimento comunitário, alinhado aos ODS 3, 5 e 10 da Agenda 2030 da ONU. A intervenção envolveu cerca de dez idosas, com idades entre 50 e 80 anos, ao longo de quatro encontros presenciais realizados na sala da Paróquia Santos Anjos, local onde o CRAS desenvolve ações do Centro de Convivência. Também ocorreram entrevistas e visitas prévias para diagnóstico e articulação com lideranças locais. Os encontros foram construídos com base na Metodologia de Análise das Redes Sociais (MARES) e inspirados na Terapia Comunitária Integrativa, utilizando rodas de conversa, dinâmicas de grupo e a construção coletiva de mapas individuais e do grupo. Como resultados, observou-se o fortalecimento de vínculos entre as participantes, maior apropriação de saberes relacionados à saúde mental e o surgimento de redes de apoio e reconhecimento mútuo. Depoimentos espontâneos revelaram que as participantes se sentiram acolhidas, escutadas e valorizadas. A experiência despertou reflexões sobre a potência do cuidado em rede, a escuta como prática ética e a importância da presença da universidade em territórios populares como agente de transformação social.

Palavras-chave: direitos humanos; gênero; vulnerabilidade social; idosos; metodologia MARES



Conhecendo crianças através de observação e escuta ativas

Josimara de Souza Matos
Suelen Fonseca Afonso

Esse relato pretende compartilhar nossa experiência como discentes da disciplina de Estágio Básico II, onde podemos desenvolver a competência de observação, e o campo foi a Unidade Municipal de Educação Infantil Portugal Pequeno, em Niterói. O estágio básico tem carga horária total de 136 horas, distribuídas entre prática no campo e supervisão. Tivemos a oportunidade de observar crianças da faixa etária de 3 a 5 anos, em interação com seus coetâneos, com suas professoras e, de forma autorreflexiva, conosco mesmas. Tais observações tiveram por base o enquadre da Psicologia Cultural e focalizaram, em especial, os afetos que permeavam tais interações e que se expressavam em conversas, brincadeiras, disputas e conflitos. Notamos que, no período pré-escolar, por mais que a criança utilize a linguagem falada, ainda não adquiriu um desenvolvimento suficiente neste âmbito, especialmente em termos de diferenças no emprego e compreensão do sentido de palavras e expressões linguísticas. Isto tanto em relação aos adultos e coetâneos porque, além de lhe faltar o tempo necessário de experiência de vida para se apropriar da polissemia da língua, também entrelaça o sentido das palavras às suas fantasias e vivências. Assim, concluímos que cabe a todos os envolvidos com crianças uma sensibilidade quanto ao processo em atribuir, compreender e construir significações que se expressam não só de forma compartilhada, mas também singular.

Palavras-chave: educação infantil; psicologia cultural; criança, observação; escuta.



Psicologia, Gestão e Políticas Públicas no DEGASE: Práticas em Disputa

Caio da Silva Esteves
Elis Regina de Castro Lopes
Thayná Rodrigues Vieira de Souza
Vênus Carvalho dos Santos Bezerra

Este resumo é parte da pesquisa de iniciação científica desenvolvida no curso de Psicologia da UNISUAM (2024–2026), cujo objetivo geral é discutir os diferentes fazeres da Psicologia no sistema socioeducativo em contextos de privação de liberdade. A pesquisa de campo será realizada no Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE-RJ) e, neste recorte, reflete-se criticamente sobre a atuação da Psicologia nos espaços de gestão, entendidos como territórios tensionados entre normativas institucionais, demandas da política pública e práticas ético-políticas. O método qualitativo articula análise documental, entrevistas e observação participante, apoiando-se em referenciais como a análise institucional e a psicologia social crítica. Neste sentido, o presente trabalho visa abordar a incidência do psicólogo em departamentos como a Divisão de Saúde Mental e a Divisão de Psicologia do DEGASE, entre outros espaços, em seus impasses e potenciais frente à realidade imposta pela instituição DEGASE e os referenciais profissionais da psicologia na construção do seu fazer. O espaço de gestão, longe de ser neutro, revela-se como lugar de disputas entre lógicas burocráticas, sanitaristas, punitivas e socioeducativas, expondo as contradições entre o discurso garantista das políticas públicas e a manutenção de práticas que ainda reforçam o controle e a punição. A atuação da psicologia nos espaços de gestão pode, principalmente, ser palco para repensar a implicação profissional, através da abertura para pesquisas nesse espaço, é possível produzir fissuras no instituído, desde que sustentada por um posicionamento ético-político na garantia dos direitos humanos. De tal forma que o fazer do psicólogo possa ser visto para além de um atendimento clínico, como uma produção de conhecimentos que agrega às políticas públicas e procedimentos internos. Assim, este trabalho aposta na potência da Psicologia enquanto campo de resistência e mediação, capaz de tensionar práticas institucionalizadas e promover a transformação das relações no interior do sistema socioeducativo.

Palavras-chave: psicologia; sistema socioeducativo; gestão nas políticas socioeducativas; políticas públicas; direitos humanos.

Comitê de Ética- processo: CAAE: 88145025.2.0000.5235 UNISUAM



Interlocução entre Judiciário e Saúde Mental: apresentação de um caso

Julienne Parada

A prática na fronteira entre Judiciário e Saúde Mental pode revelar uma falta de diálogo entre ambos e destacar a relevância da contratransferência como aspecto crucial na práxis profissional. Neste trabalho, o conceito de contratransferência será explicado com base na Psicanálise, referindo-se às reações inconscientes do profissional em relação ao seu objeto de trabalho, as quais, se não bem manejadas, podem comprometer o conjunto de ações e intervenções a ser efetivado. Com o intuito de ilustrar os reverses de decisões judiciais emocionalmente devastadoras e traumáticas, será explanada a trajetória de uma adolescente durante o período em que ela experimentou internações psiquiátricas determinadas pelo poder judiciário, ainda que sem indicação clínica, as quais lhe geraram a exacerbação dos problemas comportamentais e dos danos psíquicos e a inserção em um ciclo de estigmatização e punição. O trabalho a ser apresentado é, então, fruto do meu exercício profissional em uma vara da infância, da juventude e do idoso e foi realizado com abordagem qualitativa, tendo como metodologia a revisão bibliográfica somada ao estudo de caso, tendo sido os dados explorados utilizando-se a análise discursiva. O texto questiona por que o juiz determinou internações compulsórias, o que ele levou em conta, em que se fundamentou... Enfim, o texto questiona as decisões do magistrado e as analisa do ponto de vista psicanalítico, remetendo à noção de contratransferência, em vez de encará-las pura e simplesmente como falha no entendimento do papel de cada esfera envolvida e abuso de poder. É importante enfatizar que a análise crítica das deliberações judiciais é fundamental para promover um sistema de justiça que, em vez de causar infortúnios, respeite a dignidade dos indivíduos; e que as intervenções devem ser éticas, humanizadas e pautadas pelo diálogo entre os entes.

Palavras-chave: contratransferência; judiciário; saúde mental.



Liga Acadêmica como Potencialização: A Construção Coletiva do Saber em Formação

Flávia do Nascimento Archer
Paula Quintaes Mourão
Isabelle Barcellos Nepomuceno
Cristiane de Carvalho Guimarães

A Liga Acadêmica de Psicologia - Saúde Mental, da Universidade Estácio de Sá, Campus Maracanã, é uma organização estudantil sem fins lucrativos, idealizada e estruturada por alunos, para alunos, com a orientação de um docente. Fundada no dia 18/03/2024, com o intuito de potencializar a formação profissional, abrange os tripés da formação: ensino, pesquisa e extensão. Visa a exploração de conteúdos extracurriculares transversais, que conectem com outras áreas de conhecimento, inserindo a Psicologia em espaços ainda não explorados, e incentivando o estudante a buscar uma atuação conjunta extraclasse. É um espaço desenvolvido para que os alunos possam construir juntos a formação que eles desejam ter. Em um levantamento feito através de formulário online, foi possível realizar um mapeamento das necessidades para além da grade curricular - quais conhecimentos não estavam sendo bem explorados na percepção dos alunos. A partir disso, foram elaboradas oficinas; simpósios; clubes de leitura, de cinema e de debate; jornais mensais com notícias e artigos atuais e relevantes para o meio; planner de organização de estudos; entre outros projetos. Estas iniciativas proporcionam uma visão ampliada da psicologia, facilitam o dia a dia acadêmico, auxiliam na aquisição de habilidades de escrita e oratória, e proporcionam um panorama prévio do mercado de trabalho. Por ter acesso direto à docente orientadora, que é coordenadora do curso, a Liga também funciona como porta voz das necessidades e inquietações de seus colegas, buscando ser um elo e uma ponte entre o corpo docente e discente. Um professor sozinho não dá aula, é preciso que alunos interessados estejam abertos para ouvir, engajar e aprender. Os alunos são a engrenagem que precisa se movimentar para que o conhecimento possa circular. O crescimento profissional se constrói a partir da faculdade e a Liga Acadêmica é um primeiro passo.

Palavras-chave: liga acadêmica; formação acadêmica; desenvolvimento profissional; construção em conjunto; aprofundamento teórico e prático.

Fonte financiadora do trabalho: Não se aplica.



O papel da psicanálise em atendimentos de curta duração no contexto hospitalar

Vinícius Anciães Darriba/ Beatriz Penha França Gonzaga/
Julia Cristina Nunes dos Reis/ Natália Miguel de Lima/
Vítor Ferreira de Brito

A partir do estágio curricular “Psicanálise e Práticas Hospitalares”, realizamos atendimentos em enfermarias do Hospital Universitário Pedro Ernesto sob o olhar psicanalítico. Entende-se que o contexto hospitalar é marcado pelo discurso médico, que objetiva o paciente enquanto ser biológico e foraclui o sujeito do inconsciente. Buscamos apostar no sujeito e na urgência subjetiva, com a compreensão de que o ambiente hospitalar, em seu dinamismo, implica em atendimentos de curta duração, onde a psicanálise busca não o desaparecimento do sintoma, mas estabelecer um espaço onde o sujeito do inconsciente apareça e seja convidado à posição de falar. Assim, na oferta da escuta, há a possibilidade do sujeito tecer significações e traduções que fazem a passagem do padecimento no corpo para o sofrimento na palavra. Os atendimentos psicológicos são solicitados via parecer no prontuário multiprofissional (MV) ou verbalmente pelas equipes das enfermarias, seja por uma crise do paciente devido ao processo de internação ou ao quadro de adoecimento. O papel dos estagiários concentra-se, principalmente, no acolhimento de pessoas em situações de crise, hospitalizadas por diversos motivos, além do acolhimento oferecido também para seus acompanhantes, visando a abertura de um espaço que possibilite ao paciente falar sobre o que é da ordem do insuportável, proporcionando a singularização do cuidado. Este é um ponto importante, visto que o trabalho é realizado em enfermarias, pois garante um espaço de individualidade em meio a um ambiente hospitalar compartilhado. As convocações da equipe de Psicologia, feitas por outras equipes do hospital, indicam que algo escapa ao saber médico e se apresenta como um furo, atualizando o lugar da clínica psicanalítica no ambiente hospitalar. Assim, o sujeito tem a possibilidade de contornar o discurso totalizante institucional para dar voz a seu processo de sofrimento psíquico, em meio a um momento tão delicado.

Palavras-chave: psicanálise, hospital, atendimento, estágio.



As implicações da relação de orientação acadêmica na saúde mental discente.

Nátali Fonseca Quintanilha/ Carla Ribeiro Guedes/
Maria Luiza Imenes Nobre de Almeida/
Ana Carolina de Souza Magalhães Justino da Costa/ Ivia Maksud

Esta revisão de literatura se insere no âmbito de uma pesquisa maior sobre as relações de orientação acadêmica nos campos de ciências sociais e saúde. O presente estudo tem como objetivo analisar a relação orientador-orientando e as suas implicações na saúde mental de pós-graduandos. O método consistiu em um levantamento bibliográfico acerca das relações de orientação acadêmica na pós-graduação, com ênfase na saúde mental discente. As buscas ocorreram nas bases de dados BVS, BDTD, CAPES e Scielo, com a seleção de 188 artigos científicos, dissertações e teses, os quais foram analisados por título e resumo. Dos 188 textos selecionados, 50 foram escolhidos para leitura por apresentarem uma maior proximidade temática com os objetivos do estudo. O material foi analisado a partir de referenciais da psicologia, psicanálise e ciências sociais. Como resultados, foi encontrado um volume considerável de estudos sobre saúde mental no meio acadêmico. A literatura aborda quadros de depressão, ansiedade e estresse entre discentes e indica que o sofrimento psíquico decorre, sobretudo, das exigências de prazos e produtividade, bem como de relações conflituosas entre orientadores e orientandos. Através das análises, foi possível perceber que o sofrimento/ adoecimento discente não pode ser reduzido a uma perspectiva individualizante, necessitando ser compreendido dentro de um cenário que envolve demandas institucionais, produtivismo acadêmico e relações de poder, além dos diversos fatores sociais, políticos e econômicos que impactam a vida dos orientadores e orientandos. Como considerações finais, esta revisão de literatura apresentou elementos para ampliar o debate sobre os aspectos socioemocionais da formação acadêmica e reforça a importância de estratégias que promovam ambientes universitários saudáveis.

Palavras-chave: Psicologia; orientação acadêmica; saúde mental discente; ciências humanas em saúde; pós-graduação.

Fonte financiadora do trabalho: PIBIC/CNPQ/UFF; FAPERJ/IC; Cientista do Nosso Estado FAPERJ



Gentileza nas Organizações de Trabalho: a metodologia participativa num programa de estágio

Maria de Lurdes Costa Domingos¹/ Lucas Cariboni Fontaine²/
Dilcineia Magiole Marques³/ Ingrid Evaristo dos Santos Andrade Maia⁴/
Milana Mathias do Nascimento⁵/ Natacha Jardim Carius⁶

O ambiente de trabalho apresenta especificidades próprias aos vínculos estabelecidos nesse espaço social. As relações são mediadas por metas e estratégias a serem alcançadas, pela existência de hierarquias formais e informais, pela cooperação compulsória, inclusive com pessoas sem afinidade espontânea, pela presença constante de avaliações e feedbacks, bem como pela convivência prolongada e pela escassez de oportunidades em relação ao número de indivíduos buscando ascensão, dentre outras circunstâncias. Essas especificidades, se não forem compreendidas e manejadas adequadamente, podem gerar desgaste nas relações e contribuir para o adoecimento dos trabalhadores. Nesse contexto, a Psicologia tem sido cada vez mais convocada a atuar na promoção da saúde e no desenvolvimento de estratégias de cuidado. Inspirado na psicodinâmica do trabalho de Christophe Dejours, que compreende o trabalho como fonte de prazer e sofrimento e valoriza a subjetividade e o diálogo, foram propostos três encontros presenciais com dinâmicas de grupo disparadoras dos temas inerentes as relações no ambiente de trabalho. Essas atividades convidaram os participantes a um espaço seguro de reflexão, discussão e troca de experiências, impressões e interpretações sobre os desafios e soluções percebidos no cotidiano laboral, com o objetivo de fomentar a gentileza como estratégia de promoção da saúde e mitigação das microviolências. As atividades descritas integram o Estágio em Psicologia e Processos de Gestão do 8º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto (UNIFASE), em Petrópolis – RJ, realizadas em parceria com o setor de Recursos Humanos da instituição. Os encontros foram direcionados à equipe de conservação, limpeza e serviços gerais, cujos integrantes relataram sentimentos de invisibilidade, sobrecarga e falta de reconhecimento. Durante as discussões, destacaram a relevância da escuta, do acolhimento e da cooperação. A oficina foi bem avaliada, sendo ressaltado o desejo por maior duração e continuidade das ações.

Palavras-chave: Trabalho; organizacional; oficina; psicodinâmica; saúde mental.

1 *Supervisora*

2 *Estudante*

3 *Estudante*

4 *Estudante*

5 *Estudante*

6 *Estudante*



A Aquisição da Linguagem e o Papel do Maternalês

Ana Caroline Corrêa de Jesus Machado/ Ana Clara Cardoso Souza/
Carlos Germano Leite Lopes/ Larissa de Queiroz Muniz/
Mariana Neves da Rocha/ Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

Este trabalho analisa o processo de aquisição da linguagem em uma criança de três anos, com ênfase na fala dirigida à criança e na falta do uso do Maternalês. A ausência do uso evidente do Maternalês pode estar relacionada a fatores contextuais, como as características socioculturais do território em que a família está inserida. Outra hipótese é a idade da criança, já com três anos, o que pode fazer com que os adultos adotem uma comunicação mais direta, considerando que ela já compreende melhor a linguagem cotidiana. A pesquisa foi realizada no contexto da disciplina de Pensamento e Linguagem, do curso de Psicologia da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), com fins exclusivamente acadêmicos. Por esse motivo, não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), embora tenha sido assegurado o cuidado ético por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pela responsável legal da criança. A linguagem é compreendida como uma habilidade complexa e constitutiva do sujeito, sendo um instrumento de interação social e construção de sentidos. O Maternalês, por sua vez, caracteriza-se por frases curtas, entonação melódica, vocabulário simples e expressões afetivas que visam facilitar a compreensão e manter o engajamento da criança. A pesquisa teve caráter qualitativo e exploratório, baseada na observação de interações espontâneas gravadas entre os dias 28 de abril e 03 de maio. Foi constatado que a mãe produziu 85 sentenças (média de 4,89 palavras por sentença), enquanto a criança produziu 68 (média de 2,46). Notou-se a presença de estratégias como repetição com variação e uso de frases no tempo presente. A criança demonstrou fenômenos esperados no processo de aquisição linguística, como restrições e superextensões de significado, além de simplificações fonológicas. Ainda, demonstrou que estava de acordo com o desenvolvimento esperado para sua faixa etária.

Palavras-chave: linguagem; maternalês; desenvolvimento infantil; psicologia.



Corporeando teoria e prática: a potência da clínica esquizodramática na atuação psi

Patricia Castro de Oliveira e Silva/ Joice de Gusmão da Silva/
Dominique de Almeida Silva Campos/ Ana Luiza Baldez/
Angélica Silva de Carvalho

Este trabalho compartilha a experiência de uma clínica esquizodramática realizada com um grupo de estagiárias(os) em práticas institucionais que tem na esquizoanálise, interseccionalidade e pensamento contra colonial referenciais para todas as intervenções. O esquizodrama, pensado como esquizoanálise decolonial, é teoria e método desenvolvido por Gregório Barenblitt com base na obra de Deleuze e Guatarri. Buscando a raspagem de saberes-práticas~corporeidades instituídas, a Clínica com K baseia-se no conceito de Klinamen (desvio de átomos), uma clínica crítica de produção de desvios, intensidades, linhas de fuga e corpos sem órgãos. A experiência clínica realizada objetivou corporear conceitos, bem como apresentar ao grupo intercessores outros para atuação psi que transcendem à linguagem. O grupo postou-se de pé numa grande roda, cada qual dentro de um pequeno círculo e foram convidadas(os) a deixar braços ao longo do corpo e olhos fechados. Uma música relaxante e exercícios respiratórios foram iniciados com o objetivo de rebaixamento de consciência para em seguida, ao som de uma música densa serem conduzidas(os) a sentir o corpo pesado e incapaz de se mover. Um corpo que tentava desterritorializar, mas não conseguia. Uma estagiária sentiu o peso que a prendia ao chão, sentiu-se “esmagada”. Em seguida, com uma música ainda mais intensa foram convidadas(os) a abrirem caminho para saírem do pequeno território que circundava seus pés: pularam, chutaram, arrebentaram e então puseram-se a caminhar pela sala olhando-se nos olhos: momento libertário para umas/uns e incômodo para outras(os). Moveram-se, dançaram, constrangeram-se, perceberam-se em outros territórios, tempos, intensidades, sentiram cheiros e gostos. Por fim, olharam para o território desfeito e reterritorializaram, desta feita, como um coletivo onde não havia território que segurasse seus pés e todas(os) formavam um único e novo território cheio de diferenças. Pensamos que, especialmente nos casos em que palavras não são possibilidades potentes, experimentar clínicas pode significar romper com capturas e dores e ser ferramenta importante para psicólogas(os).

Palavras-chave: esquizodrama, esquizoanálise, clínica, desterritorialização, reterritorialização



O Desenvolvimento Mutuo Entre Graduando e Atletas na Prática de Psicologia do Esporte

Léo Machado Dias

Letícia Mazzini Arouca de Castro

Lucas Azevedo da Silva

Dra. Clévia Fernanda Sies Barboza

O presente trabalho visa relatar a experiência de graduandos em psicologia na disciplina eletiva: Psicologia do Esporte Aplicada, oferecida pelo Centro Universitário Arthur Sá Earp (UNIFASE), acerca das práticas desenvolvidas com duas equipes femininas de voleibol de categorias de base, a partir da criação e aplicação de dinâmicas que estimulam competências socioemocionais essenciais para atletas. O objetivo consistiu em promover o bem-estar mental e o desenvolvimento social das atletas, bem como aprimorar seu desempenho esportivo. A disciplina, ao abordar teoria e prática, visou contribuir para a formação dos graduandos do curso de Psicologia. As intervenções ocorreram no campus da UNIFASE, em Petrópolis, RJ, realizadas semanalmente na quadra poliesportiva. As dinâmicas foram escolhidas como alternativas lúdicas tanto para as atletas como para os estudantes, a fim de promover uma aprendizagem significativa e de estimular habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Essas atividades foram planejadas pelos graduandos para desenvolver competências como: comunicação, atenção, trabalho em equipe, confiança, autoestima, liderança, motivação; que competem a Psicologia do esporte. A experiência demonstrou relevância na formação de atletas nas categorias de base, pois além do vínculo entre a equipe e os estudantes, promoveu o desenvolvimento de habilidades individuais e coletivas, gerando bem-estar psicológico. Para os graduandos, esse espaço de aprendizagem permitiu a articulação de conhecimentos teóricos com a prática esportiva, ampliando o repertório criativo no contato com atletas jovens. Os resultados indicaram a importância de estratégias planejadas e lúdicas para a formação de atletas, bem como para o amadurecimento acadêmico e profissional dos estudantes.

Palavras-chave: psicologia do esporte; graduação; dinâmica; voleibol; desenvolvimento.



Para Além do Diagnóstico: Como a Interseccionalidade Molda a Experiência Social Autista.

Ana Claudia Lima Monteiro
Clara Pache de Faria Carneiro
Lucas Pagy Ferreira Lopes
Maria Clara de Souza

Esse trabalho tem como proposta repensar os termos nos quais se fundamenta o entendimento moderno da experiência de pessoas no espectro, a partir de um olhar que se expande além das disposições dos estereótipos e se atenta à pluralidade num contexto interseccional. Nosso trabalho se sustenta no paradigma da neurodiversidade, proposto por Nick Walker, se contrapondo ao modelo médico, que pensa o autismo como um transtorno. Nesse sentido, entendemos os marcadores sociais da diferença, como constitutivos da maneira como nos entendemos socialmente, dentre tais marcadores podemos apontar: raça, classe, gênero, sexualidade e deficiência. Essa apresentação constitui um relato de experiência, a partir do que foi observado durante a participação no projeto de extensão “Autismos Autonomia e Afetos” vinculado ao Serviço de Psicologia Aplicada da UFF sob a orientação da professora Ana Claudia Monteiro. Nesse projeto, realizamos oficinas de sensibilização corporal com crianças e adolescentes neurodivergentes, visando a implementação de práticas de cuidado que respeitem a agência dos sujeitos. Ademais, durante as oficinas elaboramos diários de campo a fim de trazer o ponto de vista singular de cada um dos extensionistas, que também é permeado por esses marcadores. Durante as trocas promovidas pela oficina, percebemos que cada participante apresenta necessidades de acesso e particularidades dentro do espectro. Evidenciou-se também que os marcadores sociais influenciam o modo como essas pessoas se relacionam com a neurodivergência. Assim, pensamos que, estar no espectro, como o nome sugere, não significa nem uma gradação, nem uma continuidade, mas sim, uma gama muito mais ampla de características que se inserem de maneiras diferentes em pessoas diferentes social e politicamente, como nos mostra Devon Price. Portanto, nossa proposta é a partir do que foi observado pensar a neurodivergência como uma questão política e social, uma vez que são as diferentes barreiras sociais que impõe restrições a estas pessoas.

Palavras-chave: marcadores sociais; neurodiversidade; interseccionalidade; experiência social;



Reabilitação Neuropsicológica no Alzheimer: efeitos na cognição e qualidade de vida

Dayane da Silva Cardoso Xavier
Gabriella de Lamare Monteiro Fonseca
Graciele Oliveira da Silva Borges
Sylvia Barbosa Carpinteiro

A demência é caracterizada pelo enfraquecimento cognitivo e comportamental, influenciado por fatores fisiológicos. A Doença de Alzheimer (DA), responsável por grande parte dos casos, é uma condição neurodegenerativa e progressiva que compromete memória, linguagem, habilidades visoespaciais e autonomia. Além do impacto no paciente, a DA afeta significativamente os cuidadores, gerando sobrecarga emocional e física devido às demandas crescentes. A Psicologia, especialmente por meio da Neuropsicologia, desempenha um papel essencial no diagnóstico, nas intervenções e no suporte emocional. A Reabilitação Neuropsicológica trabalha com estratégias voltadas para a valorização das funções preservadas e a compensação das habilidades em declínio. Embora não haja cura, é possível conter a progressão da doença, promovendo dignidade, autonomia e bem-estar, tanto para os pacientes quanto para suas redes de apoio. Este projeto, de abordagem qualitativa e descritiva, investigou os impactos da reabilitação neuropsicológica na cognição e na qualidade de vida de pacientes idosos diagnosticados com a doença. A coleta de dados foi feita por meio de pesquisa bibliográfica em bases acadêmicas, com descritores como Alzheimer, reabilitação neuropsicológica e pessoa idosa. Foram selecionados 17 artigos relevantes, além da realização de uma visita a uma instituição de neuroreabilitação no Rio de Janeiro. Durante a visita, os acadêmicos puderam conhecer a estrutura, o atendimento humanizado e o foco na singularidade dos pacientes. Também foi realizada uma entrevista com uma neuropsicóloga, que destacou a reabilitação como uma intervenção abrangente, incluindo aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Como produto final, foi elaborado um jogo terapêutico, demonstrando, de forma prática, a aplicação da Terapia de Estimulação Cognitiva (CST). Concluiu-se que a atividade reforçou a importância de estratégias práticas e educativas para a melhoria da qualidade de vida de idosos com a Doença de Alzheimer.

Palavras-chave: reabilitação neuropsicológica; doença de Alzheimer; idosos; cognição; qualidade de vida.



Consultório na Rua VS Comunidades Terapêuticas: qual orientação política de tratamento?

Geovanna Panno Mota Rodrigues
Vitória Oliveira dos Santos

A presente pesquisa aborda o Consultório na Rua como uma estratégia de cuidado em saúde mental, apresentando críticas às Comunidades Terapêuticas e aos impactos que estas produzem. Neste contexto, o objetivo da pesquisa foi realizar uma análise da Política de Redução de Danos dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), com foco no atendimento às pessoas em situação de rua que fazem uso de álcool e outras drogas, para isso foi realizada uma parceria com a equipe do Consultório na Rua. A pesquisa buscou compreender como essa estratégia se alinha com os princípios da Reforma Psiquiátrica, promovendo a inclusão social e o combate à estigmatização. Através de uma análise da Política Nacional de Atenção Básica e dos Consultórios na Rua, o estudo explorou a ampliação do acesso à saúde para a população em situação de rua, um grupo historicamente vulnerável. Ao confrontar os ideais higienistas e a prática de internações compulsórias, o projeto destaca a necessidade de reconfigurar o cuidado em saúde mental, priorizando a atenção básica e a territorialização dos serviços. Durante a presente pesquisa, foi identificada a necessidade de um fortalecimento e implementação de ações governamentais, tanto para evitar o crescimento das Comunidades Terapêuticas quanto para promover o fortalecimento do Consultório na Rua. Com isso, este projeto destaca a urgência de políticas públicas que respeitem a individualidade e os direitos humanos, integrando a saúde mental à assistência social e promovendo a inclusão. O estudo convida a um olhar mais crítico sobre as práticas de cuidado no Brasil, incentivando o desenvolvimento de estratégias que reforcem a dignidade e autonomia dos indivíduos, ao invés de isolá-los.

Palavras-chave: consultório na rua; pessoas em situação de rua; comunidades terapêuticas; atenção básica; direitos humanos.



A Psicologia Militar e sua atuação na Marinha do Brasil

Adriana Pires Batista
Letícia Vitória Silva Peçanha

A psicologia militar é uma área ainda pouco explorada na formação acadêmica, mas com ampla possibilidade de atuação profissional, incluindo o atendimento clínico de militares e seus dependentes, a avaliação psicológica em concursos e processos seletivos, o acompanhamento de militares em formação e o suporte em atividades de campo. Este trabalho tem como objetivo descrever e refletir sobre o importante papel da psicologia na Marinha do Brasil. No que tange os referenciais científicos, foram utilizados conhecimentos das áreas da psicologia institucional, organizacional e clínica, além de estudos recentes sobre saúde mental em instituições militares, contribuindo para a compreensão das demandas específicas da atuação psicológica nas Forças Armadas. A pesquisa foi realizada por uma estudante sob supervisão docente e combinou levantamento bibliográfico com atividade de campo, por meio de entrevista presencial com a psicóloga comandante da Policlínica Naval de Niterói. O ambiente da pesquisa foi híbrido, integrando atividades presenciais e remotas. Entre os temas abordados estão o suporte emocional prestado a militares e familiares, a vivência da mulher nas instituições militares, a cultura de silêncio e resistência em torno do sofrimento psíquico, em um ambiente que valoriza força, disciplina e desempenho. A análise revelou que a atuação da psicologia na Marinha contribui para a promoção da saúde emocional de militares e familiares, auxilia no enfrentamento de situações de risco e reforça a importância da presença do psicólogo em situações de grande exigência emocional. Ainda que pouco conhecida no meio acadêmico, a psicologia militar se mostra um campo relevante de trabalho e pesquisa, com impacto direto na qualidade de vida e no desempenho dos profissionais das Forças Armadas.

Palavras-chave: psicologia militar; forças armadas; psicologia institucional; sofrimento psíquico; saúde mental



Histórias de Vida de Trabalhadoras Domésticas na Década de 90

Alicia Martins do Nascimento

Ana Luiza Rocha de Amorim

Letícia da Silva Alves

Ronald Clay dos Santos Ericeira (Orientador)

O estudo "Vivências das Trabalhadoras Domésticas na Década de 90" analisa as histórias de trabalhadoras domésticas no Rio de Janeiro durante os anos 1990, com foco nas noções de tempo e memória. Seu objetivo foi observar e compreender as experiências desse grupo, majoritariamente composto por mulheres negras e pardas, que frequentemente enfrentam exclusão social por classe, raça e gênero. A metodologia qualitativa utilizou entrevistas semiestruturadas com três mulheres, entre 50 e 60 anos, que trabalharam como domésticas na década de 1990. Esses diálogos abordaram as condições de trabalho, os desafios e a vida familiar. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas sob as teorias de memória de Michael Pollack. O conceito de "memórias comuns" revelou-se essencial, pois, embora as participantes não se conhecessem, possuíam pontos de saturação semelhantes em suas experiências. Os resultados revelaram que todas as entrevistadas tiveram infâncias difíceis, o que as levou ao trabalho doméstico precocemente. A evasão escolar foi uma constante em suas vidas, limitando suas oportunidades profissionais. A migração também se mostrou um ponto de convergência, impulsionada pela busca por melhores condições de vida ou pela fuga da violência. A perspectiva socioeconômica das entrevistadas indicava que o emprego doméstico era, muitas vezes, a única opção disponível, embora algumas delas desejassem seguir outras carreiras. Além desses fatores, as condições de trabalho eram precárias, marcadas por desvalorização, sobrecarga de tarefas e salários desproporcionais. Algumas relataram ter enfrentado racismo, humilhações e até agressões físicas. A conciliação entre maternidade e trabalho mostrou-se um desafio constante, e a maioria expressou o desejo de um futuro melhor para seus filhos. As perspectivas de futuro divergem: algumas planejam continuar trabalhando após a aposentadoria, enquanto outras almejam o descanso.

Palavras-chave: memórias comuns; história de vida; trabalho doméstico.



Quando a aliança falha: impasses no psicodiagnóstico interventivo com adolescente

Lorena Nascimento de Campos

Caroline de Macedo Silva

Cidiane Vaz Melo

O psicodiagnóstico interventivo é uma modalidade avaliativa que articula escuta clínica, uso de instrumentos técnicos e intervenções ao longo do processo, buscando favorecer a compreensão compartilhada da demanda e a mobilização da rede de cuidado. Neste trabalho iremos refletir sobre os impactos da ausência de aliança terapêutica com um ou ambos os responsáveis no curso e nos efeitos do psicodiagnóstico interventivo. A avaliação de um adolescente de 16 anos com hipótese de TEA e comprometimentos significativos nas áreas da socialização, comunicação e autonomia foi conduzida no contexto de um estágio supervisionado em Psicologia, por meio de atendimentos presenciais realizados na clínica-escola da Universidade Federal Fluminense, em Rio das Ostras. O processo incluiu entrevistas clínicas com os pais e com o adolescente, aplicação de instrumentos, observações em contexto de atendimento e realização de entrevista devolutiva. Durante o processo, observaram-se dificuldades na consolidação de uma aliança terapêutica com ambos os responsáveis. Embora o pai tenha demonstrado maior abertura à escuta técnica e interesse em compreender as necessidades do filho, a mãe apresentou resistência, baixa participação e negação do quadro apresentado. Essa divergência não impediu a continuidade da avaliação, mas gerou impactos importantes: a mãe recusou-se a participar da entrevista devolutiva e se manteve à margem do processo. A avaliação evidenciou a necessidade de investimentos nos cuidados em saúde, na mediação de relações sociais e no estímulo à autonomia do adolescente. Além disso, a ausência de adesão por parte da mãe demandou da estagiária o manejo de sentimento de frustração e impotência, intensificando os desafios já implicados na condução da avaliação e gerando o temor de que o trabalho tivesse se tornado inócuo. O caso demonstra que o desalinhamento entre os responsáveis e a fragilidade da aliança terapêutica comprometem a efetividade das intervenções e limitam os efeitos potenciais do psicodiagnóstico.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Interventivo; Aliança Terapêutica; Divergências Parentais; Autismo; Formação em Psicologia.



Além da noite: Acolhimento de mulheres trans e travestis profissionais do sexo.

Priscila Souza de Azevedo Dias
André Luís de Oliveira de Sant'Anna

Este trabalho apresenta uma prática psicológica realizada com mulheres trans e travestis, profissionais do sexo em Rio das Ostras-RJ, entre junho e novembro de 2024, como parte da disciplina Psicologia, Ética e Direitos Humanos da Universidade Estácio de Sá/Macaé-RJ. Orientada pela Psicologia Social Crítica, fundamentada no compromisso ético da psicologia com os direitos humanos, a atividade se opôs a perspectivas patologizantes e moralistas, promovendo uma escuta sensível e comprometida com a desnaturalização da exclusão social e com a valorização das múltiplas formas de existência. Utilizando como método entrevistas abertas, foram realizados encontros com cinco mulheres no ambiente onde vivem e trabalham – a rua – reconhecida como cenário de expressão da subjetividade e de enfrentamento cotidiano das violências sociais. Tendo sido informadas, sobre os objetivos do trabalho, resguardado o compromisso com o sigilo, foi possível ouvir suas narrativas sobre rupturas familiares, evasão escolar, exclusão do mercado formal de trabalho e construção de redes de apoio. O trabalho sexual foi caracterizado como recurso de sobrevivência e campo de afirmação como existência, diante de uma realidade estruturalmente excludente. A escuta atenta revelou que o sofrimento dessas mulheres não se limita a relatos individuais, mas processos históricos de desumanização perpetuados por normas de gênero cisheteronormativas, racismo e desigualdade econômica. Este projeto reafirma a responsabilidade social da psicologia na promoção dos direitos humanos, especialmente em contextos de vulnerabilidade, mais do que dar voz, buscou-se criar condições de escuta a vozes que resistem nas margens da sociedade. Alinha-se, assim, ao Código de Ética Profissional do Psicólogo, sobretudo em seus princípios fundamentais de respeito a dignidade humana, promoção da justiça social e combate a toda forma de opressão, possibilitando uma existência para além da noite.

Palavras-chave: Psicologia Social Crítica; ética; direitos humanos; gênero; vulnerabilidade.



Engajamento escolar e ideação suicida de estudantes ao Final do Ensino Fundamental

Giulia Nantes Pacheco
Ana Júlia de Carvalho Pereira Alves
Vanessa Barbosa Romera Leme

Os anos finais do Ensino Fundamental apresentam altas taxas de violências interpessoais e autoprovocadas, impactando de maneira negativa as relações interpessoais e a saúde mental de estudantes e professores. Estudos recentes revelam que esses problemas foram intensificados após o fim do isolamento social devido a pandemia de Covid-19, com o retorno dos alunos às aulas presenciais. Tendo como base teórica os pressupostos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o presente estudo tem por objetivo implementar e avaliar grupos psicoeducativos com estudantes dos anos finais do EF para promover engajamento escolar e prevenir suicídio no contexto escolar. Os participantes são estudantes, de ambos os sexos, que frequentam do 6º ao 9º ano do EF de escolas públicas no Estado do Rio de Janeiro. Na fase inicial da coleta de dados, 94 estudantes participaram de entrevistas semiestruturadas, a fim de medir o engajamento escolar e o repertório de habilidades sociais, sendo correlacionadas, para fins deste instrumento, as dimensões de engajamento escolar, emocional, comportamental, cognitivo e agente. A análise dos dados qualitativos foi realizada por meio do software requalify.ai., evidenciando a valorização, a inclusão, a relação com os professores e a dinâmica social entre colegas enquanto elementos fundamentais na promoção do engajamento escolar. Os achados preliminares permitiram a identificação de temáticas que foram utilizadas para embasar a elaboração a intervenção com os estudantes. Além disso, os alunos reiteram a importância da não evitação do tema do suicídio, sendo sua propagação um modo de tornar o caminho mais viável para a diminuição dos fatores de risco e promoção da vida nas escolas. A partir dos resultados da pesquisa será possível propor a realização de outros grupos psicoeducativos, contribuindo para a saúde mental de professores e alunos dos anos finais do EF.

Palavras-chave: prevenção do suicídio, adolescência, saúde mental.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

Número do processo CAAE: 76781323.9.0000.5282



Contribuições do trabalho grupal para o enriquecimento de experiências de pessoas idosas

Bruno Mathias Santos

Viviane Codeço de Almeida Lopes

Este trabalho tem como base um projeto de pesquisa realizado por estudantes de psicologia e orientado pela professora Dra. Talita Baldin. Para coletarmos dados para nosso projeto, oferecemos uma oficina de 8 encontros semanais com duração de 1h30, cujos participantes (+ 60 anos, majoritariamente mulheres) aderiram mediante convite para participação da pesquisa. Nestas atividades usamos recursos artísticos (poesia, jardinagem, pintura, música e movimento) como disparadores para reflexões acerca da velhice sob o viés psicanalítico. Durante nossos encontros, pudemos perceber a importância da troca e escuta de narrativas outras no modo particular de cada um com seu processo de envelhecimento, ampliando seu olhar sobre si e sobre os outros. E porque este espaço coletivo de escuta é tão rico e importante para um grupo de idosos? Ao longo da vida, habitamos espaços coletivos como escola, faculdade e grupos de trabalho, porém, na velhice, observamos que estes espaços vão se restringindo, diminuindo as possibilidades de laços sociais. Neste sentido, a aposta no trabalho grupal com idosos como meio de promoção de trocas de narrativas, memórias e afetos vem do reconhecimento da importância de estar mundo com os outros, colaborando com a criação de novos vínculos, promoção de saúde mental, abertura para novos interesses enquanto sujeito desejante.

Palavras-chave: grupalidade; envelhecimento; psicanálise; saúde mental; narrativas



A arte de contar outras histórias com o Transtorno Bipolar de Humor

Danilla Camara Ferreira

A apresentação deste trabalho se relaciona com a fase de conclusão da minha dissertação. Desde o início, sua configuração aconteceu de modo inverso. Ao invés de planejar como poderia traçar os primeiros passos, pensei naquelas estradas por onde não gostaria de caminhar com a pesquisa. Entre tantas (des)construções, decidi não me apoiar na hegemonia biomédica – por vezes, estigmatizadoras. Minha (con)vocação para falar acerca do Transtorno Bipolar de Humor (TBH) foi sendo confirmada pelo campo vivo da pesquisa, um desejo e uma intenção que permaneceram alimentando os bastidores de toda a minha trajetória (na vida, na clínica e na pesquisa). Um tema antes tão sensível e particular referente ao diagnóstico da minha mãe sai dos bastidores e ocupa uma nova dimensão em minha vida acadêmica, ampliando suas fronteiras. O tema foi sendo delimitado, de modo artesanal, com a chegada do documentário: “As linhas da minha mão”, de João Dumans e Viviane de Cassia Ferreira. Organizado com cenas da vida da própria atriz, Viviane narra as histórias dos seus bastidores com o diagnóstico da bipolaridade. Neste momento, defini o propósito da dissertação: contar outras histórias do TBH, através de cenas dos bastidores narradas por quem (con)vive com o diagnóstico. Inspirada pelo filme, a metáfora cinematográfica funcionou como um guia na feitura da pesquisa. Da mesma forma, caminhei de mãos dadas com a Teoria Ator-Rede e com a estratégia de “PesquisarCOM”, inspirada por autoras como Laura Quadros (minha orientadora), Marcia Moraes e Chimamanda Adichie. Meus aliados na pesquisa e na vida se entrelaçam por um “fazer artesanal”, encarnados pelas práticas em Gestalt-terapia. (Re)conhecer diferentes modos de existência pode ampliar nossa percepção dos mundos vividos. Aliás, “ampliar a percepção” pode ser um papel interessante da psicologia. Para tanto, vou seguindo as pistas do campo ao “PesquisarCOM” quem vive, ao invés de pesquisar “sobre”.

Palavras-chave: pesquisa artesanal; transtorno bipolar de humor; psicologia; experiências vividas; outras histórias.

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.



Educação Socioemocional na Educação Infantil: Emocionarte como possibilidade

**Karla da Costa Seabra/ Davi Rocha de Farias/
Eduarda Gamas Souza Vaz/ Erica España de Albuquerque Amaral/
Joércia Damilly Ferreira Silva/ Luca Seabra Marins de Mendonça**

As competências socioemocionais estão relacionadas a diversos constructos, como as habilidades sociais e emocionais e a regulação emocional. Composto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), essas competências devem integrar o currículo das escolas públicas e privadas da educação básica brasileira, pois a educação deve objetivar o desenvolvimento integral do aluno, considerando aspectos emocionais, sociais e cognitivos. O Projeto Emocionarte, que oferta educação socioemocional na Educação Infantil, tem como objetivo favorecer que as crianças identifiquem, nomeiem, regulem e expressem suas emoções de forma mais assertiva, promovendo a qualidade das interações sociais. Até o momento, foi realizado em oito unidades escolares da Rede Municipal de Queimados, envolvendo 593 crianças de quatro e cinco anos e suas respectivas equipes pedagógicas. Antes das oficinas, aplicou-se um questionário com os professores participantes. Os dados apontaram que 51% dos docentes não tiveram contato com a temática do desenvolvimento socioemocional durante sua formação inicial, 76,3% não receberam capacitação após a inclusão das competências socioemocionais na BNCC e mais da metade considera que seus alunos não sabem identificar as próprias emoções. As oficinas ocorreram em oito encontros semanais, com duração de trinta minutos, em grupos de até doze crianças durante o turno escolar. Por meio de práticas lúdicas, trabalharam-se o reconhecimento das emoções básicas (alegria, medo, raiva, tristeza, nojo e amor), suas expressões faciais, sintomas fisiológicos e estratégias de autorregulação. Para avaliar os impactos, os professores responderam novamente ao questionário ao final do projeto. Os resultados indicaram que 81% observaram maior expressão emocional pelas crianças e 52% perceberam mudanças positivas na forma de lidar com as emoções. Reforça-se, assim, a importância da educação socioemocional em todas as instituições de ensino, especialmente na educação básica, etapa essencial para a alfabetização emocional.

Palavras-chave: professores; educação socioemocional; educação infantil; competências socioemocionais.

Fonte financiadora do trabalho: Projeto Prodocência financiado por bolsas de Articulação Acadêmico-Profissional (BAAP) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



O cuidado com quem cuida

Giulia Ferreira Marinho

Vinicius Cesar da Cruz Barcelos

A família exerce um papel de extrema importância no cuidado de pacientes da saúde mental. A partir disso, os familiares e cuidadores são submetidos a desafios constantes ao exercer esse cuidado, fazendo renúncias, como o direito ao autocuidado e a preocupação com a própria saúde mental, reflexos de uma sobrecarga. Nessa perspectiva, o trabalho objetiva a dinâmica de grupo, promovendo o compartilhamento de experiências de cuidado, em um espaço de troca e escuta que auxilie na criação de vínculos e no fortalecimento das redes de apoio desses cuidadores.

O grupo é oferecido na modalidade de estágio e acontece semanalmente às quintas-feiras de 09:30 às 11:00, de forma presencial, no núcleo de Saúde Mental da Policlínica Piquet Carneiro (PPC) da UERJ. A roda de conversa é conduzida por dois estagiários e uma psicóloga do Serviço de Psicologia Aplicada - SPA/UERJ através da dialética do Construcionismo Social e da Atenção Psicossocial e ocorre em formato de sala de espera, onde os participantes podem entrar ou sair a qualquer momento da sua realização. O público alvo são os familiares e cuidadores dos usuários do núcleo de Saúde Mental da PPC.

O grupo tem participação média de dois cuidadores por semana, de acordo com a aceitabilidade dos acompanhantes presentes na recepção do núcleo no dia. A frequência é de número variável, apesar disso, há presenças que comparecem com certa assiduidade nas conversas. Ainda que nem todos os participantes retornem outra vez, esses relatam sentimentos de bem-estar ao final das sessões de grupo. Além disso, demonstram estar confortáveis com as trocas com outros participantes, e deixam a sala de grupo com comentários positivos, qualificando a conversa como proveitosa e agradecendo a equipe.

Palavras-chave: Cuidadores; Saúde Mental; Família; Grupos.



Projeto ConViReS no acolhimento das famílias atípicas, mulheres cuidadores e suas pluralidades

Amanda Silvia Lima Muniz dos Santos Sobral
Milena de Fátima Silva Marques

O resumo apresentará reflexões sobre o acolhimento das famílias atípicas, mulheres cuidadores e suas pluralidades no projeto ConViReS que foi criado em 2021 e tem por objetivo oferecer um espaço online de acolhimento, com escuta segura em grupo e de desenvolvimento de redes de apoio aos cuidadores de pessoas com deficiência. De 2021 a 2025, realizamos inúmeras rodas de conversa de forma online com mulheres mães e mulheres cuidadoras de diferentes classes sociais, idade, profissão, raça, etc. Nossos grupos são plurais e mesmo com muitas diferenças nas estruturas familiares, se constituem como um grupo que se acolhe e se movimenta em prol do fortalecimento da rede de apoio entre as participantes. A cada encontro elas compartilham suas vivências, dicas de cuidado, leitura, atividades, etc. O projeto é constituído pela participação dos voluntários (estudantes de psicologia e psicólogos) no qual é fundamental para mediar e conduzir as rodas. O grupo de voluntários também é plural, o que reforça que o projeto ConViReS é um espaço respeitoso, acolhedor e seguro para todos. As atividades realizadas em grupo visam trazer bem estar e qualidade de vida para as participantes, respeitando a individualidade de cada uma e o coletivo, através de dinâmicas de grupo, leitura de textos, de poemas, reflexão sobre músicas e filmes, bem como debates acerca do cotidiano, que serviram de base para a promoção de debates saudáveis. E para isso, usamos os conceitos de psicologia social, respeitando sobretudo, o código de ética vigente. Entendemos que ser e estar em uma sociedade é saber respeitar a individualidade e a coletividade!

Palavras-chave: Pluralidade; Voluntariado, Projeto social, Psicologia Social.



Avaliação Prévia do Comportamento Alimentar de Mulheres para Tratamento Personalizado Interdisciplinar de Obesidade Grave

Barbara Carolina Haguenaer Scaffa Falcão/
Silvia Helena Coutinho Carneiro/ Evelen Cristina Oliveira Cunha/
Vanessa da Silva Monteiro Rodrigues/ Luciane Pires da Costa

Resumo: A obesidade é uma condição crônica multidimensional que, cada vez mais, tem requerido abordagens terapêuticas personalizadas. Dessa forma, a identificação dos padrões disfuncionais relacionados à alimentação possibilita a atuação terapêutica direcionada e com maior afetividade. Objetivo: avaliar o comportamento alimentar de mulheres com obesidade grave, inscritas em um projeto interdisciplinar. Método: estudo transversal, realizado de maio de 2021 a junho de 2025, com mulheres adultas, portadoras de obesidade grave ($IMC \geq 35\text{kg/m}^2$), captadas por conveniência ao se inscreverem para tratamento no LAÇO/IEFD/PPC do SUS. Comportamento alimentar foi avaliado através dos domínios do comportamento alimentar – Descontrole Alimentar (DA), Restrição Cognitiva (RC) e Alimentação Emocional (AE) –, por sua vez avaliados pelo Three Factor Eating Questionnaire-R21 (TFEQ-R21), estatística realizada com auxílio dos softwares Excel e Jamovi. Resultados: avaliamos 87 mulheres com idades entre 18 e 59 anos, IMC médio de $47,8 \pm 8,9\text{kg/m}^2$ (variando de 34,5 a $71,8\text{kg/m}^2$). Verificamos maiores escores no domínio Descontrole Alimentar, expressando correlação positiva entre o IMC e os domínios DA ($r = 0,34$; $p < 0,01$) e AE ($r = 0,28$; $p < 0,05$). Conclusão: Níveis mais graves de obesidade não estão associados à restrição cognitiva em mulheres. Propostas psicoterapêuticas que incluam estratégias de regulação emocional, atenção plena e consciência do ato alimentar com o reconhecimento da fome hedônica devem compor as propostas do manejo da obesidade grave.

Palavras-chave: Obesidade; Comportamento Alimentar; TFEQ-R21; Intervenção Multidisciplinar.



Saúde da População LGBTQIAPN+: vulnerabilidades, políticas públicas e o papel da psicologia

Ana Clara Fernandes Rio Torto/Bia Duque Estrada Botelho/
Jéssika Pacheco de Figueiredo Bianchi/ Bárbara de Freitas Guimarães/
Lívia Amaral de Oliveira/ Werica de Assis Leão

A população LGBTQIAPN+ ainda é marcada por desigualdades, exclusão e barreiras de acesso aos serviços de saúde, o que gera impactos significativos em sua saúde e qualidade de vida, predispondo a adoecimentos físicos e psíquicos. Com base em uma perspectiva socioantropológica de saúde e doença, o presente trabalho entende esses processos como construções históricas, sociais e culturais, atravessadas por relações de poder, normas e valores coletivos. O objetivo é discutir os fatores psicossociais envolvidos no adoecimento da população LGBTQIAPN+ e as políticas públicas voltadas à garantia do cuidado integral, ético e humanizado, além de refletir sobre a atuação do psicólogo nesse contexto. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, realizada em bases de dados acadêmicas, como a Scielo, e em fontes oficiais, incluindo documentos e publicações de órgãos governamentais, como o Conselho Federal de Psicologia e o Ministério da Saúde. A construção do trabalho foi realizada no âmbito da disciplina Psicologia da Saúde, a partir de uma proposta de investigação e reflexão crítica sobre os fatores psicossociais, epidemiológicos e políticos que atravessam a saúde dessa população. Com o resultado, foi possível observar que a população LGBTQIAPN+ obteve um histórico de conquistas na atenção à saúde ao longo dos anos, dentre elas a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, instituída em 2013. Entretanto, permanecem diversos desafios e a necessidade de efetiva implementação das políticas públicas vigentes. Discutir a saúde dessa população significa ampliar a visão sobre os direitos humanos, cidadania e justiça social. Em especial, destaca-se como necessária a capacitação de psicólogos, psicólogas e psicólogues em busca de um cuidado verdadeiramente integral, equitativo e sem discriminação.

Palavras-chave: LGBTQIAPN+; saúde; políticas públicas; Psicologia da saúde



Mães em situação de rua em Seropédica: Os moldes das Políticas Públicas.

Maria Clara Paiva Pereira
Alessandra Rinaldi de Andrade

Essa é uma proposta de pesquisa que realizo no âmbito da Iniciação Científica, sendo uma ramificação da pesquisa “Entrega voluntária, destituição do poder familiar e adoção”, da Professora Adjunta em Antropologia Social na UFRRJ, Alessandra Rinaldi. Através da pesquisa meu objetivo é, estudar e investigar como são pensadas as políticas e o cuidado para as mães que encontram-se em situação de extrema vulnerabilização social e, também, quais são os serviços de apoio e específicos que o município oferece à elas. A singularidade da atenção e cuidado torna-se essencial a partir do entendimento da excentricidade da história e das situações de cada indivíduo, fatores de raça, gênero, condição socioeconômica, nível de escolaridade, entre outros fatores determinantes. Com isso, através de análises quantitativas e qualitativas dos serviços oferecidos à essas pessoas e por meio do trabalho de campo de acompanhamento e entrevistas, pelo panorama da etnografia, busco saber qual a perspectiva que os serviços e as políticas demonstram ter sobre essas pessoas e como são colocados em prática, a fim de descobrir se tais serviços alcançam as necessidades dessas mães, através de práticas humanizadas e que respeitem a autonomia das mesmas. Em andamento desde Setembro de 2024, realizo um trabalho de campo no Núcleo Integrado de Atenção à Mulher (NIAM), Instituição Municipal de Seropédica, a qual atende mulheres em situação de violência e conta com uma equipe multidisciplinar, acompanhando atendimentos e obtendo conhecimentos de outros casos; assim como realizei um mapeamento do município e da Zona Metropolitana I da Saúde do estado do Rio de Janeiro, pontuando quais são os serviços de apoio que podem vir a alcançar o público da alvo da pesquisa, tal material foi publicado no site de Alessandra Rinaldi.

Palavras-Chave: Políticas Públicas; Seropédica; Vulnerabilização; Atenção.

Fonte financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ.



“Onde vocês moram?”: um olhar cartográfico na escola sobre raça e território

Amana Rocha Mattos/ Júlia Victória Lima da Cruz/
Lari Barbosa de Castro/ Livia Scanzi Viana/
Mariana Gomes Figueira/ Raphael Alves Cardoso

Este trabalho discute resultados de uma pesquisa-intervenção, desenvolvida pelo DEGENER/Uerj, em uma escola pública localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, com base em referenciais feministas interseccionais e estudos da infância, através de metodologias participativas. Foram realizadas oficinas com estudantes do 6º e 7º ano, com quatro encontros semanais mediados por estudantes de graduação e pós de Psicologia da UERJ. Foram produzidos relatórios semanais que posteriormente foram debatidos e analisados em supervisão. As atividades abordaram o vínculo dos estudantes entre si e com a escola, protagonizando suas narrativas a partir dos encontros e trocas conosco, e abordaram temáticas como violência, desigualdades sociais, raça, gênero e sexualidade. Neste trabalho, destacamos os resultados relacionados a raça, espaço e território, pensando o campo a partir das configurações da cidade e ao acesso que é permitido àqueles que ocupam certos espaços e corpos. Durante os ciclos de oficina, a origem, entendida como a localização geográfica e simbólica, das crianças é evidenciada e compartilhada por meio de realidades distintas na escola. Nas atividades propostas, as histórias de alunos negros e periféricos tiveram protagonismo nas discussões sobre raça e território, sendo possível perceber conflitos intersubjetivos e debates nas turmas acerca desta temática. Os resultados apontam que as crianças possuíam letramento racial crítico e conseguiam nomear as situações de discriminação, porém, ocorria com certa frequência situações de racismo recreativo, em que as crianças pareciam deixar de lado as problemáticas em nome da "brincadeira". As atividades realizadas proporcionaram debates e levantaram questionamentos acerca dos estereótipos atribuídos aos moradores da periferia, ao território da favela e às populações marginalizadas.

Palavras-chave: psicologia; escola; território; raça.

Fonte financiadora do trabalho: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq; Prociência (UERJ/FAPERJ); FAPERJ JCNE.



Entre o cuidar e o cuidado: escuta e acolhimento para mães atípicas

Ana Claudia Lima Monteiro
Daiana Santos Rodrigues
Lorrany de Sousa Leite
Manoela Fernandes Campelo

O objetivo deste trabalho é promover durante a realização das oficinas de sensibilização corporal com pessoas neurodivergentes, um espaço de acolhimento para as cuidadoras dessas pessoas. Como política de escrita, utilizamos da palavra cuidadora para enfatizar a predominância de mulheres nesse espaço do cuidado. O que norteia nossas práticas é apostar no estabelecimento e fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais destas cuidadoras. Nosso trabalho é sustentado teoricamente pelos estudos da neurodiversidade e no modelo social e feminista da deficiência. Desse modo, essa escrita se configura enquanto um relato de experiência, a fim de demonstrar a potência das práticas extensionistas na construção de espaços de escuta e acolhimento. Assim, esse acolhimento é feito em uma roda de conversa em uma sala do Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense, no Campus do Gragoatá, com a participação de extensionistas e as cuidadoras de crianças e adolescentes participantes das oficinas de sensibilização corporal, sob a supervisão da professora Ana Claudia Monteiro. Esse espaço é importante pela história de culpabilização dessas cuidadoras em relação a seus filhos/familiares, inclusive essa culpabilização foi praticada por teorias psicológicas que legitimam tal procedimento. Nesse sentido, nossa proposta visa estabelecer um espaço de fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais destas cuidadoras com o intuito de reforçar o engajamento que é próprio dessas cuidadoras. Com a escuta coletiva dessas mulheres, suas experiências são compartilhadas trazendo visibilidade para as suas práticas de cuidado. Além disso, é possível aumentar a rede de apoio dessas mulheres para ampliar as conquistas das lutas coletivas. Pode-se concluir, a partir disso, que a construção desse espaço tem um potencial político e terapêutico na formação de práticas de cuidados plurais e inclusivas.

Palavras-chave: neurodivergência; acolhimento; cuidadoras; vínculos afetivos.



A potência da interdisciplinaridade no atendimento a pessoas com deficiência na SMPD

Milena de Barros dos Santos
Andressa de Oliveira Carlos Aguiar
Gustavo Ribeiro Maciel

O presente trabalho visa trazer contribuições para a prática em psicologia, a partir de uma visão sobre o trabalho interdisciplinar no atendimento a pessoas com deficiência em um serviço público, oferecido pela Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência (SMPD). Esse trabalho foi elaborado a partir da experiência de estágio supervisionado na SMPD, mais especificamente no centro municipal de referência para Pessoa com Deficiência localizado no centro do Rio de Janeiro, CMRPD Centro. Durante a apresentação, pretende-se discutir a respeito da potência de um olhar interdisciplinar sobre o sujeito, partindo do conceito de modelo social da deficiência. A metodologia utilizada foi a Cartografia Psicossocial, de Deleuze e Guattari, na qual iremos analisar os diários de campo feitos por nós durante o período de três meses, além da revisão bibliográfica, sobretudo, da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e outras legislações voltadas ao tema. Além disso, o estudo vigente pretende apresentar um plano de trabalho – intitulado GAIA (Grupo de Atendimento Interdisciplinar Ampliado) – desenvolvido de maneira interdisciplinar pelos profissionais alocados na Secretaria em questão, e explorar seus objetivos, potencialidades e desafios na práxis. A partir das nossas experiências no estágio, concluímos que o trabalho interdisciplinar tem muito a contribuir para repensar práticas psicológicas clínicas individualizantes e reducionistas na atuação com pessoas com deficiência. Por fim, entende-se que a reflexão crítica acerca dos limites da prática psicológica é importante para ampliar o enfoque sob a complementaridade necessária para uma atuação ética e compromissada socialmente. Além de garantir de forma mais completa os direitos humanos não apenas para esse público-alvo, mas para toda a sociedade, conforme citado no código de ética da profissão.

Palavras-chave: políticas públicas; interdisciplinaridade; pessoas com deficiência; direitos humanos;



Trajetórias da psicologia brasileira e sua inserção na assistência à saúde

Luiz Gustavo Alvarenga dos Santos
Ana Maria Jacó Vilela

Durante uma pesquisa sobre a psicologia nas Forças Armadas, foram encontrados documentos de um médico psiquiatra, capitão do Exército, que atendia militares no Pavilhão de Observações, anexo do Hospício Nacional de Alienados (HNA). Nesse material, identificamos relatos sobre a aplicação de testes psicológicos, revelando um aspecto pouco explorado na historiografia da psicologia. O HNA representava a principal instituição de internação naquela época e, ao longo de sua existência, passou por várias denominações até ser encerrado em 1944. Sua documentação foi transferida para outras instituições psiquiátricas que surgiram no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, à medida que os pacientes eram redirecionados para elas. Entre essas instituições estão a Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, a Colônia Juliano Moreira, o Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro e o Hospital de Neuropsiquiatria Infantil. Nosso objetivo é analisar a aplicação de testes psicológicos no HNA entre 1890 e 1944, período que vai do início da República até o seu fechamento, com a intenção de entender como esses instrumentos e conhecimentos psicológicos foram integrados à assistência à saúde. Para tanto, realizamos uma busca sistemática pelos prontuários do antigo HNA que estão sob a guarda do Arquivo Permanente do Centro de Memória e Documentação do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. Após o levantamento, constatou-se um total de 97 casos que registraram o uso de testes. A análise preliminar revelou que a maioria desses documentos pertence a crianças, que são predominantemente identificadas como pardas e negras. Esse achado motivou investigar as relações raciais no contexto da instituição mencionada. Logo, acreditamos que este trabalho oferecerá uma nova perspectiva sobre a institucionalização da psicologia, além de revelar outras vertentes desse processo.

Palavras-chave: história da psicologia no Brasil; testes psicológicos; hospício nacional de alienados.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.



LA-FENO – Arte, escuta e existência: um outro modo de atravessar a psicologia

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo/ Rafael Garcia Vasconcelos/
Maria Eduarda Pires de Souza Silva/ Alice Barbosa Cordeiro/
Marcella Nunes Lopes/ Emanuel Silva de Oliveira

A Liga Acadêmica de Fenomenologia da UERJ (LA-Feno) propõe encontros entre psicologia, filosofia e arte, afirmando uma escuta atenta à presença, à densidade do vivido e aos modos singulares com que a existência se manifesta. Nossa proposta se orienta pela atenção ao que pulsa nas palavras, nas imagens, nos silêncios – nos sinais que escapam às classificações e se anunciam no entre. A arte, nesse horizonte, não serve apenas como ilustração nem como ferramenta, mas como linguagem que alcança aquilo que resiste ao dizer. Literatura, teatro, música e cinema tornam-se modos de expressão que ajudam a elaborar o enigma da vida e a construir ressonâncias compartilhadas, tão afeitas a perguntas quanto a respostas. Em 2025, realizamos o evento “Viver é muito perigoso: Lições de Guimarães Rosa para um modo de pensar não colonizado”, com a presença de um ilustre ator e coordenado por uma docente da universidade. A leitura encenada de trechos de Grande Sertão: Veredas abriu espaço para pensar o sertão como metáfora do mundo – lugar de travessia, de decisão, de imprevisibilidade – e a psicologia como campo de escuta e de abertura. Em outro momento, promovemos a leitura dramatizada de uma peça sobre o luto, suscitando reflexões sobre o tempo, a perda e os vínculos que permanecem. A LA-Feno se constitui como um espaço onde a fenomenologia não se reduz a técnica, nem se organiza como doutrina, mas se realiza como experiência compartilhada de escuta e presença. Trata-se de sustentar, em ato, uma atenção radical ao que emerge nos encontros – nas brechas entre o vivido e o nomeado, entre o que se expressa e o que resiste ao dizer.

Palavras-chave: psicologia; fenomenologia; arte; existência.



Efeitos das desigualdades na mudança de clientela dos centros de atenção psicossocial

Paulo Vitor Fernandes Costa de Lima¹

Anderson Luiz Torres de Freitas²

Andre Luiz Bezerra Tavares³

O presente trabalho foi produzido a partir da experiência obtida em estágio no CAPS II Pedro Pellegrino, localizado no bairro de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, por meio do programa Acadêmico Bolsista - Saúde Mental, coordenado pela Secretaria Municipal de Saúde. O objetivo consiste em analisar os impactos das desigualdades sociais e das relações de opressão e violência na produção do sofrimento mental, assim como os efeitos desse processo na constituição de um “novo” perfil de usuários dos Centros de Atenção Psicossocial. Trata-se de uma reflexão teórica, de natureza qualitativa, com ênfase na argumentação e na interpretação pessoal. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica da literatura através do cruzamento de **palavras-chave** nas bases de dados do Google Acadêmico e SciELO (Scientific Electronic Library Online). Observa-se que a acentuação das desigualdades sociais em virtude do cenário pandêmico provocou o aumento dos casos de sofrimento psíquico, contribuindo para o aumento da demanda dos serviços de saúde mental. Tal cenário evidencia uma mudança de clientela dos CAPS, que passam a receber um sofrimento intenso atrelado à crise econômica, ao desemprego, à violência de gênero, ao racismo, à homofobia e à violência auto infligida. Considera-se que impasses são impostos à RAPS no que diz respeito a concretização do cuidado ofertado, cabendo aos atores da saúde mental o comprometimento com a promoção de saúde ancorada na justiça social para os seus usuários, apostando na coletividade e visando a politização do sofrimento mental.

Palavras-chave: marcadores sociais; saúde mental; CAPS; clientela; perfil de usuários.

1 Instituto de Psicologia da UFRJ

2 Psicólogo do CAPS II Pedro Pellegrino

3 Arte-educador do CAPS II Pedro Pellegrino



Fenômeno de drop no BDSM à luz de crítica aos saberes normativos

Magdalena Ewa Markowicz
André De Martini

Este trabalho é um relato de experiência estudantil baseada no desenvolvimento do projeto de pesquisa sobre o fenômeno de drop no BDSM na perspectiva de teorias psicanalíticas. O fenômeno drop (do inglês, em tradução livre: colapso, baixa, queda) é uma espécie de "ressaca" vivenciada por praticantes de BDSM em relação às práticas. Como o BDSM é atravessado por tabus e preconceitos, sendo associado a patologias, é indispensável considerar fatores sociais e culturais que possam impactar a emergência de drop. A partir daí surgiu uma reflexão que é a base deste trabalho: como os saberes "psi" (psicologia, psicanálise e psiquiatria) contribuíram para essas construções que patologizam e culpabilizam os sujeitos. A proposta de investigação sobre o drop, não visa corrigir os sujeitos que sofrem com esse fenômeno, mas compreendê-lo como expressão legítima de um campo de experiências ainda pouco escutado. Foram executadas entrevistas semi-estruturadas, usando metodologia qualitativa e teoria fundamentada. As entrevistas foram conduzidas de forma presencial e on-line. Pessoas entrevistadas foram os praticantes de BDSM, selecionadas pelas redes sociais, durante os encontros BDSM e encontros profissionais. Os resultados das entrevistas apresentam o fenômeno drop como a reação advinda da moral na sociedade, que oprimiu e chamou o sujeito de "não normal". Este trabalho mostra a importância de incluir os sujeitos para que possam compartilhar sua própria história e, com isso, construir novas possibilidades de subverter as lógicas e explicar melhor, não só partindo da perspectiva da pesquisadora, mas também dos próprios sujeitos entrevistados. Os praticantes de BDSM - foram (e ainda são) injustamente patologizados pelos saberes teóricos, o que nos convida para pensar: será que os profissionais "psi" estão de fato preparados para atendê-los?

Palavras-chave: bdsm; sexualidade; psicanálise; drop; kink.



Afetos sobre o corpo em uma clínica existencial: diálogo entre Kierkegaard e Clarice

Jacqueline Cerqueira Borges

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o entrelaçamento entre a clínica fenomenológico-existencial e a literatura de Clarice Lispector, a partir de um estudo de caso fundamentado na ética do cuidado e no compromisso com a singularidade do existir. Guiado pelas contribuições filosóficas de Søren Kierkegaard, o atendimento buscou reconhecer as possibilidades autênticas da existência frente à experiência de alienação de si. Os fundamentos técnicos adotados incluíram a escuta clínica fenomenológica e a abordagem existencial, com destaque para os princípios éticos do respeito à dignidade, sigilo, autonomia e valorização da história de vida da paciente. O estudo envolveu o acompanhamento psicoterapêutico de R.S., uma jovem adulta atendida presencialmente na clínica escola da Universidade Estácio de Sá, em Cabo Frio. Os atendimentos foram conduzidos por meio de entrevistas semanais e registros clínicos, sempre respeitando o pacto ético e o protagonismo da paciente na construção do processo. A partir da escuta sensível, emergiram temas como a despersonalização frente ao espelho, conflitos familiares, não identificação com a maternidade e a vivência precoce da objetificação do corpo. A articulação com a obra *A Paixão Segundo G.H.* e com Kierkegaard favoreceu um espaço de elaboração existencial, revelando uma experiência de reconexão com a própria história e corporeidade. Questionamentos éticos atravessaram todo o processo: como sustentar a escuta do sofrimento sem capturá-lo? Como oferecer presença diante da dor que não se nomeia? A experiência reafirma a clínica como um lugar de cuidado ético, onde a escuta e a palavra podem abrir caminhos para a reconstrução do sentido e da autoria do existir.

Palavras-chave: fenomenologia; literatura; autenticidade; subjetividade; possibilidades;



Roda de Conversa: Conscientização sobre o Sofrimento Psíquico em Mulheres Trabalhadoras

Jacqueline Cerqueira Borges/ Laudiléia da Silva Moreira/
Mara Elizia da Silva/ Marcela Freitas Andrade/
Pâmela Ferreira dos Santos/ Patrícia Pereira de Moraes

Este trabalho propõe refletir sobre as vivências de mulheres que enfrentam a sobrecarga da dupla jornada de trabalho, com foco nos efeitos do estresse crônico sobre sua saúde mental e na importância da ética nas relações de trabalho e na prática da psicologia. O estudo baseia-se na psicodinâmica do trabalho de Christophe Dejours, cuja abordagem ressalta a importância da subjetividade, da organização do trabalho e da dimensão do sofrimento psíquico como centrais na compreensão dos processos de adoecimento. A metodologia inclui a realização de uma roda de conversa com 21 mulheres, a maioria mães e trabalhadoras, em uma escola localizada na Região dos Lagos, Araruama/RJ. A atividade, conduzida por estudantes de Psicologia da Faculdade Estácio de Sá (campus Cabo Frio), envolveu observação participante, visita técnica à unidade escolar e aplicação de um questionário baseado nos sintomas da Síndrome de Burnout. O ambiente presencial, marcado pela escuta, anonimato e respeito ético, favoreceu uma atmosfera de confiança e trocas espontâneas. Os dados coletados revelaram um aumento na consciência das participantes sobre os sinais de adoecimento psíquico associados ao contexto laboral. A experiência possibilitou a construção coletiva de estratégias de autocuidado, fortalecimento de vínculos sociais e valorização da saúde mental no trabalho. Destaca-se que o sofrimento, segundo Dejours, pode funcionar como via de mobilização para mudanças – seja para resistir, transformar ou reorganizar as formas de vivenciar o trabalho. Ademais, a ética na psicologia é fundamental para garantir que as intervenções sejam conduzidas de maneira responsável e respeitosa, promovendo o bem-estar das participantes e a integridade do processo de pesquisa.

Palavras-chave: psicodinâmica do trabalho; saúde mental; estresse crônico; síndrome de burnout.



Acessibilidade no Esporte para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista

Jéssica Coutinho de Almeida Silva
Adelaide Abadia de Lima

Este estudo relata uma experiência de extensão universitária voltada à promoção da acessibilidade para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no contexto de um projeto esportivo comunitário em São Pedro da Aldeia, RJ. A iniciativa busca compreender os impactos da prática esportiva no desenvolvimento social, motor e emocional desse público. Foram realizadas entrevistas com responsáveis, profissionais de educação física e participantes com TEA, utilizando recursos pedagógicos adaptados para facilitar a comunicação. A intervenção incluiu uma roda de conversa com adolescentes do projeto, visando à sensibilização quanto à inclusão e ao respeito à diversidade. Os dados analisados indicam melhorias significativas nas habilidades de interação social, atenção e autonomia dos participantes com TEA. A vivência no projeto reforça a importância do esporte como instrumento de inclusão e desenvolvimento integral, além de destacar a relevância do preparo técnico dos profissionais envolvidos. A experiência contribui para a formação ética e crítica de estudantes de Psicologia, promovendo reflexões sobre práticas inclusivas no território.

Palavras-chave: esporte; acessibilidade; transtorno do espectro autista; inclusão; intervenção



Orientação Profissional: A Jornada de Alunos Egressos do Ensino Médio

Evellyn Samara David Pereira/ Naiara Ferreira Tresse/
Nicole Souto Abdala/ Rafaela Vieira Oliveira/
Adelaide Abadia de Lima Félix

Estudos na área da educação psicossocial destacam a necessidade de ações que melhorem a comunicação e orientação de alunos do Ensino Médio diante das exigências do ensino superior. Muitos estudantes não têm acesso a canais eficazes de informação, o que dificulta suas decisões quanto ao futuro acadêmico e profissional. O projeto de Orientação Profissional foi desenvolvido com o objetivo de auxiliar alunos egressos do ensino médio na construção de suas identidades e na tomada de decisões conscientes. A iniciativa foi aplicada no Colégio Estadual Professor Renato Azevedo, com cerca de 20 estudantes entre 15 e 17 anos, e ocorreu em dois encontros. No primeiro momento, foram promovidos diálogos sobre as realidades socioeconômicas e acadêmicas dos alunos, além da coleta de dados sobre seus interesses. No segundo encontro, com base nas informações obtidas, foram apresentadas diferentes áreas profissionais, relacionando-as às vocações dos participantes. Também foram fornecidas orientações práticas sobre o ingresso no ensino superior, com apoio de um site interativo que detalhava prazos, procedimentos e instituições. Os questionários revelaram que 83,33% dos alunos não tinham escolhas definidas nem conhecimento de suas aptidões profissionais, 75% desconheciam as formas de acesso à universidade e apenas 66,67% compreendiam o que envolvia suas áreas de interesse. Após o projeto, 80% passaram a se identificar com alguma profissão e visualizaram possibilidades reais de acesso ao ensino superior. Esse resultado reforça o papel essencial da Psicologia educacional na promoção do autoconhecimento e da autonomia, oferecendo aos jovens ferramentas para que se tornem protagonistas de suas trajetórias e façam escolhas alinhadas aos seus objetivos e realidade.

Palavras-chave: professores; educação psicossocial; orientação profissional; competências profissional.



Filho Idealizado X Real : o Impacto do diagnóstico nas mães atípicas

Andrea Goldani Pinheiro

Ana Cristina Rodrigues Carvalho Peçanha

O Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por alguns desafios. Dentre eles está a comunicação, a interação social, os comportamentos rígidos e os interesses repetitivos. Algumas dessas características são intensas e causam um grande impacto no dia a dia das mães, demandando ajustes e adequações diárias para as necessidades específicas do TEA. O presente trabalho teve por finalidade fazer uma revisão teórica sobre impactos emocionais na maternidade neuroatípica, assim como, fazer o relato de experiência acerca do trabalho desenvolvido com grupo terapêutico de mães atípicas a partir da atividade prática supervisionada na formação em Psicologia, realizado presencialmente no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) do Unilasalle - Niterói, durante o segundo semestre de 2024. Participaram 6 mulheres, com filhos entre 6 e 24 anos de idade com diagnóstico de autismo. Todas assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. O grupo buscou trabalhar as fragilidades, esgotamento emocional, vivido pelas mães neuroatípicas que tiveram que adiar suas vidas, carreiras e sonhos, se anulando muitas vezes como mulher e vivendo intensamente dores como mãe, assim como, a importância do cuidado profissional psicológico para acompanhamento, a fim de superar os inúmeros desafios enfrentados diante dos dilemas que essas mães ainda enfrentarão ao longo da sua jornada. O grupo foi um espaço de escuta, orientação e acolhimento para essas mulheres, bem como, de reflexão sobre como o cuidado com o filho atípico afeta a saúde mental das mães. As estratégias utilizadas foram a psicoeducação, roda de conversa e dinâmicas de grupo fundamentadas na Teoria Cognitivo Comportamental. O relato demonstrou que o grupo teve papel fundamental no fortalecimento emocional, no acolhimento, promoção de saúde mental para as mães lidarem melhor com o enfrentamento e esgotamento, reforçou a importância de estudos que ampliem o olhar da Psicologia sobre as mães atípicas, promovendo práticas mais humanas, sensíveis e efetivas.

Palavras chave: Autismo. Mães Atípicas. Grupos Terapêuticos



Projeto Carreira na Mira: Orientação Vocacional e Inclusão Social

Andreia Artur Ferreira dos Santos da Silva (CRP 05 54137)/ **Ramon Santos da Silva/ Evillyn Jacob da Silva Nascimento/ Gilmara de Amorim Barcelos Santos/ Ingrid Costa Martins/ Nádia Noé de Souza**

Este trabalho, intitulado "Projeto Carreira na Mira: Orientação Vocacional e Inclusão Social", apresenta uma intervenção psicossocial realizada com membros da Igreja Cristã Contemporânea no município de Duque de Caxias/RJ. A prática, desenvolvida como projeto de conclusão da matéria Orientação Profissional do curso de Psicologia na Universidade Estácio de Sá, buscou promover a empregabilidade e a inclusão social de indivíduos de 15 a 60 anos, provenientes de diversos contextos socioeconômicos, por meio de oficinas de orientação profissional, palestras sobre comunicação assertiva e saúde mental, e simulações de entrevistas.

A abordagem teórica integrativa fundamentou-se em autores como Rosenberg, Rossi e Bronfenbrenner, considerando a importância da comunicação não-violenta, da saúde mental no trabalho e do desenvolvimento humano em contextos socioeconômicos diversos. O projeto utilizou metodologias ativas e participativas, adaptando-se às características de cada grupo etário e às suas necessidades específicas. Os resultados preliminares apontam para uma melhora significativa na autoconfiança e na clareza quanto às escolhas profissionais dos participantes, bem como um aumento na conscientização sobre saúde mental e empregabilidade. Observa-se a necessidade de pesquisas futuras para avaliar o impacto a longo prazo da intervenção. A prática se enquadra nos eixos temáticos de Políticas Públicas e Garantias de Direitos e Práticas Clínicas e Institucionais em espaços públicos e privados, sendo o principal o primeiro, devido ao foco na inclusão social e no combate às desigualdades.

Palavras-chave: orientação vocacional; inclusão social; empregabilidade;



A presença brincante: o lugar do estagiário de psicologia no cuidado hospitalar

Amanda de Sant'Anna Barra
Isabel Marques da Silva
Laila Emanuelle Moura da Silva
Nathália Marcelino de Moura

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o lugar do estagiário no contexto do cuidado lúdico hospitalar, a partir da experiência vivida no estágio do Núcleo Saúde e Brincar. As estagiárias autoras atuam presencialmente em um hospital público voltado para mulheres, crianças e adolescentes do Rio de Janeiro, e o encontro brincante acontece nos leitos das crianças internadas em diferentes enfermarias do hospital. No recorte proposto, discutimos a presença brincante enquanto conceito que emerge do atendimento singular com a criança hospitalizada, atravessado pela escuta sensível, pela disponibilidade afetiva e pelo respeito à temporalidade e à subjetividade do outro. Mais do que realizar atividades, trata-se de sustentar uma presença que acolhe e reconhece a criança hospitalizada enquanto sujeito – uma presença que brinca, não apenas no sentido da ludicidade, mas da abertura ao encontro, da ética do cuidado como atitude relacional. Inspirando-se em reflexões grupais e individuais sobre a formação profissional em Psicologia e na experiência em questão, compreendemos que o estagiário ocupa um lugar em constante construção, onde o saber técnico se entrelaça com o aprendizado existencial. Nesse sentido, a presença brincante é também uma experiência formativa onde desafia certezas, convoca à escuta do vivido (e do não vivido) e exige uma ética que se fundamenta na sensibilidade, na alteridade e no compromisso com o bem-estar da criança. Portanto, ao brincar com, o estagiário torna-se coautor de vínculos que se estabelecem, assumindo também uma posição de aprendiz do cuidado. Logo, essa presença relacional não apenas transforma a experiência da criança, mas também promove uma transformação no próprio estagiário, evidenciando a natureza dialógica do cuidado lúdico em saúde.

Palavras-chave: brincar; cuidado lúdico; encontro; hospitalização; infância.



O Direito de Não Estar: Masculinidade e Impunidade na Criação dos Filhos.

Julie Helena Antunes da Silva
Giovanna de Rezende Mota
Vitória Tiemi Yoshida Porto
Anna Paula Uziel

Segundo a Arpen-Brasil, entre 2019 e 2024, mais de 800 mil crianças foram registradas sem o nome do pai - um dado que explicita não apenas a fragilidade dos vínculos paternos, mas também a sobrecarga estrutural imposta às mulheres na condução da parentalidade. Diante do encontro desses dados, por meio do projeto chamado "Materidades", no qual nos reunimos em um grupo formado majoritariamente por estudantes de Psicologia da UERJ, sob a orientação da professora Anna Uziel, e com o objetivo de debater textos e pensar em estratégias para a maior garantia de direitos e acolhimento entre as diversas formas de maternar, propomos esta pesquisa com o intuito de discutir a ausência paterna como um fenômeno social e político. Examinamos os desafios enfrentados por mães solo, sem que essa tenha sido, necessariamente, uma escolha, os entraves legais para a responsabilização paterna e as intersecções entre essa ausência e as estruturas patriarcais, além de destacar que existem formatos de família nos quais, de fato, não há a previsão da existência de pais.

A partir de uma perspectiva interseccional e pós-estrutural, nosso estudo consiste em uma pesquisa cartográfica realizada por meio da leitura de artigos sobre o mesmo tema. Com ele, buscamos contribuir para a construção de um olhar mais crítico e transformador sobre a parentalidade no Brasil, fortalecendo práticas e políticas que promovam justiça social, corresponsabilidade e proteção integral à infância.

Palavras-chave: psicologia; ausência paterna; justiça social; desigualdade de gênero.



Quem escapa de cuidar? Comparativo de prontuários sob a ótica de gênero

Samara Pereira

Amanda Albernaz

Teo Borges Lachtermacher

Este trabalho resulta de uma pesquisa do curso de Psicologia da UFRJ e consiste em um estudo historiográfico sobre as práticas dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) no contexto da Reforma Psiquiátrica e da substituição do modelo asilar. A pesquisa baseia-se na análise de prontuários do arquivo permanente de dois CAPS do Rio de Janeiro, com foco na categoria de gênero, buscando compreender as posições que o cuidado e as atividades domésticas ocupam na vida íntima dos usuários. O embasamento teórico recorre às análises de Rachel Gouveia (2011), que aponta como a transferência dos cuidados ao ambiente familiar sobrecarrega as mulheres, criando novas formas de opressão. Também são utilizadas as contribuições de Souza e Guedes (2016), que destacam a persistência da divisão sexual do trabalho, mesmo com a inserção das mulheres no mercado de trabalho. A partir de uma análise quantitativa e qualitativa dos prontuários, evidencia-se que as mulheres ainda que em sofrimento psíquico grave são, com frequência, incumbidas de tarefas domésticas e de cuidado, enquanto os homens têm maior flexibilidade na assunção dessas tarefas. Dessa forma, a atual produção pretende compor e dialogar com estudos que trabalham essa temática.

Palavras-chave: CAPS; saúde mental; desigualdade de gênero.



Relato de Experiência do uso da Realidade Virtual no Manejo da Fibromialgia

**Vanessa Da Silva Monteiro Rodrigues/
Barbara Carolina Haguenaer Scaffa Falcão/ Silvia Helena Coutinho Carneiro/
Evelen Cristina Oliveira Cunha/ Luciane Pires da Costa**

Fibromialgia (FM) é uma síndrome reumática complexa de dor crônica, com causas desconhecidas. Os sintomas da FM configuram-se em uma mudança drástica da qualidade de vida e na percepção de si mesmo. É comum os portadores enfatizarem a diferença da vida antes e depois dos sintomas, a angústia e os prejuízos emocionais de ter sua individualidade, seu cotidiano e suas relações transformadas. Diante disso, o uso da Realidade Virtual (RV) como recurso lúdico no tratamento da FM visa potencializar nos pacientes a capacidade de auto regulação emocional e desenvolver estratégias de enfrentamento diante de cenários e estímulos desafiadores. A prática foi realizada na Policlínica Piquet Carneiro no Laboratório de Assistência à Obesidade (LAço) pela equipe do Núcleo de Apoio Interdisciplinar a pessoas com Fibromialgia (NAIF). O projeto contou com 12 sessões individuais de 20 minutos com o equipamento de RV com 12 games interativos de ambientes que variam entre desafiadores e não-desafiadores, sendo esses 4 no total, para a prática da regulação emocional, seguidos de 10 minutos de uma apuração de suas percepções emocionais e suas experiências subjetivas. Participaram 8 mulheres portadoras de FM, na faixa etária de 40 e 60 anos. Deste grupo, somente 3 completaram todas as sessões, 2 realizaram mais da metade, saindo logo após um game desafiador, totalizando 5 abandonos no total. Dentre as participantes que passaram por pelo menos 1 game desafiador e apresentaram algum desconforto, todas apresentaram alguma estratégia de enfrentamento para lidar com as sensações geradas, fossem dentro da realidade virtual ou fora através da fala livre durante a apuração. A utilização de tecnologia de imersão multissensorial com a RV tem se configurado um recurso lúdico promissor como estratégia de aquisição de auto regulação, adaptação e resiliência por pessoas com FM, a proposta continua em andamento, para que resultados mais robustos sejam produzidos.

Palavras-chave: Fibromialgia; Realidade Virtual; Psicologia; Regulação Emocional



Comissão Especial de Estudantes (CEES): Vivência, Construção e Espaço Formativo

Tawan Ferreira Araujo
Débora Moreno Pires de Souza
Bruna Menezes Araujo Peixoto
Victoria Antonieta Tapia Gutiérrez

O Sistema Conselhos de Psicologia é composto pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e pelos Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs). Através dos eixos, núcleos e comissões, o Conselho Federal e os Regionais exercem suas funções precípuas de orientar, disciplinar e fiscalizar, fortalecendo a Psicologia enquanto ciência e profissão de forma ética. Ao identificar que esse processo formativo também deve alcançar os estudantes, foi criada a Comissão Especial de Estudantes (CEES) do CRP-RJ, espaço que acolhe e articula estudantes de Psicologia em todo o Estado do Rio de Janeiro. Este trabalho tem como objetivo relatar a contribuição da CEES na formação acadêmica das estudantes de Psicologia. O relato é construído por intermédio de reflexões baseadas em vivências e percepções sobre a comissão. As reuniões e atividades realizadas através da CEES promovem espaços de diálogo, construção coletiva do conhecimento e aprendizado sobre a profissão. Com foco na integração entre estudantes, o grupo contribui para o desenvolvimento de competências profissionais relacionadas à ética, regulamentação e atuação profissional. Dessa forma é possível incentivar o protagonismo estudantil, proporcionando experiências que complementam o espaço da sala de aula. As trocas produzidas pelo grupo reverberam na formação, fortalecendo a Psicologia como ciência e profissão. Como estudantes de Psicologia, na CEES é possível aprender a discorrer sobre a integralidade de diversos assuntos de engajamento e responsabilidade do campo, com base nas Resoluções, Referências e Notas Técnicas. Como também, aprende-se sobre as funções dos Conselhos, sobre o Código de Ética e a integração das diversas linhas teóricas e discussões atuais da profissão. Através dessa vivência, as estudantes são provocadas à refletir sobre sua formação e adquirem conhecimento sobre as diversas práticas psicológicas, incluindo a atuação nas Políticas Públicas. E, assim, contribuem para os movimentos internos nas Instituições de Ensino, construindo uma jornada de aprendizado assertiva.

Palavras-chave: formação acadêmica; comissão de estudantes; CRP-RJ; ciência e profissão.



A Psicanálise na Instituição: Lúdicas experiências na Associação Fluminense de Reabilitação.

**Julianna Muniz da Silva/ Maria Vitória Costa de Marchi Ferreira da Silva/
Shaenny Damiana Barbosa de Souza/ Daiana de Oliveira Santos/
Bruno da Silva Campos**

A partir da percepção singular de cada paciente, enquanto sujeitos, independente do diagnóstico relatado, o desenvolvimento da prática clínica com crianças com déficit cognitivo, TEA e outras patologias que afetem o aspecto intelectual é traçado enquanto objeto no setor de Psicologia das Terapias Integradas na Associação Fluminense de Reabilitação (AFR), instituição filantrópica localizada em Niterói, no Rio de Janeiro, fundada em 1958. Tal aspecto se dá com base na abordagem psicanalítica, que permeia a articulação entre a teoria e a clínica na prática do estágio. Dessa forma, o trabalho busca tecer relatos das experiências individuais de três estagiárias do setor, visando-se também esclarecer o papel e o trabalho ao qual se ocupam, que diverge da ideia de mestria. Quais seriam os princípios essenciais que norteiam a clínica psicanalítica? Em que aspectos a Psicanálise se destaca de outras práticas de cuidado, como da medicina, várias modalidades de psicoterapia ou práticas de cura religiosa? Essas reflexões direcionam ao âmago da prática analítica, considerando tanto o método e técnica quanto a dimensão ética à ela inerente. No trabalho com crianças, tal escuta é manejada via lúdica, através do brincar, onde não se trabalha na perspectiva de adequar o sujeito a um suposto funcionamento normal. Busca-se neste evidenciar, portanto, o quanto de arte - uma atividade produtiva fundada não na ciência universal, mas em um saber singular - reside na experiência analítica, e o quanto o aprendizado sobre o fazer clínico não pode ser limitado à leitura de textos ou ao conhecimento da metapsicologia, mas sim essencialmente transmitido pela experiência do encontro com um analista, cada qual com suas peculiaridades, alcances e limitações.

Palavras-chave: afr; psicanálise; instituição; saúde; equipe multidisciplinar.



A institucionalização do racismo em universidades privadas da Baixada Fluminense

Lian Cardoso Fortes

Graduando em Psicologia

Camilla da Silva Rocha (CRP 05/76345)

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre práticas docentes em universidades privadas da Baixada Fluminense, analisando manifestações racistas em sala de aula e seus efeitos na formação acadêmica e subjetiva dos estudantes. Em um território historicamente atravessado por desigualdades sociais, estigmas territoriais e controle moral, a universidade, longe de ser um espaço neutro, muitas vezes atua como agente de legitimação de práticas excludentes e colonialistas. O objetivo é analisar como falas e posturas docentes reforçam hierarquias raciais e desqualificam simbolicamente populações negras, especialmente aquelas oriundas de favelas e periferias. A metodologia utilizada é a observação participante, a partir das vivências diretas dos estudantes, que registraram episódios cotidianos de violência simbólica e discriminação racial. Dois casos são apresentados como forma de denúncia e análise. No primeiro, uma docente depreciava estudantes da Baixada ao compará-los negativamente com alunos de outras regiões. No segundo, um professor culpabilizava moradores de favelas por sua condição social, ignorando os efeitos do racismo estrutural. Tais episódios não se tratam de desvios individuais, mas expressam um projeto educacional que se estrutura a partir da branquitude como norma e da exclusão epistêmica como política. Apesar da recorrência dessas situações, as universidades ainda não apresentam políticas institucionais eficazes para enfrentá-las, resultando no silenciamento de discentes e na perpetuação de práticas pedagógicas que afetam profundamente suas subjetividades e práticas profissionais. Concluímos que o racismo institucional atravessa o cotidiano acadêmico, molda trajetórias e fragiliza o pertencimento universitário da população negra. É urgente romper com a convivência institucional e construir uma educação antirracista, que enfrente as raízes coloniais do ensino superior brasileiro e afirme saberes e existências plurais.

Palavras-chave: racismo institucional; psicologia; Baixada Fluminense; universidade privada; prática docente.



A ação dos plantonistas frente às demandas socioeconômicas

**Gabrielly de Sá Santana Cunha/ Andrielle Ramos Guimarães/
Fernanda Gonçalves Bibalskid/ Gabriela da Cruz Rodrigues/
Laiza Ellen Gois Souza**

O passado da psicologia é marcado por um modelo de trabalho clínico elitista, que afeta o acesso de pessoas de classes menos favorecidas a tratamentos psicológicos, implicando na necessidade de formar profissionais sensíveis a diferentes demandas sociais (Paparelli; Nogueira-Martins, 2007). O plantão psicológico surge como alternativa, sendo uma prática contemporânea ampliada que articula o desafio de superar a elitização na saúde mental (Dantas et al., 2016). Assim, cabe ao plantonista acolher demandas inusitadas, auxiliando o cliente a enxergar possibilidades e agir com seus próprios recursos. Entretanto, é indiscutível a existência de casos em que questões socioeconômicas, representadas pelo desemprego, dificuldades financeiras, insegurança alimentar e incertezas sobre o futuro, inspiram a procura por atendimento. No Projeto Plantão Psicológico Online da UFRRJ, este tipo de caso é recorrente. Este trabalho, desenvolvido por quatro plantonistas, propôs-se a analisar possibilidades de ação sobre demandas socioeconômicas. Analisando os relatos das plantonistas, identificou-se o emprego de quatro características/técnicas da abordagem teórica ACP: O foco no indivíduo e não no problema em si; a potencialização do indivíduo, através da valorização de suas conquistas, possibilitando o empoderamento e a autonomia deste, além de fortalecer a confiança em seus próprios meios de resolução; a ampliação da consciência sobre si, através do autoconhecimento e do aprofundamento sobre possibilidades frente às dificuldades; e o acolhimento incondicional, que fornece a oportunidade do indivíduo se ouvir e ser ouvido, construindo um momento único para a expressão de angústias perante às dificuldades. Portanto, este estudo demonstrou que o Plantão Psicológico é um espaço de potência, que amplia possibilidades de cuidados psicológicos e aproxima o estudante de psicologia das necessidades de sua comunidade.

Palavras-chave: plantão psicológico; saúde mental; acolhimento; demandas sociais.



Reflexões acerca do imaginário social sobre o cuidado em saúde mental

Rayane Bento Do Nascimento/ Michelly Azeredo Nunes/
Victória Rosa Da Silva/ Daphne Christiny Marins Da Silva Sales/
Carla Jeucken

A Lei nº 10.216/2001 possibilitou mudanças no paradigma de cuidado em relação às pessoas diagnosticadas com transtornos mentais, com o intuito de garantir a esses sujeitos acesso ao direito de receber tratamento digno. No entanto, esse avanço legal deve ser construído e defendido nas lutas coletivas cotidianas, pois o imaginário social, aqui entendido pensamento sistemático, isto é, como articulações de pensamentos vinculadas ao tema e compartilhadas coletivamente. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as mudanças no imaginário social a partir da Reforma Psiquiátrica. Para tal, utilizaremos a metodologia de relatos de experiências de graduandas de Psicologia, relacionados aos diversos encontros das estudantes com o tema, por meio de disciplinas, campos de estágio, interações em redes sociais, etc. Pela análise dos relatos, observamos que a loucura, quando presente na cidade, pode questionar e romper com a ordem pré-estabelecida, de modo a furar a crença compartilhada em uma lógica manicomial como estratégia de cuidado. Sendo assim, para romper com um imaginário social calcado em estereótipos degradantes, a responsabilização coletiva é fundamental para produzir uma nova concepção de cuidado que inclua a participação ativa dos usuários, familiares, profissionais e da sociedade. Portanto, o que fica de reflexão é a necessidade de estarmos atentas a quanto o imaginário também é um campo de disputa ético-política, em que se cruzam diversos interesses de grupos sociais. Nessa direção, as ideias atreladas à loucura têm a capacidade de mobilizar afetivamente os indivíduos e produzir realidades, de modo a influenciar diretamente na maneira como o campo social lida com o que foge à dita "normalidade". Por fim, é preciso continuar lutando e pesquisando, pois mudanças efetivas no imaginário social fortalecem o senso de responsabilização coletiva pelo tratamento digno aos usuários e contribuem para darmos continuidade às mudanças legais propostas.

Palavras-chave: Loucura; Imaginário social; Cuidado; Ética.

Fonte financiadora do trabalho: Não se aplica.



O ser-criança como abertura de possibilidades para a prática psicoterápica na fenomenologia-existencial

Caroline Garpelli Barbosa
Daniela Braga Caruncho

O presente trabalho se insere no eixo de Práticas na formação em Psicologia e, portanto, irá trazer reflexões acerca da prática da psicoterapia fenomenológico-existencial a partir de experiências em clínica infantil vivenciadas através do estágio supervisionado específico ofertado pelo Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal Fluminense (UFF) fundamentado na abordagem fenomenológico-existencial. Através de demandas de atendimento clínico presencial supervisionado ao público infantil, conjuntamente com a partilha dos quadros clínicos em supervisões e as profundas e reflexivas discussões teóricas acerca da clínica infantil, a existência tanto do ser-criança como do próprio psicoterapeuta colocou a prática da psicoterapia em questão ao se deparar com a abertura de possibilidades em campo. Diante de um horizonte histórico-epocal de desertos existenciais na infância, seja pelo isolamento do ser-criança à ambientes que lhe cabem ou ao silenciamento instantâneo pelo uso de telas, experimentar as possibilidades do ser-criança tem se tornado uma realidade distante no cotidiano. Entretanto, a partir da prática clínica fenomenológico-existencial, fomentada sempre por uma escuta sensível, sem interpretações prévias, mas indo de encontro ao fenômeno, ao ser atravessado pelos encontros com crianças, o psicólogo não só se depara com as condições da sua existência, como também questiona a sua prática e seu lugar no contexto terapêutico na clínica infantil. Nesse sentido, a fim de problematizar o fazer clínico no horizonte histórico atual no campo da infância, apresenta-se brevemente exemplos de momentos marcantes em encontros terapêuticos relativos a psicoterapia com crianças, em que é possível compreender como o ser-criança atravessa o psicólogo a nível pessoal e profissional e o faz questionar e transformar a sua prática através disso. Desse modo, o trabalho espera poder colaborar com a construção de uma prática clínica que se permita afetar e ser afetada pela abertura de possibilidades que é a existência, especialmente durante a infância.

Palavras-chave: prática clínica; psicologia clínica; fenomenologia-existencial; crianças; infância.



Impacto da Falta de Acessibilidade no Estresse Parental de Crianças Autistas

Isabela Fornazier Costa
Marcelo Hertz de Almeida Gomes
Caroline Haussman dos Santos

Este trabalho investiga a relação entre a falta de acessibilidade no transporte urbano e o aumento do nível de estresse de pais e mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa foi realizada com pais e mães de crianças autistas moradores de áreas urbanas, analisando suas experiências cotidianas de deslocamento urbano, por meio do instrumento formulário virtual Google Forms, distribuído também virtualmente através de aplicativos de mensagens. Os resultados coletados evidenciam que a ausência de infraestrutura adequada, aliada à falta de preparo dos profissionais do transporte público e à sobrecarga sensorial enfrentada pelas crianças durante os trajetos, contribui significativamente para o aumento dos níveis de estresse dos pais e mães. Dentre os principais fatores relatados estão a insegurança, o receio de crises comportamentais e a dificuldade em lidar com o estresse no deslocamento urbano. A pesquisa aponta ainda que a precariedade do transporte acessível limita a mobilidade social e compromete a qualidade de vida dessas famílias. Conclui-se que a melhoria da acessibilidade urbana não apenas favorece a inclusão das crianças autistas, mas também atua como fator de proteção à saúde mental dos pais e mães, revelando-se uma necessidade urgente no planejamento das políticas públicas de mobilidade urbana.

Palavras-chave: acessibilidade urbana; transporte público; estresse parental; autismo.

Fonte financiadora do trabalho: Universidade Estácio de Sá – Campus Maracanã – Rio de Janeiro.



O Caps como formação: potências de um Estágio em Saúde Mental

Cátia Batista Tavares (CRP 05/48782)

Kelly Lima Batista

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a relevância e os impactos do estágio em saúde mental para uma formação crítica e social em Psicologia. Os apontamentos partem das experiências vividas nos Centros de Atenção Psicossocial, sendo parte do estágio realizado no CAPSad III Raul Seixas e CAPS II Carlos Augusto da Silva Magal, localizados, respectivamente, nas Áreas Programáticas 3.2 e 3.1. Durante o período de 15 meses foram realizadas atividades como acolhimento, matriciamento, visitas domiciliares, participação em grupos, oficinas e reuniões de equipe, com acompanhamento de preceptores dos serviços e orientação acadêmica, a fim de engajar o processo formativo por meio de estudos e debates. A formação no campo da saúde pública implica na construção de uma clínica ampliada, que considera os determinantes sociais em saúde, e o estágio em Psicologia, além da estrutura clínica tradicional, promove a (trans)formação de modos de pensar, contribuindo para que o estudante vivencie um aprendizado enraizado no território. A clínica psicossocial, enquanto prática que articula cuidado em rede e interdisciplinaridade, sustenta projetos singulares que propõem autonomia aos usuários e integram a comunidade no fazer em saúde. Através dessa vivência foi possível extrapolar os limites institucionais da universidade e reconhecer a clínica psicossocial como ferramenta potente na formação em Psicologia. Enquanto espaço de práticas vivas e políticas, apresentou-se como lugar fértil para instigar e sensibilizar sobre o papel social da psicologia e suas fragilidades. Logo, é essencial que a formação ocupe esse campo de estágio, tanto para construir uma formação comprometida com o território e suas múltiplas adversidades, quanto para experimentar práticas além da clínica, e longe da neutralidade.

Palavras-chave: estágio; saúde mental; CAPS; clínica psicossocial; formação crítica.

Fonte financiadora do trabalho: Não teve.



Saúde Mental e Determinantes Sociais em Territórios Vulnerabilizados

Cátia Batista Tavares

Felipe Barbosa Santos

Isabela Pascoal Cataldo Falbo Santo

Este estudo propõe uma reflexão crítica sobre a atuação em saúde mental no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), com ênfase nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) situados em territórios vulnerabilizados do Rio de Janeiro. O objetivo é analisar como as condições de vulnerabilidade social e os contextos de violência urbana impactam a vida da população atendida nesses serviços, contribuindo significativamente para o sofrimento psíquico e influenciando os processos de diagnóstico em saúde mental. A metodologia adotada envolveu análise qualitativa de literatura científica e observações de campo realizadas durante estágio curricular supervisionado em saúde mental. Os resultados preliminares indicam que os usuários dos CAPS, em sua maioria moradores de favelas e periferias, vivenciam diariamente múltiplas formas de violência, exclusão social e negligência institucional. Tais experiências produzem marcas subjetivas profundas, frequentemente interpretadas pela lógica biomédica como transtornos mentais individuais, dissociadas das condições sociais que as originam. Nesse sentido, a análise aponta a importância de práticas clínicas e políticas públicas que reconheçam o impacto da necropolítica e da desigualdade social na produção do adoecimento psíquico. Conclui-se que o cuidado em saúde mental deve ser territorializado, intersetorial e comprometido com a ampliação dos direitos, a fim de evitar que o sofrimento social seja medicalizado e tratado de forma descontextualizada.

Palavras-chave: saúde mental, determinantes sociais, vulnerabilidade social, atenção psicossocial



Entre sentir e cuidar: vivências na Rede de Saúde de Teresópolis-RJ

Laís Junqueira Ferreira

Cecília Maria Rocha Ribeiro

Julie de Mello Castro Fernandes Duarte

Este trabalho é fruto de vivências no Estágio Básico Supervisionado em Saúde do curso de Psicologia do Centro Universitário Serra dos Órgãos no que diz respeito à observação no campo da Rede de Atenção à Saúde (RAS) da cidade de Teresópolis-RJ. Busca identificar os aspectos que fazem de um encontro uma sincera relação de cuidado, articulando o aspecto técnico aos aspectos humanistas da atenção à saúde. Tem por objetivo proporcionar reflexões sobre o desenvolvimento de competências profissionais e pessoais requeridos na vida acadêmica e profissional. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência e propõe pensar o campo da Saúde Mental e Atenção Psicossocial como um processo que é social e complexo. A participação em um caso de Acompanhamento Terapêutico (AT) oportunizou a observação do trabalho interprofissional como sendo para além da instituição, em um movimento de Clínica Ampliada que colocou em prática o Projeto Terapêutico Singular. Vivenciar o AT foi de grande valia para entender a complexidade e os sentidos atribuídos pela usuária ao seu processo saúde-doença, numa perspectiva singular e multidimensional na elaboração deste cuidado. A escuta constituiu a principal ferramenta dos profissionais que atuaram neste caso, sendo facilitadora do processo de reconhecimento de si experienciado pela usuária e no respeito diante do seu adoecimento, permitindo revisitar e repensar a relação que estabelecia entre seus convivas e desafetos, entre o sentir e a vida, em um movimento que incentiva a capacidade de transformar-se. Considera-se este trabalho relevante ao articular teoria e prática, integrando o estudante à sua área de atuação, conforme preconizado pelas DCNs dos cursos da área da saúde.

Palavras-chave: Rede de Atenção à Saúde; Cuidado; Atenção Psicossocial.



Presença e escuta como caminho: aprendizados no Serviço Escola de Psicologia

Isis Sena Lino
Christine Vieira Pereira

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel da escuta e da presença genuínas como elementos fundamentais à prática clínica em Gestalt-terapia, especialmente na construção do vínculo psicoterapêutico e na condução do processo a partir das singularidades de cada paciente. A experiência foi desenvolvida no Serviço Escola de Psicologia (SEP), da Universidade Estácio de Sá, campus Maracanã, em modalidade presencial, com atendimentos individuais a cinco pacientes de diferentes faixas etárias, além da participação em supervisões semanais. Ancorada na abordagem gestáltica, a prática de estágio permitiu observar como os pacientes ofereceram pistas — mais ou menos diretas — sobre como desejavam ser acompanhados, e como coube à estagiária psicoterapeuta estar disponível para escutá-las e acolhê-las. Atos como a escolha do espaço de atendimento, o uso de metáforas, a linguagem preferida ou a forma de iniciar as sessões revelaram-se aspectos fundamentais para acessar o universo existencial e simbólico de cada indivíduo. Compreender e respeitar essas indicações contribuiu para o fortalecimento do vínculo psicoterapêutico e favoreceu a fluidez do processo, mesmo diante de situações complexas. Mais do que aplicar técnicas previamente estabelecidas, foi a escuta atenta, aliada à presença sensível, que possibilitou o reconhecimento dessas pistas e a construção de um acompanhamento ético, cuidadoso e coerente com as necessidades de cada paciente.

Palavras-chave: escuta; presença; vínculo psicoterapêutico; linguagem do paciente; gestalt-terapia.



Corpo que se prostitui e busca amor: relato de experiência na clínica-escola.

Julia Maria Silva de Lima Pontes
Clarice Medeiros

A prática de estágio na psicologia impõe ao estudante diversos desafios, conflitos e às vezes angústias. Estar diante de outra pessoa que sofre e vem pedir ajuda não é tarefa fácil. No presente trabalho, procuraremos trabalhar a escuta e os desafios éticos diante de um caso atendido em uma clínica escola de uma instituição de ensino superior. Trata-se de um homem, que narra suas peripécias sexuais por meio da prostituição de forma detalhada e ostensiva ao mesmo tempo que nomeia que gosta de "fazer amor". De que forma o prostituir-se comparece na cena fantasmática do paciente? Como afirma o psicanalista Jacques Lacan, o ato de fazer amor no macho, no homem, é uma perversão polimorfa. A perversão é universal uma vez que a sexualidade é assim apresentada, ou seja, refere-se ao modo de gozo de cada um. No setting psicanalítico, a montagem perversa das suas práticas sexuais denota um drible à falta que o encontro com o outro impõe. Na neurose, a busca pelo amor, é uma busca de fazer Um, uma reciprocidade e simetria. Importante lembrar, ainda, que, como considera Freud, a psicanálise é a cura pelo amor, o amor de transferência. Dessa forma, refere-se a sustentar, por meio da transferência, a não complementariedade, a não-relação sexual e, conseqüentemente, a dimensão desejante de cada um. O encontro com essa montagem perversa convoca não apenas sutileza, mas desafia o(a) analista em sua ética.

Palavras-chave: Psicologia; Psicanálise; Amor; Ética.



Psicologia do Esporte: vivências práticas na formação de estudantes de Psicologia

Lucas Alves Vidal Bustamante

Isabela Loreti Lima Soeiro

Lucas de Oliveira da Silva

Dra. Clévia Fernanda Siés Barboza

A Psicologia do Esporte, área emergente dentro da Psicologia, especialmente no Brasil, tem atuação em múltiplos contextos – como o alto rendimento, reabilitação, categorias de base, escolas, esportes de lazer e projetos sociais. A partir do cuidado com a saúde mental, busca-se promover melhores desempenhos individuais e coletivos. Na formação acadêmica, a disciplina de Psicologia do Esporte cumpre um papel fundamental ao integrar dimensões técnicas, emocionais e sociais das práticas esportivas. Apesar de sua crescente importância, essa área ainda ocupa pouco espaço nos currículos de graduação em Psicologia no Brasil. Este relato destaca as vivências de estudantes de uma instituição privada de Petrópolis – RJ, que participaram da disciplina eletiva “Psicologia do Esporte Aplicada”, envolvendo-se diretamente com equipes femininas de vôlei das categorias sub-15 e sub-18. A proposta prática foi viabilizada pelo vínculo entre a docente responsável e as equipes esportivas locais, o que permitiu aos graduandos vivenciarem, de forma ativa, os desafios e possibilidades do trabalho com atletas. A experiência favoreceu o desenvolvimento de habilidades essenciais, como a escuta ativa, a observação sensível e o olhar crítico – fundamentais para compreender as demandas subjetivas e coletivas presentes nos contextos esportivos. Com base nas observações realizadas, os estudantes elaboraram intervenções alinhadas às necessidades identificadas, desenvolvendo e aplicando dinâmicas voltadas para os temas abordados nos encontros. Essa articulação entre teoria e prática mostrou-se um campo fértil para o aprimoramento de competências profissionais. Sob supervisão docente, as intervenções exigiram sensibilidade ética e abertura para lidar com a complexidade do campo esportivo, possibilitando aos discentes consolidar conhecimentos conceituais, habilidades práticas e atitudes éticas e reflexivas. A vivência prática contribuiu significativamente para a qualificação da trajetória formativa, bem como fortaleceu a construção de uma identidade profissional mais sólida, sustentada pela escuta, análise crítica e capacidade de intervenção comprometida com o cuidado integral dos sujeitos envolvidos na prática esportiva.

Palavras-chave: psicologia do esporte; formação de psicólogos; prática profissional.



Frestas nas trincheiras: A Loucura entre a Clínica e a Cidade

Shaenny Damiana Barbosa de Souza
Bruno da Silva Campos

Este trabalho visa-se debruçar diante do relato das experiências de campo vivenciadas por uma acadêmica de psicologia durante o curso do estágio supervisionado obrigatório e extracurricular, realizados na área da saúde, no município de Niterói. Tais estágios se localizam em ambientes institucionais, no Ambulatório Ampliado de Saúde Mental Guilherme March e na Associação Fluminense de Reabilitação (AFR). Assim, as reflexões pautam-se na observação participante, descrevendo e mapeando os atores, conflitos e engendramentos no território, respaldando-se na ética da psicanálise, enquanto abordagem, base teórica de atuação e visão dos usuários em cena. Um olhar decolonial, dessa forma, corrobora no entendimento de que a colonização do Brasil não se restringe-se a um evento histórico que dissolveu-se com as independências políticas, mas um processo contínuo que envolve a desconstrução de conceitos, práticas e instituições. Isso inclui a necessidade de se repensar as formas como abordam-se as questões de subjetividade, relações de gênero, racismo, diversidade e outras formas de opressão que persistem na sociedade. A reforma psiquiátrica, em suma, demonstra-se precisar existir enquanto um esforço contínuo, buscando a promoção de uma outra resposta à loucura, não manicomial, em posição a fazer frente a todo um sistema que induz à internação: sistema de valores culturais, inclusive dos profissionais, das famílias e dos próprios usuários da saúde mental. A psicanálise, presente como saber sobre a loucura e como interlocutor muitas vezes criticado, apreende nesse escopo o sintoma como uma verdade do sujeito que, ao mesmo tempo em que eclipsa o sujeito, o representa. O sujeito, neste protagonizado, é inquirido justamente em sua produção. Cabe a cada um, a cada usuário dos serviços no campo da saúde mental, poder indicar o caminho de sua solução particular, obrigando-nos a reconhecer o delírio como modo de subjetivação legítimo.

Palavras-chave: psicanálise; estágio em saúde; instituição; práticas antimanicomiais; decolonização.



Neurodiversidade nas Instituições Educacionais: relato de uma ação extensionista com enfoque inclusivo

**Alana Teixeira de Souza/ Isis Barcelos Santos Querino/
Esther Ágatha De Macedo Silva dos Santos/
Juliana da Silveira Rodrigues de Jesus/ Thayná Veriato da Silva/
Isabela Ferreira Rocha Nunes**

Este estudo apresenta um relato de experiência de um projeto extensionista que aborda o conhecimento que discentes de instituições públicas possuem acerca da neurodiversidade, com foco em transtornos de aprendizagem, Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade e Transtorno do Espectro Autista. A neurodiversidade é um termo que vem adquirindo múltiplos significados ao longo dos anos, hoje possuindo tanto o seu sentido original, que é um chamado de ação para a promoção de políticas de diversidade neurológica, quanto os novos, como uma identidade para pessoas cuja mente funciona de forma que foge do padrão e como um movimento de desestigmatização das mesmas. Reconhecendo a importância do tema, principalmente para jovens que ainda estão em formação, a intenção do projeto foi trazer informações e dinâmicas que pudessem promover empatia, compreensão e quebrar equívocos relacionados a pessoas neurodivergentes. A atividade extensionista foi realizada em uma escola pública do município de Nova Iguaçu, com o público-alvo de jovens entre 11 e 16 anos. Participaram do projeto seis graduandas do curso de Psicologia, supervisionadas por uma orientadora. Após a apresentação, foi distribuído um questionário aos participantes, que continha perguntas sobre seu ambiente escolar e a palestra. A atividade evidenciou que, apesar dos esforços da instituição, ainda havia muitas desinformações e falta de informações sobre o tópico. Embora o acesso à internet possa facilitar a busca de conhecimento, ainda é difícil distinguir entre os dados que são confiáveis e os que não são. A conscientização sobre a neurodiversidade deve ser acompanhada da promoção de políticas inclusivas para um ambiente escolar com mais empatia e compreensão.

Palavras-chave: transtornos do neurodesenvolvimento; neurodiversidade; políticas inclusivas.

Fonte financiadora do trabalho: Projeto extensionista sem financiamento.



Oficina Corpo e Gênero: dispositivo de prevenção à violência sexual infantojuvenil

Amanda Garcia Dantas/ Adriele da Silva Gomes/
Ana Carolina Teixeira Hilário/ Nathalia de Leo Marques Xavier/
Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define crianças e adolescentes como pessoas de direitos, sendo dever da família, sociedade e Estado assegurar proteção integral e prioritária a eles. Diante disso, este trabalho visa à aplicação da oficina “Corpo, Limites e Desigualdade de Gênero” como um dispositivo de proteção a partir de ações de prevenção e combate à violência contra crianças e adolescentes. Esta oficina teve como objetivo promover a conscientização do público infantojuvenil sobre a proteção do corpo, o reconhecimento de situações de violência sexual e a importância da denúncia como forma de enfrentamento. A intervenção ocorreu presencialmente com turmas do 4º e 5º anos da Escola Municipal Professor Racy Ribeiro Morandi, em Seropédica, na Baixada Fluminense, com alunos com idades entre nove e 13 anos. Pautou-se por atividades lúdicas, educativas e reflexivas, realizadas com a utilização de fantoches, histórias, cartões, papéis e canetas, com três dinâmicas: “o corpo é meu território”, para trabalhar sobre o conceito de autonomia corporal; “cores dos sentimentos”, voltada para o reconhecimento das emoções relacionadas a situações de violência; e “teatro de fantoches”, com enredo fictício sobre abuso, seguido de debate com as crianças. Os resultados apontaram para uma participação ativa dos estudantes, os quais se engajaram nas discussões, responderam questionamentos e complementaram as explicações com exemplos de situações reais. Além disso, a oficina promoveu maior compreensão da temática, orientou sobre a identificação da violência e divulgou canais de denúncia.

Palavras-chave: crianças e adolescentes; intervenção; violência sexual; prevenção.



Uma análise do filme “Em busca de mim” pelo olhar da terapia sistêmica

Raquete Mendes Coelho/ Alice Silveira do Valle Alves/
Ana Julia Pereira Costa/ Lucineia de Fatima Conte Tavares/
Profª Dra. Clarissa Moura Quintanilha

A terapia sistêmica é uma abordagem da psicologia que considera os indivíduos dentro de seus sistemas relacionais, como família, amigos e contextos sociais. Ela parte do princípio de que os problemas não estão apenas nas pessoas, mas nas interações e dinâmicas entre elas. A terapia sistêmica é focada na ação, mudança e aprendizagem. Sua tarefa terapêutica consiste então em auxiliar o cliente a ter consciência do próprio padrão de funcionamento. O terapeuta é bem ativo no processo, perguntando e intervindo, ajudando o cliente a identificar e modificar esses padrões, promovendo novas formas de comunicação, comportamento e resolução de conflitos. As sessões podem ser individuais, de casal, família e grupo, incluem conversas, dinâmicas e exercícios, trabalhando de maneira sistêmica os traumas, dores, medos, sofrimentos etc. Nesse contexto de intervenções e técnicas que podem ser utilizadas pela abordagem sistêmica, o objetivo foi traçar um paralelo entre a terapia sistêmica e um longa-metragem que pudesse ilustrar padrões autodestrutivos, onde estivessem evidentes a relação familiar e a repetição transgeracional. O estudo também tinha como objetivo levantar os problemas dos personagens e indicar possíveis intervenções e técnicas utilizadas pela sistêmica que pudessem favorecer a resolução de conflitos dos personagens. O trabalho, de abordagem qualitativa, analisou o filme “Em busca de mim”, cujo título original é “Stromboli” (2022). E teve revisão de literatura dos últimos dez anos na SciELO e portal de periódicos da CAPES sobre técnicas da terapia sistêmica. A partir da análise do filme, a proposta de intervenção terapêutica sistêmica foi realizar uma análise familiar através do uso do Genograma, utilizar a técnica de representação do psicodrama e as técnicas “Limpeza de Sentimentos” e “Explicitando Dificuldades”. Concluímos que este trabalho ampliou a visão sobre as dores, o reconhecimento do sentimento de culpa, a importância do auto acolhimento e abertura a mudanças frente aos padrões prejudiciais.

Palavras-chave: psicologia; terapia sistêmica; padrão de funcionamento; técnicas sistêmicas.

Fonte financiadora do trabalho: Não se aplica.



Tecnologia Assistiva na Reabilitação da Regulação Emocional: O Robô EVA

Elton Hiroshi Matsushima

Ester Borges de Matos

Maria Eduarda Barbosa Matozinhos

O uso de tecnologias assistivas na reabilitação de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se mostrado promissor, apresentando avanços significativos, especialmente no suporte à comunicação, às habilidades sociais e às atividades da vida diária. Este trabalho apresenta parte do projeto de iniciação científica fomentada pela FINEP na criação de um protocolo de reabilitação da regulação emocional, desenvolvido para aplicação por meio do Robô EVA, voltado à intervenção com crianças com TEA. Trata-se de um esforço multidisciplinar do laboratório e-Health da Universidade Federal Fluminense (UFF). A regulação emocional, frequentemente comprometida nesse público, está associada ao desenvolvimento das funções executivas, impactando diretamente a aprendizagem, a comunicação e as interações sociais. O protocolo é estruturado em etapas progressivas, iniciando com o reconhecimento de emoções básicas e evoluindo para emoções mais complexas, na discriminação das emoções em si e no outro. O método baseia-se na aprendizagem sem erro. As perguntas são selecionadas de forma adaptativa, conforme a evolução de cada criança. O Robô EVA utiliza expressões faciais, gestos, luzes e movimentos para criar um ambiente lúdico e responsivo, promovendo maior engajamento. A proposta visa fortalecer competências emocionais e sociais essenciais, contribuindo para a inclusão e a generalização das habilidades no contexto escolar e familiar.



Efeitos e recursos da terapia cognitiva comportamental para transtornos de ansiedade.

Dra. Danielle Castelões Danielle Castelões Tavares de Souza

Yago Cesaroni Nolasco

Clara Cristiane Lau Caridade

O Brasil é considerado hoje um dos países mais ansiosos do mundo. As causas são diversas e afetam indivíduos de todas as idades. O objetivo do presente artigo foi rastrear na literatura recente e nacional, por meio de uma revisão narrativa, os efeitos do tratamento na modalidade terapêutica cognitiva comportamental (TCC). Os descritores utilizados foram "ansiedade", "transtorno de ansiedade social", "transtorno do pânico", "efeitos", "terapia cognitiva comportamental", em bases de dados científicos como Scielo, Pepsic, BVS, Pubmed, Lilacs, Eric, Web of Science e PsycInfo. Foi escolhido o período de 2013 a 2023 para realizar os achados sobre os efeitos da TCC e uma análise de aumento ou não no repertório de técnicas relativas aos tratamentos dentro da perspectiva cognitiva comportamental. Como critérios de inclusão foram eleitos os artigos em português, publicados dentro do período escolhido, estudos de caso, estudos de revisão de literatura, bem como com casos de grupos experimentais e controle. Como critérios de exclusão, foram determinados artigos em língua estrangeira, fora do período estabelecido e aqueles que não sejam estudos conforme os estabelecidos. Sobre o transtorno do pânico, foi definido como uma série de ataques que ocorrem de maneira repentina e brusca. Esses ataques detêm como característica principal o medo excessivo de morrer. Já o transtorno de ansiedade social se caracteriza por frequentes esquivas em relação a interação social, o temor em agir de forma a demonstrar sintomas de ansiedade, o temor de forma intensa de ser avaliado negativamente ao ser observado. Como resultado concluiu-se que a terapia cognitiva comportamental apresenta efeitos por meio da utilização de técnicas, tais como: exposição sistemática, a reestruturação cognitiva, as técnicas de relaxamento e o treino de habilidades sociais, respectivamente.

Palavras-Chave: terapia cognitivo comportamental; transtorno de ansiedade social; transtorno do pânico.



Revisão narrativa sobre o Transtorno de Personalidade Narcisista: histórico, diagnóstico e tratamento

**Kátia Cristina do Amaral Tavares/ Isabela Pascoal Cataldo Falbo Santo/
Márcia da Silva Coutinho/ Viviane de Paula Simões Gama/
Vivianne Cândida Costa Galeno/ Danielle Castelões Tavares de Souza**

O Transtorno de Personalidade Narcisista (TPN) representa um desafio clínico e ético relevante na prática em saúde mental. Este trabalho apresenta uma revisão narrativa de literatura sobre o TPN com o objetivo de compreender sua evolução conceitual, critérios diagnósticos, manifestações clínicas e abordagens terapêuticas contemporâneas. Foram utilizadas as bases de dados Scielo, PubMed e Google Acadêmico e selecionados artigos científicos publicados de 2020 a 2025, em português ou inglês, que abordassem a história, a sintomatologia, os critérios diagnósticos, o tratamento e perspectivas futuras do TPN. Os achados revelam que, embora o TPN já conste nas principais classificações diagnósticas (DSM e CID), ainda há lacunas significativas em sua compreensão clínica e empírica e, portanto, observa-se a necessidade de mais pesquisas sobre esse transtorno. O estudo também discute os sintomas característicos do TPN, como grandiosidade, falta de empatia e necessidade excessiva de admiração, além das implicações de suas comorbidades, como depressão e ansiedade. A revisão examina ainda os avanços no entendimento do transtorno com destaque para as abordagens dimensionais. Com relação ao tratamento, o trabalho indica uma valorização de abordagens que integrem aspectos emocionais, relacionais e experiências precoces do paciente. A Terapia Cognitivo-Comportamental e a Terapia do Esquema têm se destacado por possibilitarem a reestruturação de crenças disfuncionais, o fortalecimento da regulação emocional e o desenvolvimento da empatia. Intervenções complementares, como farmacoterapia e neuromodulação, têm sido consideradas em casos com comorbidades. O estudo também aborda os desafios relacionados à resistência ao tratamento e aos estigmas associados ao diagnóstico, além de enumerar princípios e condutas adotados por terapias que têm se mostrado eficazes para o tratamento do TPN. Por fim, aponta-se a importância da formação continuada dos profissionais e da articulação entre prática clínica, pesquisa e ética, visando ao cuidado qualificado de pessoas com TPN.

Palavras-chave: transtorno de personalidade narcisista; revisão narrativa; diagnóstico; tratamento psicoterapêutico



Interações entre Profissionais do Sexo: Cooperação e Competição nos Grupos Sociais

**Fabrício Nascimento Ostrowski/ Adriani da Cunha Souza Nascimento/
Isabel Santos de Freitas/ Jonas de Almeida Pinto/
Phablo Rodrigues Batista/ Rafaela Marques Giani**

Este trabalho, voluntariamente escolhido pelos autores no âmbito da graduação em Psicologia, investigou as dinâmicas grupais de cooperação e competição entre profissionais do sexo atuantes nos municípios de Angra dos Reis e Rio de Janeiro. A proposta partiu da necessidade de compreender como se estabelecem vínculos, disputas e estratégias coletivas entre mulheres inseridas em contextos marcados por vulnerabilidade social, estigma e risco. O estudo foi orientado pelo professor doutor George Olisan e fundamentado em referenciais teóricos dos estudos grupais e da psicologia social crítica. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com duas profissionais do sexo, que atuam como gerentes em estabelecimentos da área e concordaram em participar apenas sob anonimato, utilizando os nomes fictícios "Lari" e "Paula". Por exigência expressa das entrevistadas, a condição para que compartilhassem suas vivências foi a garantia de que suas identidades não fossem reveladas, sendo impossível, portanto, submeter a pesquisa ao CEP ou aplicar o RCLE sem romper o pacto ético firmado. As entrevistas ocorreram em formatos distintos: uma via áudio de WhatsApp; outra, online, com a entrevistada posicionada de costas. Ambas tiveram suas falas interpretadas por uma atriz em vídeo/documentário de 8 minutos e 47 segundos, tendo, esta sim, assinado os documentos autorizativos pertinentes. As interlocutoras relataram tanto experiências de solidariedade em situações de perigo e violência de gênero, quanto rivalidades em disputas por clientela e recursos. Todas essas questões, emergidas com destaque, permitiram reflexões sobre a complexidade dos vínculos em contextos deste trabalho. O material audiovisual resultante contribuiu para a visibilidade crítica dessas vivências, oferecendo suporte complementar à análise, reunindo imagens, trechos de fala e análise narrativa.

Palavras-chave: processos grupais; profissionais do sexo; psicologia social; estigma; violência de gênero.



Dispositivos de Regeneração Social com equipes de Deambulatório

Ízys Vitória Benicio Silva Santos
Áster da Silva Santos de Almeida
Loíse Lorena do Nascimento Santos
Alexandra Cleopatre Tsallis

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Dispositivo de Regeneração Social (DRS) de capacitação e letramento de equipes. Trata-se de uma Tecnologia Social desenvolvida no Laboratório afeTAR, uma Unidade de Desenvolvimento Tecnológico vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A aposta é por meio da criação de vínculos e do cuidado em rede promover cuidado para populações em situação de vulnerabilidade social que, por estarem inseridos em uma sociedade que reproduz violências e opressões, provoca um esgarçamento dos tecidos sociais. Entendemos que os DRS possibilitam que os organismos possam se regenerar ao voltar para o coletivo, fazemos isso a partir de grupos terapêuticos e com capacitação e letramentos de equipes. Nossa metodologia está inspirada teórico-metodologicamente na Teoria Ator-Rede, tal qual proposta por Bruno Latour, Ronald Arendt, Marcia Moraes, Ana Cláudia Monteiro e Alexandra Tsallis. O Laboratório afeTAR atualmente estabeleceu parceria com os profissionais do Deambulatório, vinculado à Superintendência de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde (SMSRJ) da prefeitura do Rio de Janeiro. Uma vez por mês recebemos presencialmente uma equipe que atua no território do RJ, em um encontro de 2h. A partir de uma equipe treinada (do laboratório afeTAR) buscamos a promoção de vínculos para a criação de redes multiprofissionais territoriais, entendendo que essa é uma maneira de fortalecer a atuação junto aos usuários/as/es. Apostamos na ideia de que o conhecimento desenvolvido na academia deve extrapolar os muros da universidade, e este tem sido um caminho possível de construir conhecimento COM aqueles que estão nos territórios, a partir do PesquisarCOM de Márcia Moraes. Portanto, essa capacitação tem como objetivo produzir vínculos entre as equipes de profissionais, tendo como fim buscar novas formas de promoção saúde para os usuários/as/es e produzir cuidados que auxiliem no campo da saúde mental.

Palavras-chave: profissionais de saúde mental; deambulatório; tecnologia social; teoria ator-rede.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ



A marca da prisão nos indivíduos egressos do sistema carcerário

Mariana Magalhães Kautscher/ Juliana Ribeiro Camelo/
Nayara Oliveira dos Santos / Lanna Melo Fontes/
Gabriel Marteloti de Souza/ Álex Halász Vidal Barbosa/
Remy Damasceno Lopes

A presente pesquisa tem como objetivo refletir, a partir de uma perspectiva foucaultiana, sobre as falhas do sistema penitenciário brasileiro. O foco foi o processo de reinserção social e seus impactos na saúde mental dos indivíduos egressos da instituição penal. Conforme os princípios do Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005), foram realizadas duas entrevistas virtuais com roteiro semiestruturado, assegurando o sigilo, o anonimato e o consentimento para o uso de imagem e voz dos sujeitos que vivenciaram o processo de reintegração. Os relatos feitos pelos participantes expressaram limitações no processo de ressocialização, como, por exemplo, dificuldades na obtenção de empregos dignos e estigmas. Diante desse cenário, os indivíduos apontaram viver sentimentos de impotência e restrição social. Alinhados ao pensamento de Foucault (1975, 1979), os depoimentos se conectam às suas teorias, como a submissão dos corpos, a ampliação estrutural da criminalidade, o ambiente disciplinar e a biopolítica. O trabalho evidencia a importância do reconhecimento da dignidade desses indivíduos e do compromisso do Estado na elaboração de políticas públicas que fomentem o desenvolvimento do potencial de transformação dos mesmos, tanto durante o período de reclusão quanto no processo de ressocialização. Somente assim esses sujeitos poderão ser ouvidos e acolhidos com o cuidado necessário, sendo reintegrados na sociedade com respeito e de forma humanizada.

Palavras-chave: Foucault; biopolítica; reinserção social; sistema prisional brasileiro.



A Produção de Conhecimentos sobre o SUAS e a Formação em Psicologia

Renata Tavares da Silva Guimarães
Hugo Matheus Morais de Lima da Rocha
Joelma Baptista Rangel da Silva Alcantara
Monica Cristina Martins da Silva

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) constitui uma política pública fundamental no enfrentamento das desigualdades sociais no Brasil, estruturado em Proteção Social Básica e Especial. Sua efetividade demanda profissionais capacitados, especialmente psicólogos, cujo papel é central na promoção de vínculos e na defesa de direitos. Nesse contexto, a produção de pesquisas sobre o SUAS é imprescindível para a formação em Psicologia, pois aproxima a academia das realidades práticas, enriquecendo a atuação profissional com evidências e reflexões contextualizadas. Atualmente, uma pesquisa conduzida pela Unifeso, em parceria com a UFF e a UFRRJ, busca mapear desafios como a sobrecarga de demandas, escassez de recursos e dificuldades na articulação intersetorial, oferecendo subsídios para aprimorar as intervenções psicológicas nos equipamentos de assistência social. Além disso, ao investigar as percepções dos profissionais atuantes no SUAS, a pesquisa contribui para a avaliação das ações implementadas, verificando seu alinhamento às necessidades das populações vulneráveis. A metodologia adotada inclui revisão bibliográfica, estudo exploratório de Senso SUAS e pesquisa semi-estruturada, visando obter dados qualitativos relevantes. A coleta de informações será realizada junto às unidades de proteção básica, garantindo uma análise fundamentada no contexto social. Espera-se que a participação dos estudantes de Psicologia nesta investigação desenvolva habilidades práticas, como coleta e análise de dados, além de promover uma compreensão aprofundada das políticas públicas. Essa experiência fortalece a formação ética e política, preparando futuros profissionais para atuar em espaços comunitários, onde a escuta qualificada e a intervenção social são essenciais. A disseminação dos resultados por meio de artigos, eventos acadêmicos e ações de devolutiva potencializa o impacto social da pesquisa, reforçando o compromisso da Psicologia com a promoção da dignidade humana e a transformação social.

Palavras-chave: psicologia; SUAS; formação profissional; políticas públicas.



Psicologia Bilíngue para surdos: realidade ou utopia?

Luciana Ruiz

Viviane Espírito Santo dos Santos

O que seria a psicologia bilíngue para surdos? É a prática da escuta psicológica em libras, que psicólogos surdos, CODAs e ouvintes vem atuando há muitos anos. Neste trabalho temos duas pesquisadoras que trabalham com esta prática há muitos anos: Luciana Ruiz, psicóloga surda formada há 19 anos e Viviane Santos, psicóloga, CODA que trabalha na área há 16 anos. Existe psicologia bilíngue como campo de trabalho da psicologia? Não há pós-graduações regulamentadas nesta prática, nem regulação do sistema conselhos que visem a padronização desta prática como uma área da psicologia, podemos dizer que atuamos na área da psicologia bilíngue? Tomamos como base a psicologia decolonial, a proposta é descolonizar e desnaturalizar os conhecimentos e práticas psicológicas historicamente moldados pela colonização, visando uma compreensão mais inclusiva e justa da psique humana. Isso significa desafiar a ideia de que a audição é uma condição normal e a surdez é uma deficiência a ser corrigida. Em vez disso, promover uma compreensão mais inclusiva da diversidade humana, reconhecendo a surdez como uma identidade cultural. É necessário que o psicólogo bilíngue faça parte da comunidade surda, visto que a identidade surda e a língua de sinais são imprescindíveis para o acolhimento. Reconhecer e respeitar a identidade surda é essencial para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para os surdos em todos os aspectos da vida, em suas diversas formas de apresentação. A alternativa que propomos é incluirmos na formação em psicologia bilíngue o lugar da supervisão. É essencial a busca por supervisores surdos ou CODAs, visto que são vivências da vida que permitem um lugar de fala na comunidade surda e, com isso, uma melhor transmissão deste lugar biopsicossocial.

Palavras-Chave: Comunidade surda, Língua de sinais Mostra CRP-RJ, Prática em Psicologia, Políticas Públicas, Psicologia Bilíngue.



Breve Cartografia da Formação Acadêmica em Psicologia

Jociléa de Souza Tatagiba
Denise Cristina de Souza

Este trabalho é um recorte de um projeto realizado em uma disciplina extensionista que objetivou compreender as perspectivas dos estudantes de Psicologia em relação às diferentes abordagens teóricas e a atuação do profissional no mercado de trabalho. A pesquisa utilizou uma abordagem quanti-qualitativa. Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário eletrônico a 86 estudantes do primeiro período do curso de Psicologia no primeiro semestre de 2024, em uma universidade privada do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, foi realizada uma breve revisão bibliográfica sobre a pluralidade das correntes contemporâneas da psicoterapia e demais áreas de atuação do psicólogo. Esse tema é particularmente relevante, pois revela tendências, expectativas e possíveis influências que moldam as trajetórias desses futuros profissionais. Ao investigar as áreas de interesse predominantes, bem como os fatores determinantes para essas escolhas, podemos obter uma visão mais clara das aspirações dos estudantes e das necessidades emergentes no campo da Psicologia. Esta análise também permitiu identificar possíveis lacunas na formação acadêmica e sugerir atualizações curriculares que contribuam para a formação de psicólogos mais preparados e alinhados com as necessidades sociais contemporâneas. Considerou-se que a formação deve oferecer espaço para a construção de autonomia, pensamento crítico e criativo, valores de cidadania e experimentações diversas, que contribuam para o desenvolvimento de competências teóricas e práticas, mas também das habilidades sociais imprescindíveis para o fazer Psi.

Palavras-chave: perspectivas estudantis; formação em Psicologia; atuação profissional.



Desafios na Aplicação de Medidas Socioeducativas: Vivência de Estágio no CRAS

Roberta Feitosa Ferreira da Silva
Flávia Lorrane Farias Gomes

Durante o estágio no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), uma experiência específica chamou a atenção para os desafios na aplicação de medidas socioeducativas, especialmente aquelas que envolvem a prestação de serviço à comunidade por adolescentes em cumprimento de sentença judicial. Embora o encaminhamento desses jovens seja feito pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), constatou-se na prática inúmeras dificuldades na execução das ações propostas. Tais dificuldades envolvem tanto limitações estruturais do CRAS quanto questões individuais dos adolescentes, como baixa escolaridade e dificuldades cognitivas. Uma situação marcante envolveu a impossibilidade de um jovem participar de uma tarefa simples de organização documental, revelando não apenas a inadequação das atividades propostas, mas também a carência de espaços realmente inclusivos e promotores de desenvolvimento. A experiência relatada evidencia a necessidade de repensar as práticas socioeducativas, com foco na reintegração social e no fortalecimento das capacidades individuais dos adolescentes, e não apenas no cumprimento formal da medida. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, baseada na observação participante durante o estágio e na análise reflexiva de situações vivenciadas no cotidiano profissional.

Palavras-chave: medidas socioeducativas, CRAS, adolescentes, inclusão social, vulnerabilidade

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ



Ética e TDICs na Formação em Psicologia: Reflexões no Estágio Básico II

Douglas da Silva Pereira de Oliveira
Adriana Carvalho Direito

A crescente inserção das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) no cotidiano da Psicologia impõe novos desafios éticos e técnicos à formação profissional. Este trabalho, desenvolvido no âmbito do Estágio Básico II – eixo Tecnologias da Informação – do curso de Psicologia do UNIFESO, busca refletir criticamente sobre o uso das mídias digitais na prática psicológica. Fundamentado no Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005), na Nota Técnica CFP nº 01/2022 e na Cartilha CRP-MG (2024), o estágio propõe articular teoria e prática através da construção de competências éticas, técnicas e comunicacionais para atuação digital. A proposta foi desenvolvida por estudantes do 4º/5º período (Turma B), em ambiente presencial, com supervisão docente do professor Cleber Macedo (CRP 05/39038). As atividades envolveram encontros semanais, dinâmicas de grupo, discussões temáticas e um quiz interativo baseado em dilemas éticos reais, criando um espaço formativo de diálogo e análise crítica. A produção do relatório inicial teve como foco integrar experiências práticas e referenciais teóricos, promovendo o desenvolvimento de uma postura profissional alinhada aos princípios da Psicologia. Os resultados preliminares indicam um avanço significativo na consciência ética dos estudantes quanto aos limites e possibilidades da presença digital. Foram discutidos temas como o equilíbrio entre informação e autopromoção, a responsabilidade no uso da linguagem e a exposição nas redes sociais. O estágio demonstrou ser um campo fecundo para a formação ética diante das transformações contemporâneas da profissão. Conclui-se que o uso consciente das TDICs, aliado ao compromisso com o cuidado psicológico, pode potencializar o alcance e a qualidade da atuação profissional, desde que orientado por valores éticos e científicos sólidos.

Palavras-chave: Psicologia; ética; tecnologias da informação; formação acadêmica; redes sociais.



Repercussões da mobilidade urbana na vivência universitária

**Mariana Soares Saraiva/ Ana Carolina Barros de Oliveira/
Camila Oliveira de Sousa/ Daniel Miranda Baia Arnaldo/
Daniel Silva de Aguiar/ Isabela de Farias Felipe Cardoso/
Márcia Leonardi Baldisserotto**

Este estudo tem como objetivo principal investigar a relação entre a mobilidade urbana na cidade do Rio de Janeiro e o acesso ao capital acadêmico e os níveis de ansiedade entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Busca-se compreender de que modo a experiência cotidiana com o transporte público – considerando aspectos como tempo de deslocamento, experiência de viagem, superlotação e sensação de segurança – impacta tanto a percepção da ansiedade quanto o acesso ao capital acadêmico. Capital acadêmico pode ser compreendido como o conjunto de saberes e vivências adquiridos por meio da participação em atividades universitárias ao longo da graduação, cuja democratização é essencial para a equidade no ensino superior. Para esse estudo, propõe-se uma pesquisa quantitativa, de delineamento transversal, cuja amostra será composta por estudantes de Psicologia da UFRJ, com 18 anos ou mais, selecionados por conveniência. A coleta de dados será realizada por meio de um questionário online composto por: (1) questionário sociodemográfico; (2) questionário sobre o uso dos sistemas de transporte público; (3) questionário de satisfação com os modais coletivos; (4) questionário autoavaliativo sobre capital acadêmico; e (5) o Generalized Anxiety Disorder Scale (GAD-7), para mensuração da ansiedade. Espera-se identificar nos resultados que experiências negativas com a mobilidade urbana se associem a maiores níveis de ansiedade e que o uso mais frequente de transporte público se relacione a uma menor percepção de aquisição de capital acadêmico. Os resultados pretendem contribuir para preencher uma grande lacuna atual na literatura em relação à mobilidade urbana e seus impactos na experiência acadêmica, além de buscar enriquecer o debate sobre a permanência estudantil de alunos de contextos socioeconômicos desfavorecidos. Por fim, busca-se oferecer subsídios para a formulação de políticas que melhorem as condições de deslocamento na cidade e promovam um ambiente universitário mais justo e acessível.

Palavras-chave: Mobilidade Urbana; Ansiedade; Estudantes Universitários; Capital Acadêmico.



Cartografias da Interseção: Esquizoanálise, linha de fuga para uma clínica racializada

Madhu Itaborahy
Thiago Colmenero Cunha

Este trabalho surge da vontade de trazer minha experiência na graduação de Psicologia, sobre como tem sido atuar no estágio e na supervisão da universidade, tendo a Esquizoanálise como fundamento teórico, como a partir das cartografias, pude me situar como um corpo no e do mundo, percebendo o que me permeia, os meus territórios, o que me atravessa e o que me escapa e, contar o que pode uma clínica racializada. A Esquizoanálise trouxe contorno para mim como pessoa e terapeuta, fez muito sentido servir-se desse recurso tão interessante e único para a prática clínica, em especial a possibilidade de atuar como uma cartógrafa que acompanha com atenção e cuidado os territórios, alguns inexplorados, dos seus pacientes. Uma prática clínica mútua, que é feita junto. Um encruzo real e pujante onde os territórios se encontram e desejos pedem passagem, e o privilégio de poder acompanhar aquele corpo ali disponível e sempre em movimento. Propõe-se aqui reflexões, a partir dos meus estudos, observações e dos incômodos e dos momentos incríveis movimentados durante os atendimentos. O paciente ao olhar atentamente a sua dor e dando-se conta dela e como ela pode deixar de envenená-lo, e no trajeto, a dor passa a compor o território de forma completamente diferente, essa é beleza de uma clínica implicada e que se faz também de suas micropolíticas. Logo, faz-se importante trazer de como tem sido fundamental debruçar a atenção e esforços para fazer uma clínica justa e afro-referenciada. Esse trabalho organiza-se a partir de análises de implicação, baseada também na mitologia do orixá Èsú, para que se abra caminhos possíveis, pensando formas de desdedemonização dos corpos pretos e outros pensadores e autores pretos, assim como apostas trazidas pela Esquizoanálise brasileira contemporânea.

Palavras-chave: cartografia; esquizoanálise; clínica; racialidade.



Mira y López e a popularização da Psicologia na imprensa: temas psicopatológicos

Emanuel Silva de Oliveira
Lune Beatriz Valadão Vidal
Filipe Degani-Carneiro

Emilio Mira y López (1896-1964) exerceu grande importância na divulgação do saber psicológico entre as décadas de 1940 e 1960, agregando profissionais e consolidando a psicologia como campo profissional emergente em meio à modernização do país. Mira também se posicionava frequentemente como especialista em diversos círculos e na imprensa, comentando fatos do cotidiano e do noticiário. Objetivou-se compreender a veiculação e circulação da Psicologia na imprensa da época, a partir de demandas do público geral, com enfoque na temática da Psicopatologia. Identificou-se nos Arquivos Clio-Psyché/UERJ uma coluna semanal de Mira y López no jornal Folha de São Paulo, com 173 artigos publicados entre setembro de 1960 e fevereiro de 1964. Tendo a Análise do Discurso como referencial metodológico, tais documentos foram agrupados em 13 categorias temáticas. Aqui analisaremos "Psicopatologia", a terceira categoria mais frequente, contendo 27 artigos organizados em 6 subcategorias. "Transtornos mentais" (n=9) reúne comentários sobre diferentes categorias diagnósticas, com destaque para as "personalidades psicopáticas". "Psicossomática" (n=6) discute sintomas relacionados à dualidade mente-corpo, contemplando relatos de Mira sobre seu enfarte. Em "Adições" (n=6), aborda o alcoolismo e jogos de azar. "Psiquiatria" (n=4) discute técnicas e avanços na prática profissional globalmente, incluindo América Latina e URSS. "Testes psicológicos" (n=2) enfatiza sua aplicabilidade em diversas áreas humanas. Enfim, em "Suicídio" (n=1) há um texto que analisa a psiquê do suicida. Nesse contexto, Mira influenciou como a sociedade lidava com a loucura ao incluir o discurso psicológico na rotina dos leitores. Essa abordagem "psi" do cotidiano e do noticiário político sugeria que a psicologia poderia oferecer chaves de compreensão para problemas sociais complexos em um contexto de demanda, especialmente das classes médias urbanas, por respostas, aconselhamento e serviços baseados no saber psicológico, fenômeno similar à circulação de conhecimentos sobre diagnósticos nas redes sociais no presente.

Palavras-chave: Emilio Mira y López; Folha de São Paulo; história da psicologia; popularização científica; psicopatologia.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

Eixo temático: Práticas na formação em Psicologia.



Vivências e aprendizados no CAPS Neusa Santos Souza: relatos de uma estagiária

Leiliane Serafim da Silva
Cátia Batista Tavares

Este trabalho apresenta relatos sobre as vivências de uma estagiária em psicologia no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Neusa Santos Souza, com o objetivo de refletir sobre as práticas, desafios e aprendizados adquiridos no território, destacando a importância do trabalho interdisciplinar e do acolhimento em saúde mental. A metodologia envolveu observação participante, com prática de 160 horas, envolvendo acompanhamento nos atendimentos, atividades de grupo, visitas domiciliares e em estabelecimento prisional, sob a supervisão de profissionais da psicologia. Durante o estágio foi possível compreender a importância da luta antimanicomial, o cuidado em saúde mental em liberdade, a importância do vínculo terapêutico e a necessidade de estratégias individualizadas para cada usuário. As vivências no CAPS permitiram desenvolver habilidades de escuta ativa, empatia e trabalho em equipe multidisciplinar, contribuindo na formação profissional com respeito às singularidades, e novo olhar junto ao sofrimento psíquico. Os desafios enfrentados incluem a gestão do tempo, o manejo de situações de crise e a necessidade de constante atualização teórica e prática. Por fim, conclui-se que a experiência no CAPS Neusa Santos Souza foi fundamental para o meu desenvolvimento de competências profissionais e pessoais, reforçando o compromisso com a Saúde Pública, a Reforma Psiquiátrica e com os Direitos Humanos. O estágio em saúde mental no território tem relevante importância na formação de futuros profissionais de psicologia.

Palavras-chave: cuidado em saúde mental, vivências de estágio, prática profissional.

Fonte financiadora do trabalho: sem fontes de financiamento



Psicologia e Breves Relatos de Casos no Estágio no CCLGBTI Niterói

Debora Oliveira Rosa Carneiro Aniceto
Marcos Vinícius Guimarães Viana

O estágio no Centro de Cidadania LGBTI Metropolitana I, em Niterói, vinculado ao Programa Rio Sem LGBTIfobia, constitui um espaço fundamental para a formação acadêmica, técnica e ética em Psicologia. O campo destaca-se pelo compromisso político com a promoção dos direitos humanos da população LGBTI+ e pela atuação intersetorial, integrando Psicologia, Serviço Social e Direito.

O estágio visa proporcionar a articulação entre teoria e prática na Psicologia, focando na construção de uma atuação crítica, ética e politicamente situada, capaz de enfrentar as múltiplas formas de opressão sofridas pela população LGBTI+ e promover a cidadania e o cuidado integral.

A metodologia desenvolvida incluiu observação participante em atividades diversas, como atendimentos, reuniões técnicas, rodas de conversa, aulas externas, apoio administrativo e organização de eventos. A observação participante foi fundamental para compreender a dinâmica institucional, fortalecer a escuta ética e politicamente situada, e colaborar na formulação coletiva de estratégias de cuidado. Casos acompanhados ilustraram a importância de considerar os marcadores sociais da diferença na análise clínica e no cuidado contínuo, como por exemplo em contextos de lesbofobia e processos de transição de gênero. A integração com a equipe interdisciplinar e a supervisão possibilitaram o desenvolvimento de competências essenciais à prática psicológica comprometida com a justiça social e a promoção de direitos.

Palavras-chave: psicologia; direitos humanos; lgbtifobia; intersetorialidade; observação participante.



Misoginia Online: Dinâmicas de Violência de Gênero nas Redes Digitais

Matheus Luiz da Silva Carvalho Gama/ Juliana Dutra de Sousa/
Lorena Vitória Brandão Ferreira/ Suiane Silva dos Santos/
Vanessa Fernandi Pastro/Johnny Clayton Fonseca da Silva (CRP 05/52501)

O presente trabalho pretende apresentar uma cartilha sobre as dinâmicas da violência com enfoque na misoginia online e informar sobre como se dá esse movimento tão atual na sociedade e sua construção e repercussão por meio da internet. A cartilha é fruto de uma experiência no projeto de extensão "Tecnologias, Redes sociais e Violência" existente no Centro Universitário Augusto Motta para os alunos do curso de psicologia e desenvolvido com base em pesquisas e discussões acerca do tema e seus desdobramentos. Ela foi elaborada no período de três meses compreendendo o primeiro semestre do ano de 2025. Na cartilha, foram elaboradas reflexões sobre o impacto das redes sociais e do meio online como ferramentas de proliferação de discurso de ódio; a estruturação de grupos, como o movimento "incel", que fomentam violência de gênero e a outras minorias; como a misoginia e o machismo ganham novas formas de se apresentar no contexto virtual e como o poder do anonimato funciona como um impulsionador de atos violentos. Com isto, foi possível perceber a importância desse debate porque é uma temática latente no cotidiano das pessoas, principalmente com aquelas que são os alvos principais dessas violências e opressões e é imprescindível expor esse fenômeno que vem avançando e mostrando novas formas de organização por meio das mídias virtuais.

Palavras-chave: Misoginia; Redes sociais; Violência; Tecnologia



Silenciar, medicalizar, culpar: o sofrimento psíquico na lógica neoliberal

Rafael Lima Santana
André Luiz Madruga de C Tanner
Kelly Lima Batista

O neoliberalismo enquanto ideologia política predominante, exerce grande influência, desde as macroestruturas sociopolíticas, até aos aspectos individuais, demonstrando um impacto significativo sobre as modalidades de sofrimento psíquico contemporâneos. O presente trabalho, fruto de uma monografia, se esforça em construir reflexões sobre a forma que a racionalidade neoliberal atravessa os discursos sobre saúde mental, especialmente no que diz respeito à depressão. Esta racionalidade, fábrica de indivíduos adaptados aos imperativos de sucesso capitalista, reforça a ideia de que o sujeito é o único responsável pelo próprio êxito no mundo, e caso não consiga, responsável pelo seu fracasso e posterior adoecimento, apagando as dimensões sociais, históricas e políticas que marcam esse processo, logo, seu sofrimento é intensificado e manipulado pela lógica neoliberal através da racionalidade da individualização das dores coletivas. O aumento dos diagnósticos e o uso indiscriminados de medicamentos que "curam a tristeza", apontam para um sintoma deste fenômeno, transplantado, então, para o registro biomédico, questões hereditárias e subjetivas, ignorando os determinantes sociais de saúde e históricos psicogeográficos causadores, e potencializadores, do sofrimento psíquico. Discute-se também o quanto esse modelo serve a interesses econômicos, afastando o cuidado de si de um projeto humano viável.

Conclui-se, então, a urgência da Psicologia, enquanto ciência e profissão, prossiga com o rompimento da neutralidade política em suas orientações técnicas, resgatando cotidianamente seu compromisso ético-político, reconhecendo os contextos de sofrimento e fortalecendo práticas clínicas que resistam à normatização medicamentosa e ao controle social do Sujeito. Para além da clínica, é necessário uma reestruturação política que reafirme o sofrimento como uma expressão legítima de realidades injustas dentro do parâmetro neoliberal e busquem investir em cuidados biopsicossociais que promovam autonomia, vínculo e transformação social.

Palavras-chave: sofrimento psíquico; neoliberalismo; medicalização; determinantes sociais; psicologia política;



A psicologia na eMulti da Atenção Primária à Saúde

Barbara Cecilia Lima da Silva

Este trabalho é um relato de experiência sobre a atuação de uma psicóloga na equipe multiprofissional da Atenção Primária à Saúde (eMulti da APS) em um município do estado do Rio de Janeiro. A eMulti é uma equipe formada por trabalhadores da saúde de diferentes áreas de conhecimento, atuando de forma complementar e integrada às demais equipes da APS, em articulação intersetorial e com a Rede de Atenção à Saúde (RAS) a fim de proporcionar ações de saúde que englobam aspectos psíquicos, físicos e sociais da população. A prática profissional é norteadada pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) e demais políticas públicas de saúde brasileiras. A eMulti em questão é composta por psicóloga, assistente social, nutricionista e médica ginecologista. Suas atividades voltam-se para o apoio matricial das equipes das Unidades de Saúde da Família (USF), realizando atendimentos compartilhados, articulação com outros dispositivos da rede para a discussão de casos e construção de Projetos Terapêuticos Singulares (PTS), visitas domiciliares e atividades de educação permanente. Percebeu-se a importância do diálogo e parceria entre os profissionais objetivando criar estratégias de intervenção eficazes para promoção, prevenção e recuperação da saúde de forma singular e no território. Por fim, notou-se que o acolhimento da psicóloga na Atenção Primária à Saúde foi relevante para a população assistida e para os próprios profissionais de saúde, desmistificando o que é a ciência psicológica e sua utilidade para o bem-estar.

Palavras-chave: psicologia; sus; equipe; multiprofissional.



Entre Muros e Campos: O Esporte como Mercadoria no Espaço Urbano

Maria Lua Okamoto

Ana Carolina Madruga Lima

Raiane Barreto Teixeira Gonçalves Pereira

O presente trabalho objetiva uma interlocução entre o território, seus usos e a atividade esportiva sob a análise da Psicossociologia. Segundo Paiva e Silva (2022), é necessário compreender como a estrutura social de determinado território se prepara para receber o esporte. A partir disso, quando pensamos em que lugares estão concentrados os espaços para práticas esportivas, percebemos que existe uma distribuição desigual, apesar da atividade física ser um direito de todo cidadão brasileiro segundo a lei. Entendendo como o capitalismo influencia as relações com o espaço urbano, é possível perceber que as estruturas esportivas se encontram em áreas onde a população desfruta de maior poder aquisitivo. Partindo dessa lógica, o esporte se torna uma mercadoria a ser vendida e manipulada pelo Estado, o que faz com que os esportes considerados mais lucrativos recebam mais investimento e atenção. Apesar de existirem diversos projetos sociais que buscam levar o esporte para territórios populares, compreendemos que é responsabilidade do Estado, que muitas vezes se faz ausente, que todos tenham acesso à prática esportiva. Diante de uma revisão bibliográfica escolhida como metodologia de pesquisa, nos deparamos com uma carência de produções que articulem os descritores Psicossociologia, Esporte e Território. Assim, é evidente a necessidade de mais estudos que revelem as implicações que as dinâmicas sociais e territoriais fazem surgir dentro do âmbito esportivo. Para tal, o levantamento bibliográfico utilizou as bases de dados SciELO, LILACS e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), sendo os critérios de inclusão selecionados: artigos, resumos e anais de congresso no período entre 2003 e 2023; e de exclusão, obras em língua estrangeira e teses. Portanto, compreendemos que as relações do território necessitam ser evidenciadas para que sejam aprofundadas e re-discutidas as políticas públicas e ações estatais para que o direito ao esporte seja garantido à todos.

Palavras-chave: Psicossociologia, Esporte, Território



Raça no esporte: lógica neoliberal, subjetividade e colonialismo – uma luta sociopolítica

Mariana Soares Saraiva/ Isabela de Farias Felipe Cardoso/
Maria Lua Cremonin Okamoto/ Ana Carolina Madruga Lima/
Raiane Barreto Teixeira Gonçalves Pereira

O presente trabalho objetiva uma reflexão e investigação das implicações que a raça e as dinâmicas sociais dela advindas têm sobre o esporte enquanto campo de disputa político. O corpo é central no esporte, tendo papel fundamental na perspectiva pedagógica no que diz respeito a sua doutrinação: dietas rigorosas e o controle dos prazeres, treinos intensos, uso do corpo – a educação física no seu conceito mais explícito e literal. Entretanto, esse controle também se dá a nível subjetivo através da politização, transformando o indivíduo em uma máquina reprodutora de comportamentos alienados e, sobretudo, úteis. Segundo estudos foucaultianos, uma das formas do poder disciplinar se manifestar é através do colonialismo. Ao criar a ideia de raça como o Outro, o estranho, o primitivo, faz-se de tudo para corrigi-lo por meio de diversas ramificações que o poder consegue materializar – e com o esporte não é diferente. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva a análise das relações da raça e do esporte sob o viés da Psicossociologia, avaliando as relações sociais estabelecidas. Como método de pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica com os descritores Raça, Esporte e Psicossociologia, tendo por critérios de inclusão: artigos, resumos e anais de congresso no período entre 2003 e 2023; e de exclusão, obras em língua estrangeira e teses. O campo esportivo, portanto, é estabelecido como um campo de luta entre contrários, entre o instituído e o instituinte, de modo que inerentemente não são ruins ou bons, mas seus valores são atribuídos conforme o contexto de sua atuação. Como resultado, a partir das investigações realizadas, encontrou-se uma lacuna no debate proposto, denunciando a imperiosidade de novas articulações na temática escolhida de forma que seja possível evidenciar que as questões raciais podem se apresentar como fatores a serem subvertidos, passando a ter significações positivas pelos e para os atletas.

Palavras-chave: Psicossociologia; Esporte; Raça.

Fonte financiadora do trabalho: ausente



Prevenção da Violência Virtual e Saúde Mental: relato extensionista com jovens

Juliana da Costa Leoncio/Beatriz Silva Lopes/
Franciele Marques Brito / Ariani Scarpini de Lima Rodrigues/
Lara Maria Bispo Silva/ Elisangela Maria da Cunha Silva

Este trabalho relata a experiência de um projeto de extensão universitária voltado à análise dos impactos da violência em ambiente virtual na saúde mental de adolescentes. Entende-se essa forma de violência como o uso de ferramentas digitais para ameaçar, assediar, intimidar ou difamar indivíduos, o que pode acarretar sintomas como ansiedade, depressão, isolamento social, dificuldades acadêmicas e até pensamentos suicidas. Diante da relevância crescente do tema, a proposta buscou ampliar a compreensão do fenômeno e fomentar debates sobre políticas educacionais que incentivem a conscientização entre estudantes, familiares e educadores quanto aos riscos e consequências dessa problemática. A iniciativa foi desenvolvida em duas instituições de ensino médio, uma pública e outra privada, localizadas nos municípios de Nova Iguaçu e Nilópolis, tendo como público-alvo adolescentes entre 15 e 17 anos. A execução contou com a participação de seis alunas do curso de Psicologia, sob a supervisão docente. O projeto evidenciou que a violência em ambiente virtual está presente de forma significativa nas vivências escolares, demonstrando a urgência da implementação de ações educativas voltadas à prevenção e à construção de ambientes escolares mais acolhedores. Apesar das vantagens trazidas pelas tecnologias digitais no campo da comunicação e do conhecimento, elas também abrem espaço para práticas agressivas ainda pouco compreendidas socialmente. Discutir esse tema é fundamental. A análise dos danos que esse tipo de violência causa à saúde mental de jovens deve ser acompanhada por estratégias de educação digital e segurança online, além da oferta de suporte psicológico adequado às vítimas, contribuindo assim para um ambiente virtual mais saudável e respeitoso.

Palavras-chave: violência em ambiente virtual; adolescência; educação digital; prevenção. Fonte financiadora do trabalho: Projeto extensionista sem financiamento.



Atuando pelas brechas: resistências micropolíticas de profissionais da escola à cisheteronormatividade

Vinicius Francisco Oliveira
Jimena de Garay Hernández

O campo da educação, assim como os diversos grupos, sujeitos e instituições, é atravessado por forças tanto macropolíticas, como micropolíticas. A macropolítica se observa, nesse campo, no que tange às políticas públicas, à Constituição Federal, à Lei de Diretrizes e Bases, ou seja, àquilo que se encontra instituído a partir das grandes estruturas do Estado. Por outro lado, a micropolítica se manifesta nas relações cotidianas entre os sujeitos, que podem ou não se coadunar com o que se encontra instituído a partir da macropolítica. No atual contexto sociohistórico de nosso país é possível perceber uma atmosfera de vigilância, de disseminação de um pânico moral sobre questões que envolvam gênero e sexualidade, sobretudo dentro do campo educacional, além da manutenção de uma lógica que fomenta e reafirma a cisheteronormatividade como único caminho possível e/ou desejável. Apesar desse cenário, os profissionais que atuam na escola correspondem a essa lógica cisheteronormativa ou conseguem se contrapor a ela em seu fazer prático? A aposta que faço em minha pesquisa é pensar que os profissionais da escola podem se opor a essa lógica a partir de uma atuação micropolítica. Enquanto referencial teórico parto das contribuições de Deleuze, Guattari e Foucault para pensar analiticamente na possibilidade de ação nas brechas do instituído quanto a vigilância das discussões sobre as identidades de gênero e sexualidade no cotidiano escolar. Em termos de metodologia, utilizo a cartografia psicossocial como forma de observar as forças que permeiam o campo da educação. Atualmente, tenho realizado entrevistas com profissionais que atuam em escolas das redes municipais do estado do Rio de Janeiro e como resultado tenho observado algumas possibilidades de atuação entre as brechas, a partir da relação desses profissionais com o corpo discente.

Palavras-chave: escola, gênero, sexualidade, micropolítica

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES



“Protocolo de segurança”: entrelaçamentos entre violência urbana e experiências de discentes

**Beatriz Penha França Gonzaga/ Valentino Gomes/
Breno Gouveia da Silva de Carvalho/ Vinicius Francisco Oliveira**

O projeto de extensão intitulado “(Re)pensando questões de violência e desigualdade na educação de Meninas e Meninos” realiza oficinas lúdicas com turmas de quinto, oitavo e nono ano de escolas da rede municipal, localizadas na zona norte do Rio de Janeiro, buscando proporcionar um espaço de trocas e discussões acerca dos marcadores sociais de diferença, especialmente os que tangem as questões de gênero, sexualidade, raça e território. A partir dessas atividades, podemos perceber: 1. como a violência urbana vivenciada por esses alunos, que residem e/ou estudam em regiões periféricas da cidade, impacta diretamente na experiência que estes têm com o mundo, inclusive com a instituição escolar e 2. como a própria escola se vê interpelada por tal realidade. A própria estrutura da escola, com grades dividindo andares, portões grandes e muros altos, murais exibindo um “protocolo de segurança” e instruções de como estudantes e profissionais devem proceder em caso de operações policiais e tiroteios, evidencia mecanismos através dos quais a instituição se organiza a partir da violência que permeia o território. Em atividades que trabalham a temática do território, como “Música sobre o bairro” e “Jogo da vida”, apareceram intensamente elementos relacionados a facções do tráfico, corporações policiais e confrontos armados. Os relatos que surgem mostram como a desesperança com a própria escola vem também da reprodução de um território violento em menor escala; os alunos chegam na escola e veem um reflexo ou mesmo uma consequência da vida, do dia a dia deles, fora dela. Enquanto alguns/mas afirmam que a escola “mais atrasa do que ajuda”, outros falam que onde moram vêem “pessoas cheirando” e seus amigos relatam “caos, violência e tráfico”. Surge, então, a necessidade de debater até onde o espaço da instituição escolar reproduz, discute, acolhe ou se propõe a transformar essas vivências.

Palavras-chave: território; violência urbana; escola; segurança.

Fonte financiadora do trabalho: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.



Aldeia Marak'anà: Onde se planta cuidado e se colhe resistência

João Victor de Moura Leonardo/ Kyleigh Ann Damasco Chafin Guimarães/
Roberto Ferreira da Silva Junior/ Kauan Penetra Hata/
Noeli de Almeida Godoy Para'í Goytaká/ Alline Aparecida Pereira/
Ueslei Solaterrar

No coração da metrópole, entre concreto e estádios, vive a aldeia Marak'anà – território que desafia a lógica do apagamento ao lembrar que a história da cidade não começa com a pedra portuguesa, mas com o maracá, o canto da maracanã-guaçu. Em função do projeto de extensão Contracolonização da Psicologia através das periferias, favelas, aldeias e quilombos foi possível adentrar nesse espaço sagrado, em que o saber é partilhado em roda e o conhecimento não se limita aos livros.

Sob a orientação dos líderes Urutau e Potira Guajajara, a aldeia se revelou como uma universidade viva – uma escola que ensina com o corpo, com a terra e com o tempo. Lá, o conceito de saúde mental não se restringe ao sujeito individual, mas se expande em direção à coletividade, à memória e à espiritualidade.

Participar de uma oficina sobre ervas medicinais e compartilhar experiências com banhos de folhas revelou que sempre existiu ciência no saber dos caboclos e cuidado nos gestos herdados de quem lida com a terra. Na aldeia Marak'anà, as crianças que brincam nas árvores não são apenas símbolo de liberdade, mas evidência viva de que onde há futuro, há raiz.

O projeto não leva Psicologia até a aldeia – ao contrário, é a Psicologia que se deixa atravessar por ela. E ao ser atravessada, muda de forma, de fala e de fundamento. Aprende que, para cuidar, é preciso primeiro desaprender. A contracolonização começa no gesto simples de escutar com humildade o que o vento diz entre as folhas.

Palavras-chave: Contracolonização. Psicologia. Aldeia indígena. Coletividade. Saberes ancestrais



Aprendendo a Contracolonizar com a Maré entre Becos e Saberes

Kyleigh Ann Damasco Chafin Guimarães/ João Victor de Moura Leonardo/
Caroline Dias Figueiredo/ Alline Aparecida Pereira/
Ueslei Solaterrar/ Cláudia Rose Ribeiro da Silva

O projeto de extensão Contracolonização da Psicologia através das periferias, favelas, aldeias e quilombos surge da necessidade de repensar o lugar da Psicologia frente às desigualdades sociais e às histórias silenciadas que atravessam o Brasil. Mais do que uma atividade acadêmica, trata-se de uma proposta ética, política e formativa, que convida estudantes a se deslocarem da teoria para o encontro com territórios vivos, onde resistem saberes, memórias e modos diversos de existir. A extensão, aqui, é entendida como uma via potente para a construção de uma Psicologia comprometida com a escuta, a presença e o cuidado contextualizado. Dentro dessa proposta, o território da Maré ocupa papel central. Composta por 16 favelas e marcada por um longo histórico de luta por moradia, direitos e reconhecimento, a Maré é muito mais do que os estigmas frequentemente associados a ela. É um espaço de resistência, onde se produzem cultura, afetos, redes de solidariedade e conhecimento. A história social da Maré, forjada por remoções, enfrentamentos políticos e organização comunitária, evidencia a potência de sujeitos e coletivos que constroem alternativas diante da exclusão. Ao caminhar por esse território e escutar suas vozes, o projeto se alinha a uma Psicologia que valoriza o contexto, reconhece as desigualdades estruturais e entende que a saúde mental também se constrói a partir das condições concretas de vida. Assim, o projeto reforça a importância da presença da Psicologia nesses espaços, não como agente interventor, mas como parceiro de diálogo, aprendizado e reconhecimento. A experiência na Maré amplia os horizontes da formação em Psicologia, fortalecendo um olhar mais crítico, sensível e comprometido com a transformação social.

Palavras-chave: território da Maré; resistência; políticas públicas; escuta ativa.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.



Disputas na experiência do matriciamento na residência em saúde da família

Marina Bizzo da Silva Póvoa (CRP 05/81767)

Ivysom Cardozo Braga (CRP 05/52893)

O presente resumo tem como objetivo discutir criticamente a experiência do apoio matricial em saúde mental no contexto da Residência Multiprofissional em Saúde da Família, a partir da atuação de uma residente psicóloga em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) na zona oeste do Rio de Janeiro. Trata-se de um relato de experiência orientado pela cartografia como política de pesquisa-intervenção, visando refletir sobre o processo formativo e os atravessamentos institucionais e clínicos que permeiam o trabalho em equipe na Atenção Primária à Saúde (APS). O matriciamento em saúde mental configura-se como dispositivo estratégico de suporte técnico-pedagógico às equipes mínimas, promovendo a corresponsabilização nos casos complexos e o enfrentamento às lógicas manicomiais ainda presentes nos serviços. No entanto, a prática cotidiana revela tensões entre diferentes concepções de cuidado, e o lugar de residente se aproxima a de um estrangeiro, muitas vezes como alguém que estranha práticas naturalizadas. A experiência aponta para a potência da clínica ampliada e da construção de Projetos Terapêuticos Singulares (PTS) com protagonismo do usuário como ferramentas fundamentais na produção de cuidado em liberdade. A discussão de tal emaranhado de práticas, teorias e disputas fortalece a ideia de que nenhuma prática está dada na Psicologia e que é preciso se implicar. Discutir o matriciamento a partir da residência é também tensionar modelos formativos e institucionais, reafirmando o compromisso social-ético-político da Psicologia com a defesa dos direitos humanos e com o fortalecimento do SUS.

Palavras-chave: apoio matricial; residência multiprofissional; saúde mental; atenção primária; clínica ampliada.

Fonte financiadora: Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro



TCC com crianças: relato de experiência no atendimento do SPA da UERJ

**Kethellen Valentim da Silva/ Maria Clara Simões Batista Lazary Pinto/
Maria Vitória Alves de Pinho de Azevedo/ Raissa de Andrade da Silva**

O presente trabalho visa relatar a experiência prática de estagiárias no atendimento de crianças do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Tendo como base teórica a Terapia Cognitiva Comportamental, as sessões de psicoterapia ocorrem semanalmente, com duração entre 45 a 50 minutos, acompanhadas de orientações parentais, de acordo com a demanda de cada caso, seguidas por supervisões semanais coletivas com a professora responsável pelo estágio. Nesse contexto, como parte primordial da nossa formação, o atendimento se mostra como uma tarefa desafiadora para os estudantes, trazendo a teoria para prática e, assim, nos permitindo desenvolver o raciocínio clínico, aprender a fortalecer o vínculo terapêutico e ter a aquisição de habilidades essenciais para a clínica - seguindo a base ética da profissão e as intervenções da professora. Dentre as técnicas mais utilizadas pela TCC, observamos nos atendimentos a necessidade da psicoeducação sobre a terapia, tanto para os pacientes, quanto para seus responsáveis, a identificação das emoções e de suas manifestações, a criação de atividades lúdicas próprias para as demandas e técnicas de relaxamento. Conclui-se, portanto, que a experiência na clínica escola é extremamente enriquecedora para nós alunos, de forma a poder acompanhar a construção de um vínculo terapêutico, a melhora e a evolução dos pacientes, e também construir desde a faculdade nossa evolução como psicólogos; destacando a grande importância de tal serviço social nas faculdades.

Palavras-chave: estágio, psicoterapia infantil; terapia cognitiva comportamental; clínica escola; atendimento.



Relato de Experiência pela CPID na Construção de uma Universidade mais Equânime.

Carlos Germano Leite Lopes
Meiryellem Pereira Valentim
Aureliano Lopes da Silva Junior

A Comissão Permanente da Política Institucional pela Diversidade, Gênero, Etnia/Raça e Inclusão (CPID) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro é um órgão responsável pela promoção da diversidade e surge de um longo histórico de lutas e reivindicações da comunidade universitária em prol de um espaço mais seguro e respeitoso. Foi criada oficialmente em 2021, com a aprovação no Conselho Universitário/CONSU, e iniciou suas atividades em 2022. Durante o ano, a CPID atua de forma descentralizada pelos campi da UFRRJ, oferecendo seu trabalho de modo transversal aos diferentes âmbitos da universidade, bem como diretamente no atendimento e na promoção de ações temáticas para todas as pessoas que compõem a comunidade acadêmica. O presente relato visa destacar a sala da CPID, que funciona como o principal espaço de referência para suas atividades, além da organização e execução de quatro campanhas que vêm sendo trabalhadas regularmente durante um mês inteiro no calendário acadêmico da universidade: Mulheridades - pelo fim da violência de gênero; Orgulhe-se - em prol dos direitos da população LGBTQIAPN+; Setembro Amarelo - na prevenção ao suicídio; e Por uma Rural Antirracista - no enfrentamento às discriminações étnico-raciais. Ademais, foram realizadas reuniões que resultaram na produção de uma cartilha de prevenção às violências e na definição de protocolos para o atendimento às vítimas. As propostas da CPID propiciaram a aprovação da deliberação que atualizou o uso do nome social para pessoas trans, assegurando também o direito de usar o banheiro de acordo com a identidade de gênero autodeclarada, além da criação e institucionalização do banheiro neutro. A comissão alcançou ainda uma conquista na regulamentação de cotas para pessoas transexuais, travestis, quilombolas e refugiadas na pós-graduação e na graduação. Com isso, a experiência descrita revela a importância de compartilhar estratégias, escutar diferentes vozes e consolidar uma cultura institucional pautada na diversidade.

Palavras-chave: diversidade; violência; institucional; direitos humanos.

Fonte financiadora do trabalho: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ.



Pontes Para a Saúde: fortalecimento da Rede em Saúde Mental AD

**Pedro Renan Santos de Oliveira/ Agnes Rebeca Pereira de Lira/
Ana Beatriz do Nascimento Silva/ Fellipe Doné Tottino Gomes/
Gabriel Mendonça Mathias da Cruz/ Maria Clara Tavares de Mendonça/
Sarah de Miranda Argolo**

O projeto "Pontes para a Saúde", iniciado em 2024 em Campos/RJ, visa qualificar o cuidado em saúde na Atenção Primária (APS), com foco em saúde mental e Álcool e Outras Drogas (AD), sob a ótica da Redução de Danos (RD). Ancorado no Grupo de Pesquisa Pluriverso/UFF-Campos, o projeto busca construir um Projeto de Saúde no Território (PST) em parceria e interface com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e APS. Inicialmente, em seu primeiro ano, o projeto capacitou Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) e outros profissionais da APS. Atualmente, em execução do segundo ano do Projeto, o Pontes está em nova imersão em territórios campistas para formação em ato e nos serviços de saúde. Metodologicamente, as atividades são divididas em três etapas. Primeiramente, há a sensibilização sobre questões AD com profissionais da APS, desmistificando-as. A atividade prática dessa etapa é a territorialização e o mapeamento psicossocial no campo AD na comunidade. Em seguida, reflete-se sobre perfis de uso e práticas de RDs, buscando parcerias comunitárias para um cuidado humanizado e antimanicomial. A terceira etapa introduz ferramentas para promover saúde mental no campo AD. Neste segundo ano de execução, o projeto inverte a abordagem: começa pelo CAPS, na grande Guarus, e segue para as Unidades de Saúde, mapeando psicossocialmente para a criação de um PST conjunto, com fluxos de cuidado na comunidade e articulação com a RAPS. Essa mudança surge de uma demanda própria de um dos CAPS da RAPS campista para lidar com questões AD. A expectativa é que essa territorialização, aliada à formação, construa "Pontes" para potencializar o cuidado em rede, especialmente em um cenário marcado pela política de desmonte dos serviços de saúde mental no município - que compromete o funcionamento cotidiano dos serviços e sobrecarrega os profissionais, que enfrentam limites concretos para garantir um cuidado integral.

Palavras-chave: Saúde Mental AD; Redução de Danos; Cuidado em Rede; Atenção Primária em Saúde; Rede de Atenção Psicossocial.

Fonte financiadora do trabalho: Programa de Bolsas de Iniciação Científica - "Mais Ciência" da Prefeitura Municipal de Campos/RJ; Programa de Bolsas de Extensão, Edital Proex UFF 01/2025.



O campo na Psicologia: a formação e práticas a partir das ruralidades

Daniel González Fajardo
Gustavo Mendes de Melo
Nathan Almeida de Silva

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância da formação em psicologia considerando abordagens e práticas a partir de seu desenvolvimento em territórios rurais. Este trabalho se inspira em um artigo intitulado “O que faz uma psicóloga no meio do campo?”, que relata o estranhamento de um morador do meio rural diante da presença de profissionais da psicologia nesses territórios. A provocação é poder reformular essa pergunta e pensar também de forma inversa, e sobre o estranhamento que surge no âmbito da produção de conhecimento em psicologia ao entrar em contato com as ruralidades. Assim, “O que o campo rural faz com a psicologia?”

Se, historicamente, a psicologia se constitui como uma disciplina urbana, a partir do conceito de território, em uma abordagem interdisciplinar, propomos pensar quais são as novas perspectivas, em termos de produção de conhecimento em psicologia, a partir desta relação com as ruralidades. Para isso, parte-se de experiências de extensão universitária em contextos rurais e da revisão de produções bibliográficas que nos aproximam de diferentes contextos nos quais a psicologia vem desenvolvendo práticas em territórios rurais.

Como resultado, observa-se que as ruralidades provocam a psicologia no sentido de: a) pensar as relações sociedade-natureza, os conflitos socioambientais e as disputas agrárias como fator de sofrimento psíquico; b) refletir sobre a atuação em espaços e contextos distantes do setting “ideal” recorrente em abordagens clínicas; c) ampliar compreensões sobre outras áreas de conhecimento; c) ampliar as compreensões sobre dinâmicas urbanas em uma lógica de contínuo campo-cidade. Em termos de debate, esse trabalho nos convida a dialogar sobre a importância das propostas de formação e prática universitária nesses territórios, os recursos necessários para esse desenvolvimento e os desafios a partir das realidades universitárias para a concretização dessas iniciativas.

Palavras-chave: psicologia; ruralidades; diálogo de saberes; produção de conhecimento.

Fonte financiadora do trabalho: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.



O Jovem e a Iniciação ao Trabalho: uma vivência de inclusão social

Sara Cardoso Pinheiro
Mariana de Lima da Silva
Heloisa Helena Ferraz Ayres

Em 2014, o Projeto de Extensão “O Jovem e a Iniciação ao Trabalho em uma perspectiva da inclusão social”, integrante do Laboratório Trabalho, Inclusão Social e Sustentabilidade (LaTIS), do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) constituiu parceria com o Programa Educativo Bolsa de Iniciação ao Trabalho/PEBIT, que possibilita a primeira experiência de trabalho a jovens de 14 a 18 anos do convênio Fundação da Infância e Adolescência-FIA. O projeto surge nas discussões acerca das políticas públicas que buscam oportunizar a inserção de jovens no mercado de trabalho. O trabalho é visto como “operador fundamental da própria construção do sujeito” e, ao mesmo tempo, estruturante do sujeito e da sociedade, possibilitando assim uma vivência de inclusão social. Neste sentido, o objetivo é propiciar aos jovens através de vivências grupais o autoconhecimento, discussões e reflexões acerca do mercado de trabalho. Nosso plano de trabalho em 2024 e 2025 percorreu o seguinte caminho: -Google Forms para levantamento de dados dos bolsistas; - Realização de 5 oficinas: Trabalho e Inclusão; Profissão e Mercado de Trabalho; Comunicação Interpessoal; Qualidade de Vida no Trabalho; Saúde Mental no Trabalho - desenvolvendo também uma atividade intitulada “Conhecendo Profissões” que busca aproximar os jovens bolsistas às diferentes profissões, através de entrevistas com profissionais da UERJ. O Projeto contou com 40 bolsistas, 5 estudantes de Psicologia e a coordenadora do Projeto. Com base em relatos dos participantes, destaca-se como resultado a importância de um espaço de encontro, apoio socioemocional, para vivência do sentimento de inclusão social ao compartilhar de experiências acerca do mundo do trabalho, repensando seu projeto de vida. Paralelamente, propicia aos estudantes do IP um processo de aprendizagem, a partir de reflexões sobre as políticas públicas, sua efetividade na prática e a importância da atuação profissional da Psicologia neste campo.

Palavras-chave: jovem; iniciação ao trabalho; inclusão social; vivência grupal

Fonte financiadora do trabalho: Departamento de Inovação da UERJ (InovUerj)



Saúde mental e valorização das profissionais da saúde no PET-Saúde

Caroline Vitória Almeida Marques
Julia Dias Magalhães Gomes
Beatriz da Silva Dias dos Santos
Grécia Aparecida Braga Sampaio

O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) é uma iniciativa dos Ministérios da Saúde e da Educação que visa fortalecer a integração entre ensino, serviço e comunidade, promovendo o desenvolvimento de competências nos profissionais da saúde e dos estudantes dos cursos de graduação na área da saúde por meio da vivência em serviço. No município de Seropédica, o subgrupo 4 do PET-Saúde/Equidade vinculado a UFRRJ atua com foco na valorização das profissionais da saúde, na saúde mental e nas violências relacionadas ao trabalho. Nesse contexto, foi realizada uma atividade que teve como objetivo compreender o sofrimento psíquico das profissionais de uma unidade da Estratégia de Saúde da Família, por meio de uma escuta qualificada de suas vivências no ambiente laboral. A ação ocorreu de forma presencial e contou com a participação de 16 profissionais, majoritariamente Agentes Comunitárias de Saúde. Nesse sentido, foi realizada uma roda de conversa, com uso de dinâmica de grupo para torná-la mais descontraída, e foram feitas perguntas adaptadas da escala de Burnout, abordando dimensões como exaustão, desvalorização, sobrecarga e desmotivação. Essa abordagem possibilitou balancear, de forma sensível e indireta, percepções subjetivas sobre o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho. Além disso, o espaço criado favoreceu a expressão livre das participantes, fortalecendo a escuta como ferramenta de cuidado e valorização das suas narrativas. Os relatos evidenciaram sobrecarga de tarefas, falta de capacitação, escassez de recursos materiais e conflitos com a gestão. Como demanda coletiva, prevaleceu a necessidade de apoio psicológico. A atividade demonstrou ser útil para reconhecer vulnerabilidades no cotidiano dessas trabalhadoras e reafirmar a importância de práticas interprofissionais que promovam saúde mental e o reconhecimento das profissionais de saúde.

Palavras-chave: saúde mental; saúde do trabalhador; valorização profissional; psicologia.



Plantão Psicológico e os Efeitos de uma Escuta Única no Luto

Gabriel dos Santos Fonseca
Camilly Rodrigues Sales Da Silva
Leticia Aparecida Cordeiro Lucio
Laiza Ellen Gois Souza

O projeto de extensão “Plantão Psicológico da UFRRJ” se instituiu como um serviço de acolhimento à urgências existenciais, oferecendo suporte por meio de escuta empática, em um único encontro à comunidade interna e externa da universidade, em situações de variados tipos de sofrimento psíquico e angústias patologizadas ou não. É frequente, surgirem queixas advindas de processos de luto. No atendimento ao luto, a escuta ativa e qualificada do plantão mostra-se importante por proporcionar um espaço acolhedor e livre de julgamentos, onde o indivíduo pode elaborar suas emoções sem o compromisso com processos prolongados de intervenção. Essa abordagem brevíssima auxilia na reorganização dos sentimentos de perda, na redução do isolamento e no fortalecimento de redes de apoio, prevenindo a cronificação do sofrimento. Além disso, o plantão pode incentivar uma abertura para a compreensão da necessidade ou do desejo de dar continuidade aos autocuidados através de psicoterapia ou outros recursos de saúde. Na UFRRJ, o plantão é coordenado e supervisionado pela professora Carla Vicente e composto, no momento, por 56 estudantes plantonistas, uma equipe de 5 bolsistas de apoio técnico. Os plantões acontecem de modo on-line e presencial nos espaços livres da universidade. Semanalmente os plantonistas são ouvidos em reuniões coletivas de supervisão na qual relatam os atendimentos e seus sentimentos e percepções. Nos relatos dos participantes pode-se perceber que a escuta única no luto pode ser transformadora, pois valida a dor, auxilia na resignificação da perda e fortalece a resiliência. Assim, o Plantão Psicológico da UFRRJ não só cumpre um papel apoio à urgência psicológica no conceito de clínica ampliada, mas também contribui para uma cultura de cuidado coletivo, demonstrando como intervenções breves podem ter efeitos profundos no enfrentamento do luto e na promoção do bem-estar psicológico.

Palavras-Chave: Plantão psicológico; acolhimento; Luto; UFRRJ.



Sentir em Silêncio: Emoções, Gênero e Capitalismo

Matheus Caciquinho Siman
Cidiane Vaz Melo

Este trabalho analisa os modos como as emoções são compreendidas e manejadas nos discursos sociais, culturais e subjetivos, com foco especial na forma como são reprimidas, organizadas e expressas em diferentes contextos da vida humana. Pretende-se aprofundar a noção de emoção para além de sua definição biológica ou espontânea, observando como ela é atravessada por normas culturais, de gênero, relações de poder e construções históricas – especialmente no que diz respeito ao conflito entre emoção e razão, e ao modo como esse embate se alinha com a lógica capitalista que valoriza a produtividade e o controle racional sobre os afetos. O tema surge a partir do desenvolvimento do trabalho monográfico de conclusão do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Campus Universitário de Rio das Ostras.

Parte-se do reconhecimento de que as emoções, apesar de fundantes na constituição subjetiva e nas formas de relação com o outro, são constantemente vistas como entraves ao pensamento lógico ou como sinais de fraqueza. Isso ganha contornos ainda mais marcantes quando inserido na lógica do capitalismo contemporâneo, que nos faz crer que temos liberdade de escolha, mas na verdade opera como um grande regulador dos tempos, afetos e modos de ser. Tal repressão emocional é especialmente imposta aos homens, como parte de um modelo de masculinidade tóxica, onde demonstrar sensibilidade se torna uma ameaça à virilidade. Com isso, o trabalho investiga como esse modelo masculino normativo sufoca a vida emocional, comprometendo a saúde psíquica e os vínculos sociais, e reafirma a importância das emoções como parte essencial da experiência humana.

Palavras-chave: Emoções; Masculinidade tóxica; Capitalismo; Subjetividade; Razão e afeto; Psicologia.



Transtorno de compulsão alimentar no contexto brasileiro: análise biopsicossocial

**Olívia da Conceição Barreto Dias Guerra/ Felipe Barbosa Santos/
Júlia de Cássia Baptista/ Mayara Isaú de Andrade/
Laís Monte Vieira de Andrade/ Luiz Renato Givigi**

Este trabalho é o resultado de uma investigação proposta na disciplina de psicopatologia do curso de psicologia, voltada para a reflexão sobre processo de psicodiagnóstico do Transtorno Compulsivo Alimentar (TCA). Neste pudemos compreender como as práticas alimentares, os afetos ligados a comida, e as especificidades brasileiras podem refletir e retroalimentar os processos psicopatológicos ligados à compulsão alimentar, evidenciando assim a dimensão política e social do transtorno. Por meio de revisão bibliográfica qualitativa, exploramos como a comensalidade, ou o ato de compartilhar a mesa, é uma prática cultural forte e valorizada no Brasil, onde se fortalecem laços afetivos em convenções sociais. Tais práticas podem determinar o consumo excessivo ou compulsivo, sobretudo em momentos de falha ambiental e fragilidade emocional. Entendemos também que a pressão por corpos definidos, reforçada pela mídia, gera baixa autoestima e distorções na imagem corporal, reforçando estereótipos ao tratar a obesidade como falha individual, ignorando influências socioculturais. Considerando que a indústria alimentícia investe bilhões em alimentos ricos em ingredientes viciantes como sal, açúcar e gordura, pudemos concluir que comer compulsivamente não é apenas uma escolha individual, mas efeito de decisões que se produzem em outros âmbitos da vida coletiva. Ademais, avaliando o contexto brasileiro de insegurança alimentar, não é possível julgar alguém pela forma que se alimenta, usando a comida às vezes como forma de conforto ou fuga, sem saber quando, ou como, será sua próxima refeição. Desta forma, analisamos que os artigos científicos pesquisados pouco abordam a dimensão política e social do problema, simplificando sua complexidade e culpabilizando os indivíduos.

Palavras-chave: biopolítica; compulsão alimentar; psicopatologia.



Oficina de Karaokê com idosos: Uma prática de promoção de saúde

**Emanuel Antonio Corrêa Ribeiro/ Ana Clara Moreira de Castro
Manuela Kühner Calmon Duarte Belo/ Ludmila Pires de Meirelles
Katherine Carvalho Guerra/ Luciene de Fátima Rocinholi**

O presente trabalho descreve a experiência da realização de uma Oficina de Karaokê, executada no Núcleo da Melhor Idade de Seropédica, localizado na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, com o objetivo de apresentar uma proposta de intervenção utilizando a música como ferramenta para resgatar memórias afetivas, fortalecer vínculos sociais, promover bem-estar e expressão emocional, além de estimular funções cognitivas. Cabe destacar sua relevância para promoção de saúde e envelhecimento ativo, visto que a atividade, desenvolvida por estudantes de Psicologia, integrou intervenções artísticas e musicais como estratégia promotora de socialização e qualidade de vida. À vista disso, a música foi utilizada como recurso terapêutico, corroborando estudos que evidenciam seus benefícios na população idosa. Ademais, a oficina também refletiu sobre a formação em Psicologia, ao abordar desafios práticos como mediação de conflitos, adaptação às demandas reais dos participantes e a importância da escuta ativa. Situações inesperadas, como resistência inicial e diferenças geracionais, destacaram a necessidade de flexibilidade e criatividade nas intervenções. Contudo, a partir da experiência, concluímos que a participação espontânea dos idosos e dos funcionários demonstrou o potencial da música para criar espaços horizontais de inclusão, reforçando seu caráter terapêutico e comunitário. Fica evidente, portanto, que iniciativas como esta, articuladas entre universidade e território, promovem o acesso a direitos da população idosa e enriquecem a formação profissional ao integrar teoria e prática na ética do cuidado.

Palavras-chave: oficina; música; promoção de saúde; idosos.



Experiência PET-Saúde/Equidade: Construindo Diálogos Interseccionais em Saúde

Larissa de Queiroz Muniz
Julia Dias Magalhães Gomes
Grécia Aparecida Braga Sampaio
Fabrícia Vellasquez Paiva

O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), vinculado ao Ministério da Saúde, promove a educação pelo trabalho por meio do fomento de grupos de aprendizagem tutorial no âmbito do fortalecimento dos níveis de Atenção à Saúde, fortalecendo a integração ensino-serviço-comunidade. Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o subgrupo 4 do Pet-Saúde/Equidade, cujo tema central é a saúde mental do trabalhador da saúde, realizou o Fórum "Vozes da Saúde" com profissionais atuantes no município de Seropédica. O objetivo foi promover um espaço de troca entre estudantes da universidade e profissionais dos serviços de saúde do território acerca da saúde mental e o impacto da violência territorial no trabalho. O Fórum contou com a participação de 24 pessoas e foi conduzido pelo responsável pela saúde do trabalhador de Seropédica juntamente com uma das preceptoras e dois alunos bolsistas do PET-Saúde/Equidade. Buscou-se acolher e ouvir os trabalhadores presentes, validando, integrando e sistematizando suas narrativas. Dentre os relatos dos trabalhadores, destacaram-se: violência territorial, assédio moral no ambiente de trabalho, estresse associado a altas demandas, além de questões relacionadas à saúde mental, medicalização dos trabalhadores para "dar conta" das exigências do serviço e precarização dos vínculos de trabalho em função dos contratos temporários. O diálogo estabelecido e a escuta atenta possibilitaram a criação de vínculos e uma maior integração dos estudantes com os participantes, bem como foi evidenciada a importância de dar voz e reconhecimento às vivências dos trabalhadores e a necessidade de promover eventos para a conscientização sobre saúde mental não só dos usuários, mas também dos trabalhadores da saúde. Ademais, a organização, condução e participação no fórum mostrou-se uma experiência enriquecedora para a trajetória acadêmica dos discentes envolvidos e dos trabalhadores da saúde do município.

Palavras-chave: Psicologia; Fórum; Saúde do Trabalhador

Fonte financiadora do trabalho: PET-Saúde/Equidade (Ministério da Saúde)



Esquemas Iniciais Desadaptativos, Apego, Dependência Emocional em Mulheres em Situação De Violência.

Elisângela Maria da Cunha Silva
Ana Cláudia de Azevedo Peixoto
Ana Paula Teixeira de Sousa
Maria Luísa Guimarães Costa

A violência por parceiro íntimo (VPI) é um grave problema de saúde pública e produz impactos psicossociais na vida das vítimas e representa a forma mais comum de violência de gênero. Concretiza-se em atos como ameaças, xingamentos, humilhações, perseguições, agressões físicas, estupros e, em sua forma letal e os feminicídios. Esta pesquisa investigou a Dependência Emocional (DE), estilos de apego e Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) em uma amostra de 15 mulheres vítimas de VPI, assistidas pelo Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM), no município de Queimados, na Baixada Fluminense. O objetivo foi identificar e descrever as percepções de mulheres que vivenciaram a violência provocada por parceiros íntimos. A pesquisa seguiu o que está estabelecido nas Resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamentam as normas de participação de seres humanos em pesquisa. Submetida e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa, CAEE: 69662723.0.0000.5285, via Plataforma Brasil, com o número do parecer: 6.230.797. E, somente depois da aprovação, ocorreu a coleta de dados. Além disso, todas as participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e esclareceram dúvidas a respeito da pesquisa. Os resultados apontaram a ativação de Esquemas Iniciais Desadaptativos, principalmente do primeiro domínio (Desconexão e Rejeição), quinto domínio (Supervigilância e Inibição) e quarto domínio (Direcionamento para o Outro). Nos resultados da dependência emocional, a dimensão da ansiedade de separação e expressão afetiva e o apego ansioso apareceram nas respostas, fortalecendo a ideia de que tais variáveis se mostram como fatores de risco e ampliadores da vulnerabilidade e mantenedores da mulher à VPI. Os resultados da pesquisa são cruciais para contribuir na compreensão da relação entre os fatores associados à violência e a importância do trabalho implementado pelas políticas públicas.

Palavras-chave: mulher; violência por parceiro íntimo; violência; dependência emocional; TCC

Fonte financiadora do trabalho: Não há.



Experiência de estágio: pesquisa sobre mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo

Maria Luísa Guimarães Costa
Ana Paula Teixeira de Sousa
Elisângela Maria da Cunha Silva

Este resumo apresenta um relato da experiência como estagiárias de pesquisa, integrando uma equipe dedicada ao estudo dos fatores que condicionam a permanência de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. A pesquisa se deu em um CEAM, no município de Queimados, no Rio de Janeiro. A amostra contou com 15 mulheres, assistidas pelo dispositivo, que foram vítimas de violência por parceiro íntimo (VPI). Nossa experiência como estagiárias investigando VPI foi uma jornada enriquecedora, unindo teoria e prática num tema crucial. Embora fosse um trabalho acadêmico de iniciação científica, o contato com o tema mostrou um problema amplo, que vai além da Psicologia e que exige mais debate e ação. No estágio em pesquisa, atuamos em aspectos práticos essenciais: Transcrevemos e analisamos entrevistas, corrigimos inventários e elaboramos trabalhos acadêmicos. Cada áudio revelava histórias complexas, exigindo respeito e escuta sensível por cada participante. Esse processo alimentou planilhas, estruturação de dados qualitativos e quantitativos. Participamos da análise, explorando narrativas para identificar padrões qualitativos e resultados de questionários sobre Dependência Emocional, Esquemas Iniciais Desadaptativos e Apego. A imersão na realidade das mulheres foi fundamental para a consolidação dos nossos conhecimentos. O maior aprendizado foi entender a complexidade da violência de gênero. Foi muito instrutivo ver como muitas mulheres sofreram violência desde a infância, perpetuando o ciclo em relações adultas. Isso nos mostrou que a VPI é um fenômeno complexo com raízes sociais, psicológicas e culturais. O estágio nos permitiu compreender que o debate e o combate à Violência por Parceiro Íntimo no Brasil ainda necessitam de uma maior exploração do tema, e que a pesquisa é vital para auxiliar nisso. Essa experiência nos preparou para futuros desafios, nos dando habilidades práticas e uma visão mais aprofundada sobre as intersecções presentes na realidade vivenciada por mulheres em situação de violência.

Palavras-chave: mulher; violência por parceiro íntimo; dependência emocional; TCC; estágio em pesquisa

Fonte financiadora do trabalho: Não há.



Extensão Universitária: Caminhos possíveis entre a teoria e a prática

Rayane Bento do Nascimento
Daphne Christiny Marins da Silva Sales
Waldenilson Teixeira Ramos

O presente trabalho resulta da experiência desenvolvida em extensão universitária, possibilitando a articulação entre saberes teóricos e práticos adquiridos ao longo da trajetória formativa. Sob tal perspectiva, compreende-se a extensão como ponte entre a universidade e a comunidade, não na lógica de uma hierarquização de saberes, mas na proposição de ações que ultrapassam os limites institucionais, buscando a construção de espaços atravessados pelo afeto e pela escuta. Assim, este relato de experiência emerge das atividades realizadas no projeto P.A.L.A.V.R.A (Programa de Alfabetização, Leitura, Autoria e Valorização das Redes de Aprendizagem), o qual conecta profissionais e estudantes da Universidade Federal Fluminense, dos cursos de Psicologia e Serviço Social, às escolas municipais de Niterói, mediante duas etapas: observação e oficinas presenciais voltadas à reflexão sobre afetos e convivência no espaço escolar. No contato com o campo, evidencia-se a fissura existente entre o conhecimento acadêmico e a atuação prática, desafiando pressupostos que frequentemente sustentam uma racionalidade distante do vivido. Nessa direção, a atuação proposta permitiu a constituição de uma práxis mais situada diante da complexidade da realidade brasileira, marcada por dores, angústias e ausências frequentemente inomináveis nos textos teóricos. Diante disso, o cotidiano escolar nos convoca à adoção de uma postura relacional, superando o olhar distanciado do saber “sobre” para a construção compartilhada do saber “com”. Esta proposta ética questiona as supostas neutralidades do observador de campo, convocando-o à implicação com as alegrias e dores que atravessam o viver. As experiências vivenciadas no projeto P.A.L.A.V.R.A revelam-se, portanto, substanciais à formação em Psicologia, na medida em que promovem reflexões ético-políticas que tensionam os paradigmas ainda vigentes no campo, conferindo relevância à partilha de tais vivências.

Palavras-chave: Extensão universitária; Escrita; Afetos; Saberes compartilhados.

Fonte financiadora do trabalho: Não se aplica.



Contracolonizando Saberes: A Psicologia e os Territórios das Infâncias e Adolescências

Giovanna Fernandes Ladeira

O mundo colonizado é um mundo dividido em dois e, com isso, entre o explorado e o poder interpõe-se tecnologias sorrateiras que, através de suas intervenções violentas, diretas e frequentes, mortificam os bairros mais carentes das metrópoles contemporâneas. A atuação territorial do poder público dá-se principalmente através da violência e da repressão policial, enquanto, ao mesmo tempo, a presença do Estado vai sendo progressivamente reduzida através dos cortes à despesa pública, tendo como resultado a falta de acesso à saúde, educação e saneamento básico. Ao levar em conta esse contexto e a noção de “território” como resultado de situações históricas, ambientais e sociais que promovem condições subjetivas, indago: A quem serve a Psicologia que ignora a dimensão sociogênica na escuta das infâncias e adolescências? O presente trabalho foi construído a partir da minha experiência de estágio no Instituto Felipe Neto, em que, juntamente à uma equipe de 3 psicólogas supervisoras e 3 demais estagiárias, atuamos com crianças e adolescentes (de 11 à 17 anos) residentes da Rocinha. Ao longo das minhas vivências consolidei a importância de um “calçamento” teórico, sendo assim, a metodologia consiste em uma revisão bibliográfica, abrangendo autores que me permitiram refletir criticamente acerca da prática da psicologia diante da multiplicidade das infâncias brasileiras. Tenho como base autores como Frantz Fanon, Sándor Ferenczi, Abdias Nascimento e Lélia González, que me permitem contestar os modelos explicativos sobre os sofrimentos psíquicos que levam em conta apenas a psicopatologia e a fisiologia. Quando pensamos em uma Psicologia ética, não devemos pensá-la neutra, mas sim repleta de posicionamentos. Sendo assim, não há como estar na luta contracolonial sem produzir desconforto. É através dele que podemos nos movimentar em direção a caminhos contrários à reprodução de violências simbólicas e firmar uma psicologia verdadeiramente ética.

Palavras-chave: contracoloniedade; território; ética; direitos infantojuvenis; saúde mental.



Acolhimento Psicológico no Câncer de Mama: Um Ato de Resistência e Vida

**Mylena Rangel Igreja de Amorim/ Amanda Cortes Sepulveda de Souza/
Clarisse Ribeiro Peixoto/ Isabella Batista de Souza/
Maria Eduarda Mattos Casemiro/ Yasmin dos Santos Ramos Rodrigues**

O câncer de mama é a neoplasia feminina mais prevalente no Brasil, impactando física, emocional e socialmente as mulheres. Diante do diagnóstico, sentimentos de medo, estranhamento corporal e desorganização identitária são comuns. Este trabalho reflete sobre a essencialidade do acompanhamento psicológico como suporte integral ao tratamento, permitindo que a mulher se reorganize e redesenhe sua identidade após a ruptura imposta pela doença. Realizou-se uma revisão bibliográfica para investigar a influência do ambiente clínico, dos instrumentos de escuta e dos vínculos terapêuticos na vivência do tratamento de pacientes com câncer de mama. O foco foi identificar como esses elementos contribuem para o acolhimento psicológico e o enfrentamento do sofrimento. A análise demonstrou que o sofrimento psíquico não apenas desregula o corpo e compromete a adesão ao tratamento, mas também afeta o sistema imunológico. O psicólogo, ao oferecer um espaço de escuta qualificada, possibilita que a paciente nomeie sua dor, evitando que a angústia se manifeste em silêncio. Embora o psicólogo não cure o câncer, ele é fundamental para curar "pontos latentes" no processo de enfrentamento. Ao ser ouvida, a mulher também se autoescuta, o que favorece a reorganização interna e a ressignificação da doença. Cuidar da mente é, portanto, um ato de resistência e de vida no percurso do tratamento do câncer de mama.

Palavras-chave: Câncer de mama; Apoio psicológico; Re-conhecimento; Psicologia da saúde; Tratamento oncológico.



Acolhimento e Escuta no Luto Infantil: Rompendo o Silêncio da Dor

**Mylena Rangel Igreja de Amorim/ Amanda Cortes Sepulvida de Souza/
Isabella Batista de Souza/ Lívia Civeis Montanheiro/
Mariah Cyrne de Toledo Campos/ Rafael Gantois Dantas/
Yasmin dos Santos Ramos Rodrigues**

O luto na infância é uma experiência profunda e frequentemente subestimada. A crença equivocada de que crianças não compreendem a morte leva à negação ou minimização de seus sentimentos. Contudo, perdas significativas – como a morte de um ente querido ou mudanças familiares – geram impactos emocionais reais e duradouros. Este trabalho visa dar visibilidade ao luto infantil e ressaltar a importância da escuta sensível e do acolhimento afetivo no suporte a crianças enlutadas. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica, entre estudantes de psicologia que compõem o corpo de ligantes da liga acadêmica de medicina e de práticas integrativas da Universidade Federal Fluminense, analisando produções teóricas que abordam o luto na infância, seus impactos emocionais e as práticas de acolhimento eficazes. O foco foi compreender como a ausência de suporte adequado pode silenciar o sofrimento infantil. Os resultados indicam que, sem um espaço para expressão, a dor da criança pode se tornar um sofrimento invisível, com consequências prolongadas. A escuta sensível – que vai além das palavras, acolhendo silêncios e manifestações simbólicas – e o afeto – através da presença cuidadosa e sem julgamentos – são ferramentas essenciais. A introdução de rituais simbólicos pode ser uma forma valiosa de permitir que a criança expresse sua dor e elabore a perda. Desenhos, cartas ou pequenos gestos de despedida ajudam a construir um sentido emocional para o que foi vivido. Promover essa cultura de apoio permite que a criança nomeie seus sentimentos, elabore a perda e ressignifique sua dor. Reconhecer o luto infantil é um ato de respeito e dignidade, fundamental para o desenvolvimento psíquico saudável da criança.

Palavras chave: luto; luto infantil; afetos; acolhimento; escuta.



Saúde Mental na Universidade: Desvendando o Contraste entre Idealização e Realidade

**Mylena Rangel Igreja de Amorim/ Amanda Cortes Sepulvida de Souza/
Clarisse Ribeiro Peixoto/ Isabella Batista de Souza/ Lívia Cíveis Montanheiro/
Rafael Gantois Dantas/ Yasmin dos Santos Ramos Rodrigues**

A universidade é frequentemente idealizada como um ambiente de crescimento e liberdade, mas a experiência real dos estudantes pode divergir significativamente dessa imagem. Este estudo analisa as contradições entre a idealização universitária e a vivência concreta dos estudantes, com foco nos impactos sobre a saúde mental. Foi conduzida uma revisão de literatura recente, entre estudantes de psicologia que compõem o corpo de ligantes da liga acadêmica de medicina e de práticas integrativas da Universidade Federal Fluminense, focando em pesquisas que investigam os fatores acadêmicos, emocionais e socioeconômicos associados ao sofrimento psíquico de estudantes universitários. Os achados revelam que, apesar de ser vista como um meio de ascensão social, a universidade impõe exigências excessivas, cobrança constante e pouca consideração pelas particularidades individuais. Esse “pseudoespaço seguro” esconde pressões que afetam o bem-estar dos estudantes, resultando em alta prevalência de ansiedade, depressão e estresse, especialmente em cursos da área da saúde. A pressão por desempenho e a competitividade transformam o erro em culpa pessoal e ignoram o despreparo dos ingressantes para a autonomia exigida. Além disso, a privação de sono é naturalizada, e os padrões homogêneos de desempenho desconsideram as desigualdades socioeconômicas que impedem a dedicação integral de muitos estudantes. A desconexão entre o ideal acadêmico e a realidade torna o ambiente formativo um fator potencial de sofrimento e adoecimento. Nesse cenário, destaca-se o compromisso ético da Psicologia com ações preventivas e acolhedoras no ambiente universitário, enfrentando os desafios da escuta em contextos de alta demanda, da intervenção sem invasão ou medicalização excessiva e das questões de confidencialidade e articulação com redes de apoio como professores, familiares e serviços.

Palavras chave: saúde mental; graduação; adoecimento mental; pseudo espaço seguro.



O Resgate da Conexão Psiquê-Soma por Meio da Massagem Biodinâmica

Priscila Mendes
Glória Cintra

Este artigo investiga os efeitos da Massagem Biodinâmica - dispositivo da Psicologia Biodinâmica, desenvolvida por Gerda Boyesen - no processo de reintegração psiquê-soma de uma paciente idosa com histórico de traumas emocionais e sintomas crônicos de desconexão corporal. Fundamentado nessa abordagem neo-reichiana, o presente estudo tem como objetivo analisar como a técnica atua na regulação do sistema nervoso autônomo, na liberação de coraças musculares e no restabelecimento da biopulsação - mecanismos essenciais para a recuperação da vitalidade primária. O referencial teórico baseia-se nas obras de Boyesen, com conceitos-chave desenvolvidos por ela, e complementa-se com discussões contemporâneas sobre somatização de traumas e psicoterapias corporais. Utilizou-se o método de estudo de caso clínico, acompanhando Vera, paciente em processo terapêutico presencial há dois anos, em sessões semanais de massagem. Os dados foram coletados por meio de registros clínicos das sessões, observação sistemática de respostas fisiológicas e emocionais, e relatos subjetivos da paciente. Os resultados evidenciaram avanços significativos na redução de sintomas físicos e emocionais e maior integração entre percepções corporais e emoções. A discussão destaca o papel do vínculo terapêutico e da consistência do setting clínico como facilitadores do processo. Conclui-se que a Massagem Biodinâmica mostrou-se eficaz como ferramenta para a reconexão psiquê-soma de Vera, processo em andamento e ainda não finalizado. Estes resultados sugerem um potencial para aplicação em contextos semelhantes de traumas acumulados e pressões da vida contemporânea que se cristalizam no corpo, gerando um estado de desconexão da vitalidade primária.

Palavras-chave: massagem biodinâmica; gerda boyesen; psicoterapia corporal; trauma



Ansiedade e Tomada de Decisão no Esporte: Uma Revisão de Escopo

Daniel Novarino da Costa
Lohrena Teixeira Cardoso de Carvalho
José Augusto Evangelho Hernandez

A ansiedade é um fator psicológico presente em contextos esportivos competitivos, influenciando diretamente o desempenho e os processos de tomada de decisão. Este trabalho tem como objetivo mapear evidências empíricas sobre a relação entre ansiedade e tomada de decisão no esporte, além de identificar os métodos e instrumentos utilizados nessas investigações. Foi seguido o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses Extension for Scoping Reviews e buscaram-se estudos nas bases de dados Web of Science, Scopus, ScienceDirect, EBSCO e MEDLINE/PubMed. identificaram-se inicialmente 1.067 artigos nas bases de dados consultadas. Após a remoção de 441 duplicatas, permaneceram 626 estudos únicos para a etapa de triagem dos títulos e resumos. Foram descartadas as publicações que não abordavam diretamente o tema da pesquisa, aquelas com texto completo indisponível, não submetidas à revisão por pares, de natureza puramente teórica ou classificadas como literatura cinzenta. Após esse rigoroso processo de elegibilidade, 14 estudos atenderam a todos os critérios e tiveram seus dados extraídos para compor a presente revisão. Os resultados revelaram que a ansiedade exerce influência significativa sobre a tomada de decisão no contexto esportivo, podendo atuar tanto como um elemento facilitador quanto como um fator debilitante, dependendo das circunstâncias e do perfil do atleta. Verificou-se que a expertise adquirida ao longo do tempo e o treinamento psicológico adequado permitiram que os atletas canalizassem a ansiedade de forma construtiva, transformando-a em um recurso positivo para o desempenho. Conclui-se, portanto, que a compreensão dos mecanismos envolvidos e o manejo eficaz da ansiedade representam estratégias fundamentais para otimizar a performance esportiva e promover decisões mais assertivas em situações de pressão.

Palavras-Chave: ansiedade, expertise, desempenho, esporte, tomada de decisão

Fonte financiadora do trabalho: bolsa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)



Videocast Psicopapo: Psicologia e Direitos Humanos no Consultório na Rua

Fabício Nascimento Ostrowski
Adriani da Cunha Souza Nascimento
Cristiana Nascimento Moreira
Luiza Moreira Ricardo

O presente trabalho de extensão foi voluntariamente escolhido por estudantes do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá, polo Angra dos Reis, no âmbito da disciplina Psicologia, Ética e Direitos Humanos. A pesquisa teve como objetivo analisar a atuação da Psicologia no Consultório na Rua, equipamento público de atenção psicossocial vinculado ao SUS, com foco no atendimento à população em situação de rua. A metodologia incluiu visita técnica presencial ao equipamento físico, observação de atendimento itinerante no território, entrevista com a psicóloga responsável, observação participante e pesquisa bibliográfica. Como recurso final, foi produzido um videocast temático, apresentado pelos alunos com participação da psicóloga entrevistada. O vídeo, publicado em plataforma digital, já ultrapassou a marca de 500 visualizações. A partir desta iniciativa, a Universidade Estácio de Sá decidiu lançar o "Psicopapos", com o acréscimo da letra "s", um videocast oficial do curso de Psicologia, com estreia prevista para agosto de 2025. O programa está em produção pelo mesmo grupo, e se propõe a psicologizar a instituição e a cidade, aproximando a Psicologia da sociedade por meio de entrevistas com profissionais sobre temas sensíveis, em linguagem acessível. O projeto original revelou a importância da escuta qualificada e do cuidado como práticas de efetivação de direitos humanos, assim como evidenciou os desafios enfrentados em contextos de alta vulnerabilidade. Além de possibilitar uma aproximação concreta com a atuação profissional em campo, a atividade demonstrou o potencial da extensão universitária como dispositivo formativo, de visibilidade social e de democratização do conhecimento em saúde mental.

Palavras-chave: psicologia; direitos humanos; consultório na rua; extensão universitária; videocast.



GAPsi: escuta que transborda e aduba os laços entre fazer e viver

**Gabriella Sousa Soares/ Eleonôra Torres Prestrelo/
Ana Beatriz Dias Pacheco/ Deborah Maia Vieira/
Luiza Costa Berriel/ Sabrina da Silva Gonçalves**

O cotidiano universitário, marcado por inseguranças e exigências, urge por um espaço de respiro e cuidado. Nesse contexto, o cuidado é construído nas relações cotidianas dentro e fora da universidade, ou seja, na “vida vivida”, e é o exercício de deixar-nos afetar por ela que nos possibilita realizar ajustes criativos, intervenções mais contextualizadas e, portanto, mais efetivas. O objetivo desse trabalho é problematizar nossos atravessamentos enquanto estagiárias do GAPsi, projeto de extensão vinculado ao Instituto de Psicologia/UERJ, realizado na modalidade presencial. Nossa metodologia é baseada no dispositivo de trabalho em grupo, tendo como aporte teórico-metodológico a Abordagem Gestáltica e a Terapia Comunitária. Marcado pela relação dialógica, trabalhamos com o tema que emerge como figura no momento presente, respeitando o fluxo da experiência coletiva e valorizando a escuta sensível como ferramenta de cuidado. Dessa forma, nos deparamos com um saber mais encarnado, em um encontro prazeroso com o outro, na direção do nosso propósito enquanto estudantes de psicologia: aprender a cuidar e também ser cuidadas. Ao ocupar o lugar da condução dos grupos, somos atravessadas por processos transformadores que vão além da nossa formação acadêmica – transborda para nosso desenvolvimento pessoal. Nisso, a vivência no projeto nos permite observar o surgimento de senso de pertencimento, escuta ativa, responsabilidade e o desenvolvimento de habilidades relacionais. Evidencia-se, assim, como o projeto, ao oferecer acolhimento aos estudantes, também acolhe aqueles que o constroem, mesmo diante dos desafios inerentes ao trabalho. Nesse contexto, o GAPsi exemplifica uma prática ética e comprometida com o bem-estar dos estudantes, alinhando-se aos princípios do Código de Ética ao oferecer um espaço de acolhimento e prevenção ao sofrimento psíquico, dedicado aos estudantes universitários, valorizando a experiência relacional e o cuidado emocional.

Palavras-chave: GAPsi; grupos de apoio; cuidado; extensão; abordagem gestáltica.

Fonte financiadora do projeto: DEPEXT/ Instituto de Psicologia/ UERJ



Entre o vivido e o escrito: o diário de campo na formação

Lucyene Thais Mendes de Moraes/ Ana Vitória Carvalho Vieira
David Macedo Rodrigues Filho/ Paloma Lima Ramos Jashar
Maria Livia do Nascimento

Quinzenalmente, escrevemos e lemos, em grupo, os diários de campo dos estagiários de psicologia da UFF, que atuam no Tribunal Judiciário do Rio de Janeiro. Estes diários, quando lidos em coletivo, deixam de ser simples relatos individuais para se tornarem espaços de enunciação coletiva, em que os dizeres atravessam o vivido, tensionam as instituições e interpelam os sujeitos nas suas práticas. Não se trata apenas de “falar sobre o que se viu”, mas de ver o que se fala, como se fala e o que essa fala faz circular. Dessa forma, desloca-se do “eu fiz” para o “nós fomos atravessados por...”. Assim, quando achamos que nos acostumamos com o trabalho, somos pegos de surpresa. Às vezes, quando a familiaridade da idade ou nome de uma vítima é igual a nossa, isso já é o suficiente para que façamos a analogia de ambas realidades. Realidade vítima e estagiário de psicologia. Alguém precisando de cuidado e alguém que está institucionalmente responsável por ofertar e garantir esse cuidado. Nesse mesmo paralelo, temos que lidar com as nossas afetações, e o único jeito de aprendermos isso é com a prática, pois o que nos atravessa é também o que nos forma. À vista disso, os diários revelam um ponto essencial da formação em psicologia: nossa prática não é neutra, nunca foi e nunca será. O que escrevemos carrega vestígios de memórias, reverberações de afetos e silêncios que não cessam. Esses elementos não apenas nos tocam, eles nos implicam, nos movem, e nos deixam sempre com inquietações e questionamentos. E, é justamente aí que reside a força e a potência nas práticas em psicologia. Doravante, estar implicado, deixar-se tocar, duvidar e resistir é um gesto ético-estético-político de presença, de cuidado, de escuta e de invenção.

Palavras-chave: Diário de campo; Implicação; Formação em Psicologia; Afetação.



“Quem cuida de quem cuida?”: a produção de cuidado para militantes

Mayara Cristina de Souza Reis/ Barbara Gabriela Silva e Remane/
Marina Trigo Matos/ Filipe de Contti Asht/
Alice De Marchi Pereira de Souza

A URDIR é um núcleo de pesquisa, ensino e extensão da UERJ. O presente trabalho pretende tratar acerca de nossa parceria com a Fiocruz no projeto “Rede de Defensores de Direitos Humanos e Promoção da Saúde no Estado do RJ”. O trabalho se dá através de dispositivos clínicos grupais para acolhimento de lideranças sociais, comunitárias e ativistas de DH. A partir do sofrimento psíquico e emocional apresentado pelos participantes do projeto, sobretudo devido ao atual contexto neoliberal e individualizante, produtor de marcas oriundas das diversas formas de opressões. Percebendo a luta também como uma movimentação política de cuidado para com sua comunidade e para consigo mesmos, a tomamos não apenas como um ato político, mas como forma de existir e resistir em meio à violência cotidiana. Entretanto, os defensores demonstram dificuldade em praticar o cuidado próprio, muitas vezes encontrando empecilhos com a própria concepção do que é cuidado: nesse sentido, “quem cuida de quem cuida?”. Partimos de uma escuta estratégica, sustentando a luta, a coletividade e a formação de rede. Temos uma aposta-proposta em uma clínica inseparável da política, amparada pela compreensão de que os marcadores sociais são fundamentais no entendimento dos processos de subjetivação e suas interseccionalidades. Rodas de escuta, oficinas e diários de campo são dispositivos utilizados. O registro de nossas vivências e suas implicações nos ajudam a acompanhar os processos e a refletir continuamente sobre nossas práticas. Não sendo apenas o exercício do ouvir, mas também reconhecer relatos e experiências do grupo como parte do cuidado. Percebemos como o coletivo se relaciona com o individual, fortalecendo o vínculo entre os defensores, gerando debates e reflexões sobre a importância do cuidado em suas frentes e em suas vidas. Assim, produzimos coletivamente um cuidado pautado no processo de construção da relação como estratégia de sustento da luta.

Palavras-chave: direitos humanos; cuidado; grupos; análise institucional; militância.



Restos que insistem

**Guilherme Costa Dávila/ David Macedo Rodrigues Filho
Enzo Teixeira Soares Marinho/ Beatriz Gomes Dutra Moreth
Bruno Rangel Sperling/ Marcelo Santana Ferreira**

Na atual fase da pesquisa “Políticas e poéticas da transmissibilidade em psicologia social”, o grupo - formado por discentes e docentes da UFF - está envolvido com o estudo de memórias literárias que interrompem a catástrofe do trauma das ditaduras na América Latina. No momento, estamos lendo o livro “K. Relato de uma busca”, de Bernardo Kucinski, onde tudo seria ficção, mas quase tudo aconteceu. O autor narra a dolorosa procura de um pai por sua filha desaparecida, durante a ditadura militar. A literatura, nesse caso, não tem função apenas de testemunho, mas se torna um dispositivo de escuta dos restos. A partir de uma elaboração estética, os restos daqueles que tiveram a vida brutalmente interrompida, e a morte em suspenso, ecoam. Gritam! Vivos como resistência, como aquilo que a máquina de guerra e violência não conseguiu consumir nem controlar. Onde os assassinos e torturadores se negam a revelar onde estão grande parte das ossadas, através da tecnologia do desaparecimento, que inviabiliza a experiência do luto. Porém, estes restos não são simples descartes faltosos de vida, mas sim o excesso, o resto vivo que grita em nome daqueles que já não podem mais. São o grito sem garganta, que apesar do esforço de exterminá-la, sobrevive, resiste, permanece. Esses restos são um agente político fortíssimo, e têm sua vida mantida enquanto esse caráter de perturbação for mantido. O resto se recusa a ser capturado, simbolizado, arquivado. O resto exige agenciamento. Assim, escutar os restos é um gesto ético-estético-político. Rompendo o esquecimento, confrontando o apagamento e sustentando o resto como agente de perturbação, como excesso que insiste – e resiste.

Palavras-chave: restos, desaparecidos, ditadura, literatura



Coletiva Mangará: experiência da prática em psicoterapia em grupos.

Juliana Gonçalves Ferreira Gomes
Izabel Taveira Manhães

Neste trabalho, procuramos apresentar e discutir a experiência de psicoterapia em grupo, que temos vivenciado como coterapeutas integrantes de um coletivo clínico chamado Mangará, com viés teórico da esquizoanálise e que atua no campo da psicologia clínica particular. Nosso modo de funcionamento acontece na forma de uma experiência grupal de supervisão (intervisão), acompanhamento das experiências de trabalho e partilha clínica. O coletivo é composto por psicólogas que atuam exclusivamente na clínica e por outras que conciliam esse trabalho com atuações em instituições públicas. O Mangará surgiu do nosso encontro numa formação em esquizoanálise, e foi se constituindo desde 2018. Inicialmente, nos aproximamos pela vontade de estudar; depois, pela necessidade de apoio e cuidado durante a pandemia de COVID-19; até alcançarmos o formato atual de intervisões semanais, e ao entendimento que esse é um espaço de coletivização do trabalho clínico. Experiência que hoje se apresenta também na prática de psicoterapia em grupo, com cinco grupos terapêuticos atualmente vinculados ao coletivo, realizados semanalmente, de forma remota, e conduzidos por duas coterapeutas cada. Já viemos acumulando a discussão sobre a função da intervisão e seus efeitos a partir do conceito de transversalidade. Mas agora também nos interessa refletir sobre o fazer clínico que se passa nos grupos terapêuticos, sua singularidade e o que nos motiva nessa aposta. Temos nos surpreendido com a potência clínica desse dispositivo: a vinculação, a confiança, a abertura dos participantes, bem como a capacidade de elaboração de processos subjetivos complexos através da fala e da escuta do outro no processo grupal. Além disso, também percebemos um 'duplo' do grupo – nós enquanto grupo/coletivo e os grupos clínicos que sustentamos – e como a confiança estabelecida no nosso processo de coletivização do trabalho clínico nos empodera nesse trabalho. É sobre esse processo, ainda em curso, que propomos dialogar na Mostra do CRP/RJ.

Palavras-chave: clínica; grupo terapêutico; supervisão clínica; esquizoanálise.



A transvaloração cínica: apostas em possibilidades outras de cuidado

**Pedro Quadra de Araujo Machado Ferreira/
Rafael Brandão Venturini de Freitas/ Miguel Germano Ferreira/
Tayla Gomes de Souza/ Danichi Hausen Mizoguchi**

O presente trabalho é fruto do projeto de pesquisa Da subjetividade à coragem: modulações da verdade nos últimos cursos de Michel Foucault, realizado presencialmente na Universidade Federal Fluminense. Do conceito de verdade neles desenvolvido, especialmente em seu último curso, A Coragem da Verdade, o trabalho tem por objetivo extrair consequências para a formação e para a prática psi. Neste último curso, Foucault debruça-se sobre o conceito de “estética da existência”, inspirado nas técnicas de cuidado de si greco-romanas, onde as práticas cínicas viabilizavam a criação de modos de ser e estar no mundo. Prática entendida como um movimento aberrante, que se distancia da hegemonia do fazer filosófico ao se desfazer da centralidade da palavra, da filosofia como escritura, como paidéia, como lógos, efetivando-a como experiência radicalmente vinculada à própria vida.

Segundo Foucault, para os cínicos o mundo foi não só entendido, mas tomado como um lugar onde se poderia colocar a vida à prova, como uma arte de viver. Em A coragem da verdade, Foucault utiliza-se da emblemática do cínico como forma de aproximar o conceito de cuidado de si com o cuidado dos outros, entendendo que essa aproximação faz operar uma transvaloração ética. Compreende o cínico como aquele que toma certa atitude em relação ao que é convenção, para realizar uma substituição de sua cifra por outra que representará muito. Moeda e lei possuem, etimologicamente, no grego, uma aproximação, onde nomisma é moeda e nómos é lei; semelhança fundamental aos cínicos, cujo gesto implica pegar a moeda da alethès bíos o mais rente possível do tradicional e fazer aparecer ultrapassagens dos limites possíveis. Chave que nos permite pensar o processo clínico - ancorado nos modos de existência - como uma via de ultrapassagem em direção a uma vida não convencional, em Foucault: uma vida outra.

Palavras-chave: Foucault; cuidado de si; transvaloração; ética; verdade.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.



Contribuições do estágio em psicodiagnóstico interventivo: uma problematização acerca da patologização infantojuvenil

Adriano Barbosa de Almeida Queiroz/Alessandra Guimarães Lima/
Juliana José da Silva/ Gabrielle Lopes Moreira/
Natália Jacques Rodrigues/ Débora da Silva Sampaio

O presente trabalho apresenta reflexões baseadas na prática clínica do estágio em avaliação psicológica, realizada entre 2024 e 2025 no Serviço de Psicologia Aplicada do Centro Universitário Celso Lisboa, Zona Norte do Rio de Janeiro. Dentre as avaliações psicológicas realizadas foi possível notar um aumento significativo do serviço para atendimento infantojuvenil neste último semestre. Desta forma, esta pesquisa, de caráter explicativo e abordagem qualitativa, busca, a partir da análise dos laudos produzidos em 2024 e 2025 no campo de estágio, evidenciar os motivos para a busca por avaliação psicológica de crianças/adolescentes, articulando com o imperativo contemporâneo pela busca por diagnósticos centrados apenas em sintomas, sem considerar aspectos familiares, sociais e culturais que também possam ser geradores de sofrimento. A amostra foi composta por todos os laudos de avaliação psicológica de crianças e adolescentes de 0 a 18 anos. A coleta de dados envolveu a análise dos padrões nas demandas e dos resultados das avaliações realizadas. A análise de conteúdo em sua vertente temática (Bardin, 2011) foi utilizada para categorizar e interpretar os dados, identificando características recorrentes nas demandas e nos resultados. A análise dos laudos revelou uma demanda predominante por diagnósticos relacionados ao TEA, com destaque para comportamentos disruptivos. Observou-se também tentativa de patologização precoce do comportamento infantil, frequentemente associada à dificuldade de manejo parental e sobrecarga dos cuidadores. Além disso, a pesquisa evidenciou que, apesar das tentativas de diagnóstico, há necessidade de evitar diagnósticos precipitados, visto que há questões mais emergentes que demandam atenção. A atuação dos estagiários foi orientada pelo psicodiagnóstico interventivo, conforme Trinca (1984), que considera as dinâmicas intrapsíquicas, intrafamiliares e socioculturais como forças interativas entrelaçadas, capazes de gerar sofrimento e desajuste.

Palavras-chave: avaliação psicológica; psicodiagnóstico infantojuvenil; psicodiagnóstico interventivo.



Letramento crítico: abordagem da violência contra a mulher no percurso acadêmico

Gabrielle de Araujo Escafura
Cláudia Quinto Santos de Souza
Débora da Silva Sampaio

Este artigo científico teve como objetivo analisar a formação das(os) universitárias(os) do curso de Psicologia em relação à violência contra a mulher. A pesquisa-intervenção foi realizada por meio de rodas de conversa com graduandas(os) do curso de Psicologia, visando compreender o processo formativo e, conseqüentemente, avaliar se esse ocorre de maneira crítica. Os encontros ocorreram nos dias 24 de março e 07 de abril de 2025, nas instalações da universidade selecionada, em horário previamente acordado e conforme a disponibilidade das (dos) participantes, com a devida aprovação do Comitê de Ética na Plataforma Brasil, sob o número de parecer 7.252.384. Observa-se claramente a falta de estímulos na educação sobre a violência contra a mulher, corroborando com a hipótese inicial de um baixo incentivo a esse conteúdo. Esse letramento crítico é notavelmente insuficiente e pouco incentivado. A realização deste estudo foi essencial para captar a visão das graduandas(os), compreender os aspectos da formação em Psicologia e, especialmente, propor um curso que desenvolva o eixo ético-político-social, fundamentado nas práticas profissionais pautadas pelo Código de Ética em Psicologia. Por meio deste trabalho, foi possível reafirmar a importância de estudos que olhem para as mulheres dentro das suas pluralidades.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Formação acadêmica; Psicologia; Letramento crítico; Ética profissional.



O lúdico na intervenção com crianças e adolescentes com doenças renais crônicas hospitalizadas

Julia Maria Silva de Lima Pontes

Luiz Guilherme Cerqueira Nunes

Débora Pereira Regadas (CRP 05/26760)

Os períodos recorrentes e longos de internação e o fato de ter que lidar com uma patologia nefrológica podem vir a gerar, além de dúvidas em relação à integralidade de seu corpo, vulnerabilidades psíquicas em crianças e adolescentes em tratamento. O afastamento da sua vida social, escolar e familiar pode afetar a sua capacidade e vontade de brincar e interagir com o outro. Neste presente trabalho temos como objetivo relatar a elaboração de um instrumento lúdico para apoiar e promover a compreensão de crianças e adolescentes em percurso de Doença Renal Crônica, desde o tratamento conservador até o transplante renal, quando cabível. A criação do jogo de tabuleiro foi inspirada pela experiência no atendimento com crianças e adolescentes com Doença Renal Crônica na enfermaria pediátrica e no Centro de Terapia Intensiva Pediátrica (CE-TIP) em um hospital federal do Rio de Janeiro, que instigou a busca por recursos lúdicos, com linguagem acessível, que promovessem uma intervenção multiprofissional com crianças e adolescentes acometidos por Doença Renal Crônica ou demais patologias que acometem os rins, estejam essas em tratamento conservador, em hemodiálise ou pós transplante renal. Tal iniciativa teve relação com a observação empírica do sofrimento relacionado ao quadro nefrótico. Trata-se de um jogo de tabuleiro, elaborado através de estudos bibliográficos, com cartas de perguntas e respostas que visam contribuir para que o próprio paciente tenha clareza das implicações do comprometimento nefrótico que o acomete, assim como de seu tratamento, de maneira a colaborar com uma melhor adesão aos procedimentos ao ampliar seu conhecimento à respeito do processo de adoecimento.

Palavras-chave: psicologia; hospitalar; lúdico;



RAAVE: Cuidado, Resistência e Extensão Universitária contra a Violência de Estado

**Dejany Ferreira dos Santos/ Adrielle Máximo de Jesus Santos/
Catarina Dias da Silva/ Caroline dos Santos Pereira Salgado/
Rayane de Avillez Ferreira**

Este trabalho visa apresentar a Rede de Atenção às Pessoas Afetadas pela Violência de Estado (RAAVE), analisando os efeitos de sua atuação no enfrentamento à violência estatal, na articulação sociopolítica e como extensão universitária. Para tal, parte-se de uma metodologia de pesquisa participante, mediante a experiência das autoras como extensionistas na Rede, que inclui atendimentos clínicos, educação popular, engajamento em mobilizações políticas, articulações territoriais e com dispositivos de saúde e assistência social e encontros quinzenais com as 100 mães-pesquisadoras integrantes do projeto. A RAAVE surgiu pela atuação do Comboio de Direitos Humanos – uma articulação entre a Ouvidoria da Defensoria Pública, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Alerj (CDDHC-ALERJ), a Comissão de Direitos Humanos da OAB/RJ (CDH-OAB) e o Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos da Defensoria Pública (Nudedh) – que, com apoio de lideranças populares locais, entrou no Jacarezinho durante a operação policial mais letal da história do Estado em 2021. Hoje, a Rede é composta por movimentos de familiares de vítimas da violência de Estado, instituições de Direitos Humanos e 12 grupos clínico-políticos de atenção psicossocial, envolvendo, também, universidades (UFRJ, UFF, UERJ, PUC-Rio), Fiocruz e lideranças comunitárias atuantes em favelas e periferias do Rio de Janeiro. Em 2024, surge enquanto extensão universitária, com a entrada de 32 acadêmicos de psicologia e, primordialmente, de 100 mães-bolsistas que perderam seus filhos para violência de Estado. Assim, a Rede objetiva a construção de uma política pública nacional, visando a criação de dispositivos de cuidado nas redes de serviços públicos, reconhecendo que a produção de saúde está associada à luta do sujeito político-coletivo. Portanto, o projeto apresenta-se como forma de resistência e fortalecimento da sociedade civil pelos direitos humanos, criando estratégias de acesso àquelas que também costumam ser silenciadas até mesmo pelos dispositivos de cuidado.

Palavras-chave: Violência de Estado; Resistência; Extensão; Direitos Humanos.

Fonte financiadora do trabalho: Ministério da Justiça e Segurança Pública



(In)visibilidades e Resistência: Desafios do Estresse Minoritário na Juventude LGBTQIA+

Willian Cardoso de Paulo Mattos
Carlos Henrique Silva Beck de Andrade
Diogo Fagundes Pereira

A população LGBTQIA+ enfrenta os impactos do preconceito e da discriminação em uma sociedade que reforça a heterossexualidade como norma legítima e desejável. Nesse contexto, pessoas que não se enquadram nos padrões heteronormativos socialmente impostos tornam-se especialmente vulneráveis. A heteronormatividade pode ser compreendida como um constructo político-social que define e sustenta esse padrão normativo de existência. O objetivo desta pesquisa foi compreender os impactos negativos dos estigmas e da discriminação na saúde mental de indivíduos em uma sociedade que impõe essa norma. A partir da revisão realizada, constatou-se que pessoas LGBTQIA+ estão mais suscetíveis a experiências de violência e exclusão em contextos sociais que reforçam a heterossexualidade como norma dominante. Tais experiências alimentam a sensação de não pertencimento a espaços fundamentais para o desenvolvimento pessoal, levando muitos desses indivíduos a ocultarem sua identidade. Nesse contexto, destaca-se a Teoria do Estresse Minoritário, formulada por Meyer (2003), que propõe uma compreensão dos impactos psicossociais vivenciados por pessoas pertencentes a grupos minoritários. Considerando a norma imposta pela lógica heteronormativa, esta pesquisa objetivou compreender os efeitos desse modelo social excludente e estigmatizante sobre a população LGBTQIA+, investigando de que forma a pressão normativa e a exclusão social interferem no desenvolvimento da identidade e no bem-estar desses indivíduos. Para isso, foi realizada uma revisão do estado da arte, a partir da combinação dos termos "saúde mental", "identidade", "estresse minoritário" e "juventude LGBTQIA+", com ênfase em estudos da última década. Dessa forma, constatou-se que situações de violências acarretam sintomas depressivos, de ansiedade, isolamento social e demais condições. Através de um estudo, realizado por Sandfort et al (2006), utilizando essa abordagem, compreendeu-se que as pessoas homossexuais têm maior propensão a desenvolver ou apresentar uma psicopatologia do que as pessoas bissexuais. O processo de revelação da própria identidade frequentemente resulta em exclusão, fragilizando os seus vínculos sociais importantes.

Palavra-chave: população LGBTQIA+; saúde mental; exclusão social.



Adaptação de ferramentas técnicas à pessoa analfabeta: um caso clínico

Alexandre Martins de Pontes

Considerando o analfabetismo como uma barreira significativa ao acesso a intervenções psicológicas baseadas na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), este estudo aborda a adaptação de técnicas e ferramentas para uma paciente idosa do interior do Nordeste brasileiro, não alfabetizada. Fundamentado em referenciais técnicos, éticos e científicos, o trabalho buscou personalizar estratégias que normalmente dependem de leitura e escrita, visando assegurar compreensão e adesão ao tratamento. O objetivo principal foi oferecer intervenções ajustadas às necessidades da paciente, respeitando seu contexto sociocultural e suas singularidades.

A metodologia envolveu atendimentos semanais no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), em modalidade presencial, totalizando aproximadamente 30 minutos por sessão. Foram utilizados recursos visuais como desenhos, cartões com figuras e analogias do cotidiano, assim como adaptações do Registro de Pensamentos Disfuncionais (RPD), viabilizado por áudio via aplicativo de mensagens, além do uso de uma régua das emoções para monitorar o humor entre sessões.

Os resultados preliminares apontaram que a adaptação lúdica e concreta das técnicas, associada à construção de uma comunicação simples e humorada, favoreceu o engajamento da paciente, permitindo maior expressão emocional e adesão ao plano terapêutico. A discussão evidencia que o entendimento do contexto social e histórico de pessoas analfabetas é essencial para o estabelecimento de vínculos terapêuticos mais empáticos e colaborativos, reforçando a importância de se desenvolver alianças de trabalho que considerem tais especificidades.

Palavras-chave: analfabetismo; terapia cognitivo-comportamental; adaptação; vínculo terapêutico; psicoterapia.



Práticas grupais: quais os efeitos para a saúde mental de adultos emergentes?

Esperança Dias Batista
Bruna da Silva Cruz
Milena Pereira Magalhães
Edna Lúcia Tinoco Ponciano

A adultez emergente é um período em que os jovens são marcados por desafios emocionais e relacionais, que afetam a saúde mental e o bem-estar. Sendo uma fase desenvolvimental caracterizada pelo autocentrismo, em que o jovem intensifica sua autonomia, não significa que deva ser vivida com isolamento. As relações, tanto entre pares como as familiares, constituem a formação do jovem afetando a saúde mental. Nesse sentido, as atividades realizadas em grupo são compreendidas como um espaço coletivo, composto por normas combinadas previamente, que tem como objetivo a realização de uma tarefa. Desse modo, as práticas grupais, que promovem interações entre os membros, surgem como uma estratégia privilegiada de promoção de saúde mental e de bem-estar. O presente trabalho tem como objetivo investigar os efeitos das práticas grupais do Treinamento Intensivo em Regulação Emocional Interpessoal (TI-REI), do projeto Desafios Emocionais e Relacionais da Adolescência para a Adultez Emergente (DERA). O TI-REI envolve a utilização de cartilhas, exercícios, formulários, que são trabalhados em dois tipos de grupo, focais e psicoeducativos. Atualmente, o formato tem oito encontros que ocorrem uma vez por semana, de forma presencial, tendo como público-alvo adultos emergentes universitários, com idades entre dezoito e trinta anos. Apresentamos uma análise qualitativa dos efeitos dessas atividades, considerando as devolutivas e as avaliações recolhidas sobre a experiência dos participantes do TI-REI, a partir das transcrições de suas falas nos grupos de avaliação das últimas quatro edições do treinamento. Em uma análise preliminar, os relatos apontam o espaço de acolhimento e a troca de experiências como os principais efeitos positivos da vivência em grupo. Concluímos ressaltando a importância de realizar atividades grupais e analisar os seus efeitos para a saúde mental e o bem-estar, a partir do ponto de vista dos participantes.

Palavras-chave: práticas grupais, saúde mental, bem-estar, adultez emergente, Regulação Emocional Interpessoal.

Fonte financiadora do trabalho: FAPERJ, CNPq e UERJ



Sentir para elaborar: regulação emocional interpessoal e implicações para o vínculo terapêutico

Lorena Cartaxo Vianna Soares/ Edna Lúcia Tinoco Ponciano

Em uma perspectiva de integração entre teorias e técnicas, a abordagem sistêmica focada na emoção considera que os vínculos, ao longo da vida, desempenham um papel central na regulação emocional interpessoal e na elaboração de experiências afetivas. Nesse sentido, a emoção é entendida não apenas como uma resposta individual, mas como um fenômeno relacional, que se desenvolve e se expressa por meio dos vínculos, especialmente no contexto terapêutico. A premissa da Terapia Focada na Emoção (TFE) consiste na reorganização dessas emoções por meio de um processo terapêutico experiencial que envolve a experiência emocional vivida entre terapeuta e cliente, visando à transformação de padrões de vínculo disfuncionais e ao fortalecimento da capacidade do cliente de sentir e de lidar com suas emoções de forma consciente e integrada. Neste contexto, a elaboração emocional refere-se ao processo de reconhecer, compreender e integrar experiências emocionais, especialmente aquelas ligadas a vivências traumáticas. Assim, o vínculo terapêutico, ao proporcionar um ambiente seguro e empático, possibilita que o cliente acesse e sinta suas emoções, promovendo uma reconfiguração dos vínculos e a construção de novas formas de se relacionar com os outros e consigo mesmo. Nesse sentido, este estudo objetiva explorar as implicações do vínculo terapêutico como um fator determinante na transformação dos padrões emocionais e relacionais do cliente. A metodologia adotada é a do estudo de casos múltiplos, com a análise de situações clínicas em que o vínculo terapêutico e a correção emocional se configuram como elementos-chave do processo terapêutico. Apresentaremos dados parciais de uma pesquisa clínica, com o objetivo de elaborar uma reflexão sobre o processo terapêutico cuja ênfase encontra-se nas emoções e nas relações, experienciadas ao longo da vida e com a terapeuta

Palavras-chave: Vínculo terapêutico; regulação emocional interpessoal; correção emocional



O atendimento psicológico às famílias no sistema socioeducativo de privação de liberdade

**Quézia Wanny Zeferino Carvalho/ Aline Stefani Ambrosino da Silva Ferreira/
Elis Regina de Castro Lopes**

Trata-se de pesquisa de iniciação científica do curso de psicologia da universidade UNISUAM iniciada em agosto de 2024 e término previsto para julho de 2026, tem como objetivo apontar os diferentes fazeres da psicologia na política socioeducativa nos espaços de privação de liberdade e seus entraves, explicitando-os à comunidade socioeducativa, à acadêmica e à sociedade. A pesquisa de campo será realizada no DEGASE -RJ, tendo cinco Eixos de análise. Neste resumo vamos discutir o eixo atendimento familiar realizado pela psicologia.

A abordagem utilizada é a qualitativa, com foco na realidade observada no campo, utilizando-se dos seguintes instrumentos: entrevistas, observação participante e análise documental.

A fundamentação teórica da pesquisa está sendo desenvolvida por meio da leitura crítica e fichamento de textos acadêmicos, possibilitando o aprofundamento conceitual sobre a temática. No campo empírico, destaca-se a participação no 10º Fórum Permanente de Atenção às Famílias do DEGASE, realizado na Escola de Gestão Socioeducativa Paulo Freire, com observação de rodas de conversa presenciais, além de atividades virtuais com familiares de adolescentes. Essas experiências proporcionaram aos alunos participantes da pesquisa contato direto com diferentes perspectivas sobre a relação entre famílias e o sistema socioeducativo, evidenciando os desafios enfrentados, especialmente por mulheres negras, mães solo e em situação de vulnerabilidade social. Embora o ECA e o SINASE reconheçam o papel central da família no processo socioeducativo, persistem dificuldades na efetivação de práticas que promovam a inclusão, o cuidado e a participação ativa dos familiares.

A psicologia, nesse contexto, revela-se como uma ferramenta ética de acolhimento, cuidado e resistência. Reafirma o compromisso da Psicologia com práticas que considerem a complexidade das relações familiares, contribuindo para a construção de políticas públicas mais inclusivas e para o fortalecimento da rede de apoio.

Palavras-chave: psicologia; socioeducação; família; DEGASE; direitos humanos.



Construção de um portal com e para Jovens Vivendo com HIV/AIDS

Lucas Grozima de Santana/ Luciane Stochero/ Claudia Carneiro da Cunha

Após 40 anos do despontar da epidemia de HIV e, apesar dos avanços no tratamento e prevenção, as campanhas e os cuidados voltados para os Jovens Vivendo com HIV/AIDS (JVHA) frequentemente se concentram nos aspectos biomédicos e negligenciam a saúde mental e o apoio psicológico. Desenvolvemos um portal na internet direcionado aos JVHA, que além de um dispositivo informativo digital, operasse como uma tecnologia de cuidado leve, que no campo da saúde, é definido como o cuidado integral que se dá na relação. Em 2023, realizamos entrevistas com jovens ativistas da Rede Jovem Rio+ (RJR+) para levantamento de informações sobre locais de atendimento, especialmente da saúde mental, para JVHA no Rio de Janeiro, e para o website. Posteriormente, foram levantadas informações e materiais on-line para compor o portal. A partir desses levantamentos, começamos a confeccionar o dispositivo, incorporando as contribuições e ideias dos jovens ativistas. O núcleo do portal é a Roda de Cuidado, que integra espaços de atenção nas dimensões biológica, psicológica e social na compreensão integrada da saúde física e mental. Nesse processo, evidenciou-se a importância da escolha de cada detalhe: linguagem, imagens, textos, disposição e formato das informações. Pois esses elementos influenciam o modo com que o usuário vai se sentir e se colocar frente às informações apresentadas. Durante todo o processo nos preocupamos para que os elementos do website não reforçassem estigmas e fossem fluídos na compreensão, atrativos e acolhedores. No final de 2024, os jovens da RJR+ participaram de um grupo focal para avaliar o portal. A partir das sugestões deles percebemos que esse dispositivo deve ser “vivo” e “em movimento”, sendo construído e reconstruído sempre em conjunto e em sintonia com o conhecimento dos ativistas desse campo, que fazem história e merecem uma assistência digna, pautada nos direitos humanos e de cidadania.

Palavras-chave: AIDS, Juventude, Saúde mental, Tecnologia de Cuidado

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.



Estudo de caso: avaliação psicodiagnóstica de paciente com sintomas complexos

Thaiane Azevedo Silva/ Karina Gonzaga Gonçalves/
Luccas Ribeiro Matias/ Ana Beatriz Nicoli/
Andréia Artur Ferreira dos Santos da Silva

Este trabalho apresenta um estudo de caso realizado no contexto da avaliação psicodiagnóstica da paciente P., mulher de 30 anos, atendida em clínica-escola há cinco meses. A investigação clínica foi conduzida a partir de referenciais técnicos e científicos da psicologia e do Código de Ética Profissional, considerando a escuta sensível e o acolhimento da complexidade subjetiva. O objetivo principal foi compreender o funcionamento psíquico da paciente, buscando levantar hipóteses diagnósticas e oferecer subsídios para um plano terapêutico adequado. P. chegou à clínica com diagnóstico psiquiátrico prévio de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), mas apresenta sintomas e vivências que indicam comorbidades e sofrimento psíquico multifatorial.

A metodologia incluiu entrevistas clínicas, anamnese e a indicação de testes psicológicos padronizados (BDI-II, BAI, Y-BOCS, MMPI-2, IES-R, TAT e BIS-11), em ambiente presencial. A entrevista semiestruturada e a anamnese foram fundamentais para compreender os aspectos emocionais, históricos e relacionais de P., bem como os impactos de traumas precoces e vínculos familiares disfuncionais. Foram estipuladas de 10 a 12 sessões para essa etapa avaliativa.

Os dados coletados revelaram sintomas compatíveis com TOC, Transtorno Depressivo Maior, Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno de Estresse Pós-Traumático e dificuldades relacionadas ao controle de impulsos. P. demonstra sofrimento intenso, sensação de vazio, identidade fragilizada e dificuldade em aceitar aspectos de si. Observa-se também o uso de rituais e fantasias como estratégias defensivas frente à dor emocional. As discussões apontam a necessidade de uma escuta que vá além dos rótulos diagnósticos, favorecendo a elaboração de sua história e a construção de um espaço de cuidado contínuo. O processo devolutivo será realizado presencialmente, de forma ética e empática, com foco na compreensão subjetiva e na continuidade do atendimento terapêutico.

Palavras-chave: Transtorno Obsessivo-Compulsivo; Psicodiagnóstico; Trauma Psicológico; Impulsividade; Identidade Fragilizada.



Estudo de caso: avaliação psicológica com testes objetivos em transtorno depressivo

Thaiane Azevedo Silva/ Andréia Artur Ferreira dos Santos da Silva

Este trabalho apresenta um estudo de caso de avaliação psicológica, com o objetivo de demonstrar a aplicação dos conhecimentos técnico-científicos e éticos que orientam o exercício da Psicologia, conforme o Código de Ética Profissional do Psicólogo e a Resolução CFP nº 09/2018. A avaliação buscou compreender aspectos da personalidade, identificar sinais de sofrimento psíquico relacionados à sintomatologia depressiva e analisar a percepção de suporte social da paciente, considerando como essas dimensões se articulam no seu funcionamento atual. A participante, uma mulher adulta, foi avaliada presencialmente em cinco encontros de 50 minutos, realizados em consultório. Foram utilizados a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), a Escala Baptista de Depressão - Versão Adulto (EBADEP-A) e a Escala de Percepção do Suporte Social - Versão Adulta (EPSUS-A), além de entrevistas de anamnese e devolutiva. Os resultados indicaram quadro compatível com transtorno depressivo moderado, caracterizado por vulnerabilidade emocional, passividade, baixa extroversão e elevada amabilidade. A percepção da rede de apoio social mostrou-se razoavelmente preservada, porém com dificuldades para mobilizar interações sociais. A análise destacou o impacto da rigidez cognitiva, retraimento interpessoal e baixa autoeficácia no agravamento do quadro depressivo. Este estudo reforça a importância do laudo psicológico como instrumento fundamental para a compreensão integrada do quadro clínico, possibilitando encaminhamentos adequados, como psicoterapia e avaliação psiquiátrica, e o monitoramento contínuo por meio de reavaliações periódicas.

Palavras-chave: avaliação psicológica; estudo de caso; depressão; testes objetivos; suporte social



Impactos da valorização profissional na trajetória de mulheres atuantes no telemarketing

**Thaiane Azevedo Silva/Cristhyan Rodrigues Da Silva
Katiane De Oliveira Gomes/Lizandra Raposo Guedes
Samara Oliveira Santos/Jeanne dos Santos Oliveira Marques Dantas**

Este trabalho tem como foco a investigação do reconhecimento e da valorização profissional de mulheres atuantes no setor de telemarketing, setor marcado por alta rotatividade, sobrecarga emocional e escassez de benefícios significativos. A análise se apoia em referenciais teóricos que discutem o trabalho feminino, desigualdades de gênero e saúde mental no contexto laboral, destacando como fatores estruturais e simbólicos influenciam a trajetória dessas profissionais. O estudo tem como objetivo compreender como essas mulheres percebem o reconhecimento no trabalho, quais impactos isso gera em suas vidas e quais padrões de desigualdade se revelam nas condições oferecidas pelas empresas.

A pesquisa foi realizada por meio de um formulário online e anônimo, com a participação de 44 mulheres atuantes em call centers. O questionário, composto por perguntas fechadas e abertas, foi elaborado para investigar aspectos sociodemográficos, condições laborais, benefícios recebidos, estresse ocupacional e percepções sobre valorização profissional. O ambiente de aplicação foi exclusivamente virtual e os dados foram coletados de forma voluntária.

Os resultados revelaram que a maioria das participantes é jovem, com baixa renda e pouca estabilidade no trabalho. Apesar de muitas já atuarem há mais de três anos no setor, a percepção de valorização profissional é baixa, e os níveis de estresse são elevados. A oferta de benefícios limita-se, em geral, a itens básicos, como vale transporte e alimentação, enquanto programas de saúde mental são praticamente inexistentes. Com base nos dados coletados, foram construídas reflexões sobre como a precarização impacta diretamente a autoestima, a saúde emocional e a vida pessoal dessas mulheres. O estudo aponta para a necessidade urgente de ações institucionais que promovam ambientes mais justos, saudáveis e que ofereçam reconhecimento real ao trabalho desempenhado por essas profissionais.

Palavras-chave: psicologia; telemarketing; reconhecimento profissional; saúde mental; condições de trabalho



A relação da estética e subjetividade no tratamento do câncer de mama

**Nathália Marcelino de Moura/Beatriz Araujo de Souza e Silva
Pedro Souza Antunes/ Linda Vitória Pires e Silva
Daphne Christiny Marins da Silva Sales**

Este trabalho apresenta um relato de experiência a partir do estágio obrigatório em Psicologia realizado no setor de mastologia de um hospital público geral em Niterói, com foco no acolhimento de mulheres diagnosticadas com câncer de mama. Durante o acompanhamento dessas pacientes, especialmente durante as consultas e nos espaços de escuta promovidos pela equipe, emergiram questões subjetivas que revelam a centralidade da estética nas vivências de adoecimento, enfrentamento e cuidado. Observou-se que o impacto corporal causado pelo tratamento oncológico em mulheres, principalmente a queda de cabelo, retirada da mama e cicatrizes, desencadeiam vivências de dor, preocupação, isolamento e sentimentos de não reconhecimento de si. Dessa maneira, a ruptura de uma imagem corporal, associada socialmente à feminilidade, revela perdas na dimensão simbólica e afetiva da doença, atravessando a corporeidade e colocando em questão a identidade dessas mulheres. Essa experiência, aterrada nas ideias de Judith Butler, demonstra o quanto corpos que escapam de uma certa norma socialmente construída podem ser deslocados, silenciados e afetados em sua inteligibilidade. Neste contexto, o acolhimento psicológico implicou uma escuta ativa e sensível aos modos como cada mulher experienciou seu corpo e sua história, reconhecendo também que o sofrimento não se restringe apenas ao plano físico, mas atravessa a existência em sua totalidade. Assim, ao nos apoiarmos em uma perspectiva que compreende o corpo como expressão do vivido e a vulnerabilidade como aspecto constitutivo da vida humana, a prática buscou sustentar um espaço ético de presença e reconhecimento. Portanto, ao valorizar os afetos, observações e palavras partilhadas nesses encontros, o estágio se configurou como um exercício de tessitura cuidado.

Palavras-chave: câncer de mama; estética; cuidado; subjetividade; clínica.



A flexibilidade da técnica no acolhimento de pacientes com câncer de mama

Beatriz Araujo de Souza e Silva/ Pedro Souza Antunes/
Nathalia Marcelino de Moura/ Linda Vitória Pires da Silva

Com frequência, percebemos no fazer clínico as limitações de uma mera aplicabilidade teórica distanciada do sujeito que nos dispomos a escutar, o que ameaça a sua finalidade verdadeiramente terapêutica. O aspecto vivo e humano desse setting exige que o analista saia de seu lugar distanciado e frio, relegado a fornecer meras interpretações ocasionais de um lugar de certeza rígida, com base em seus extensos estudos teóricos. É exigido um aspecto inventivo, que não precede do saber teórico, mas parte dele, demandando também um engajamento psíquico e corporal do profissional. Para pensar em um acolhimento que proporcione, como Winnicott sugere, uma sustentação, própria de um ambiente suficientemente bom, partimos da nossa vivência na equipe de estágio obrigatório no setor de mastologia de um hospital público em Niterói. No acompanhamento das consultas dessas pacientes e acolhimento oferecido pela equipe, recebemos demandas diversas que nos mostram a importância da elasticidade da técnica, como propõe Ferenczi, no artigo homônimo. Através do relato de experiência, em articulação com as fases do luto de Elisabeth Kübler-Ross e com o conceito de "tato" em Ferenczi – compreendido enquanto um "sentir com" – buscamos defender que a afetação do profissional, além de inevitável, pode proporcionar um acolhimento menos violento em casos como o do diagnóstico e tratamento de câncer de mama. Nesse processo, uma escuta e intervenções flexíveis, sem desviar dos princípios éticos da terapia, nos permite acolher estados de desorganização, raiva, depressão, negação e repetição de padrões como parte da elaboração do luto. Portanto, frequentemente, é preciso abdicar de uma posição de saber ulterior cuja finalidade interpretativa é imperiosa. Logo, trata-se de não oferecer garantias, mas dispor de nossa presença, sentir, escutar e sustentar os sentimentos a nós direcionados, numa aposta de tecer o cuidado em conjunto com as pacientes.

Palavras-chave: psicanálise; trauma; técnica analítica; flexibilidade; clínica



A parentalidade aos olhos do judiciário: vigilância à mãe, permissividade ao pai

Yuri Affonso Marques Corrêa/ Fernanda Bottari Lobão dos Santos

O presente trabalho se desenvolve a partir da experiência do autor como estagiário na equipe técnica da II Vara da Infância e Juventude Protetiva do Rio de Janeiro (II VIJP). Ao longo de dois anos de estágio, apesar da singularidade de cada caso atendido, foi possível observar um padrão frequente: o cuidado às crianças e adolescentes sendo exercido majoritariamente por mulheres - principalmente mães. A figura feminina foi construída sobre histórica e socialmente como única detentora da função de cuidadora do lar, sendo encarregada e principal aliada do Estado na responsabilidade com as crianças. Concomitantemente, a maternidade foi - e ainda é - utilizada como forma de disciplinarização e controle dos corpos femininos. A partir dessa ocupação - e função social - exercida pela figura feminina, pretende-se discutir a posição que o homem ocupa na família heteronormativa e o lugar da paternidade na atribuição das obrigações com seu filho. Ao passo em que ao pai é facultado o direito de se ausentar das responsabilidades de cuidado, à mãe, no modelo atual de família, consolidado no século XX, resta assumir a função de dupla jornada de trabalho. Assim sendo, em muitas famílias no tempo presente a mulher-mãe acaba necessitando depender também de responsabilidades laborais ao passo em que assume os cuidados com a casa e a prole sozinha, com divisão ínfima ou nula com a figura masculina. Diante disso, o objetivo do trabalho gira em torno de questionar qual o papel da psicologia dentro da equipe técnica da VIJP, como podem ser buscadas estratégias para que essas mulheres-mães possam ser consideradas sujeitos para além da maternidade, bem como as possibilidades para que sejam cobradas obrigações parentais para a figura paterna, de modo que a mulher-mãe não exerça o papel dobrado.

Palavras-chave: psicologia jurídica; maternidades; cuidado; infância e juventude; sistema judiciário.

Eixo sugerido: Práticas na formação em Psicologia: Produções e reflexões acadêmicas, de estágio, extensão ou pesquisa nas diversas áreas da Psicologia.



Em nome do pai: culpa como sintoma na psicose

Bernardo de Camanho Esteves/ Fernando Ribeiro Tenório

Este artigo foi desenvolvido a partir da vivência de estágio no Projeto Despertar, realizado no Núcleo de Saúde Mental Casa Verde, e tem como objetivo refletir, sob uma perspectiva psicanalítica, a articulação entre psicose, religião e uso abusivo de álcool, a partir da análise de um caso clínico. Orientado pela escopo teórico da psicanálise, bem como pelos princípios do Código de Ética Profissional do Psicólogo, os grupos terapêuticos realizados dentro do espaço do Casa Verde, com participação de diversos pacientes, possibilitaram tanto um maior conhecimento acerca da intercessão da clínica das psicoses com o campo de álcool e outras drogas, quanto o encontro com o caso clínico avaliado. Além da presença nos grupos, a busca de bases teóricas para pensar o caso foram essenciais. A partir do processo de trabalho, bem como da revisão textual, foi possível argumentar que a religião tem um papel central na psicose do paciente, sendo formativa dos delírios psicóticos, mas também aparecendo como mecanismo de alívio da culpa imposta pela vivência religiosa neste caso. A hipótese é de que o significante do nome-do-pai foracluído se funde ao papel simbólico de um pai propriamente dito, impondo, dessa forma, a castração à qual o sujeito psicótico resiste. Foi possível, portanto, inferir que, no caso analisado, o intolerável sejam representações da própria religião na qual o paciente se insere, resultando na foraclusão do nome-do-pai que reside no cerne da psicose. A proposta é abrir espaço para que o campo da psicologia, especialmente em sua vertente clínica, reconheça a complexidade das vivências religiosas e sua função na constituição subjetiva de sujeitos psicóticos. Com isso, reafirma-se a importância de uma escuta ética, singular e atravessada pela cultura, que leve em conta os marcadores simbólicos e afetivos presentes na relação entre sofrimento psíquico e espiritualidade.

Palavras-chave: psicose; psicanálise; religião; álcool e outras drogas; saúde mental.



As Possibilidades de Acolhimento ao Cuidador de Pacientes Internados

Victória Piller de Araujo/ Flávia Franciny Costa Rojas

Este trabalho retrata a experiência de estágio em psicologia em um Hospital de Urgência e Emergência no município do Rio de Janeiro, cujas práticas foram embasadas na leitura de textos acadêmicos e enriquecidas por discussões em supervisão. Nesse contexto, a atuação em enfermarias tornou possível constatar que a família desempenha um papel fundamental na construção do cuidado ao paciente, mas que os cuidadores familiares podem ser levados a negligenciar a própria saúde e se tornarem “pacientes invisíveis” no ambiente hospitalar. O cuidador comumente é um familiar com proximidade ao paciente, que o acompanha durante o período de internação, além de acumular tarefas e responsabilidades que vão desde aspectos práticos, como alimentação e medicação, até o suporte emocional. Essas tarefas tendem a serem vistas como uma forma de amor e retribuição ao ente querido adoecido, mas também podem representar um fardo e obrigação. As responsabilidades atreladas ao cuidado, somadas a necessidades de ordem financeira, podem resultar em sobrecarga física e emocional, já que o processo de adoecimento impõe mudanças não apenas para o paciente, mas também afetam a dinâmica familiar e a saúde das pessoas que exercem o cuidado rotineiramente. Assim, o cuidador pode ter que abdicar de atividades e interesses pessoais relacionados, por exemplo, à carreira e ao lazer, em prol da dedicação ao paciente. Essa renúncia pode ser vivenciada de maneira silenciosa e solitária e gerar sentimentos de culpa e raiva. Dessa forma, é essencial que o psicólogo ofereça aos cuidadores de pacientes enfermos um espaço próprio em que consigam externalizar tais conjecturas sem a preocupação de serem julgados, além de os auxiliarem na busca do cuidado compartilhado a fim de aliviar a sobrecarga individualizada e ajudar no restabelecimento de sua confiança.

Palavras-chave: Cuidador; Acolhimento; Familiar; Psicologia Hospitalar



O Desenrolar do Luto em uma Amputação e o Papel da Psicologia

Victória Piller de Araujo/ Flávia Franciny Costa Rojas

Este resumo retrata a experiência de estágio em um Hospital de Urgência e Emergência no município do Rio de Janeiro. A partir da leitura bibliográfica e vivências no estágio foi possível contextualizar a amputação como um evento de grande impacto físico e emocional para o paciente. É evidenciado que a perda de um membro acometido se assemelha a perda de um ente querido. Desse modo, o indivíduo, na elaboração de seu luto, pode vivenciar sentimentos de negação, raiva e tristeza. Além de sentimentos relacionados a mudança de sua imagem corporal, bem como a perda de autonomia e estigma social. Assim, a elaboração do luto é fundamental para que o sujeito possa reconstruir sua identidade corporal e reorganizar sua vida. Esse é um processo que envolve diversos fatores, como o suporte familiar, o nível da amputação, a participação ativa do paciente e o manejo da equipe. A atuação da psicologia nessa circunstância pode proporcionar um espaço de escuta ativa e acolhedora, que ajude o paciente a ressignificar a perda física e simbólica bem como a desenvolver estratégias de enfrentamento. O acompanhamento psicológico pode ser uma ferramenta importante na elaboração do luto, assim como em todo o processo de internação, podendo ser realizado pré e pós operatória, ao validar os sofrimentos e sentimentos compartilhados pelo paciente, estimular sua autonomia e ao favorecer a construção de sua nova realidade.

Palavras-chave: Luto; Amputação; Hospital; Psicologia Hospitalar



Grupo de Mulheres e Mães: Escutas da Maternidade no Cotidiano de Mulheres

Sonia dos Santos Goães¹ / Crhystiane da Matta Belo da Rocha² /
Mariana³ / Emily Lopes Maciel⁴ / Cristal Oliveira Moniz de Aragão⁵ /
Valéria Ferreira Romano⁶ / Francisca Ramilly Rodrigues Roza⁷

O projeto “Grupo de Mulheres e Mães” é uma iniciativa desenvolvida na Clínica da Família SMS CMS Eliza Abrantes (AP 3.2), que visa promover saúde mental e fortalecimento coletivo e emocional de mulheres, especialmente mães, em contexto de vulnerabilidade social. A proposta surgiu da escuta de demandas subjetivas no cotidiano da unidade e é conduzida por estudantes de Psicologia em estágio e extensão, com supervisão da psicóloga da clínica e acadêmica. Com encontros quinzenais de 1h30, o grupo se estrutura a partir de rodas de conversa, oficinas reflexivas e dinâmicas de integração. As oficinas têm sido um ponto central da metodologia, possibilitando momentos de expressão simbólica, elaboração emocional e reflexão crítica a partir de temas como identidade, maternidade real, autocuidado e redes de apoio. As atividades propostas: reflexão conjunta, como escrita de cartas, construção de linha do tempo pessoal e uso de espelhos afetivos, têm promovido escuta ativa, partilha sensível e fortalecimento do senso de pertencimento. Observa-se, ao longo do processo, o surgimento de vínculos entre as participantes, maior abertura emocional e reconhecimento do grupo como espaço legítimo de cuidado. O projeto ancora-se nos referenciais da Psicologia Comunitária e da educação popular freiriana, entendendo a escuta como prática ética, clínica e política. Ao valorizar o saber da experiência e a construção coletiva do conhecimento, o grupo reafirma a potência dos encontros afetivos no território como dispositivos de cuidado em saúde pública.

Palavras-chave: maternidade; oficinas terapêuticas; saúde mental; clínica da família; psicologia comunitária.

Fonte financiadora do trabalho: PIBIAC e PROFAEX – Programas de Iniciação Científica e Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1 UFRJ

2 UFRJ

3 FRASCE

4 UFRJ

5 UFRJ

6 UFRJ

7 Psicóloga da Clínica da Família CMS Eliza Abrantes



Adolescentes em situação de rua e Atenção Psicossocial: um relato de experiência

Adilson Junior de Campos Silva/ Viviane Tinoco Martins

O presente trabalho visa apresentar uma interlocução entre a experiência do autor enquanto estagiário em um CAPSi II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, e algumas reflexões sobre o cuidado em saúde mental, com ênfase na atenção à População em Situação de Rua, à luz dos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira e da atual Política Nacional de Saúde Mental. A escolha do tema emergiu a partir da prática no campo de estágio, em um CAPSi universitário, quando a recorrente demanda de atendimento por parte de adolescentes em situação de rua suscitou questionamentos e observações sobre o cuidado ofertado a esse público. Trata-se, portanto, de um relato de natureza qualitativa, com caráter descritivo-reflexivo. Considerando que a interface entre a rua e a saúde mental acentua vulnerabilidades e, por conseguinte, dificulta a efetivação do direito à saúde, esta escrita tem como objetivo refletir sobre a formação profissional e sua construção prática, buscando lançar luz sobre eventuais lacunas, tensionar práticas estabelecidas e propor diálogos. Nesse movimento, aposta-se em um cuidado ético e não tutelar, que reconheça a autonomia de cada sujeito frente ao seu sofrimento psíquico, evitando a lógica do Saber-Poder e investindo na construção conjunta do cuidado.

Palavras-chave: população em situação de rua; saúde mental; Reforma Psiquiátrica Brasileira; CAPSi.



Escolher é existir: reflexões a partir de uma experiência de orientação profissional

Isis Sena Lino/ Ana Paula Lima do Nascimento/
Lídia Fernanda Campos da Costa/ Marcelle Alves dos Santos Elias/
Ulisses de Souza Lima/ Gisela Chicralla

Estudos indicam que cerca de 59% dos estudantes que ingressam no ensino superior abandonam seus cursos, muitas vezes por terem feito escolhas profissionais precoces e sem reflexão adequada. Diante disso, o presente trabalho apresenta reflexões sobre uma atividade realizada no contexto do projeto de extensão da disciplina Orientação Profissional, parte da formação em Psicologia. A proposta foi conduzida por estudantes da graduação, sob supervisão docente, ao longo de um semestre letivo. A intervenção ocorreu presencialmente, por meio de dois encontros com um grupo de sete jovens mulheres frequentadoras de uma instituição religiosa. O objetivo foi criar um espaço acolhedor de escuta, autoconhecimento e informação. Como método, utilizaram-se dinâmicas, atividades escritas e rodas de conversa para estimular reflexões sobre interesses, valores, influências externas e construção de sentido. Como resultados, mesmo considerando o período breve, foi possível perceber a formação de vínculos e a identificação de traços dos perfis e aptidões de cada participante, além da promoção de um diálogo aberto sobre futuro e escolhas. As adolescentes expressaram inseguranças e pressões, além de dúvidas objetivas sobre vestibulares, concursos e profissões. A escuta qualificada permitiu aos estudantes ajustar a linguagem às realidades do grupo, exercitando sensibilidade e atenção à singularidade. A experiência reforçou a potência das práticas breves e ressaltou o papel da Psicologia na construção de espaços que respeitem o tempo, a subjetividade e as condições concretas dos jovens diante de escolhas profissionais tão marcadas por fatores sociais, familiares e emocionais.

Palavras-chave: orientação profissional; adolescência; escuta clínica; vulnerabilidade socioeconômica; vínculo.



“Quem sabe faz a Hora”: imprensa negra e o discurso racial brasileiro

Júlia Fernandes da Silva/ Hildeberto Vieira Martins

O presente trabalho objetiva o estudo dos movimentos negros no estado do Rio de Janeiro, em especial a União Cultural dos Homens de Cor (UCHC) a fim de analisar as suas contribuições para o debate da questão racial brasileira a partir da leitura dos principais jornais cariocas que circulavam na época pesquisada. Privilegiamos os debates presentes na “imprensa negra” durante as décadas de 1930 a 1960, em concomitância ao pensamento patologizante presente em determinados trabalhos de cunho psicológico em relação ao negro brasileiro.

A pesquisa documental foi realizada a partir do site da Biblioteca Nacional e do acervo digital do Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros. Além disso, também utilizamos da pesquisa bibliográfica, com fontes primárias e secundárias.

Tomamos a trajetória pessoal e política de José Pompílio da Hora, presidente da UCHC no início da década de 1950, como um paradigma da concretização dos efeitos do racismo nesse período. Pompílio foi uma figura presente em diversos âmbitos do movimento negro mas é pouco lembrado em comparação a outros personagens. O esquecimento de Pompílio demonstra a inexistência de neutralidade das narrativas hegemônicas, que seleciona quem faz ou não parte da história oficial. De forma semelhante, a psicologia não é neutra, perpetuando ideias cristalizadas, racistas, que não contemplam a maior parte da população brasileira.

Historicamente, diversas áreas da psicologia não tem se preocupado em repensar a história do movimento negro e a sua contribuição para a compreensão dos efeitos subjetivos do racismo sobre a população negra, impactando diretamente nas práticas em Psicologia. Pretendemos com este trabalho, que se encontra em andamento, propor alguns questionamentos que perpassam pela constituição do discurso racial brasileiro e quais personagens e narrativas foram ‘escolhidas’ pela História, reafirmando que na construção de uma psicologia brasileira antirracista é essencial a valorização de debates que vêm sendo produzidos no Brasil.

Palavras-chave: movimento negro; imprensa negra; José Pompílio da Hora; raça; psicologia.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.



Estágio em Políticas Públicas na formação em Psicologia: reflexões ético-políticas

Izabela de Castro Ferreira Saraiva/ Cristiane Rosa Xavier/
Maiara Leite Dores Leal/ Natalia de Oliveira Graciani/
Sérgio Henrique Izidio da Silva/ Taiane Corrêa de Moraes

O presente trabalho apresenta reflexões acadêmicas sobre a relevância ético-política de um estágio em políticas públicas durante a graduação em Psicologia. Tendo como campo de experiência um estágio curricular do Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá, Campus Resende/RJ, estagiárias da graduação são inseridas desde o primeiro semestre de 2024 nos equipamentos do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) do município de Resende, interior do estado do Rio de Janeiro. A interface Psicologia e Políticas Públicas questiona o acesso histórico da população à profissão e à atuação da Psicologia, bem como propicia aos estudantes a vivência em equipes interdisciplinares em um trabalho em rede, analisando relações de poder e contextualizando o que seria o cuidado nesses diferentes campos de atuação. Acompanhadas por supervisores voluntários de campo e com covisão (supervisão compartilhada) coletiva realizada na Universidade, o estágio reflete sobre a quebra de paradigmas tradicionais da maneira como a ciência e profissão Psicologia se apresenta diante de questões do campo social, bem como interrogam, no encontro de estagiárias inseridas em diferentes equipamentos, as funções atribuídas ao psicólogo. Na afirmação de toda Psicologia como política e como social, questionamos o que pode um estágio em Políticas Públicas na formação em Psicologia, mas também sobre o que pode a Psicologia nas Políticas Públicas. O contínuo aprimoramento profissional convoca estagiárias a perceber a importância do conhecimento da legislação que circunscreve o campo de atuação, e de documentos que regem as políticas de saúde e assistência social, para produção de reflexões e de práticas baseadas nos princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do Psicólogo. Na formação, um estágio em Políticas Públicas propicia aos estudantes a experiência de se aproximar das potencialidades e dos desafios da Psicologia na afirmação cotidiana da democracia.

Palavras-chave: psicologia; formação; políticas públicas; saúde; assistência social.



Interloquções plurais: leituras que aquilombam

Izabela de Castro Ferreira Saraiva/ Iara Maria de Farias/
Bruna de Almeida Pereira/ Karine Silva Pinto Ferreira e Souza/
Taiane Corrêa de Moraes

Em acordo ao compromisso social demandado pelo exercício ético da Psicologia, o presente trabalho ressalta o caráter construtivo do grupo de pesquisa e leitura Interloquções Plurais. O grupo visa promover leituras acerca de temáticas contemporâneas, tais como racismo, sexismo, luta antimanicomial, dentre outras, tendo em vista o caráter político e social da formação em Psicologia. Interloquções plurais originou-se do encontro de professoras e alunas que juntas se comprometeram a pensar o fazer ético da Psicologia mediante as estruturas societárias da contemporaneidade. Desse modo, o coletivo visa contribuir para a compreensão da Psicologia como ciência e profissão em prol da transformação social. O escopo teórico do grupo conta com bibliografias de viés contracolonial, com uso da interseccionalidade como ferramenta analítica. Os encontros acontecem nas modalidades presencial e virtual, conforme as demandas mensais, nos quais as participantes discutem a articulação das bibliografias estudadas em consonância às temáticas sociais abarcadas pela diversidade da existência. Isso posto, constata-se que um grupo de estudos, cujo intento é fomentar a pesquisa acerca da diversidade humana, a partir de bases interseccionais, antirracistas, antissexistas e de viés contracolonial, na região do Sul Fluminense, se alinha aos princípios do Código de Ética ao ter como alicerce investigativo o compromisso com uma formação acadêmica engajada em promover qualidade de vida. Ademais, constata-se ainda que a leitura como elo basal repercute ainda o fortalecimento social ao promover a potencialização de aquilombamentos.

Palavras-chave: psicologia; ética; pesquisa; grupo de leitura.



Experiência de estágio acadêmico em Psicologia Perinatal na Maternidade Escola da UFRJ

**Geovanna Gonçalves Cerqueira Santos/
Jessica Barbosa do Nascimento Viana/ Ana Cristina Barros da Cunha**

A experiência do estágio em pesquisa é uma das diversas práticas da Psicologia que pode ser vivenciada na graduação, permitindo um olhar amplo desse campo. Com atuação na Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ME/UFRJ, o Laboratório de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Desenvolvimento e Saúde (LEPIDS) realiza o acompanhamento de mães e bebês, visando analisar a saúde mental materna e o desenvolvimento infantil das crianças nascidas na ME/UFRJ. O acompanhamento é realizado presencialmente com aplicação de escalas como a Depression, Anxiety and Stress Scale (DASS - 21) e o Battelle Developmental Inventory - 2nd Edition (BDI - 2). É crucial enfatizar o perfil sociodemográfico do público que acessa esse serviço, pois a atividade de estágio acadêmico não é apenas o ato de coletar dados, é também fornecer acolhimento e escuta. Considerando que a ME/UFRJ é uma instituição pública e atende usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), onde há a predominância de famílias de classes sociais menos favorecidas com grande número de mães trabalhadoras, é importante incluir a análise de fatores sociais no manejo da escuta deste público a fim de se criar vínculos com a criança e trocas interativas com as famílias. A partir da experiência de estágio evidencia-se a necessidade de se adotar uma postura empática, que vai além da aplicação de instrumentos de avaliação psicológica, reforçando, assim, a importância de se produzir evidências científicas para subsidiar cuidados mais humanizados e promotores da saúde integral. Atuar nesse serviço, pesquisando o campo da saúde materno-infantil, proporciona a articulação entre teoria e prática, pautada em referenciais éticos e científicos e priorizando o respeito à singularidade de cada participante. Assim, a experiência contribui para uma formação profissional crítica e comprometida com a realidade hospitalar.

Palavras-chave: experiência de estágio; estágio em pesquisa; saúde materno-infantil; fatores sociais; psicologia perinatal.

Fonte financiadora do trabalho: PIBIC CNPq UFRJ.



“Violência nas Redes”: Diálogo com pais de adolescentes sobre violência nas redes sociais

Quézia Wanny Zeferino Carvalho/ Caroline de Souza Carvalho/
Glaucya de Oliveira Freitas/ Maryana Galvão da Silva/
Pierre Alcântara Silva/ Johnny Clayton Fonseca da Silva

O debate sobre violências nas redes sociais tem sido crescente e relevante, especialmente ao se tratar do uso por adolescentes que ficam expostos aos diversos discursos de ódio e comportamentos violentos do universo online. O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões a partir de uma atividade extensionista do projeto “Tecnologias, Redes Sociais e Violência”, denominada de “Violência nas Redes”. A atividade foi realizada no 1º semestre de 2025, no Centro de Treinamento do Flamengo, tendo como público-alvo responsáveis de adolescentes atletas dos times de base do clube, das categorias denominadas sub-14 e sub-12. A atividade constou de uma palestra abordando o conceito de violência e suas características; a violência e suas dimensões sociais, históricas e políticas; as violências nas redes sociais e suas principais expressões, além de recomendações sobre uso não-violento das redes sociais e o papel de pais e responsáveis nesse processo. Após isto, um debate direcionou o restante da ação, com a participação da equipe do Centro de Treinamento. As discussões em torno do tema apontaram para a importância da participação das famílias na elaboração de políticas públicas de educação digital; do acompanhamento dialogal com filhos; da cooperação institucional e intersetorial (seja nas escolas, clubes, etc.) e da relevância da cultura da paz que aborde os temas de diversidades de gênero, raça, orientação sexual, região, religião, entre outros modos de ser sujeito.

Palavras-chave: redes sociais; violência; adolescentes; diversidade.



Os Impactos Psicológicos do Trabalho Sexual em Mulheres

**Andrezza do Monte Guedes/ Beatriz Loureiro da Fonseca/
Camila Pastoriza Jácomo/Cauãni Vitória Ramos Martins Bizzi/
Giovanna Vantil Machado/ José Daniel Mendes Barcelos** (Orientador)

O presente estudo aborda os impactos psicológicos do trabalho sexual em mulheres, baseado em fundamentos da Psicologia do Trabalho. Considerando a invisibilidade institucional e o estigma social que recaem sobre essa atividade, buscou-se compreender como essas condições afetam a saúde mental das profissionais. Partiu-se da premissa de que o sofrimento psíquico não está restrito às condições objetivas da atividade laboral, mas também à forma como ela é vivida, significada e reconhecida socialmente. O objetivo principal foi analisar os efeitos subjetivos do trabalho sexual sobre a vida psíquica das mulheres que o exercem, reconhecendo suas singularidades, vulnerabilidades e estratégias de enfrentamento. A produção dos dados ocorreu por meio de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, através de um questionário online, com 23 mulheres que atuam como trabalhadoras do sexo. As informações foram coletadas de forma voluntária, anônima e precedida do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, não se enquadrando na obrigatoriedade de submissão ao Comitê de Ética. Foram utilizadas perguntas abertas e fechadas sobre aspectos emocionais, sociais e profissionais relacionados à prática do trabalho sexual. A análise dos dados foi orientada por referenciais da psicodinâmica, com atenção à subjetividade e às experiências afetivas relatadas. Os resultados evidenciaram altos índices de sofrimento emocional, com prevalência de sintomas de ansiedade, depressão, estresse e baixa autoestima. Foi identificada uma vivência ambígua do trabalho, marcada por sentimentos contraditórios. Também emergiram relatos sobre a importância do apoio entre pares, a necessidade de escuta psicológica livre de julgamentos e o impacto da violência simbólica e institucional. O estudo permitiu refletir sobre a urgência de políticas públicas inclusivas e de práticas clínicas éticas, que reconheçam essas mulheres como sujeitas de direitos e dignas de cuidado integral.

Palavras-chave: sofrimento psíquico; estigma; psicodinâmica do trabalho; trabalho sexual; saúde mental.



A escrita de documentos psicológicos no sistema socioeducativo

**Aparecida Santos de Souza/ Claudia Oliveira Mendonça Ribeiro/
Ester Ferreira Bittencourt/Juraci Brito da Silva/
Márcio de Oliveira Santos/ Maria Eduarda Bicaco Mattos de Souza**

Este resumo refere-se a pesquisa de iniciação científica do curso de psicologia da universidade UNISUAM iniciada em agosto de 2024 e término previsto para julho de 2026, tendo por objetivo apontar os diferentes fazeres da psicologia na política socioeducativa nos espaços de privação de liberdade e seus entraves, explicitando-os à comunidade socioeducativa, à acadêmica e à sociedade. A pesquisa de campo será realizada no DEGASE -RJ, organizada em cinco Eixos de análise. Pretendemos apresentar breve reflexão a respeito da escrita de documentos psicológicos entre 1994 e 2024. O estudo encontra-se na fase de levantamento bibliográfico e análise de teses e artigos científicos que fundamentam a compreensão da política socioeducativa e, principalmente, no que tange os processos de análise documental. As atividades da pesquisa além da discussão dos referenciais teóricos são realizadas participação em palestras e eventos acadêmicos sempre orientados por professores. Durante o processo de organização para entrada em campo, deparamo-nos com entraves significativos relacionados ao acesso aos documentos psicológicos os quais encontram-se em arquivos do DEGA-SE-RJ. Tal cenário levou à reflexão da recalcitrância institucional, conceito da Teoria Ator-Rede proposta pelo sociólogo francês Bruno Latour, compreendida como a resistência da instituição em permitir o acesso a determinadas informações, especialmente, aquelas que possam expor aspectos sensíveis de sua prática. Essa barreira tem exigido do grupo de pesquisa uma postura ética, cuidadosa e reflexiva, considerando os limites e condições de acesso aos dados, configurando-se como um campo de análise crítica sobre os desafios metodológicos enfrentados por pesquisadores que atuam em contextos de privação de liberdade. O enfrentamento dessas dificuldades tem sido norteado pelo compromisso ético e pela busca de estratégias que possibilitem a continuidade da pesquisa de forma responsável.

Palavras-chave: documentos psicológicos; socioeducação; iniciação científica.



O teatro do oprimido como ferramenta política em saúde mental

**Ester Borges de Matos/ Karla Soares Pereira Valviessa/ Viviani Pires da Costa/
Luiza Katriny Rocha Ramos**

O presente trabalho discute a articulação entre psicologia, política e técnicas utilizadas no Teatro Oprimido, de Augusto Boal, na discussão de alguns estigmas relacionados à Doença de Parkinson (DP), uma condição neurodegenerativa progressiva que afeta principalmente o controle dos movimentos, ocasionando tremores e dificuldades motoras, mas também sintomas não motores, como depressão, ansiedade e alterações cognitivas, que podem ser menos evidentes, mas igualmente impactantes. O trabalho foi conduzido pela Psicologia em equipe multidisciplinar, no Grupo de Estudos na Doença de Parkinson (GEDOPA), espaço de assistência, pesquisa e extensão do Instituto de Neurologia Deolindo Couto (INDC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que atende, através do SUS, pacientes diagnosticados com a DP e outras questões de base neurológica. A oficina trabalhou a partir de relatos de usuários do serviço na criação de cenas cotidianas de opressão a serem representadas por eles, sempre a partir do Modelo Social da Deficiência, ou seja, tomando em conta a questão da deficiência como uma construção social, resultado da interação entre a pessoa e o ambiente físico e humano, nem sempre devidamente estruturados para isto. Na oficina, o exercício de atuação ativa permitiu a criação e experimentação de atividades-problematizadoras através dos dispositivos criados coletivamente com os usuários no lugar de atores, protagonistas de sua própria realidade. Isto promoveu a discussão frente às cenas de violência e preconceito social efetivamente vividas por eles, bem como a inclusão dos cuidadores desses usuários na questão, e a problematização acerca das leis que protegem e garantem a participação social de pessoas com deficiência. Através da encenação orientada pela escuta das vivências dos usuários e pela metodologia teatral de Boal, buscou-se, sobretudo, compor uma prática em saúde mental que se orienta na transformação social através da análise e superação de relações de opressão.

Palavras-chave: teatro do oprimido; estudos da deficiência.



Psicologia com Voz: Subjetividades, Direitos Humanos e Posicionamento Ético

Leticia Janine Simões Tavares

Este relato de experiência parte de um atendimento único realizado em uma clínica social, como parte do estágio supervisionado em Psicologia. A proposta deste trabalho é enfatizar a importância do psicólogo na atuação clínica e conscientizar sobre o compromisso ético e político que envolve essa prática, especialmente quando realizada com sujeitos atravessados por sofrimentos causados por racismo, sexismo, homofobia e exclusão social.

A escuta, nesse contexto revela-se mais do que técnica: é um gesto ético, um cuidado ativo e uma escolha de posicionamento. O sofrimento que chega à clínica social não pode ser compreendido de forma isolada, pois ele carrega marcas de desigualdades históricas e estruturais. Reconhecer essas marcas é o que torna a atuação do psicólogo responsável e verdadeiramente transformadora.

Inspirado em autores como Lélia Gonzalez, Frantz Fanon, Christian Dunker e Vladimir Safatle, este trabalho defende que a prática clínica deve romper com a ideia de neutralidade e se comprometer com os direitos humanos. Ser psicólogo, nesse cenário, é escutar com presença, validar histórias silenciadas e contribuir para que o sujeito reconstrua sua trajetória com dignidade e pertencimento.

A escuta ética precisa ser sensível às múltiplas formas de exclusão e violência que geram muito sofrimento. O psicólogo precisa utilizar sua prática para apoiar a resistência de quem foi historicamente colocado à margem. Assim, este trabalho também convida à reflexão: é preciso ocupar espaços com consciência crítica e responsabilidade social, promovendo saúde, cidadania e justiça e que contribua para que o sujeito encontre caminhos de enfrentamento e reconstrução de si.

Palavras-chave: Clínica social; responsabilidade social; Direitos humanos.

Fonte financiadora do trabalho: Sem financiamento



O corpo em foco: Impactos psicossociais do tratamento hemodialítico em pacientes com Doença Renal Crônica

Beatriz da Rocha Gomes da Silva/ Lilian Maria Borges

A Doença Renal Crônica e a hemodiálise exercem impacto sobre o corpo do indivíduo, o que tende a afetar suas vivências no processo de adoecimento e impor transformações que vão além do tratamento em si. As representações construídas sobre o próprio corpo e as marcas deixadas pelo tratamento influenciam respostas emocionais e comportamentais às mudanças vivenciadas. Diante desse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo compreender os impactos psicossociais referentes às mudanças corporais que pessoas com Doença Renal Crônica vivenciam em decorrência do adoecimento e do tratamento hemodialítico. A metodologia adotada foi de caráter qualitativo e descritivo, com escuta, registro e análise dos relatos de seis pacientes com esse diagnóstico a partir de entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicaram que as alterações corporais decorrentes da Doença Renal Crônica e do tratamento hemodialítico afetam a autoimagem, a autoestima, a sexualidade e as relações interpessoais dos pacientes, gerando sentimentos de estranhamento, vergonha, desconexão com o próprio corpo e, em alguns casos, isolamento social. A fístula arteriovenosa destacou-se como um importante marcador simbólico da doença, associada a inseguranças e exposição. A relação com a máquina de hemodiálise revelou sentimentos ambivalentes, mesclando gratidão pela manutenção da vida e sofrimento diante da rotina exaustiva do tratamento. Estratégias de enfrentamento, como busca de suporte familiar, estratégias religiosas e acompanhamento psicológico, mostraram-se fundamentais no processo de adaptação ao adoecimento. Conclui-se que as ressignificações derivadas da Doença Renal Crônica e do seu tratamento geram repercussões psicossociais significativas, impactando a subjetividade e as relações interpessoais dos pacientes.

Palavras-chave: Doença Renal Crônica; Hemodiálise; Impacto Psicossocial.

CAAE: 85274324.4.0000.0311



Impactos psicossociais na vivência do câncer de mama: entre limitações e possibilidades

Maria Eduarda Paredes Gomes da Silva/ Lilian Maria Borges

O diagnóstico de câncer de mama e seu tratamento acarretam impactos biopsicossociais, que afetam o corpo e a rotina da mulher, além de provocarem mudanças emocionais, na identidade e socioeconômicas. As reflexões sobre a vida e a finitude costumam se fortalecer durante o curso da doença e podem influenciar suas atitudes em relação à saúde, ao trabalho, às relações interpessoais, à sexualidade e à autoimagem. A identidade feminina ligada à mama como símbolo de feminilidade, beleza e maternidade tende a ser afetada em caso de mastectomia. Por outro lado, a experiência de ter uma doença grave pode também levar a uma revisão do estilo de vida e favorecer uma reconfiguração das relações da mulher consigo mesma, com os outros e com o mundo. Este estudo, de natureza qualitativa e exploratória, investigou os impactos psicossociais do câncer de mama, verificando as percepções de mulheres com esse diagnóstico sobre as limitações e possibilidades associadas ao adoecimento. Para tanto, foi realizado um grupo focal com dez mulheres, em diferentes fases de evolução da doença. Embora os aspectos negativos do câncer, como dor e sofrimento, tenham sido ressaltados, foi importante considerar ainda possíveis mudanças positivas na vida das pacientes, sobretudo em relação à ressignificação da vida e o fortalecimento de vínculos. Reconhecer essas diferentes nuances do adoecimento pode ajudar profissionais de saúde a desenvolverem programas de intervenção que valorizem as diversas maneiras de vivenciar e significar esse complexo processo.

Palavras-chave: câncer de mama; impacto psicossocial; mulheres.



Cuidar de Quem Cuida: Sofrimento nas Estratégias Saúde da Família de Seropédica

Ester Cunha Batista Regato/ Nathália de Moura Santana/
Yasmin Gonçalves Façanha/ Fabrícia Vellasquez Paiva/
Joelma Coutinho de Freitas Souto

O presente trabalho apresenta a experiência de três integrantes do grupo 4 do projeto de extensão PET-Saúde/Equidade, vinculado à UFRRJ e coordenado por Fabrícia Vellasquez, cuja temática envolve a saúde mental das trabalhadoras da saúde no município de Seropédica, com a proposição de ações em duas Estratégias Saúde da Família (ESF). Trata-se de um projeto interdisciplinar desenvolvido pelo Ministério da Saúde, com base na Lei Orgânica da Saúde (Lei 8.080/1990), que, em seus artigos 6º e 13, estabelece a Saúde do Trabalhador como uma atribuição do SUS. No primeiro semestre de 2025, as estudantes vêm realizando articulações com profissionais das duas unidades com o objetivo de identificar e intervir em situações de sofrimento psíquico e adoecimento relacionados às condições laborais. Este resumo destaca as propostas construídas, os desafios enfrentados no território e o sofrimento manifestado especialmente por Agentes Comunitárias de Saúde. A dificuldade de escuta ativa nas unidades e a recusa recente das trabalhadoras em seguir colaborando com o projeto provocaram reflexões à luz de Dejours (2011), particularmente sobre os mecanismos de defesa organizados diante da percepção do próprio sofrimento. As reações defensivas observadas, como a negação e o fechamento ao diálogo, revelam o quanto a possibilidade de ser cuidado, no lugar de quem tradicionalmente cuida, gera estranhamento e resistência. Isso indica que o reconhecimento do sofrimento tende a ser recalcado em contextos de vínculos trabalhistas precarizados, retardando transformações possíveis no ambiente de trabalho. A experiência evidenciou não apenas a profundidade do sofrimento laboral nas ESF's, mas também as barreiras institucionais que dificultam intervenções nesse campo, apontando para a urgência de políticas públicas mais eficazes na proteção das trabalhadoras da saúde. Assim, o estudo configura-se como denúncia da invisibilidade desse sofrimento e como uma oportunidade de fomentar mudanças estruturais em defesa do cuidado de quem cuida.

Palavras-chave: sofrimento; trabalho; saúde.

Fonte financiadora do trabalho: PET Saúde/ Equidade 2024



Pesquisa e Extensão Universitária: Diálogos Entre Psicologia e Educação Popular

**Bruna da Silva Cruz/ Livia Scanzi Viana/
Ariana Ribeiro de Jesus/ Rodrigo Romano Conceição/
Clara Azevedo de Almeida/ Luciana Ferreira Barcellos**

O projeto de pesquisa e extensão “Psicologia Sócio-Histórico-Cultural e Educação Popular: Entre redes e travessias”, inserido no Núcleo Exotopias: Núcleo de Pesquisas e Práticas em Psicologia Sócio-Histórico-Cultural (IP-UERJ), visa subsidiar cursos pré-vestibulares comunitários (PVCs) e/ou iniciativas voltadas para a educação popular, construindo ações e produzindo conhecimentos na inter-relação entre ação, reflexão e formação. O presente trabalho tem como intuito apresentar as pesquisas e ações do projeto com finalidade a promoção de saúde da juventude periférica, à emancipação popular e à democratização da educação. Temos como base a psicologia sócio-histórico-cultural, a partir dos referenciais de Lev Vygotsky, Mikhail Bakhtin e Paulo Freire. Atuamos divididos em dois eixos temáticos inter relacionados: 1. Pesquisa-intervenção em educação popular; 2. Ações em dois PVCs situados na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Os encontros ocorrem todos com frequência semanal. Há um encontro com os todos eixos para estudos gerais, como também há um encontro para cada eixo com estudos específicos do eixo e suas ações. A prática do registro escritos e a sistematização das atividades de trabalho é realizada através dos diários de campo e da discussão. Buscamos trabalhar a partir da realidade social e COM os sujeitos e coletividades, nos contextos de prática. Dentre as ações, destacamos três: a atividade intitulada “ocupando a universidade”, de visita guiada à UERJ, preparada pelos extensionistas para recepção dos estudantes dos cursos pré-vestibulares comunitários parceiros; reunião de planejamento psicopedagógico com a equipe dos professores/coordenadores dos PVCs; e a pesquisa-intervenção realizada com professores de diferentes PVCs. Essas atividades têm nos permitido construir práticas e pesquisas, entre processos psicológicos e pedagógicos, frente ao sofrimento ético-político de estudantes e professores diante da desigualdade social/educacional no contexto brasileiro.

Palavras-chave: psicologia sócio-histórico-cultural, educação popular, pesquisa, extensão.

Fonte financiadora do trabalho: Departamentos da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (DEPEXT-UERJ)



Teatro-Fórum e Ética em Psicologia: Convergências na Promoção da Justiça Social **Cristiane de Figueiredo Alves**

**Ana Beatriz Leite da Silva Mezes/ André Romualdo de Assis/
Ana Karolyna Santos da Silva/ Michele de Oliveira Santana dos Santos/
Milena Reis Gervasio/ Renato Gonçalves Barbosa/ Victor Silva de Souza**

Este trabalho discute a articulação entre o Teatro do Oprimido, em especial a técnica do Teatro-Fórum, e os princípios éticos da Psicologia, no contexto da formação acadêmica. Com base nos referenciais de Augusto Boal (1988) e Paulo Freire (1996), e ancorado no Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005), o objetivo foi promover a reflexão crítica e a participação ativa por meio de uma prática teatral voltada à conscientização social, com foco na violência contra a mulher.

A atividade foi desenvolvida por oito estudantes de Psicologia, sob orientação docente, em ambiente presencial. O processo incluiu a elaboração de um roteiro dramatúrgico, construção de storyboard, figurino simbólico e preparação cênica. A esquete apresentada foi dividida em quatro cenas que retrataram diferentes manifestações da violência de gênero: invasão da privacidade, violência simbólica no trabalho, sobrecarga doméstica e controle relacional.

A apresentação foi conduzida segundo os fundamentos do Teatro-Fórum, possibilitando a intervenção dos espectadores na narrativa encenada. Os participantes foram incentivados a propor alternativas às situações de opressão vivenciadas pela personagem principal, Clara, promovendo o exercício da escuta ativa, do diálogo e da construção coletiva de estratégias.

Como resultado, observou-se o engajamento crítico do público, a ampliação do debate sobre violência de gênero e a compreensão dos aspectos éticos e políticos envolvidos na atuação profissional em Psicologia. A prática revelou-se um recurso potente de formação, alinhando teoria, ética e ação transformadora. A experiência gerou reflexões sobre o papel da Psicologia na denúncia e superação de opressões, fortalecendo práticas baseadas nos direitos humanos, na justiça social e na promoção da autonomia.

Palavras-chave: Teatro-Fórum; Ética em Psicologia; Formação Acadêmica; Violência de Gênero; Participação Social.



Da Teoria à Práxis: A pesquisa Dor Crônica como Prática de Estágio

Kaylane Mendonça Sobral/Thainara Emely Silva/
Inajá de Almeida Quelhas de Oliveira/ Geisa Guimarães Neves/
Brunna Talita de Souza Fonseca/ Márcia Regina Lima Costa

A partir da compreensão de que a dor crônica é uma condição persistente e multifatorial, influenciada por fatores biológicos, psicológicos e sociais, a pesquisa, desenvolvida em duas instituições de ensino superior, busca acolher e estudar sujeitos afetados por esse quadro, fomentando um trabalho multiprofissional. Sob o viés psicanalítico, realizam-se atendimentos híbridos. Onde, a partir dos relatos, investiga-se a correlação entre dores crônicas e o sofrimento psíquico, e o quanto a fala pode minimizá-lo, integrando prática e teoria. Considerando a multidisciplinaridade na interpretação dessa condição, a pesquisa abrange os campos da Psicologia e o da Medicina, propiciando um olhar integral para o sujeito que sofre. Desse modo, caracteriza-se como pesquisa-intervenção, pois cada atendimento realizado gera um diário de campo e a evolução de prontuário com os dados coletados. Os pesquisadores de Psicologia, em sua maioria, enquanto acadêmicos, se inserem na pesquisa a partir do Núcleo de Estágio Específico de Psicanálise e Práticas em Saúde. Sendo assim, os atendimentos são atividades práticas do estágio. Até o momento podemos ratificar, na pesquisa os dados da literatura, indicando a prevalência de mulheres cis gênero entre as atendidas e o diagnóstico de fibromialgia. Ademais, a partir das supervisões e dos discursos das pacientes, algumas queixas de dor parecem ter uma relevância na estruturação e na dinâmica psíquica do sujeito, que por muitas vezes, podem estar associadas à situações vivenciadas. Ou seja, apesar da questão orgânica que justifique a queixa de dor, sua intensidade pode ter influência emocional e psíquica. Observa-se, pelos relatos, que há uma redução ou um maior controle da dor, na medida em que o sofrimento psíquico se apresenta em palavras, durante as sessões, a respeito de suas histórias. Assim, esta pesquisa vem evidenciando como o tratamento pela fala pode incidir sobre as formas de manifestação da dor.

Palavras-chave: psicanálise; psicologia; dores crônicas; pesquisa; estágio.



Escuta(Dor) e a Prática da Escuta Ativa na Formação em Psicologia

Lívia Roberta Morais Quaglioni/ Thainara Emely Silva/
Geisa Guimarães Neves/ Verena Maia Belfort de Aguiar/
Ryan do Carmo Camillo/ Márcia Regina Lima Costa

Instituições de ensino superior são, para muitos, um ambiente desafiador, marcado por estigmas, cobranças e muitas mudanças, principalmente para seus ingressantes. Ainda assim, não há apoio psicológico frequente para os alunos. Nesse contexto, nasce o Projeto de Extensão Escuta(Dor). Uma iniciativa do curso de Psicologia de uma instituição privada em conjunto com o Núcleo da Experiência Discente (NED) que visa oferecer suporte psicológico para discentes e colaboradores da instituição. Tendo como porta de entrada o plantão psicológico. Os pacientes podem ser encaminhados para sessões semanais pelo NED, após um atendimento preliminar. Desse modo, os atendimentos se dão, pelo viés psicanalítico, de forma presencial. Ocorrem em salas reservadas garantindo a privacidade e o sigilo necessário para um atendimento pautado no Código de Ética do Psicólogo. São conduzidos por estudantes de Psicologia vinculados ao Núcleo de Estágio em Psicanálise e Práticas em Saúde, com orientações e acompanhamento semanal da supervisora do estágio. Essa iniciativa além de acolher alunos em sofrimento psíquico, também proporciona experiência clínica aos extensionistas ao integrar o processo formativo dos alunos concluintes. Assim, há para os estagiários, durante os atendimentos a partir da escuta ativa, o desenvolvimento e aprimoramento de competências técnicas que fazem a ponte entre teoria e prática. Contribuindo assim, para uma formação cada vez mais crítica e ética. Desse modo, ao passo que o Projeto Escuta(Dor) oportuniza um ambiente acadêmico cada vez mais empático e acolhedor, promove o bem-estar, também propicia que futuros profissionais da Psicologia tenham, desde cedo, um espaço seguro para aprendizagem e prática.

Palavras-chaves: psicologia, psicanálise, prática clínica, escuta ativa



Psicologia Social na Educação: Intervenções em Escolas Públicas do Rio de Janeiro

**Marco Aurélio de Rezende/ Carolina Farias Feliciano/
Débora Moura da Costa Tomé/ Monica Silva Martins/ Layla de Lima Kopke/
Rosa Karla Lisbôa dos Santos/ Vanessa Santos de Souza**

Este trabalho integra as atividades da disciplina de extensão do curso de Psicologia, na qual os alunos desenvolveram ações práticas em Psicologia Social na Educação. O objetivo foi analisar como as relações sociais, culturais e emocionais influenciam o ambiente escolar e o desenvolvimento dos alunos, a partir de referenciais éticos, técnicos e científicos da Psicologia Social.

A escola é concebida como espaço de socialização e formação integral, sobretudo em contextos de vulnerabilidade. O foco do estudo recai sobre o Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas (PROINAPE), da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, que reúne psicólogos, assistentes sociais e professores para atuação itinerante em escolas públicas, promovendo apoio psicossocial, projetos psicopedagógicos e articulação com a rede de proteção. A pesquisa buscou compreender, a partir da experiência de profissionais do PROINAPE e de um psicólogo escolar interno, como se materializam as intervenções fundamentadas na Psicologia Social, especialmente diante de desafios como violência, exclusão e dificuldades de aprendizagem.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista online, utilizando plataforma virtual e formulários eletrônicos. Os resultados evidenciam que a atuação interdisciplinar prioriza intervenções coletivas, como oficinas de gestão emocional por exemplo, fortalecendo vínculos e promovendo o protagonismo juvenil. O diagnóstico participativo e a escuta ativa são centrais para o empoderamento da comunidade escolar. As profissionais relataram desafios como resistência inicial e sobrecarga, ressaltando a importância da resiliência e da adaptação.

A discussão aponta que a escola reflete tensões sociais e que intervenções eficazes exigem práticas integradas, sensíveis à diversidade e à equidade, propondo espaços de diálogo, mentoria entre pares e comitês de inclusão, transformando a escola em espaço de resistência e desenvolvimento. Reforça-se, assim, a importância de práticas pautadas pelo respeito, pela justiça social e pela promoção de direitos, evidenciando como a ética potencializa intervenções transformadoras no ambiente escolar.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Educação; Intervenção Psicossocial; Vulnerabilidade; Escola Pública.

Fonte financiadora do trabalho: Este trabalho foi desenvolvido com recursos próprios.



Cartas de Aconchego como estratégia de cuidado afetivo: Um relato de Experiência

**Carolina Maria de Jesus Rocha dos Santos/ Michelly Ferreira Coutinho
Helena Baptista Alves de Oliveira/ Viviane da Conceição Carius Comym
Caroline Fernandes de Oliveira/ Fernanda Borges de Aguiar**

O projeto “Cartas de Aconchego”, desenvolvido no Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (INTO), gerido pelo Ministério da Saúde, surgiu da compreensão de que a hospitalização compromete não apenas o corpo, mas também o psicológico e o social dos pacientes. O projeto está pautado na Política Nacional de Humanização (PNH) e apresenta-se como uma nova forma de cuidado. Tem por objetivo mitigar sentimentos de solidão por meio da troca de cartas entre pacientes e familiares, com foco em casos ortopédicos de longa internação e ausência de visitas. Trata-se de um relato de experiência realizado por estagiárias e supervisoras de psicologia e de enfermagem da área de humanização entre outubro de 2024 e maio de 2025. Selecionamos pacientes com mais de 15 dias de internação (total de 368) e que afirmaram sentir falta de alguém. As cartas foram enviadas pelos familiares via aplicativo de mensagem, após pedido da equipe, impressas e entregues aos pacientes (total de 145) pelas estagiárias. Em seguida, foi feita a leitura e escuta ativa, fortalecendo o vínculo afetivo entre o paciente e a família. Entre os resultados gerados percebemos as reações emocionais intensas nos pacientes como sorrisos, surpresa e contentamento, evidenciando o impacto positivo do projeto. As estagiárias relataram amadurecimento profissional e pessoal, enquanto os familiares expressaram gratidão. A ação reforça a importância da escuta, do acolhimento e da humanização no ambiente hospitalar. Concluímos que o projeto promoveu cuidado humanizado e afetivo, indo além do cuidado técnico e mecânico, através das palavras e da presença simbólica contribuindo para melhorar o sentimento de solidão. É uma prática simples, de baixo custo, mas de grande efeito emocional, com potencial de ser replicada em outros contextos como clínicas oncológicas e de hemodiálise. A experiência reafirma que cuidar é, antes de tudo, um ato de conexão e humanidade.

Palavras-chave: humanização; pnh; cartas terapêuticas; psicologia



Diagnóstico não é miojo: impactos do autodiagnóstico e da pressa clínica contemporânea.

Milena Leal dos Santos

O presente trabalho parte da experiência prática no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) para discutir criticamente os impactos do autodiagnóstico e da pressa clínica na atuação psicológica contemporânea. Com a crescente disseminação de informações sobre saúde mental e a popularização de termos técnicos nas redes sociais, torna-se cada vez mais comum que indivíduos cheguem aos atendimentos com hipóteses diagnósticas previamente formadas – seja por iniciativa própria, seja por diagnósticos realizados de forma apressada e sem escuta clínica qualificada. Em muitos casos, a pressão exercida pelo paciente pode levar o profissional a ceder a um processo diagnóstico precipitado, desconsiderando aspectos importantes da história e da singularidade do sujeito. O estudo fundamenta-se no acompanhamento de uma paciente que chegou à clínica com um diagnóstico incorreto e uso prolongado de medicações psiquiátricas, sem apresentar melhora significativa. Após cerca de um ano sob esse tratamento, buscou outros profissionais, que descartaram a hipótese diagnóstica anterior e suspenderam a medicação. Durante o processo terapêutico, observaram-se os impactos negativos dessa experiência em sua saúde física, emocional e financeira. A partir dessa vivência clínica, o trabalho propõe uma reflexão sobre os riscos do uso irresponsável do diagnóstico, sobretudo em um contexto em que as redes sociais influenciam percepções sobre o sofrimento psíquico. Ressalta-se a importância do tempo clínico, da construção do vínculo terapêutico e da responsabilidade ética do profissional de psicologia. A metodologia utilizada foi qualitativa, de caráter exploratório, com base em revisão bibliográfica. O estudo busca contribuir para o debate sobre o diagnóstico como ferramenta de cuidado, e não de estigmatização, defendendo uma prática clínica pautada pelo rigor técnico, pela escuta atenta e pelo compromisso com os direitos humanos.

Palavras-chave: psicologia; diagnóstico; escuta clínica; ética profissional; redes sociais.



Políticas públicas em assistência social na saúde mental de mulheres em vulnerabilidade

Naiara Andrade Biscacio/ Andreia Leal Lopes Almeida/
Maria Clara Fonseca Visotto/ Maria Alice de Oliveira Velasco/
Sebastião Pedro Da Silva Almeida

A vulnerabilidade socioeconômica em mulheres é uma das maiores causas de adoecimento emocional, abandono de lar, negligência com filhos e violência intrafamiliar e doméstica, bem como uma grande porta para o feminicídio. Quando as políticas públicas de assistência social se voltam a trabalhar em prol da capacitação, autonomia e independência das mulheres, sua saúde mental se fortalece e cria-se uma rede de apoio à uma vida produtiva e potente no viés feminino da busca de garantia de seus direitos sociais. Visto isso, o presente trabalho tem por objetivo analisar as potências das intervenções das políticas públicas em assistência social para produzir autonomia, gerando independência emocional e saúde mental em mulheres de comunidades marginalizadas por meio de estudo de caso de atividades desenvolvidas em um CRAS (Centro de Referência em Assistência social) do Município de Bom Jesus do Norte-ES e o resultado de suas ações. Com a falta de recursos econômicos e sem a qualificação necessária, mulheres marginalizadas se envolvem em ambientes físicos e emocionais de dependência de figuras masculinas que, muitas vezes, as maltratam e violam ainda mais seus direitos. É neste contexto que o CRAS da cidade citada se volta a promover oficinas de capacitação, exercícios físicos, grupos de discussão, práticas de economia solidária, entre outras, que ampliam a capacidade de reação dessas mulheres frente às violências sociais e familiares das quais são vítimas. Este movimento comunitário de autonomia para mulheres, exerce tarefa de ressignificar a realidade vivida e superação episódios depressivos ou outros sinais e sintomas que surgem ao longo de uma vida paralisada pelas violações diárias de direitos. Portanto, iniciativas, que são desenvolvidas em diálogo com a comunidade e na comunidade, demonstram que as políticas públicas podem transpor limites reais do sofrimento emocional e aprisionamentos de mulheres envoltas em uma estrutura socioemocional depressiva.

Palavras-chave: saúde mental; mulheres; autonomia.



Escuta e Subjetivação: Avaliação Psicológica e o Pensamento Decolonial-Cartográfico

Karlos Raphael Machado de Faria/ Andrea Menge Silva da Rocha e Reis/
Diogo Fagundes Pereira

A avaliação psicológica, tradicionalmente ancorada em referenciais eurocentrados, vem sendo tensionada por perspectivas que questionam seus modelos universais. Entre essas, destacam-se os aportes do pensamento decolonial, do método cartográfico e da noção de invenção de si, que propõem epistemologias plurais, processuais e comprometidas com a singularidade dos sujeitos. Apesar do crescimento técnico da área, ainda persistem impasses éticos e metodológicos, sobretudo pela adaptação acrítica de instrumentos oriundos da Europa e dos Estados Unidos. Tais modelos, alicerçados em dicotomias como saúde/doença e apto/inapto, sustentam práticas normativas e descontextualizadas. Este estudo propõe refletir sobre a possibilidade de uma avaliação psicológica enquanto experiência de escuta e produção de sentidos, em diálogo com as histórias, culturas e modos de vida dos sujeitos, especialmente aqueles atravessados por marcadores sociais como gênero, raça, classe e território. A partir de revisão teórica, investigamos se a aproximação entre pensamento decolonial, cartografia e invenção de si pode inaugurar novos modos de conceber e praticar a avaliação. Inspirados por autores como Enrique Dussel, Carlos Skliar e Virgínia Kastrup, identificamos um campo fértil para pensar a avaliação como prática ética e estética, comprometida com os direitos humanos e com a produção de narrativas singulares. Observa-se, assim, um jogo de forças: de um lado, o predomínio técnico da psicometria e das neurociências; de outro, a emergência de práticas mais implicadas com os processos subjetivos. Entendemos que a cartografia de experiências vividas, aliada ao pensamento decolonial, abre espaço para formas inventivas de escuta e intervenção. A avaliação passa a ser entendida como prática ética e situada, capaz de romper com paradigmas coloniais e anunciar novos modos de fazer psicologia.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, decolonialidade, possibilidades.



Entre Ser Criança e Ser Aluno: Escuta e Liberdade na Mediação Escolar.

Miriã Rodriguez Afonso Sobral/ Thais de Sá Oliveira

Como sustentar a tensão entre a abertura à experiência e as demandas por adaptação e previsibilidade no cotidiano escolar? Ou, dito de outro modo, que lugar pode ocupar a abertura fenomenológica na prática de uma mediadora escolar, quando a escuta do vivido entra em conflito com a demanda institucional por intervenção sobre os comportamentos? Este trabalho propõe, à luz da fenomenologia-existencialista, uma reflexão sobre os atravessamentos subjetivos e institucionais que marcam a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Faremos isso a partir da análise reflexiva do relato da experiência de acompanhamento diário de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (nível 2) em seu processo de adaptação ao novo ciclo escolar. A presença contínua, no cotidiano da escola, permite observar como a instituição atua na produção de modos de ser “aluno”, convocando as infâncias, sobretudo aquelas com diagnóstico, à adaptação a normas de comportamento, desempenho e previsibilidade. Inspirado na clínica fenomenológico-existencialista, o texto faz uma análise crítica das práticas pedagógicas prescritivas, que visam a moldar condutas com base na lógica da normatividade institucional, e propõe uma escuta que reconheça o comportamento como expressão de um modo de ser-no-mundo. A proposta se constitui, assim, como exercício de implicação e autoanálise, tomando a própria prática como campo de reflexão sobre os limites e possibilidades de uma clínica viva, sensível à liberdade do sujeito e à complexidade dos encontros que se dão no território escolar. Neste contexto, a fenomenologia-existencialista não se apresenta como técnica ou método de intervenção, mas como postura: uma maneira de habitar o encontro, respeitando a singularidade como um modo de ser legítimo, sem reduzir modos possíveis de ser criança a modos prescritos de ser aluno.

Palavras-chave: Mediação Escolar, Transtorno do Espectro Autista - TEA, Fenomenologia-Existencialista, Educação, Clínica Institucional.



O desvelar do silenciamento do ser mulher na clínica fenomenológica – existencial

Prof. Me. João Nadaes (Orientador) / **Flávia de Lima Rodrigues Curvello** /
Meiryellen Santana

Este trabalho propõe uma escuta clínica voltada ao sofrimento do ser mulher, compreendendo-o não como um dado isolado, mas como expressão de uma existência silenciada por séculos em contextos históricos, religiosos, jurídicos e familiares. Por meio da abordagem fenomenológica-existencial, o estudo pretende sustentar a escuta do sofrimento feminino tal como ele se revela, sem reduzi-lo a diagnósticos prévios ou categorias, mas abrindo espaço para que cada mulher possa dizer de si e, assim, reencontrar-se em sua autenticidade. A pesquisa surgiu de inquietações vividas durante a formação acadêmica e experiências clínicas indiretas, e utiliza como método uma revisão teórica de autores fenomenológicos como Husserl, Heidegger e Boss, além de pensadoras contemporâneas como Carla Akotirene e Simone de Beauvoir, Ana Feijoo, entre outras. A metodologia baseia-se na análise qualitativa fenomenológica - existencial, por meio de levantamento bibliográfico e fragmentos clínicos, colhidos no contexto de estágio supervisionado em ambiente acadêmico e clínico, garantindo o anonimato das participantes e a ética no manejo das narrativas. A discussão aponta que a clínica fenomenológica, ao escutar o sofrimento sem reduzi-lo, permite que o ser mulher se desvele em sua historicidade e singularidade, rompendo com estruturas patriarcais que historicamente negaram a autenticidade da existência feminina. O estudo conclui que práticas clínicas que sustentem esse espaço de escuta e desvelamento são fundamentais para reconstrução do ser mulher, possibilitando sua existência plena, sem vergonha de ser quem é.

Palavras-chave: fenomenologia; clínica existencial; sofrimento feminino; escuta; ser mulher.



Redução em Rede: Cuidado, Acolhimento e Informação em Movimento

Cláudio Yuri Rodrigues da Silva/Talita Antunes de Souza/
Anna Beatriz da Costa Nascimento/ Evelyn Abreu de Amorim/
Leonardo de Mendonça Carneiro/ Lorrany dos Santos Teixeira

Este trabalho tem como proposta relatar a experiência vivenciada em um projeto de extensão, desenvolvido em contexto festivo pela Liga Acadêmica de Cannabis Medicinal (LACAM), durante um festival de música eletrônica. O objetivo foi promover a Redução de Danos por meio do acesso à informação segura sobre substâncias psicoativas, da criação de ambientes acolhedores e da valorização do cuidado com a saúde dos participantes. Considerando que, nesses ambientes, é comum o uso de substâncias psicoativas, destaca-se a importância dessa abordagem como uma estratégia de cuidado ético e não estigmatizante. O evento ocorreu nos dias 14 e 15 de dezembro de 2024 e contou com três estandes: o primeiro distribuiu materiais informativos sobre os efeitos das drogas e orientou sobre cuidados para reduzir os riscos associados ao seu uso. O segundo foi destinado à testagem de substâncias, visando identificar sua composição e pureza, contribuindo para a diminuição dos riscos relacionados ao consumo de substâncias desconhecidas ou adulteradas. O terceiro ofereceu acolhimento psicológico, com atendimento e apoio emocional para pessoas em situação de vulnerabilidade, além de espaço para descanso e hidratação. Com atenção especial a jovens adultos, a Redução de Danos se mostra indispensável, pois esses espaços são marcados pela experimentação e uso de diversas substâncias, o que aumenta os riscos de desidratação, "bad trips" e overdose. Participaram da ação 12 alunos voluntários, atuando em diferentes frentes. O stand de testagem atendeu aproximadamente 90 pessoas, o acolhimento prestou suporte a cerca de 5 casos e o stand de educação teve um alcance estimado de 500 visitantes. Esses números refletem o impacto da ação em termos de prevenção, cuidado e promoção de uma cultura de Redução de Danos dentro da cena cultural alternativa, consolidando parcerias importantes e ampliando a visibilidade de abordagens inclusivas e humanizadas no cuidado com usuários de substâncias psicoativas.

Palavras Chave: Redução de Danos; Testagem de Substâncias; Acolhimento; Festivais de Música.



Grupos reflexivos com homens como prevenção à violência doméstica

**Flávia de Lima Rodrigues Curvello/ Erika Vera Rana/
Danielle Vieira Dos Santos Cristino/ Prof. João Delfim de Aguiar Nadaes**

O enfrentamento da Violência Doméstica e Familiar (VDF) no Brasil é um desafio complexo, enraizado em séculos de patriarcado. Heleieth Saffioti, Marilena Chauí e Maria Filomena Gregori contribuíram com análises fundamentais sobre a dominação masculina e a necessidade de cuidado tanto das vítimas quanto dos agressores. A Lei Maria da Penha trouxe avanços, mas a violência persiste. O programa Justiça pela Paz em Casa, parte da Política Judiciária Nacional de enfrentamento à Violência contra as Mulheres, visa mobilizar esforços multidisciplinares. Envolver homens na prevenção é crucial para dismantlar normas de masculinidade tóxica. O acompanhamento psicojurídico através de grupos reflexivos é uma estratégia eficaz para diminuir o descumprimento das medidas e a reincidência da VDF. Um projeto piloto realizado em parceria com o IV Juizado de VDF do Fórum de Bangu do TJRJ e a Universidade Castelo Branco, mostrou resultados promissores. Sob uma perspectiva fenomenológica, esse método contribui para a criação de um ambiente de grupo que valoriza a autenticidade, a escuta empática e a compreensão mútua. Ao reconhecer e validar as experiências dos participantes, os grupos surgem pouco a pouco como um espaço seguro onde as pessoas passam a compartilhar suas próprias vivências, o que aumenta as possibilidades de mudança, promovendo reflexão sobre relacionamentos e questões de gênero. Os participantes relataram aumento da autoestima, mudança de perspectiva e maior consciência dos sinais de abuso. Entre as sugestões dos participantes incluem mais encontros, horários prolongados e explicação mais clara quanto aos objetivos do grupo no primeiro contato. Os facilitadores foram elogiados pela sua dedicação e impacto positivo. Com um índice de descumprimento e reincidência de zero em medidas protetivas, até o momento. O programa está se expandindo para alcançar mais pessoas e fortalecer a cultura de paz e respeito mútuo.

Palavras-chave: violência doméstica; masculinidades; grupos reflexivos; fenomenologia; cultura de paz.



Adoecer sob fogo cruzado: desafios do CAPSi frente a violência de Estado

Jhonata Nogueira Detori/ Caíque Azael Ferreira da Silva

O presente trabalho tem como objetivo discutir as intersecções entre violência de Estado, racismo e saúde mental, a partir da experiência de estágio em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro. Inserido em um território marcado por desigualdades estruturais, constantes operações policiais e violações de direitos, o trabalho busca compreender de que forma essas violências atravessam os processos de subjetivação e adoecimento de jovens em sofrimento psíquico. Partimos da constatação de que determinadas formas de violência permanecem invisibilizadas ou desconsideradas pelo Estado, sendo naturalizada a necropolítica que incide com mais força sobre corpos pretos, periféricos e marginalizados. Nesse cenário, o sofrimento psíquico tende a ser interpretado de maneira individualizada, com centralidade na introdução da medicação, especialmente na infância e adolescência, frente às demandas que emergem da vulnerabilidade social e da exposição a uma guerra permanente. Para se aprofundar sobre essa questão, utilizamos enquanto metodologia o relato de experiência e análise de casos acompanhados no estágio, articulada à discussão teórica com bases em autores da saúde mental e dos estudos raciais. Tensionando a leitura individualizante acerca do adoecimento e reconhecendo a violência e negação de direitos como um fator estruturante da saúde mental, propomos um cuidado que não apenas atenda às necessidades imediatas, mas também busque compreender e transformar as condições que perpetuam as desigualdades sociais. Concluimos, então, que a Psicologia precisa se implicar nas disputas por um outro projeto de sociedade, reconhecendo os processos de subjetivação e de adoecimento por fatores sociais, econômicos e políticos, acentuados pelo projeto em curso de violência de Estado. A radicalização do cuidado passa, portanto, pela construção de práticas antimanicoloniais nos dispositivos de saúde mental, da politização das equipes e recusa da medicalização como resposta única, articulando produção de saúde à garantia de direitos e ao território.

Palavras-chave: saúde mental; racismo; violência;



Vozes no silêncio: A supervisão clínica como espaço formativo de comunicação autêntica.

**Matheus Salgueiro da Costa/ Estela Perrut de Campos/
Isadora Ingrid dos Santos Ferreira** (CRP 05/55173)

Este trabalho apresenta um relato de experiência vivenciado no Instituto Alétheia, onde a formação clínica de estudantes de Psicologia ocorre por meio de uma abordagem prática e vivencial, orientada pela psicologia existencial. O relato refere-se à mediação de uma vivência marcada pelo enfrentamento de um incômodo não comunicado à supervisora de estágio, no contexto da construção de uma ação formativa sobre comunicação. Ao expressar insatisfações antes silenciosas, os alunos foram convidados a encarar o conflito como parte do processo formativo, transformando-o em oportunidade de crescimento pessoal e aprendizado ético-relacional. Encorajados a olhar com mais genuinidade para os efeitos do que se diz – ou não se diz – nas relações, nos debruçamos sobre a comunicação como base de qualquer vínculo – especialmente da relação psicoterapêutica. Compreendemos que seu exercício exige disponibilidade afetiva e implicação subjetiva. Comunicação, nesse contexto, não se reduz à troca de palavras, mas se apresenta como transmissão, afetação e presença genuína. Comunicar-se verdadeiramente demanda abertura para ser afetado e responsabilização pelo modo como se está na relação. Ao voltarmos o olhar para a clínica, vemos o ambiente psicoterapêutico como lugar de potência justamente pelo sustentar dessas demandas. Concluimos que, quando atravessados pela verdade de quem somos, o ato de se comunicar pode transformar relações e sustentar processos formativos com sentido; que a supervisão pode ser mais do que um espaço técnico e ético – também um lugar de cultivo do ser-no-mundo, integrando dimensões pessoais e profissionais de um futuro psicoterapeuta. Assim, a comunicação autêntica, mediada com base na ética da liberdade e da responsabilidade, pode se tornar fundamental para a construção de uma clínica potente e humanizada.

Eixo temático: Práticas na formação em Psicologia.

Palavras-chave: comunicação; supervisão clínica; afetos na vivência; autenticidade nas relações.



A ética em disputa nas medidas protetivas: negligência destituente do poder familiar

Ana Paula Barbosa Pohlmann/ Isys Boos Vieira/
Izadora Vieira Francisco/ Lara de Oliveira Moreira/
Sara Raquel Mesquita da Silva Ferreira/
Fernanda Bottari Lobão dos Santos

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito da disciplina eletiva Infâncias e Adolescências sob a Perspectiva da Psicologia Jurídica, ofertada no curso de Psicologia da UFRJ, e tem como objetivo refletir sobre as consequências da não efetivação dos direitos para a população negra e pobre no Brasil, especialmente no campo das medidas protetivas da infância. A análise parte da compreensão de que a colonialidade permanece estruturando as políticas públicas, reforçando desigualdades históricas por meio de práticas higienistas, racistas e eugenistas. A presente pesquisa utiliza-se da etnografia e revisões bibliográficas a fim de discutir os mecanismos de controle estatal que criminalizam a pobreza, afetando, em especial, famílias negras e faveladas, além de revisitar dispositivos legais como o Código de Menores (1929; 1979) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Propomos, portanto, que o discurso da proteção à infância e juventude pode ser instrumentalizado para justificar a destituição do poder familiar, perpetuando uma lógica de exclusão social e racial. A partir do conceito de neocolonialidade de Mbembe (2018), evidencia-se a seletividade da ação estatal sobre quem deve viver ou morrer no país, refletida nas práticas de violação de direitos em territórios marginalizados. Concluímos que as medidas protetivas, quando politicamente desconcontextualizadas, operam enquanto dispositivos de controle e opressão, mascarados pelo discurso da proteção. Além disso, o trabalho denuncia o papel histórico da psicologia eurocentrada na legitimação de estigmas sociais, apontando a necessidade urgente de uma atuação profissional ética, contextualizada e comprometida com a justiça social.

Palavras chave: Medidas protetivas; psicologia e justiça; favela território; infância e juventude.



Cuidado em saúde mental para familiares de vítimas da violência de estado

Izadora Vieira Francisco/ Ana Luiza Ramos Fernandes/
Gabriela Inácio Gomes Damasceno/ Gabriella Evaristo Ventura/
Joana de Medina Barbalho/ Rachel Gouveia Passos

O presente trabalho é fruto da pesquisa “Saúde Mental, Cuidado e Atenção Psicossocial para mães e outros familiares de vítimas de violência letal do Estado”, vinculado ao Projeto de Pesquisa e Extensão Luta Antimanicomial e Feminismos (ESS/UFRJ). O objetivo da pesquisa é a construção de metodologias de cuidado em saúde mental junto de famílias afetadas pela violência de Estado no Rio de Janeiro, nos territórios de Jacarezinho e Manguinhos. Um levantamento da Anistia Internacional em 2015 aponta que, entre 2010 e 2013, 79% das pessoas mortas pela Polícia no Rio eram negras, 99,5% homens e 75% jovens. A violação da vida de jovens negros é o início de uma série de violências que incidem sobre aqueles que ficam: as mães e familiares. Buscamos abordar os efeitos psicossociais da violência produzida pelo Estado e seus rebatimentos na vida das famílias atingidas, levando em consideração os efeitos na saúde das participantes, tanto em seu sofrimento quanto nas condições clínicas associadas. A partir disso, pretendemos produzir dados para incidir nas políticas públicas de Saúde Mental com uma perspectiva de cuidado em rede para essas famílias. O objetivo do presente trabalho é apresentar a pesquisa em seu momento inicial de formação da equipe, mapeamento do território e planejamento para entrada no campo. Posteriormente, vamos implementar grupos quinzenais em que atuaremos como facilitadoras de um processo de cuidado já produzido e protagonizado pelas participantes, em sua maioria mulheres negras, que produzem cotidianamente formas de resistência às inúmeras violências vividas nos territórios de favela. Esta se configura como uma pesquisa-ação e utiliza a ferramenta da interseccionalidade para compreender os imbricamentos entre raça, classe e gênero, dentre outros marcadores sociais, e sua relação com o sofrimento e/ou adoecimento psicossocial produzidos pela violência armada nas favelas.

Palavras chave: Violência, segurança pública, território



Quando a Infância Vira Processo: Entre Direitos, Demandas Institucionais e Escuta Psicológica

**Samara Valéria Mendonça Silva/ Thaís da Silva de Lima Santos/
Nathalia Marin Ragagnin/ Cátia Figueira Martins**

O presente trabalho tem como propósito compartilhar as influências e desafios experimentados durante o atendimento psicológico no âmbito do Poder Judiciário, com foco nas entrevistas psicológicas iniciais e na leitura dos autos processuais como parte do processo de escuta e análise. O primeiro contato entre usuários e estagiários de Psicologia mobiliza expectativas mútuas: de um lado, o usuário busca acolhimento e resolução de suas demandas; de outro, o estudante deseja aplicar, na prática, os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação. Contudo, esse encontro é permeado pelas realidades sociais e institucionais dos sujeitos envolvidos. A experiência ocorreu em uma instituição do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro, na 4ª Vara da Infância e Juventude Protetiva, durante estágio supervisionado. As estagiárias recebiam usuários encaminhados à equipe técnica de Psicologia por meio da distribuição de processos. As atividades envolviam a leitura prévia dos autos e a realização de entrevistas iniciais individuais, com duração média de trinta minutos a uma hora. Cada estagiária foi acompanhada por uma psicóloga supervisora. Entre os principais atravessamentos, destacaram-se os desafios relacionados ao manejo com os usuários, à formulação das perguntas e às limitações da estrutura institucional. A elevada demanda frente à capacidade de atendimento revela a urgência de ampliação de equipes e de investimento contínuo no serviço. A Psicologia, nesse cenário, mostra-se estratégica para qualificar os processos de escuta, garantir respostas humanizadas e fortalecer políticas públicas pautadas na proteção integral. Apesar dos desafios, a vivência possibilitou experiências potentes de acolhimento e escuta. A aproximação com histórias singulares contribuiu para o amadurecimento técnico e ético das estagiárias e reafirmou a relevância da Psicologia no contexto jurídico.

Palavras-chave: Entrevista Psicológica; Infância e Juventude; Proteção Integral.



Condições de trabalho de psicólogas no estado do Rio: desafios e perspectivas

**Nahan Rios Alves de Andrade Moreira de Souza/
Alfredo Assunção Matos Sergio Dias Guimarães**

Dentro das duas últimas décadas, temos assistido a muitas transformações no campo do trabalho ao redor do mundo inteiro em razão do acirramento das crises sociais, promovendo um aprofundamento das desigualdades sociais. Produzindo, profundos impactos nas condições de exploração da classe trabalhadora, expressos em relações de trabalho precárias e frágeis, de modo a minar o acesso a direitos sociais, bem como a possibilidade de organização de diversas categorias. O presente trabalho se dá a partir de uma análise das condições do exercício da Psicologia enquanto profissão no estado do Rio de Janeiro. Para tanto, o Conselho Regional de Psicologia aplicou ainda em 2023 um censo para a categoria do estado com o objetivo de mapear quais condições esses trabalhadores têm sido submetidos no exercício da profissão. A intenção é que essas informações possam basear ações para melhoria das condições de trabalho da categoria visando à promoção da saúde e à garantia de trabalho digno. Os resultados parciais contam com 179 respostas de 39 cidades e ressaltam a precariedade vivida dentro dos equipamentos de saúde público e privado, os desafios para se manter enquanto profissional autônomo e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho após a formação. Além disso, fatores como a baixa remuneração, a desvalorização da profissão, a sobrecarga de trabalho e a ausência de políticas públicas como piso salarial são extremamente determinantes nos processos de saúde-doença da categoria. Nesse cenário, se faz mais do que necessário o aprofundamento de estudos acerca da temática buscando garantir condições de trabalho que sejam dignas para os profissionais da Psicologia do estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: condições de trabalho; psicólogas; saúde do trabalhador

Fonte financiadora do trabalho: Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-RJ)



Violência nas Escolas: um Projeto de Conscientização, Diálogo e Prevenção

Suelen Carlos de Oliveira/ Débora Cristina Tavares Sales/
Blenda Matheus Alves/ Pamela Dayane da Silva/
Kellen Tatiana Martins Duarte/ Rosimeri Davide Mendes

A violência no ambiente escolar representa um desafio crescente para o processo educativo, comprometendo o bem-estar, as relações interpessoais e o desenvolvimento emocional dos estudantes. Trata-se de um fenômeno complexo, que pode assumir diversas formas e se manifestar de maneira sutil ou explícita no cotidiano escolar. Diante da relevância do tema, este trabalho foi desenvolvido no contexto de um projeto de extensão universitária, como parte das atividades curriculares do curso de Psicologia, e consistiu na realização de rodas de conversa na Escola Estadual João Cardoso, em Nilópolis (RJ). O objetivo foi promover a conscientização sobre os diferentes tipos de violência escolar, por meio da escuta ativa de estudantes do ensino fundamental e médio. A metodologia envolveu uma etapa exploratória, com levantamento teórico e análise de dados sobre a violência escolar no Brasil, e uma etapa prática, como as rodas de conversa presenciais com turmas do 6º ano e do 3º ano. Os encontros foram mediados por alunas extensionistas e utilizaram recursos lúdicos e reflexivos, adaptados às diferentes faixas etárias. Os resultados revelaram que, especialmente entre os alunos mais novos, formas sutis de violência, como exclusão social e humilhações, muitas vezes não eram reconhecidas como violência. As dinâmicas possibilitaram ampliar a compreensão dos participantes sobre os tipos de violências existentes, estimular o diálogo e incentivar reflexões sobre formas de convivência mais respeitadas. O projeto reforça o papel da escola como espaço essencial de escuta e acolhimento e da atuação do psicólogo escolar na mediação de conflitos, ao mesmo tempo em que reafirma a relevância da extensão universitária como experiência formativa para futuros profissionais. É na escola que se consolidam as possibilidades de construir ambientes mais seguros, éticos e acolhedores para todos.

Palavras-chave: violência escolar; psicologia educacional; cultura de paz; roda de conversa; extensão universitária.



A sala de apoio como dispositivo de inclusão

**Stephanie Cristina Brito do Nascimento/ Mariah Nobre de Almeida Pires/
Pedro Montenegro Fernandes Aguiar D'Araujo e Silva/
Déborah Wachtmann Soares/ Maria Victoria de Souza Portela Ribeiro;
Rodrigo José Santana Ziltener/Nira Kaufman Sasso**

No âmbito educacional, diversos recursos podem ser utilizados como facilitadores para a inclusão escolar. Um destes é a sala de apoio, a qual abarca diversas estratégias inclusivas que perpassam a experiência de estágio dos autores do presente trabalho, supervisionado por uma das autoras. A sala de apoio consiste em um espaço diverso, utilizado pelos alunos em situação de inclusão para a realização de avaliações escolares. Estas são feitas separadas da turma regular, com ou sem adaptações, e os estagiários executam a função de ledores. Além disso, podem auxiliar em eventuais dificuldades que venham a interferir no momento, sejam ambientais, emocionais ou pedagógicas. Nesse sentido, por meio da forma que temos experienciado a inclusão escolar e movidos pela demanda de atualização constante das práticas, apostamos em uma perspectiva em que a inclusão não é uma posição permanente e deve ser entendida como um lugar transitório. Logo, não pautamos em laudos diagnósticos ou desempenho acadêmico, mas sim nas barreiras existentes em contextos pouco sensíveis à diversidade física, cognitiva e comportamental dos estudantes. Para a elaboração de estratégias inclusivas na sala de apoio, tomamos como referência o encontro com o estudante e suas potencialidades e interesses, que possam contribuir com o processo educativo. Por fim, afirmamos que estar em um ambiente separado dos demais não significa exclusão. Na verdade, contribui para a inclusão desses alunos ao garantir outros recursos para sua aprendizagem. Isso porque, ofertar o mesmo material e as mesmas estratégias para todos não significa tratá-los com igualdade, dado que cada aluno é um sujeito singular e nos convoca a encontrá-lo, construindo um plano de inclusão a partir desse encontro.

Palavras-chave: educação; inclusão; sala de apoio; psicologia escolar.



Transtornos de Conduta e Opositivo: Intervenção Psicológica Precoce e Prognóstico

Keila Fernanda dos Santos Silva/ Ana Paula de A. P. Nunes (Orientadora)

Este estudo aborda os desafios envolvidos no diagnóstico e no acompanhamento psicológico de casos de Transtorno de Conduta (TC) e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), visando analisar a relevância da intervenção psicológica baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Tanto os transtornos incluem comportamentos inadequados, como agressividade, desobediência à autoridade e desrespeito a regras sociais, comprometendo o desenvolvimento emocional e social de crianças e adolescentes. A investigação utilizou uma metodologia qualitativa, com revisão da literatura fundamentada em pesquisas teóricas e científicas previamente divulgadas sobre o assunto. A TCC é ressaltada como uma abordagem eficaz para esse grupo, pois proporciona intervenções organizadas focadas na reestruturação cognitiva, no manejo comportamental e no aprimoramento de habilidades sociais. Verificou-se que a intervenção psicológica inicial pode reduzir os efeitos adversos dos sintomas, evitar seu agravamento, facilitar a melhoria nas relações sociais e favorecer um desenvolvimento mais saudável. Assim, a pesquisa destaca a relevância da atuação do psicólogo no diagnóstico e na intervenção inicial, além de enfatizar a urgência de métodos fundamentados em evidências científicas para o cuidado de crianças e adolescentes com TC e TOD. A compreensão e a utilização dessas estratégias terapêuticas desempenham um papel importante na promoção da saúde mental e na prevenção de problemas futuros.

Palavras-chave: Transtorno de Conduta; Transtorno Opositivo Desafiador; Terapia Cognitivo-Comportamental; Psicologia Infantil; Intervenção Precoce.



Habilidades sociais: desconstrução das masculinidades disfuncionais no enfrentamento a violência contra mulheres

Evelin Rose Gonçalves Ramos/ Ana Clara Couto Montinho/
Suely Oliveira Marinho

O Serviço de Educação e Responsabilização do Homem (SerH), implementado em 2023 pela Secretaria de Estado da Mulher do Rio de Janeiro (SEM-RJ) abrangendo todo o Estado, tem como objetivo fomentar a participação masculina no enfrentamento à violência contra as mulheres, por meio de três eixos basilares: responsabilização, prevenção das violências de gênero e promoção do cuidado. Este trabalho, desenvolvido no âmbito da disciplina Prática Extensionista Integradora: Habilidades Sociais (H.S.), teve como objetivo conhecer e analisar o funcionamento do SerH e refletir sobre a contribuição do conceito de habilidades sociais como estratégia de prevenção e enfrentamento da violência. Adotou-se uma abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica não sistemática (últimos 10 anos) e realização de visitas e uma entrevista semiestruturada com coordenadores do serviço. As atividades do SerH abrangem desde rodas de conversa com adolescentes de times de base de futebol até ações educativas com homens em privação de liberdade no sistema carcerário do RJ, buscando promover a compreensão das próprias vivências e valores, a responsabilização pelos atos de violência, a construção de novas formas de cuidado e valorização das diferenças. Considera-se que habilidades sociais envolvem comportamentos culturalmente adequados e eficazes nas interações interpessoais, como expressão de sentimentos, comunicação não agressiva e escuta ativa. A infância surge como etapa crucial na formação de padrões de masculinidade, sendo marcada por valores que podem reforçar agressividade e repressão emocional. Tais padrões, influenciam diretamente a qualidade das relações interpessoais na vida adulta. Conclui-se que a atuação do SerH contribui para o rompimento do ciclo da violência ao promover o desenvolvimento de habilidades sociais, possibilitando a construção de relações mais saudáveis e a resignificação de masculinidades de forma funcional, ética e socialmente comprometida. Este trabalho, por fim, se alinha à perspectiva da Extensão como promotora da interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.

Palavras-chave: psicologia; mostra do CRP RJ; habilidades sociais; violência doméstica; responsabilização do homem.

Fonte financiadora do trabalho: Projeto Passaporte Universitário – Prefeitura Municipal de Maricá.



Contribuições da reabilitação neuropsicológica no desenvolvimento infantil

**Vitória Pinto Porcino Cainara Magalhães da Silva/
Cassiane Alcântara do Carmo Romão/ Juliana Costa Nunes de Queiroz/
Luane Nascimento Correia/ Sonia Maria Lourenço de Azevedo (CRP 3579-05)**

A reabilitação/intervenção neuropsicológica é uma abordagem terapêutica que busca minimizar impactos funcionais de déficits cognitivos, emocionais e comportamentais decorrentes de alterações neurológicas ou transtornos do neurodesenvolvimento. Na infância, essa prática adquire importância central, considerando a neuroplasticidade cerebral e o papel das funções cognitivas no processo de aprendizagem, socialização e autonomia. O estágio foi realizado presencialmente no Serviço Escola de Psicologia (SEP) da universidade, possibilitando o acompanhamento de crianças com diferentes perfis de funcionamento, o que demandou intervenções personalizadas e alinhadas ao desenvolvimento global de cada uma. As atividades envolveram o uso de jogos estruturados, tarefas de estimulação cognitiva e estratégias de psicoeducação, sempre sob supervisão/orientação do professor de psicologia. O processo foi guiado por princípios éticos e técnico-científicos, promovendo não apenas a melhora de funções como atenção, memória e linguagem, mas também avanços na autoestima e no engajamento familiar. A experiência demonstrou que a reabilitação/intervenção neuropsicológica, quando aplicada de forma lúdica, integrada e contextualizada, pode favorecer transformações significativas na vida das crianças atendidas. Além disso, reforça a importância dessa prática na formação acadêmica, ao aproximar estudantes da realidade dos serviços psicológicos atuais, marcados por demandas complexas e pela busca de intervenções humanizadas e baseadas em evidências.

Palavras-chave: neuropsicologia; desenvolvimento infantil; reabilitação; intervenção cognitiva; estágio em psicologia.



Panorama contemporâneo sobre o Transtorno de Personalidade Borderline: uma revisão narrativa

Rafael Lima Santana (CRP 05/53233)/ **Nathalia Cardoso dos Santos**/
Thalita Ribeiro da Silva dos Santos/ **Thalyta de Souza**/
Lorena Duarte Rodrigues/ **Raquel Cardoso Martins**

Este trabalho apresenta uma revisão de narrativa acerca do transtorno de Personalidade Borderline (TPB), que é caracterizado por um padrão de instabilidade nas relações interpessoais, nos afetos e na autoimagem, além de possuir impulsividade. Segundo o DSM-5, o diagnóstico pode ser feito através de critérios clínicos que tem como base esses padrões de comportamento. Esse transtorno afeta significativamente a qualidade de vida, estudos apontam que experiências traumáticas precoces, desempenham um papel importante no desenvolvimento do TPB. A metodologia adotada foi a revisão narrativa da literatura, baseada na análise de artigos científicos publicados entre 2020 e 2025, com ênfase em estudos nacionais e internacionais que discutem a relação do transtorno, trauma, diagnóstico e tratamento no TPB, além dos avanços nas abordagens terapêuticas. Foram utilizados artigos de base teórica e empírica, selecionados por critérios de relevância e atualidade. A análise incluiu publicações de plataformas como SciELO e PubMed. Conclui-se que o TPB é um transtorno que gera intenso sofrimento, frequentemente associado a um histórico de trauma infantil. Compreender sua complexidade, buscar um diagnóstico precoce, implementar um tratamento humanizado, multidisciplinar que combine intervenções terapêuticas estruturadas com apoio social e um forte vínculo terapêutico são passos fundamentais. O tratamento do TPB, embora não seja simples, é possível e oferece a perspectiva de avanços em direção à autonomia, à reconstrução do sentido da vida e ao resgate da dignidade dos indivíduos que convivem com essa condição.

Palavras-chave: personalidade; borderline; tratamento; revisão



Equilibrium: Efeitos Psicológicos das Atividades Assistidas por Equinos

Isabelle Fernandes Lopes (UFRRJ) / **Kailani Silva de Barros** (UFRRJ) /
Maria Luisa Neves Dias (UFRRJ) / **Monique Lima Rosado Machado** (UFRRJ) /
Pâmela Moreira da Silva (UFRRJ) / **Raquel de Oliveira Guerreiro** (UFRRJ)

A terapia assistida por equinos, ou equoterapia, começou a ser praticada no Brasil na década de setenta, e se apresenta como método terapêutico e educacional, tendo como propósito a reabilitação e o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou em sofrimento psíquico. Neste sentido, há na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) o Equilibrium, um projeto multidisciplinar de pesquisa e extensão sobre intervenções assistidas por equinos. No projeto, são desenvolvidas atividades como terapias em grupo e workshops de liderança, usando a proximidade com os cavalos (chamados co-terapeutas) e com a natureza para ensino e promoção de saúde mental. Este trabalho busca entender a relação entre o contato com equinos e o bem-estar, e como isso pode ser útil para a promoção da saúde mental. Para isso, fizemos uma entrevista com a equipe do projeto Equilibrium da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A entrevista foi feita de forma presencial durante uma visita ao Setor dos Garanhões, local onde os cavalos ficam e onde acontecem as atividades do projeto. Entrevistamos os alunos bolsistas – com a autorização dos professores responsáveis pelo projeto e pelos cavalos – e fizemos perguntas sobre o funcionamento do projeto, a relação da equipe com os co-terapeutas e os efeitos que eles observavam nos participantes das programações desenvolvidas ali. A experiência que tivemos nesse dia, através do contato com os equinos e da entrevista com a equipe, possibilitou que compreendêssemos a influência que esse tipo de atividade tem sobre o bem-estar e a promoção da saúde mental. Concluímos que esse projeto é essencial na UFRRJ, além de demonstrar a pluralidade dos projetos realizados na Universidade e das atuações possíveis em Psicologia.

Palavras-chave: equinos; saúde mental; entrevista; bem-estar.



TEA Nível 1 em Adultos: Contribuições da Avaliação Neuropsicológica

**Luísa Fagundes Coutinho Costa/ Gabriela dos Santos Lopes/
Wanderson da Silva Milagre/ Giovanna Kelly Silva Araújo/
Renata Alves Paes**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação e interação social, além da presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. No nível 1 de suporte, considerado o mais leve, esses traços tendem a ser menos evidentes, o que pode levar a um diagnóstico tardio e impactar negativamente a qualidade de vida. A avaliação neuropsicológica se apresenta como uma ferramenta complementar importante ao diagnóstico clínico, permitindo identificar padrões cognitivos e emocionais, além de oferecer subsídios para intervenções mais personalizadas. Este trabalho tem como objetivo analisar a aplicabilidade de um protocolo de

avaliação neuropsicológica para adultos com suspeita de TEA nível 1 no contexto dos serviços públicos de saúde. Além disso, busca-se compreender de que forma esse processo pode contribuir para intervenções mais eficazes, especialmente quando articuladas à Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Participam da pesquisa adultos com suspeita de TEA nível 1, atendidos em uma unidade ambulatorial estadual na cidade do Rio de Janeiro. Os instrumentos utilizados incluem: Escala Baptista de Depressão - Adulto, Escala de Responsividade Social - Segunda Edição, Escala de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Inventário de Ansiedade de Beck, Inventário de Habilidades Sociais Segunda Edição, Questionário de Camuflagem de Traços Autísticos, Quociente do Espectro do Autismo para Adultos, Teste Não Verbal de Inteligência SON-R 6-40, Teste Rápido de Inteligência e o Instrumento da Organização Mundial da Saúde para Avaliação da Qualidade de Vida (WHOQOL). Ainda em fase de análise, os dados apontam para o potencial do protocolo como recurso de escuta qualificada e como estratégia de apoio à construção de intervenções mais ajustadas às necessidades dos usuários da saúde pública.

Palavras-chave: TEA; avaliação neuropsicológica; TCC; saúde pública.



Interseccionalidade: Reflexões da prática em Clínica Ampliada (Sala Lilás)

Laura Helena Oliveira de Freitas/ Beatriz Soares Fernandes/ Claudia Vaz

Este trabalho objetiva promover uma análise crítica e reflexão ética, evidenciando a importância de uma prática humanizada, favorecendo intervenções que considerem a singularidade dos sujeitos, bem como os determinantes sociais que os atravessam. Em primeira análise, cabe salientar que pode-se entender como Clínica Ampliada uma diretriz de atuação dos profissionais da saúde, onde é essencial que tenha uma articulação e interlocução entre os diferentes saberes, visando melhor compreensão dos processos de saúde-doença e necessidade de inclusão e acolhimento dos usuários, pensando nos mesmos como sujeitos que estão relacionados a este processo intimamente, seja nas condutas de saúde ou na elaboração de seus projetos terapêuticos. Neste contexto, o serviço na Sala Lilás não se insere como uma Clínica Ampliada, mas pode ser o encaminhamento para uma, então, para sustentar a seguinte afirmação, considera-se necessário elaborar uma breve contextualização, dado que se refere a questões que têm um grande impacto na vida diversos indivíduos, o que gera atravessamentos, como sofrimentos psíquicos. Nossa sociedade não contempla a todos os cidadãos em sua diversidade, estamos inseridos em um contexto no qual a hegemonia e o racismo estrutural estão enraizados na sociedade, essa lógica tem sido reforçada a décadas, o racismo no Brasil faz com que a estrutura de desigualdade racial permaneça presente, assim como o branqueamento e o constructo ideológico de branquitude legitime uma supremacia econômica, política e social. No Relatório Anual da Sala Lilás em 2024, foi feita uma análise por raça/etnia no levantamento estatístico, onde consta que de 907 atendimentos, 387 se declararam pardas, 383 se declararam brancas, 135 se declararam pretas, 2 se declararam amarelas e 0 se declararam indígenas. Considerando o que foi observado durante os atendimentos, se torna emergente o debate a respeito dos atravessamentos raciais e suas possíveis consequências interseccionais.

Palavras-chave: psicologia; violência contra mulher; raça; direitos humanos.



O que convive em um Centro de Convivência? Um relato de experiência

Yuri Andrei Isidoro Nogueira

Na Rede de Atenção Psicossocial, os Centros de Convivência e Cultura ocupam lugar de articulação intensa com o território em sentido amplo, promovendo saúde para tanto a população diretamente atendida pelos serviços de saúde mental, como CAPS e SRTs, quanto a população circundante aos CECCOs que não está em uso direto de um dispositivo de saúde mental. As atividades sociais, artísticas e de integração com o mercado de trabalho oferecidas por tal ponto de articulação costumam juntar, em um só tempo e espaço, essas duas demografias, normalmente separadas pelos estigmas da loucura, por preconceitos raciais e de classe, e mesmo por falta de oportunidade. Neste relato de experiência de estágio, serão discutidas as articulações que o Centro de Convivência Trilhos do Engenho, da RAPS Zona Oeste, se propõe a fazer em seu território no Engenho de Dentro, visando enriquecer a visão de convivência entre territórios separados com a experiência de integração entre profissões e saberes diferentes, e com os entraves à proposta de promoção de saúde encontrados tanto no âmbito institucional do complexo do Instituto Nise da Silveira quanto no âmbito social do território do Grande Méier. Também serão expostas as dificuldades e potencialidades da Psicologia para a realização desse trabalho; mais especificamente: de que forma essa profissão e ciência pode contribuir para a construção e manutenção da experiência de convivência, e de que forma ela pode, ao mesmo tempo, prejudicar essa experiência? Os eixos da convivência entre os territórios, entre as instituições e entre as profissões serão articulados visando uma perspectiva plural das possibilidades e desafios à promoção de saúde.

Palavras-chave: centro de convivência; rede de atenção psicossocial; articulação intersetorial; autonomia; territorialização.



Dispositivos de Regeneração social: Cuidado em rede pensando Luto e Deficiência Visual

Danillo Sabino da Silva Moraes/ Anna Clara Cabral Cruz/
Loíse Lorena do Nascimento Santos/ Alexandra Cleopatre Tsallis

Este trabalho tem como objetivo apresentar dois Dispositivos de Regeneração Social (DRS) desenvolvidos no Laboratório afeTAR, uma Unidade de Desenvolvimento Tecnológico vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os DRS são tecnologias sociais voltadas para o bem-estar coletivo e a promoção da transformação social. Com regeneração social, nos referimos a capacidade dos organismos vivos de se reconfigurarem frente aos desafios, renovando suas próprias fontes de energia e recursos. Logo, os DRS são dispositivos que atuam como um espaço de escuta e troca que tem como objetivo a ampliação da oferta de cuidado e a promoção de saúde mental à grupos vulnerabilizados. Um dos dispositivos se destina a pessoas com deficiência visual e outro a pessoas em processos de luto. Ambos os grupos acontecem no Serviço de Psicologia Aplicado da UERJ, semanalmente com a duração de 1h e 30min, sob o modelo "portas-abertas", buscando uma aproximação à política nacional de saúde mental operacionalizada pelo Sistema Único de Saúde, assim, não é necessário inscrição prévia do participante para a realização do atendimento. A equipe de atendimento é constituída por estagiários supervisionados semanalmente. Utilizamos da metodologia afeTAR, proposta por Alexandra Tsallis, como aporte teórico para sustentar o processo de interseccionar os marcadores sociais da diferença em busca da criação de vínculos que sustentam o processo de regeneração social; da ética de pesquisa PesquisarCOM, proposto por Marcia Moraes; e nos inspiramos livremente na Gestalt-Terapia como abordagem clínica ao entendermos que a criação de redes de sustentação acontecem a partir do encontro. Como resultado do trabalho terapêutico em grupo, realizado junto aos DRS, observamos que o fortalecimento dos vínculos construídos evidenciam modos diversos de existir com deficiência visual, assim como o suporte para lidar com o sofrimento, promovendo bem-estar biopsicossocial de pessoas em processo de luto.

Palavras-chave: psicologia social; deficiência visual; luto; dispositivo de regeneração social; gestalt-terapia.

Fonte financiadora do trabalho: Departamento de Inovação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – InovUERJ; Departamento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – DEPEXT.



Intervenção com os pais: uma proposta de atendimento em neuropsicologia infantil

**Alessandra Ferreira Silva Muguet/ Gabriela Andrade Agostinho/
Natasha Santos Maia/ Mário de Araújo Francisco Goulart de Souza/
Sonia Maria Lourenço de Azevedo (CRP 3579-05)**

O estágio supervisionado em Neuropsicologia, realizado em uma universidade da baixada fluminense, teve como foco principal a vivência prática dos processos de intervenção/reabilitação neuropsicológica, realizadas com os pais, com o objetivo de desenvolver habilidades cognitivas e sociais em crianças e adolescentes com desenvolvimento atípico, residentes na região e arredores. Foi possível observar que, além das dificuldades cognitivas, muitas crianças atendidas apresentavam questões no desenvolvimento social, dificuldade para se comunicar, interagir com outras pessoas e entender suas emoções. As atividades do estágio incluíram realizações de triagens, anamnese, avaliação de funções executivas, análise de comportamento, elaboração de hipóteses diagnósticas, intervenção neuropsicológicas. As supervisões/orientações clínicas proporcionaram discussões aprofundadas sobre estratégias de intervenção baseadas em evidências, com ênfase na humanização do cuidado e na articulação entre o contexto clínico e o ambiente familiar. Nesse cenário, o envolvimento da família especialmente dos cuidadores foi compreendido como fator decisivo para o sucesso das intervenções neuropsicológicas. A intervenção com os pais, amplamente validado pela literatura, foi incorporado como parte essencial do plano terapêutico, possibilitando a continuidade das estratégias clínicas no cotidiano da criança. Essa abordagem favoreceu o atendimento da criança/adolescente e fortaleceu os vínculos afetivos entre pais e filhos. O desenvolvimento de habilidades sociais na infância está diretamente relacionado à atuação dos cuidadores como modelos educativos, sendo necessário que ofereçam atenção, escuta, reforço positivo e ambientes seguros emocionalmente. Dessa forma, o processo terapêutico foi conduzido de maneira a integrar o saber técnico com o acolhimento, ampliando as possibilidades de transformação. Como resultado dessa experiência, o estágio possibilitou uma compreensão ampliada da atuação clínica em neuropsicologia infantil, evidenciando que a eficácia das intervenções está diretamente ligada à construção de uma prática ética, afetiva e integrada à realidade familiar.

Palavras-chave: Intervenção; neuropsicologia; atendimento aos pais



Grupo de Orientação Familiar: caminhos para o cuidado, a reflexão e a aprendizagem

Natália Pereira de Oliveira/ Patricia Lorena Quiterio

A literatura indica que as práticas parentais, o padrão da relação entre os cuidadores e crianças, podem ser fatores de risco ou proteção, a depender da forma que são empregadas. A promoção de habilidades sociais educativas pode ocorrer por meio de grupos de orientação familiar, a fim de ampliar seu repertório e incentivar práticas parentais mais positivas para uma melhor relação entre os cuidadores e crianças. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo apresentar a proposta de um grupo de orientação familiar, realizado em um Serviço de Psicologia Aplicada de uma faculdade pública do Rio de Janeiro. Os encontros ocorreram em sete semanas, no segundo semestre de 2025, abordando os temas: princípios de aprendizagem, relacionamento afetivo e envolvimento, regras e limites, consequências para comportamentos adequados, consequências para comportamentos inadequados, voltando no tempo, autoconhecimento e modelo. Participaram cinco familiares (f=4, m=1) e os instrumentos utilizados foram: a) Critério Brasil; b) Inventário de Estilos Parentais; c) Inventário de Habilidades Sociais Educativas - Pais; d) item 16 do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar; e) Avaliação do Impacto Imediato da Sessão; e f) Protocolo de Avaliação do processo. Os dados qualitativos estão sendo analisados por meio do software Iramuteq e os quantitativos, por meio da estatística descritiva, utilizando o software Jamovi. Com a realização desta intervenção, espera-se que as estratégias comportamentais, bem como o relacionamento na família, sejam mais positivas, visando um desenvolvimento socioemocional propício para a saúde mental das crianças e familiares

Palavras-chave: habilidades sociais educativas parentais; desenvolvimento infantil; orientação familiar; práticas parentais

Fonte financiadora: Três bolsas da Pró-reitoria em Graduação (PR-1-UERJ).



Letramento em Direitos Humanos através do Jogo do Privilégio e da Diferença

**Pedro Renan Santos de Oliveira/Julia Salvino Barretto/
Gabriela Alvisse Genevam/ Ana Clara Ferreira Agapito/
Dante França Rocha/ Ivna Lindoso da Silva**

O projeto de extensão “Jogo do Privilégio e da Diferença” (JPD) visa promover o letramento em Direitos Humanos (especialmente nas dimensões sócio-racial, além de classe/gênero/sexualidade) e a conscientização acerca de modos de ser atravessados pela intersecção dos marcadores sociais. Para isso, utilizamos o viés da Psicologia Social Crítica e atravessamentos nos Estudos Decoloniais para pensar Políticas Públicas, bem como aporte teórico nos estudos de Zamboni, que definem marcadores sociais como sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais, geralmente hierarquizando essas diferenças. Dessa forma, o objetivo do projeto é promover, por intermédio do estabelecimento de um processo grupal proporcionado pela ludicidade de um jogo de tabuleiro, o letramento em Direitos Humanos (DH) e reflexões acerca da temática dos DH e marcadores sociais. O projeto é ofertado por estes autores, todos vinculados ao Departamento de Psicologia/ UFF, à população do território de Campos dos Goytacazes (RJ), sendo a principal frente de atuação o Ambulatório LGBTQIAPN+, em modalidade presencial. Sendo assim, nas aplicações, utiliza-se um tabuleiro construído a partir de pesquisas acerca dos relatos de violências estruturais frequentes no território brasileiro, bem como o uso de cartas que auxiliam o participante a refletir sobre como marcadores sociais podem promover ou então barrar privilégios. Além disso, é registrado a cada aplicação, em um diário de campo, os dados coletados, bem como outras informações relevantes. Atualmente, após reunir referenciais teóricos e articular com o local de aplicação, realizou-se encontros com usuários e profissionais do Ambulatório e foi possível observar a prevalência das temáticas referentes à transfobia, machismo e racismo. A partir disso, reflete-se sobre a importância da fomentação de discussões acerca dos DH no território campista, especialmente em serviços de resistência como o Ambulatório LGBTQIAPN+, promovendo reflexões acerca da temática e lutando contra discursos meritocráticos.

Palavras-chave: direitos humanos; marcadores sociais; educação; ludicidade

Fonte financiadora do trabalho: Edital de Fomento da Extensão - FOEXT



Trânsito Consciente: Diálogos sobre Saúde, Risco e Empatia

Danielle Costa de Souza¹ / Ana Karollyna Estevão da Silva² /
Daniele da Glória Vieira de Aguiar³ / Heloísa de Moraes Berto⁴ /
Kauê Miseli de Oliveira⁵ / Ryan do Carmo Camillo⁶

O projeto “Trânsito Consciente: Diálogos sobre Saúde, Risco e Empatia” teve como foco a promoção de comportamentos seguros no trânsito a partir de uma abordagem educativa, psicológica e social. Diante dos altos índices de mortalidade por acidentes de transporte terrestre no Brasil (sobretudo entre jovens), a iniciativa buscou inicialmente realizar intervenções educativas em autoescolas de Jacarepaguá. No entanto, devido a entraves logísticos e à indisponibilidade das instituições parceiras, o projeto foi adaptado para o contexto da universidade proponente, promovendo – à luz da educação dialógica freireana que valoriza a construção coletiva de saberes – uma roda de conversa com alunos, professores e colaboradores. As atividades realizadas abordaram temas centrais à psicologia do trânsito, como empatia com pedestres e ciclistas, percepção de risco, controle da impulsividade e os efeitos do uso de substâncias psicoativas na condução. O objetivo principal foi sensibilizar os participantes quanto à importância de atitudes responsáveis no trânsito, valorizando a vida nas vias urbanas e rodoviárias. Como objetivos específicos, destacaram-se a promoção da reflexão crítica sobre os riscos associados à condução, o estímulo ao compartilhamento de experiências e a contribuição para a formação de uma cultura de paz e cidadania no ambiente viário. Apesar da reformulação do público-alvo, a natureza extensionista e transformadora da proposta se manteve, pois conforme defendido por Silva (2017), a construção de condutores mais conscientes exige ações educativas contínuas que envolvam mais do que as escolas de formação, mas também toda a comunidade, estimulando o cuidado mútuo e a corresponsabilidade no trânsito.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Saúde Mental; Segurança Viária; Psicologia do Trânsito.

1 [Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - escola de enfermagem Anna Nery, Mestre pela UNIRIO. Pós-graduação em Estratégia Saúde da Família e Enfermagem do Trabalho. Professora Titular I da Universidade Unigranrio Afya. danielle.costa@unigranrio.edu.br]

2 [Graduanda de Psicologia . karolestevaosilva@gmail.com]

3 [Graduanda de Psicologia da Unigranrio Afya. danipsia@gmail.com]

4 [Graduanda de Psicologia da Unigranrio Afya. heloisamberto@gmail.com]

5 [Graduando de Psicologia da Unigranrio Afya. kauemiseli@gmail.com]

6 [Graduando de Psicologia da Universidade Unigranrio Afya. p4ffonso@gmail.com]



Autismos e relações de cuidado: caminhos práticos que busquem tecerCOM

**Ana Claudia Lima Monteiro/ Laura Guimarães Duarte/
Marina Caroline Marques Dias Pacheco/ Naevelyn Severino Marins/
Rayane Bento do Nascimento**

A ciência historicamente se constituiu como um campo de saber, dividido por uma estrutura dualista, onde um dos corpos aparece como sujeito e outro como objeto. Essa divisão estabeleceu uma forma de compreender a ciência que busca interpretar o mundo e muitas vezes objetificam corpos e experiências. Nesse sentido, historicamente a psicologia não fugiu dessa lógica de pensamento, trazendo em suas práticas essa mesma metodologia. No contexto atual, determinados corpos ainda estão passíveis a esse tipo de relação, como pessoas autistas que, por vezes, são capturadas por uma lógica que as reduz a diagnósticos e protocolos de intervenção e reabilitação, desconsiderando suas potências, vozes e formas próprias de conduzir o cuidado sobre si. Desse modo, o nosso trabalho tem como objetivo trazer um relato de experiências a partir da participação no Projeto de Extensão Autismos, Autonomia e Afetos. O projeto atua por meio de oficinas de sensibilização corporal, realizadas com crianças e adolescentes neurodivergentes, refletindo sobre as relações, os afetos e as subjetividades envolvidas na relação desses sujeitos com o mundo. Os encontros ocorrem semanalmente, no SPA da Universidade Federal Fluminense. Durante as oficinas, utilizamos atividades e materiais no intuito de desenvolver a intimidade acessibilizadora (access intimacy) entre todos os participantes. Assim, nosso trabalho, sustentado teoricamente pelos estudos da neurodiversidade e no modelo social e feminista da deficiência, defende a importância de um espaço cujas potencialidades dos sujeitos são consideradas, afastando-se da corponormatividade posta pelo realismo euro-americano. Partindo desses preceitos, nossa proposta se fundamenta na relação ativa e participativa com os envolvidos no processo, baseado nos conceitos teóricos de PesquisarCOM, propostos por Marcia Moraes. Portanto, nossas práticas trazem um posicionamento político buscando fugir desse padrão imposto pelas atuais formas de tratamento, que propõem uma adequação do indivíduo às estruturas sociais, postulado por parte desta psicologia normalizadora dos corpos.

Palavras-chave: pesquisarCOM; neurodivergência; subjetividades; projeto de extensão.



Entre cartografias. Genealogia do devir mulher(es) pesquisadora(s).

Chiara Di Fabio Pereda

A cartografia está sendo usada como um modo de produção de pensamento nas práticas de pesquisa, ensino e extensão universitária, possibilitando a integralidade nas três funções do modelo latino-americano. O objetivo deste projeto de pesquisa é mapear a relação entre a cartografia como um modo de pesquisa e as epistemologias feministas no ambiente universitário com base em experiências de pesquisa na Faculdade de Psicologia. O campo acadêmico que começou a trabalhar com a cartografia como prática de construção do conhecimento surgiu no Brasil entre 2005 e 2007. A intenção deste estudo é situar a perspectiva cartográfica no Uruguai e analisar como ela é vivenciada pelas mulheres pesquisadoras, aprofundando as relações existentes entre a cartografia e as epistemologias feministas. O paradigma estético da cartografia permite uma forma diferente de produção de conhecimento, que rompe com a ciência tradicional ao integrar a pesquisa-intervenção como um meio de transformação e rastrear os afetos da pesquisadora. As epistemologias feministas (re)consideram os afetos nos processos de pesquisa acadêmica, incorporando e enunciando emoções, sensações e desejos na produção da "ciência". O mapeamento implica acompanhar esses processos de afetação e a composição de mapas móveis que se reinventam, insistindo que o conhecimento tem consequências políticas, pois (des)constrói uma realidade do mundo. Por meio de grupos de discussão, análise documental e entrevistas cartográficas, partimos das cartografias das mulheres da Faculdade de Psicologia para mapear as conexões que elas fazem com outros ambientes universitários nacionais e internacionais, principalmente brasileiros. Ao mesmo tempo, essa cartografia analisa como essa perspectiva de pesquisa começa a compreender uma maneira diferente de ver a realidade e a ciência na Universidade da República.

Palavras-chave: Cartografia, Epistemologias Feministas, Faculdade de Psicologia

Fonte financiadora do trabalho: Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC-UDELAR) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)



Crianças e Adolescentes LGBTQIAP+ existem: Entre direitos, controle e dignidade

**Thaís da Silva de Lima Santos/ Ana Beatriz Pinheiro Veloso/
Carla Melissa Pinto dos Santos/ Stallone Pereira Abrantes/
Thais Realli Galvão**

O campo das infâncias e as adolescências sempre foram alvos de reflexões e discussões dentro dos mais variados campos do conhecimento, contudo ainda se mostra bastante escassos os estudos e análises acerca de crianças e adolescentes LGBTQIAP+, principalmente pelo sistema de vigilância social e controle, intensificando, ainda que silenciosa, sobre os corpos desses públicos. Não raro, encontram-se em redes sociais, em conversas familiares, em instituições públicas e privadas frases como “se comporte como homem”, “criança não tem sexualidade”, “isso é falta de Deus” e tantas outras expressões que evidenciam os processos de violência e exclusão para/com as infâncias e adolescências LGBTQIAP+. Este trabalho é fruto do trabalho do Laboratório Yangi, vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF). O objetivo é ampliar o debate dentro do saber/fazer psicológico tomando como base as Resoluções 01/99 e a Resolução 01/18 do Conselho Federal de Psicologia, bem como demarcar que a cisgeneridade e a heterossexualidade não se configuram apenas como marcadores sociais, mas como um campo normativo a ser estimulado. É importante salientar que a patologização e medicalização das infâncias e adolescências LGBTQIAP+ não é um fenômeno recente, embora tenha crescido exponencialmente nos últimos anos. Assim, a destituição identitária dessas crianças e adolescentes fomenta uma ferramenta de poder e controle fortalecida pelas violências e estruturas que estão nas relações das diferentes esferas sociais, da política e da cultura. As pesquisas de Sofia Favero, psicóloga e doutora em psicologia, nos indicam a urgência de tomar as crianças e adolescentes LGBTQIAP+ como sujeitos dignos de existência, cuidado e proteção. Sendo assim, os movimentos de aniquilação e controle dessas infâncias e adolescências demandam do fazer psicologia no Brasil a construção de discussões e intervenções que se pautem na dignidade humana, no reconhecimento identitário e principalmente na produção de subjetividade e de vida.

Palavras-chave: Infâncias LGBTQIAP+; Adolescências LGBTQIAP+; Psicologia; Dignidade Humana; Direito das Crianças e Adolescentes.



Adaptação de crianças neurodivergentes no ambiente escolar

**Marta Moreira Martins/ Maria Clara Aghata Silva Souza/
Isabelle Alves Costa/ Jennifer Vitoria Vianna Moreira/
Milena Martins Sá/ Oséias Brito Ribeiro**

O trabalho relata as intervenções realizadas por discentes do curso de Psicologia no âmbito do Projeto de Extensão III, voltado para a adaptação de crianças neurodivergentes no ambiente escolar. As ações foram conduzidas com turmas do segundo e terceiro ano do ensino fundamental, sendo que esta última apresentava desafios adicionais, como a presença de alunos repetentes e uma pré-adolescente de 13 anos. No primeiro dia de intervenção, foi utilizada uma dinâmica com um cubo interativo, criado a partir do plano de intervenção, com o objetivo de auxiliar as crianças na identificação e expressão de emoções como medo, tristeza, raiva e alegria. A atividade revelou o interesse dos alunos e também suas dificuldades em nomear sentimentos. Além disso, durante um momento de escuta inicial, surgiram relatos espontâneos sobre a maneira como os responsáveis lidam com as emoções em casa, muitas vezes de forma inadequada. Diante dessas observações, o segundo dia foi dedicado à construção de um vínculo com o ambiente familiar. Para isso, foi elaborada e distribuída uma cartilha com orientações práticas aos responsáveis, visando promover o acolhimento emocional no cotidiano. Também foram entregues lembranças às crianças, como forma de reforçar o afeto e a valorização do sentir. As intervenções mostraram-se eficazes para fomentar um ambiente mais inclusivo, onde emoções são reconhecidas e acolhidas como parte essencial do processo educativo.

Palavras-chave: psicologia; neurodiversidade; ambiente escolar; extensão universitária; educação emocional.

Fonte financiadora do trabalho: Não houve financiamento para a realização deste trabalho.



A Formação de Redes como Caminho para Compreender-Transformar Situações de Trabalho

Yan de Oliveira Pires/ Brínea Lima Costa/
Miguel Ferreira Salles Affonso/
João Victor Pascoal Pires/ Lucas de Azevedo

O trabalho é uma atividade incontornável da existência humana, estruturante psíquico, determinante no processo saúde-doença e possui uma função psicológica específica nos processos de subjetivação. É um tema transversal à Psicologia, enquanto ciência e profissão. No campo da Psicologia do Trabalho e Organizacional, o grupo de Estágio, Pesquisa e Extensão “EncontrAtividade: Trabalho, Gestão e Saúde Mental”, do Instituto de Psicologia da UERJ, realiza diversas atividades práticas relacionadas à análise-intervenção em situações de trabalho para promover saúde mental e qualidade de vida nas organizações. Nosso objetivo na mostra é apresentar relatos de experiência do grupo, trocar conhecimentos e suscitar um debate sobre os desafios e possibilidades para constituir e fortalecer uma rede de apoio ao desenvolvimento individual e organizacional (Radio) para a prevenção do adoecimento psíquico e a promoção de saúde mental no trabalho. A fundamentação teórica advém de estudos e intervenções internacionais (Modelo Operário Italiano, Ergonomia da Atividade, Clínicas do Trabalho e Ergologia) associados a experiências brasileiras (Pedagogia Freiriana na Educação Popular e contribuições do campo da Saúde do Trabalhador). Os principais conceitos são: trabalho prescrito e trabalho real; tarefa e atividade; sofrimento psíquico no trabalho; real do trabalho; real da atividade; saúde do trabalhador; dispositivo dinâmico de três polos (DD3P). O método, fundamentado pela DD3P, preconiza a participação efetiva dos trabalhadores no processo de compreensão-transformação das situações de trabalho, em parceria com profissionais de equipes de saúde, segurança e qualidade de vida no trabalho da universidade e de um Cerest regional. Dentre as atividades, temos os Encontros sobre o Trabalho, o “Cine-debate: Trabalho em tela” e o evento “Trabalho e humanidade: como se encontram?”. Os principais resultados são: 1) o número crescente de interlocutores interessados na discussão sobre as relações entre trabalho e saúde mental; 2) a experiência exitosa dos eventos baseados em obras artísticas como disparadores do diálogo.

Palavras-chave: psicologia do trabalho e organizacional; saúde mental e trabalho; clínicas do trabalho; ergologia; rede.

Fonte financiadora do trabalho: Departamento de Bolsas e Estágios – CETREINA/ UERJ; Departamento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – DEPEXT/ UERJ.



Formação feminista e cuidado de mulheres em situação de violências de gênero

**Victória Rosa da Silva/ Julia de Andrade Baptista Teixeira/
Lais Paixão Mendes/ Linda Vitória Pires e Silva/
Loise da Costa Santos/ Tarsila Goes Bhering Vaz/
Paula Land Curi**

As violências contra às mulheres são questões sociais e de saúde pública que ainda seguem crescentes no Brasil, isso porque, historicamente, há a reprodução de dinâmicas patriarcais opressivas que subjugam as pessoas que se identificam com o gênero feminino, independente de classe social, faixa etária e cor, ainda que em diferentes graus. Tendo isso em vista, o presente trabalho surge no contexto do Programa Extensionista Mulherio: tecendo redes de resistência e cuidados, que oferece a possibilidade de atendimento psicológico às mulheres em situação de violências de gênero encaminhadas pela rede especializada de atendimento. Sendo assim, o manuscrito visa dar lastro a como esse programa tem possibilitado a formação de um corpo clínico feminista na Universidade Federal Fluminense (UFF), no Instituto de Psicologia de Niterói. Para tal, utilizaremos o relato de experiência somado as leituras que nos instrumentalizam a pensar a construção de uma clínica feminista no ambulatório do Mulherio. Como caminhos resultantes desse trabalho coletivo, indo além do prescrito na formação de Psicologia no Brasil, pudemos discutir a respeito das formas com que o cuidado às mulheres em situação de violência tem sido feito. Nisso, houve a possibilidade de construir o exercício de uma escuta sensível e crítico-política, isto é, uma escuta que não revitimiza e reproduz violências institucionais, mas comprometida em dar lugar a autonomia enquanto um exercício de protagonismo da mulher em seu cuidado e em sua história. Logo, a autonomia da mulher passa a ser um compromisso ético essencial para que caminhos singulares surjam na trajetória das mulheres, dando a possibilidade à construção de redes de cuidado possíveis a cada uma. Por fim, importante ressaltar que esse trabalho se sustenta revisitando constantemente seus saberes e fazeres, uma vez que compreendemos que se não estivermos continuamente atentas a eles, reproduziríamos ainda mais violências.

Palavras-chave: Extensão universitária; Violências contra as Mulheres; Psicologia Feminista.

Fonte financiadora do trabalho: Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal Fluminense (UFF).



Aposta no coletivo: território e grupo no cuidado deambulatório

Lana Romano Moura/ Andréa da Silva Vilanova

Este trabalho visa trazer um relato de experiência sobre o estágio em psicologia do Projeto Acolhimento às Urgências Subjetivas e sua parceria com o Deambulatório A.P 3.2 Abolição/Engenho de Dentro. O projeto, vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRJ e orientado pela teoria psicanalítica, visa debater sobre os processos de acolhimento que ocorrem nos serviços de saúde, refletindo sobre as demandas apresentadas na porta de entrada e os desdobramentos clínicos que surgem a partir disso. Nesta parceria, nós focamos em problematizar a lógica de cronificação dos tratamentos ambulatoriais, nos propondo a refletir como ocorre a entrada e permanência de usuários em um serviço novo, ainda em construção, vinculado ao SUS. O serviço deambulatório busca se expandir para o território e não centralizar sua atuação nos centros de saúde. Entendendo que o cuidado não deve mais ser pensado como uma construção apenas institucional, o dispositivo do Deambulatório se mostra presente em ambientes do cotidiano de seus usuários, como pode ser citado os atendimentos realizados nas clínicas da família e os grupos em centros culturais. Considerando o grupo como uma ferramenta de criação de laço social e espaço de restabelecimento da linguagem e de sua cidadania, o serviço do Deambulatório aposta nesses dispositivos coletivos como equipamentos para se realizar uma continuidade de cuidado e assistência. Nossa metodologia se configurou na participação dos estagiários, de forma presencial, no serviço, acompanhando reuniões, supervisões, grupos e atendimentos. Aqui, irei focar na construção e realização dos grupos de Aromaterapia e no Grupo Avaliativo Compartilhado com o Ambulatório Nise da Silveira para demonstrar como o trabalho coletivo e territorializado tem apresentado impactos positivos no processo de tratamento dos usuários do serviço. Observamos que no decorrer do estágio, diversos usuários têm frequentado os grupos com regularidade e relatam melhoras no seu processo de tratamento.

Palavras-chave: deambulatório; grupo; território; saúde coletiva; psicanálise.



InterAção Jr.: Uma Experiência Formativa no Campo do Trabalho e das Organizações

**Juliane Tostes Mendes Moreira/ Yan de Oliveira Pires/
Raissa de Andrade da Silva/ Felipe Oliveira Barboza/
Larissa Soares dos Santos/ Heloisa Helena Ferraz Ayres**

A InterAção Jr., empresa júnior de Psicologia da UERJ, através do projeto de extensão “Psicologia do Trabalho e Organizacional - ênfase nos processos organizacionais: Orientação ao funcionamento da Empresa Júnior do Instituto de Psicologia”, apresenta uma visão crítica sobre o campo do trabalho e das organizações, construindo – em parceria com os discentes e a comunidade – um modelo de empresa sem fins lucrativos que questione o status quo e promova um olhar ampliado para esse campo. O objetivo é propiciar condições aos integrantes de aprender fazendo, ou seja, todas as atividades são construídas com os alunos para a prática profissional. O projeto integra o Laboratório Trabalho, Inclusão Social e Sustentabilidade (LaTIS), conta atualmente com 12 empresários juniores e uma professora supervisora. O referencial teórico-metodológico baseia-se na Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, além do Ciclo Vivencial de Aprendizagem e da Concepção Psicossocial Integrada, ancorada no pensamento complexo de Morin, processos grupais e pesquisa-ação. Desde 2024, o projeto atendeu 438 pessoas, realizando: - Elaboração de conteúdo educativo para as redes sociais; - Curso de Extensão - Práticas de Gestão de Pessoas; - Consultorias em processos de Gestão de Pessoas; - Participação na Comissão organizadora local e institucional do XI Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho/CBPOT, destaca-se a coordenação do “Encontro Nacional de Empresas Juniores de Psicologia” e o envolvimento em 6 Grupos de Trabalho; - Realização de Rodas de conversa e Palestras sobre: “Saúde Mental no Trabalho e Síndrome de Burnout”, “Motivação”, “Inteligência Emocional”, oferecidas a diversas populações: refugiados, jovens, estudantes, trabalhadores; e a - participação e promoção de eventos da área da Psicologia do Trabalho e Organizacional. A InterAção Jr. vem possibilitando a autonomia dos estudantes, através de ações inovadoras e uma capacitação ampliada na formação dos estudantes de psicologia, em um caminho de aprendizagem contínua, ética e responsável para uma atuação profissional de excelência.

Palavras-chave: empresa júnior; psicologia do trabalho e organizacional; gestão de pessoas; ações inovadoras; capacitação ampliada.

Fonte financiadora do trabalho: Departamento de Inovação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – InovUerj; Departamento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – DEPEXT.



Movimento dos Grupos Sociais: (Re)pensando o Trabalho Através da Inclusão Social

**Yan de Oliveira Pires/ Gabriella Miranda dos Santos Barrozo/
Larissa Soares dos Santos/ Maria Clara de Souza Cherem/
Yuri Santos Sanches Ficher/ Heloisa Helena Ferraz Ayres**

A humanidade observa grupos em situações de vulnerabilidade social, forçados a abandonar suas identidades, tradições e comunidades, como a única opção na procura por melhores condições de vida, garantia de segurança e preservação da liberdade. Neste sentido, o projeto de extensão “Socialização e Inclusão Social - movimento dos grupos sociais” do Instituto de Psicologia da UERJ objetiva possibilitar ações de suporte e inclusão social a populações vulneráveis no contexto da migração, refúgio e trabalho análogo à escravidão, considerando o trabalho como dispositivo fundamental na socialização e favorecendo a construção de redes de apoio. O referencial teórico-metodológico baseia-se na Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, no Ciclo Vivencial de Aprendizagem e na Concepção Psicossocial Integrada, ancorada no pensamento complexo de Morin, processos grupais e pesquisa-ação. O projeto atendeu, em 2024, 169 pessoas – sendo 18 da comunidade interna e 151 da externa – e, desde 2020, contemplou 1.118 migrantes e refugiados. Destacam-se rodas de conversa, grupos de desenvolvimento pessoal, oficinas e acolhimento psicológico, com temas como: - Saúde mental; - Qualidade de vida; - Comunicação interpessoal. Algumas parcerias institucionais firmadas foram: PARES Cáritas RJ, PARTE Cáritas RJ, Aldeias Infantis SOS e Toti Diversidade, produzindo dados empíricos e reflexões teóricas que fortalecem ações de promoção de direitos e inclusão social. Através de questionários e relatórios, avaliam-se as atividades continuamente. Os resultados apontam a importância desse compartilhamento de experiências, aprendizagens e planejamento de ações para sua inserção no mercado de trabalho. Em troca, as atividades proporcionam desenvolvimento pessoal e profissional aos discentes, ampliando conhecimentos teóricos e práticos. Aliada ao Código de Ética Profissional do Psicólogo, a metodologia evidencia a subjetividade humana, fortalecendo relações cooperativas e horizontais entre a rede de atores envolvidos. Esse relacionamento facilita a inclusão social, dialogando com a academia e a sociedade, e proporcionando a formulação de planos de ação individuais e coletivos.

Palavras-chave: vulnerabilidade social; inclusão social; migração; trabalho; processos grupais.

Fonte financiadora do trabalho: Departamento de Bolsas e Estágios - CETREINA/ UERJ; Departamento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - DEPEXT; PIBIC - Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da UERJ.



Relato de experiência: oficina de significado com idosos

**Adrielle da Silva Gomes/ Edgar Clarismundo de Souza Júnior/
Maria Luísa Guimarães Costa/ Luciene de Fátima Rocinholi**

O Núcleo da Terceira Idade é um dispositivo de saúde voltado para atenção à população idosa que visa a promoção de saúde e bem-estar, embasado na Política Nacional do Idoso. Diante disso, este trabalho visa apresentar a oficina de Reflexão de Significados, desenvolvida no Núcleo da Terceira Idade do município de Seropédica, como atividade avaliativa da disciplina de psicogerontologia, no curso de psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O objetivo foi compreender o lugar e os significados atribuídos ao Núcleo por seus usuários, além de refletir sobre a importância desses equipamentos serem implementados em outros territórios como modo de fornecer à sociedade o envelhecimento saudável como algo acessível e amparado pelo Sistema de Saúde Nacional. As atividades ocorreram presencialmente no ambiente do Núcleo da Terceira Idade, em Seropédica, com os idosos frequentadores. Pautou-se por dois momentos, o primeiro com uma roda de compartilhamento de experiências, vivências e o lugar que o Núcleo ocupa na vida dos usuários; e o segundo com uma oficina composta por duas partes: uma de materialização artística - através de poemas, desenhos, etc - dos significados trazidos anteriormente e outra de compartilhamento grupal dessa materialização. Os resultados da oficina se deram a partir da exposição de narrativas na roda de conversa e, como síntese do projeto, da materialização dos significados para os idosos através de cartazes, com relatos escritos e desenhos. O produto final apontou para os benefícios de se promoverem espaços de escutas para idosos, bem como o papel do registro para a elaboração e rememoração de conteúdos subjetivos. A partir dessa experiência, pode-se construir uma reflexão sobre a relevância desse tipo de dispositivo de saúde para a população idosa e seu impacto para a contribuição de um processo de envelhecimento saudável e ativo.

Palavras-chave: psicogerontologia; saúde do idoso; psicologia; núcleo da terceira idade; envelhecimento

Fonte financiadora do trabalho: Não houve.



Entendendo sobre a primeira ajuda psicológica em casos de desastres socioambientais

**Larissa Siqueira de Oliveira Alves/ Regina Carmela Emília de Resende/
Luciana Domard / Verônica Quintas Félix/ Ana Carolina da Silva Duarte/
Marina dos Santos Del-Secchi/ Wanielly Souza Moraes**

O presente trabalho, realizado durante o processo de extensão de pesquisa pelo Grupo de Estudos em Psicologia, Políticas Públicas e Assistências (GRUPPA), estuda os impactos sobre os desastres socioambientais com foco na região Serrana do Rio de Janeiro em 2011. O objetivo geral é compreender o significado do trabalho do psicólogo em casos de desastres socioambientais, especialmente no início da tragédia ocorrida no campo emergente. Coloca-se em evidência, diante da ampla produção acadêmica sobre o tema, a importância de que os (as) discentes do curso de Psicologia da região Serrana do Rio de Janeiro, assim como de outras regiões do Brasil, compreendam como atuar de forma ética, sensível, não invasiva e com comunicação não violenta junto às vítimas de desastres. O estudo utiliza como base os livros, "Guía Práctica de Salud mental: en casos de desastres" por Rodríguez; Zaccarelli Davoli; Pérez (2009) e "Salud Mental y Apoyo Psicosocial en Situaciones de Emergencia" (2007). Desenvolveu-se uma metodologia bibliográfica exploratória, com o objetivo de compreender a Primeira Ajuda Psicológica (PAP) em contextos de desastres socioambientais, para entender como diferentes autores abordam a temática por meio de manuais, artigos e livros. Foram analisados quatro documentos, com base nos critérios estabelecidos pela pesquisa, a fim de promover discussões sobre o tema. Os resultados, por fim, demonstram a importância da comunicação, por parte dos docentes, aos discentes, sobre a existência do trabalho multidisciplinar e intersetorial em casos de tragédias socioambientais. Com esse entendimento e acesso às informações, os estudantes podem buscar aprofundar seus conhecimentos sobre a temática, tornando o estudo mais significativo para auxiliar as vítimas, reconhecendo o valor de uma intervenção organizada em conjunto com profissionais de outras áreas do conhecimento.

Palavras-chave: desastres; primeira ajuda psicológica; desastres socioambientais



Adultescer: O Verbo e o Processo de Existir Autêntico

Pablo Henrique D. dos Anjos/ Tairine de Sousa Alexandre

A forma que nos organizamos cultural e socialmente, pode nos fazer perder o tato ou sentido no dever realizado cotidiano. Exemplo deste, seria a passagem do tempo, e as questões que englobam o envelhecimento, aqui correlacionados e debatidos através do processo de maturação – conceito de Donald Winnicott, e o conceito de vir-a-ser de Heidegger, perante o contemporâneo e práticas sociais de experiências de lazer, trabalho, família etc.

Para Winnicott, esse processo de “adultescer” não está somente relacionado ao crescimento físico ou de alcançar a maioridade, mas pela possibilidade de estar só, lidar com a frustração, a possibilidade da entrega a experiência e relações com ambiente de forma autêntica. Neste contexto, o adulto atrelado a liquidez e celeridade das relações contemporâneas se esquece, que, em si, é um sujeito para Heidegger, lançado as experimentações e seu próprio processo de vivência, ou seja, em si, ele é um processo.

Deste modo, analisa-se o modo que se amadurece atualmente, assim como se passa por esse processo de se tornar adulto, destrinchando desde a infância, passando pela adolescência, observando que tal fase, pode ser a busca pelo pertencimento, ambivalência etc. Em se tratando da atualidade, as mudanças sociais, e pressão por sucesso assim como a positividade excessiva citada por Byung-Chul Han, o processo de maturação do adulto se tornou complexo e mais moroso, sendo o adultescer um processo de construção constante, com múltiplas diversidades, mas sem nenhuma garantia.

Contudo, ser adulto não é um estado fixo, mas uma trajetória, reconhecendo que vir a ser adulto é uma fase inacabada, que implica presença e responsabilização sobre a própria vida. Sendo então, este processo, também emocional, subjetivo e existencial.

Palavras-chave: Winnicott; Heidegger; maturação; subjetivação; adulto



Pré-menopausa: impactos psicológicos em mulheres cisgênero

Carla dos Anjos Corrêa/ Fernanda Teresa Bonfadini Selasco/
Flávia Quaresma L R C Guedes/ Isabelli Stain Fernandes/
Rafaela dos Santos/ Rosane Ventura Ângelo

Este projeto tem o objetivo de abordar os impactos psicológicos, emocionais e físicos da pré-menopausa em mulheres cisgênero e visa minimizar esses impactos, que frequentemente são negligenciados e, até os dias atuais, tratados como tabu pela sociedade brasileira. A pré-menopausa, é um período de transição que antecede a menopausa, mas que é caracterizado por intensas transformações emocionais, psicológicas e físicas, devido as alterações hormonais.

Nesta fase, alguns sintomas podem ser agravados, inclusive, pela falta de conhecimento e pela falta do autocuidado. Há uma associação entre a perimenopausa e o aumento do risco de alguns transtornos psiquiátricos, como depressão e ansiedade, além de alteração na memória e concentração. A falta de conhecimento e do acesso a serviços de saúde, intensifica a dificuldade, especialmente para mulheres em situação de vulnerabilidade social.

A metodologia incluiu buscas bibliográficas e entrevistas com profissionais da saúde, com a intenção de promover conhecimento sobre sexualidade, autocuidado e sobre os conflitos emocionais, psicológicos e físicos desta fase. O projeto propõe ações educativas visando a melhora na qualidade de vida e bem-estar, divulgando informações em redes sociais digitais. Adicionalmente, o projeto prevê a realização de entrevistas, com especialistas de diversas áreas, com o intuito de apresentar estratégias de enfrentamento e ressaltando a importância do acompanhamento psicológico, médico e pela busca de um estilo de vida saudável. A iniciativa busca elucidar sobre este fenômeno, valorizar o autocuidado e promover conhecimento para mulheres nesta fase, além de ajudar a formar profissionais mais humanos e comprometidos com a sociedade.

Palavras-chave: menopausa, pré-menopausa, psicologia, mulher, climatério



Psicoeducação com professores para promoção de engajamento escolar e prevenção ao suicídio

Yasmin Tonelli da Silva Costa/ Ana Júlia de Carvalho Pereira Alves/
Vanessa Barbosa Romera Leme

Os anos finais do Ensino Fundamental (EF) apresentam altas taxas de violências interpessoais e autoprovocadas, impactando de maneira negativa nas relações interpessoais e na saúde mental de estudantes e professores. Pesquisas recentes indicam que esses problemas foram agravados com o retorno das aulas presenciais, após o fim do isolamento social devido à pandemia da Covid-19. Baseada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e constructos da Teoria da Resiliência, esta pesquisa tem por objetivo implementar e avaliar grupos psicoeducativos com professores dos anos finais do EF para promover engajamento escolar e prevenir suicídio no contexto escolar. Os participantes são professores, de ambos os sexos, que lecionam do 6º ao 9º ano do EF de escolas públicas no Estado do Rio de Janeiro. Na fase inicial de coleta de dados, sete professores participaram de uma entrevista semiestruturada a fim de analisar o engajamento escolar e habilidades sociais, conforme a literatura, estruturadas em: afetiva, comportamental e as dimensões cognitiva e a agente foram unidas para fins deste instrumento. A análise de dados qualitativos foi realizada com suporte do software requalify.ai., revelando pontos em comum, como a valorização da interação entre alunos, a importância do apoio mútuo, confiança e diálogo como elementos fundamentais para promover o engajamento escolar. Além disso, os professores ressaltam a necessidade de considerar aspectos afetivos, comportamentais, cognitivos e de engajamento dos alunos, bem como a importância de abordagens inclusivas e colaborativas para lidar com a diversidade de necessidades individuais dos estudantes. Os achados evidenciam que a relação entre alunos e professores se mostrou como elemento central na análise do comportamento dos alunos em relação às aulas. A partir dos dados preliminares, os grupos psicoeducativos serão realizados para promover relações interpessoais positivas no contexto escolar, contribuindo para a saúde mental de alunos e professores dos anos finais do EF.

Palavras-chave: engajamento escolar; ideação suicida; relações interpessoais; saúde mental; ensino fundamental.

Fonte financiadora do trabalho: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ.

Número do processo CAAE: 76781323.9.0000.5282



A Conceitualização Cognitiva como ferramenta para nortear um tratamento na Terapia Cognitivo-Comportamental

Gabriella de Andrade Knupp/ Vanessa Dordron de Pinho

O objetivo deste trabalho é apresentar os efeitos da conceitualização cognitiva como eixo estruturante de uma intervenção em Terapia Cognitivo-Comportamental, a partir de um caso clínico atendido presencialmente em estágio supervisionado. O paciente, homem de 19 anos, heterossexual e branco, apresentava como queixa principal a vivência frequente de raiva intensa. No entanto, desde o início do processo terapêutico, demonstrava grande dificuldade em expressar essa queixa com clareza, revelando uma visão distorcida sobre sua própria raiva, percebida como algo inaceitável. Foi necessário o emprego de diferentes ferramentas clínicas, como a seta descendente e registros de pensamentos disfuncionais (RPDs), em diversos atendimentos para construir uma conceitualização consistente, que pudesse auxiliar a terapeuta-estagiária a produzir uma intervenção adequada. Esse processo permitiu identificar os principais eventos ativadores, pensamentos automáticos, crenças intermediárias e centrais associados à queixa e, como resultado, foi possível compreender que os episódios de raiva estão frequentemente associados a interpretações rígidas e disfuncionais das suas próprias convicções sobre as emoções. A partir dessa compreensão, foi possível elaborar um plano de tratamento estruturado, que inclui psicoeducação sobre emoções, questionamento socrático, reestruturação cognitiva, técnicas de relaxamento e exercícios de não-julgamento das emoções. O plano de tratamento derivado da conceitualização cognitiva visa promover maior autorregulação emocional e aumentar a capacidade de refletir antes de agir impulsivamente. Este caso reforça a necessidade de perseverar na construção da conceitualização, especialmente em contextos de formação, nos quais existe uma certa angústia por parte dos terapeutas-estagiários frente à dificuldade de aplicar intervenções imediatas. A construção da conceitualização mostrou-se essencial para que o tratamento fizesse sentido, tivesse direção e respeitasse o tempo necessário para a compreensão das demandas emocionais do paciente.

Palavras-chave: terapia cognitivo-comportamental; conceitualização cognitiva; intervenção.



Aprendizado e desafios no CAPSi: um relato de experiência em saúde mental infantojuvenil

Raquel Faria Delizo/ Julia Nunes Da Silva

O Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) desempenha um papel essencial na assistência a crianças e adolescentes com transtornos mentais graves, oferecendo suporte psicossocial por meio de uma abordagem interdisciplinar e humanizada. O estágio nesse ambiente permitiu a aplicação de conhecimentos teóricos na prática, além de evidenciar desafios e estratégias para aprimorar o atendimento em saúde mental infantojuvenil. Este relato de experiência tem como objetivo descrever e analisar a vivência no CAPSi, destacando as atividades realizadas, os desafios enfrentados e as aprendizagens adquiridas ao longo do estágio. Método: Trata-se de um relato de experiência, baseado na vivência prática durante o estágio realizado em um CAPSi entre 26 de agosto de 2024, até a presente data (junho de 2025). Resultados: Os atendimentos individuais proporcionaram um contato próximo com os pacientes e a construção de um vínculo terapêutico essencial para a continuidade do tratamento. As reavaliações de casos permitiram ajustes nos planos terapêuticos, garantindo um atendimento mais personalizado. As oficinas terapêuticas demonstraram ser ferramentas importantes para o desenvolvimento emocional e social dos pacientes, embora a participação tenha sido um desafio em alguns casos. A experiência nas visitas ao DEGASE revelou a complexidade do atendimento a adolescentes em medidas socioeducativas, reforçando a necessidade de estratégias específicas para engajamento. Por fim, as reuniões de equipe evidenciaram a importância do trabalho interdisciplinar, promovendo trocas de conhecimento entre os profissionais e um planejamento mais eficaz das intervenções. Conclusão: A experiência no CAPSi proporcionou um aprendizado significativo sobre a complexidade da assistência em saúde mental infantojuvenil, destacando a importância da interdisciplinaridade e da adaptação contínua das estratégias terapêuticas. Apesar dos desafios enfrentados, como a alta demanda por atendimentos e a resistência inicial de alguns pacientes, foi possível observar impactos positivos na evolução dos casos acompanhados.



Sintoma: um d(efeito)

Michelly Azeredo Nunes/ Victor Leandro Silva Rosa

Este trabalho parte de uma inquietação teórica e clínica acerca do conceito de sintoma na psicanálise, tomando como referência a prática de estágio supervisionado em uma instituição de reabilitação. O sintoma é estruturante do sujeito neurótico e, por conta disso, nos acompanha e sustenta diversas ordenações de significantes que nos são caras. Fundamentando-se em Freud, especialmente em textos como Conferências In- trodutórias à Psicanálise (1916/2014) e Inibições, Sintomas e Angústia (1926/2014), compreende-se o sintoma como uma forma de satisfação substitutiva da libido reprimida, resultante de um compromisso entre forças psíquicas divergentes (Eu e Id). A pesquisa adotou metodologia qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica e relato de experiência. A escuta psicanalítica, nesse cenário, permite observar como o sintoma pode se inscrever como um modo de vida, não raro incluído na satisfação narcísi- ca do sujeito. A principal descoberta foi a confirmação de que, em vez de se propor à eliminação do sintoma, o papel do analista é o de escutá-lo como expressão singular da verdade do sujeito, incluindo sua posição no mundo e nas relações. Nesse sentido, na clínica de sofrimentos atrelados a questões corporais – como no caso de uma am- putação –, o que interessa é como o sujeito articula essa condição com sua realidade psíquica. Dessa forma, o sintoma, longe de ser um simples “defeito”, pode operar como efeito de uma construção subjetiva que exige reconhecimento e elaboração, para que o sujeito possa, ele mesmo, construir sua verdade no processo analítico. O trabalho destaca, portanto, a importância da clínica psicanalítica na reabilitação, reafirmando o valor da escuta do sofrimento psíquico nas instituições de saúde.

Palavras-chave: psicanálise; sintoma; reabilitação; subjetividade; clínica institucional.

Fonte financiadora do trabalho: Não se aplica.



A imagem de si: Construção Psíquica e sua Expressão nos Transtornos Alimentares

Amanda Vieira Brito Amaral Pessoa/ Victor Leandro Silva Rosa

O presente trabalho aborda a constituição da imagem a partir da perspectiva psicanalítica, especialmente com as contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Pretende-se compreender como a imagem corporal não decorre de determinismos biológicos, mas se constitui como resultado de um processo simbólico e inconsciente, que se inicia na relação do sujeito com o Outro. Segundo a leitura freudiana, desde o desamparo originário do bebê, a presença do cuidador, marcada pelo olhar e pelo desejo, inaugura uma dinâmica em que o corpo é afetado por excitações polimorfas, levando o sujeito a estruturar sua psique por meio do autoerotismo, inaugurando a lógica das pulsões parciais. Essas experiências fundantes sustentam a constituição do narcisismo primário, momento em que o sujeito investe libido em si, formando uma imagem idealizada que proporciona coesão psíquica inicial. Tal imagem de si, sustentada pelo olhar do Outro, dá origem ao Ideal do Eu, instância que orienta o sujeito por meio de modelos idealizados, muitas vezes inatingíveis. A imagem corporal, portanto, é uma construção simbólica marcada por identificações com figuras significativas e pelas exigências do desejo parental. Na contemporaneidade, a imagem corporal ocupa um lugar central na constituição subjetiva, sendo atravessada por ideais de perfeição, controle e conformidade aos padrões sociais. Neste trabalho, fundamentado em uma revisão bibliográfica de autores clássicos da psicanálise, busca-se articular os quadros clínicos dos transtornos alimentares à constituição da imagem de si. A relevância do tema se evidencia na medida em que o corpo, que originalmente deveria ser um espaço de prazer e significação, passa a ocupar o lugar de um cenário de sofrimento psíquico. Nessa perspectiva, o sintoma alimentar se configura como manifestação de uma fragilidade narcísica, revelando a complexidade da imagem corporal enquanto formação inconsciente, atravessada pelo desejo do Outro e pelos ideais culturais que regulam os vínculos subjetivos na contemporaneidade.

Palavras-chave: imagem de si; narcisismo; psicanálise; corpo; sofrimento psíquico.



Clínica da mutação: a psicanálise e a ética da metamorfose

**Miguel Rufino Reina Soares/ Fernando da Silva Mancebo/
Richard Silva dos Santos / Raissa Ramos de Oliveira Theodoro/
Juliana de Araujo Thuler Zolotar/ Beatriz Araujo de Souza e Silva/
Waldenilson Teixeira Ramos**

O contemporâneo passa por um processo de transformação. Por um lado, o fascismo ressurgue com força máxima e, por outro, os corpos silenciados reivindicam sua voz. Frente a esse cenário, o filósofo dos estudos de gênero Paul Preciado convoca a psicanálise a responder de um lugar: é preciso uma clínica mutante para fazer frente a esse paradigma. Sendo assim, propomos pensar uma escuta à altura dessa responsabilidade, uma prática aliada dos diversos corpos singulares, a qual sirva como apoio para que o paciente consiga sustentar seus desejos e estar aberto aos devires possíveis. Para pensarmos tal setting analítico, partimos das discussões realizadas no Coletivo Autônomo de Produção Acadêmica, grupo de estudos, pesquisa e tutoria realizado presencialmente na Universidade Federal Fluminense, no qual graduandos discutem filosofia, psicanálise e estudos de gênero, almejando uma formação crítica e resistente às diversas formas do fascismo. Através do método da revisão bibliográfica, buscamos, na transversalidade teórico-metodológica, a construção de um fazer psi mutante. Entende-se que a escuta deve funcionar como a cama do personagem “Gregor Samsa” de Kafka funcionou para ele: uma plataforma mutacional, na qual ele ressurgue transformado. Portanto, em um presente no qual as possibilidades de existências são cerceadas pelos Estados de exceção, a lógica da psicanálise precisa superar a normatividade em seu discurso e fazer frente como um espaço de resistência, assim como o inconsciente é o local que resiste ao tempo linear. Logo, a clínica não pode ser um espaço de normalização para o capitalismo, mas seu ethos tem de ser aliado ao desejo do corpo sujeitado de se apropriar de sua subjetividade. Entendemos que essa passagem do ser falado ao ser falante não pode ser universal, mas criado no processo analítico singular dos pacientes, o que nos leva a pensar uma ética da relacionalidade.

Palavras-chave: psicanálise; mutação; devir; psicologia clínica.

Fonte financiadora do trabalho: Nenhuma.



Memórias familiares: Processos de construção identitária da família a partir do Natal

Andrielle Madeira Ramos Guimarães/ Wanderson Fernandes de Souza

As memórias familiares – individuais ou coletivas – atuam como fios que entrelaçam passado, presente e identidade. São elas que sustentam tradições, preservam vínculos e moldam a subjetividade daqueles que as compartilham. Como defende Halbwachs, o afastamento de um grupo pode permitir a criação de quadros vívidos, mas não de verdadeiras lembranças. A partir dessas reflexões, o seguinte trabalho se ancora na perspectiva de que as memórias da família participam ativamente da construção de sua história da própria família e na subjetividade de seus membros, com base nos principais autores da área da memória fundamentando a noção de memória coletiva em contexto familiar. Para tal elaboração, foi utilizada a autoetnografia e fenomenologia da memória como metodologias. A autoetnografia é um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa e, enquanto abordagem que articula experiências pessoais com contextos socioculturais, permitiu observar os processos identitários a partir da minha vivência em meio familiar. Sendo assim, a pesquisa foi construída através de entrevistas e conversas com a minha própria família. Os relatos coletados foram analisados e organizados a fim de construir uma cronologia, tendo como pano de fundo as comemorações natalinas. Os procedimentos envolveram uma escuta ativa, registros – escritos, fotográficos e ilustrativos – e sistematização das memórias evocadas. Como resultados preliminares, observou-se que as experiências vividas em contexto familiar – sobretudo durante o natal – impactam diretamente a constituição das memórias pessoais, dos vínculos afetivos e da subjetividade dos membros da família. A análise aponta para a importância dessas vivências na formação da memória coletiva familiar, revelando um processo contínuo e retroalimentado entre narrativas individuais e identidade familiar compartilhada.

Palavras-chave: memórias de família; autoetnografia; natal; memória (coletiva e individual)



Reflexões sobre o uso recreativo de iPDE-5 para melhorar a performance sexual

Fernanda Goulart da Silva/ Wanderson Fernandes de Souza

Com a crescente participação das mulheres em meios sociais que anteriormente eram de predominância masculina, os homens passaram a buscar espaços para a reafirmação da virilidade. Esse fato corroborou para a exacerbação de ideais de intensificação da potência e otimização do desempenho sexual. Nesse panorama, este estudo realizou uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, com a análise de artigos, livros, teses e dissertações e outros materiais pertinentes que abordassem o tema do aprimoramento da performance sexual mediado por drogas para tratamento da disfunção erétil, os inibidores da fosfodiesterase tipo 5 (iPDE-5). A proposta é tecer reflexões sobre o uso recreativo de iPDE-5 para melhorar a performance sexual, com a exploração da crise da masculinidade contemporânea e sua relação com a medicalização da sexualidade masculina. Este estudo foca no uso recreativo e indiscriminado de iPDE-5 por homens saudáveis e analisa suas consequências preocupantes, como o aumento do comportamento sexual de risco, uma potencial piora na confiança erétil e o risco de dependência psicológica. Além disso, o estudo aborda também o panorama das políticas públicas voltadas à saúde do homem, que reforçaram desde o início da sua criação uma noção de invulnerabilidade do homem. Sendo assim, foi possível observar que esse é um dos fatores que contribuem para a dificuldade de acesso dos homens à atenção básica. Por fim, ressalta-se a importância da terapia cognitivo sexual (TCS) como a abordagem escolhida para compreender e intervir nesses fenômenos, a fim de alcançar uma saúde masculina integral que transcenda a mera funcionalidade biológica.

Palavras-chave: inibidores da fosfodiesterase tipo 5; performance sexual; medicalização; saúde do homem; terapia cognitivo sexual.



A terapia do esquema na prática clínica

Flavia de Carvalho Reishoffer/ Zarlete da Silva Faria

A terapia do esquema, desenvolvida por Jeffrey Young, é uma abordagem psicoterapêutica integrativa que combina elementos da terapia cognitivo-comportamental, teoria do apego, gestalt e psicanálise, desenvolvida para tratar pacientes com transtornos de personalidade e outros problemas psicológicos complexos.

Com o objetivo de tornar essa abordagem mais conhecida, queremos trazer aos olhos de outros profissionais da psicologia um pouco mais sobre como funciona a terapia do esquema na prática, utilizando alguns casos como exemplo para mostrar que na prática clínica, a terapia do esquema se concentra em identificar e modificar esquemas que se originam na infância e que influenciam negativamente os pensamentos, sentimentos e comportamentos dos indivíduos na vida adulta.

Sendo os esquemas padrões emocionais e cognitivos profundamente enraizados que se desenvolvem a partir de necessidades emocionais não atendidas durante a infância e a adolescência, podem levar a comportamentos autodestrutivos e relacionamentos disfuncionais se não forem tratados, muitas das vezes até mesmo de maneira inconsciente.

Na prática clínica a terapia do esquema é dividida em duas etapas: avaliação, onde o terapeuta trabalha com o paciente para identificar os esquemas e seus modos de funcionamento. E o tratamento, onde o terapeuta ajuda o paciente a entender as origens desses esquemas e como eles se manifestam na vida atual, e utilizando técnicas cognitivas, comportamentais e experienciais vão junto ao paciente desafiar e modificar esses esquemas, promovendo respostas mais adaptativas às situações experienciadas. Abordar de maneira prática como isso funciona no dia a dia com exemplos de casos pode trazer um melhor entendimento e despertar maiores interesses por essa abordagem.

Palavras-chave: psicologia; terapia do esquema; necessidades emocionais; prática clínica.



Divulgação profissional da (o) psicóloga (o) nas redes sociais

Flavia de Carvalho Reishoffer/ Zarlete da Silva Faria

As mídias sociais revolucionaram a forma como as informações são divulgadas. Dessa forma precisamos também nos atualizar não só quanto a utilização das ferramentas, mas também sobre como podemos fazer essas divulgações sem infringir o código de ética.

É cada vez mais comum encontrar perfis de psicólogas (os) nas redes sociais que, intencionalmente ou não, ferem o Código de Ética da profissão. Muitos profissionais, na tentativa de ampliar sua visibilidade e atrair mais clientes, podem cometer deslizes éticos como a autopromoção excessiva, a divulgação de informações sensacionalistas ou não baseadas em evidências científicas, e até mesmo a violação da privacidade e confidencialidade dos seus pacientes.

A banalização da profissão é especialmente preocupante. Quando psicólogos compartilham aspectos de suas vidas pessoais ou promovem seus serviços de maneira inadequada, não só comprometem sua própria credibilidade, mas também a percepção pública da psicologia como ciência. Colocar preços em divulgações, não mencionar o número do registro profissional (CRP) e vincular práticas não reconhecidas pelo conselho são atitudes que podem desinformar e confundir o público.

Portanto, é extremamente importante manter-se atualizado quanto as resoluções e notas técnicas publicadas pelo seu conselho, visamos alertar e orientar esses profissionais para que seus posicionamentos, posts e divulgações públicas estejam dentro das normas do código de ética, preservando a confidencialidade e a privacidade dos pacientes, evitando, por exemplo, compartilhar qualquer informação que possa identificá-los. Utilizando exemplos de redes sociais não identificadas, queremos levar esses profissionais a terem cuidado ao promover seus serviços, evitando autopromoção excessiva ou promessas de resultados garantidos, sendo transparentes sobre suas qualificações e limitações profissionais para manter a confiança e a credibilidade. Equilibrando a disseminação de conhecimento e a promoção de seus serviços com um compromisso firme com as normas éticas, garantindo que suas ações fortaleçam a integridade da profissão e protejam o bem-estar do público.

Palavras-chave: psicologia; ética; redes sociais; divulgação profissional.